PARTE III.

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS,

PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

ORBIS OCULUS
LUCERNA CHRISTI
Secundus Præcurſor.
S. Fr. Payo.
S. Fr. Lourenço Mendes.
TERCEIRA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS
PARTICULAR DO REINO, E CONQUISTAS
de Portugal.
POR FR. LUIS CACEGAS
Da meſma Ordem, e Provincia, e Chroniſta della.
Reformada em eſtilo, e ordem, e amplificada em ſucceſſos,
e particularidades
POR FR. LUIS DE SOUSA
Filho do Convento de Bemfica.
LISBOA
Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo. 1767.

A' RAINHA DO CEO,

E DA TERRA

A VIRGEM SANTISSIMA

SENHORA NOSSA

Com a Invocaçaõ de ſeu Sanctiſſimo Rozario.

A *DUAS* R*ainhas da terra ſe dedicaraõ as primeiras duas Partes deſta Cronica da Ordem dos Prégadores, particular dos Reinos de Portugal, de que foy Autor (ainda que repartio com outrem eſta honra) o Padre Frey Luis*

de Sousa, filho da mesma Religiaõ. A vossos pés Rainha, e Senhora do Universo, se offerece esta Terceira, e ultima Parte da mesma materia, e Autor, naõ só para que vosso nome seja a coroa de suas obras, mas para que vosso patrocinio lhe sirva de escudo para os tiros da inveja, que sempre ao mais perfeito se atreve: E suposto que a obra he dos filhos, e filhas de nosso Grande Patriarcha S. Domingos, aos quaes entregastes na terra o Jardim de vossa maior estimaçaõ, o Santissimo Rozario; e debaixo de vosso manto tendes recolhidos na gloria, aonde piamente cremos tendes tambem ao Autor desta obra; assim a obra como o Autor merecem, pedem, e tem por certo vosso patrocinio, e favor.

A O

AO LEYTOR.

EM tres Partes dividio o Padre Frey Luis de Sousa a Cronica que compoz da Ordem dos Prégadores, particular do Reyno de Portugal. A Primeira se deu á estampa em vida do mesmo Autor, no anno de mil e seiscentos e vinte tres, ficando as outras duas com sua morte sepultadas no esquecimento, até o anno mil seiscentos e sessenta e dous; em que o Padre Mestre Frey Antonio da Encarnaçaõ filho benemerito da mesma Religiaõ, e Deputado do Santo Officio, fez imprimir a Segunda com algumas Addiçoens, que lhe pareceraõ necessarias; e por desejar fazer o mesmo nesta Terceira Parte, e a morte impedir seus intentos, senaõ imprimio em sua vida. Agora a fez imprimir hum filho indigno da mesma Provincia, no mesmo estado em que seu Autor a deixou, assim, porque com o estilo do Autor nenhum outro pode ser ajustado, como, porque qualquer materia, que haja para as Addiçoens, o pode ser para quem seguir ao Autor desta obra na continuaçaõ da Cronica. E porque finalmente naõ venha a ser a dilaçaõ occasiaõ de se perder, ou esconder huma obra taõ excellente, como já succedeo a outra do Autor; que como taõ conhecido pelo aplauso das que tem sahido a luz, naõ necessita nesta de mais recommendaçaõ, que a de seu nome.

PRO-

PROTESTAÇAM.

EM nome do Autor deſta Obra proteſta o Procurador da Provincia da Ordem dos Prégadores dos Reynos de Portugal, que conformandoſe com os Decretos do Papa Urbano VIII. de treze de Março de mil ſeiscentos vinte e ſinco, e ſinco de Julho de mil ſeiscentos trinta, e hum, e de ſinco de Julho de mil ſeiſcentos trinta e quatro, naõ he ſua tençaõ, que os milagres, revelaçoens, titulos de ſantidade, e mercês de Deos, de que neſta Terceira parte faz mençaõ, tenhaõ mais credito, ou authoridade, que a dos Autores que os relataõ, porque ſó ſe referem como Hiſtoria humana, excepto aquelles, que pela Santa Sé Apoſtolica eſtiverem recebidos, & aprovados. S. Domingos de Lisboa 16. de Julho de 1677.

Frey Vicente Veloſo, Procurador geral.

LICEN-

LICENÇAS.

DO REV.^mo PADRE GERAL.

NOs Fr. Joannes Baptiſta de Marinis Sacræ Theologiæ profeſſor, Ordiniſque Fratrum Prædicatorum humilis Magiſter Generalis, & ſervus. Tenore præſentium noſtrique authoritate officii facimus licentiam P. Fr. Antonio de Incarnatione noſtræ Provinciæ Portugalliæ, ut poſſit publicis typis mandare Secundam, & Tertiam Partem Hiſtoriæ Provinciæ noſtræ Portugalliæ compoſita à R. P. Fr. Ludovico de Souſa ejuſdem Provinciæ, ſervatis ſervandis. Datum Romæ in Conventu noſtro Sanctæ Mariæ ſuper Minervam, die 25 Junii. An. Domini 1650.

Fr. Jo. Ba. de Marinis Magiſtr. Ord.

Rta. fol. 19.

Fr. Bernardinus Venetiis
Magr. & ſocius.

Approvaçaõ do M. R. P. Fr. Manoel Veloſo, Qualificador do Tribunal do Santo Officio de Lisboa.

ORdenou o M. R. P. M. Fr. Franciſco de Santo Thomaz, Vigario Geral deſta Provincia, que viſſe, e reviſſe eſta Terceira Parte da Hiſtoria de S. Domingos, particular do Reino, e Conquiſtas de Portugal, compoſta pelo P. Fr. Luiz de Souſa, que vindo á Religiaõ com o pezo de muitos annos, e leve dos cuidados do mundo, trocou as aſſiſtencias, e politicas Palacianas, em clauſura, e humildade Relogioſa, applicando a maõ aos movimentos da penna, depois de cançada em mover a eſpada, e brandir a lança com recontros de honra, em ambas as Indias, e na Ilha de Malta, aonde naõ chegou a ſer profeſſo, porque deſviou a fortuna ſeus primeiros intentos.

* Eſte

Este Tomo sendo o Terceiro na ordem da Cronica desta Provincia, he o Quinto nas suas obras: E achará quem o ler, que he a quinta essencia das Cronicas, porque sendo o ultimo tras comsigo o credito de mais perfeito: Com elle rematou o incansavel desvelo de seu trabalho, e coroou o louvavel emprego de seu estudo. Quando a penna podia estar já grossa do muito que escreveo, escreveo o P. Fr. Luiz com melhor penna: Escreve com mais elegancia, e subtileza a penna já cançada, porque acha as noticias mais certas, o discurso mais facil, a fraze mais corrente, as palavras mais proprias, as sentenças mais fundadas, a explicaçaõ mais clara, a Historia mais cheia de sentenças, mais farta de erudiçaõ, de suavidade para o gosto, de recreaçaõ para o juizo: Com esta Alma fallou quem disse: *Grossior calamus scribit subtilius.* Alguns ignorando o estylo Historico apparaõ muito a penna. E quem advertir em seus escritos, achará que a naõ apparaõ sutil para escrever, mas que a fizeraõ aguda para picar: escrevem com espinhos, naõ com penna, porque ignoraõ que a penna *scribit*, *non pungit.*

Mostrou o Padre Fr. Luiz a subtileza de sua penna escrevendo muitos Livros, sem offensa de quantos escreveraõ; porque todo seu cuidado foi escrever sem impugnar: Dizer verdades sem convencer mentiras: Humilde em resolver, efficaz em persuadir, comedido em refutar: Em nada moveo contendas; porque em nada o picou a inveja, commum estimulo dos que escrevem Cronicas. Sinco Tomos escreveo o Padre Fr. Luiz: A Cronica do Grande Principe, e piadoso Rey D. Joaõ o III. obedecendo ao preceito, com que lhe commetteraõ este assumpto: Naõ se deu á estampa, porque algum a titulo de o ler curioso, escondeo este thesouro. Tambem escreveo a Vida do Arcebispo Primaz, o Senhor D. Fr. Bartholameu dos Martyres, cujas virtudes mais que por seu nome proprio o fizeraõ conhecido por Arcebispo Santo. A Historia desta Provincia repartida em tres Tomos, da qual este he o Terceiro, que chega quasi a nossos tempos. Se tivera mais vida, mais vidas escrevera, que quem assim aproveitou o tempo em seu trabalho, naõ tinha por trabalho aproveitar o tempo.

Naõ

Naõ escreveo o Padre Fr. Luiz Theologia, porque naõ foi Theologo. Foi Cronista, escreveo Cronicas: E foi taõ insigne nesta materia, que ninguem, que teve liçaõ de Historia, deixou de admirar seu estylo, sua disposiçaõ, sua elegancia: a elegancia ornada com sentenças: a disposiçaõ repartida com clareza: o estylo taõ proprio para o assumpto, e taõ corrente para o historico, as palavras taõ genuinas para o discurso, que em todo o discurso dos Livros, que escreveo, foi sempre o estylo medio, emulo do altiloco: com que mostrou, que naõ sendo Mestre em Theologia, em nada foi idiota, antes farto de noticias em todas as materias, porque em todas correo igualmente a sua penna. Se como foi Historiador, fora Theologo, fora taõ insigne Theologo como Historiador. Porém como a Historia naõ tem parentesco com a Theologia, conduz pouco saber dous dedos de Theologia, para saber escrever Historia.

As que o Padre Fr. Luiz escreveo nesta Terceira Parte, movem o espirito para imitaçaõ das virtudes, recreaõ os sentidos para alivio do trabalho, elevaõ o juizo com suavidade, com brandura, com liçaõ douta, com doutrina sãa, pia, e devota, sem que em nada offenda a Fé Catholica, os bons costumes, o decoro de nossa Religiaõ Sagrada. Antes deve confessar a Ordem toda a divida, em que fica a seu trabalho, por lhe dar noticia de tantos, taõ grandes, e taõ insignes sogeitos. E esta Provincia deve sempre respeitar com agradecidas memorias o credito, que lhe grangeou em seus escritos, tirando do thesouro do esquecimento as antigas noticias, que todos ignoravaõ, fazendo-nos presentes sogeitos, que floreceraõ em letras aballizadas, e virtudes heroicas: Pelo que me parece, naõ só dar-se licença, mas fazer, que este Livro se imprima a toda a pressa, para que senaõ dilate locuçaõ taõ elegante aos discretos, e o exemplo de tanta vida santa aos devotos. Lisboa em S. Domingos, aos 18. de Julho de 677.

Fr. Manoel Veloso.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Luiz da Resurreiçaõ.

POr commissaõ do muito Reverendo Padre Mestre Fr. Francisco de Santo Thomaz, Vigario geral desta Provincia, e Consultor do Santo Officio: Li com attençaõ, & curiosidade este Livro, que he a Terceira Parte da Historia de S. Domingos particular do Reino, e Conquistas de Portugal, composta pelo M. R. P. Fr. Luiz de Sousa: e naõ sei certo de que mais me admire, se do trabalho incansavel que teve em ajuntar papeis, revolver cartorios, e ler os pergaminhos antigos da Torre do Tombo: Se da facilidade da obra, no acerto da empresa, na fertelidade da erudiçaõ, e na suavidade do estylo. Tudo he grande, tudo maior que todo o encarecimento. E assim me será permittido usar das palavras que em certa occasiaõ disse Apelles: *Ingens labor, admirandum opus; desunt tamen gratiæ, quæ illud auferant, atque in cœlo reponant.*

Pelo que me parece, que he digno de se imprimir, e sahir a luz, visto naõ ter cousa alguma contra nossa Santa Fé Catholica, nem contra os bons costumes: antes ter muitas cousas que serviraõ de assombro, e admiraçaõ aos Leitores, outras de recreaçaõ aos curiosos, e muitas de grande exemplo aos espirituaes, como na Historia verá o devoto, e curioso Leitor. Em S. Domingos de Lisboa, aos 23. de Julho de 677.

Fr. Luiz da Resurreiçaõ.

FR. Francisco de Santo Thomaz, Mestre em santa Theologia, e Vigario geral da Ordem dos Prégadores nestes Reinos de Portugal. Supposta a approvaçaõ dos Padres Mestres desta nossa Provincia, a quem commetti, vissem, e examinassem o Livro, que se intitula: *Terceira Parte da Historia de S. Domingos, particular do Reino de Portugal*, composta pelo P. Fr. Luiz de Sousa, dou licença para se poder imprimir, servatis servandis. S. Domingos de Lisboa, e de Agosto 12 de 1677.

Fr. Francisco de Santo Thomaz Vigario geral.

Do

DO SANTO OFFICIO.

O Padre Meſtre Fr. Chriſtovaõ de Foyos Qualificador do Santo Officio veja eſte Livro, e informe com ſeu parecer. Lisboa, 16 de Julho de 677.

Manoel de Magalhaens de Menezes. Manoel de Moura Manoel.
Fr. Valerio de S. Raymundo.

VI eſta Terceira Parte da Hiſtoria Dominicana, particular do Reyno, e Conquiſtas de Portugal, compoſta pelo P. Fr. Luiz de Souſa. Naõ tem couſa contra noſſa Santa Fé, ou bons coſtumes, antes ſerá ſua liçaõ muito proveitoſa, naõ ſó para conſtar a todos o muito que eſta Religiaõ graviſſima he benemerita da Igreja em toda a parte; mas tambem para ſe excitarem ao exercicio das virtudes, acçoens de que aqui ſe eſcrevem gloriosiſſimos exemplos com eſtylo puro, e Religioſo. He o que me parece. Lisboa, no Cenvento de Penha de França, 22 de Agoſto de 1677.

Fr. Chriſtovaõ de Foyos.

O Padre Meſtre Fr. Antonio dos Archanjos Qualificador do Santo Officio, veja eſte livro, e informe com ſeu parecer. Lisboa, 17 de Agoſto de 677.

Manoel Pimentel de Souſa. Manoel de Moura Manoel.
Fr. Valerio de S. Raymundo.

EM tudo me conformo com a Cenſura do R. P. M. Fr. Chriſtovaõ de Foyos, no nome de ſeu Author, e fica eſte livro com tanto no eſtylo, na modeſtia, na erudiçaõ, no Eſpirito, e na clareſa com que o eſcreveo, que he digno de muitos Elogios. Iſto he o que me parece. S. Franciſco de Xabregas, Setembro 11 de 1677.

Fr. Antonio dos Archanjos.

VIstas as informaçoens, póde-ſe imprimir eſta Terceira Parte da Hiſtoria de S. Domingos, Author o P. Fr. Luiz de Souſa, e impreſſa tornará para ſe conferir com o original, e ſe dar licença para correr, e ſem ella naõ correrá. Lisboa, 14 de Setembro de 677.

Manoel Pimentel de Souſa. Manoel de Moura Manoel.
Fr. Valerio de S. Raymundo.

DO ORDINARIO.

PO'de-ſe imprimir. Lisboa, 15 de Setembro de 677.

E. Biſpo de Pernanbuco.

DO PAÇO.

MAnda o Principe noſſo Senhor, que o Padre Antonio Vieira, ſeu Prégador, veja eſte livro, e informe com ſeu parecer. Lisboa, 17 de Setembro de 1677.

Marquez P. Baſto. Mouſinho.

Approvaçaõ do M. R. P. Antonio Vieira da Companhia de Jeſus, Prégador de Sua Alteza.

INtitula-ſe eſte livro *Terceira Parte da Hiſtoria de S. Domingos, particular do Reyno, e Conquiſtas de Portugal*, reformada em eſtylo, e ordem, e amplificada em ſucceſſos particulares por Fr. Luiz de Souſa, filho do Convento de Bemfica: E poſto que, ſem mais exame, baſtavaõ para a qualificaçaõ de toda a obra os dous nomes, que ſe lem na fachada: hum taõ eſclarecido no mundo, e taõ benemerito da univerſal Igreja, como he o do Patriarca S. Domingos, e he, e ſerá ſempre o de ſua Sagrada Religiaõ: outro taõ conhecido em Heſpanha, e taõ benemerito da Naçaõ, e lingua Portugueza, como he o do

do P. Fr. Luiz de Sousa. Obedecendo com tudo á ordem de V. Alteza, li com particular attençaõ esta Terceira Parte, e me parece taõ digna de sahir logo á luz, como o julgáraõ, com maior sufficiencia os censores da Primeira, e da Segunda. E se me fora licito estranhar alguma cousa, he só o tempo, em que ella atégora, depois dos dias de seu Author esteve sepultada com elle. Toda a Historia he Mestra da vida: Esta he Mestra da vida, e da Historia. Da vida, porque todos os Estados do Reyno tem muito que aprender nos exemplos gloriosos, que aqui se referem naõ estrangeiros, mas proprios, e naturaes, e daquelles mesmos a quem succedemos, e por isso de mais facil imitaçaõ, e sem desculpa. Para as Religiosas he esta Historia espelho, para os Religiosos estimulo, e para todos os que professamos Observancia Regular, ou reprehensaõ, ou louvor. Nem se encerra só o fruto della dentro dos Claustros, e muros das Religiões, porque tambem o podem colher mui copioso os que vivem fóra delles. Aqui veraõ os Ministros de V. Alteza os grandes progressos, que as Bandeiras de Christo igualmente com as armas de Portugal faziaõ em todo o seculo passado nas Conquistas do Oriente: cuja memoria senaõ póde ler sem dor. E he a maior de todas a conhecida insensibilidade, com que, ou se despresaõ tamanhas perdas, ou se lhes difficultaõ os remedios. Crescia aquella Monarquia em quanto crescia a Fé: E crescia a Fé em quanto os Ministros della eraõ assistidos dos que o saõ dos Reys: E em quanto os mesmos Reys tinhaõ por taõ suas as conquistas da Igreja, como a dilataçaõ do proprio Imperio. Por onde disse com muita razaõ o Author desta mesma Historia, na Dedicatoria da Primeira Parte, ser taõ propria toda dos Reys Portuguezes, que, se lhe tirassem o titulo de S. Domingos, ficaria mais delles que delle. Assim entenderaõ os Religiosissimos Principes, que tudo o que se dá a Deos se recebe com usura: Sendo pelo contrario, Politica naõ só errada, mas impia, cuidar que se podem augmentar os Estados com o que se tira a quem os dá. Isto he o que ensina, e persuade a presente Historia em quanto Mestra da vida. He tambem, como dizia, Mestra da mesma Historia, porque nella se vem juntamente prati-

ticadas todas as ſuas leys : Na verdade da narraçaõ, na ordem dos ſucceſſos , na pontualidade dos tempos, dos lugares, das peſſoas, e na noticia, e ponderaçaõ dos motivos, e cauſas de tudo o que ſe obrou, ou omitio : louvando ſem ambiçaõ, nem liſonja o que he digno de louvor (que he quaſi tudo) e caſtigando, ſem ſangue, alguns defeitos : dos quaes ſe compoem, naõ menos, a perfeiçaõ da Hiſtoria. O eſtylo he claro com brevidade, diſcreto ſem affectaçaõ, copioſo ſem redundancia, e taõ corrente, facil, e notavel, que enriquecendo a memoria, e affeiçoando a vontade, naõ cança o entendimento. Faltaõ geralmente nas Hiſtorias das Religioſas aquelles caſos, e nomes eſtrondoſos, que por ſi meſmos levantaõ a penna, e daõ grandeza, e pompa á narraçaõ: por onde notou o Meſtre da Facundia Romana, ſer mais facil dizer as couſas ſublimes com mageſtade, que as humildes com decencia. E neſta parte he admiravel o juizo, diſcriçaõ, e eloquencia do Author, porque fallando em materias domeſticas, e familiares (como ſaõ particularmente as que ſe obraõ, e executaõ á ſombra da clauſura monaſtica) todas refere com termos taõ iguaes, e decentes, que nem nas mais avultadas ſe remonta, nem nas miudas ſe abate : dizendo o commum com ſingularidade, o ſemelhante ſem repetiçaõ, o ſabido, e vulgar com novidade, e moſtrando as couſas (como faz a luz) cada huma como he, e todas com luſtre. A lingoagem, tanto nas palavras, como na fraſe, he puramente da lingoa, em que profeſſou eſcrever, ſem miſtura, ou corrupçaõ de vocabulos eſtrangeiros: os quaes ſó mendigaõ de outras lingoas os que ſaõ pobres de cabedaes da noſſa, taõ rica, e bem dotada, como filha primogenita da Latina. Sendo tanto mais de louvar eſta pureza no Padre Fr. Luiz, quanto a ſua liçaõ em diverſos idiomas, e as ſuas largas peregrinaçoens em ambos os mundos o naõ poderaõ apartar das fontes naturaes da lingoa materna : como acontece aos Rios, que vem de longe, que ſempre tomaõ a côr, e ſabor das terras por onde paſſaõ. A propriedade, com que falla em todas as materias, he como de quem a aprendeo na eſcolla dos olhos. Nas do mar, e navegaçaõ falla como quem o paſſou muitas vezes : nas da guerra, como

mo quem exercitou as armas: nas das Cortes, e Paço, como Cortezaõ, e desenganado: E nas da perfeiçaõ, e virtudes Religiosas, como Religioso perfeito. Por isso a sua Religiaõ Sapientissima neste Reyno, como em toda a parte, entre tantos sogeitos eminentes nas outras letras, escolheo, com alto conselho, hum tal Cronista, entendendo, que a arte de fallar com propriedade em tudo o que abraça huma Historia, naõ se estuda nas Academias das Sciencias, senaõ na Universidade do mundo. O grande conhecimento, que o Padre Fr. Luiz de Sousa teve no mesmo mundo, se mostra bem em o haver finalmente deixado. E este he o documento geral, que se lê em toda a sua Historia: taõ digno de ser imitado dos que nasceraõ, e se criaraõ com semelhantes obrigaçoens, quanto he certo, que assim nos primeiros estudos, como nas ultimas resoluçoens, terá poucos imitadores. Servirá porém este exemplar para confusaõ dos que o lerem. E como elle escreveo na Primeira, Segunda, e Terceira Parte desta Historia as acçoens de taõ heroicos sogeitos, assim será hum dos mais excellentes, que andaraõ escritos na quarta. Este he o meu parecer. Neste Collegio de Santo Antaõ da Companhia de Jesus, 28 de Setembro de 1677.

Antonio Vieira.

VIsta a informaçaõ, póde-se imprimir esta Terceira parte da Historia da Ordem de S. Domingos, Author o Padre Fr. Luiz de Sousa, visto ter licença do Santo Officio, e Ordinario, e impressa tornará á Mesa, para se conferir com o original, e se dar licença para correr, e sem ella naõ correrá. Lisboa, 5 de Outubro de 677.

Marquez P. Carneiro. Roxas. Mousinho.

LICENÇA.
Da Real Meza Censoria.

PODem correr todos os quatro Tomos desta Historia. Meza, 21 de Julho de 1768.

Arcebispo Regedor P.

Gama.

Coelho. Vasconcellos. Pereira.

DA HISTORIA

DE S. DOMINGOS,

LIVRO

TERCEIRA PARTE DA HISTORIA DE S. DOMINGOS, PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO PRIMEIRO.

CAPITULO I.

Entra em Portugal por Visitador, e Reformador da Ordem o P. M. Fr. Joaõ Furtado. Celebra Capitulo de eleyçaõ. Juntaõse em hum corpo os Conventos da Provincia, e Observancia, e elegem Provincial.

NTRAMOS na terceira, e ultima parte deste nosso trabalho: e ainda que naõ he piqueno o que temos por passar, confesso que sinto em my o mesmo, que acontece a quem subio hum monte alto, ingreme, e agro, que chegando a vencer a subida desalentado, e sem forças, e em estado de naõ poder dar mais passo, se vê que o que resta do caminho, naõ he mais, que decer, tanto o esforça a imaginaçaõ, que em lugar de descançar para tornar em sy, sem tomar hora de repouso, se arremessa á decida cheyo de novo vigor. Assi me acho com a maõ folgada, e espirito desabafado pera o que fica por escrever, vendo, que temos vencido o monte alto da Segunda Parte, que naõ sem grande trabalho deixamos, seja o Senhor louvado, concluida: e tomando por genero de decida, e principio de alivio considerar, que che-

chegamos á parte, que ha de ser fim, e remate deste cuidado, que a provincia de nossos hombros fiou, ainda que nos naõ ameacem nella menos fadigas, que na primeira, e segunda: costuma a natureza esforçar seus effeitos, quando as cousas mais estaõ no cabo: corre com mais impeto o pezo na mayor vizinhança do centro, e em distancia proporcionada mais violento he o arremesso da lança, quando chega a executar o golpe, que ao sahir da maõ: Tiremos logo forças de fraqueza, e pedindoas ao Senhor, de quem procede todo o bem, e em cujo serviço nos manda continuar a santa obediencia, tornemos animosamente á carreira.

Levounos a Primeira Parte todo o tempo, que os Conventos de Portugal, e Castella estiveraõ juntos, e unidos debaixo do governo de hum sò Provincial, que foy desde o anno de 1217. até o de 1388. No qual em razaõ das guerras começaraõ effectivamente a apartar fato, e companhia, e a este apartamento seguio pouco depois a formal divisaõ de Provincias. Demos á Segunda Parte os Conventos de Portugal começados a separar de Castella, e feitos já Provincia por sy: E assinamoslhe seu principio no anno de 1392. em que o teve tambem o Mosteyro do Salvador. Lançamos na mesma as distinçoens, que entaõ começaraõ de Conventos de Claustra, e Conventos de observancia. Juntamoslhe as casas, que cada Congregaçaõ destas foy levantando de novo, com relaçaõ dos successos geraes, que a huma, e outra achamos pertencentes, e especificados todos os Provinciaes da Claustra, e Vigarios da Observancia, assi em nomes, como em tempo, que serviaõ: com que parece fica dada a toda a historia a clareza possivel: E porque este modo de governo assi dividido em nomes, e effeitos durou até o anno de 1513. no qual Deos foy servido que cessasse, unindose todos os Conventos do Reyno debaixo da administraçaõ de hum só Prelado; pela mesma razaõ demos nelle fim á Segunda Parte: e a tomamos por principio, e fonte desta Terceira, e de tudo o que nos resta por escrever, que estenderemos até nossos dias, e o anno de 1653. em que as voltas do tempo tornaraõ a resuscitar o nome antigo de Observancia temperado com titulo de Recolleta, fazendose novidade em alguns Conventos, do que por velhice estava esquecido. E terá esta Parte Terceira justos cem annos, que juntos com cento e vinte seis, que nos levou a Segunda, e com mais cento e setenta, que demos á Primeira, fazem soma de trezentos e noventa e seis annos. E tantos terá de residencia a nossa Ordem em Portugal, quando chegarmos com a historia ao de 1613. visto como sua primeira entrada nelle foy no anno de 1217.

Devemos os Portuguezes a elRey dom Manoel hum perpetuo cuidado de honrar, e acrescentar todas as Casas da Religiaõ no temporal, e grande vigilancia em lhes procurar reformaçaõ no espiritual. A nossa em particular lhe está obrigada por se acabar em seu tempo, e por seu meyo a contradi-

1217.
1388.
1392.
1513.

çaõ, e contenda continua, em que vivia esta Provincia com os nomes de Frades Conventuaes, e Frades Reformados, nomes hum, e outro sempre mal sofridos. O primeiro pela lembrança, e odio da claustra antiga: O segundo pela ambiçaõ da ventagem, que representava. Mas em seu tempo se levava peor; porque já entaõ entre huns, e outros estavaõ as cousas da Religiaõ reduzidas a taõ bons termos, que a differença naõ era mais que de nome, e parecia genero de afronta differença em palavra, quando nenhuma avia em obras. Florecia por estes annos na Provincia de Espanha (que com tal nome se quiz ficar por excellencia a de Castella, tambem depois de separada da nossa, como a tras tocámos) hum Religioso de raro espirito, filho do Convento de Piedrahita, Convento, que sempre teve graça do Ceo, para criar semelhantes sogeitos. Era seu nome Frey Joaõ Furtado, nobre por geraçaõ: Mas tanto mais nobre por partes de alma, que diz delle o Padre Fr. Fernando de Castilho, que em vida, doutrina, discriçaõ, prudencia, e conselho era hum Oraculo de seu tempo: e disse pouco para o animo com que sabemos engeitou depois dous Arcebispados, sendo hum delles o de Toledo; e para o brio, com que sendo encontrado de todos os principaes sugeitos de sua Provincia, meteo nella a pezar de todos nova reformaçaõ, e fundou com grande louvor o Convento de S. Gines de Talaveira em todo o rigor da primitiva regra de N. P. S. Domingos sem nenhum genero de dispensaçaõ. Tendo elRey Dom Manoel noticia deste Padre, desejou, que por tal medico fosse esta Provincia visitada, e segundo o que achasse nos dous Conventos de Lisboa, e Batalha, que eraõ os principaes della, assi a visitasse, e reformasse: E para o effeito lhe alcançou do Padre Geral da Ordem o Mestre Fr. Thomás Caetano, os poderes necessarios, e lhos mandou a Castella confirmados pelo Summo Pontifice. Era isto a tempo, que entrava o anno de 1513. no qual estava lançado o Capitulo de eleiçaõ de Provincial de S. Domingos de Lisboa. Aceitou Fr. Joaõ a obediencia muito contra seu gosto; porque sendo grande amigo de reformaçaõ, quizera começar antes por sua Provincia, que pelas alheyas. Contase delle, que entrou pelo Reyno a pé, a uzo dos nossos primeiros Fundadores, e sem mais remedio de sustentaçaõ, que o que alcançava, pedindo de porta em porta. O primeiro Convento, em que apresentou suas patentes, foy o de Evora. Aqui se enformou do estado da Provincia, e com seu grande juizo alcançou na primeira visita como bom medico, tudo o que avia de curar, e os meyos, que para a fazer avia de seguir. Era Prior em Evora Frey Ayres d'Azevedo. Tal sitio achou nelle Fr. Joaõ, e taõ conforme tudo o que tinha ouvido, com o que julgou de sua pratica, depois que o tratou, que ouve por escusado hir pessoalmente á Batalha se o mandasse a elle; e assi o poz logo por obra, assolvendoo da Prelacia d'Evora, e constituindoo authoritate Apostolica Prior da Batalha. E tal

Na Cron. da Ordẽ l.2.c.26.

1513.

foy o primeiro acto de visitaçaõ, que fez entre nós.

Nesta Cidade prégou o Visitador, e lhe aconteceu o que refere o Padre Frey Fernando de Castilho (caso digno de andar escrito com letras eternas em todo o coraçaõ catholico, e de naõ ficar fóra destas memorias) perdiaõse as novidades por seca, era tempo de Inverno, e naõ avia no Ceo final de orvalho. Veyo o povo junto ao nosso Convento com huma devota Procissaõ, pedindo a Deos agoa. Rogaraõlhe os Padres, que prégasse. Subindo ao pulpito, foy buscando com hum devoto, e douto discurso, que causa poderia aver para Deos fazer o Ceo de bronze com secura, e naõ regar os campos com as chuvas costumadas, e concluhio, que a causa era outra grande seca, que avia da parte da terra, e falta de outras agoas, que della esperava, e queria o Ceo: Pois sendo os peccados dos homens tantos, e taõ continuos, e sendo obrigaçaõ nossa lavallos com chuva de lagrimas, em todo o anno lhe naõ davamos huma só gota, e queriamos, que Deos nos desse a sua agoa, negandolhe nós a nossa. Em fim levantando a voz com huma estranha energia, confiança, e authoridade de Santo, disse assi: *Si quereis hermanos, que Dios dè agua, dadsela vos otros primèro: y haziendo esto, yo os certifico, que Dios regarà vuestras tierras.* Foy tamanho o aballo, que no auditorio fizeraõ estas bem achadas razoens, que naõ ouve em toda a Igreja peito, que se naõ tornasse de cera, nem olhos, que senaõ derretessem em lagrimas de dor, e compunçaõ: De sorte, que se ouve o Senhor por obrigado a desempenhar a palavra do seu servo, com naõ menos pontualidade, que chovendolhes logo ao sahir da Igreja taõ copiosamente, que tornaraõ para casa bem molhados.

Part. 2. lib. 2. cap. 28.

Mas tornando á historia, passouse o Santo Visitador a Lisboa, e em virtude dos poderes, que trazia, fez chamamento geral da Provincia para Capitulo: e por naõ alterar nenhuma cousa esperou que fosse tempo de acabar seu quadriennio o Provincial, que governava, que era Frey Mendo d'Abreu, que se cumpria por fim de Abril do anno seguinte de 1513. Neste meyo tempo achamos por memorias, e lembranças da Provincia, que caminhou o Visitador por ella, e chegou até Guimaraẽs. Tornando a Lisboa ao tempo finalado, acharaõse com elle o Provincial Fr. Mendo, e o Vigario da Observancia Fr. Lopo Soares cada hum per sy, pessoas de grande valor, e Religiaõ, juntaraõse com ambos os Priores seus subditos, e os mais vogaes segundo costume, e entraraõ em Capitulo o primeiro dia de Mayo. Tanto que o Visitador os teve juntos, antes de comecarem a proceder á eleiçaõ, proposlhes com muitas, e mui efficazes razoens, que postos de parte respeitos particulares, e interesses proprios, quizessem todos, como verdadeiros filhos de S. Domingos, unirse em huma só vontade de procurar o bem, e honra da Provincia, sem pôr olhos em outra cousa: Foilhes logo mostrando, que o que podiaõ de presente fazer de grande gloria de todos,

1513.

era tirar do mundo nomes de Claustra, e Observancia, apagar da memoria distinçoens da vida commua, e vida reformada, que se em algum tempo foraõ toleraveis, sendo sempre semente de desgostos, e dissençoens, no presente já se naõ podiaõ por nenhuma maneira sofrer. Porque affirmava, como quem tinha alcançado bastantemente tudo o que passava na Provincia, que os que Frades chamavaõ Conventuaes, ou de vida commua, naõ deviaõ nada na guarda essencial da regra aos mais Reformados da Congregaçaõ Observante. E nisto estava taõ certo de presente, que se assi o estivera antes de sahir de Castella, nenhum poder bastara para o arrancar da cella: Porque na verdade naõ achava em Portugal necessidade de Reformaçaõ, nem ainda de vista: e tudo ficaria no melhor estado, que pelos mais zelozos se podia dezejar na hora, que se quizessem conformar, em darem todos sugeiçaõ, e obediencia a huma só cabeça. Por tanto lhes pedia da parte de Deos, e de N. P. S. Domingos, que desde logo tratassem de eleger hum Prelado, que os governasse a todos, e com que de todo se extinguisse a differença de nomes, onde nenhuma avia já de costumes, que visto que a elles muito cumpria, fariaõ serviço a hum Rey piissimo, que lhes procurava todo o bem espiritual, e temporal: para si mesmos ganhavaõ honra, mostrando animos desinteressados, brandos, e obedientes; e a elle Frey Joaõ pagariaõ inteiramente o trabalho do caminho (todos sabiaõ, que o tomara a pé) e a desconsolaçaõ com que o aceitara. Lembrandolhes finalmente para exemplo, que muito mais que isto fizera poucos annos antes toda a Provincia de Espanha por hum Visitador Portuguez, que fora o P. Fr. Joaõ Dias, cortando, desfazendo por amor delle parcialidades muy arreigadas, e discordias de animos, que já naõ avia. Era grande a eloquencia do Visitador: mas aqui parece que obrou mais seu respeito, e virtude, porque sem nenhum genero de encontro, nem alteraçaõ se vieraõ todos a conformar em seu parecer, e sahio eleito em Provincial de todos os Conventos do Reyno de Provincia, e Observancia o P. Fr. Joaõ de Braga aos tres dias do mez de Mayo deste anno em que vamos de 1513.

1513.

CAPITULO II.

Despedese o Visitador da Provincia. Dase conta breve dos Provinciaes, que succederaõ deste anno em diante até o de mil e seiscentos e treze, em que fenece a Historia.

FOy esta eleiçaõ geralmente bem recebida, tanto pela pessoa do eleito, que era muito conhecido, e acreditado pelo governo, que já tivera da Congregaçaõ, como por ficar acabada a divisaõ, que largos cem annos durava entre os Frades; e o mesmo tempo, que antigamente lhe dera reputaçaõ, a fazia agora até aos seculares aborrecida. ElRey ficou taõ satisfeito da prudencia, e bom termo do Visitador, que onde dantes naõ tratava de Reformaçaõ mais que de dous Conventos,

ventos, fezlhe instancia, que quizesse visitar todos os que avia no Reyno. Mas o bom Padre, como naõ tinha nada de ambicioso, para folgar de mandar, e ser obedecido, naõ só refusou o cargo, mas antes pedio licença para se tornar para sua Provincia, e taõ efficasmente, que naõ pode elRey deixar de lha dar: Dizialhe elle, e publicamente o affirmava, que avia na Provincia homens, e muito homens de tanto valor, e partes, que lhe puderaõ bem forrar o trabalho de sahir da sua: que a estes podia S. Alteza cometer visitas, e delles fiar todo outro grande cargo: E sem fazer mais detença se poz a caminho, tornando pela mesma Cidade d'Evora, por onde viera, e imitando nesta pressa quasi como a sinte o nosso Portuguez Frey Joaõ Dias na visita, que fez em Castella, como atras contamos. O Cardeal Xavierre achandose nesta Provincia em tempo, que governava a Ordem como nosso Geral, que era, mostrou a quem isto escrevia hum tratado da vida deste Padre em lingoa Latina. No qual se continha, que no tempo desta sua vinda a Portugal persuadira a elRey Dom Manoel, que admitisse no Reyno o Santo Officio da Inquisiçaõ. E tendoo taõ inclinado, que mandava escrever cartas ao Summo Pontifice para o effeito, fora desviado por duas pessoas de grande qualidade, e poder, o qual sendo sabido por Fr. Joaõ, lhe profetizara a ambos o castigo certo, que lhes naõ tardou de morte arrebatada, e sem Sacramentos.

Deixou o Padre Frey Joaõ nomeado por Vigario Geral de Provincia o Padre Frey Lopo Soares, que o fora até entaõ da Observancia, para em quanto tardasse a confirmaçaõ do Geral; mas duroulhe pouco o cargo; porque veyo logo a confirmaçaõ, e a patente della acompanhada de huma carta sua para toda a Provincia de grandes graças, e parabens: parabens pela uniaõ, graças pela paz, e boa eleiçaõ de Prelado. Era Frey Joaõ de Braga filho do Convento d'Aveiro, e fora Prelado da Congregaçaõ: entrando no novo governo, procedeo com igualdade, e benignidade de pay, consolando os subditos todos, sem fazer differença com nenhum, nem perder hum ponto do que devia ao officio de bom Prelado. Do que naceo, que passados alguns annos depois de acabar seu quadrienio, foy de novo buscado para o mesmo cargo. Neste primeiro aceitou a Provincia alguns Conventos, de que logo iremos dizendo, como fizermos huma lista, ou relaçaõ dos Provinciaes, que lhe succederaõ até o anno que propuzemos de 1613. E isto será em conformidade da que demos na Segunda Parte, que me persuado faz muito ao caso para luz das materias, acharemse os nomes daquelles, que tem primeiro lugar na Historia, e de quem toda depende, juntos, e contados successivamente com seus annos.

1613.

Governou o P. Fr. Joaõ de Braga os quatro annos de seu cargo, até a entrada do de 1517.

1517.

Succedeolhe o M. Fr. Jorge Vogado filho do Convento d'Azeitaõ, Prégador, e Confessor d'elRey D. Manoel até o anno de 1521.

1521.

Tor-

Tornou a ser Provincial o P. Fr. Joaõ de Braga, e governou até o anno de 1525.

1525.

Seguiose o M. F. Manoel Estaço filho do Convento d'Evora, e natural da mesma Cidade, e gente nobre, governou dous annos sómente; porque no Capitulo intermedio, que se celebrou em Lisboa no anno de 1527. foy absoluto do cargo, e penitenciado pelos Deffinidores.

1527.

Entrou segunda vez o P. M. Fr. Jorge Vogado, que governou até principio do anno de 1534. porque como era muito aceito ao Rey, e á Ordem, impetraraõlhe prorogaçaõ do governo, sendo actualmente Prior de Lisboa, e tendo recebido ao habito, e profissam dous grandes sugeitos; Frey Bertholameu dos Martyres, e Fr. Jorge de Lemos, dos quaes o primeiro foy Arcebispo de Braga, e o outro Bispo do Funchal na Ilha da Madeira.

1534.

Succedeo o M. Frey Amador Henriques filho do Convento da Batalha, por ordem, e a petiçaõ delRey D. Joaõ no Capitulo, que se celebrou em Evora na entrada deste anno de 1534. e acabou seus quatro annos por Setembro de 1538. e foy penitenciado, e condenado á pena de graviori culpa, com assinaçaõ no Convento de N. Senhora da Serra por carcere.

1538.

Neste Capitulo foy eleito o P. Fr. Mendo de Estremos filho d'Azeitaõ, onde fora já Prior, depois de o ser de Bemfica, pessoa de grande Religiaõ, e virtude. E porque sua eleiçaõ foy feita com alguma contradiçaõ, por estar já no Reyno o M. Fr. Jeronymo de Padilha, com Patente de Vigario do Reverendissimo Geral; sem embargo que foy sua eleiçaõ confirmada; alcançou elRey do Capitulo Geral, que fosse absoluto do cargo; e ficou governando o Vigario Padilha até Outubro de 1540.

1540.

Por Outubro de 1540. se juntou Capitulo de eleiçaõ em Lisboa, e foy eleito em Provincial o M. Fr. Jeronymo de Padilha, porque elRey o pedio. Avia hum anno, e meyo que era Prior em Lisboa. Durou no cargo até Agosto de 1544. e faleceo de doença no Mosteyro d'Aveiro.

1544.

Em Julho de 1545. veyo ajuntar Capitulo em Evora o Presentado Fr. Christoval de Valbuena, que já tinha nomeaçaõ do Reverendissimo, e de seu Vigario na Provincia, sendo actualmente Prior de Lisboa, e no Capitulo foy eleito Provincial. Durou no cargo até Setembro do anno seguinte de 1546. e faleceo em Aveiro como seu antecessor.

1545.

1546.

Por Janeiro de 1547. nas oitavas da Epifania foy eleito em Provincial o M. Fr. Francisco de Bovadilha, sendo Prior de Lisboa, como seos dous antecessores, cumprio seos quatro annos até fim de 1550.

Dilatouse o Capitulo da eleiçaõ até Julho de 1551. Fezse em Lisboa, sahio eleito o M. Fr. Jeronymo de Azambuja, que estava por Prior da Batalha. E porque elRey queria, que permanecesse o governo nos Padres Castelhanos, que residiaõ em Portugal, alcançou Breve da Penitenciaria de Roma, que fosse absoluto Azambuja, sem embargo de estar confirmado pelo

1551.

lo Geral; e ficaſſe Provincial o M. Fr. Joaõ de Salinas: faleceo cumpridos ſeos quatro annos no de 1555.

Foy eleito em Provincial o P. M. Fr. Luiz de Granada filho do Convento d'Evora por perfilhaçaõ. Fezſe ſua eleiçaõ no Convento da Batalha, ſervio até Junho de 1560.

Succedeolhe o M. Fr. Jeronymo d'Azambuja filho do Convento da Batalha, governou dous annos, e meyo: porque faleceo.

Entrando o anno de 1564. ſe juntou a Provincia, para eleger Provincial, e ſahio eleito o P. Fr. Eſtevaõ Leitaõ, filho de Lisboa, peſſoa de muita qualidade, muito nobre em ſangue, e virtudes; e era Prior do meſmo Convento; ſervio até o anno de 1568.

1568.

No meſmo anno foi eleito por ſeu ſucceſſor o P. M. Fr. Franciſco Foreiro, Prégador d'elRey, filho, e Prior, que era de Lisboa, ſervio até Setembro de 1571.

Por Setembro do meſmo anno ſe juntou Capitulo em Santarem, e ſahio eleito do primeiro banco o P. M. Fr. Manoel da Veiga. Foy caſſada ſua eleiçaõ pelo Cardeal Dom Henrique, dizendo, que o tinha occupado na Inquiſiçaõ de Lisboa. Foy eleito ſegunda vez o Padre Frey Franciſco de Bovadilha, ſervio até Mayo de 1574. porque pedio, e alcançou abſolviçaõ.

No meſmo Mayo foy eleito ſegunda vez o Padre Frey Eſtevaõ Leitaõ: uſaraõ os Padres de poſtulaçaõ; porque o Cardeal Dom Henrique lhes mandou apontados: foy confirmado, ſervio inteiramente ſeu tempo.

Por Mayo de 1578. ſe fez Capitulo em Bemfica, e ſe elegeo em Provincial o Padre Frey Joaõ da Sylva, que foy Prior na meſma caſa, e em Lisboa, e Santarem: faleceo em Tangere no meſmo anno de doença acompanhando elRey D. Sebaſtiaõ.

Juntouſe Capitulo em Lisboa por ſua morte; ſahio eleito o Preſentado Fr. Thomás de Souſa Prégador d'elRey, que foy caſſado por elRey D. Henrique, que inda exercitava o Officio de Legado á Latere; e foy eleito em ſeu lugar o M. Fr. Antonio de Souſa, que pouco depois foy Vigario Geral de toda a Ordem, e ultimamente Biſpo de Viſeu. Governou pouco tempo o cargo de Provincial; porque na entrada do anno de 1580. partio para Roma a ſe achar na eleiçaõ de Geral, por ſer morto em Sevilha em Novembro de 1579. o Reverendiſſimo Geral Fr. Serafino Caballi.

Por Agoſto de 1580. tendo a Cidade de Lisboa tomado a voz d'elRey D. Philippe primeiro de Portugal, mandou o Nuncio do Summo Pontifice, que o acompanhava, nomear authoritate Apoſtolica por Vigario Geral da Provincia o P. Fr. Antonio de Lacerda Prior d'Elvas, que juntando Capitulo foy eleito em Provincial, e governou a Provincia até Mayo de 1585.

Succedeolhe por eleiçaõ Canonica, e aplauſo geral o P. M. Fr. Jeronymo Correa, grande peſſoa, e grande ſugeito: governando até Janeiro do anno ſeguinte, foy caſſado pelo Re-

veren-

verendiſſimo. E tornou a entrar o P. Fr. Antonio de Lacerda, que governou com titulo de Vigario Geral até o mez de Julho de 1588.

Neſte mez de Julho veyo o M. Fr. Diogo Ramires Prior de Salamanca nomeado por Provincial pelo P. Geral, durou em ſeu cargo até Abril de 1591.

Por morte do M. Fr. Diogo Ramires, que faleceo em Roma, ſe juntou a Provincia no Convento de S. Domingos de Bemfica, e elegeo o P. M. Fr. Gaſpar Leitaõ Prégador d'elRey: cumprio quatro annos até Abril de 1595.

Succedeolhe no Capitulo deſte anno, que ſe fez em Santarem, o P. Fr. Joaõ da Cruz, grande ſugeito, e peſſoa de grandes merecimentos, até 599.

Apoz elle foy eleito o P. M. Fr. Alvaro Leitaõ no Convento da Batalha, que governou ſeus quatro annos até 1603.

Foy ſeu ſucceſſor, por eleiçaõ, que ſe fez em Lisboa, o P. M. Fr. Manoel Coelho Prégador d'elRey, e depois Inquiſidor da Meſa grande: cumprio quatro annos até o de 1607.

Por fim de Julho de 1607. veyo mandado pelo Reverendiſſimo para Provincial o Preſentado Frey Martinho Ecay, Navarro de naçaõ; durou ſeu cargo até a entrada do anno de 1608. e faleceo em Roma indo a Capitulo geral.

Por Setembro de 1608. ſe juntou Capitulo em Lisboa, e foy nelle eleito Provincial ſegunda vez o P. Fr. Joaõ da Cruz: governou até Mayo de 1612.

Neſte Mayo ſe fez Capitulo de eleiçaõ em Lisboa, e ſahio eleito o P. Fr. Aguſtinho de Souza, que era Prior da meſma caſa: cumprio ſeus quatro annos, com que paſſou do que temos propoſto por fim deſta Hiſtoria, que he o de 1613.

CAPITULO III.

Fundaçaõ do Moſteiro de Noſſa Senhora da Annunciada de Lisboa.

FIcaraõ em alguns lugares grandes deſte Reyno, depois de ganhados aos Mouros pelo braço dos primeiros Reys, bairros inteiros, povoados dos meſmos Mouros vencidos, e ſogeitos, onde dantes eraõ Senhores; devia ſer a tençaõ dos Reys, que ficaſſem aſſi, ou pera ajudarem a cultivar a terra, falta entaõ de moradores: ou tambem pera hirem com a companhia dos Catholicos abrindo os olhos á verdade, e deixando a falſa ſeita. E como lhe deixaraõ bairros ſeparados para ſua vivenda, em que inda hoje dura o nome de mourarias; permitialhes tambem a ſingeleza dos tempos antigos, conſervarem entre ſy ſuas Meſquitas: couſa era indigna de animos, pois ſofrer que no meyo da Chriſtandade Portugueſa ouveſſe caſa, em que publicamente foſſe Mafamede honrado com afronta do Salvador. Aſſi o ſentio o mui Catholico Rey Dom Manoel, por cujo meyo, e maõ entraraõ em Portugal todos os titulos, e grandezas, que hoje gozamos; e naõ ſó determinou tolher a indignidade das Meſquitas; mas deſpejar o Reyno de tal gente: E mandando logo correr as Meſquitas, veyo a deſ-

1496.

Damiaõ de Goes part. 1. lib. 18. da Cron. del Rey D. Manoel.

a despedillas por Dezembro do anno de 1496. entrando no segundo de seu felice Reyno; e he de considerar, que no mesmo tempo, que lançava de sy, e perdia tantos vassallos, só por serem enemigos de Christo, entaõ lhe hia o mesmo Senhor abrindo o mar pera o fazer Senhor de Reys, e Reynos opulentissimos, na melhor, e mais rica parte do mundo, que he o Oriente. Foy segundo conselho consagrar ao serviço santo, e verdadeiro de Deos as Mesquitas, que tivessem commodidade pera serem Igrejas. Tinhaõ os Mouros huma em Lisboa, situada nas fraldas do monte do Castello ao Norte, onde o monte fica mais impinado, e menos communicavel com a cidade. Esta, como era grande, despedidos os Mouros, mandou elRey purificar, e consagrar ao nome da Sagrada Annunciaçaõ da Virgem Mãy de Deos: e em quanto naõ determinava outra cousa, consentio, que se aproveitassem della humas boas molheres, que viviaõ juntas, e se faziaõ chamar Beatas da Terceira Ordem do Seraphico P. S. Francisco: porém sem clausura, nem obediencia certa de Prelado.

Passados alguns annos impetrou elRey hum Breve do Papa Leaõ X. para fundar no mesmo lugar Mosteiro de Freiras de Saõ Domingos, e lhe nomear Prelada, e fazer Estatutos. Foy despachado o Breve no anno de 1515. em Viterbo, e deste tempo lhe damos sua antiguidade: naõ lançamos aqui o Breve por escusar leitura. ElRey naõ querendo uzar dos poderes, que por elle tinha, contentouse com o mandar remeter quatro annos a diante (que foy no de 1519.) ao Mestre Fr. Jorge Vogado, seu Confessor, e Prégador, e muito aceito, que tinha succedido no cargo de Provincial ao Padre Fr. Joaõ de Braga, para que elle ordenasse Mosteiro segundo os costumes da Ordem fazendo vir Religiosas de Jesus de Aveiro; para que logo começasse a correr em perfeita observancia, e ouvesse em Lisboa hum retrato vivo da muita, que em Aveiro florecia: E advertindo, que as Beatas, que a quizessem seguir, e ficar nella, fossem admitidas ao habito, e profissaõ. A este fim escolheo o Provincial pessoas, com que em tudo satisfizesse á santa tençaõ delRey. Foraõ as que vieraõ Dona Joanna da Sylva, filha do Conde de Penella Dom Affonso de Vasconcellos: Dona Brittes de Menezes, sobrinha sua, filha do Conde Dom Joaõ de Menezes, seu irmaõ: Dona Brittes de Noronha filha do Conde de Abrantes Dom Joaõ de Almeida. Naõ se costumava inda entaõ nos Mosteiros deixar os apellidos das Familias, como hoje se faz com melhor conselho. Porque o certo, e mais acertado he, quem por amor de Deos renunciou os bens do mundo, naõ querer nada delle, nem em nome, e folgar naõ só de se igualar até no apellido com as mais humildes, e pobres irmãas, mas honrarse de sua companhia, como nos aconselha em sua Regra o nosso Padre Santo Agustinho. A estas tres Madres, que nas virtudes Monasticas tinhaõ tanto nome, que naõ ficavaõ devendo nada ao de sua geraçaõ, acompanharaõ outras tres, se bem menos

1515.

1519.

nobres, quanto ao mundo, na Religiaõ, e guarda della nobilissimas. Era a primeira Madre Isabel Luiz Religiosa taõ anciaõ, que tinha quasi sincoenta annos de Habito. E foy huma das primeiras, que o tomaraõ em Aveiro, e de suas virtudes fazemos atras larga mençaõ. E veyo nesta companhia, como por mãy de todas. As outras duas eraõ Soror Catharina de Andrade, e Soror Catharina Dias. Chegaraõ juntas a Lisboa hum Sabbado á noite doze dias de Novembro do anno de 1519. E sem parar em outra parte, foraõ demandar a sua casa, conhecida já pelo nome da Annunciaçaõ, onde eraõ esperadas, e foraõ recebidas com alvoroço, e cortezia de muita gente nobre, e devota, seculares, e Religiosos, e na mesma hora deraõ primeiro principio ao concerto da Religiaõ com perfeito encerramento, e clausura: nomeandolhe o Provincial por Vigaria, e Presidente, até fazerem sua eleiçaõ, a Madre D. Joanna da Sylva.

1519.

Foy primeiro cuidado da nova Prelada, tentar que animo tinhaõ as Beatas pera a Religiaõ de S. Domingos, em conformidade da Ordem que el-Rey tinha dado. Aceitaraõ o Habito, e ficaraõ a Regente Catharina de Christo, e outras tres; as mais se foraõ. Passados poucos dias mandou o Provincial, que como em Communidade perfeita, que entre as seis avia, fizessem eleiçaõ da Prioreza. E sahio canonicamente eleita a M. D. Joanna, que fazia o officio de Vigaria. O que foy em dous de Dezembro do mesmo anno; e no mesmo dia a confirmou o Provincial. Grandes saõ em todo o tempo os poderes da virtude; só por sy val, sem mais ajuda, nem companhia, que de sy mesma: e com tudo se acontece juntarse com nobreza de sangue, he Sol em Ceo claro, he esmalte em ouro fino. Com tal Prioreza, e taes subditas, começou o Mosteiro da Annunciada huma vida celestial, na casa que fora cova de ladroens, quero dizer, morada de Mafamede, escola de infidelidade. Vida naõ só semelhante áquella, que entaõ era muy celebrada de Jesus d'Aveiro, pelos exemplos frescos da Santa Princesa D. Joanna: Mas de S. Xisto de Roma, quando em mais alto ponto esteve. E bom testemunho nos dá, quando faltaraõ historia, memorias, e tradiçoens, o grande concerto, e perfeiçaõ, em que hoje vemos a mesma casa.

Com a fama, que entaõ corria della, começaraõ a buscalla sogeitas de grande qualidade, e tantos em numero, que era a casa estreita para as recolher. Cuidaraõ em a estender, mas naõ dava boa commodidade o sitio, posto em a ladeira, e senhoreado de outros mais altos, dos quaes ficava descuberto, e cativo. Ajuntavase ser muito frio, e pelo mesmo caso pouco sadio pera naturezas delicadas. Porque sendo assombrado da altura do monte, e muralhas do castello, que lhe tomaõ o Sol do Nacente, ficava de todo sogeito aos rigores do Norte. Passaraõ annos, foraõse descobrindo mais os inconvenientes, e o dano da vivenda. Dezejavase muito, ou largueza, ou mudança. Acodiolhes Deos com o

melhor, que foy a mudança, a cabo de vinte tres annos. Reynava já elRey Dom João Terceiro: e era Prioreza a Madre Dona Brittes de Menezes immediata successora de sua tia D. Joanna. Foy esta Madre aconselhada, que pedisse a elRey hum Convento, que estava no valle, e estrada, que corre da porta de S. Antaõ, para N. Senhora da Luz. Era o Convento de fabrica antiga, pobre, e mal composta, e da Ordem de S. Antaõ Abbade; annexo a outro mais antigo, e da mesma Ordem no Bispado da Guarda, que chamaõ S. Antaõ de Benespera, do qual era Prelado com titulo de Commendador, hum Frey Affonso d'Andrada; e delle tinha tomado o nome, que inda hoje retem a porta da Cidade, que lhe fica mais perto. Naõ desagradou a elRey o intento, quando lhe foy proposto: mandou que se tratasse de troca das casas. Aceitoua o Commendador. Fez a escritura Jorge Coelho Notario Apostolico em 22. de Fevereiro de 1538. Mandou elRey que se executasse por seu Alvará, em que se declara por Padroeiro da que ficasse com as Freiras: e foy confirmada em sete de Junho do mesmo anno por Jeronymo Ricenas Nuncio Apostolico. Tratouse logo de accomodar o novo Mosteiro, e correndo a obra com diligencia vieraõ as Madres a entrar nelle na vespera d'Ascençaõ de Christo do anno seguinte de 1539. sendo Prior de Lisboa, e Vigario do Reverendissimo Geral em esta Provincia o Mestre Fr. Jeronymo de Padilha. Fezse a mudança com fermosa solennidade.

1538.

1539.

Sahiraõ da Casa velha em procissaõ trinta e huma Religiosas, acompanhadas de toda a Communidade dos Frades de S. Domingos de Lisboa, e de muita gente nobre de todos os estados. Cerrava a Procissaõ o Arcebispo Dom Fernando de Menezes tio da Prioreza, irmaõ do Conde de Penela seu pay, Metropolitano de Lisboa, e Capellaõ Mór d'elRey. Nesta Ordem entraraõ na Cidade, pela porta da Mouraria; e foraõ demandar primeiro o Convento de S. Domingos: onde feita a oraçaõ ao Santissimo Sacramento no Altar de JESUS, e tomada a bençaõ ao Santo Patriarcha, tornaraõ a sahir da Cidade, e pela porta de Santo Antaõ foraõ entrar na nova morada. Acudio toda a terra, como a hum espetaculo poucas vezes visto, com tanto alvoroço, e tamanho ajuntamento de povo, que se caminhava com trabalho. Eraõ de ver as janellas cheas, e os telhados cubertos de gente, mostrandose a devaçaõ, e Christandade Portuguesa em muitas lagrimas, que arrancava a consideraçaõ, nos que notavaõ a quietaçaõ, e facilidade, com que caminhavaõ para encerramento perpetuo, e mais verdadeiramente enterro eterno, mulheres fracas, humas de longa idade, outras muito moças, e muitas dellas do melhor do Reyno, envoltas em pannos pobres, e sobre os rostos cahidos os veos pretos, para naõ verem, nem serem vistas. Grande poder, e grande triumpho da Fé. Deste dia emdiante fizeraõ ambos os Mosteiros a mesma troca de nomes, que nelles começou de moradores:

que

que tambem estava capitulada na Escritura. Chamouse do pé do Monte aquelle, o Santo Antaõ, e este do valle, Annunciada.

CAPITULO IV.

De algumas Religiosas, que nesta Casa florecerão em grandes Virtudes.

MErece com justiça o primeiro lugar nesta conta, quem deu principio á Religiaõ da Casa, e foy primeira nella, digo á Madre Dona Joanna da Sylva Fundadora, e primeira Prelada. Bem se diz, que no bom fundamento consiste toda a firmeza do edificio, e confirmase com o proverbio antigo, que dá por meyo feito tudo, o que bem começa. *Dimidium facti, qui bene cæpit, habet.* Tambem soube assentar a Madre Dona Joanna as primeiras pedras, e fabrica da verdadeira observancia, que podemos referir a suas maõs, e boa diligencia, a grande perfeiçaõ, com que hoje se mantem, e guarda. Assentoua Dona Joanna com grandes virtudes, que possuia em alto gráo. Huma só especificaremos, com que as mais ficaraõ entendidas. He cousa certa, que todo o tempo, que tinha livre de maiores occupaçoens, empregava em remendar por sua maõ os calçados da Communidade. Fermosa humildade de Prelada, e grande sinal de amor de pobreza em subditas. Juntava a esta humildade huma affectuosa devaçaõ pera com nosso Santo Patriarcha, de que resultou deixarnos escrito á sua instancia o grande M. Fr. Diogo de Lemos, filho do Convento de Bemfica, hum livro da vida do mesmo Santo em vulgar, como atras fica dito, que foy impresso no anno de 1525. e sendo á Prioreza dedicado, mandou fazer o gasto da impressaõ a Rainha D. Lianor, terceira, e ultima mulher d'elRey D. Manoel. Governou a casa nove annos, e faleceo por fim do de 1528.

A Madre D.Joanna da Sylva.

Ovid.

Lib. 2. p. 2.cap. 11.

Tinha segundo lugar nestas memorias quem o teve na Casa, e no cargo, que foy a Madre D. Brittes de Menezes sua sobrinha, que tambem achamos com nome de Soror Brittes da Annunciada. Que se á tia temos obrigaçaõ, por saber lançar bons alicesses no santo edificio; devemos á sobrinha proseguillo, e conservallo sem quebra por tempo de trinta e tres annos, que tras ella continuou o cargo de Prioreza. E viose bem, quaõ sabio, e quaõ conveniente era seu governo, em que mandando por este tempo os Prelados maiores, que naõ ouvesse Prelada perpetua nenhuma entre nós, e absolvendose ella, pella mesma rezaõ, depois dos trinta e tres annos: na hora que sua successora Dona Catharina de Menezes, por outro nome Soror Catharina Bautista, acabou seus quatro annos de Prioreza, logo a Communidade toda a tornou a buscar, e foy segunda vez eleita, e servio mais quatro annos, sobre os trinta e tres passados, com que fez trinta e sete. Mas porque isto naõ espante, visto o muito que enfastiaõ governos prolongados, indaque muito acertado seja, diremos desta Madre mais alguma cousa. Mudouse para a casa nova com trinta bocas

A Madre Soror Brittes de Menezes.

cas comsigo de portas a dentro, sem as que serviaõ de fora, e tinha taõ pouca renda, com que as sustentar, que naõ chegava a cem mil reis em dinheiro á que elRey D. Manoel lhes dera para a fundaçaõ, que foy a hum por cento da siza do pescado, e carvaõ, e lenha; esta possuio o Mosteiro sempre, e inda hoje naõ chega a cem mil reis. No que chamavaõ Convento, achou tudo paredes velhas, sobrados, e madeiramentos podres, e huma Igreja de telha vãa. E o que peor era, como toda a fabrica fora feita para vivenda de homens, em todo estava desacomodada para mulheres. Ficou toda a companhia desconsolada, quando se vio dentro, e desconfiada de poderem aturar em tal morada: era tanto o arrependimento da vinda, que já lhes fazia saudades a que tinhaõ deixada. Cahio a Prioreza no engano, vio que dera casa feita, e nova, por huma em que naõ avia mais de bem, que o sitio. Sentia o erro, em que já naõ avia remedio, e muito mais as queixas das subditas, que todas vinhaõ como ondas a quebrar sobre ella, que taes saõ os interesses das Prelasias, inda que naõ hajaõ culpas. Mas lembrada do que diz Deos, que a quem de seu serviço tratar em primeiro lugar, naõ faltará nada de tudo o mais, poz seus olhos, e confiança nelle, e fazendo com grande animo, que no que tocava á Religiaõ, e culto Divino, naõ ouvesse nem huma minima falta, veyo a experimentar as verdades Evangelicas. Porque dentro no tempo de seu governo, vio reedificado, e quasi feito de novo todo o Mosteiro com dous Dormitorios muito custosos, e officinas capazes de sincoenta Freiras, e a Igreja forrada. Foy o meyo hum bom vizinho, para que demos por acertado o pregaõ, que o outro Grego mandava dar da herdade, que vendia, allegando por qualidade de importancia que tinha bom vizinho. Mas neste da Annunciada ouve mais circunstancias; porque era juntamente rico, e honrado, e virtuoso. Buscava Fernaõ d'Alvares d'Andrada sitio accommodado pera edificar apozento pera sy junto das Freiras, onde hoje a possuem seus descendentes. Era isto dous mezes depois da passagem. Visitou a Prioreza, quiz saber como, e de que viviaõ: admirouse da pobreza, edificouse do espirito, e parecendolhe, que ganharia muito com Deos quem em serviço de tal gente se occupasse; offereceose á Prioreza pera o fazer toda a vida. E cumprio a offerta. Porque, como rico ajudou a casa com grossas esmolas da sua, como honrado foy requerente de outras com elRey, e com os homens; e como virtuoso tomou por gosto a reedificaçaõ do Mosteiro, e assistir como Arquiteto, e sobrestante em toda a fabrica. Era a Prioreza generosa de animo, e condiçaõ tanto, como de sangue: vendose com casa, e remedio por sua via, julgava por menoscabo de quem era ficar vencida em beneficios. E para se desindividar em alguma maneira, fez hum acto de agradecimento muito importante para exemplo da boa correspondencia, que he rezaõ guardemos os Religiosos com a gen-

Matth. 6.

Plutarch.

a gente secular, e foy doarlhe com licença d'elRey Dom Joaõ a Capella Mór pera sua sepultura. E pera que se veja, que naõ foy leviandade das Madres darem a melhor parte de seu Convento, poremos aqui as proprias palavras do Alvará da licença, que elRey lhes mandou passar, que saõ as seguintes. Como Padroeiro que sou do Mosteiro da Annunciada, dou licença ás Religiosas delle, e ao seu Vigario Geral Frey Christoval de Valbuena, pera darem o uzo da Capella de sua Igreja a Fernaõ d'Alvares d'Andrada, e a sua mulher Isabel de Paiva, pera sua sepultura, e de seus descendentes, herdeiros, e successores, por querer fazer merce ao dito Fernaõ d'Alvares, por justos respeitos: mas principalmente tendo respeito ás muitas esmollas, e boas obras, que elle tem feito, e cada dia faz ao dito Mosteiro, e a estar reedificado quasi de novo por sua industria, e esmollas. Este Alvará se fez no anno de 1542. e no mesmo a doaçaõ.

No governo ordinario tinha a Madre Dona Brittes notavel inteireza, e authoridade: Naõ avia leys, nem constituiçoens mais poderosas, que seu mandado, e seu respeito, e com tudo era muy facil em seguir o parecer das Madres velhas, e das que conhecia serem zelozas da virtude, e do bem commum. Assi era venerada dos Prelados, e estimada d'elRey, e dos Principes do Reyno; e a ella se deve huma grande esmolla, que elRey D. Joaõ fez á casa, de vinte moyos de renda, que se lhe pagaõ de presente nas jugadas de Santarem. Gastava muitas horas em oraçaõ, com tal cuidado, e atençaõ, que se lhe enxergava estar toda nella, com todos os sentidos, e potencias promptas, sem se divertir a outra cousa. De seu tempo ficaraõ introduzidos nesta Communidade alguns costumes muy louvados, que em outras partes naõ achamos. He hum, recolherse em commum toda a roupa, e vestidos das Religiosas, em huma officina pera isso deputada; e entregue a duas, que tem a seu cargo mandallos lavar, e a seus tempos levallos ás cellas de cada huma. O outro costume he, trabalharem todas em serviço da Communidade taõ pontualmente, que naõ só fazem a cultura propria de mulheres, mas até os vestidos de todas, e das servidoras contaõ, e cozem. E para o Culto Divino lavraõ obras ricas de ouro, e seda, e bordados. E cortaõ, e acabaõ com perfeiçaõ ornamentos inteiros, sem ajuda de official de fóra. Costumes saõ estes ambos, que nossas Constituiçoens encomendaõ: mas taõ difficultosos de executar por outras partes, que se deve muito a quem aqui os assentou, e ás Madres que os mantem, e conservaõ. E saibase, que nas Communidades, onde faltarem, de força ha de aver muito de singularidade, e propriedade, ou pelo menos representaçaõ de huma cousa, e outra. Do mesmo tempo sabemos que ficaraõ, como recebidos por ley, varios generos de penitencia, muy pezadas disciplinas de sangue, cilicios crueis, naõ só asperos; jejuns de paõ, e agoa, e dormir no chaõ, e em tudo tanta continuaçaõ, que foy necessa-

rio

rio acudirem os Prelados mayores com força de preceito; porque adoeciaõ muitas, e morriaõ algumas. Merecia tal valor huma vida muy larga para bem do mundo: eſtendeolha o Senhor até quaſi cem annos. Porque nos conſta, que tinha vinte ſeis, quando ſahio d'Aveiro com ſua tia. E veyo a falecer no de 1587. na oitava de S. Aguſtinho, recebidos todos os Sacramentos.

A Madre Soror Margarida da Cruz.

Muitos annos antes, e com muitos menos de vida tinha deixado a terra a Madre Soror Margarida da Cruz. Puderamos dizer muito de ſuas penitencias, oraçaõ, e zelo da Religiaõ. Mas como iſto ſaõ qualidades, em que toda a Communidade conformava, parece couſa ſuperflua gaſtar tempo nellas. Tratando das Religioſas deſte Moſteiro, ſó diremos algumas mais particulares. Deſta Madre ficou em memoria, que conhecendo de ſy ſer de condiçaõ colerica, e eſquiva, paſſou muitos annos em taõ eſtreito ſilencio, que ninguem ouvia de ſua boca mais palavras, que aquellas, que ſó pera viver na Religiaõ eraõ neceſſarias, e naõ podia eſcuſar. Na ultima doença, de que acabou, miniſtrandolhe os Sacramentos da Communhaõ, e Unçaõ o Padre Frey Joaõ da Cruz, que depois foy duas vezes noſſo Provincial, fezlhe huma eſtranha pergunta, da qual ſem muitos argumentos ſe pode collegir, que avia rara pureza na alma, donde ſahia. Era a queſtaõ, ſe ſeria culpa acharſe com hum taõ vehemente deſejo de ver a Deos, e tanto alvoroço de ſe hir pera elle, que lhe tirava toda a lembrança de ſuas culpas, e do temor, que devia ter por ellas. Grande Miſericordia do Senhor, quando o temor ſe converte em Amor! Era mulher nobre, paſſava de ſeſſenta annos de idade. E tinha ſervido muitos officios de confiança, com grande ſatisfaçaõ das Preladas; e acabou no de 1568.

1568.

A Madre Soror Brittes da Coroa.

Seguioa ao Ceo falecendo no meſmo anno, como a ſeguia na terra em toda a virtude, a Madre Soror Brittes da Coroa. Todo o ſeu trato, e praticas ordinarias eraõ do Ceo, e taõ afervoradas, que ſe via nellas ſahirem d'alma, que ardia em Amor Divino. O meſmo fervor tinha na oraçaõ, e ouve peſſoa de bom entendimento, e muita virtude; entendimento pera julgar, e virtude pera falar verdade, que affirmava vella levantada da terra mais de tres palmos hum dia, que eſtava orando. E o Padre Fr. Joaõ da Cruz, que entaõ a confeſſou, e em vida a confeſſara muitas vezes, falava nella como em Santa.

A Madre Soror Lianor de S. Jeronymo. 1569.

Deſtas duas Madres era particular amiga, e companheira a Madre Soror Lianor de S. Jeronymo: E foyſe tras ellas no anno ſeguinte de 1569. Sobre grandes virtudes achavaſe nella tanta prudencia, e valor, que a Madre Dona Brittes de Menezes, ſendo Prelada, eſtimava, e ſeguia ſeu parecer em tudo com muita confiança. No artigo da morte fez hum termo, que pareceo a todas ter eſpirado. Dada por morta tornou em ſy, e com voz eſperta, e clara diſſe eſtas palavras formaes: Já eſtou julgada, e pela Miſericordia de Noſſo Senhor tenho

tenho lugar no Ceo. Tal era a pessoa, e tal o passo, que naõ ouve quem puzesse duvida no dito, e espirou logo.

CAPITULO V.

Vida, e Morte da Madre Soror Maria de Jesus.

A Madre Soror Maria de JESUS foy filha de Fernaõ d'Alvares d'Andrada, e de Isabel de Paiva, de quem atras temos falado. Nasceo em 16 de Abril do anno de 1554, dia em que entaõ cahio o oitavo da Paschoa. Nos primeiros annos era amada de seus pays, como filha da velhice, porque tinhaõ outros filhos, e filhas: Mas crescendo na idade foy descobrindo tantas partes naturaes, juntas com muita brandura, sugeiçaõ, e humildade, que já seu amor era mais força de razaõ, que natureza. E como tinhaõ huma bem casada, faziaõ conta de lhes darem o mesmo estado, e partir com ella de sua fazenda muito largamente. Mas naõ criava Deos pera o mundo as qualidades, que juntara em Soror Maria; pera sy as queria; porque logo lhe deu com ellas huma particular inclinaçaõ a todo o bem, com que desde muito moça soube julgar por frivolos, e sem sustancia os gostos, e passatempos, que aquella idade costuma estimar, e aborrecendo-os como taes, fazia pouco cazo dos vestidos ricos, e louçanias, que lhe sobejavaõ, e naõ queria ver, nem ser vista, e só se aplicava ao que era virtude mocissa, e exercicios santos. Nestes lhe communicava o Senhor tanto gosto, que naõ tinha muitos annos, quando soube rezar, e rezava o Officio Divino. E já entaõ buscava tempo, e horas pera se dar á Oraçaõ, e se via nella huma entranhavel devoçaõ com o Santo Sacramento do Altar, que seus pays, e os criados da casa notavaõ com admiraçaõ. Porque alguns annos antes de tomar o habito (e naõ tinha mais de dezasete, quando o tomou) viaõ que desda hora que na Quinta Feira da Semana Santa se desencerrava o Senhor na Igreja, e ella se ajoelhava pera o adorar, ficava nesta postura sem se assentar, nem levantar (senaõ era hum breve espaço, que sem sua mãy comia) até á hora, que na Sexta feira seguinte se encerrava. Eraõ isto como huns ensayos da penitencia, que depois toda a vida seguio: Porque nesta devoçaõ avia duas mortificaçoens, e ambas assaz penosas, huma da continuaçaõ dos joelhos em terra sem fazer mudança: Outra da guerra do sono em tal estado, que he mantimento taõ natural, e necessario, como o da comida. Taes eraõ seus exercicios antes de entrar na Religiaõ; mas acompanhados já de hum firme proposito de buscar a Deos nella; proposito, que sendo de seus pays entendido, e muito estimado; pelo que deviaõ á virtude, sempre foy delles encontrado, pela tençaõ, que tinhaõ; e porque naõ podiaõ acabar comsigo largar da vista, quem lhes era luz dos olhos, e alivio da vida. Porém justou ella, e requereo com ancia a vida Religiosa, desenganando-os, que nenhuma outra aceitaria; em fim lha vieraõ a dar, obri-

gados mais de consciencia, e temor de Deos, que por suas vontades.

De dezasete annos era Soror Maria, quando com grande consolaçaõ de sua Alma vestio o santo Habito, huma vespora de S. Joaõ Bautista, de quem por essa causa ficou sempre devota, porque recebendoo em sua vespora, se vio no anno seguinte em seu dia professa. Posta no deserto da Religiaõ, como entrava muito adiantada nos exercicios do Amor de Deos, e mortificaçaõ corporal, naõ se póde crer, quam depressa subio ao cume da mayor perfeiçaõ. Naõ manda a regra cousa taõ pezada, que por grande lhe fizesse espanto, nem taõ leve, que por piquena a desprezasse: Todas as essenciaes executava com pontualidade: E com a mesma cumpria as de menos importancia. Dá licença a regra pera hum deposito moderado, e com certos limites. Determinouse a naõ pôr em balança os pezos desta permissaõ. Nunqua teve nem hum só real de seu, e só por naõ querer nada do mundo, nem pedir nada a ninguem, tendo muita gente que averia por dita acudirlhe com muito. Na pobreza da cella imitava bem o seu Bautista: porque naõ só, naõ havia nella cousa de apparato; mas, o que muito espanta, nem huma esteira teve nunqua para se assentar. Todas suas alfayas se resolviaõ em hum pedaço de taboa, ou cortiça, que lhe servia de estrado, cama pobrissima, hum piqueno retabolo de Nossa Senhora pendurado, dous, ou tres livros espirituaes sobre hum escabello: e de vestido só aquillo, que naõ podia escuzar. Pera com seculares fazia conta, que naõ havia no mundo quem lhe soubesse o nome, nem chegava á grade, nem escrevia pera fora, senaõ rarissimamente. Na observancia guardava tanta prontidaõ, que servindo hum officio, com que muito se cansava, por ser em todo encontrado com sua natureza, e sendo aconselhada, que advertisse á Prelada, porque logo a absolveria; respondia, que quereis que faça, que sou sudita, e quanto mais repugnancia acho em my, tanto me sinto mais obrigada. Como se ouvera gastado muitos annos em vaidades no mundo, assi se affligia com varios generos de penitencias. Na oraçaõ empregava tanto tempo de dia, e de noite, que sempre andava falta de sono. A palavra de Deos, qualquer que fosse o Prégador, ouvia com grande gosto, e sempre ou em pé, ou de joelhos: Cousa de grande edificaçaõ, ou fosse por se temer da força do sono; ou por se mortificar. Em fim de maneira procedia em tudo, que se naõ via nella cousa, que naõ edificasse muito. E aconteceo, que entrou neste tempo para Freira huma Dona honrada, que fora casada, e vinha com grandes propositos de servir, e agradar a Deos. E perguntando a hum Padre muito Espiritual Confessor do Mosteiro, por nome Fr. Lopo de Santa Maria, que caminho levaria para alcançar este fim, foylhe respondido, que o mais breve, e mais acertado seria, tomar por espelho a Soror Maria de Jesus. Se a imitasse, soubesse que tinha tudo feito.

Seria cousa muy comprida pro-

proſeguir com particularidade o extremo, com que ſe eſmerava em todas as virtudes. Mas naõ ſe pôde deixar de dizer alguma couza dos effeitos, que em ſua alma obrava a charidade dos proximos, tratando-ſe em tudo com grande rigor. Parecia-lhe que todas as outras Religioſas eraõ faltas de forças, ella ſó valente: Todas ſantas, ella ſó peccadora: E andava ſempre vigiando ſobre as que via fazer grandes abſtinencias, ou que velavaõ, ou trabalhavaõ demaſiado, para as fazer moderar. Advertiaas de palavra, e ſenaõ baſtava, requeria á Prelada que as obrigaſſe com obediencia. Por outra parte (taõ engenhoza he a verdadeira charidade) ſe via alguma deſcuidada em ſua obrigaçaõ, por frouxidaõ, ou mimo, ou preſunçaõ, naõ duvidava eſtranharlho com exhortaçoens ſantas, e livres. Na devoçaõ do Santiſſimo Sacramento adiantou grandemente, depois que ſe vio Religioſa. Creſceo o affecto com a obrigaçaõ. E com a continuaçaõ de o receber, o dezejo de naõ carecer nunqua do Santo paſto. Cumpria-ſe bem nella, o que eſtá eſcrito: *Qui edunt me, adhuc eſurient, qui bibunt me, adhuc ſitient.* O fim de o receber huma vez, era principio de o deſejar de novo, e andar abrazada em huma ſanta hydropeſia, em que naõ havia dar termo. Aſſim era ſeu continuo requerimento com as Preladas, licenças largas, pera que ſe amiudaſſe muito neſta caſa: E a frequencia, que hoje dura, teve origem em ſuas inſtancias.

Eccleſiaſtici 24.

Faltava para coroar eſtas virtudes, algum genero de grande tribulaçaõ, que he a fragoa em que o Senhor coſtuma purificar, e aperfeiçoar grandes eſpiritos, e aquelles de quem mais fia, conforme ao que eſtà eſcrito. *Virtus in infirmitate perficitur.* Para quem eſtava no canto de hum Moſteiro, naõ podia haver nenhuma mais pezada, que de huma doença. Eſta lhe mandou Deos tal, que logo moſtrou proceder de ſua maõ. Porque nenhuma filoſofia de medicos ſoube nunqua atinar com a razaõ della, nem com a cura. Eraõ dores intenſas, e continuas por todos os membros, e de tal qualidade, que ſe aggravavaõ, e creſciaõ com os remedios: E acabo de dous mezes a puzeraõ em eſtado, que ficou na cama como hum tronco, ſem ſer ſenhora de ſe virar, nem menear para nenhuma parte. Facil he de crer, quam penoſa ſeria tal vida. Tal era, que a todos fazia laſtima. Mas ſó ella naõ tinha nenhuma de ſy. Antes eſtava tam quieta, e taõ conforme com Deos, que na mayor força das dores, ſe lhe enxergava naõ deſejar termo nellas: antes eſtar prompta, para ſofrer outras mayores, ſe foſſe vontade de quem as preſentes lhe dava; e o que mais eſpanta, he certo, que fazia eſcrupulo de deſabafar com algum gemido, por lhe parecer genero de alivio. Naõ ſe póde cuidar menos neſte paſſo, ſenaõ que lhe acudia o Senhor, como eſtá eſcrito com igual medida de fortaleza, e conſolaçoens, ao trabalho que lhe dava, que iſto quer dizer o verſo: *Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo: lætificaverunt animam meam con-*

2. ad Corinth. 12.

Pſalm. 93

ſolationes tuæ. Paſmando as Freiras todas de verem tantos males juntos em quem taõ poucos merecia, aſſentavaõ algumas comſigo ſer petiçaõ ſua, para padecer por Chriſto: e fizeraõ que lho perguntaſſe o Confeſſor. Ao que reſpondia com humildade, que nunqua em ſua vida pedira, nem deſejara couſa particular; nem ainda entaõ queria ſaude, nem doença, deſcanço, nem dores, vida, nem morte; ſenaõ ſó aquillo que mais agradavel foſſe nos olhos do Divino Eſpoſo. Mas elle que ſabe o que mais convem a quem ama: E quanto pode a fraqueza humana, ajudada de ſua graça, naõ ceſſava de lhe dar novos merecimentos. Treze mezes avia, que aturava taõ atribulada vida, quando ſe lhe abriraõ nas coſtas, ou da continuaçaõ da jazida, ou por eſtar por extremo deſcarnada, ſinco chagas juntas, que depois ſe reduziraõ a duas, do tamanho cada huma de huma meya laranja: ſobre eſte tormento, que era exceſſivo, porque naõ tinha remedio, para eſtar no leito, ſenaõ ſobre ellas, padecia outro de mayor pena, que era ſer força ſogeitallas a olhos, e mãos de Cirurgiaõ, para lhas curar. E naõ lhe dando tregoas entretanto as dores interiores, que como huma tempeſtade lhe martirizavaõ todos os membros, ficava ſem ſe poder valer, feita hum retrato de Job, de toda parte perſeguido. Naõ avia já entaõ Religioſa, que ſe naõ confirmaſſe no que dantes imaginavaõ, que Deos lhe quizera communicar naquella doença, e cama os martyrios de ſua ſagrada Paixaõ. E avendo algumas, que pela conſolar lho diziaõ, riaſe dellas, e reſpondia que naõ merecia nome taõ honrado, o que de ſy era couſa muy leve, e naõ pena, nem trabalho: mas huma verdadeira miſericordia, e merce do Ceo. Logo ſe tornava a Deos, fallava com elle, davalhe amoroſamente graças, hora com Verſos, e Pſalmos, hora com Sentenças dos Santos. E com tudo ainda o Santo Amador das Almas puras achava ſitio nella pera mais merecer, e mais padecer. Amanheceo hum dia, ſobre tantos males, com o corpo todo, principalmente pelas coſtas, cortado de huns groſſos vergoens pretos, e vermelhos: e alguns arrebentados, que repreſentavaõ verdadeiros, e riguroſos açoutes, que foraõ viſtos por muitas Madres, e notados com eſpirito ao tempo que a amortalharaõ.

Chegandoſe o tempo do premio, e creſcendo as afflicçoens, que lho apreſſavaõ, de dores, chagas, e faſtio; viaſe, que no meyo dellas naõ tinha mais conſolaçaõ, que em quanto via, e recebia o Santiſſimo Sacramento. E era tal o refrigerio, que com o paſto celeſtial ſentia em penhor do que eſperava, e quaſi já tinha á viſta, de o gozar ſem veos, que o Provincial com acordo dos Padres do Conſelho deu licença, pera ſe lhe dizer Miſſa no apoſento, em que eſtava, e ſe lhe dar a Santa Communhaõ de dous a dous dias. E aconteceo niſto hum caſo eſtranho, e digno de naõ ficar em ſilencio. Sendo ſobre todos os outros males perſeguida no cabo da vida de huma cruel, e apreſſurada diſſenteria: tanto que

que se tratava da Missa, e em quanto se dizia, suspendia a natureza a malignidade do humor de sorte, que dava lugar a se celebrar sem nenhum genero de indecencia. Naõ causou menos espanto, que estando já em estado, muitos dias antes de seu bendito transito, que quasi nenhuma cousa de sustancia levava, dandoselhe licença pera commungar cada dia, contra toda a razaõ humana se sustentou dez dias inteiros só com o Santissimo Sacramento, como nos contaõ as historias de Santa Catharina de Sena. Porque alguns caldos, que por vezes tomava, era cousa taõ pouca, que se naõ podiaõ contar por mantimento.

Chegado o dia, em que Deos a levou, que foy em vinte oito de Setembro de 1585. assistiaõ com ella depois da meya noite algumas Religiosas: e notaraõ, que estava taõ desfalecida, que parecia naõ chegaria a ver a luz da manhãa; e puzeraõ em pratica chamar a Communidade. Acudio a doente, dizendo, que naõ inquietassem o Convento, que segundo cuidava, ainda avia de commungar. Tal opiniaõ se tinha della, que julgaraõ destas palavras, que sabia a hora, em que avia de acabar, e assi succedeo, como o disse. Amanheceo, commungou, e sahindo as Religiosas de Prima, quando se juntaraõ a visitalla, sahio das penas da vida, com huma paz, e quietaçaõ de Santa, assistindolhe naquelle passo o Padre Frey Fernando de Santa Maria seu irmaõ, e seu Confessor o P. Fr. Gaspar Leitaõ.

1585.

Muitas cousas se notaraõ no discurso da vida, e doença desta Madre, e em sua morte, que muito augmentaraõ a reputaçaõ, em que estava de Santa. Diremos só duas, ou tres. Foy a primeira affirmar o Mestre Fr. Gaspar Leitaõ, pessoa de grandes letras, e virtude, que foy nosso Provincial, e que longos tempos a confessou, que tinha por certo, que sem momento de Purgatorio, passara aos bens da Gloria; porque segundo o juizo, que podia fazer de suas confissoens, nunqua perdera a Graça Bautismal. A outra foy guardar esta Madre hum inviolavel segredo nas merces, que se tinha por certo recebia interiormente de Deos. Tal foy, que nunqua ouve pessoa, que pudesse tirar della nenhuma. Contava huma Religiosa, que por muito amiga lhe assistia de contino na doença, que no meyo do martirio das dores, que sem as publicar com gemidos, se liaõ bastantemente em seu gesto, lhe notara hum dia taõ subita mudança de affligida pera aliviada, de triste pera bem assombrada, e alegre, que tivera por sem duvida, fora effeito de algum grande favor, que naquella hora tivera do Ceo. E com a confiança de amiga procurara sabello della; mas que fora tempo, e feitio perdido, porque nenhuma cousa alcançara. He grande louvor este, por ser junto da morte, e porque segundo a conjunçaõ, foy hum genero de reprehençaõ de visoens mal provadas. Mas naõ teve mais poder nesta parte o sangue, que a amizade. Sua irmãa Soror Isabel de Santa Maria, que era huma Religiosa de muito ser, quiz por rodeos tirar della alguma cousa, com pretex-

pretexto de querer aprender os modos de sua Oraçaõ, e como fora tratada do Divino Esposo nella: Respondeolhe, que a mòr merce, que Deos lhe fizera, fora tratalla sempre com securas; e darlhe a entender, que importaõ pouco pera adiantar no espirito gostos na Oraçaõ: e de sy confessava, que nunqua os desejara, nem pedira outra cousa ao Senhor, senaõ, que se cumprisse nella sua santa vontade.

CAPITULO VI.

Das Madres Soror Brittes de Jesus, Soror Guiomar do Espirito Santo, Soror Maria da Cruz, e Soror Antonia das Chagas.

JA' temos advertido ó Leitor algumas vezes, que naõ determinamos fazer historia das virtudes, que saõ ordinarias nas Communidades, onde a Religiaõ anda em seu ponto: Porque se assi ouvera de ser, fora necessario naõ nos ficar quasi nenhuma Religiosa sem memoria, e por conseguinte formar hum volume para cada Mosteiro, repetindo sempre as mesmas cousas. Grande louvor, e gloria da Religiaõ desta Provincia. Só dizemos com brevidade, das que com casos particulares acharmos avantajadas nessas mesmas virtudes, ou que por outras vias extraordinarias nos merecerem lembrança. Será a primeira a Madre Soror Brittes de Jesus, que invivando na flor da idade, buscou esta casa, e se contentou com o Habito, e nome de Conversa, que entaõ naõ differia mais das Madres do Coro, que em rezarem as Conversas por contas, e naõ terem voto na Communidade. Neste estado procedeo de maneira, que se fez estimar dos Prelados, e Preladas por pessoa de raro valor em tudo, o que era virtude, e bom serviço dos officios, que se lhe encarregavaõ. Porque pera a virtude tinha hum espirito muito affervorado, e pera os officios particular talento, e prudencia. Assi teve á sua conta a procuraçaõ do Mosteiro dezasete annos continuos: e desobrigandoa no cabo delles huma doença perigosa, tanto que convaleceo, foy de novo encarregada della. He este cargo cheo de cuidados, e trabalhos; porque como entende com a sustentaçaõ da Communidade de manhãa, e tarde, naõ tem dia livre, nem descançado. Estimavase nella, que tendo tudo, o que avia no Mosteiro, em seu poder, era a mais pobre, e mais abstinente delle: e naõ tendo hora de seu pera repousar, as que avia de tomar pera descanço, gastava no Coro em oraçaõ diante do Santissimo Sacramento: e dava taõ poucas ao sono, que Veraõ, e Inverno se levantava antes de amanhecer. E sendo perguntada; porque se tratava taõ mal em cousa, que podia escusar, respondia, que se corria de serem mais diligentes, que ella, em louvar a Deos os passarinhos do campo; e que folgava de competir com elles nas madrugadas. Este mesmo fervor procurava pegar a toda a casa, com todas fallava, e a todas persuadia o amor da perfeiçaõ, e sabiao fazer por termos taõ brandos, e avizados, porque era por extremo discreta, e engraçada, que como se fora

A Madre Soror Brittes de Jesus.

fora huma encantadora, assi obrigava, e convencia, e faziaõ suas praticas notavel fruto. Vindo o Geral Fr. Vicente Justiniano visitar esta Provincia, e ordenando que as Conversas uzassem de Bentinho preto, e Veo branco pera distinçaõ do estado, quando foy informado das partes de Soror Brittes, naõ só revogou a Ordenaçaõ com ella, mas mandou, que dahi em diante fosse do Coro. E pela mesma razaõ lhe damos nós este lugar. Aos sessenta annos de idade foy tocada de hum ar de parlesia, que lhe debilitou a memoria, e alguns depois passou a melhor vida no de 1596.

1596.

A Madre Soror Guiomar do Espirito Santo.

A Madre Soror Guiomar do Espirito Santo naõ faltando nas mais obrigaçoens de sua profissaõ, na charidade se avantajou com extremos. Por toda a vida, que foy muy larga, deixou sempre a mayor parte de sua nobre raçaõ pera os pobres de Christo. E contase della por encarecimento desta virtude, que desejando ser de proveito a toda a casa, porque sua pobreza naõ podia abranger a mais, estava sempre provida de agulhas, e linhas, fio de barbante, e prégos, e o que se naõ podia dizer sem rizo, até de pedras pera servirem com os prégos em lugar de martello. E assi servia a todas; porque, como em tenda achavaõ todas nella, o que disto aviaõ mister. Mas naõ parava só nos vivos o zelo de fazer bem. Das penas das Almas Santas do Purgatorio tinha tanta compaixaõ, que todo o dia, e noite lhe parecia tempo curto pera rezar por ellas, e sendo nisto incansavel, qualquer esmolla, que lhe vinha ás mãos, despendia em Missas por ellas, sem reservar nada pera sy; inda que tinha necessidades proprias. Foy esta Madre das primeiras filhas deste Mosteiro; porque tomou o Habito estando inda na Mouraria. E sendo filha natural do Conde Prior D. Joaõ de Menezes, e pela mesma razaõ cercada de grande numero de parentes, todos muito ricos, e muito illustres, e moradores pela mayor parte na cidade, naõ só os naõ importunava, mas taõ pouco sabia delles, como se em nada lhe tocaraõ. Depois que os longos annos a desobrigaraõ de acudir á meya noite a Matinas, era seu costume infalivel, levantarse, antes de amanhecer, e quasi sempre ás duas horas, e hirse pera o Coro, e assistir nelle de dia, e de noite, até se recolher, e fechar o Convento, sem faltar mais tempo que as horas forçadas do refeitorio. Viose o fruto de vida taõ bem gastada, na hora, que todos os mais tememos. Adoeceo de hum prioriz, recebeo os Sacramentos, e estando pera espirar dizia, que sempre cuidara, que era a morte temerosa, e achava outra cousa. Parece, que quiz o Senhor comprir, o que diz por seu Profeta: *Qui seminant in lachrymis, in exultatione metent.* Trabalhara muito, que foy o mesmo, que semear com lagrimas: razaõ era, que cegasse, e colhesse com alegria. Verificouse o dito em se mostrar alegre por novo modo, até depois de morta; porque sendo em vida fea de rosto, ficou taõ differente defunta, que affirmaõ espantava com gentileza. Foy sua morte no anno de 1597.

Psal. 125.

1597.

Tres

A Madre Soror Maria da Cruz.

Tres annos depois no de 1600. acabou nesta Casa a Madre Soror Maria da Cruz, taõ bem lograda de idade, como Soror D. Guiomar; porque tambem era das que vieraõ professas da Mouraria. Louvouse nella huma vida grandemente exemplar, grande paz, e quietaçaõ da alma, e com retiramento de tudo, hum silencio quasi perpetuo, se naõ era, quando via cousas, que encontravaõ á perfeiçaõ do estado. Porque entaõ rompia em palavras, e azedamente reprehendia: mas sempre com odio do vicio, e com amor do proximo. Davalhe authoridade sua virtude, e o zelo humas razoens taõ religiosas, e efficazes, que sendo muito fraca de pessoa, e gesto, muito piquena de corpo, e de humilde representaçaõ, era naõ só respeitada de toda a Communidade, mas tambem temida. De ordinario a pedra de toque do que cada hum presta, he sua pratica. Abre essa boca (dizia hum Filosofo a hum mancebo, que naõ devia ser falto de pessoa) saberemos, o que ha em ty. Por estas qualidades foy Soror Maria doze annos Superioreza, e teve outros officios com notavel aproveitamento do espiritual, e temporal da Casa. Pera o cargo de Mestra de Noviças, que muito tempo exercitou, tinha particular talento, tudo ensinava com a lingoa, e olhos, e com exemplo: pouco com as varas. A idade crescida, o trabalho dos cargos, as penitencias, e rigor, que uzava, vieraõlhe a criar huma sarna de muito tormento, e taõ má qualidade, que parou em lepra confirmada: e foy mais danosa; porque como era muito sofrida, deixouse penetrar della, passando hum anno inteiro sem tratar de cura. Em fim foy tirada do dormitorio, e posta em casa separada, como em mal contagioso. Aqui foy de ver a fineza de seu espirito na paciencia, com que levava o mal, e o desterro da Communidade. Era sua vida oraçaõ continua, naõ pedir nada, nem querer nada, nem se queixar de nada. Se a visitavaõ as Madres, sabiao agradecer: Se a deixavaõ só, naõ mostrava sentimento. Crescia entre tanto o humor venenoso, e correndolhe a hum braço, deixoua tolhida delle. Neste estado se apiedou Deos de sua Serva; quando os Medicos pela qualidade do mal, e pela fraqueza do sogeito a deraõ por incuravel, entaõ sarou. Tevese por certo, que a Virgem do Rosario fizera milagre por ella. Era devotissima sua, abrio os Ceos com oraçaõ continua: e fiava tanto do Santo Rosario, que porque o braço naõ acabava de guarecer de todo, lançoulhe hum em voltas, como quem aplica mezinha provada, e foy esta tal, que quando o tirou, estava saõ de toda a aleijaõ. Como ficou saa tornou pera o Dormitorio: mas ficou taõ debilitada do muito, que tinha padecido, junto com a carga dos annos, que nunqua mais teve hora de descanço até a morte. E com tudo neste ultimo trabalho soube concertar a vida de maneira, que sem dar pena a ninguem edificava a todas com huma perpetua assistencia diante do Santissimo Sacramento de dia, e muitas horas de Oraçaõ na cella de noite; por-

porque a longa idade, e fraqueza a tinhaõ izentado da obrigaçaõ de Matinas. Com tal ordem de vida passou alguns annos: No fim delles lhe deu huma parlezia, e mortificaçaõ de membros, que sem a privar dos mais sentidos, a teve alguns mezes entrevada. Entaõ quiz o Senhor manifestar, que a lepra, e aleijaõ sobre vida taõ trabalhosa fora para ganho, e merecimento; porque lhe mostrou o dia, e hora, em que avia de sahir das penas da vida, cousas que poucas vezes acontecem, senaõ a gente muito perfeita. Entendeose isto, pelo que agora diremos. Pareceo ás Madres, quando assi a viraõ, que acabaria depressa, e diziaõlhe algumas, como dandolhe os parabens, que já tinha perto o premio, porque tantos annos trabalhara: E a boa velha respondia alegremente palavras formaes. Naõ hoje, naõ, pera o Minino Jesus. E succedeo, que no mesmo dia, que elle pera nosso remedio veyo a nascer no Mundo, se foy ella lograr de sua vista no Ceo.

A Madre Soror Antonia das Chagas.

A Madre Soror Antonia das Chagas entrando na Ordem com desanove annos de mundo, tal vida fez depois de entrada, que parecia, que nascera nella. Nenhuma Freira, das que muito a conheciaõ, e tratavaõ, se lembra, que lhe ouvisse nunqua palavra ociosa: nem lhe visse passar momento de vida ocioso. O zelo do serviço de Deos, e de que andasse a Religiaõ em seu ponto, era tal, que naõ falando nunqua em pessoa ausente, a muitas dizia no rosto com charidade, e amor de Deos, os defeitos, que lhe via. E foy caso de notar o que lhe aconteceo com huma Religiosa, que em razaõ da peste andava fora do seu Mosteiro: E por curiosidade veyo a este. Enxergoulhe mais concerto, do que julgava por conveniente em Esposa de Christo, no trajo, no rosto, e no toucado: Cuidou no modo, que teria, pera lhe significar o erro, naõ achou outro mais a proposito, que vingarse em sy do cuidado, ou descuido alheyo. Poemse diante della, levanta ambas as mãos, e deixaas cahir sobre seu proprio rosto, com bofetadas a pares, taõ fortes, e despiadadas, que soaraõ por toda a casa, e dentro na alma da enfeitada, que de assombrada, e compungida, deu por reposta muitas lagrimas em lugar de desculpas. Sua pessoa, e sua cella, naõ só eraõ pobres, mas hum retrato da mesma pobreza. Viase na cella huma Cruz de pao na parede, hum candieiro dos mais pobres, e ordinarios, a hum canto hum pedaço de cortiça, que de dia lhe servia de assento, e de noite de cama com huma só manta, e hum piqueno travisseiro, o vestido, e toucado era só aquelle, que de força avia mister pera andar cuberta: mas este sempre velho, e consumido do uzo, e por tal de outras Religiosas deixado. E ainda assi em quanto tinha por onde se poder remendar, nunqua pedia, nem buscava outro. A causa de tanta pobreza era hum intenso dezejo de se humilhar, e ser desprezada. Entendia, quanto abate os fumos da vaidade humana a falta, ou descompostura do vestido. Quanto quebranta hum vilipendio de obra, ou de palavra. Estimava a vi-

a vileza da roupa, porque achava nella humildade pera sy, e com a mesma dava occasiaõ, a quem avia, de riso, e zombarias, e desprezos, e por isso a procurava com a mesma ancia com que no mundo se bebem os ventos, e fazem desatinos pelo contrario. Estava hum dia triste, e desconsolada, diante de huma devota Imagem de Christo atado á Columna, que estas Madres tem no Capitulo: Passava huma, e ouvio, que se lhe queixava, que padecendo elle tanto por nós, avia quatro dias, que ella naõ padecia nada; porque tantos eraõ passados sem ninguem lhe ter dito, nem feito cousa de desprezo. Podese perguntar, como avia em casa taõ Religiosa, quem desse semelhante merecimento a huma mulher, que de todas era conhecida por Santa. O que sentimos, he, que como pertendia por tantas vias seu abatimento, e com aquelle extremo de pobreza, e remendos o provocava (segundo se escreve de Santos antigos, que se fingiraõ tontos pera serem maltratados) naõ era de espantar, aver entre tanta gente, quem alguma vez rindo, ou motejando de seu trajo, e trato, ou tachando seu extraordinario proceder, lhe desse occasiaõ de molestia, que pera sua alma era verdadeira gloria.

A sua oraçaõ naõ tinha nunqua termo. Pera lhe naõ passar hora, nem momento da vida sem ella, uzava sempre da que o mesmo Deos se fez Mestre com o grande Abrahaõ, quando lhe disse: *Ambula coram me*: Tem cuidado de andar sempre em minha presença. Pera o fazer assi, e trazer sempre a Deos presente em sua alma espertavase de muitas maneiras: e a mais ordinaria era trazer de contino na boca, e a todo proposito, e sem proposito estas palavras: Graças a Deos; referidas hora em vulgar, hora em Latim, e sempre com tal affecto, que testemunhava sahirem de alma enlevada no mesmo Senhor, a quem queria se dessem as graças, e quem desejava agradalla, naõ avia mister mais que repetillas diante della. Pera de noite uzava de outro espertador. Estava sempre provida de taboleiro, e trigo da Communidade, e quando se sentia apertada do sono, occupava as mãos em o escolher, e a boca, e alma em estar com o Senhor, por meyo do seu, *Deo gratias*, infinitas vezes repetido. Outras vezes vendo que naõ bastava a occupaçaõ das mãos contra a força natural do sono, que sempre lhe fazia guerra, pelo pouco tempo, que lhe dava, valiase da disciplina, e desterravao com alguns açoutes fortes, que tomava a intervallos, por naõ perturbar a Communidade.

Genef. 17.

Assi maltratada, e penitenciada teve huma vida muy larga; que he engano cuidar ninguem, que se encurtaõ os annos com o trabalho. O mimo, e a ociosidade saõ a lima surda, que os corta, e abrevia. Nella servio todos os officios de mais confiança, fora o de Prioreza. De todos deu conta como Santa, e em todos o momento, que tinha livre, era de Deos. Inda depois de muito velha, e enfraquecida da idade, aturava muitas horas diante do Santissimo Sacramento; e a postura era em pé, sem se mover; pregados

dos os olhos nas alampadas do Altar Mór, com quem parecia querer competir na esperteza do fogo, e em estar direita: Porque algumas vezes dizia com sentimento, que tinha grande inveja áquelles lumes; porque sempre buscavaõ o Ceo sem torcer, nem inclinar para nenhuma parte. Quando lhe acontecia por razaõ de officio, ou força de velhice ficar de Matinas da meya noite, na hora que a Communidade sahia do Coro, já ella estava levantada, pera entrar nelle, e perseverava até pela manhãa; porque naõ ouvesse hora no dia sem louvores do Creador.

Naõ se póde cuidar, que avia de ser avaro o Pay de misericordias, com quem assi vivia, em favores, e merces interiores. Mas de taõ profunda humildade, como a sua, naõ avia esperar tirarselhe nem huma do peito. Por finaes de fora se alcançavaõ cousas grandes. Affirmaraõ algumas pessoas, que foraõ por ella advertidas de faltas, e defeitos interiores, que só Deos sabia: E outras, que por suas amoestaçoens receberaõ consolaçaõ, e alivio em tentaçoens, e apertos da alma, que sem revelaçaõ do Ceo era impossivel alcançarse. Alguns annos antes de falecer veyo a cahir em cama sem mais infirmidade, que velhice, e fraqueza, e no cabo ficou de todo entrevada; tendo já compridos oitenta annos de idade; que nisto pàra a demasia da vida; porque ninguem a cobice muito. Mas neste estado durou pouco; e chegandoselhe a ultima hora, pedio que lhe cantassem o Psalmo: *In exitu Israel, &c.* E ouvindoo com devoçaõ, deixou sem alegria o Egypto da vida no anno de 1603. Era Prioreza a Madre Soror Catharina de S. Joaõ, Irmãa do Conde de Linhares Dom Fernando de Noronha. Pareceolhe devido (e podemos crer, que foy instincto do Ceo mais que movimento humano) fazerse honra com differença do enterro, a quem nunqua pertendera nenhuma, pera se comprirem as verdades de Christo, que até no Mundo promete acrescentamento, e exaltaçaõ, a quem se humilhar. (Luc. 14.) Propoz o pensamento ás Religiosas. Com aprovaçaõ de todas lhe foy dada cova no meyo do Coro de baixo, e se cubrio depois de huma campa de bom marmore lustrado, e cercado de faxas de Jaspe vermelho, e sua letra gravada, que declara o nome da defunta, e a razam da obra. Viva está hoje a Madre Francisca dos Anjos, que achandose atormentada de forte dor de dentes na conjunçaõ, que a defunta estava em passamento, se chegou a ella pela opiniaõ, que todos tinham de sua Santidade, e tomandolhe huma maõ, a poz sobre a queixada enferma: e affirma, que subitamente ficou livre da dor; e com huma boa circunstancia, que foy naõ lhe tornar nunqua mais. De outras muitas pessoas sabemos, que em suas necessidades se lhe encommendam com confiança, e achaõ remedio.

CAPITULO VII.

Das Madres, Soror Brittes da Madre de Deos, Soror Briolanja da Annunciaçaõ, e Soror Brittes do Roſario.

A Madre Soror Brittes da Madre de Deos.

COm penſamentos de ſer grande no mundo paſſou muitos annos nelle Dona Brittes filha dos Condes de Linhares Dom Franciſco de Noronha, e Dona Violante d'Andrada. Mas Deos, que fazia outra conta, e a guardava pera ſy entre os cuidados da terra, que por entaõ lhe conſentia, inclinava ſeu eſpirito aos autos da Religiaõ, que depois avia de ſeguir. E como ſe conta de S. Cicilia, que com brocados, e bordados cubria cilicios. Aſſi ella com cabellos louros, e enriçados, e tomado com apertadores de pedraria, rezava o Officio Divino; e na meſa abundante de ſeus Pays executava com diſſimulaçaõ jejuns de paõ, e agoa. Durou neſta vida até os vinte annos de idade: Mas já era tempo, em que Deos queria, ſe executaſſe o que della tinha determinado. Paſſados alguns annos ſobre os vinte, ſem ſe acabar de deſenganar, tiroulhe da vida o Conde ſeu pay. Foy grande o ſentimento de Dona Brittes; mais pelo que o amava, que pelo que eſperava delle; e pela meſma razaõ ſe reſolveo em naõ querer de outrem, o que delle naõ tivera, e aſſentou logo comſigo de buſcar a Deos em humildade, e pobreza; e começou a executar mais eſtreitamente, e com animo já de todo Religioſo, o que de antes fazia por goſto, e boa criaçaõ. Valem muito os bons principios: Achavaſe com elles taõ animoſa, que lhe parecia genero de fraqueza, e mimo buſcar o Moſteiro da Annunciada, porque era todo ſeu, e tudo nelle parentas, e amigas. Aſpirando a mais alto gráo de mortificaçaõ, tinha por pouco fugir da terra, ſe naõ fugiſſe tambem da caſa, que tinha por ſua, e até da companhia de ſeu ſangue. Com eſte penſamento poz em pratica entrar no Moſteiro da Madre de Deos da Ordem de S. Franciſco. Porque ſe ajuntava ao grande rigor da vida, naõ ter nella peſſoa, que lhe tocaſſe de perto. Foy recebida em Capitulo, pera tanto que ouveſſe lugar vago, que entaõ naõ avia: e eſperou conſtantemente ſinco, ou ſeis annos. Porem vendo, que tardava a vacante, e que ſeus annos corriaõ já ſobre trinta, naõ lhe pareceo razaõ tardar mais a vocaçaõ do Ceo. Tomou o habito neſte Moſteiro, e fazendo profiſſaõ a ſeu tempo, quiz ficar com o nome, do que primeiro buſcara. Chamouſe Soror Brittes da Madre de Deos. Era de ver huma molher de tal idade, e tanta qualidade, tomar ſeu lugar entre as Noviças minimas: Aſſentarſe com ellas, e ſem querer differença, devendoſelhe por tantas razoens, occuparſe em aprender os Verſos, e Antifonas, e eſtudar os tons com tanta humildade, e paciencia, como ſe naſcera no habito. Ajudavaa mal a voz, que tinha muito deſentoada; e com tudo de nenhuma couſa ſe eſcuſava, nem em particular com ellas; nem depois nos officios do Coro diante de toda a Communidade.

Breviar. Rom. 22. de Novembro.

Lou-

Breviar. Rom. 26. de Junho.

Louva a Igreja no Santo Gallicano a vontade, e gosto, com que na hora, que recebeo a luz da Fé, desprezada a purpura, e dignidade Consular, se lançava aos pés dos pobres, e peregrinos, a lavarlhos por suas mãos. Mayor cousa diremos de Soror Brittes. Adoeceo de lepra a Madre Soror Maria da Cruz, como atraz fica contado: Era o mal contagioso, e juntamente asqueroso. Assentouse daremlhe cella fora do Dormitorio commum. Offereceose Soror Brittes a servilla. E naõ foy offerta só, e palavras. Por obra continuou com ella, até que a Communidade toda sentida, ou corrida de se poder dizer, que pera tal serviço naõ avia nella outro espirito, requereo a Prelada, que a tirasse delle. Porém inda passou adiante sua charidade. Deu peste na cidade pelos annos de 1598. Como o Mosteiro está em posse de naõ despejar nunqua, por mais mal que haja, quiz ganhar por maõ no trabalho, que podia aver em casa: Offereceose á Prioreza pera curar, as que nella adoecessem. Quem assi se adiantava a acometer os perigos por amor do proximo, supefluo será dizermos a largueza, e liberalidade, com que dava, e doava, quanto tinha de seu, a quem o queria, e avia mister: Pouco dava, quando da vida, que val mais que tudo, naõ era avara. Assi tinha as mãos abertas pera os pobres, como se estivera persuadida, que seria impossivel aver nunqua falta em commum, nem particular, o que se dispendesse com elles. Assi trabalhava sem se poupar nos officios da Communidade, que muitas vezes servio, como se tivera por certo, que disso lhe avia de resultar mais vida, e mais saude.

1607.

Com tal ordem de vida chegou a Madre Soror Brittes aos sessenta annos no de 1607. que foy o termo della. Deolhe hum a infirmidade de dores interiores, que a cingiaõ toda, e apertaraõ com tanta vehemencia, que ao quarto dia deu o pulso final de morte. Chamaraõlhe os Medicos erisipela interior. Durou sem lhe dar hora de alivio, nem obedecer a nenhum remedio vinte dous dias. Enxergavaõse na enferma effeitos de excessivo tormento de dores corporaes: E no mesmo tempo outros de afflicçaõ de espirito, que nasciaõ da força dellas. E fazia espanto, e grande lastima o sofrimento, com que levava tudo. Quatro dias antes de falecer recebeo todos os Sacramentos: E no ultimo da vida se notaraõ algumas cousas, que foraõ sinaes de acompanharem grandes favores do Ceo os martyrios da terra. Foy a primeira, que na tarde antes de seu transito mandou, que lhe chamassem seu Confessor, e do que lhe communicou, resultou pedir elle com instancia ás Religiosas, lhe dessem alguma peça do uso da defunta. E como por reliquias levou o seu Breviario. Era este o Padre Frey Simaõ Carvalho, bem conhecido na Ordem, por muito Espiritual, e Virtuoso. Foy a segunda, que doze horas ao justo, antes de falecer, naõ cessando de a martyrizar a intrusaõ das dores, cessou de todo a das afflicçoens do Espirito, que se ouve por grande misericordia do Senhor: E sendo perguntada como se sentia;

ſentia; reſpondia: *Dores ſim: afflicçaõ naõ.* A ultima foy; que paſſada meya noite, começou à perguntar a miude pelas horas: e de huma vez perguntou, ſe era perto das ſinco. Do que ſe ficou colligindo ao certo, que ſabia ter nellas o remate de ſeus trabalhos: Porque tanto que ſoaraõ no relogio, queixandoſe das dores, e dizendolhe huma Madre, que rezaſſe a Oraçaõ, *Humilis Virgo*, e foia dizendo com devoçaõ, e clara pronunciaçaõ: e chegando á ultima clauſula, que diz: *Ut hunc meum gravem dolorem vertas in magnam conſolationem*; diſſea com voz alta, e grande fervor: e logo rendeo o eſpirito com tanta quietaçaõ, e ſem fazer geito, nem deſar, que pareceo entrar no que pedia na oraçaõ, mais que em acabar. Tambem ſe notou com particular advertencia de todas, que na hora, que eſpirou, ſe veſtio o roſto defunto contra toda a razaõ natural, de huma cor taõ viva, e graça taõ extraordinaria, que pareceo tornado aos annos da mocidade, em que diziaõ, tivera fama de fermoſa; e por verem tal prodigio, ſe naõ atreveraõ as Madres, que a amortalharaõ, á lhe pregar o Veo ſobre o roſto, como he coſtume. E até nos Frades, que vieraõ ao enterro, cauſou maravilha o que viraõ. Devemos a taõ raro eſpirito, naõ paſſarmos daqui ſem fazer lembrança, que vieraõ pera eſta caſa tres irmãas ſuas. Duas, que ſaõ defuntas, e huma, que vive. Da viva naõ diremos nada, porque eſta hiſtoria he ſó de mortos. Salvo que entrou já terceira vez no cargo de Prioreza. Das defuntas a Madre Soror Maria do Preſepio, que era mais velha, com ſer ſempre indiſpoſta, nunqua ſe izentou de ſervir no que a obediencia a occupava: e viveo quaſi ſetenta annos. A outra, que ſe chamava Soror Catharina de S. Joaõ, foy duas vezes Prioreza; e de ambas as irmãas em Religiaõ, virtude, e governo, ouve ſempre grande ſatisfaçaõ neſta Communidade. Razaõ he tambem, que fique em memoria a oraçaõ, pela devoçaõ, que neſta caſa ſe lhe tem, e beneficio, que as Religioſas achaõ nella. Diz aſſi: *Humilis Virgo Maria, per illum dolorem, quem ſenſiſti ad pedem Crucis, deprecor te, ut hunc meum gravem dolorem vertas in magnam conſolationem.* A ſignificaçaõ he: Peçovos humilde Virgem Maria, por aquella dor, que ſentiſtes ao pé da Cruz, que eſta, que me atormenta, torneis em grande conſolaçaõ.

A Madre Soror Maria do Preſepio.

A Madre Soror Catharina de S. Joaõ.

Por differente via, mas eſtranha, e eſpantoſa, honrou o Senhor neſta Caſa outras duas Madres, de que diremos brevemente. Foy Diſcipula, e grande imitadora da Madre Soror Antonia das Chagas, de quem atras eſcrevemos, a Madre Soror Briolanja d'Annunciaçaõ: e fez taõ verdadeiro o proverbio: De bom Meſtre, bom Diſcipulo: que ſem dizermos mais della, lhe ficavamos dando baſtante louvor. Mas teve algumas couſas muy extraordinarias, que naõ podem ficar em ſilencio. Era já de trinta annos, quando veyo pera o Habito; mas com tanta fama de virtude, que eſſa foy a melhor parte de ſeu dote. Tanto, que chegou a ver a boa velha Soror Antonia, e conſiderou

A Madre Soror Briolanja da Annunciaçaõ.

derou sua vida, determinou retratalla em sy; e acertou a obra maravilhosamente. Seja exemplo, por naõ particularisarmos tudo, que vindo a adoecer de huma cruel infirmidade, que a teve dezasete annos em cama: e sendo assi, que o mal continuo faz os enfermos aborrecidos, e descontentadiços: Taõ mortificada estava, e taõ entregue a padecer de vontade, que se huma Religiosa lhe trazia da horta huma flor, ou ramo verde; nem os olhos lhe queria pôr, nem tomar o cheiro: reconhecia a caridade, e dava graças a Deos; mas engeitava o alivio. Se outra lhe queria lançar hum borrifo (que em fim só onde ha molheres, geme menos o enfermo) fugia com o rosto, por fugir a toda a consolaçaõ. Sendo os males, que padecia, inconportaveis, e sua paciencia sempre igual a elles, chegou a estado, que se persuadio, que acabava, e pedio os Sacramentos. E acabando de receber o da Santa Eucharistia com a devoçaõ, e espirito, de quem cuidava, que morria, foy o Senhor servido, que no mesmo momento perdesse o juizo, e ficou douda de todo o ponto (caso portentoso, e triste) e assi viveo alguns annos. Mas no cabo delles, mostrou a Divina Bondade o grande cuidado, que tem de todos, os que o bem servem, por hum modo muy extraordinario, e de grande consolaçaõ: Pera que animosamente, e em todo o estado nos resignemos sempre nas mãos de sua Providencia, e beneplacito. Acabou Soror Briolanja o curso de sua vida, sem melhorar em sizo. Mas eis que acabando, se ouve por toda a casa suave melodia de vozes. Espantaõse todas, e todas buscaõ, quem canta. Naõ se achaõ cantoras, nem cessa o canto. Em fim, naõ se duvidou serem Musicos celestiaes, os que se deixavaõ ouvir, e naõ ver. E que com Alleluias, em lugar de versos funerais vinhaõ buscar a santa Alma. Contase por maravilha do habito, que nesta Madre tinha feito a prontidaõ da obediencia (e daqui se póde fazer juizo, de qual seria nas outras virtudes) que succedendo intentar alguns desconcertos com a furia do mao humor, naõ era necessario mais, que dizerlhe da parte da Prelada, que tal naõ fizesse; logo parava, e obedecia, como se ouvindo aquelle nome, tornara a beber o sizo, e ficara Senhora de todas suas potencias. Faleceo no anno de 1609. Era natural da Villa de Thomar, e da melhor gente della.

Eccl. 36.

1609.

A Madre Soror Brittes do Rosario.

Cercada dos mesmos Musicos, e com a Alma igualmente pura, e de grandes virtudes acompanhada, caminhou pera o Ceo a Madre Soror Brittes do Rosario no anno seguinte de 1610. Tinha servido, e trabalhado em muitos cargos com grande talento pera todo o governo, e mais particular pera o temporal. Mandoulhe Deos huma doença de gota taõ despiedada, que todos os membros lhe torceo, e descompoz, e encheo de nos, com que ficou em hum continuo purgatorio de dores; mas no meio dellas eraõ grandes os ganhos de sua Alma, como diamante de preço, que se vay lavrando, e pulindo á força, e por discurso de tempo na roda do Lapidario, pera depois se engastar na Coroa de

1610.

hum

hum grande Rey: Assi purificou o Senhor esta Alma em hum fogo de martyrios continuados por muitos annos. Padecia o corpo, enfraquecia, consumiase, engrossava com seu dano ao mesmo passo, e engordava o espirito: Mas quando foy tempo de lhe dar lugar na sua Coroa de Bemaventurança, e nos muros da Celestial Jerusalem, cuja fabrica he toda de pedras preciosas, começou a chover sobre ella sobrenaturaes mimos, e favores. Foy o primeiro, darlhe claros sinaes do fim da batalha, que avia de ser principio de sua gloria. Porque dizendolhe o Medico huma manhãa, que estava pera devagar: entaõ pedio os Sacramentos, e affirmou, que morria, e naõ tardou em entrar no ultimo conflicto. Aqui se vio segunda Misericordia do Divino Esposo. Taõ desassombrada, e livre de agonias estava, quando ellas costumaõ a ser mayores, que cerrou os olhos como pera dormir; e fez cuidar ás Madres, que dormia. Temeraõ ellas, porque a hora era mais de vigia, que de sono, e descuido: Chamaraõ por ella, disseraõlho, e ella com repouso respondia: Deixemme, Madres, que estou amando, e gozando, e neste estado espirou, e dormio no Senhor. Por onde ficou menos de espantar o terceiro, e ultimo favor, começou a Communidade a chamar pelos Sacramentos, como he costume, que acudissem com seu soccorro áquella Alma, e pelos Anjos, que a viessem buscar com os versos santos da Igreja: *Subvenite Sancti Dei: Occurrite Angelicæ.* E foy o Senhor servido, pera consolaçaõ das Madres, e honra da defunta, que promptamente se achassem com ella, e ainda que naõ vistos, com canto, e vozes claras publicassem sua presença. Naõ me canço em encarecer a certesa destes dous casos de musica celestial, ouvida, e dada por Musicos; invisiveis, porque escrevo em tempo, que vivem a maior parte das Religiosas, que foraõ presentes. A quem tiver escrupulo, peço, que o naõ deponha, sem fallar com ellas.

1609.

A Madre Soror Brites do Rosario.

1610.

CAPITULO VIII.

Das Madres Soror Maria de Jesus segunda, e Soror Isabel da Encarnaçaõ.

COmo filha, que era de gente virtuosa, e honrada, começou a Madre Soror Maria de Jesus (que pera differença de outra, de quem temos tratado, chamaremos segunda) desdos primeiros annos darse a Deos, e seguir os caminhos da virtude. E esta lhe deu confiança, como foy crescendo, e teve idade pera poder tratar de sy, pera pedir a seus pays, que lhe dessem vida em Religiaõ, porque sua tençaõ era naõ querer nada do mundo: o que por palavra dizia, viaõ elles, que pediaõ suas obras. Porque de noite a achavaõ muitas vezes, hora levantada, e posta em Oraçaõ, hora dormindo no sobrado, ou ladrilhos. De dia naõ avia de comer, sem fazer partilha com os pobres, uzando de charidade, e fazendo abstinencia: Duas virtudes em huma só obra. Vendo ella que corriaõ os annos, e que seus pays lhe naõ diffiriaõ, buscou caminhos, e mandou tratar

tar com as Madres do Mosteiro da Madre de Deos, que a quizessem receber. Chegou o trato á noticia dos pays, a tempo que naõ faltava mais pera se effectuar, que a ida de Soror Maria. Resolveraõse entaõ em lhe fazer a vontade; mas porque conheciaõ fraqueza em sua complexaõ, consentindo no estado, que dezejava, naõ vinhaõ na Casa, que escolhia; porque a julgavaõ por demasiadamente rigurosa pera ella. Por remate vieraõ a concordar, que entrasse, nesta, era já de dezanove annos, quando entrou; e como eraõ annos bem gastados, iguaes no modo de proceder a hum bom noviciado, parecia entre as Noviças, ou Mestra, ou Freira velha. Perdemse mal as manhas da mocidade, quer sejaõ boas, quer mas. E por isso se disse, que val muito avezar bem nella. Deuse com as mortificaçoens, que achou na Ordem, como com paõ cazeiro, e parecendolhe, que o estado a obrigava a mais, do que fazia secular, tinha por pouco cilicios, disciplinas, e abstinencias. Busca huma taboa, poina sobre o colchaõ, lançalhe a manta por sima, para naõ ser vista. Com este furto fazia guerra ao sono, e ao descanço; mas porque naõ bastava pera desterrar o sono, vencidos os membros, ou do trabalho do dia, ou do costume da jasida; tanto que sentia, que a Communidade dormia, deixava a taboa, pregava os joelhos em terra, passava a noite em Oraçaõ: Nella, como era buscada por taes meyos, lhe fazia o Senhor sinaladas merces, que com humildade, e sogeiçaõ communicava a sua Mestra, que hoje vive, e affirma, que eraõ cousas grandes, e que diziaõ bem com sua vida. Mas o Confessor do Convento, que entaõ era o Padre Frey Manoel d'Arvellos, pessoa de virtude provada, as abonava por novo modo, confessaraa muitas vezes, e algumas geralmente, e dizia, que eraõ taes suas confissoens, que mereciaõ fazerse mais caso dellas, que de todos os mimos do Ceo, por grandes que fossem. De huma e outra cousa era boa prova huma grande inveja, que o Inimigo commum lhe tinha, com a qual a persequia, e inquietava nos tempos da Oraçaõ: fazialhe medos, e ruidos, que se bem lhe causavaõ pavor, nunqua a espantaraõ tanto, que perdesse a constancia de buscar o Senhor.

Mas he de pouca dura tudo, o que de bom tem estremos. Fizeraõ forte impressaõ no sogeito fraco de Soror Maria as demasias, que usava em se maltratar. Assi a puzeraõ depressa no fim da vida. Adoeceo pouco depois de professa de huma febre aguda, que se fez continua, seguiose sangue pela boca; parou em Etiguidade. Foy curada com cuidado; mas o mal naõ obedecia a nenhum remedio. Buscouse o ultimo, que sendo em outra gente de proveito, pera ella foy de morte. Mandaraõ os Medicos, que a levassem á naturesa. Consentio a Communidade pelo muito que lhe dezejava a vida. Só ella resistia com a vontade, e com o entendimento, affirmando, que era piedade matadora, a que usavaõ com ella; e naõ faltavaõ opinioens de pessoas, que a conheciaõ bem, que mais pode-

rosa avia de ser pera a matar a saudade do Mosteiro, e santa clausura, que a naturesa do lugar, em que nascera, pera lhe dar saude. E assi aconteceo; sendo o sitio, e Ceo muy benigno, qual he o de Collares districto de Cintra, naõ só naõ melhorou nunqua; mas a passos contados se lhe foy aggravando o mal. Sentio que acabava, pedio por misericordia, e ultima consolaçaõ, que a tornassem aos olhos dus suas Religiosas. E foy taõ crescido o contentamento, que sua alma recebeo o dia, que se vio entre ellas, que ás que lhe perguntavaõ, como vinha, naõ sabia responder outra cousa por extremo de encarecimento, senaõ que já alli estava: Que era o mesmo, que dizer, estava em posse de tudo, o que na vida podia dezejar. Este gosto teve poder, pera lhe estender a vida desoito dias, que empregou todos em louvores do Divino Esposo, e em graças de lhe dar lugar de vir acabar entre aquellas santas paredes. E acabou naõ só quieta, e alegremente; mas com alvoroço de quem sabia que passava á melhor vida no anno de 1611. Pera consolaçaõ dos parentes, será bem, que fique nestes escritos o nome de seus pays. Chamavaõse Antonio Rodriguez d'Aroche, e Lianor Coelha.

1611.

A Madre Soror Isabel da Encarnaçaõ.

Outro raro espirito em desprezar o mundo, e amar á Religiaõ deu a esta Casa Henrique de Menezes, Fidalgo honrado, e conhecido, na Madre Soror Isabel da Encarnaçaõ sua filha. Espirito taõ bem fundado, que juntandose o mundo com seus pays a lhe fazer guerra pela desviarem do caminho da perfeiçaõ; sempre elles, e elle ficaraõ vencidos della. Foy o primeiro combate dos pays, apertarem com todas as forças, que os sizudos, e virtuosos pays podem usar com filhos, que amaõ, porque cazasse: e tanto era maior a instancia, quanto mais entregue a viaõ ao amor da virtude, e recolhimento. Porque com este se fazia em seus olhos mais digna de a dezejarem ver rica, e honrada na terra. Mas ella que em seu coraçaõ se tinha dedicado de todo a Deos, declaradamente lhes dizia, que por nenhum caso avia de cazar. E porque naõ cessavaõ de provar forças em a persuadir, fez hum acto, com que de todo os dezenganou, que foy amanhecer hum dia com toalhas lançadas, significaçaõ de quem se entrega á profissaõ, e cuidados de velha. Passaraõ tempos, faleceraõ os pays; mas inda na morte quizeraõ obrigalla a ficar no mundo. Porque inda que tinhaõ outros filhos, e filhas, juntaraõ nella muita fazenda de prazos, e nomeaçoens, com que ficava rica, e a seu parecer delles necessitada de buscar marido, que lha ajudasse a governar. E esta foy a segunda parte da guerra, que o mundo lhe fez. Porém Dona Isabel de Goes de Menezes, que assi se chamava antes de Religiosa; porque naõ ouvesse cousa, que a obrigasse a enfraquecer em sua determinaçaõ, descarregouse depressa da herança, por hum modo muito santo, que foy renunciandoa em sua irmãa Dona Cicilia de Menezes pera casar (como cazou) com Dom Antonio d'Almeida. Livre do peso, que sentia com a fazenda,

zenda, começava a tratar de vida mais estreita: Eisque se levanta nova bataria, e novo cuidado. Morre Dona Cicilia, e pouco depois hum filhinho, que deixara; tornalhe a entrar por casa toda a herança assi como á dotara: Por este modo andavaõ com ella em contenda os bens da terra, ella a engeitallos, elles a buscalla; mas em fim ficou de sua parte a vitoria. Porque determinada a ser pobre por Christo, fez segunda cessaõ de todos, largandoos a seu irmaõ Joaõ Mendes de Menezes; e porque nunqua mais a tornassem a embaraçar, pedio o Habito, e fez profissaõ nesta Casa.

De sincoenta annos era Dona Isabel quando começou a ser noviça: com tanto gosto de se ver tornada á primeira idade entre as mininas do Mosteiro, que todas as vezes, que a chamavaõ pera Matinas, era sua primeira palavra: *Louvado, exalçado, e glorificado sejais Senhor, que me trouxestes á vossa Casa.* E isto dizia em hum affecto taõ brando, e taõ reconhecido do bem, que achava em ser Religiosa, que causava devoçaõ, e lagrimas em quantos a ouviaõ. Era devotissima do Santissimo Sacramento, e a essa conta tomou o nome da Encarnaçaõ. Gastava diante delle muitas horas, e procurava sempre, que em seu dia ouvesse Missa solemne, e prégaçaõ, e muita festa, tomando o gasto á sua conta, e acrescentando com alguma cousa o jantar da Communidade. Quando vinha o dia de Natal buscava sempre huma boa esmolla, que mandava á honra da Virgem Mãy ás Freiras Carmelitas Descalças: e o mesmo fazia por dia do Patriarcha S. Joseph. Mortificavase muito, e de muitas maneiras. Nunqua deixava o jejum rigurosо; nem nos dias que na Communidade ha dispensaçoens. Do seu jantar partia de maneira, que se mantinhaõ delle duas bocas, que eraõ ella, e huma pobre cega. De contino se occupava em traballiar de mãos, hora remendando os vestidos das servidoras, hora fazendo redes pera a Sancristia. As enfermas visitava com charidade, e servia com humildade. Com vida taõ bem gastada, foy Deos servido, que viesse a perder a vista, e ficar cega de todo. He na Religiaõ muito trabalhosa de levar qualquer infirmidade, pelos poucos mimos, e muitas faltas, que ha pera os particulares. Permissaõ Divina, pera mais merito de quem a busca. Na cegueira saõ as miserias mayores: Davalha Deos, porque gastava quasi todo o tempo com elle, diante do Santissimo Sacramento: Estando por tal estado bem privilegiada pera os rigores da Ordem, nunqua deixava de se levantar a Matinas á meya noite: Pagavalhe o Senhor com huma merce muito soberana, e era, que estando totalmente carecida da vista, davalhe sua Divina Misericordia vista, e olhos todas as vezes, que chegava a commungar, consolandoa com lhe mostrar a Sagrada Hostia. Affirmavao ella, e era bastante testemunho, por ser seu, e porque o acreditava com setenta annos de vida inculpavel. Mas quem em tal tempo punha os olhos nella, bem comprehendia no geito, e semblante, que lhe naõ faltava vista, e que via cousa, com que mui-

2. ad Corint. 12.

to se alegrava. Foy contrapeso deste favor, permittir Deos, que como outro Paulo fosse perseguida do tentador, assi cega, e no cabo da vida, naõ se podia ver livre delle; humas vezes armandolhe desconfianças da salvaçaõ, outras representandoselhe no entendimento, fallandolhe claramente, importunandoa, e quebrantandoa: Porém naõ se esquecia oSenhor misericordioso, de quem com seu favor vencera a carne nos Pays, e o mundo na fazenda, davalhe tambem victoria do Diabo. E era de sorte, que já naõ fazia caso delle. Neste estado lhe deu hum accidente de apoplexia, que se bem a levou repentinamente no anno de 1614. a verdade he, que o criado, que traz limpo, e certo o livro do seu cargo, pouco arrecea a hora de ser chamado pera contas. Na Religiaõ nunqua a morte he subita, ou naõ cuidada; pois a primeira cousa, que de boa entrada nos daõ nella, he huma mortalha, e seu responso em sima. Pera quem anda, como deve a tal estado, por ventura, que he mais misericordia hum fim arrebatado, que lutar com a fraqueza, e accidentes da ultima despedida, e com as fantasmas, e enganos do tentador.

1614.

CAPITULO IX.

De Soror Guiomar de S. Paulo, e Soror Maria Bautista Irmãas Conversas.

Restanos dizer de duas Irmãas Conversas, que começando em servidoras seculares, procederaõ com tanta virtude, que se igualláraõ com os espiritos mais levantados do Mosteiro. E ainda que pela conta dos annos tinha huma dellas seu lugar mais atraz, damoslhe este em razaõ do estado, em que ambas começaraõ, e do em que acabaraõ. Foy a primeira Soror Guiomar de S. Paulo, dotada de taõ boas partes em humilde nascimento, que obrigaraõ á Communidade a recolhela comsigo. O nascimento era ser filha de huma veleira, mulher de bem, que avia muitos annos servia a Casa: As partes eraõ; bom juizo, humildade, modestia, e recolhimento. Foy admittida pera servidora secular, como entaõ se costumava. Entregouselhe por primeiro posto de sua obrigaçaõ a cosinha. Aqui começou a servir com cuidado, e limpesa; e como era moça, e trazia forças, fazia mais só, que todas as companheiras juntas: E taõ alegremente, que mostrava folgar de as descançar á custa de seu braço. Mas o que mais espantava, era, que acabado o trabalho do dia, naõ se aproveitava da noite pera descançar na cama. Seu descanço era gastar a mór parte della orando, e este lhe fazia acharse com dobrado animo pera trabalhar no dia seguinte. Assi juntava a vida contemplativa com a activa, e em ambas mostrava notavel valor. Porque naõ tendo momento ocioso na activa; pera ajudar a contemplativa, sabia usar de muita abstinencia, e de muitas, e varias penitencias; e com tanta sede se empregava em cada huma, como se só aquella estivera á sua conta. No que era amor de Deos, naõ avia Freira mais afervorada; no que trabalho de mãos, nenhuma servidora taõ diligente.

A Madre Soror Guiomar de S. Paulo.

te. Affirmavaõ duas Madres, que ſabiaõ muito della, que tinhaõ eſtes fervores ſua raiz em muitos mimos, com que o Amador das almas puras recreava, e ſevava a ſua na Oraçaõ. E ſegundo iſto naõ era maravilha voar, quanto mais correr, como corria; pois tinha tomado o cheiro dos unguentos, e boticas celeſtiaes. Tinhaſe por grande ſinal, que no maior peſo do trabalho, quando as outras arrebentaõ em raivas, e eſquivanças, naõ avia mais brandura, nem melhor ſombra que a ſua. As palavras eſpiravaõ fogo d'Amor de Deos: no ſerviço era a meſma charidade, que eſta teve ſempre em ſummo gráo. Mas ſaõ fracas as naturezas deſte tempo, por muito robuſtas que ſejaõ, pera aturar demaſia de trabalho junto. Paſſados alguns annos, ſentioſe a humanidade, e foy deſcubrindo, que naõ podiaõ chegar os membros, onde os levava o coraçaõ: E como navio, que ſoçobra com ſobeja carga, veyo a cahir, de puro exhauſta, e conſumida de forças, em huma forte doença, que lhe durou muito tempo, e della ficou cortada, e como tolhida pera poder tornar aos fios do primeiro ſerviço. Trocouſelhe entaõ a occupaçaõ antiga em outra mais leve. Foy mandada ajudar na veſtiaria, officio menos cançado. Porém era no ſeu animo o deſcanço improprio. Sem faltar na veſtiaria, acudia a tudo o em que via, que podia preſtar no Convento. Já ajudava a lavar, já ſervia as enfermas. E ſobre tudo avia de rezar o Officio Divino, e buſcar tempo pera iſſo; coſtume que uſava já, quando veyo de fora. E naõ pode acabar comſigo deixallo, por grande que foſſe a occupaçaõ de Caſa. Porque ſua devoçaõ era tanta, que nos dias Santos naõ faltava nunqua no Antecoro, a ouvir os Officios Divinos; e nos feriaes acudia ao meſmo lugar, cercada de ſua cuſtura, pera aſſiſtir a elles com o coraçaõ, e a ella com as mãos, e olhos. Sendo aſſi devota, era outro extremo de humildade. Podendo receber o Habito de Converſa, e fazer ſua profiſſaõ, pela Ordenaçaõ que o Geral Xavierre deixou neſta Provincia, quando a ella veyo, naõ ſe atrevia a cuidar em tal, quanto mais procurallo, julgandoſe em ſeu penſamento, por indigna de tanto bem, e parecendolhe que por velha, e fraca o deſmerecia: Eſtas duvidas, e eſcrupulos, que ſua humildade lhe fazia, veyo em fim a vencer já no cabo da vida: e profeſſando no dia da Converſaõ de S. Paulo em Janeiro de 1609. acabou ſua carreira logo no mez de Março do meſmo anno. Contaſe, e he couſa digna de conſideraçaõ, que na hora, que ſe ſentio doente, como ſe tivera revelaçaõ, que avia de acabar logo, cayou, e alimpou a ſua officina da veſtiaria: e entaõ ſe deitou pera morrer.

1609.

Pelos meſmos paſſos, e quaſi ſem nenhuma differença correo a Irmãa Soror Maria Bautiſta, taõ ſerviçal em tudo, o que tocava á Communidade, taõ humilde, e taõ de boa graça no ſerviço, e naõ menos devota, e amiga de gaſtar muitas horas diante do Santiſſimo Sacramento. Dezaſete annos avia, que ſervia com eſtas qualidades, e

Soror Maria Bautiſta.

e provaçaõ, quando foy recebida ao Habito de Conversa, pela Ordenaçaõ, que atraz referimos do Geral Xavierre. Vendose Freira, e obrigada a mayor perfeiçaõ; cresceo em grande amor de pobreza, e dezejos de acrescentar, e melhorar tudo, o que tocava á Communidade, com tamanho excesso, que parecia naõ lhe lembrar outra cousa, nem de outra ter gosto. Virtude he esta, que o Senhor muito estima, e com grandes interesses costuma remunerar. E nosso Padre Santo Agustinho regula por ella, o que cada sugeito aproveita na vida Religiosa: Boa prova temos em hum caso, que por accidental contaremos, mas que teve muito de prodigioso, entre todas as pessoas, que delle souberaõ. Era dia de Communhaõ: Maria Bautista tinha a cargo cozer o paõ no forno, lançando medida ao tempo, que avia mister pera aquelle serviço, entendeo, que o naõ podia acabar a horas, que acompanhasse a Communidade, e disso advertio logo á Madre, que tinha á sua conta apontar o numero, das que commungaõ. Com tudo ficando chea de pezar, por aver de carecer de tamanho bem, apertou com o que fazia, e tanto que lhe deu remate, foyse correndo ao Coro; mas era a tempo que acabava de todo a Communhaõ. Disseraõlhe o que se passava, e ella o vio por seus olhos, e todavia chegouse ao sitio, que fora mesa do sagrado pasto, pera suas Irmãas: Poz os joelhos em terra, sentida de ter tardado; porém quieta em sua Alma; porque considerava com humildade, que sobejarlhe occupaçaõ em serviço forçado da Communidade, fora causa de perder ella o bem que a mesma Communidade gozara. Acudio a Prioreza, quando a vio, e pedio com efficacia ao Padre, que ministrara o Sacramento, que visse se sobejara alguma forma, pera consolar huma Religiosa, que tardara. Respondeo elle, que naõ ficara nenhuma, e com tudo por se ratificar, tornou a ver o vaso, e porque o achou despejado, mandou lançar agoa pera o purificar: senaõ quando vê com espanto, nadar sobre a agoa huma forma. Foy ministro desta Communhaõ o Padre Frey Francisco Pereira, que era Confessor no Mosteiro, velho na idade, e essencial Religioso, e naõ falto de vista, nem desatentado. Assi fez tanto caso do succésso, que lhe naõ esqueceo depois de commungar a Religiosa, perguntar, quem era. E quando o soube, espantouse menos, e consolouse muito: Porque tinha della grande conceito por suas confissoens. Naõ damos milagre no caso. Mas conhecemos em Deos tanta misericordia, pera com as almas, que de virtude o buscaõ, e se empregaõ no remedio daquelles, que o servem, que cremos facilmente, o que se conta do Frade Leigo Cisterciense, que assistindo na Granja entre os segadores, sentio de faltar na festa, que se fazia no Mosteiro, lhe deu o Senhor no meyo do monte vista della, e de toda a solemnidade taõ particularmente, como se no Mosteiro se achara. Depois de muitos annos cahio Soror Maria em doença como Soror Guiomar, e veyo a parar como ella na vestia-

Prado Espiritual.

vestiaria. Mas era o seu mal mayor. Foy hum genero de gota, que os Medicos chamaõ, Nodosa, que lhe torceo pés, e mãos, e de todo a impossibilitou pera mais servir. E ainda assi era taõ inimiga de ociosidade, que sofria o tormento das dores melhor, que o naõ fazer nada: e acontecialhe mandar apertar as mãos pelos pulsos com ourellos, pera poder tomar a agulha, e ser de proveito em alguma cousa. Cresceo o mal com a idade, e acabou martyrisada delle: Mas taõ sofrida, e conforme com a vontade de Deos, que hum Padre dos mais graves, e Doutos da Provincia, que a confessou na ultima doença, se espantou, e edificou muito do que achou nella. Faleceo por Dezembro do Anno de 1618.

1618.

CAPITULO X.

De algumas particularidades notaveis deste Mosteiro, e da sua Igreja.

ALem dos bons costumes, que atraz dissemos, que como ley ficaraõ assentados nesta Casa; pela boa industria das Fundadoras, ha outros muitos, que agora apontaremos, que se devem somente ao bom espirito das Successoras. O que acho de mais estima, he a constancia, com que dando por tres vezes peste na Cidade desdo Anno de 1568. a esta parte, e tal, que ouve muy poucos Mosteiros, que senaõ despejassem, só neste aturaraõ em todo o tempo, até as mininas, que alem de naõ estarem obrigadas á clausura, era nellas maior o perigo, como em sogeitos mais fracos, e naõ bastou na primeira peste (que por primeira, e pelo grande estrago, que fez, se chama inda hoje a grande: e foy a do Anno de 1569.) verem estas Madres arder em accidentes pestilenciaes temerosos huma Noviça, pera perderem o animo, e a determinaçaõ. Curaraõ a enferma charidade, e por ella quiz Deos, que tivesse vida. Na segunda se ferio, e curou tambem huma Religiosa velha; e nestas duas parou o mal, sendo o trato taõ mistico, como he com enfermas, o de enfermeiras charidosas: e andando a contagiaõ taõ acesa, e desenfreada, que dos servidores de fora naõ escapou nenhum de morto, ou ferido. Toda via o medo, e o perigo amoestou as Religiosas, a buscarem algum remedio mais particular, pera se valerem, sobre o geral de Oraçoens continuas, e mortificaçoens, que faziaõ, pareceo inspiraçaõ Divina, e foy este. Juntouse a Communidade, cortaraõ papeis, escreveraõ por elles os nomes dos Santos, que a Igreja costuma invocar em suas necessidades, entrou o da Virgem Sagrada Mãy de Deos, repartido em tantos bilhetes, quantos saõ os titulos de suas festas, com que alegra o mundo; misturados todos, e lançados em hum vaso. Assentaraõ tomar por Padroeiro pera diante de Deos, o que lhes sahisse, como dado por elle. Seguiose affectuosa Oraçaõ, qual pedia a necessidade. Meteo huma minina a maõ naquelle vaso, e tirou o nome da Virgem com o titulo de sua Santissima Conceiçaõ. Desde entaõ ficou acordado, celebrarem cada anno esta

1568. 1569.

esta ditosa esta, e sorte com particular festa de seu dia, e com solemne procissaõ pelos claustros. Valeolhes a Santa Padroeira, pera naõ entrar mais contagiaõ, daquellas portas pera dentro, e o agradecimento dura inda hoje na continuaçaõ da festa, e procissaõ.

Mas naõ teve mais poder a guerra, que a peste, pera aballar estas Religiosas, a deixarem o santo encerramento. Entrava o exercito do Duque d'Alva no anno de 1580. Foraõ advertidas dos parentes, que fugissem do perigo, visto estarem fora dos muros da Cidade, com nenhuma se pode acabar, e foraõ gravissimos os sobresaltos, que lhes custou a estada nos dias do saco: Nas portas da portaria deu o primeiro acometimento dos que saqueavaõ: Começaraõ a fendellas com machados, e outros instrumentos, muita gente junta. Estava a Communidade no Coro, pedindo misericordia diante do Santissimo Sacramento, que da Igreja tinhaõ recolhido consigo, humas em voz com Psalmos, e Hymnos, outras em silencio com suspiros, e gemidos d'Alma: ferindo nos coraçoens despavoridos cada golpe, que soava nas portas. Neste caso foy Deos servido, dar espirito a hum soldado honrado Castelhano, que acudio com valor, e os fez deixar a obra, e ficou com outros em guarda das portas: Devemoslhe nome, e graças do beneficio, chamase Contreras. Passado este medo, e parecendo que ficavaõ de todo em paz, porque veyo logo hum Capitaõ, mandado pelo Duque pera guarda do Mosteiro: entraraõ em novos tremores, acudindo gente nova com tanta cobiça, e furia, que arrombou as portas da Igreja, e levou o que nella avia a pesar do Capitaõ, e soldados de sua companhia; mas sem intentar outra cousa, passou a diante. No que se vio claramente de como estava pelo Mosteiro o favor Divino.

1580.

Na vinda da gente Ingresa, nove annos adiante no de 1589. foy necessario preceito dos Prelados, e advertencia, que o aviaõ com Hereges, pera sahirem algumas Religiosas: e todavia ficaraõ as Preladas com muitas velhas acompanhando as santas paredes.

1589.

Foy sempre estimada esta Casa dos Principes deste Reyno, e tida por sua Religiaõ em grande conta de todos. Em particular a visitavaõ amiudo a Raynha Dona Catharina, e a Infanta Dona Maria, tratando as Religiosas com hum amor, e affabilidade mais que ordinaria. E foy obra, e traça da Rainha o modo de Cellas, que hoje usaõ. Eraõ as antigas huma simples divisaõ de huma cortina de lenço entre cada leito. Pareceo á Raynha, que seria a vivenda mais quieta, e mais solitaria, se ouvesse maior separaçaõ: mandoulhas atalhar com frontaes de ladrilho, e querendo cerrarlhes do mesmo por diante, naõ aceitaraõ as Madres o favor, allegando ser mais Religiaõ, ficarem abertas, e patentes aos olhos das Preladas, e ficaraõ como no tempo atraz, só com suas cortinas. E he de saber, que neste Mosteiro naõ tem nenhuma Freira outra casa, nem recolhimento particular, mais que esta cella. Nella pera gazalhado de suas pobres alfayas tem

tem cada huma seu almario de bordo, que entre ellas se chama trepeça, cousa piquena, e de pouco feitio. Assi como naõ tem casas particulares, tambem naõ ha quem tenha particular criada, mais que as que servem o Mosteiro em commum. E nestas ha huma ordem, com que a Communidade he muito bem servida: Aqual he, serem as servidoras Freiras Conversas, trazerem Bentinho preto, e veo branco, terem seu dormitorio, e refeitorio, e Coro separado com particular Mestra, que as governa, e lhes faz seu Capitulo, e as reprehende, e castiga. O principio desta traça nasceo do grande juizo do Geral, e Cardeal Frey Jeronymo Xavierre, quando cá esteve. Mas sendo proposto por elle a todas as Casas da Provincia, em nenhuma se sustentou, senaõ nesta: e o poderse sustentar, nasce das circunstancias, que temos dito, que a mantem, e conservaõ com grande satisfaçaõ da Communidade. E porque a cobrança das tenças particulares, que quasi todas as Religiosas possuem com licença, era occasiaõ de cuidado, e distraiçaõ continua pera cada huma, tomou o Mosteiro a cargo, arrecadar todas por sua via, e postas em maõ da Superioreza, que he depositaria, recebe cada huma o que ha mister, do que lhe toca, forrando muito trabalho, e escuzando comercios, e tratos fóra de casa, e nada se expende sem expressa licença da Prelada, que declara o quanto, e em que.

Na Igreja se tem feito tanta obra de poucos annos a esta parte, de dourados, e pinturas, e boa pedraria, que em seu tamanho está Templo rico, e perfeito: O tempo deste augmento, e o em que estas Madres tomaraõ posse da Casa, e lhe deraõ nome, se declara em huma letra entalhada sobre o frontispicio da porta, que diz assi: *Deiparæ Virgini Mariæ Annuntiatæ dicatum. an. Dom.* 1539. *Denuo amplificatum. an. Dom.* 1607. He a significaçaõ: Dedicouse este Templo á Annunciaçaõ da Virgem Maria Mãy de Deos no anno do Senhor de 1539. E foy de novo ampliado no de 1607. A Sanchristia está provida de muita prata, e ornamentos ricos de Tellas, Brocados, e Bordados: e o que val mais que tudo, de Reliquias de Santos, muito provadas, e ornadas de engastes ricos: Entre as quaes se vê a Cabeça de huma das onze mil Virgens, dada a estas Madres pela Raynha Dona Catharina, de quem pouco ha fallamos. Este concerto exterior da Igreja junto com o interior da Religiaõ deu occasiaõ a se fundarem nella algumas Irmandades, que a tem muito frequentada de Sacrificios, e Festas solemnes. He huma do nosso Santo milagroso de Pollonia S. Hyacintho, cuja Capella compoz, e paramentou pouco depois de sua Canonisaçaõ, huma Religiosa obrigada de hum grande milagre, que por ella fez. Alguns temos contado deste Santo no discurso desta Historia. Naõ determino deixar nenhum dos que ella nos trouxer em proposito, em graças de huma grande obrigaçaõ, em que este Reyno lhe está pelos muitos, que nelle tem obrado. Passava de tres annos, que a Madre

Maria das Chagas padecia huma gravissima doença com grandes accidentes, grande fraquesa, e febre taõ continuada, que senaõ esperava menos, que dar em Etica. Naõ ficou Medico em Lisboa, que naõ consultasse, nem medicina, que naõ provasse, sem já mais obedecer, nem aplacar o mal. Neste estado soube, que se assentava o retabulo na Capella, que as Madres tinhaõ levantado ao Santo no Coro debaixo. Pedio, que a levassem a ella, e encomendandose ao Santo, fez proposito de naõ admittir mais remedio da Fisica, e esperallo só de sua intercessaõ, e valia com Deos; e offereceulhe visitar com todo seu mal esta Capella tantos dias, e rezarlhe tantas Ave Marias, quantos foraõ os annos, que viveo na terra. Era a Romaria muito custosa pera o estado, em que estava, e pelo numero dos dias a que se obrigou. Porque o Santo viveo setenta, e quatro annos. Mas elle lhe forrou grande parte do trabalho; porque antes do termo cobrou taõ perfeita saude, que avendo delle á Quaresma poucas semanas, teve animo, e forças pera a jejuar toda, e nisso se vio tambem ser saude dada do Ceo. Agradecida do beneficio procurou, que se dedicasse ao Santo a Capella da Igreja, que atraz dissemos: ornoua do necessario á sua custa, e com huma fermosa Imagem, que a ella trouxeraõ em solemne procissaõ os nossos Religiosos do Convento de Lisboa. He o sitio desta Capella debaixo do Coro, e por isso de taõ pouco gosto dos Irmãos, que pediraõ lugar pera a Imagem em outra Capella. Assi fica o Santo com tres sitios em hum só Mosteiro, que saõ duas Capellas, huma dentro, e outra fora, e a que occupa com a Imagem no Cruzeiro. Todos, e mais merece o Santo. Mas vejaõ bem os Irmãos, se lhe daõ razaõ de queixa, trazendo o por Altares alheos na mesma Igreja, em que o tem proprio, e que primeiro lhe foy dedicado. Ha mais outras duas Irmandades. Huma de Saõ Lucas, instituida pelos Pintores: Outra de Santo Antonio: ambas tem suas Capellas, e bom concerto de prata, e ornamentos, e muitas Missas.

Sendo este Mosteiro em seus principios taõ pobre, como temos visto, teve sempre grande cuidado na boa eleiçaõ dos sogeitos, que se recebiaõ ao Habito, e achamos pelas memorias antigas, admittidos alguns sem mais dote, que sincoenta mil reis, tendose mais olho á virtude, e bom sangue, que ao dinheiro: Assi ordenou Deos, que crecesse em tudo. E foy bençaõ que começou com a Casa; porque logo em seu principio entrou com duas filhas huma mulher viuva moça, e virtuosa (fora cazada com hum Jannim Revelot Estrangeiro) e entre todas trouxeraõ huma grossa herança: A estas seguiraõ outras, e de proximo outras, que naõ nomeamos por hir abreviando. Com o que se sustentaõ sem aperto sincoenta, e oito Freiras de Veo preto, e vinte servidoras, ou Conversas.

Faltava alguma esmolla, que juntamente com renda fosse de authoridade pera a Casa. Esta tem dado Dona Joanna de Noronha, filha mais velha do Con-

de de Linhares Dom Francisco, que faltandolhe saude, pera acompanhar em vida quatro irmãas, que neste Mosteiro se deraõ a Deos, determinou naõ as deixar na morte. E largando o enterro de seus pays, que he a Capella mór de S. Bento de Enxobregas, por ella de novo edificada com muito custo de sua fazenda, fez contrato com este Mosteiro, de tomar sepultura dentro nelle, dandolhe cento, e oitenta, e tres mil reis de renda em padroẽs de juro, com assento de se repartirem os cento, e sincoenta entre sinco Mercieiras, e a demasia ficar pera a Casa, e ser administradora, e repartidora desta renda, depois de seus dias, e do Conde de Linhares, que hoje vive, a Prioreza, que pelo tempo for. He por esta razaõ a esmolla de grande qualidade; e porque a quantia, que se assina ás Mercieiras, he bastante pera sustentar mulheres honradas, que ficaõ obrigadas a assistirem na Igreja a horas de Missa por toda a roda do anno. O lugar da sepultura declararaõ as Religiosas em Capitulo; porque esta Senhora por sua modestia, e cortesia deixou a seu beneplacito, que seria no Coro debaixo, fronteiro da janella, e grade, que fica na Igreja. Tambem he qualidade de consideraraõ, que ha na Igreja sinco Capellanias perpetuas pera Sacerdotes seculares, que vem celebrar nella cadadia com bastante estipendio pera sua sustentaçaõ; finallado, e bem pago pelos Padroeiros das Capellas.

CAPITULO XI.

De hum estranho, e calamitoso successo, que neste Mosteiro se vio em huma Religiosa.

PEra tratar da materia, que temos proposto, sejame licito, antes de entrar nella, referir outro gravissimo caso, e de muito maior estranheza, e lastima, que conta Joaõ Cassiano em suas Collaçoens. Tresladado do Latim he o seguinte.

Pera que fique provado com exemplo fresco, como prometemos, o parecer, que nesta materia daõ Santo Antaõ, e os mais Padres, que com elle se acharaõ, torney a passar pela memoria o que ha poucos dias por vossos olhos vistes na morte do velho Heron abatido, e derrubado de grande alteza de Espirito ao extremo de toda desaventura por illusaõ do Demonio; sendo homem, que viveo neste deserto sincoenta annos, com hum estranho rigor, e guarda de todas as virtudes, e vimos, e conhecemos todos, que naõ avia nenhum morador delle, a quem senaõ avantajasse em fervor, e em tudo o mais, que na vida do Ermo se estima. Este pois foy o que caindo com lastimosa desgraça, depois de passados grandes trabalhos, encheo de dor, e magoa todos os que vivemos por estas serras. E naõ foy outra a causa, e occasiaõ de sua perdiçaõ, senaõ desviarse das regras da prudencia, e dar mais credito ás de sua vontade, e apetite, que aos conselhos de seus irmãos, e documentos dos Padres antigos. Era taõ pontual na guarda do jejum,

Coll. 2. Abb. Moysi. c. 5.

jejum, taõ amigo de estar sempre na cella, e viver só, e longe de toda a conversaçaõ, que nem pera festejar hum dia de Pascoa ouve nunqua quem alcançasse delle, que se juntasse a hum jantar, com os que eramos os seus irmãos: e sendo assi, que acudiamos á Igreja todos os mais irmãos pera solemnizarmos o santo dia; só elle naõ acabava consigo chegarse a nós, por lhe parecer, que comendo mais quatro grãos de legumes, ficava afroxando de sua constancia, ou teima. Criou daqui vãagloria, e enganado de presunçaõ, foyse deixando levar de conselhos de Satânas, como de Anjo de luz. E em fim chegou a cegarse tanto, que se lançou em hum poço, cuja altura era tal, que naõ avia vista, que de sima enxergasse a agoa. Foy o caso, que o Inimigo lhe meteo em cabeça, e assentou na alma, que valiaõ tanto os merecimentos de sua virtude, e trabalhos, que sem nenhum medo podia abalançarse a qualquer perigo; porque todos venceria, e de nenhum receberia danno. Persuadiuse, como imprudente, quiz fazer experiencia da verdade, esperou que fosse alta noite, e arremeçouse no poço. Fazia conta, que sairia sem lesaõ, e assi ficava altamente provado o merito de sua virtude. Foy sentido cahir, acudiuselhe, sendo tirado meyo morto, e em estado, que aos tres dias acabou: com tudo esteve taõ pertinaz em seu erro, que nem ver o que lhe tinha rendido a experiencia delle estar feito pedaços, foy bastante pera se dezenganar, e acabar de entender, que fora cegueira sua, e illusaõ do Demonio. Por onde sendo pessoa, que pela vida de tantos annos do deserto, e pela extraordinaria aspereza della merecia muito, e todos lhe tinhamos lastima, escassamente se pode alcançar do Abbade Pafuncio, que lhe desse sepultura Ecclesiastica. Porque seu voto era, que fosse tratado nella, como os que por suas mãos se mataõ. E assi ficou avido por indigno de Oraçoens, e Suffragios. Até aqui he narraçaõ de Cassiano.

Fazem festa entre os horrores eternos os potentados, e Principes das trevas na queda de hum justo, e naõ estimaõ só a desaventura do homem, por tirarem huma Alma áquelle Senhor, que deu sua vida por todas; senaõ tambem pelo discredito, que resulta contra a virtude, e virtuosos. De que esperaõ colher maiores interesses seus, e novas perdas nossas. Saõ Anjos no saber, Demonios na maldade, emulos perpetuos do homem. Porque sabe, que foy criado pera possuir pelos merecimentos de Christo as cadeiras, que elles por sua soberba perderaõ. Quem duvidará, que anteviraõ por suas conjecturas, que havia de aver no Mosteiro d' Annunciada, e em todos os mais da Ordem de S. Domingos em Portugal, e fóra delle milhares de Espiritos abrazados em Amor Divino, e riquissimos de verdadeiras misericordias suas: E que tambem avia, quem os soubesse notar, e pôr em memoria, como temos feito em parte, e de presente vamos fazendo. E que com esta dor, e raiva meteraõ todo seu cabedal, por enganarem aqui huma pobre moça ignorante, como acolá hum velho

soberbo. Manha he sua, e artificio antigo, se saõ consentidos, estirarem poder, e forças até intentarem, porse hombro por hombro com o mesmo Deos. Nisso esteve sua ruina, quando foraõ criados, e como já naõ tem que perder, tentaõ o mesmo cada dia. No Egypto fizeraõ milagrosos seus feiticeiros, e quasi semelhantes nos prodigios a Moyses. Em Roma anticiparaõ hum Simaõ Mago com obras, que pareciaõ Divinas, pera desfazer nos que já soava que obravaõ os Santos Apostolos em virtude do Redemptor. Muito antes, porque tinhaõ alcançado das Escrituras Santas, que avia de vir o Filho de Deos á terra feito Homem, pera remediar os homens, encheo a gentilidade de fabulas dos seus Deoses, que com figura humana se empregavaõ em vicios, e maldades abominaveis: Convem logo, e he cousa muito acertada, e santa, que pois Lucifer arma, e faz campo contra o credito, e reputaçaõ da virtude, trabalhem, os que escrevem pera doutrina do mundo por descubrir seus enganos: *Frustra enim jacitur rete ante oculos pennatorum.* Que de balde arma rede, quem a poem á vista das Aves. Pera nosso danno usa de estratagemas, tempera peçonhas: O remedio he descubrirlhe os artificios, e da peçonha fazermos triaga, lembrados, que mais nos rendeo aos Christãos a duvida, e teima em duvidar de hum Thome, que a facilidade, com que creraõ as Marias. Bem creo, que algum tivera por sy só lançar terra sobre este successo, pera que se perdera da memoria dos homens: Mas isso fora fazer a vontade ao inimigo, e ajudar, e favorecer suas cautellas. O que importa, he, que saibaõ os Anacoretas nas covas do deserto, que ouve hum grande Heron enganado, pera que fiem só de Deos. Saibaõ as Freiras de S. Domingos em Portugal, e saibao embora o mundo todo, que pera se humilharem as muitas, e boas, que nelle ha, e todas viverem acautelladas, permittio Deos a illusaõ de huma fraca, e presuntuosa, que passou assi.

Matth.

Em idade de doze annos no de 1563. entrou nesta Casa Maria da Visitaçaõ, tomou o nome do dia, e festa, em que vestio o Habito. Fez profissaõ sinco annos depois, sendo já de dezasete. Luziraõ nella desdo primeiro dia partes, que muito agradavaõ ás Mestras, singelesa, humildade, descuido de sy, nenhum trato fora de casa, recolhimento, silencio, e honestidade: tudo bom, mas natural sómente, porque naõ procedia, nem tinha raiz no coraçaõ (como depois se vio). Porém tanto póde a virtude até com as sombras, que estas a fizeraõ com grande extremo amada de todo o Mosteiro. E porque permaneciaõ (que o que he dado da natureza, trocase mal) começada a venerar por Santa, cahio Soror Maria, que lhe rendia muito, o que nada lhe custava. Porque tudo era como postiço, e gentilico, e quasi naõ seu, foy facil de levar pelo inimigo commum a hum grande erro. Persuadiolhe o inimigo commum com a malignidade de suas suggestoens, que se ajudasse o natural com hum pouco de artificio, seria outra Santa Catharina

1563.

na de Sena na estimaçaõ, e nome. Disse suggestoens: Porque como o avia com huma ignorantinha, teve por desnecessario o cabedal, com que caça os Sabios. He certo, que nunqua com ella usou pacto, nem trato, nem vistas, nem outro genero de maior engano. Deixouse a miseravel vencer da tentaçaõ, começou a ajudarse de tudo, o que entendia a faria avaliar por mais Santa, gastava muitas horas no Coro: e porque se entendesse, que era emprego de Amor de Deos, mostrava extraordinario fervor pera os Sacramentos; e com a frequencia delles, que era muita, juntava grandes significaçoens de interior devoçaõ. Assi cresceo em tanta reputaçaõ, que naõ só das Freiras eraõ estimadas suas Oraçoens; mas he certo, que entrando no Mosteiro a Infanta Dona Maria, se apartava com ella poucos annos depois de professar, e lhe pedia Ave Marias. Alegre Soror Maria de ver, que frutificavaõ suas artes, hia acrescentando sempre alguma cousa de novo. Já cahia em raptos, e extasis, já contava revelaçoens. Passaraõ annos, negociou de novo fogo na cella, e luzes no Coro, que fazia crer serem celestiaes. Chegou a mostrar a cabeça ferida, certificando, que o Esposo (assi chamava sempre a Christo) lhe communicara a honra, e effeito de sua Coroa de Espinhos, e era crida em tudo. Porque além de ser facil de enganar com a virtude toda a gente virtuosa, que sempre ouve muita nesta Casa, tinha Soror Maria sobre os mais dotes da naturesa, hum semblante amavel, acompanhado de tal geito, e brandura, que criava nos animos, de quem a via, respeito, e affeiçaõ. Meyos, que maravilhosamente acrescentavaõ a cegueira geral. Inda naõ tinha quatorze annos de profissaõ; já por toda a Cidade, e Reyno era nomeada, como cousa cahida do Ceo, a Freira d'Annunciada: E as Freiras todas taõ enfeitiçadas com ella, que nos quatorze annos de professa, e naõ tendo mais que trinta, e hum de idade, a fizeraõ Prioreza. Feita Prelada, eisque em dia de Santo Thomaz 7. de Março do anno de 1584. sahe com nova maravilha; publica, que na mesma noite lhe dera o Esposo suas santissimas Chagas, mostra as mãos, e nellas os sinaes. Como tinha taõ fundada sua reputaçaõ, naõ só foy crida, mas recebido o caso com universal alegria, e veneraçaõ. Chegou a elRey, e passou ao Papa, correo por toda a Christandade. Acudiaõ de toda a parte, como a gente Portuguesa he taõ pia, offertas grossas, e muitas, que enriqueciaõ a Casa, e a Prioreza rindose ella, zombando, e triumfando Satanás. Neste estado, que era o mais alto, que podia ser pera Soror Maria de nome, e credito, e pera a Casa de honra, e proveito, mostraraõ as Religiosas mais importantes della o zelo, que sempre ouve da Religiaõ verdadeira, e honra de Deos: Eraõ do melhor do Reyno por sangue, e do melhor do Mosteiro por partes de virtude, e entendimento. Começaraõ a fazer escrupulo do que viaõ, obrigadas de sua consciencia, e reverencia de Deos, e respeito da mesma Soror Maria, que

1584.

muito amavaõ. Paſſaraõ a conſiderar ſuas couſas profundamente, e vieraõ a achar nellas taes contradiçoens, que aſſentaraõ, ſerem as chagas pintadas, e pelo conſeguinte tudo o que mais ſe dizia, falſo, e fingido. Deraõ conta com todo ſegredo aos Prelados maiores, propuſeraõ razoens bem fundadas, apontaraõ circunſtancias, de que reſultava manifeſto engano, ſe muy achado na materia. Mas tal poſſe tinha tomado dos coraçoens de todos, ou a piedade Chriſtãa, ou o credito de Soror Maria, ou a cegueira, que Deos permittia, que duraſſe, que naõ ſó naõ foraõ bem ouvidos, mas rendeulhes ſeu zelo hum grande merecimento no Ceo. Porque deſde eſte dia, até que o negocio ſe aclarou, foraõ maltratadas, e perſeguidas. Se entre Chriſtãos ſe dera lugar a fado, bem poderamos chamar fatal, hum engano taõ craſſo em ſy, e de tanta dura: taõ craſſo, que huma leve, e breve enſaboadura o podia tirar a limpo, como em fim veyo a ſer; e taõ duravel, que prevaleceo mais de quatro annos entre gente de valor, ſabia, e amiga de Deos, e da verdade. Parece, que tudo eſtava conjurado em favor da cegueira. Veyo neſte tempo a Lisboa por Vigario Geral deſta Provincia o Padre Meſtre Frey Alberto Agayo Caſtelhano, era homem de peito, ouvio as perſeguidas, julgouſe, que faria no caſo, o que convinha; uſou primeiro de terrores, e ameaços com Soror Maria: Devia cuidar, que baſtavaõ feros contra huma falſidade, ſe o era: Foiſe depois á Igreja, determinado á experiencia. Veyo Soror Maria á grade da Communhaõ, e tanto ſoube dizer, que o Vigario Geral tendo preſtes todo o neceſſario pera o lavatorio, a deixou, e ſe foy do Moſteiro, e de Lisboa ſem fazer nada. Era iſto já por Outubro de 86. Pareceo a Soror Maria, que devia dar alguma ſatisfaçaõ, ao que ſe dizia contra ella. Pedio ao Padre Meſtre Frey Luiz de Granada, que quizeſſe elle fazer a experiencia, que o Vigario Geral naõ fizera. Era o bom Padre naturalmente mal viſto, e neſte tempo com a idade quaſi decrepita, e quaſi cego: juntouſe ſua virtude grande, com a que cuidava, que avia em Soror Maria; e com as dores, que ella ſoube contrafazer incomportaveis, de maneira fez o exame, que pera com gente de entendimento naõ fez nada: E pera com o povo ficou Soror Maria mais acreditada. Sobreveyo logo o Reverendiſſimo Geral da Ordem Xiſto Fabri, e informado do que paſſava, e requerido das Madres zeloſas, tratou de fazer por ſuas mãos o exame. Começando o lavatorio, acolheuſe Soror Maria ás armas mulheris, correraõ rios de lagrimas, palavras, e geitos ſignificadores de dores immenſas, e taes, que ſendo falſas, quebraraõ o coraçaõ ao bom Padre com dor verdadeira: E lembrado, como he de crer, das Chagas do Redemptor, que aquellas repreſentavaõ, encheuſe de laſtima, parecendolhe, que fazia officio de tyranno contra huma Donzela innocente, e Santa. Deſiſtio da obra; tornouſe pera Roma, deixandoa chea de favores, e honras, e carregadas de novos preceitos,

e

e penas as procuradoras da verdade. Assi ficou vitoriosa a mentira, e authorisado de novo o engano. Entrou o annno de 588. calamitosissimo pera Espanha: quiz Deos mostrar nelle, que nem os poderes da terra saõ nada, se de seu braço naõ saõ ajudados, nem a virtude tem valia, se no Ceo naõ tem a raiz. Acabou, e sumiose no mar a mais lusida, e mais poderosa armada, que nunca sahio de Espanha. Descubriuse por falsa, e mentirosa a mor virtude, que nunqua se tinha visto em Espanha. Açoute famoso hum, e outro da maõ do Altissimo. Os porques, elle os sabe. Era Inquisidor Geral, e juntamente Governador deste Reyno, o Archiduque, e Cardeal Alberto, chegaraõlhe indicios certos do que até entaõ naõ avia mais, que argumentos. Cometeo a averiguaçaõ ao Tribunal. Continuaraõ os Inquisidores trinta dias no Mosteiro em inquirir, e fazer diligencias. Foy a ultima hum pouco de sabaõ, que brevemente fez desaparecer tinta, e vernizes, ficando as mãos lizas, e sem outra cor, nem sinal. Seguiose confissaõ verbal da parte, que já naõ era necessaria. Foy sentenciada com varias penas, e todas leves: Porque senaõ achou no caso mais peccado, que fingimento humano. A maior pena foy desterro do seu Mosteiro pera outro da Ordem, que foy o d'Abrantes, onde viveo alguns annos, e faleceo cumprindo suas penitencias.

Confesso, que me tem custado grande dor, e magoa a relaçaõ deste successo: Mas saõ rigurosas as leys deste officio, que fazemos de Chronista, que pera sermos cridos nos bens, e felicidades, he forçado naõ callar os males, e desaventuras.

CAPITULO XII.

Fundaçaõ do Mosteiro de N. Senhora do Paraiso d'Evora.

CIrcunstancia de grande lustre pera qualquer Convento he ter antiguidade em seus principios. Parece, que da mesma maneira, que acrescenta firmeza em huma grande fabrica o alliceсe mais profundo: Assi acredita, e dá graça nos Conventos, e Casas de Religiaõ tambem a ansianidade mais alta. Este, de que começamos a escrever, tem sua origem taõ atrazada, que achamos por memorias vivas, que no anno de 1460. avia já muitos, que se tinhaõ lançado as primeiras pedras, sobre que cresceo o bom edificio, que depois teve. E foy desta maneira. Ouve na Cidade d'Evora huma Donzela de nobre, e antiga geraçaõ, que ficando Orfãa de pay, e mãy, e acompanhada de duas irmãas, mereceo a Deos darlhe taõ bom espirito, e tanta conformidade entre todas tres, que de maõ commum se determinaraõ a viver juntas, sem cazar, nem querer nada do mundo. Tinhaõ huma piquena casa de sua herança: esta quizeraõ, que lhes fosse morada em vida, e sepultura na morte: E começaraõ huma vida taõ austera, e religiosa, naõ admittindo vista de homens, por muito parentes que fossem, nem tratando mais que de Deos: que convidaraõ com seu exemplo a outras Donzelas

1460.

honra-

honradas, e mulheres livres de obrigaçoens, a lhes pedirem lugar em sua companhia. Chamavalhe a Cidade a casa das pobres Galvoas; porque tal era o appellido das tres irmãas. A mais velha, que se dizia Brittes Galvoa, governava o pobre patrimonio de todas, com prudencia: e no que tocava ao Espirito, era taõ boa Mestra, que crescendo o numero com algumas, que admittiraõ, faziaõ nos olhos do povo mais representaçaõ de observante Mosteiro, que consorcio de gente secular. E ficou em tradiçaõ que ouve entre ellas espiritos de muita perfeiçaõ, e taes, que por suas Oraçoens fez nosso Senhor muitas misericordias em pessoas, que se lhes encomendaraõ. O que era causa de serem importunadas pelos annos adiante de gente de muita qualidade (como entaõ naõ avia Mosteiros de Freiras em Evora) pera se juntar com ellas. E valialhes tambem pera toda a terra lhes acudir com abundantes esmollas. Porque se juntava á clausura perpetua, que guardavaõ, e virtude com que procediaõ, ser cousa sabida, e publica, que o poderemse sustentar com a pouca fazenda, que as Galvoas possuiaõ, nascia de huma muy estreita abstinencia, que guardavaõ: parte primeira, e principal de bom governo entre gente mal afazendada. Daqui começou nome novo á casa. Chamavaõlhe o encerramento das pobres: E a Brittes Galvoa, que o governava, chamavaõ por reverencia a Madre. E estava taõ estimada aquella pobreza, e eraõ tantas as que a cobiçavaõ, que se contentavaõ com expectativas, e promessas de futuro, pera quando ouvesse lugar vago.

Brittes Galvoa. 1461.

Viveo longos annos Brittes Galvoa, e veyo a falecer em 22. de Julho do anno de 1461. Era pessoa de grande juizo; tinha penetrado, o que avia nas subditas; apontou pera successora no governo Mecia Martins, que era huma dellas: E isto basta pera entendermos, que seria de grande talento: E com tudo lhe deixou de sua maõ, e experiencia alguns avisos por escrito, que foraõ como hum retrato da Santidade, e prudencia, de quem os deixava. Fez testamento, e nomeou por herdeiras de todos seus bens, e fazenda as companheiras, que de presente o eraõ naquelle modo de vida, e naquella sua casa: E todas as que pelo tempo lhes succedessem nella, e nelle. Deviaõ ser falecidas ambas as irmãas. Porque em caso, que naõ tivessem partes para merecer a successaõ do cargo; sempre era obrigaçaõ deixarlhes a fazenda; ou pelo menos fazer mençaõ dellas no testamento.

Mecia Martins.

Passados alguns annos depois de Mecia Martins governar as pobres, como na virtude, e trato santo naõ avia quebra: antes estavaõ vivas as leys, e bom governo da primeira Madre, e Fundadora, recolheuse com ellas huma Senhora, que as memorias antigas daõ por muito nobre em sangue, e parentes, cuja entrada adiantou muito a casa em reputaçaõ, e credito: E andando o tempo, foy por novo modo todo o bom della. Modo novo, e estranho; mas traçado no Ceo, como o successo mostrou: Era Joanna Correa,

rea, que aſſi avia nome, dotada de bom entendimento natural, e tinhalhe o Senhor communicado huma grande luz, que a obrigava a dezejar ſervillo em eſtado perfeito. Notou em poucos mezes, que ſe bem achava verdadeiro, o que a fama publicava da companhia, e em cada ſugeito avia grandes partes de virtudes: com tudo era quanto faziaõ pendente de vontade á eleiçaõ propria, ſem obrigaçaõ, nem regra certa, ſem Prelado, nem Meſtre, e pareciallhe negocio pouco fundado: Antes avia por temeridade, avendo tantas regras aprovadadas na Igreja de Deos, fiarem de ſi viver deſarrimadas dellas. Em fim aſſentou conſigo deixallas, e paſſarſe aonde a Religiaõ eſtiveſſe com fundamento ſeguro, e certo. Determinou dar conta a ſeus parentes com todo o ſegredo, e encomendarlhes que com o meſmo lhe negociaſſem lugar na Conceiçaõ de Beja, Moſteiro da Ordem de S. Franciſco, celebre já entaõ, e muito eſtimado no Reyno Mas o Senhor, que deſta piquena caſinha tinha determinado fazer Paraiſo de ſeus deleites, como depois foy em nome, e obras: Antes de ter ſaido do peito de Joanna Correa ſua determinaçaõ, foy ſervido revelalla a huma das Recolhidas. Ficou eſte ſucceſſo no Moſteiro por tradiçaõ, e contaſe da que teve a revelaçaõ, que era hum raro ſogeito: Eſta perſintindo, como tal, a perda, que lhes faria a falta de Joanna Correa; tanto por ſua qualidade, como pola grande ſatisfaçaõ, que já tinhaõ todas de ſuas partes, deu conta á Regente Mecia Martins, e ambas com algumas das irmãas mais antigas ſe foraõ a ella, e com toda a modeſtia, e brandura lhe propuzeraõ, que ſe na caſa achava couſa, que a deſcontentaſſe, quizeſſe advertillas, pera a emendarem. Mas querer deixar ſua companhia, ſem aver culpa da parte das que buſcara com goſto, e honrara com ſua vinda, era darlhes pera diante de Deos huma grande deſconſolaçaõ, e pera diante dos homens, moſtrar, que avia entre ellas couſa, que deſmereciaõ ſua companhia: e ficaria ſendo maior o diſcredito, que lhes cauſaria, deixandoas, do que fora a honra de as buſcar. Que por amor de Deos lhe pediao naõ deſſe lugar a taes penſamentos, pois naõ dizia com a nobreſa de ſeu ſangue afrontar pobres, nem com a muita virtude, que nella tinhaõ viſto, deſconſolar gente unida em ſerviço, e Amor de Deos. Seguiraõſe lagrimas nos olhos de todas com moſtras de verdadeiro ſentimento, e rogos multiplicados em ſinal de Amor. Naõ pode Joanna Correa ter as ſuas pola affeiçaõ, em que já ſe tinha, e ſentia empenhada, e por ſua boa natureza; nem taõ pouco ſe atreveo a encubrirſe, como pudera fazer, viſto naõ ter ainda dado conta de ſy a nenhuma peſſoa viva. Chãamente lhes confeſſou, e declarou, quanto tinha no coraçaõ. Mas com iſſo ajuntou, que pera que viſſem, que naõ naſcera de liviandade ſua, nem deſcontentamento dellas, lhes offerecia ficar com ellas toda a vida (que tal fora a tençaõ, com que alli entrara) como ſe quizeſſem diſpor a dar a obediencia a huma das Ordens da Santa Madre

Igreja, e fosse aquella, de que mais gosto tivessem. Era negocio de Deos: estava certo correr com suavidade. Trocou a reposta em lagrimas de alegria, as que eraõ de dor, e prostradas a seus pés em graças da offerta, naõ só aceitaraõ a condiçaõ, mas todas a huma voz disseraõ, que em sua vontade, e bom juizo se comprometiaõ, e desde logo prometiaõ aceitar, e seguir a Ordem, que ella lhes escolhesse, e nomeasse. Joanna Correa, como prudente, e muito Christãa, que era, pediolhes, que encomendassem o negocio a Deos, pera que delle lhes viesse a escolha, como viera a revelaçaõ de seus pensamentos. Passados alguns dias, depois de muita Oraçaõ, e consideraçaõ, assentaraõ em confirmidade seguir a Ordem de S. Domingos, e viver no Habito, e Estatutos de sua Terceira Regra. Assi devemos á Cidade d'Evora a primeira Congregaçaõ de Freiras Terceiras nossas. Acudiraõ logo ao Convento. Puzeraõ em ordem entender suas obrigaçoens, e conseguintemente professar. Como foraõ professas, e se acharaõ consoladas, e satisfeitas da mudança, quizeraõ gratificar a Joanna Correa: e foy o meyo, pedirlhe, que aceitasse o cargo de as governar, como o tivera de as trazer á Ordem. Mas ella naõ consentio em tal; parecendolhe, que fazia offensa á Madre Mecia Martins: Antes pera mostrar o gosto, que tinha de seu governo, e da Casa, fez logo vir tres mininas sobrinhas suas, pera lhas dar por discipulas, e se criarem nella.

Joanna Correa.

CAPITULO XIII.

Da occasiaõ que ouve para o nome, que este Mosteiro tomou do Paraiso, e como passou a Observancia.

APoz a mudança do Estado, Habito, e Regra, seguiose outra, que foy a do nome da Casa. Avia na Cidade huma honrada Matrona, que possuia huma devota Imagem da Virgem Gloriosa N. Senhora, e porque lhe tinha devoçaõ, e affeiçaõ, dezejava empregalla, onde estivesse mais venerada, e estimada. Como soube, que o Recolhimento das pobres, sobre o bom nome que dantes tinha, juntava dar obediencia á Ordem de S. Domingos, fezlhe esmolla da Imagem, e ou fosse por julgar que dava peça de tanto preço, que poderia ser em algum tempo repetida por seus herdeiros, ou por encarecer, como sabia, o que dava, o caso, que as Religiosas deviaõ fazer della, mandou celebrar huma Escritura publica da doaçaõ, que hoje está viva, e se guarda no Mosteiro, e se mostra ser feita em oito dias de Junho de 1474. por Joaõ Dias Tabaliaõ d'elRey, e consta por ella chamarse a doadora Isabel Affonso viuva de Nuno Martins. Era a Imagem de Marfim, e sabemos, que de tal materia saõ lavradas as mais das milagrosas, que se tem achado, e foraõ escondidas desdo tempo da entrada dos Mouros em Espanha: O que me faz cuidar, se seriaõ por ventura lavradas todas de huma só maõ, e maõ devota. Chamavalhe a doadora

com affecto pio, e amoroso, Nossa Senhora do Paraiso. Como esteve entre as Religiosas, começou o Senhor a obrar por ella muitos milagres em casos varios de doenças entre as Freiras, e logo outros entre seculares, passando a fama à Cidade: de sorte que veyo a ser celebre na terra. Mas o que lhe deu mais nome, foy, que succedendo por descuido, de quem a tinha a cargo, quebrarse hum dedo do Minino, que a Imagem tem consigo abraçado, e saltar fóra a ponta quebrada, correo sangue como em corpo vivo de huma, e outra parte: e pera memoria do prodigio permittio o Senhor, que ficasse, e dura inda hoje hum sinal de sangue na maõ da Senhora, que pega com a do Minino. Esta parte do dedo, que pelo respeito dito se guardava com veneraçaõ na Sacristia, mandavaõ as Madres depois pela Cidade aos doentes, que o requeriaõ como remedio certo; até que ouve quem o quiz pera sy só com indiscreta devoçaõ, e o fez desaparecer dentre as Freiras. Como a natureza humana he taõ cazada com seu interesse, e os bens, que recebiaõ por meyo da Santa Imagem, acendiaõ a devaçaõ nos moradores, daqui veyo, que foraõ honrando o Mosteiro com o nome della, e do Paraiso. E esse possue hoje.

No anno de 1508. veyo a falecer a Prioreza Mecia Martins, deixando pedido ás Subditas, que recebessem em seu lugar por Prelada a Joanna Correa. Mas era superflua a lembrança, porque naõ avia nenhuma, que cuidasse noutrem. Assi foy logo de commum consentimento eleita, e ficaraõ desde entaõ por escrito os nomes de dezasete Religiosas, que a elegeraõ, quasi todas nobres, e do melhor da Cidade, que nomearemos; pera que se veja, quaõ acreditado estava aquelle Recolhimento. E eraõ estas: Dona Guiomar de Sousa, Dona Maria de Sousa, Catharina Mendes d'Aguiar, Mor d'Aguiar, Margarida da Grãa, Maria Rodrigues da Grãa, Maria Tates, Ines Fernandes Tates, Domingas Lameira, Filippa Pereyra, Maria Pereyra, Isabel da Costa, Violante Loba, Isabel Correa, Catharina Casca, Joanna d'Oliveira, e Geneura de Privizim.

A primeira cousa, em que entendeo a nova Prioreza, foy estender o animo a nova, e mayor perfeiçaõ, fazendo conta de meter em Casa a Primeira Regra, e mayor perfeiçaõ, e mais rigurosa de S. Domingos; assi como trouxera a Terceira: E pera facilitar a estreiteza, que determinava no modo de vida, quiz primeiro alargar a morada, que foy grande alivio. Porque até entaõ viviaõ taõ apertadamente, que fazia lastima o trabalho, que passavaõ: quasi naõ tinhaõ lugar onde respirar. Começou àjuntar esmollas, comprou seis moradas de casas, em que foy dizenhando Igreja, e Sacristia, Dormitorio, e Claustros, e casa pera Noviças. E apontaõ as memorias antigas, que entre as primeiras officinas deputou casa pera teares, sinal que senaõ pertendia viver ociosamente nas horas, que restassem do Coro.

Foy grande, e principal bemfeitor deste Mosteiro, Dom Al-

varo da Costa, que juntando com grande bondade hum assentado, e claro juizo, alcançou por estas partes tanto lugar com elRey D. Manoel, que do serviço de Guarda-roupa veyo a ser seu Camareiro Mór, e deixou em sua familia o officio de Armeiro Mór dos Reys, e hum honrado patrimonio: E como era muito pio, e entendia que avia na Casa verdadeiro zelo do serviço de Deos, tinha por gloria trabalhar, e dezentranharse por ellas. Achamos, que á sua custa lhes fez o Corpo da Igreja, e o Coro com suas cadeiras: E pelo tempo adiante edificou tambem a Capella mór: e pera se comprarem as moradas de casas, que atraz dissemos, deu de esmolla cem mil reis em dinheiro; e por seu meyo alcançou a Prioreza licença d'elRey pera tomar da rua publica, quanto foy necessario pera correr direito o edificio novo. Era irmaõ de Dom Alvaro Bras da Costa, e verdadeiro irmaõ em virtude, e zelo. Contase delle, que andava por casa dos Fidalgos da Corte, e da Cidade pedindo, e juntando esmollas; e foraõ tantas, que ficou em lembrança passara a despesa, que se fez na fabrica, de quatro mil Cruzados, que pera aquelle tempo era grande gasto.

Tanto que a Prioreza se vio com a larguesa de casa, que pertendia, pareceulhe tempo de tratar da perfeiçaõ, que dezejava; juntou as Religiosas em Capitulo, propozlhe tudo, o que neste ponto se offerecia; pera a averem de estimar, e abraçar, lembrava, que pera com Deos, e pera com o mundo ficariaõ ganhando muito: Porque, quanto a Deos em se determinarem a toda a perfeiçaõ da Regra de S. Domingos, era buscar a sua mayor gloria, a que toda pessoa Religiosa estava obrigada. E quanto ao mundo, já viaõ com seus olhos, que só com a piquena mudança do primeiro estado, pera o de Terceiras, estavaõ tanto adiante em credito na terra, que lhe tinha edificado hum perfeito Mosteiro. Que seria quando a mesma terra visse, que largando todas as liberdades, e larguezas de Terceiras, se sogeitavaõ ás mayores austeridades da Primeira Regra? Naõ avia que duvidar, senaõ, que toda a Nobresa lhes daria suas filhas, e com ellas grossas heranças, pera que livres do cuidado de mendigar a sustentaçaõ, que muito embaraçava, se entregassem de todo a Deos. Que pois o rigor, em que viviaõ por sua vontade com nome de Terceiras, naõ diffiria em nada do que se contava dos mais Observantes Mosteiros, injuria se faziaõ a sy mesmas em recusarem o nome do que abraçavaõ, e executavaõ com a obra. Naõ foy necessario á Prioreza estenderse muito, porque nos olhos de todas como em espelhos do coraçaõ reluzia alvoroço e alegria, pera o que representasse mais asperesa. Concluiose o Capitulo com ficarem de acordo, que ella, como fizera a primeira mudança, procurasse a segunda, pela via, que melhor pudesse, e com toda a brevidade. Era Dom Alvaro da Costa, naõ só conselheiro das obras de pedra, e cal, mas muito mais das do Espirito. Foy logo chamado da Prioreza, e como o teve na grade, veyo ella com todas

todas as Religiosas, e dandolhe conta do que tinhaõ entre sy assentado, pediolhe em nome de todas, que pois ás suas mãos, e boa industria deviaõ o Edificio material da Casa, quizesse, ficassem tambem devendo o que mais importava, que era o Espiritual; tratando com elRey, que lhes mandasse vir do Pontifice, e Geral da Ordem as licenças costumadas. Foy a nova recebida com muito gosto pelo bom Fidalgo, porque sabia o que elRey a avia de estimar, e por isso naõ tardou em lha dar. Entendia elRey D. Manoel por este tempo com grande zello do serviço de Deos, em fazer reformar todas as Religioens, e acabar de extinguir o que ainda avia de Claustro. E porque em algumas naõ faltava contradiçaõ, agradouse muito do bom animo da Prioreza, e de suas subditas, e no dia seguinte foy ouvir Missa ao Mosteiro, e fallou com a Prioreza, louvoulhe a determinaçaõ, com palavras de muita honra, dizendo que era muy conforme ao conceito, que de sua muita virtude tinha, e ao que ella era obrigada por seu Sangue; e estivesse certa, que de sua parte lhe naõ faltaria nada pera o bom effeito, e sempre folgaria de lhe fazer bem, e merce. Naõ quiz a Prioreza perder a boa occasiaõ: pedio a elRey, que em quanto tardavaõ de Roma as licenças, mandasse ao Provincial, fizesse logo vir alguns Religiosos Observantes, pera que fossem instruindo, e governando a Casa no rigor de suas Constituiçoens. Ao que elRey respondeo com a mesma benignidade, que onde estava sua prudencia, e zelo de Joanna Correa, naõ avia necessidade de reformaçaõ de fóra, nem outro governo: E por tanto sua vontade era, e assi o mandava, que ella fosse a Mestra, e a Governadora.

Quando a Prioreza se vio mais honrada, e favorecida d'elRey, tanto, como sizuda, desconfiou mais de sy. E foy procurando licença do Provincial, pera que a Madre Isabel, que no Mosteiro de N. Senhora da Saudaçaõ de Montemor inda residia, viesse a este do Paraiso, e começasse a fundar a Observancia. Era esta Madre filha do Mosteiro de Jesus d'Aveiro. Sahira com as que foraõ fundar Santa Anna de Leiria, e depois Montemor, onde de presente era actualmente Prioreza. Despachou o Provincial sua commissaõ ao Padre Frey Lopo Soares, Prior que era em Evora, pera que a fosse buscar. Contase por caso prodigioso, que indo com mullas pera a trazer cahio tres vezes no caminho, e da ultima com perigo, e danno. Chegou todavia a Montemor. Mas ella naõ se aballou; e sem tomar agouro dos dezastres de quem vinha por ella, escreveo ao Provincial, que onde avia pessoa de tanta Religiaõ, e partes, como a fama publicava de Joanna Correa, bastava ella pera reformar, instruir, e ensinar, inda quando a Casa fora muito claustral, quanto mais sabendose, que tinha consigo Religiosas de muita conta. E por tanto lhe mandava as Constituiçoens traduzidas em vulgar. Porque só com ler por ellas, naõ duvidava, que seu bom entendimento poria tudo no estado, que convinha.

Dia da Virgem, e Martyr Glo-

Gloriosa Santa Barbara em quatro de Dezembro do anno de 1516. dizem os papeis, que temos, que chegou ao Mosteiro o Padre Mestre Frey Jorge Vogado, e mandando tanger a Capitulo, fez pergunta ás Religiosas, se eraõ contentes de se sogeitar á Observancia, e clausura perpetua, que guardavaõ as Freiras dos Mosteiros Observantes da Ordem de S. Domingos nesta Provincia de Portugal, e se vinhaõ nisso de boa vontade, livre, e sem constrangimento algum. Responderaõ todas, e cada huma por sy, que a queriaõ, e aceitavaõ, como particular beneficio, e misericordia de Deos. Assinoulhes logo anno de Noviciado, e aprovaçaõ: e sahindose pera fóra com o Prior Frey Lopo Soares, e mais Frades, que o acompanhavaõ, fechou por sua maõ a porta da Regular clausura, em final, que daquelle ponto começava o rigor della, e entregou as chaves á Prioreza. Aqui devemos advertir, que as memorias chamaõ neste passo a Frey Jorge Vogado Provincial, naõ o sendo, nem podendo ser inda entaõ. Porque duravaõ os quatro annos do Padre Frey Joaõ de Braga, que foy eleito na entrada do anno de 1513. como fica dito em seu lugar, e naõ os podia acabar, senaõ depois de entrado o de 1517. Assi se ha de entender, que foy á diligencia, como Commissario do Provincial, que a isso o devia mandar. Salvo se quizermos dizer, que fez duas distintas diligencias: a primeira como Commissario no anno de 1516. fazendo as perguntas; e a segunda, depois que foy Provincial no anno de 1517. em que foy eleito, assinandolhes anno de provaçaõ. E esta podia ser a causa de se confundirem as memorias: Porque na verdade o Breve Apostolico, em cuja virtude este Mosteiro passou á Observancia, que hoje está vivo, foy despachado em 13. de Setembro de 1516. pelo Papa Leaõ X. E tambem consta, que as Noviças fizeraõ sua profissaõ a 27. de Junho de 1518. em mãos do Provincial Fr. Jorge Vogado, e por esta conta tinhaõ começado o anno do Noviciado noutro tal dia do de 1517. Tempo em que elle servia já o cargo. Ficou em lembrança, que entre as que professaraõ, ouve quatro sobrinhas da Prioreza Joanna Correa.

1516.

CAPITULO XIV.

De outras particularidades deste Mosteiro, e de algumas Religiosas, que nelle ouve de grande Espirito.

POr occasiaõ do anno, em que o Breve foy passado em Roma, e da diligencia, que por ordem do Provincial se fez com este Mosteiro, contamos por principio de sua antiguidade na Observãcia entre os mais da Provincia o mesmo anno de 1516. Pouco depois que as Religiosas professaraõ, quiz Deos começar a verificar as palavras, com que a Prioreza as persuadia ao santo rigor, trazendolhe a casa huma grossa herança. Era Chancharel Mór do Reyno o Doutor Ruy da Grãa, a quem alem do cargo, e boas letras dava authoridade o valor de sua pessoa. Vindo a falecer no anno de

de 1519. determinouse sua molher Ines Correa em deixar o mundo, e sem esperar mais, que fazer partilhas, e cerrar contas com os herdeiros de seu marido, entrou neste Mosteiro no mesmo anno com tudo, o que lhe coube á sua parte, que era muito; fazendo doaçaõ perpetua ás Religiosas, e da maõ da Prioreza, que era sua irmãa, recebeo o santo Habito, e nelle professou, e acabou santamente dous annos depois.

Como a Casa foy crescendo em numero de Religiosas, e em mais reputaçaõ, e renda juntamente, quiz entaõ a Communidade mostrar agradecimento ao muito, que se sentia obrigada a Dom Alvaro da Costa, e de seu proprio moto mandou fazer huma escritura publica; pola qual o constituio por seu Padroeiro perpetuo, dandolhe pera jazigo seu, e de seus herdeiros a Capella mór; em que hoje se vem sua sepultura, e armas. Foy obra muito bem recebida na terra: E elRey, que na verdade amava a Dom Alvaro, e cada dia ouvia requerimentos, que lhe fazia em favor das mesmas Religiosas, o estimou, e louvou. Tomou Dom Alvaro posse do Padroado em vida, com dar ao Mosteiro huma filha em idade taõ tenra, que avia mister ama. Dizem, que era de dous annos, e que a deu com tençaõ de aver de ser Freira, e professar nelle. Tanto se antecipaõ os pays em dispor o que só está á conta de Deos. Mas o mais certo he, que foy genero de reconhecimento, e penhor: Reconhecimento do Padroado, e penhor com que de novo se obrigava a procurar todo o bem, e augmento da Casa. E foy final de o entenderem assi as Religiosas, que entrando a minina, fizeraõ publica declaraçaõ em Capitulo, que quando fosse servido chegar a professar, seria sem dote: Que nisto, inda que cousa de pouca consideraçaõ, queriaõ mostrar a lembrança, com que viviaõ, do muito, que estavaõ devendo a seu pay. Mas aviaõno com homem, que senaõ deixava vencer em cortesia: Porque nunqua se dissesse, que se valia do titulo de Padroeiro pera poupar fazenda. No mesmo dia, que a minina entrou, mandou á Prioreza duzentos mil reis em dinheiro, e doaçaõ de hum Casal de dous moyos de renda: E pelo tempo em diante, alem de esmollas quasi quotidianas, que lhe fazia, ficou em lembrança, que fez doaçaõ ao Mosteiro de huma horta, e dez mil reis de renda em dous padroẽs.

No anno de 1532. tomou D. Affonso posse da sua Capella por differente via; e foy enterrando nella hum filho, que muito amava, que servia ao Cardeal Infante Dom Affonso de seu Camareiro Mór. Está recolhido em hum archete na parede da Capella da parte do Evangelho com huma letra, que diz: Sepultura de Dom Manoel da Costa, Camareiro do Cardeal Infante Dom Affonso, e filho de Dom Alvaro da Costa. Faleceo em Junho de 1532. Da banda da Epistola tomou pera sy o pay seu lugar ainda em vida, que mandou sinalar com huma letra Latina, que diz Assi: *Dom. Alvarus Costa hujus sedis Patronus sibi, & suis vivus posuit.* 1535. He a significaçaõ: Dom

Dom Alvaro da Costa Padroeiro desta Casa, ordenou em sua vida este jazigo pera sy; e seus successores, no anno de 1535. No baixo da Capella parecem duas campas grandes, com letras breves, que só declaraõ, huma o nome do filho mais velho, que foy D. Duarte da Costa; outra do neto D. Francisco da Costa, que faleceo em Africa, sendo Embaixador dos Reys de Portugal Dom Henrique, e Dom Philippe na Corte de Xarife.

A Madre Soror Joanna Correa.

Em 22. de Agosto deste anno de 1632. achamos, que se foy pera o Ceo a Madre Joanna Correa a lograr em descanço os premios do muito, que tinha trabalhado: E bem merece fazermos lembrança de sua morte: pois temos visto, no que fica escrito, quaõ bem soube empregar a vida. O certo he, que com suas admoestaçoens santas, e por seu meyo passou de Congregaçaõ de molheres seculares a Mosteiro perfeito: e pois com seu exemplo, e bom governo subio a grande gráo de Espirito, e a entenderse pola terra, que merecia por obras de virtude o titulo de Paraiso, que tinha em nome, e por communicaçaõ da Santa Imagem, que dissemos. E teve o Ceo cuidado de o manifestar em muitas Religiosas, assi do seu tempo, como dos annos adiante, com merces, e favores Espirituaes admiraveis, dos quaes o mesmo Senhor do Ceo, que os dava, quiz, que muitos viessem a publico por mais cautellas, que sabia usar, pera os encubrir, a humildade religiosa, e santa, das que os recebiaõ. Delles diremos alguns pera gloria de Deos, e honra da Casa, que averiguamos com boa diligencia, por relaçoens de Madres, naõ só graves, e prudentes, mas em Religiaõ, e virtude muito acreditadas. Mas antes de entrarmos nesta materia, será bem fazermos memoria da Madre Soror Margarida d'Annunciaçaõ, que por sobrinha da Prioreza Joanna Correa, e criada em sua doutrina, foy eleita por seu falecimento no mesmo cargo: Esta Madre foy huma das que a tia recolheo consigo, quando começou a Terceira Regra, como atraz contamos, e se chamava entaõ Margarida da Grãa: E sahio taõ boa Mestra, como ella do governo Espiritual, e Temporal, e como tal foy Prelada muitos annos.

A Madre Soror Margarida da Annunciaçaõ.

De duas Religiosas me obrigaõ a fazer relaçaõ as memorias, que tenho deste Mosteiro; porque dizem dellas em geral, sem apontar particularidades, que faziaõ na terra vida de Anjos. Chamavase a mais antiga Soror Catharina Serrãa, e passarase pera ella do Recolhimento de Santa Martha, de que ao diante avemos de tratar. Porque tambem professou a Terceira Ordem de S. Domingos, e depois recebeo a primeira. A causa, que teve pera deixar Santa Martha, foy, que a chamou a Madre Joanna Correa no ponto, que introduzio no Paraiso a Terceira Regra. Porque era velha, e a quiz pera Porteira. Da outra naõ ficou o nome: Mas contase, que fez tamanha instancia por ser admittida ao Habito, depois que nesta Casa se professou a Observancia, que continuou alguns annos no requerimento, e chegou a ter palavra da Prioreza Joanna Correa,

A Madre Soror Catharina Serrãa.

rea; que avendo lugar a receberia. E porque em seu tempo o naõ ouve, foy tanto o fervor, com que apertou a succeffora, acudindo cada dia peffoalmente ao Mosteiro com lagrimas, e lastimas, que obrigadas as Religiosas de compaixaõ foraõ hum dia juntas á Prelada, e lhe pediraõ por honra das Chagas de Christo, representadas em hum devoto Crucifixo, que levaraõ consigo por interceffor, que a consolaffe: E affi foy recebida.

A Madre Soror Mayor da Affumpçaõ.

Por mais antiga na idade entre todas, as que profeffaraõ a Terceira Regra em tempo da Madre Mecia Martins, he contada a Madre Soror Mayor d'Affumpçaõ, cujo nome era Mor d'Aguiar; e dizem, que se tinha criado no Recolhimento desde idade de quatro annos: Esta Madre perdida a memoria de tudo, o que era mundo, affi andava unida com Deos por Amor, e Santos exercicios, que só com elle era todo seu trato. Foy cousa succedida a olhos de toda a Communidade, que estando hum dia junta em Oraçaõ, appareceo Soror Mayor cuberta de Estrellas, como reverberaçaõ das luzes, que abrazavaõ, e allumiavaõ sua Alma. Mas permittia o Senhor alternaremse este, e outros mimos do Ceo com bravas perseguiçoens do Inferno, que a toda a hora a traziaõ acoçada, e desconsolada: Porque, aindaque naõ temia fantasmas, davalhe pena (segundo dizia) e perturbaçaõ a vista continua, de quem era inimigo de seu Esposo suavissimo, e dignissimo de ser servido de toda criatura.

CAPITULO XV.

Das Madres Soror Maria da Resurreiçaõ, Soror Elena da Cruz, Soror Antonia de Santo Thomás, e Soror Margarida de S. Pedro.

A Madre Maria da Resurreiçaõ.

A Primeira filha, que esta Casa teve, depois que se entregou á Observancia, foy a Madre Maria da Resurreiçaõ, e foy verdadeiramente filha de bençaõ: Porque soube tomar o leite daquella criaçaõ das Madres antigas, de maneira, que se via nella hum retrato dellas. Louvase nesta Madre huma rara promptidaõ, e diligencia pera todo o serviço, que lhe era encommendado da Communidade, junta com alegria, e gosto de servir (cousa que dá dobrado valor ao que se faz) e o que mais he de estimar, depois de servir todo o dia, e parte da noite nos officios de Martha, sempre achava horas pera os de Maria. Davase toda á Oraçaõ, e nella levantava o Senhor sua Alma a hum estado de contemplaçaõ, taõ alto, que se conta por maravilha, que quem neste tempo a via, fazia juizo de ver huma Estatua de Marmore; mais que a creatura viva. E se naõ fora, que em tal conjunçaõ estillavaõ seus olhos lagrimas, que polo rosto lhe faziaõ rios, e o peito despedia de quando em quando sentidos, e amorosos suspiros, parecia já tresladada deste mundo inferior ás moradas celestiaes. Era particular devota da Virgem Mãy de Deos. Tinha huma Imagem sua em hum piqueno Oratorio, que em seu leito pobremente compuzera.

ra. Alli era o eſtar proſtrada em Oraçaõ a mór parte da noite, alli o desfazerſe em Amores, e brandura com a Sagrada Virgem, que arrematava com ſentimento de a naõ poder ſervir com veſtidos ricos, e joyas de preço: Porque era pobre de Eſpirito, e obra. Algumas vezes foy ouvida neſtes colloquios, e eraõ ſuas palavras taes: Minha Senhora, lá nos Ceos ſois muito rica, e acompanhada de muitas grandezas; em fim lá reynais, aqui neſte cantinho eſtais mal agaſalhada, pobre com pobres, e taõ pobre, como no mundo ſempre foſtes. Se as obras ouveraõ de ſeguir a vontade, pouco era todo o ouro da Arabia, e a pedraria do Oriente pera empregar em voſſo ſerviço. Recebey, Senhora, eſte animo em lugar do poder, que me falta, e recebey por atavio as lembranças da Payxaõ de meu Senhor Jeſu Chriſto, voſſo filho, com as de voſſa Vida Santiſſima, que neſte Roſario vos offereço. Temos taõ bom Deos, que das almas ſingellas, e puras, aceita por obra, e ſerviço qualquer bom dezejo. Aſſi aconteceo a eſta Religioſa: Porque andando o tempo, como ſe tivera revelaçaõ, dizia com grande confiança a todas as que a queriaõ ouvir, que ainda aviaõ de ver aquella ſua Imagem, que taõ pobreſinha eſtava, muito rica, e muito venerada. Naõ ſe fazia caſo das palavras; ſem embargo, que muito as acreditava a virtude de quem as dizia: Porque ſe ajuntou, verem logo ſua morte, ſem apparecer o comprimento dellas. Mas o tempo as veyo a verificar em tudo, e por eſtranha maneira. Entrou huma Prioreza com animo, e poſſibilidade de fazer obras: e ordenando huma muito importante, que foy caſa d'Enfermaria com ſua Capella pera ſe celebrar nella, quando o pediſſe a neceſſidade, mandou pôr no Altar a Imagem, que fora da Madre Soror Maria, com titulo do ſanto Roſario, e tratou com as Madres, que lhe ordenaſſem Confraria com todos os requiſitos, de Mordomas, e mais officiaes, e a ſeu tempo lhe fizeſſem ſua feſta: Aſſi viraõ todas com admiraçaõ começado a cumprir o dito, que lembrava da defunta: Porque a poz a veneraçaõ, começou a ſer ſervida de veſtidos, e toucados ricos, que cada huma lhe buſcava. Porém logo ſobreveio (caſo maravilhoſo) que fez do dito, verdadeira profecia. Era principio de Outubro, celebravaõ a primeira feſta do Roſario, depois da collocaçaõ da Imagem, quando ſuccedeo que huma Religioſa ſogeita a accidentes de Opilencia, e conhecida por devota da Senhora, paſſando pela varanda, que cae ſobre o Clauſtro, foy ſalteada de hum taõ impetuoſo, que a levou em tombos pela varanda fora, que ainda eſtava ſem grades, nem parapeito, e foy cair de cabeça ſobre hum monte de pedras no meyo do Clauſtro. Ao eſtrondo da queda acudiraõ algumas Religioſas julgando o que podia ſer, com o nome de noſſa Senhora do Roſario na boca, em altas vozes. Eſtava como morta, ſem ſentido, toda enſangoentada, e piſada, e a cabeça aberta de muitas feridas. Gritaõ de novo pela Senhora do Roſario, e levaõ a doente com

lagrimas ao seu Altar da Enfermaria, pera dalli lhe darem sepultura. Com tudo deceraõ a Santa Imagem, e rezandolhe algumas Antifonas, foraõ tocando com ella os membros feridos. Aqui deu primeiro sinal de estar ainda com vida; abrindo os olhos. Foraõ logo chamados Medicos, e Cirurgioens: Mas naõ ouve nenhum, que julgasse poderia viver: Antes aviaõ por milagre naõ arrebentar, e morrer logo, considerada a altura da varanda, que passava de dez braças, e o estado mortal do accidente em que a tomara a queda; em fim assentaraõ ser tempo perdido tratar de cura, nem meyos humanos, vista a confusaõ geral de todos os membros, e as muitas, e grandes feridas da cabeça. Espertouse a devaçaõ das Religiosas com as tristes novas, e desesperaçaõ dos Medicos, e confiando mais na Senhora, quando elle mais desconfiavaõ, fizeraõlhe curar as feridas, e aplicar todos os remedios da fisica: Em fim a que davaõ por morta, tornou em sy, e com claro, e evidente Milagre, teve perfeita saude. Que foy causa, que deste dia em diante cresceo no Mosteiro a veneraçaõ da Santa Imagem, e passando a fama á Cidade eraõ buscados seus vestidos, e pedido o azeite de sua alampada, que he perpetuo no seu Altar pera todo genero de doença: e saõ grandes as maravilhas, que se tem visto.

A Madre Soror Elena da Cruz.

Desta Madre era sobrinha, e discipula, e muito imitadora em tudo a Madre Soror Elena da Cruz; e por isso amada com extremos de toda a Communidade; sendo grandes as mortificaçoens e penitencias, que usava: A que mais fazia pasmar a todas as Religiosas, era huma continuaçaõ incansavel de estar de joelhos na Oraçaõ, que em fim lhe foy causa de grande mal na saude: Porque, pera poder aturar a penitencia, tomava por alivio debruçarse, e descançar sobre os braços, e daqui mortificarselhe hum delles, e chegalla ás portas da morte. Mas neste estado acudio toda a Communidade a Deos com efficacia de Oraçoens, acompanhadas de disciplinas, e jejuns: e estas alcançaraõ, que, como outro Ezechias, teve aviso do Ceo da sentença de morte revogada, differente sómente em que aquelle foy publico, este interior, e secreto: Aquelle de quinze annos de mais vida, este de hum só. (Reg.) Naõ dezejava Soror Elena vida, que tal era o trabalho da sua, que acaballa lhe fora descanço, e tal a innocencia della, que naõ tinha que temer o fim. Sofreo a sentença, mais por comprazer a outrem, que por gosto proprio. E viose isto bem nos empregos, com que passou o prazo inteiro. Affirmase, que nunqua ninguem em todo elle a vio rir, nem quasi fallar, senaõ com Deos. Com elle era todo seu trato, pera elle só fazia conta, que vivia. Até que cumprido o termo, como tinha declarado ás Madres, que foy por hum dia de Corpus Christi, veyo a espirar ao tempo, que a Procissaõ da Festa começava a sahir da Sé acompanhando o Senhor com melodia de vozes, Musica de Ministros, e repiques de sinos, que tudo soava no apozento da defunta (como o Mosteiro he taõ vizinho) e tu-

do parecia convidalla, pera tambem o acompanhar, e seguir.

A Madre Soror Antonia de Santo Thomàs.

Antonia Privizim se chamava no mundo a Madre Soror Antonia de Santo Thomás. Deixou o nome da geraçaõ polo do Angelico Doutor, com quem tinha especial devaçaõ. E considerando o muito, a que a obrigava tal nome, procurou imitar o Santo em suas grandes excellencias, e mais particularmente no amor da Oraçaõ. Nesta trazia a Alma perpetuamente, e em todo lugar, e hora occupada. E pera andar com mais promptidaõ, sobre muitos outros generos de penitencias, trazia, e trouxe toda a vida hum cruel, e desacostumado cilicio. Naõ apontaõ as memorias a qualidade delle; só ajuntaõ depois de grandes encarecimentos, que era tal, que a mesma, que o trazia, se receou de vãagloria, ainda pera depois de morta. Vendo que acabava, chamou huma amiga, entregoulho, e pediolhe, que como peça dada em testamento, e final de Amor o estimasse; e com o segredo de amiga o naõ descubrisse, nem mostrasse a ninguem: Todavia foy visto com espanto, e o cuidado da defunta ouvido com edificaçaõ.

A Madre Soror Margarida de S. Pedro.

Louvaraõse na Madre Soror Margarida de S. Pedro os meios, por onde chegou a receber o Santo Habito. Parece, que se lhe offereciaõ no mundo contrariedades. Determinouse em jejuar algumas Quaresmas a paõ, e agoa, e juntamente tomar por intercessor ao Apostolo S. Pedro, pedindolhe, que assi como tem á sua conta as portas do Paraiso celestial; assi fosse meyo, e valia de se lhe abrirem as deste da terra: e perseverando muitos annos em sua petiçaõ, em fim alcançou o despacho, que dezejava; e em reconhecimento, ficouse com o nome do Santo. Era muito entrada em dias, quando entrou na Ordem; que esse devia ser o inconveniente, porque naõ era admitida, parecendo ás Religiosas, que entrava pera ser servida, mais que pera servir. Mas mostroulhes Deos, que nenhuma razaõ ha, que baste pera se cerrarem as portas da Religiaõ, a quem bate com bom Espirito. Chegou a viver cem annos trabalhando, servindo, e fazendo grandes penitencias, e tanto adiantou nos caminhos da virtude, que as doentes da casa achavaõ em suas mãos remedio contra as enfirmidades, e nas Oraçoens valia pera com Deos contra todos os trabalhos d'Alma, e do corpo.

CAPITULO XVI.

Das Madres Soror Joanna de S. Domingos, Soror Joanna do Presepio, e Soror Magdalena do Sepulchro; e de algumas particularidades mais desta Casa.

TEmos que dizer de duas Joannas, ambas muito nobres quanto aos estilos da terra; mas muito mais nobres nos estilos do Ceo. Chamavase a primeira no mundo Dona Joanna de Sepulveda. Tanto que o deixou, se vio no Habito de S. Domingos. Assi como se contentou do Habito, quiz tambem o nome; chamouse Joanna de S. Domingos. E conhecendo o muito, a que se obrigava com tal nome, apostouse a imitar, e seguir

A Madre Soror Joanna de S. Domingos.

seguir o Santo Patriarcha com toda a pontualidade possivel, nos jejuns, nas vigilias, nas disciplinas de sangue, e até no cilicio de ferro. Sobre tudo era grandemente afervorada na Oraçaõ; e nella recebia do Senhor piedoso notaveis favores, e taes, que seus Confessores, a quem só os communicava com medo das illusoens do Inimigo Infernal, se maravilhavaõ do Espirito, e engrandeciaõ com louvores as Misericordias Divinas. He toda a Religiaõ verdadeiro deserto pera as Almas, que com determinaçaõ a buscaõ; e naõ só deserto, mas se nos entendemos, enterro, e sepultura de vivos. Este deserto determinou Soror Joanna estreitar por novo modo: lembrandose, que o grande seguidor do Ermo, de quem tambem tinha o nome, S. Joaõ Bautista, de sete annos se embrenhara, fugira do povoado, e deixara os pays: De tal maneira se apartou de todas as criaturas, que até com as Freiras, entre quem vivia das portas adentro, se avia como estranha, e com seus pays, e parentes tinha taõ pouco commercio, que só pera os encommendar a Deos lhes sabia o nome: Naõ os via, nem queria nada delles, dizendo com S. Francisco: *Deus meus, & omnia.* Como se dissera: Nada hey mister, nada me falta; porque tenho a Deos, e com elle tenho tudo. Assi recebeo a morte, quando lhe chegou seu prazo, com alegria de quem sahia de aspera prisaõ, pera gozar liberdade.

Da outra Religiosa era o nome Dona Joanna da Sylva na vida de secular. Tanto que esta deixou pola Religiaõ, trocou tambem o apellido faustoso com aquelle, que a mais humildade pudesse obrigar. Chamouse Joanna do Presepio. Assi montou muito nesta virtude, e pola mesma na do Amor de Deos. Pola humildade se julgava pola mais defeytuosa em tudo de quantas avia em Casa. E parecendolhe, que merecia o castigo, que lhe naõ davaõ, condenavase a crueis mortificaçoens de jejuns de paõ, e agoa, e fortes disciplinas. Polo amor era toda sua deleitaçaõ buscar o Divino Esposo orando, e contemplando: E pera naõ aver cousa, que lhe estorvasse este bem, determinouse, como a outra Joanna, de quem acabamos de contar, seguir tambem vida solitaria. Mas ha mister muito de Deos, quem se atreve a estar sempre só. Temos Inimigo, que a toda a hora anda, como Leaõ faminto, bramindo, e dando voltas por fazer presa, e tragar Almas; muito ardiloso, e sabio, polo que foy; muito máo, e temeroso polo que he; e sempre faz mais força, onde acha menos companhia. Estava Soror Joanna hum dia toda entregue aos Amores Divinos, esperando aquella hora, de que o devoto Bernardo se queixava, que vem poucas vezes, e quando vem, naõ dura; que isto nos quiz significar nas duas palavras: *Rara hora, & brevis mora.* Abrasase Lucifer de raiva, quiz inquietar o aparelho, senaõ estorvasse o favor. Era o lugar só, poemselhe diante com huma espada nua nas mãos, e correlha polos olhos: Pera huma mulher pasmar de medo, bastava ver espada nua, que seria vella sobre os olhos, e a fealdade de quem a esgremia?

A Madre Soror Joanna do Presepio.

mia? ficou taõ pouco espantada, como se lhe afuzilara na vista hum rayo das nuvens: mas, caindo que era obra do tentador, naõ desistio da Oraçaõ. Outra vez ficouse no Coro, recolhida a Communidade, e começou huma disciplina das suas, que isto basta pera se entender o rigor. Eys que cuidando estar muito só, descobre a hum canto hum vulto de Freira: E ve, que começa a esgrimir huma disciplina com tanto impeto, e estrondo, que naõ duvidava seria ouvida por todo o Mosteiro. Ficou sentida, e temerosa de poderem acudir as Freiras, e pareceulhe advertilla com charidade. Foyse pera ella, e a poucos passos desapareceo o vulto, disciplina, e rumor, que era tudo fantastico, e obra do Diabo, pera a perturbar. Tal foy a vida de Soror Joanna, e naõ foy differente a morte; porque soube a hora della, e tanto ao certo, que andando em pé, hum sãa, e bem, pedio dia licença á Prelada, pera se ir á Enfermaria, naõ pera se curar, senaõ pera morrer. Foy, pedioos Sacramentos, e repousou no Senhor.

A Madre Soror Magdalena do Sepulchro deixou nesta Casa grande nome de penitente, e grande amadora do Divino Esposo; quiz parecerse nestas partes com a Santa do seu nome. Mas naõ saõ as naturesas deste tempo, pera aturar tanto trabalho, como as antigas.

A Madre Soror Magdalena do Sepulchro.

Descuidouse da saude corporal, obrigada do Espirito: deu brevemente em Tisica. Na doença padeceo hum purgatorio de immensos trabalhos, que acrescentava com naõ poder acabar consigo largar as obrigaçoens, e rigores da Religiaõ, em quanto o mal lhe permittia.

Rezaõ he ficarem em memoria neste lugar os nomes de tres Religiosas, que desta Casa foraõ fundar a Observancia na de Santa Martha da mesma Cidade, que de muitos annos atraz guardava já a Terceira Regra de N. P. S. Domingos; como adiante diremos. Foraõ Soror Violante d'Assumpçaõ, Soror Joanna de Christo, e Soror Antonia de Santo Thomás. As duas primeiras foraõ nella Priorezas, huma traz outra, e depois se tornaraõ todas pera a sua. Muitas outras Madres tiveraõ aqui grande reputaçaõ, e nome de virtude: Mas como senaõ contaõ casos particulares, pareceonos pouco conveniente fazer Historia de virtudes ordinarias, inda que muito abalizadas.

Contaõ estas Madres famosos milagres da Santa Imagem, que deu nome ao Mosteiro, como atraz apontamos. A ella referem, ficarem livres de todo o mal na grande peste dos annos de 1579. e de 1598. até 600. que em Evora fez horrivel estrago. Tambem foy caso maravilhoso, que pegandose fogo no anno de 1598. no Altar, onde a Santa Imagem tem seu assento, por occasiaõ de hum rollo, que ficou junto delle ardendo por descuido; e abrazando todos os paramentos, e quanto nelle avia, com tanta furia, que por elles subio até pegar no tecto: só na Santa Imagem naõ tocou; sendo assi, que estava no meyo do Altar, e tinha vestido sayo, vasquinha, e manto de varias sedas, e toucada huma toalhina de rede fina sobre cabellos soltos. E mostrou ser verdadei-

dadeiro milagre em veneraçaõ della: Porque queimando quanto á roda avia, lhe deixou ſinallada, e creſtada huma borda do manto na guarniçaõ delle, como acenando, que ſua natural violencia naõ perdoara a nenhuma couſa do que tinha diante, ſenaõ fora de mayor poder mandado, e forçado reſpeitar a quem fazia repreſentaçaõ da Rainha do Ceo.

Outra Imagem ha neſta Caſa, em que todas as Religioſas tem muita devaçaõ: He da Glorioſa Santa Anna. Affirmaõ, terem recebido por ſeu meyo grandes miſericordias do Senhor em caſos de apertadas neceſſidades. Na Igreja tem Capella o Martyr S. Bras, por occaſiaõ de varios milagres certos, e provados em Eſquinencias, e outros males de garganta. O Moſteiro naõ tem grande renda. Com tudo ſuſtentava ſetenta, e ſeis Religioſas, entre Freiras do Coro, Noviças, e Leigas, quando iſto eſcreviamos.

CAPITULO XVII.

Fundaçaõ do Collegio de Santo Thomás de Coimbra.

COmo todos os Principes deſte Reyno, que entenderaõ no deſcubrimento das terras naõ conhecidas da Coſta d'Africa, deſdo primeiro que os começou, que foy o glorioſo Infante Dom Henrique, filho d'elRey Dom Joaõ I. tiveraõ por principal de tanto cuidado, e gaſto ſeu, de tanto riſco, e trabalho dos Portuguezes a dilataçaõ da Fé, e nome de Jeſu Chriſto: Vindo o feliciſſimo Rey Dom Manoel a ſucceder neſta Coroa, e vendoſe obedecido, naõ ſó das Provincias Barbaras, e feras de Ethiopia Occidental, em que ſeus anteceſſores tinhaõ trabalhado: Mas Senhor poucos annos depois de muitas terras das mais celebres, e mais opulentas da India, e Oriente, com navegaçaõ, e commercio livre da Perſia, e Arabia; lembrouſe, que convinha tratar dos meyos neceſſarios, pera ſe effeytuar a converſaõ daquella Gentilidade, quanto de ſua parte foſſe poſſivel. Nos primeiros annos, em quanto os animos eſtavaõ alterados, e inquietos com a novidade, e força das Armas Portuguezas, com que hiaõ fundando Colonias, e ſegurandoas com Fortalezas, era o tempo mal acomodado pera ſe porem em pratica materias de Fé, e Religiaõ: que naõ diz bem ferro, e fogo com a brandura, e piedade da doutrina Evangelica. E com tudo, já entaõ hia elRey mandando nas Armadas de cada anno alguns Religioſos de S. Domingos, e S. Franciſco, como adiante em ſeu lugar contaremos; pera que aſſiſtindo na adminiſtraçaõ dos Sacramentos á noſſa gente, foſſem de caminho tentando os animos gentilicos, procurando domeſticallos, e diſpollos, pera abrirem as portas d'Alma á luz da Fé. Correndo os annos adiante, como quem já traçava o que elRey Dom Joaõ ſeu filho depois executou, que foy mandar que foſſem as Religioens acompanhar com Conventos, e Communidades formadas as povoaçoens, que hiaõ creſcendo em numero, e moradores por toda a Coſta da India, e começaſſem a entender de aſſento na Prégaçaõ,

çaõ, e dilataçaõ da Fé, determinou fundar hum Collegio, que fosse como Seminario de Letras, e Letrados com Leys, e Estatutos encaminhados, naõ só á perfeiçaõ de Sciencia, mas tambem de Virtude, que saõ as duas partes, que convem acharse em todo o Prégador Evangelico. Avendo de ser o sitio em huma das Religioens, que avia no Reyno, escolheo aquella, que já pola Igreja Sagrada possuia o titulo de Ordem de Prégadores, e o Convento quiz que fosse o de Lisboa. O numero, que naõ passasse de vinte sogeitos; porque como avia de ser Seminario perpetuo; sahindo huns, e entrando successivamente outros, era bastante pera em poucos annos se criarem muitos. Foy declaraçaõ, que seriaõ quatorze Frades Dominicos, e seis da Ordem de S. Jeronymo, o Reytor sempre Dominico, e eleito polos Collegiaes, e confirmado polo Provincial de S. Domingos; o tempo de seu governo dous annos. Pera sustentaçaõ finallou da fazenda Real cento, e trinta mil reis em dinheiro, vinte moyos de trigo, e vinte pipas de vinho. Assentado tudo com licença, e authoridade Apostolica, que passou o Papa Leaõ X. mandou, que começasse a correr, e abrir porta de Estudo em vinte oito de Janeiro do anno de 1517. Dia em que na Ordem celebramos a Tresladaçaõ do Angelico Doutor Santo Thomás de Aquino, cujo titulo tomou. Sendo a tençaõ d'elRey Dom Manoel a que temos dito na fundaçaõ deste Collegio, naõ encontra o que nos deixou escrito na Chronica geral da Ordem o Padre Fr. Joaõ de la Cruz: Affirmando, que foy genero de satisfaçaõ, que quiz dar a Religiaõ de S. Domingos pola arrebatada determinaçaõ, com que mandou queimar os dous Religiosos, que foraõ autores da mortandade dos Christãos Novos do anno de 1506.

L.2. c.49.

Correo este Collegio, e seu Estudo alguns annos em Lisboa, e naõ he piquena honra sua criarse, e estudar nelle o grande Arcebispo de Braga Dom Frey Bartholameu dos Martyres, e aqui o achamos nomeado com apellido do Valle, como em outra parte escrevemos. E sahio taõ bom Discipulo, que acabando seus annos de Theologia, foy mandado ler hum Curso de Artes, e Philosophia na mesma Casa, e pela mesma obrigaçaõ do Collegio: Per maneira, que nelle foy Discipulo, e Mestre.

Na vida do Arcebispo l. 1. cap. 4.

Passados vinte, e hum annos da fundaçaõ no de 1538. no Capitulo, que se fez em Lisboa por Setembro, em que acabou o Padre Fr. Amador Henriques, e entrou eleyto o Padre Fr. Mendo de Estremós, que no anno seguinte foy mandado absolver polo Capitulo geral, se assentou passarse este Collegio ao Convento da Batalha: E pera que a mudança começasse com bem estreados principios, foy nomeado pera Leytor delle em outro Curso de Artes o mesmo Padre Frey Bartholameu.

No Convento da Batalha residio o Collegio até Outubro do anno de 1539. E no mesmo mez se passou pera Coimbra, avendo já alguns annos, que elRey Dom Joaõ III. tresladara pera a mesma Cidade a Universida-

versidade, que em Lisboa tinha seu assento, reformandoa com homens insignes em todas as Sciencias, que chamou das Universidades da Christandade, obrigados com grossos partidos, e esperanças de maiores merces: Obra, que por todas as idades lhe renderá immortaes louvores. Esta passagem do nosso Collegio pera Coimbra testemunha o Padre Frey Manoel de Sousa, que nolle foy Reytor muitas vezes, e fez algumas memorias de estima, por hum assinado seu, que anda no rosto do livro, em que se recebem, e apontaõ os Collegiaes, que entraõ, e diz assi: Aos dezaseis de Outubro de 1539. chegou, e esteve o nosso Collegio de Santo Thomás com o Padre Reytor delle Frey Lopo de Santarem, Collegio, e Estudo formado, e numero perfeito de Collegiaes nesta Cidade de Coimbra, e por constar authenticamente fiz, e assiney este em 16. de Janeiro de 1595.

1539.

Depois que temos averiguado as mudanças, que fez o Collegio em terras, e os tempos em que as fez, parece razaõ, que façamos memoria dos primeiros sogeitos, com que começou no mesmo anno de 1517. em que elRey D. Manoel mandou, que se desse principio ao Estudo. Nomealloshemos pola mesma ordem, que estaõ lançados nas lembranças antigas, e saõ os seguintes: Frey Mendo de Estremós, Frey Lopo de Santarem, Frey Antonio de Coimbra, Frey Affonso Madail, Frey Jorge de Setuval, Frey Diogo d'Oliveira, Frey Luiz de Portel, Frey Joaõ Bispo, Frey Diogo Fragoso, Frey Jorge Mendes, Frey Thomás de Mattos, Frey Duarte de Leiria, Frey Rodrigo Peixe, Frey Affonso de Palmella. Estes saõ os quatorze Dominicos. Mas dos seis Monges de S. Hieronymo naõ achamos memoria. Deviaõ considerar seus Prelados o inconveniente, que era irem estudar em casa alhea, differente em Regra, em Leys, e em Habito, podendo fazer escolla entre sy.

CAPITULO XVIII.

Em que se dá conta da fabrica, e forma do material do Collegio: e do tempo, que esteve suspenso, e como tornou a correr o Estudo nelle.

Passado o Collegio a Coimbra no anno de 1539. como temos obrigaçaõ de crer, visto o assento atraz referido do Padre Frey Manoel de Sousa, que devia especular com juizo os fundamentos, com que o fez, fica polo conseguinte entendido, que a morada dos Collegiaes seria entaõ no Convento velho; pois naõ tinhaõ outra. O que naõ faz piquena difficuldade contra o assento do Padre Frey Manoel. Mas dado, que se apertassem os Conventuaes, ou despejassem alguns, recresce outra duvida, que he sabermos, que já entaõ se vivia no Convento com grande risco; respeito das enchentes do Mondego, que foy a causa de se pedir a elRey Dom Joaõ licença, pera se tresladar a melhor sitio: E sabemos, que desdo anno de 1546. em diante, que o Geral Frey Francisco Romeu consentio na mudança, como em outra parte apontamos, se começou

1539.

P.1. l.3.c. 4. desta Chr.

çou logo a derribar. Por onde foy força cessarem os Estudos. E quanto a elles ficou o Collegio despovoado muitos annos, que polo menos foraõ vinte, contados desde 1546. quando o Geral deu a licença pera se poder transferir o Convento velho, até o de 1566. Tempo em que o Collegio novo estava já em estado de poder agasalhar gente. Per maneira, que sendo Frey Lopo de Santarem primeiro Reytor em Coimbra com numero perfeito de Collegiaes no anno de 1539. e succedendolhe, passados dous annos de seu governo, o Padre Frey Martinho de Ledesma, que era vindo de Castella, pera Cathedratico de Theologia da Universidade; ficamos assentando, que naõ ouve mais companhia de Collegiaes, nem Estudo, que em quanto o Convento velho, que os agasalhava, esteve em pé; e tanto que se começou a derribar, cessou tambem o Estudo.

A obra material do Collegio, como em outra parte apontamos, tomou á sua conta o bom Padre, e Cathedratico Fr. Martinho de Ledesma. Era a despesa grande, e faltava gasalhado pera os Estudantes. Obrigou tudo a suspender o Estudo, e empregar cuidado, e renda em levantar paredes, e fazer morada: Escolheuse o sitio na rua de Santa Sofia, menos máo que o do Convento velho; mas tambem allagadiço, e pola mesma razaõ enfermo. Tomaraõse da rua oitenta braças em comprimento contra a porta do Arnado pera Convento novo, e Collegio: Parte se comprou a particulares; parte deraõ voluntariamente, e com boa graça seus donos, que eraõ os Religiosos do famoso Mosteiro de Santa Cruz, Conegos Regulares, e a Camara da Cidade. Foy a partilha de trinta, e sinco braças, pera assento do Collegio, e as mais pera o Convento novo.

Começouse a trabalhar tanto que chegou a licença de Roma. Achamos assentos do Padre Frey Martinho feitos com officiaes de Cantaria, e outros, de que se mostra o que dizemos. He hum do Portal da Portaria, que hum Pero Luiz Pedreiro se obrigou a fazer por preço de quarenta mil reis no anno de 1547. Outro de Joaõ Luiz Mestre de Cantaria, que tomou de Empreitada a obra do Claustro em quantia de quatro centos, e quarenta mil reis; e depois de começada se chamou ao engano, sobre que ouve litigios, e desgostos, e em fim se deu a obra a outro.

1547.

Ficou o Collegio em sua quantidade de muy boa forma, ayroso, e muy bem assombrado; com suas officinas, e tudo o mais bastante pera o numero da gente, que avia de agasalhar: sua cerca grande contra o Rio, que serve de horta, e recreaçaõ. A Igreja, porque foy tençaõ, que avia de servir igualmente ao Convento novo, em quanto senaõ fazia outra, lançouse entre huma, e outra casa, mas piquena, e segundo a proporçaõ do Collegio, cuja era.

Quando o Edificio chegou a estado de se poder habitar, que foy aos vinte annos depois de começado, e depois de correr já o de 1566. succedeo acharse neste Reyno o Reverendissimo Geral Justiniano, o qual vendo a obra feita, e sabendo, que de

1566.

annos atraz estava o Estudo suspenso, nomeou auctoritate Apostolica Reytor, e Collegiaes, como parece da Patente do mesmo Reverendissimo, que anda ao pé dos Estatutos reformados. Deste tempo ficou em memoria, que o titulo, e honra do Collegio obrigou a muitos Padres de Estudos acabados a pertenderem entrar nelle, como entaõ fizeraõ: E só achamos, que foy entre elles por favor admittido hum Irmaõ moço, que era o mesmo, que depois de oitenta annos de idade enterramos neste Convento de Bemfica, quando isto escreviamos. Digo o Padre Mestre Frey Joaõ de Valadares, e o favor lhe fizeraõ os Padres da Provincia; porque naõ usasse de huma licença, que o Reverendissimo lhe tinha deixado, pera poder ir estudar fóra do Reyno. Era costume entaõ nomearem os Provinciaes os sogeitos, que aviaõ de estudar no Collegio; costume, que inda durante o anno de 1571. no qual se começou a praticar, o que os Estatutos apontaõ, de se darem os lugares do Collegio por eleyçaõ dos Conventos, pera gozarem todos da honra, tendo filhos de habilidade, e partes. E neste ponto ficaraõ os Conventos de Lisboa, Batalha, e Coimbra, com a ventagem de poderem propor cada hum dous filhos. Os mais Conventos hum só por cada Casa.

CAPITULO XIX.

Dasse conta como elRey Dom Joaõ, antes de acabada a obra do Collegio, mandou reformar os Estatutos d'elRey Dom Manoel: e da grande Religiaõ, que nelle se guardou sempre.

COmo elRey D. Manoel foy Author deste Collegio, e o que lhe ordenou a sustentaçaõ e renda, tambem lhe deu suas Leys, e Estatutos pera se governar, segundo entaõ pareceo acertado, e conveniente: Mas o tempo, que em tudo faz mudança, foy mostrando, que avia nellas muitas particularidades dignas de reformaçaõ. Polo que elRey Dom Joaõ seu filho, entrando o anno de 1550. em que a obra de pedra, e cal já procedida com cuidado, escreveo ao Provincial, que entaõ era o Mestre Frey Francisco de Bovadilha, que os visse, e emendasse: e vindo depois a Coimbra no mesmo anno lhe cometeo o mesmo cargo com mais formalidade por hum Alvará feito na mesma Cidade, cujo treslado he o seguinte:

EU elRey, faço saber a vós Frey Francisco de Bovadilha, Provincial da Ordem de S. Domingos, que por virtude do Breve, que tenho do Santo Padre, pera poder mandar ordenar, e fazer Estatutos, e cousas do Collegio da dita Ordem, que está nesta Cidade de Coimbra, como me bem parecer: Hey por bem, e me praz, que vós ordeneis, e facais novos Estatutos no dito Collegio, e aproveis os que agora saõ feitos, ou os revo-

gueis,

gueis, e declareis, e acrescenteis, como vos parecer, que convem ao dito Collegio, e á boa governança, e regimento delle; porque assi o hey por bem. E depois de os terdes feitos, e ordenados, como vos parecer, mos mostrareis pera os ver: E este cumprireis, posto que naõ passe pola Chancellaria, sem embargo da Ordenaçaõ em contrario. Joaõ de Castilho o fez na Cidade de Coimbra a dezanove de Novembro de 1550.

Por virtude desta commissaõ tomou o Provincial entre mãos os Estatutos primeiros, e trocando muitas cousas com bom conselho, ficaraõ reduzidos á fórma, que de presente tem; salvo no que toca ao tempo do governo dos Reytores: Porque dispondo os antigos, que naõ fosse mais que dous annos, elle acrescentou hum, e deulhe tres. E todavia, o que hoje se pratica, e corre, he, governarem sómente dous annos. Tambem emendou a residencia dos Collegiaes, que as Leys primeiras estendiaõ até sete annos; e elle a encurtou, e reduzio a quatro, que parece tempo bastante.

Esta reformaçaõ de Estatutos confirmou dezaseis annos depois o Geral Justiniano, quando veyo a este Reyno, por sua Patente, que despachou no nosso Convento do Porto em sete de Novembro de 1566. referendada pelo Mestre Fr. Serafino Cabelli; que entaõ era Provincial da Terra Santa, e deste anno em diante atégora, que passaõ já de sessenta, esteve sempre povoado das melhores habilidades da Ordem, que estudando nelle, tanto Virtude, e Religiaõ, como Letras, deraõ polo tempo em diante celebres, e abalizados Varoens em huma cousa, e outra; e com as mesmas partes o honraraõ. Porque huns leraõ longos annos na Ordem; e depois na mesma Universidade vieraõ a ser Cathedraticos de grande nome: Outros foraõ, e saõ hoje insignes no Pulpito, e doutrina: Como testemunhaõ seus escritos, que andaõ polo mundo com louvor espalhados, já Latinos, jà na propria Lingoagem da patria, feitos communs a todos, já traduzidos pelos Estrangeiros, naõ só em huma, mas em muitas Lingoas. Outros mereceraõ subir aos lugares mais altos do Reyno, de Tribunaes, Mitras, e Prelacias. E naõ apontamos aqui os nomes dos Lentes, dos Escritores, dos Prégadores, e Prelados, assi por escusar longa, e ao parecer ambiciosa escritura: Como, porque sendo isto Historia da Provincia, quem dezejar de os ver, poderá satisfazer sua curiosidade, lendoa. E se lhe causar espanto naõ achar todos,os que mereciaõ ser nomeados; saiba, que nos fez curtos hum receyo, que sempre nos acompanha, de cuidarmos, como isto he causa propria, e louvor dos meus, que nos está notando o Leytor, naõ só cores no rosto, mas até neste papel, contra quem disse o outro: *Littera non erubescit.*

He de saber, que sobre tudo, o que temos dito deste Collegio,

legio, e seus moradores, foy sempre louvado de se guardar nelle reformaçaõ, e concerto de Almas; como na mais reformada Casa da Provincia, com huma grande obediencia das Leys, e Estatutos, que como em todas suas partes se fundaõ em muito rigor, ajuda sua guarda ao bom animo, e natural dos sugeitos: E em fim tudo devemos ao Grande, e Felicissimo Rey Dom Manoel, de cujo peito, e conselho nasceo a fundaçaõ deste Collegio, e de cujo exemplo procederaõ os mais, que todas as Ordens foraõ instituindo na mesma Cidade: E naõ devemos menos a elRey Dom Joaõ III. seu filho, que o transferio, e mandou edificar em Coimbra. Antes com igual obrigaçaõ estamos a ambos. Ao primeiro pola renda; e ao segundo polo edificio. E todos os que temos o Habito Santo de S. Domingos devemos pagarlhes perpetua pençaõ de Oraçoens: Naõ só com a piquena, que elRey D. Joaõ poz aos Collegiaes, que foy de huma Missa cada semana aos Sacerdotes, de huns Psalmos Penitenciaes aos Irmãos do Coro, e de hum Terço do Rosario aos Conversos, que aqui servirem.

Fim do Livro primeiro.

TER-

TERCEIRA PARTE DA HISTORIA DE S. DOMINGOS PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO SEGUNDO.

CAPITULO I.

Fundaçaõ do Mosteiro de Nossa Senhora da Rosa da Cidade de Lisboa.

LUiz de Britto Administrador dos Morgados de S. Lourenço de Lisboa, e Santo Estevaõ de Beja, sendo viuvo de sua primeira molher Dona Isabel, filha de Joaõ Rodrigues de Sá, Alcaide Mór do Porto, e segundo deste nome, de que já tinha filhos, cazou com Dona Joanna d'Atayde, filha de Joaõ de Sousa, que os que escrevem geraçoens, nos daõ a conhecer por Commendador de Ferreyra, e que assistio no serviço do Infante D. Fernando, pay d'elRey Dom Manoel, com cargos honrados, e de Dona Branca d'Atayde filha de Joaõ d'Atayde Senhor de Penacova. Estiveraõ cazados alguns annos Luiz de Britto, e Dona Joanna: E naõ avendo geraçaõ dentre ambos, tratou ella de offerecer a Deos a fazenda de seu dote; fazenda, que pera aquelle tempo era muita, e boa: e parte della fora emprego de huma copia de dinheiro, que lhe dera o Bispo d'Evora D. Affonso, filho do Marquez de Valença D. Affonso: Do qual Bispo era Prima com Irmãa; por elle ser filho de Dona Brittes de Sousa, Irmãa de Joaõ de Sousa, pay della Dona Joanna: e foy o dizenho fabricar hum Mosteiro de Freiras de S. Domingos em honra, e vocaçaõ de Nossa Senhora do Rosario, de quem era devota. Ficou em tradiçaõ entre as Freiras velhas, que naõ vinha Luiz de Britto na determinaçaõ, ou fosse polo interesse de pertender a herança pera seus filhos, ou por outra

tra razaõ: E que huma noite vira em sonhos ao Padre S. Domingos, que com gesto crime lhe dizia, que naõ encontrasse a tençaõ pia de sua molher. Era bom Christaõ, tomou o sonho por aviso do Ceo, visto ser encaminhado pera serviço de Deos. Trataraõ logo de maõ commum, e com calor da obra, negocearaõ as licenças necessarias de Roma: Assi do Pontifice, como do Geral da Ordem, e a d'elRey D. Manoel no Reyno, e vieraõ a começar a fabrica no anno de 1519. sendo Provincial a primeira vez o Padre Frey Jorge Vogado Confessor, e Prégador d'elRey. E deste anno lhe damos sua antiguidade. Como determinavaõ dar sua fazenda, quizeraõ fazer sacrificio perfeito, dando pera morada de Deos, a propria em que entaõ viviaõ. Nas mesmas casas foraõ acommodando o Mosteiro. Taõ bons eraõ entaõ de contentar os Fidalgos no gasalhado de suas pessoas, que sendo ponto principal da Instituiçaõ naõ passarem as Freiras de treze, todavia compraraõ huns chãos vizinhos, pera lhe ajuntarem. Fizeraõ ambos seu Compromisso, declarando cada hum o que dava. Elle prometeo sua terça, e ordenou, que se lhe dissesse huma Missa quotidiana rezada perpetua, e hum Nocturno de finados cada semana. Ella, que dava tudo, pedio huma Missa cantada cadadia, e outro Nocturno cada semana: E ambos juntamente dispuzeraõ, que por suas mortes fosse Administrador da Casa, e dos bens, que lhe doavaõ, e deixavaõ, o Provincial da Ordem de S. Domingos, com advertencia ao Senhor, e Successor dos morgados delle Luiz de Britto, que fosse requerente com elRey, que cada tres annos mandasse visitar o Mosteiro, pera que permanecesse em toda a boa ordem de Religiaõ, e virtude, e se cumprisse com pontualidade o mais que deixavaõ em sua Instituiçaõ, e Compromisso, assentado. Composto o edificio material, mandou o Provincial vir dos Mosteiros das Donas de Santarem, e de Jesus d'Aveiro, quatro Religiosas, quaes convinhaõ pera fundarem o formal do Espirito. Foraõ Dona Francisca de Castro, que depois se fez chamar Soror Francisca de S. Jeronymo, Soror Brittes dos Reys, e Soror Antonia das Chagas, estas tres d'Aveiro; e Soror Anna do Espirito Santo, de Santarem. Entraraõ estas Madres a tempo em Lisboa, que aos vinte hum de Novembro do anno de 1521. dia fermoso d'Apresentaçaõ de Nossa Senhora se apresentaraõ com principio de Religiaõ, e Clausura perpetua. No mesmo dia receberaõ oito Noviças, que se tinhaõ offerecido pera o Habito, todas nobres, e algumas do melhor do Reyno. E pera se perfazer o numero do Compromisso, e serem treze, acudio no mesmo dia outra, de que logo diremos o nome, e ao diante mais cousas. Chamavase Soror Isabel da Cruz, Matrona nobre, e viuva, e em idade de quarenta annos. Fizeraõ as quatro sua eleiçaõ; e sahio Prioreza a Madre Soror Francisca de S. Jeronymo.

1519.

1521.

Correm os annos, foge a vida, e todos vamos á terra, como agoa que se some nella; sem mais tornar, nem aparecer.

Mor-

Morreo Luiz Britto, passados alguns annos; enterrouse na Igreja em lugar eminente defronte da porta principal. Sobre a porta, e no tecto da Capella Mór deixou postos escudos de suas Armas. Recolheuse logo D. Joanna com as Freiras, dando demaõ a tudo, o que era mundo, estado, e vaidade. Passou com ellas o resto da vida em quietaçaõ d'Alma, e Corpo; e acabou em boa velhice. Por morte de Luiz de Britto pertenderaõ os Religiosos aver a sua terça em conformidade do Compromisso; pera satisfazerem por ella as obrigaçoens dos suffragios, que encommendara, e terem ajuda de sustentaçaõ. Defendeuse o successor, que era Estevaõ de Britto seu filho: E como contra Freiras, e pobres piqueno poder basta; naõ ouve nenhum, que lhe tirasse das mãos, nem terça, nem parte della. Assi ficaraõ sem fazenda de raiz sua, elle gozando da honra, e nome de Instituidor; e ellas carecendo dos interesses, com que os Instituidores a costumaõ merecer. Isto vieraõ a provar muitos annos depois as pobres Religiosas em juizo contraditorio, sendo requeridas, ou perseguidas polos requerentes do Hospital d'elRey, em virtude de huma Provizaõ, que nelle ha, pera se lhe apropriarem as dividas de encargos naõ cumpridos dos defuntos. Pediaõlhe estes tudo, o que se montava em muitos annos, que constava naõ terem cumprido com a Missa quotidiana rezada, e Nocturno de cada semana por Luiz de Britto. Fundavaõse, e parecia, sobejarlhe razaõ, em que deviaõ ellas comer alguma fazenda polo tal encargo: Visto como ninguem deixa, nem aceita obrigaçoens sem fundamento, e hypoteca da instancia. Confessaraõ ellas o contrato; mas negaraõ a obrigaçaõ, mostrando largamente, que de Luiz de Britto naõ possuiaõ nenhum genero de fazenda: E que até o sitio primeiro do Mosteiro aviaõ sido casas proprias de Dona Joanna, e naõ de Luiz de Britto. Por onde foraõ absoltas da instancia por sentença diffinitiva, que se veyo a dar em cabo de longo, e porfiado litigio no anno de 1621. 1621.

Foy Prelada longos annos a Madre Soror Francisca. Succedeolhe no cargo, e foy segunda Prioreza a Madre Dona Branca. Em seu tempo esteve o Mosteiro a risco de se perder: Porque com os tremores da terra, que naquella idade continuaraõ em Lisboa, e todo Ribatejo, correo a Costa com tanto impeto da terra, e penedia, que se entendeo ficasse de todo enterrada a pobre casinha, com suas moradoras: E foy necessario dezemparalla. Como eraõ poucas, repartiraõse polo Salvador, e Annunciada. Melhorou o tempo, tornaraõse a ajuntar em seu ninho; e veyolhes de Santarem por Prioreza a Madre Dona Guiomar de Castro. Acontece muitas vezes ser hum trabalho causa de grandes prosperidades. As Historias nos avisaõ, que a muitos homens foraõ dezastres, e perseguiçoens, escada pera grandes estados. E no que toca a edificios, ninguem póde duvidar, que o fogo de Nero fez Roma mais fermosa, do que era antes do incendio. Parece obra secreta da Natureza, pola

regra em que a Philoſophia nos enſina, naõ ſe dar geraçaõ, ſem anteceder corrupçaõ. Devia tambem vir eſta Madre por molher de Eſpirito pera obras. He couſa de eſpanto, o que creſceo a Caſa em ſeu tempo. Fez as portarias de fora, e de dentro: as caſas de locutorio, e rallos, com as eſcadas que ſobem pera elles: edificou caſa pera Enfermaria, e lançou ſobre ella hum Dormitorio: achou lugar pera amaſſaria, e Botica, e hoſpicio (que tudo ſe deſcobre a hum bom engenho). E até pera dar largueza de Clauſtros, que ſaõ os que hoje chamaõ piquenos, e pera novo Refeitorio com ſeu poyo. Foraõ obras grandes, inda que em ſitio eſtreito. Fezſe gaſto creſcido, e foy neceſſario tempo dilatado. Aſſi lhe prorogaraõ os Prelados o cargo, e o teve oito annos.

Succedeo em quarta Prioreza, e no meſmo Eſpirito de fabricar, a Madre Brittes dos Reys. Fabricou de novo, e alargou o Coro, e Antecoro debaixo, e o Coro alto com ſuas cadeiras lavradas de boa obra, como hoje eſtaõ: Naõ tendo dantes mais, que dous bancos, com duas cadeiras de maõ pera as Preladas, e ajuntou huma obra de grande importancia, pera alivio das Religioſas, que foy a caſa de lavor. Póde muito o exemplo, e a emulaçaõ. Veyo deſpoz ella a Madre Dona Jeronyma; e entre outras couſas importantes, que fez, foy huma, cercar a Coſta de bom muro pera guarda, e juntamente fortaleza contra o monte. Edificou caſa ſeparada de Noviças. Eſtava o Moſteiro creſcido, e adiantado em tudo; ſenaõ em praça, e campo. E a meu ver era compoſiçaõ, e concerto, como de hum eſtojo, tudo eſtreito, e miudo; e como creſcia em gente, dezejavaſe largueſa. Era neceſſario hum eſpirito determinado, e animoſo: e tal foy a Madre Soror Antonia de Jeſus, que entrando em Prioreza, deſcubrio o valor do ſangue, que tinha do Santo Arcebiſpo Primaz Dom Frey Bartholameu dos Martyres, cuja prima era, em eſtender os penſamentos a taõ grande empreſa, como foy comprar huma rua inteira de caſas, e meterlha dentro da Clauſura, com todo o vaõ da meſma rua, alcançando pera iſſo licença da Cidade. Deſte tempo em diante ficou o Moſteiro com hum gaſalhado, e largueſa baſtante. Porque nos baixos lançou por huma parte celeyros, e caſa pera lenha, e deſpejos, e hum lanço de Clauſtro novo, e abrio hum poço, que fazia muita falta naõ no aver em caſa; e por outra fez atafona, e eſtrevarias, e a Portaria da rua, com caſa por ſima pera os Confeſſores, e outra pera aſſiſtencia das Priorezas. Aperfeiçoaraõ tudo duas Priorezas, que depois ſe ſeguiraõ. Eſtas foraõ as Madres Dona Maria da Sylva, e Soror Maria de S. Bartholameu, que correraõ, e acabaraõ os tres lanços do Clauſtro, que faltavaõ, lançandolhe por ſima ſuas varandas, e outro Dormitorio, obra de muito cuſto, e trabalho. Porque como ſe edificava em ladeyra, foy neceſſario gaſtar muito tempo, e muito dinheiro no deſentulho da parte mais alta, pera ficarem ao livel o pateo, e corredores do Clauſtro. Eſta lembrança nos pareceo razaõ fazer

zer aqui destas Religiosas. Porque sendo assi, que huma só pedra, que na Casa de Deos se acrescenta, he grande merecimento pera quem nisso occupa o tempo, e cuidado: Naõ era bem ficarem defraudadas da honra, que ganharaõ com a Ordem, e gloria, que mereceraõ com Deos. E pois temos dito das Preladas, passemos logo ás subditas, e a outro genero de gloria, com que se fizeraõ dignas de fama, em que tambem tornaráõ a entrar as Preladas na parte, que lhe couber.

CAPITULO II.

De algumas grandes, e particulares virtudes das Madres Soror Isabel da Cruz, Soror Lianor da Trindade, Soror Guiomar dos Fieis de Deos; e Soror Brittes dos Reys.

A Madre Soror Isabel da Cruz.

A Madre Soror Isabel da Cruz merece primeiro lugar entre as subditas, de que avemos de tratar, pola promeça que temos feito, e porque foy huma das primeiras Noviças, com que a Casa começou. Como entrou de muita idade, segundo deixamos tocado, determinou aproveitarse do tempo. Jejuava de continuo, e nas Sestas feiras, e Sabbados naõ comia mais que hervas: e nos dias que commungava, por reverencia daquelle Soberano Pasto, ficava o dia todo sem comer nada. Era sua cama huma estreita saca, e quasi sem lãa, e essa solta, e sem feiçaõ, nem brandura de Colchaõ, e nella dormia vestida, pera poder com mais facilidade anticipar a hora das Matinas, como de ordinario fazia, humas vezes com disciplinas, outras com outras mortificaçoens, e devaçoens, e sempre com fervente Oraçaõ, na qual se empregava com tanta continuaçaõ, que se lhe vieraõ a criar nos joelhos callos taõ grossos, como ovos, que a martyrizavaõ com dores. Dezejando imitar a pobresa de Christo nosso Redemptor, naõ sofria Habito, senaõ velho, e roto, ou remendado: e abrazada na consideraçaõ de sua Sagrada Payxaõ, acontecia fazerse atar a huma columna, e açoutarse, e trancar a cabeça com espinhos. E com todos estes martyrios viveo na Religiaõ outros tantos annos, como os que trazia do mundo, e cumpridos oitenta de idade, acabou em paz.

A Madre Soror Lianor da Trindade.

Naõ foraõ menos os que viveo a Madre Soror Lianor da Trindade; mas muitos mais os que deu a Religiaõ. Porque recebendo no mesmo dia, que Soror Isabel, o Santo Habito, e tendo entaõ só doze de idade, logrou sobre elles tantos, que veyo a cumprir de vida oitenta e dous. O mayor emprego de taõ longa jornada foy a devaçaõ da Santissima Trindade, de quem tomara o nome: E contaõse della extremos de admiraçaõ. Fazialhe todos os annos a festa per seu dia. E sendo a mais pobre Freira que avia no Convento, a festa sempre era rica, e aparatosa. E naõ avia outros milagres pera isso mais que os de sua abstinencia. Porque com ella grangeava, cortando por sy quanto depois despendia na solemnidade. Determinadamente, e como por teima naõ comia, nem tocava o paõ alvo, e bom, que se dava na Communida-

munidade. Guardavaõ, e fazia delle dinheiro. O que comia, era de ralla, preto, e grosseiro: e pedido por esmolla a quem tinha o cargo da amassaria, e em pouca quantidade, por naõ ser pesada a quem lho dava. De toda a mais raçaõ naõ comia mais que aquillo, que naõ achava venda. Tambem no que podia prestar guardado, naõ tocava. Guardava as maçãas, e peros das consoadas d'Advento, e Quaresma, e os doces, que se davaõ nas festas grandes. E quando chegava o dia da sua festa, achavase com dinheiro, pera a fazer com toda a larguesa, naõ só o que tocava ao Altar, Prégaçaõ, e Procissaõ, e ao mais culto Divino: Mas em dar de jantar á Communidade com abundancia, e concerto. E naõ parava só aqui. Chegou a renderlhe tanto com o discurso de muitos annos, o que se roubava a sy mesma, que fez huma alampada de prata, e ornamentos ricos pera o Altar, em que está o retabulo da Santissima Trindade. E pera que tudo fosse de sua industria, e trabalho, he averiguado, e certo, que naõ pedia, nem queria nada de fóra de casa: E até o panno das toalhas do Altar era fiado por suas mãos, e por seu dinheiro, e á sua custa tecido, e curado. Pera o dia da festa, em que se traz da Igreja o paynel da Trindade com Procissaõ solemne até á porta regular, e della o levaõ as Religiosas ao Altar do Coro, costumou muitos annos, em quanto teve forças, lavar por suas mãos todo o caminho, e chaõ, que hà da porta até o Coro, que naõ he piquena distancia: E até as paredes cayava, e tudo fazia sem admitir companhia, nem ajuda de ninguem. Bendito sejais Deos Trino, e Uno, Altissimo Senhor dos Ceos, que sendo servido lá de exercitos de Anjos, creaturas perfeitissimas, naõ engeitais, nem desprezais a humildade, e serviço dos bichinhos na terra: E nesta servasinha vossa manifestais por muitos sinaes, que vos agradava seu cuidado. Notavaõ as Freiras, que as maçãas, que guardava do Inverno, sendo fruta que logo se corrompe, quando se punhaõ na mesa por dia da Trindade, era gosto particular, ver, que estavaõ sãas, e nenhuma podre, e a novidade lhes dava sabor. Notavaõ os Clerigos, que vinhaõ acompanhar a Procissaõ, que os doces, que repartia por elles, em graças do acompanhamento, dados depois a enfermos eraõ remedio certo de saude. E por esta razaõ acudiaõ muitos a servir na festa, e tomallos, e pedillos. Mas o que se vio com maravilha, e inda hoje se conta entre as Madres com espanto, he, que postas hum dia da festa no fogo as panellas do jantar, que a devota Soror Lianor dava á Communidade, foy chamada á pressa da cosinheira, que acudisse ao remedio: porque estavaõ arrebentadas, e fendidas; e ou fosse força do fogo, o fraquesa do barro, ella sem se perturbar, como sabia, por quem trabalhava; foy correndo, e com santa simplicidade, e chea de Fé as abençoou em nome da Santissima Trindade, e tornouse a entender com o mais da festa. Bastou este feitio pera ficarem taõ bem soldadas, e seguras, que serviraõ, e cozeraõ o jantar sem

falta,

falta, nem danno, e ficaraõ inda preſtando no meſmo miſter toda a ſemana. Succedeo outro anno, que querendo a coſinheira pôr ao fogo o jantar da feſta, naõ achou agoa no tanque, em que ſe recebe, e guarda, a que vem de carreto; buſcou a Santa Mordoma advirtindoa, como era ſabida ſua virtude, que naõ eraõ horas pera eſperar remedio da terra. Chamou ella pela Santiſſima Trindade, e em ſeu nome lançou huma bençaõ ſobre o tanque. Tornou a coſinheira, e onde dantes eſtava tudo ſeco, achou, com que negocear baſtantemente o jantar. Tambem contaõ, que requerendo hum dia a ſua coſtumada eſmolla do paõ de ralla, com que ſe ſuſtentava; lhe reſpondera com eſquivança a Irmãa, que o tinha a cargo, e ſe fora ſem elle. E porque como humilde imaginou, que ſua importunaçaõ fora occaſiaõ de eſcandalo, naõ teve confiança, pera pedir na ſeguinte fornada, e paſſou duas ſem provimento, e com muito trabalho, porque outro naõ comia. Quando veyo a terceira, eis que entrando a forneira com ella na caſa do forno, acha na entrada a raçaõ das tres coziduras, que já com aquella devia á pobre Soror Lianor; e maravilhada do que via, e como advertida de ſua aſpereſa por meyo mais que humano, foy depreſſa remediarlhe a fome. Em vida taõ cançada tinha vivido ſetenta, e ſete annos. E todavia quiz o Senhor purificar mais aquella Alma, e permittio, que cahindo hum dia de ſeus pés, ſem muito perigo, baſtaſſe aquelle aballo, como o ſujeito era já taõ gaſtado, pera a tolher toda: E aſſi viveo ainda ſinco annos entrevada, e perſeguida de dores, e trabalhos. No meyo deſte mal era de ver o cuidado, com que procurava ſe fizeſſe a feſta. E com tudo vendo, que naõ podia acudir a ella peſſoalmente, toda a Veſpera, e o dia celebrava com lagrimas, e ſe alguma conſolaçaõ tinha, era ouvir, o que cada huma das Religioſas lhe vinha contar, do que faziaõ por honra da feſta. Muitas outras couſas ſe referem da devaçaõ deſta Madre, concluiremos com huma de muita devaçaõ, e confirmaçaõ de Fé. Eſtando pera eſpirar notavaõ as Madres, que de continuo tinha ſobre a cama tres candeas aceſas; e porque naõ faltava, quem culpava tanta luz, naõ eraõ bem apagadas duas, quando ſuccedia entrarem outras Freiras com lume de novo, e ficarem ſempre tres. O que ſuccedeo tantas vezes, que de toda a Communidade foy atribuido a myſterio, e aſſi foy acompanhada, até que deu a Alma ao Criador.

A Madre Soror Guiomar dos Fieis de Deos.

A Madre Soror Guiomar dos Fies de Deos foy tambem das primeiras moradoras deſta Caſa: Entre grandes virtudes, de que he louvada, era huma o Amor, e guarda do ſilencio, e a continuaçaõ de rezar a toda a hora pelas Almas Fieis, de que tinha o nome. Viveo tantos annos, que veyo a conſumirſe de pura velhice, ſem outra doença. Faltoulhe o vigor natural, acabou como huma candea, a quem ſe acaba a cera, ou o azeite, que lhe mantinha a luz. Entrando no paſſo da morte acompanhada de toda a Communidade na Enfermaria, ouviraõſe por todas

todas as partes, huns grandes eſtrallos, como de caſa, que ſente força de peſo ſobre ſy, e juntamente hum rumor confuſo ſem diſtinçaõ de vozes, que parecia de hum grande povo junto. Cuidava cada huma, que podia proceder huma couſa, e outra do ajuntamento da Communidade, e ſerem as Religioſas muitas no numero, e eſpantandoſe por iſſo menos. Tanto que a boa velha rendeo o Eſpirito; ceſſou tudo, e ficaraõ em taõ profundo ſilencio, que a mudança foy cauſa de novo aſſombramento em todas: E naõ ouve nenhuma, que deixaſſe de contar por couſa myſterioſa o rumor, e eſtrallos, e avellos por huma certa ſignificaçaõ do muito, que no Ceo ſe eſtimaõ as Oraçoens, que ſe fazem pelas Almas: como que vinhaõ todas acompanhar, e ajudar aquella, a quem ſe ſentiaõ devedoras.

A Madre Soror Brittes dos Reys.

Por outra via, mas tambem eſpantoſa, quiz o Senhor declararnos a Santidade da Madre Soror Brittes dos Reys; ſendo das primeiras oito, que aqui tomaraõ o Habito; como atraz contamos, e criadas no leite das Santas Fundadoras, ſoubeas tam bem imitar, que naõ ſendo conhecidas em vida, polo grande cuidado, com que ſoube encubrir, e ſoterrar o ouro de ſuas virtudes: Ordenou o Senhor, que naõ deixa nenhuma ſem premio, que a meſma terra deſſe teſtemunho, e publicaſſe quem era. E foy aſſi, que ſendo neceſſario muitos annos depois de ſua morte, pera correrem ao livel os Clauſtros, e varandas, que a Madre Soror Antonia de Jeſus fez deſentulhar o ſitio das ſepulturas antigas, foraõ deſcubrindo muitos corpos, e oſſadas daquellas primeiras, e mais antigas Religioſas: humas de cujas covas inda avia noticia, outras já eſquecidas; e de todas, em ſendo a terra movida, começou a ſahir taõ ſuave cheiro, que aos meſmos trabalhadores fez eſcrupulo a obra. E diziaõ, que o deviaõ ter as Madres de inquietarem aquelles oſſos ſantos. Mas naõ ſe deſiſtindo da offenſa das mortas, polo que cumpria ao gaſalhado das vivas, e continuando o cheiro com tal fragancia, que ſe ſentia no Antecoro, que he boa diſtancia, deraõ com hum corpo inteiro, e ſem corrupçaõ, que polo ſitio, em que eſtava, foy conhecido ſer da Madre Soror Brittes. O eſtado em que ſe achou era eſtar mirrado, e ſeco, e ſó a ponta do raris comida. Devia a terra eſte reſpeito á grande pureza, e innocencia deſta Madre, que de novo foy entaõ celebrada com ſaudoſas memorias, das que a tinhaõ conhecido, e tratado: E ella o pagava á terra, pegandolhe a ſuavidade do cheiro, em que aſſi mirrada, e ſeca recendia.

CAPITULO III.

Das Madres D. Branca, D. Franciſca da Sylva, e Soror Antonia de Jeſus, Priorezas.

SEja eſte Capitulo todo de Priorezas: Diſſemos das obras, que fizeraõ de pedra, e cal: Agora diremos das de ſeu Eſpirito. No tempo de cada huma guardaremos a ordem, que tiveraõ em ſeus cargos, naõ a dos annos em que faleceraõ. Porque do governo temos certeza:

teza: os de seu falecimento ouve menos cuidado de se apontarem.

A Madre D. Branca Prioreza.

Foy segunda Prioreza deste Mosteiro a Madre Dona Branca. A ella, e ás mais irey dando os nomes, assi como os acho nas lembranças da Casa; naõ tirando, nem acrescentando nada ao costume daquella idade. Esta Madre Dona Branca, de quem naõ achamos apellido do mundo, nem da Ordem, era sobrinha da Fundadora Dona Joanna d'Atayde. Parece, que a levaraõ seus pays ao Mosteiro com intento de grangiaria com a tia; e olhos no muito patrimonio que possuia. Estava na Casa de Deos, e os pensamentos todos no mundo. Era seu intento cazar, e naõ faltava, quem a pertendia, com sangue, e affeiçaõ igual. Mas verificouse aqui aos olhos vistos, o que Christo disse: *Nemo venit ad me, nisi Pater meus traxerit eum.* Todos os que vimos á Religiaõ, sua Divina Misericordia nos traz, e move, e acarreta (grande obrigaçaõ de sermos Santos). Esta buscou a Samaritana, quando mais ardia o Sol no Ceo, e ella nos desconcertos da vida. Por peccadora publica era conhecida a Magdalena, quando entrava por casa de Simaõ, quando com lagrimas daquelles olhos, que trasiaõ enfeitiçadas infinitas Almas, lavava os pés de Christo, e lhos enxugava com os cabellos, que a outras tantas tinhaõ servido de laços, e prizaõ. E toda esta mudança era obra do mesmo Christo. Assi allumiou depois a hum Paulo no meyo de suas furias: E da mesma maneira deu á Religiaõ de S. Domingos, e arrancou do mundo a Madre Dona Branca. Succedeo vir o Pertensor hum dia á roda perguntar por ella: Eis que subitamente se lhe poz diante hum Frade com sembrante severo, e olhos acesos em ira: E perguntalhe, que busca em tal lugar? Respondeo, que buscava a D. Branca, por ser seu parente. Tornou o Frade, nem ella vos póde fallar, nem vós lhe sois nada. Tanto poder teve este encontro (parece que foy mais que humano) que o homem naõ soube mais o lugar, e até os pensamentos delle perdia. Mas naõ os perdendo ella de deixar o Mosteiro por outra via, começou a negociar por meyo de devaçoens o estado de cazada. Que muita gente caminha por aqui, e naõ he a estrada errada, se quem a segue, deixara tudo nas mãos de Deos, pedindo, naõ cousa certa, mas o mais conveniente pera a salvaçaõ. Dos termos, com que orava Dona Branca, naõ consta; mas ficou em memoria, que na força das devaçoens lhe appareceo o Bom Jesus coroado de espinhos, e com a Cruz ás costas: E lhe disse, que se naõ cançasse, que nenhum outro Esposo teria, senaõ a elle. Bem podemos crer, que foraõ isto meritos, e Oraçoens da Fundadora sua tia. Soube ella conhecer o favor, trocou logo os cuidados, com tanta determinaçaõ de servir, e amar quem assi liberalmente se lhe offerecia, que no gosto, com que logo pedio o Habito, e na vida, que depois fez, confirmou, que da maõ do Altissimo fóra a mudança: E affirmase, que morreo Santa.

Matth.

A Madre D. Francisca da Sylva Prioreza.

Duas vezes foy Prioreza a Madre Dona Francisca da Sylva,

va, que tambem achamos com nome de Francisca de Santa Maria. Tal era sua charidade, e brandura com as subditas, juntas com muita authoridade, que o fora perpetua, se as leys da Ordem o consentiraõ. Davaõse entaõ quatro annos de governo, a perpetuidade se tirou em todos os Mosteiros. Contase della, que tinha grande compaixaõ de todo pobre, e particular cuidado de mandar prover, os que se vinhaõ valer do pouco, que o mosteiro entaõ podia. Chegou hum dia com affliçaõ á roda, pera mandar pedir dinheiro emprestado. Era a conjunçaõ taõ apertada, que naõ avia em seu poder mais que duas, ou tres moedas de cobre, que consigo trazia. No mesmo ponto fez seu requerimento hum pobre de fóra, e ella liberalmente o consolou com as moedas, ficando desconsolada do pouco que dava. Recebe o Senhor benignissimo huma boa vontade por obra. Tal devia ser o animo da Prioreza, que lhe naõ quiz guardar o premio pera mais longe. Quasi naõ virara as costas o pobre, quando batem na roda, perguntando pola Prelada. Acudio ella, e acha hum homem de boa presença, que sem dizer quem era, nem donde vinha, lhe poz na roda vinte mil reis em ouro. Quiz a Prioreza ser agradecida com o que he ordinario em Freiras, mandava buscar doces pera o convidar; mas elle foyse, sem querer aceitar nada, dizendo, que naõ era bem, sahirem dadivas, donde se padeciaõ necessidades. Foy isto em tempo, que a Cidade ardia na peste, que chamamos grande: E as necessidades do Mosteiro eraõ mais crescidas. Porque se determinaraõ as Religiosas em o naõ desemparar, e a terra tinha menos, que dar; porque todos, os que tinhaõ alguma cousa, e podiaõ, fogiaõ della. Assi era estimada, como vinda do Ceo, qualquer esmolla. E porque o mesmo homem tornou segunda vez dahy a hum mez em conjunçaõ de outro aperto, com outra tanta quantia, e pondoa na roda com aviso, que se desse á Prelada, se foy sem fazer detença. Junto tudo com a virtude de Dona Francisca, e boa sombra do Esmoller, cujo rosto era de extraordinaria gentileza, obrigou as Madres a lançarem juizos, que fora a esmolla miraculosa. Viva está inda hoje huma Irmãa Conversa, que era continua no serviço desta Madre, que affirma foy testemunha de hum, e outro dinheiro, e conta outro caso, que acredita bastantemente os dous referidos. Estava hum dia dando ordem ao Capellaõ da Casa, que lhe fosse pedir algum dinheiro emprestado. Chegou neste passo a Madre, que tinha a cargo a procuraçaõ, e governo da Communidade, requerendo dinheiro pera comprar do que convinha. E a Prioreza disse pera o Capellaõ: Bem ouvis esta Religiosa: E eu naõ tenho mais de meu, que hum só tostaõ, que ha de ser de nós? Ajuntou a isto, encomendarlhe de novo a diligencia; e no mesmo ponto tornou a Religiosa a instar, que naõ tardasse, que cumpria acudir logo, porque naõ ouvesse falta no jantar: levantouse entaõ, pera lhe hir dar o que tinha, e deixar á Providencia Divina, o que mais faltasse. Chegando

gando ao lugar, onde tinha o tostaõ, achou com elle nove moedas de ouro, cada huma de mil reis. Tornou logo á grade, contou ao Capellaõ o que passava, pera que escuzasse o caminho: E posta de joelhos com elle, deraõ ambos graças ao Senhor das misericordias. A mesma Prioreza contou o successo a algumas Madres de grande credito, das quaes o recebemos.

A Madre Soror Antonia de Jesus.

A Madre Soror Antonia de Jesus foy Prima com Irmãa do Santo Arcebispo Dom Frey Bartholameu dos Martyres. Assi como tinha delle o sangue, tinha tambem o zelo da Religiaõ: E tal foy Dom Frey Bartholameu, que, quando della naõ dissessemos mais, assás nos ficava honrando esta Historia. Era particular devota de nosso Padre S. Domingos, em tanto gráo, que tudo o que dizia, e fazia, era em seu nome; e achava, que dahi vinha succederlhe tudo bem. E taõ impressa tinha em suas potencias esta affeiçaõ, que vindo a adoecer de humas febres de humor pestilencial, que a tiveraõ quasi hum mez desacordada de todo, contava depois, que todo aquelle tempo passara com lhe parecer, que via o Santo assentado na borda do leyto, e que senaõ atrevia a voltar na cama, porque tinha por descortesia darlhe as costas. Vinte annos depois de cumprir os quatro de Prioreza, foy eleyta outra vez. Era muito entrada na idade; mas como o Espirito naõ envelhece, e o seu zelo estava com o bom costume mais vivo, e constante, aceitou sua eleiçaõ obrigada tambem do juizo, e amor das que a buscaraõ. Com tudo, começando a entender no cargo, foy vendo, que lhe faltavaõ ás forças corporaes, e que naõ podia dar o exemplo no seguimento das Communidades, e rigores da Religiaõ, a que os Prelados tem mais obrigaçaõ. Com este conhecimento deu principio a hum discurso muito importante. Foy considerando, que o defeito das forças, a falta de ver, e ouvir, eraõ tudo avisos do Ceo, e da Natureza, que naõ podia tardar o fim da vida, que por estes passos vay traspondo, e juntamente espertando os adormecidos. Vio, que era tempo de fugir ao mar, e ás tempestades de cuidados d'Almas alheas, e recolher ao porto, e a hum só cuidado de naõ tratar mais que da sua. Lembravase do exemplo do Primo Santo, e raro exemplo. Nunqua lhe pareceo taõ acertado aquelle conselho de deixar, como deixou, renda grossa, authoridade, e marido: Tornando á pobresa mança, e descançada do cantinho de huma cella. Como quando experimentou o muito que embaraça a alma na idade crescida o tratar de outrem, quando he tempo de o empregar todo em cuidar de sy. Como cahio na conta, deliberouse, cortou por tudo, que naõ deviaõ faltar huns Espiritos aduladores, e juntamente interesseiros, que na causa alhea costumaõ fazer a propria, que ao pensamento santo puzessem nome de pusilanimidade, e pouco brio. Constantemente pedio absolviçaõ do officio, e absolveuse com alegria. Foy obra de valor, naõ polo feito (que na verdade fugir de trabalhos, buscar o bem, que só importa, que louvor merece?) mas pola cegueira, e desatino, com que nesta idade

até com os pés na cova idolatramos no gosto de mandar.

Tinha servido dous annos, quando se livrou do cargo, e foy bem a tempo. Porque começaraõ a persegui-la as doenças, que se chegaõ á velhice, e vindo de tropel humas sobre outras, puzeraõna em estado de quasi entrevada: Estando assi, succedeo hum dia, que acompanhandoa duas sobrinhas, que tinha, e outra Religiosa de credito, que hoje he viva, começou a bater nos peitos com força, e dizer em voz alta: *Ecce Agnus Dei: Ecce qui tollit peccata mundi.* Acudiraõ, as que assistiaõ, perguntando, se queria alguma cousa, e ella dizia: Naõ vedes o Senhor do mundo sobre huma bolla cheya de luz, lançando a bençaõ, e o Bautista vestido de pelles junto com elle? Perguntaraõlhe, a que porta estava: Respondeo, que contra os pés do leyto. Mas dizendo ellas, que naõ viaõ nada; tornou sobre sy, como arrependida de ter fallado, no que só via, e com arte de quem se queria encubrir. Eu tambem (tornou) naõ vi nada, que estava sonhando. Tal era a boa velha, que nenhuma duvidou de ser verdadeira a visaõ. E huma das sobrinhas lhe tomou entaõ a palavra, que se visse a nosso Santo Patriarcha, de que era taõ devota, como temos dito, lho naõ negasse. Julgava esta Madre, que naõ podia deixar o Santo de a consolar em doença, que pola qualidade della, e os muitos annos de quem a padecia, mostrava ser a derradeira. Passados poucos dias, deulhe Apoplexia na lingoa, que lhe tolheu a falla, sem danno dos mais membros, nem do entendimento. Foy logo enfraquecendo muito, e entrando em morrer. Mas tanto em seu juizo, que teve sempre hum braço estendido fóra da roupa, e de quando em quando sem o mover levantava a maõ com geito, e ar de quem em seu coraçaõ arrezoava com alguem. Perguntoulhe entaõ a sobrinha polo concerto, que tinhaõ feito, e se vira o nosso Padre. Fez sinal, que sim, abaixando a cabeça. Perguntandolhe quantas vezes, levantou o dedo, como quem dizia, que huma só: Isto foy no dia antes de seu transito. Naõ passaraõ muitos, que a seguio a Madre Soror Isabel de Jesus de hum accidente, que apressadamente a levou: A qual affirmava, que duas vezes lhe apparecera a Madre Soror Antonia, por extremo alva de vestido, e rosto, e com huma luz, que lhe resplandecia por baixo da toalha junto da garganta, como de huma vella acesa.

CAPITULO IV.

Das Madres Soror Isabel da Cruz segunda, e Soror Brittes da Cruz.

A Madre Soror Isabel da Cruz 2.

A Madre Isabel da Cruz, que chamaremos segunda, pera differença da primeira, de que atraz fallamos, foy insigne nas virtudes da Penitencia, e Oraçaõ. Muitas Madres se lembraõ, veremlhe lançar sobre as sopas, que começava a comer no Refeitorio, copia de agoa fria do jarro, que tinha diante, pera perderem o sabor, que ou a boa tempera, ou sua fome, e necessidade lhe dava. Na Oraçaõ

çaõ era taõ enlevada na hora, que a ella se entregava, que naõ sentia, nem dava fé, de quem lhe abria a porta, ou entrava na cella. Juntava a estas virtudes huma entranhavel devaçaõ com a Virgem Nossa Senhora, e com seu Santo Rosario: Em cuja virtude fazia algumas obras, que excediaõ a virtude, e poder humano. E a esta conta todas as Rosas, que se benziaõ na festa da Senhora por Mayo, se depositavaõ em sua maõ, de consentimento das Religiosas. Porque criaõ, que a sua fé, e a valia, que tinha com Deos, e com a Virgem, lhes acrescentava virtude, quando por sua maõ eraõ dadas, ou aplicadas: Como se vio por varias experiencias. Curavaõ dous C,urgioens huma Religiosa de huma fea postema, que tinha em hum pé com tres buracos abertos, e huma tarde foy achada em estado, que assentaraõ com medo de Erpes, pôrem lhe ferro, e fogo, e trazerem no dia seguinte instrumentos, pera cortar, e cauterizar. O terror de tal cura espertou a devaçaõ da doente, e das amigas, acodem aos remedios do Ceo; chamaõ Soror Isabel, veyo ella com as suas Rosas, lavou a chaga com a agoa de humas, polvarizava com outras, apertoua, benzeua, encomendoua á Senhora do Rosario. Foy obra Divina, naõ poder da terra, o que viraõ, e acharaõ, os que vinhaõ pera a martyrisar ó outro dia. Quando descubriraõ a chaga, tal era a melhoria, que se tornaraõ pasmados, e affirmando, que interviera alli milagre, e esse lhes naõ deixara, que fazer. Assi sarou logo. A Madre Antonia de Jesus tinha huma esponja grande, que lhe dava muita pena: Aplicoulhe Soror Isabel as Rosas, sem outra mezinha, se lhe despegou, e cahio hum dia, diante de huma Imagem da Senhora, que está no Antecoro. Por outro modo curou a Madre Soror Eria de Jesus. Naceolhe hum lobinho no artelho de hum pé, e foy crescendo de sorte, que era do tamanho de hum ovo, e naõ podia dar hum passo, sem bordaõ, e com muito trabalho. Lavado com a agoa das Rosas, e postas outras em sima, veyo a arrebentar; e lançando tres pedras duras, como as do monte, e tamanhas como tramoços, deixou o pé saõ, e enxuto: E vive hoje com boa saude. Amanheceo hum dia com febre ardente, e pontada na ilharga a Madre Soror Anna d'Ascençaõ. Veyo o Medico. Eraõ sinães claros de Prioriz: mandou, que logo fosse sangrada. Naõ esteve polo conselho. Foyse a Soror Isabel: aplicoulhe as Rosas Santas: Quando foraõ horas de Vesperas estava sem febre, e sem pontada. Quasi a este modo, e taõ abreviadamente foy curada a Madre Soror Catharina do Presepio, Irmãa do Doutor Francisco Fernandez Galvaõ; mas em differente mal. Dera huma queda, de que estroncou hum pé, com tanta força, e danno, que naõ foy poderosa pera se levantar per sy, donde cahio. Em braços a levaraõ á cella as Religiosas; foy huma dellas a Madre Soror Isabel, que trouxe logo as suas Rosas; e visto o pé estava todo negro, e inchado, e as dores eraõ immensas. Pozlhe com sua maõ, e bençaõ o em-

emprasto santo, foy saude do Ceo: Porque amanheceo sem dor, e sem inchaçaõ; e nos nervos, e em todo pé tanta firmeza, como quando mais sãa estava.

Naõ ficou entre as paredes do Mosteiro a fama da Botica, e remedios de Soror Isabel, sempre tinha que curar fóra, como dentro delle, e vinhaõ a ella, como a fonte, e saude certa, e medicamento, que a todo mal servia: contentandose os de fóra, porque naõ avia Rosas pera todos, com agoa que dava dellas. Hum criado do Visconde de Villa Nova de Cerveira de huma forte doença chegou a estar ungido. Naõ faltou quem naquelle ponto lhe lembrou a Botica Santa da vizinhança: mandouse valer della, meteu na boca humas folhas das Rosas bentas, e foyas mastigando, como pode, como se com ellas lhe viera a vida, assi foy entrando, e tornando em sy. E teve logo saude. A mesma recebeo em perigoso ponto huma vizinha do Mosteiro, molher de Alexandre de Sousa. Bastaõ pera matar poucas horas de dores do parto: Ella avia tres dias inteiros, que morria dellas. No momento que lhe acudiraõ com as Rosas, naõ foy só parir com facilidade, mas quasi resuscitar.

Tantas foraõ as maravilhas, que as Rosas bentas obraraõ polo meyo, e mãos de Soror Isabel, que se o Mosteiro naõ tivera a Invocaçaõ da Rosa, ou do Rosario, desda hora, que por Dona Joanna d'Atayde foy fundado, puderamos dizer, que dellas lhe nascera o nome. Mas sendo muitas, e grandes, as que esta Senhora faz por toda a parte; parece, que se ha por mais obrigada neste sitio, como logo veremos, depois que dermos fim á vida de sua boa devota Soror Isabel. Contaõse della, pera testemunho do que valia diante de Deos, alguns casos notaveis. Foy hum, que adoecendo gravemente certa Religiosa, lhe deu hum paynel, que tinha de Nossa Senhora, retrato da que em Roma chamaõ do Populo, e se tem, que foy obra, e maõ de S. Lucas. Mas era a condiçaõ de Retro declarando a doente, que em caso, que naõ morresse, queria, que o paynel lhe tornasse. Estendeuse a doença longos dias, e Soror Isabel foyse affeiçoando á pintura, e como todas as semelhantes tem grande peso, e hum certo ar, que muito obriga a devaçaõ: fazia conta, que achara pera sua Alma hum thesouro. Assi estava continuamente em Oraçaõ diante della: E polo gosto, que tinha de a possuir, naõ deixava passar dia sem fazer instancia pola saude de quem lha dera. Sendo ouvida como Santa, sarou a que fora doente, e conseguintemente requereo a sua pintura. Naõ a podia negar Soror Isabel lembrada do partido, nem podia acabar comsigo despegarse della. Porque naõ era menos largalla, que arrancar, e dar o coraçaõ. Deua em fim, porque naõ podia encontrar o concerto: Mas tal era o pranto, que fazia, tantas as lagrimas, que com saudade da Santa Imagem diffundia, que outra Religiosa sua vizinha, como era amada de todas, lhe levou huma, que tinha da Senhora do Rosario, de naõ menos boa maõ, que a do Populo, consolandoa, que alli tinha a mesma Senhora, inda

que

que naõ fosse o mesmo nome. Era Soror Isabel huma pomba em singeleza, aceitou as razoens, e a Imagem; e contaõ, que todo o resto da noite gastou em fazer diante della piadosas queixas, do muito que lhe custara o apartamento da outra. Passada meya noite soou na cella, da que fora doente, hum temeroso estrondo com aballos de toda a casa, e tal tremor de terra, que os vizinhos do Mosteiro se levantaraõ das camas com medo: E a Freira despavorida, entendendo o que poderia ser, amanheceo na cella de Soror Isabel com o seu paynel, que levara: e dizem, que a achou de joelhos diante do outro. Alli pedindolhe muitos perdoens da culpa, que naõ tinha, lho tornou a entregar. E porque o naõ aceitou, como durava o terror do que sentia de noite, naõ se atreveo a levallo comsigo: foyse a hum Altar do Coro, depositouo nelle, e ahi está até hoje.

Sendo muito velha, e enferma, succedeo, que huma Madre, por nome Soror Cosma de S. Dinis, que tinha seu leito longe della, espertou huma noite a hum rogido, que sentio no bocassi, que faz parede, e divisaõ entre os leitos: E ficando cheas de medo, e o sono perdido, tornou a sentir de novo pés pola esteira, que tinha ao longo da cama, e logo bateremlhe na porta. Aqui naõ ouve, senaõ levantar a voz, e chamar por Jesus com medo, e juntamente perguntar, quem batia, e que queria. Naõ tinha Soror Cosma muito esperto o sentido do ouvir, mas pareceolhe, que ouvira: Vay a Isabel da Cruz. Fezlhe coraçaõ o nome da velha Santa, e teveo pera se levantar, e acender candea, e hir visitalla: E foy taõ a tempo, que a achou com hum trabalhoso accidente, e tal que a velha lhe dizia: Deos vos trouxe cá; perto estava de acabar, se tardareis; mas bem sabia eu, que me naõ avia de desemparar a minha Senhora do Rosario, dando graça a alguem, que me acudisse. Seguio estas palavras, prometendo a Soror Cosma de fazer Oraçaõ a nossa Senhora, que valesse a huma sua Irmãa secular em huma causa, que era publico trazia em mãos da Justiça: E valeulhe alcançar brevemente sentença por sy.

Viveo Soror Isabel longos annos. E como nossa idade, quando se estende muito, vem a remedar hum circulo, que acaba por onde começou: assi lhe aconteceo, que nos ultimos dous annos da vida tornou aos da infancia, e na simplicidade, com que ficou, naõ era mais, que huma minina de peito; como o fora toda a vida na innocencia, nem se sabia vestir, nem pedir de comer, nem sabia dizer outra cousa mais, que a Oraçaõ da Ave Maria, que dizia com boa pronunciaçaõ, e sem errar palavra. Assi foy sua morte, como de huma criancinha, ou de hum passarinho: E pera se provar, o que está escrito, que o Reyno dos Ceos he dos piquininos, e mininos, acudiraõ Anjos a levalla a elles com Alleluyas: Porque ao tempo, que a bendita Alma se soltava das miserias da carne, foy ouvida por muitas Religiosas huma suave armonia de vozes acompanhadas de instrumentos de Rabiquinha, e Arpa, que parecia soar

Matth.

soar por detraz donde a Santa velha jazia. Fez espanto a Musica, naõ queriaõ crer mysterios, foraõ, por ver onde seria, viraõ, perguntaraõ, mandaraõ á rua: Em fim naõ se vio, nem appareceo final de canto humano, nem a hora era pera isso, e ficaraõ assentando, que buscavaõ Anjos do Ceo, a quem o era da terra.

Com semelhantes exequias, e com testemunho de toda esta Communidade deixou a vida mortal muitos annos depois a Madre Soror Brittes da Cruz: Mas com esta differença, que Soror Isabel foy seguida da Musica, e Soror Brittes anticipada. E a semelhança do transito nos obriga ajuntallas ambas, inda que temos outras, que precedem a Soror Bittes em antiguidade, de que logo avemos de tratar. Tinha esta Madre muitos mezes de doente, e andava fraca, mas naõ se lhe temia fim apressado. Estava na casa de lavor, e acabava de jantar com bom sabor, eis que lhe fere nas orelhas huma voz, cantando com suavidade, e graça, e acompanhada doutras. Eraõ horas, que estava a Communidade no Refeitorio: e a Freira imaginando, que seria exercicio da Cantora mór com suas discipulas no Coro, disse pera a Madre Maria da Cruz sua tia, que a acompanhava: *Muito madruga esta Madre a estudar.* Tem a casa de lavor tribuna sobre o Coro. Quiz a tia fechar as portas: Naõ consentio a doente, dizendo, que seria escandolo. Precedeo a Musica de sorte, que foy ouvida das Madres, que sahiaõ do Refeitorio, e notada com grande espanto, por verem, que sahiaõ todas juntas da mesa, e que naõ avia em casa, quem assi pudesse cantar. Quando foraõ duas horas depois do meyo dia, pouco mais, começou a doente a tussir, que era parte de seu mal: E foylhe acudindo sangue á boca, e crescendo com tanta abundancia, que em breve espaço a deixou afogada. Soubese, que depois que a defunta na noite antes ouvira as mesmas vozes, e da mesma parte do Coro, e todas as Religiosas sabiaõ, que, com ser moça, fazia huma vida toda entregue a Deos, e que de proximo tinha dado principio com grande fervor a duas Confrarias, huma do Santissimo Sacramento, e outra de Nossa Senhora. Era esta Madre filha de Luis de Britto, e de Dona Ines de Lima, per quem entrou na Casa dos Brittos o Viscondado de Villa Nova de Cerveira. Foy sua morte em dezanove de Julho do anno de 1622. a tempo que quem isto escrevia, se achava na Cidade: E sendo sabedor das particularidades referidas, fez logo diligencia com a Prioreza, que era entaõ a Madre Soror Anna da Madre de Deos, e por letra sua constou o que temos contado.

A Madre Soror Brittes da Cruz.

CAPITULO V.

Das Madres Soror Guiomar da Trindade, Soror Catharina do Espirito Santo, Soror Brittes da Resurreiçaõ, Soror Maria dos Santos, Soror Custodia de Jesus, e Soror Magdalena da Sylva.

A Madre Soror Guiomar da Trindade era muito nobre no mundo, mas muito mais simples

A Madre Soror Guiomar da Trindade.

ples d'Alma pera as cousas delle: E tanto que vestio o Santo Habito, sua vida, e gosto era, estar sempre pegada com o Altar da Santissima Trindade, com quem tinha tanta devaçaõ, que naõ entendia, nem sabia entender em outra cousa: E por sua singelesa naõ tomava bem, que na sua Antifona se dissesse: *Et nunc, & in perpetuum*: Senaõ: *Et semper, in perpetuum*. Faleceo Alma innocente muitos annos ha: E ficou em memoria, que na hora, em que acabou, sendo já alta noite, se vio pouco antes, que o sino fizesse sinal, subia do Mosteiro pera o Ceo huma nuvem muito clara, naõ avendo outra no Ceo. E huns seculares vizinhos, que a viraõ, e notaraõ, vieraõ pola manhãa contar o caso no Mosteiro, perguntando juntamente com curiosidade, quem fora a defunta.

A Madre Soror Catharina do Espirito Santo.

Como naõ avia de ser Santa a Madre Catharina do Espirito Santo, se tinha por Irmaõ, e espelho pera se compor de toda a virtude o Santo Arcebispo de Braga, Primás das Espanhas, Dom Fr. Bartholameu dos Martyres? Irmaõ era seu de pay, e mãy este famoso Varaõ: E ella taõ parecida com elle em todas as partes de bom Espirito; e principalmente na virtude da humildade, que toda a vida se presou de servir a Casa, naõ só como Freira do Coro, que era, mas como qualquer servidora das mais humildes. Contase della, que estava taõ acreditada entre as mais Religiosas, que padeciaõ qualquer trabalho espiritual, ou temporal, que acudiaõ a pedirlhe suas Oraçoens com confiança, e naõ só em negocios proprios, mas tambem nos de seus parentes, e conhecidos; e pera todos achavaõ nella consolaçaõ, e remedio. Viveo muitos annos, e acabou como Santa em boa velhice.

A Madre Soror Brittes da Resurreiçaõ.

Na morte da Madre Soror Brittes da Resurreiçaõ vio esta Communidade hum caso nunqua ouvido. Curouse na cella, em quanto lhe durou o mal, de que faleceo, que foy Ar de Parlesia: Porque naõ consentiraõ os Medicos, que sahisse della, quando lhe deu. E avendo de passar pera a sepultura por tres lanços do Dormitorio, tantas foraõ as Freiras, que apareceraõ no acompanhamento, que estava já a Cruz no Coro debaixo, e o corpo começava a sahir da cella. E o que mais espantava, era, que hiaõ juntas, e apertadas desorte, que se requeriaõ humas ás outras, que andassem; e como era sabido, que todas, as que avia na Casa, cabiaõ folgadamente em hum só lanço do Dormitorio, pasmavaõ de ver, que enchiaõ agora tres lanços, sem hir a Procissaõ em nenhuma parte quebrada. O caso foy certo; mas como podia acontecer, naõ se alcançou por entaõ. A gente pia conjecturava, que permitira aquelle Senhor, cuja benignissima condiçaõ naõ deixa nenhuma boa obra sem premio, que todas as Almas, que daquella Casa tinhaõ sobido ao Ceo, vinhaõ acompanhar, e levar consigo huma, que de todos os Santos do Paraiso era por extremo devota. Fundavaõse pera isto, alem do prodigio, que por seus olhos alcançaraõ neste dia, em terem visto na defunta por todo o discurso de sua vida huma rara pureza de consciencia, e hum Espirito

to taõ dado a ſervir, e venerar todos os Santos, que a Igreja celebra, ſem exceiçaõ de nenhum; que por toda a roda do anno ſua occupaçaõ era buſcar as Imagens de cada hum, e enramallas de flores em ſeu dia: E quando outra couſa naõ avia, com hervas cheiroſas, e ramos verdes. Em particular diſpendia toda huma tença, que tinha, em celebrar a feſta do Bom Jeſus, quando a furto da Mãy bendita em idade de doze annos ſe deixou ficar em Jeruſalem, e ella o buſcou deſconſolada, e teve por perdido tres dias. E ſobre tudo era taõ devota de ſua Sagrada Paixaõ, que a toda a hora, que nella fallava, ou ouvia fallar, ſe desfazia em lagrimas.

A Madre Soror Maria dos Santos.

Vinte, e dous annos avia, que fora enterrada a Madre Maria dos Santos, quando abrindoſe a ſua cova, e dando o official com hum caixaõ, foy apartando a terra, e desfazendoſe as taboas de podres, apareceo a oſſada, ſobre a taboa do fundo inteira, e junta, ſem aver parte ſeparada, e no peſcoço della hum Roſario de pao, inſiadas as contas em ſeda; o qual ſendo viſto por todas as Madres, ſaõ, e inteiro, onde tudo o mais eſtava conſumido, foy levado polo Coveiro com tanto alvoroço, como ſe achara theſouro, com que remedear ſua pobreza. Lembrou entaõ a muitas, que merecia o Roſario, por de quem fora a maravilha da conſervaçaõ, e a eſtima de quem o achara. Porque Soror Maria ſobre grandes partes de virtude, fora dotada de huma taõ deſacoſtumada humildade, e manſidaõ, que com ninguem ſe ſabia indinar; e acontecendo fallaremlhe palavras deſcompoſtas, era ſua repoſta cozer a boca com ſilencio conſtante. E ſe avia quem queria acudir por ella, ſentiao em tanto gráo, que com os joelhos em terra, pedia, que a naõ defendeſſem, nem eſcandalizaſſem a quem a tratava mal, affirmando de ſy, ſer taõ má, que ainda merecia ouvir peores couſas.

A Madre Soror Cuſtodia de Jeſus.

Naõ ſe puderaõ crer, nem dizer os extremos da charidade da Madre Cuſtodia de Jeſus, ſenaõ tiveramos por teſtemunha della toda eſta Communidade. Em toda era ſabido, e notorio, que tudo, quanto tinha, dava por amor de Deos; e que ſe lhe acontecia ir á roda, e achar pobres de fóra, tornava pera a cella ſem lenço, e ſem gibaõ, e muitas vezes ſem çapatas. Aſſi andava ſempre falta do neceſſario, polos empregos que fazia. Veyo a adoecer de hum mal vagaroſo, que a teve muitos tempos em cama, e ſempre cercada de dores do corpo, e affliçoens do Eſpirito. Paſſava todas com muito animo, queixandoſe ſó com huma Imagem da Virgem noſſa Senhora, que tinha defronte do leyto, a quem com grande affecto pedia, que a levaſſe pera ſy, e foſſe pera acabar conſolada em hum dia ſeu. Vieraõ os Medicos hum dia d'Agoſto, paſſada a Aſſumpçaõ da Virgem, e achandoa muito enfraquecida, mandaraõ, que foſſe ungida. Tanto ſe alegrou com a nova, como outrem fizera com certeza de vida. E dizendolhe huma amiga, que todavia tinha aquella alegria hum defeito, que era ſer paſſado o dia de noſſa Senhora: Replicou ella, que

como

como a Senhora tinha Oitavario, tudo lhe vinha a huma conta: E aſſi acconteceo, que veyo a falecer em dia de S. Bernardo, que he dentro da Oitava.

A Madre D. Magdalena da Sylva.

A Madre Dona Magdalena da Sylva, Irmãa de Fernaõ da Sylva, que foy Regedor da Caſa da Supplicaçaõ, e Vedor da Fazenda, era taõ penitente, que em qualquer parte, que ſe achava ſó, ſe açoutava deſpiedadamente. E quando o quintal eſtava cheyo de ortigas mais creſcidas, ſe lançava nellas com grande Eſpirito, á imitaçaõ do que o Glorioſo S. Bento fazia nos tojos. Adoeceo, e eſtava no cabo, e com termos feitos de quem morria. Liaſelhe neſte ponto a Payxaõ, e ouvindo o paſſo da bofetada, com eſtar pera eſpirar, levantou a maõ, e deixoua cahir ſobre o roſto com ar, e geito, de quem dezejava forças, pera vingar em ſy a afronta do Bom Jeſus. Em tal reputaçaõ eſtava entre as Religioſas, que tanto que acabou, cortaraõ a correa que trazia cingida, e a repartiraõ entre ſy, como reliquia de Santa.

CAPITULO VI.

Em que ſe referem alguns milagroſos effeitos do Santo Roſario: e outras particularidades deſte Moſteiro.

MUito ſe encomenda aos noſſos Prégadores, que daquella hora, que gaſtaõ no Pulpito, dem ſempre huma piquena parte aos louvores do Santo Roſario, contando algum milagre dos muitos, com que a Senhora delle nos honra, e enche os livros. Determinado eſtou, ſem ſer Prégador de Pulpito, naõ deixar nenhum dos que encontrar polo diſcurſo deſta Hiſtoria. E pois ategora fuy eſcrevendo os que ſe offereceraõ na Primeira, e Segunda Parte della, neſte Moſteiro, que do Roſario tem o nome, ſe nos dobra a obrigaçaõ, pera dizermos de melhor vontade os que nelle acharmos. E ſeja aqui primeiro, o que ſe vio, poucos annos ha, na ſepultura da Madre Soror Iſabel da Piedade, ſobrinha do P. M. Fr. Luis de Sottomayor. Tinha comido a terra, e o tempo tudo, quanto com ella ſe ſoterrou, e deixado os oſſos ſecos. Achouſe ſó com elles o Roſario, que levara ao peſcoço infiado em hum ſeu cordaõ de ſeda leonada. Ouveo á maõ huma Madre, que affirma rezou por elle muito tempo; porque nem tinha corrupçaõ na infiadura, nem na madeira das contas, ao meſmo modo do que ſe achou com os oſſos da Madre Maria dos Santos, ſegundo pouco ha contamos.

No anno de 1622. polo mez de Mayo padeceo eſta Cidade hum ameaço de fome, que, ſe durara tempo, aſſi como paſſou depreſſa por miſericordia do Senhor, pudera ficar aſſolada. Era a conjunçaõ a meſma, para que os ambicioſos ſe guardaõ. Hiaõ tirando o trigo pouco a pouco, e pondolhe o preço, como queriaõ. Porque ninguem duvidava na moeda, como pudeſſe alcançar os alqueires, que avia miſter. Como corria com eſta miudeſa, e o povo era muito, e junto a buſcallo (porque ha muita gente, que naõ compra mais, que o que ha miſter pera cada ſemana) era grande o concurſo,

ſo, grande a grita, e aperto: E chegou o negocio a termos, que hum Procurador da Cidade repartia o que avia aos alqueires, e meyos alqueires; e valia a ſinco, e ſeis toſtoens o alqueire: E aconteceo, que ouve muitas caſas grandes, e honradas, que polo naõ poderem alcançar por ſeu dinheiro, comeraõ alguns dias a carne, e o peixe ſem paõ: E do povo começaraõ a morrer alguns miſeraveis á pura fome. Em taõ forte conjunçaõ naõ ſe achou eſte Moſteiro com mais, que dezaſeis ſacos de farinha, em que avia noventa, e ſeis alqueires: e he de ſaber, que ſe comiaõ cada ſemana ſetenta, e dous. Porque ſe dava raçaõ continua de jantar a cento, e tres peſſoas, e de cea a ſeſſenta, e tres. Porque as quarenta ſe contentavaõ com receber a dinheiro o paõ da cea. E com tudo eſtes dezaſeis ſacos ſupriraõ ſinco ſemanas com eſpanto a toda eſta familia. Quem fez eſta maravilha, foy a Sagrada Virgem do Roſario. Corria a fama do aperto geral, temiaſe mayor: Naõ avia lugar de providencia humana, acudiuſe á Divina. Fez conta a celeireira que em caſa, que poſſuia o nome da Senhora do Roſario, e onde cada dia ſe viaõ milagres ſeus, confiadamente ſe podia lançar nos braços de ſua miſericordia. Tinha ſempre hum Roſario na boca de cada ſaco, e outro na arca da farinha: E aſſi paſſou a caſa na falta geral, ſem ſentir nenhuma; caſo, que por publico, e prodigioſo, ſe pudera pera gloria de Deos authenticar.

Mas naõ fará iſto muito eſpanto, a quem com attençaõ conſiderar, o que agora contaremos, que he couſa de freſco ſuccedida. Com ſeu Roſario na maõ, porque tinha parte por cumprir, foy buſcar a quietaçaõ da cama a Madre Soror Franciſca de S. Jeronymo, e pera rezar no fim, como coſtumava, o Evangelho de S. Joaõ, que naõ ſabia de côr, poz ſobre o traviceiro humas voltas de rolo aceſo; mas tudo foy hum, encoſtar a cabeça, e cahir em ſono: Ou que o tiveſſe de natureza, ou que o acarretaſſe o trabalho do dia. E foy taõ profundo, que ardeu o rolo, e o fogo correo pola roupa da cama, e ſubio ao lençol, que lhe fazia emparo, e ſobreceo, abraſando tudo, e defumando a parede, ſem nunqua acordar: Até que a lavareda lhe deu na maõ, e lha queimou de maneira, que ficou toda empollada. Entaõ eſpertou, fugindo o ſono com a dor. E acudindo a Communidade, viraõ feito em cinza tudo, quanto cubria o leito; e ſó acharaõ ſaõ, e ſalvo o Roſario, que era de pao ſeco, e o Evangelho, que eſtava em papel.

Guarda a Senhora eſta ſua Caſa, naõ ſó do fogo da terra, que outra vez ſuccedeo pegarſe de noite no leito da Madre Soror Anna da Madre de Deos, que foy Prioreza: E podendo fazer muito damno, apagarſe por ſy, ſem ninguem lhe acudir: mas tambem doutro mais temeroſo, que he o do Ceo. No anno de 1592. em vinte ſete de Setembro cahio hum rayo neſta Caſa, deu no Campanario, deſceo abaixo pola eſcada da caſa de lavor, tomou polo Antecoro, e entrando no Coro, varou

1592.

varou pola grade fóra, e foyse sumir no pé de hum Altar da Igreja, em que entaõ estava huma Imagem de Santa Barbora: Ficaraõ sinaes no Campanario, que hoje duraõ, e no Antecoro, onde está huma Imagem de Nossa Senhora da Conceiçaõ: Chamuscoulhe os cabellos, e cegou humas letras do nicho, em que estava. Na grade passou por sima da cabeça de huma Religiosa, que nella se achou, com tanta vizinhança, que lançou maõ aos toucados, parecendolhe, que ardiaõ, e da pedraria, que de fóra faz guarniçaõ á grade, levou hum pedaço, que bem testemunha a força, com que vinha, e a obediencia, que teve em naõ fazer danno de consideraçaõ.

Restanos pera concluirmos com este Mosteiro fazer agradecida memoria de hum grande bemfeitor delle, que foy o Padre Gonçalo d'Andrade de Gamboa, Conego na Sé desta Cidade. Era este Padre nobre por nascimento, e por grande exemplo de virtude. Tendo bom patrimonio, alem do rendimento do seu Beneficio, dispendia pouco consigo, e muito, e muy liberalmente em obras de charidade: E a esta Casa acudia nas necessidades com grande largueza. Porque tinha noticia da observancia, com que nella se vivia, por meyo da Madre Soror Custodia de Jesus sua sobrinha, de quem atraz fallamos. Daqui nasceo, que vindo a fallecer instituio por suas universaes herdeiras as Religiosas, nomeando logo nellas hum casal de seis moyos de renda, e hum padraõ de juro de trinta, e dous mil reis: E ordenou, que a mais fazenda, que possuia, lograsse hum sobrinho seu em vida, pera tornar por sua morte ao Mosteiro. E como verdadeiro liberal, naõ quiz ajuntar pesos de obrigaçoens, ao que deu, como faz muita gente, até em dadivas curtas. Nem pedio suffragios certos pera a Alma, nem lugar determinado pera o Corpo, deixando tudo na cortesia das Religiosas, e foy obrigallas mais: Porque polo mesmo caso puzeraõ em pratica darlhe a Capella Mór, que estava livre, e desembaraçada desdo tempo, que tinhaõ tirado della os ossos de Joaõ de Sousa Fidalgo honrado, que vulgarmente era chamado na Corte o Lazeira. Os quaes tiraraõ; porque seus herdeiros tardavaõ em acudir com a esmolla, que a tal jazigo era devida. E tendo determinado darlha, mudaraõ conselho. Porque sobre certo inconveniente de desgosto, que succedeo, acharaõ, que pera herança taõ grande, e extraordinaria, ficavaõ pouco agradecidas, se aquelle defunto naõ achasse tambem nellas hum novo, e desacostumado genero de gasalhado. Deraõ conta ao Prelado, e com sua licença foy sepultado dentro no Claustro, ou Clausura em huma Capella, onde se enterraõ as Religiosas. Enterro de tanta dignidade, que vendoo elle em vida, hum dia que fazendose obras entrou com o Prior de Lisboa dentro, se lhe ouviraõ estas palavras, com lagrimas de devaçaõ: *Quem fora taõ ditoso, que alcançara sepultura aos pés destes Anjos.* Foy genero de profecia o dito, e paga de sua grande bondade, e Espirito o feito. Porque o que deze-

dezejou como Varaõ Espiritual, e devoto vivendo, e naõ pedia por cortes, e comedido, veyo a alcançar, quando lhe faltou a voz, e a vida, pera o requerer. A fazenda, que o Mosteiro ha de aver por morte do sobrinho, saõ humas casas na Porta do Mar, que rendem sessenta mil reis, e huma quinta junto a Odivellas, onde chamaõ Val de Deos, e outros tres casaes.

Sustenta hoje este Mosteiro, que começou com treze Freiras, cento, e tantas molheres de portas a dentro entre Freiras de Veo preto, Conversas, Noviças, e moças de serviço.

Na Igreja ha huma Confraria da invocaçaõ de Nossa Senhora do Emparo, bem provida de prata, e ornamentos: O serviço está á conta dos mancebos, que assistem nella, com cuidado, e devaçaõ, e fazem sua festa por Setembro.

CAPITULO VII.

De huma prodigiosa calamidade, succedida na Ilha de S. Miguel; manifestada antes de succedida por hum Religioso de S. Domingos.

HOrrendo, e poucas vezes visto successo temos pera este Capitulo; horrendo pela qualidade delle; e muito mais por ser antevisto, prégado, e notificado por hum Religioso. Obrigame a escrevello o Prégador, que o notificou, e a terra, em que succedeo. A terra, por ser da jurisdiçaõ, e parte do Reyno de Portugal; o Pregador, porque foy Dominico: Porque a razaõ, e titulo desta obra, em que vamos trabalhando, tanto tempo ha, está pedindo, que naõ nos fique por dizer nada, de quanto entre nós acharmos de honra da Ordem. Entre as Ilhas dos Açores, que por outro nome se chamaõ Terceiras, e jazem no mar Atlantico em distancia da Costa de Portugal de duzentas, e oitenta legoas, he maior de todas, e mais rica, a que tem nome de S. Miguel. Foy descuberta, como as mais, por mandado do Infante, e Mestre da Ordem de Christo, D. Henrique filho d'elRey D. Joaõ I. e povoada com a diligencia, e braço de hum valente, e industrioso criado seu; cujos descendentes do appellido de Camara possuem hoje o melhor della; entre muito boas Villas, que a Ilha tem, saõ Senhores da que em sitio, e nobreza faz ventagem a todas. Chamaõlhe Villa Franca do Campo. Florecia esta Villa pelos annos do Senhor de 1522. em numero, e opulencia de moradores, abastados de tudo, o que a vida humana estima, bons edificios, trato rico, muitos, bons, e baratos mantimentos; mas acontecialhe, o que de ordinario vemos na abundancia dos bens temporaes, que he, naõ só descuidarmonos de dar graças a Deos, que delles he Autor; senaõ juntarmos a este descuido muitos vicios, e offensas suas. Aportara na Ilha, avia alguns mezes, hum Religioso da Ordem de S. Domingos, cujo nascimento, e patria era Castella, e o nome Frey Affonso de Toledo. Diziase, que era chegado em sangue aos Duques d'Alva: e porque succedera acharse nas alteraçoens, que o povo por este tempo levantou em sua patria com

1522.

com nome de Communidades, o desgosto dellas o fizera buscar no mar a quietaçaõ, que faltava na terra. Embarcouse no primeiro navio, que achou (naõ nos consta em que porto) quiçá, que o levava a imaginaçaõ a querer descançar nas Ilhas Fortunadas, de que nos tempos passados se contavaõ tantas boas venturas, como seu nome promete. Ou ordenava o Senhor, que sem saber, nem determinar pera onde hia, fosse pera aquella Ilha outro Jonas com Ninive; e quasi o foy polos mesmos passos. Entrando na terra, foy o primeiro lugar Ponte Delgada, que hoje tem titulo de Cidade, e he cabeça da Ilha; entaõ era Villa de pouco nome. Passou a outras, notou em todas fortuna grande, e vida deliciosa, com huma corrente de prosperidades nunqua vista. Como tinha visto, e lido muito, naõ lhe pareceo estado seguro pera gente Christãa. Soube logo, que nascia daquellas boas venturas arder toda a Ilha em destemperança de gulla, e devacidaõ de luxuria; temeulhe grande castigo, e começou a propor com fervor a doutrina Evangelica, estranhar os vicios em commum, louvar a virtude, confirmar com exemplos, e provas das Letras Sagradas o bem desta, e o mal daquelles. Mas ferindolhe cada dia ás orelhas novas dissoluçoens de todo o genero de gente, e mais particularmente dos mais ricos, e poderosos, que eraõ os moradores de Villa Franca, amoestava, instava, reprehendia, gostava, e ameaçava com castigos do Ceo, que julgava, naõ poderem tardar, onde tudo estava taõ esquecido delle. Procedendo assi sem descançar, e vendo os homens surdos, mais que Aspides, pera os bons conselhos; como o peito, e voz do Prégador Evangelico costuma a ser orgaõ do Espirito Santo, inflamouse hum dia, e ou fosse, que Deos naquella hora lhe revelasse, ou que seu entendimento o tirasse por bom discurso, vistos os muitos peccados da terra, e a pouca emenda delles; levantou a voz como hum trovaõ, e apontando com a maõ, e olhos pera os montes, que tinha defronte, rompeo nestas palavras: Que ha de ser Christãos? A huma voz de Jonas, que ameaçou castigo, fez penitencia huma Cidade inteira de Gentios: E sendo tamanha Cidade, que tomava terra de tres dias de caminho, em toda ella naõ ficou homem desdo Rey até o piaõ, que senaõ vestisse de saco, e cubrisse a cabeça de cinza: E em terra de gente fiel, e Portugueza naõ movem, nem penetraõ, nem fazem hum piqueno aballo nesses coraçoens os brados do Santo Evangelho, que cada dia ouvis deste Pulpito. Acudiráõ, vos affirmo, as criaturas irracionaes pola honra de Deos, pois as que tem uso de razaõ, e vivem dos Sacramentos da Igreja, lhe naõ tem o respeito, que devem: aquellas serras vingaraõ suas injurias, aquellas serras, digo, se naõ mudais brevemente a vida, assolaráõ esta Ilha, e soverteráõ huma Villa. Acabou encommendando com encarecimento, que fizessem penitencia, e Oraçoens, pedindo a Deos misericordia, que era só o remedio de escapar á sua justa indinaçaõ: E dizem, que fez juntar o povo, e

fazer

fazer algumas Prociſſoens, que acompanhava. Paſſou a fama da Prégaçaõ, e ameaços a Villa Franca: devia parecer aos ricos, e poderoſos, que era tudo contra elles. E foy permiſſaõ Divina, pera naõ deſviarem o caſtigo, que naõ ſó ſe naõ rendetaõ, nem tornaraõ ſobre ſy, com algum genero de emenda, imitando aquelles, de quem diz o Profeta: *Audite audientes, & nolite intelligere, videte viſionem, & nolite cognoſcere.* Mas ouve muitos, que ſe deraõ por eſcandalizados, dizendo, que ſendo Chriſtãos, os levara pola medida dos Gentios: Outros foraõ com queixas ao Ouvidor do Ecleſiaſtico, que o mandaſſe caſtigar; e tal avia, que punha em pratica lançaremno da terra, como charlataõ. E tanto fizeraõ, que o Ouvidor o mandou notificar com rigor, que apareceſſe em Villa Franca, e em ſua caſa a certo dia. Aſſi accendia tudo a ira Divina, e dava preſſa ás ſetas de ſua juſtiça. Achamos, que foy Frey Alonſo a Villa Franca, chamado da primeira vez em 17. de Outubro deſte anno, em que vamos, de 1522. Fezlhe o Ouvidor preguntas, donde ſabia, o que affirmava prégando? Reſponde, que de certo nenhuma couſa ſabia, nem elle era merecedor de ter revelaçoens do Ceo: Mas que as regras da prudencia, e o que lia nas Hiſtorias Sagradas, e doutrina dos Santos, o faziaõ temer, ou antes ter por certo algum grande, e extraordinario caſtigo naquella Ilha. Porque via peccados geraes, e publicos correrem á redea ſolta, e naõ via final nenhum de emenda, nem penitencia. Naõ achou o Ouvidor em que pegar, com repoſta ſingella deſpedio o Frade. Porém já neſte tempo a Divina Bondade, que naõ quer, que pereça o peccador, ſenaõ que ſe arrependa, e viva, tinha declarado ſua determinaçaõ com novo genero de profecia, pondoa na lingoa dos mininos innocentes. Eſcrito eſtá, que por boca dos taes deſcobre Deos ſuas verdades, e manifeſta a perfeiçaõ de ſeus louvores. Por certo ſe affirma, que juntos em bandos os mininos de Villa Franca diziaõ a huma voz, que eſtava perto hum diluvio, fim de todos, e de tudo. Era a voz temeroſa, davalhe credito a innocencia. Ouve alguns taõ ſizudos, que os fez auzentar da Villa o terror della; mas os mais, que deviaõ cuidar procedia tudo da Prégaçaõ de Frey Alonſo, fizeraõ inſtancia com o Ouvidor, que o tornaſſe a chamar, e inquirir de novo: E avendo taõ poucos dias, que andara o caminho de Ponta Delgada a Villa Franca, foy mandado aparecer outra vez aos vinte hum do mez. Mas entretanto reynava tamanha cegueira na triſte terra, que em lugar de porem os olhos no Ceo, e pedirem miſericordia, era lingoagem commua, apelidaremſe os amigos, e compadres com a voz dos antigos Epicureos: Comamos bem, pois avemos de acabar ſedo, aproveitemonos dos noſſos capoens cevados, morreremos fartos. Obedeceo o Frade ao ſegundo mandado Eccleſiaſtico, chegou ſobre tarde (ſaõ quatro legoas de diſtancia de hum lugar ao outro) á caſa do Ouvidor no dia apontado de 21. do mez de Outubro. Quiz entrar,

Iſaiæ. 6.

1522.

Matth.

Pſalm.

Tull.

trar, mandoulhe dizer o Ouvidor, que no dia seguinte o ouviria; e elle tornou palavras formaes ao criado: Diz o Senhor Ouvidor, que á manhãa me falará; e eu lhe digo, que pois agora naõ quer, que póde, á manhãa, se quizer, por ventura naõ poderá. Palavras foraõ estas, que o calamitoso successo, que as seguio, e verificou logo, deu occasiaõ a ficarem pera sempre, como impressas em bronze, na memoria dos moradores da Ilha; com quanto Fr. Alonso fallando depois algumas vezes na materia, nunqua confessou, que as dissera affirmativamente; ou fosse por sua modestia, ou porque na verdade lhe naõ communicara Deos ao entendimento a profecia, que lhe poz na lingoa.

CAPITULO VIII.

Descrevese o sitio, que a Villa tinha, e o modo, porque ficou sovertida.

Estava assentada Villa Franca em huma fermosa chãa, donde devia tomar o nome, que tem do Campo ao longo de huma Ribeira, que corre da serra, que chamaõ o Pico do Rabaçal; ficavalhe a serra ao Norte em distancia de meya legoa, e a ribeira lavava a Villa da parte do Ponente, fazendo divisaõ a hum piqueno arrebalde, que avia na outra margem. Neste se recolheo Frey Alonso pera passar a noite. Cerrouse o dia com tempo claro, e quieto. Entrou huma noite, qual prometera o dia, serena, e sem vento, Ceo estrellado, e por toda a parte desasombrado de nuvens, e tal continuou até quasi ás duas depois da meya noite. Neste ponto, que he quando por toda a parte está o sono mais senhor de toda a criatura, e com maior suavidade prende, engana, e enlea os sentidos, pera alivio, e reparo da vida: Eis que começa a moverse a terra com huns aballos, e sacudimentos taõ impetuosos, e taõ apressados, que se naõ vem mayores nas agoas do mar, quando saõ combatidas de tormenta de ventos: Assi se abanava a huma parte, e outra; assi soavaõ roncos medonhos, que naõ ameaça menos huma cousa, e outra, que quererse desatar, e soverter no mar toda a Ilha. Durou esta tempestade taõ pouco espaço, que naõ passou de hum Credo, e esse bastou pera deixar assolada, e sumida debaixo da terra, com quasi todos seus moradores, a mais soberba, rica, e populosa Villa de todas estas Ilhas, e qual naõ avia em muitas partes de Espanha. Mostrou a luz do dia o miseravel estrago: Como aconteceo nas Cidades infames de Palestina, que apoz o fogo do Ceo, ficaraõ num momento cubertas de mar, e agoa, sem mais se ver final, nem rasto de edificios: Assi desapareceo Villa Franca o dia de quarta feira, vinte dous do mez; obrando nella o tremor, e a terra, o mesmo que nellas tinha feito o fogo, e agoa. Foy o caso, que a furia do terremoto derrocou todo genero de edificio, sem ficar casa em pé, servindo a ruina de primeiro instrumento de morte, e sepultura na força do sono a seus donos. E logo, porque naõ escapasse nada, quebrou com a mesma força do tremor, e despegou das fraldas do Pico,

Pico, que dissemos tinha ao Norte, huma montanha inteira de terra, lodo, e penedia, que como levada á maõ, correo sobre a Villa, e a cubrio toda até o mar, e até lançar no porto grandes penedos, que hoje se vem delle. Em fim, o terremoto assolou, e o monte sepultou tudo, o que era Villa, de sorte que ficou toda hum campo raso, sem sinal de casa, nem povoaçaõ (grande poder do Altissimo) só da ribeira pera a parte do Poente, onde era o arrabalde, como eraõ as casas baixas, e piquenas, foy menos o danno do tremor. Porque ainda que cahiraõ humas, e outras, ficaraõ estroncadas, escapou a gente, que seriaõ até setenta Almas, e ficou em pé com ellas huma Ermida de Santa Catharina. Valeulhes, pera naõ perecerem casas, e homens, que o impeto da terra, que arrebentou do Pico, tomou seu caminho, como se fora mandado sobre a Villa, e ao longo da ribeira, sem torcer pera o arrebalde: E tal foy o que na Ilha chamaõ o diluvio de Villa Franca.

Mas como o terremoto combateu, e aballou geralmente toda a Ilha: Assi naõ ouve lugar em toda ella, que ficasse izento de trabalho, e lagrimas, e cahiraõ muitas casas. Em algumas acabaraõ Familias inteiras, e naõ ouve Igreja grande, que ficasse em pé. Acudiraõ pola manhãa os poucos, que tinhaõ escapado no arrebalde, a ver, considerar, e prantear a sepultura de seus naturaes; e lembrados tarde das Santas amoestaçoens do Prégador, foraõ demandallo, palmados, e cheyos de medo, e como esperando o juizo final. Trocou elle a lingoagem, e os termos, que usava antes do trabalho: começou a consolar, aliviar, e prometer da parte de Deos grandes misericordias: E pera penhor dellas ordenou duas cousas, que logo tiveraõ effeito: e ambas duraõ hoje em dia. Foy a primeira, tomarem por Advogada de toda a Ilha, a Virgem purissima do Rosario, e levantaremlhe huma casa, que se fez com as maõs, e trabalho de todos os presentes em breves dias. A segunda foy fazeremlhe voto de acudirem a ella todas as quartas feiras com Procissaõ, e Missa, em memoria daquella quarta feira, que a tanta gente junta foy a ultima da vida.

Grandes desaventuras se contaõ, que fizeraõ o dia infelicissimo neste lugar, e por toda a Ilha. Mas naõ nos toca a relaçaõ. Acharase esta noite em huma quinta, por sua boa ventura, e merce de Deos, o Senhor da Villa, e Capitaõ da Ilha, Ruy Gonsalves da Camara. Acudio com a pressa, que he de crer; e achando a Villa sovertida, e com ella hum sumptuoso apozento, em que vivia, a primeira cousa, em que entendeo, como pio, e virtuoso, foy hir com as Reliquias do povo em huma devota Procissaõ ao lugar da Igreja Matriz, que fora hum magnifico Templo, da Invocaçaõ do Anchanjo S. Miguel de pouco acabado; e cavando todos contra o sitio, em que fora a Capella mór, procurou descubrir o Sacrario do Santissimo Sacramento. Foy achado o Sacrario; porém deu nova occasiaõ de pranto, grita, e lagrimas;

grimas; porque se achou dentro o cofre, em que costumaõ estar as sagradas Hostias, e estando inteiro, e só aberto de fechadura, e sem mais danno, que huma piqnena lasca fora, viose naõ ter em sy cousa alguma, sinal claro de mayor miseria de todas: Pois o era de se ausentar delles, e os deixar o Senhor do Ceo, e da terra. Indicios ouve, e se contaraõ, com que o mesmo Senhor quiz manifestar mais esta auzencia, e que as fez levar polos Anjos a outra Igreja da Ilha. Porque se bem todas foraõ arruinadas, em nenhuma ficou Sacrario enterrado. O Capitaõ Ruy Gonsalves da Camara perdeo na Villa toda sua Familia, que era muito grande, e nella dous filhos, e duas filhas, e huma irmãa, sem escapar de toda, mais que a parte, que consigo levara á quinta, que foy sua molher Dona Filippa Coutinha, irmãa de Dom Fernaõ Coutinho, avô de quem isto escrevia, e seu filho segundo Manoel da Camara, que era minino, e depois lhe succedeo no Estado, e foy pay de Ruy Gonsalves da Camara, primeiro Conde de Villa Franca. Esta relaçaõ colhemos de outra mais larga, e digna de se ver, que vimos em maõ do Licenciado Manoel Severim de Faria, Chantre da Santa Sé d'Evora, que com muita curiosidade, e occupaçaõ virtuosa vay fazendo thesouro de antiguidades. Nella achamos, que foy o numero dos que acabaraõ na Villa, e nos mais lugares da Ilha neste dia, sinco mil Almas, e naõ falta quem meta nesta conta os que matou a peste, que no anno seguinte correo por toda a Ilha; mas naõ parece, que dizem bem.

Occasiaõ nos dá este successo de fazer aqui huma breve lembrança de outro quasi semelhante nos medos, e no prodigio; se bem menos danoso nos effeitos, que nestes annos proximos foy visto em huma Cidade povoada de Portuguezes, e por elles fundada na India Oriental. Porque na verdade, como tudo o que por maõ de Religiosos se escreve, traga consigo obrigaçaõ de ser pera ensino, e doutrina, e só a fim de persuadir os Christãos ao Amor, e temor de Deos; mormente a tempo, que taõ pouco se castiga a soltura, com que os mesmos Christãos se daõ a compor livros de ociosidade, peste deliciosa, e invencivel, e veneno perniciosissimo pera as Almas, e em tempo, que os Hereges com as armas materiaes se conjuraõ por toda a parte contra este torraõ de Espanha, e seu estado, justo he que ponhamos os olhos nas significaçoens, que o mesmo Senhor nos vay fazendo de sua ira; pera que nos demos pressa a fugir della com verdadeira conversaõ, e aborrecimento dos peccados, que he só o que elle, como misericordioso, quer de nós, segundo o que está escrito: *Ut fugiat a facie arcus.* He nobre povoaçaõ na Costa de Canbaya, naõ muito longe donde o famoso rio Indo mistura suas agoas com as do Occeano, a Cidade, e Fortaleza de Baçaim, terra rica por trato, e por grande ao mar, já povoada de muitas aldeas com abundancia de palmares, que saõ arvores de mais proveitos, que quantas criou a Natureza, com hortas

Psalm. 59.

hortas frescas, e rendosas, que fazem os moradores mais ricos. Viviase nella polos annos do Senhor de 1618. com queixa de todos os bons, que avia dissoluçaõ notavel de costumes, a que se juntava falta de justiça, nos que tinhaõ obrigaçaõ de a fazer. Quiz o Senhor fazer huma lembrança com castigo de pay, que usa de vara com o filho mimoso, naõ pera matar, senaõ pera encaminhar. E foy assi, que tomou por meyo hum espantoso furacaõ de chuva, e vento, que mudando rumos, desdas dez horas do dia de huma terça feira dezasete de Mayo até noyte, e por toda a noite até ás quatro horas da manhãa seguinte; e crescendo em braveza, qual nunqua de memoria de homens se tinha visto naquellas partes, nem por mar, nem por terra, deixou feita lastimosissima destruiçaõ. Naõ ficou na Cidade Mosteiro, nem casa particular, que naõ viesse ao chaõ, ou padecesse gravissimo danno. No campo naõ ficou arvore em pé, os palmares destruidos, as hortas perdidas, as aldeas assoladas. Tanto foy o mal, e taõ geral, que ouve muitos homens, que tiveraõ de perda a dous, e tres mil cruzados de renda, e em toda a Cidade, e destrito della naõ ouve particular, que deixasse de ter seu açoute, e muito que sentir, e que chorar. E foy opiniaõ commua, que naõ fora, nem podia ser cousa natural o impeto, e furia da tempestade, e o mal, que deixou na terra: Antes fora obra verdadeira dos Espiritos Infernaes. E naõ faltaraõ sinaes, e visoens de gente de credito, que o confirmaraõ. Foy bom argumento, que toda a agoa da chuva deste dia, e noite, vinha contaminada de sal, e juntamente fedor de sorte, que a pura, e doce dos tanques pola communicaçaõ se naõ pode beber, nem sofrer em muitos dias. Tambem se vio cousa, que só maõ Infernal podia fazer: Acharaõse telhas cravadas em troncos de palmeiras, e em paredes de pedra, e cal. Mas o Pay Omnipotente usando de sua immensa Bondade, como noutro tempo fez com o Santo Job, naõ consentio, que sendo o mal tamanho nas fazendas, passasse a tocar nas pessoas. Provouse isto largamente, porque sendo a ruina dos edificios geral com desacordo, e confusaõ em todo genero de gente, quasi naõ ouve morte nenhuma: O que parece impossivel succeder, sem particular ordem Divina. Notouse, que ficaraõ perdidas, e arruinadas na Cidade, e seu destrito, que contamos desda ponta de Bombaim até Agaçaim, trinta, e sinco Igrejas, quinze de S. Francisco, sete da Companhia de Jesus, sinco de Clerigos, tres de S. Domingos, duas de Santo Agostinho. Caso pera considerar, e discursar com attençaõ; e muito pera sentir, e temer. Porque se ajuntou fazer a tormenta a mesma bataria contra todas as Cruzes, que avia nas praças, campos, e estradas, com tanta violencia, que naõ só as de madeira derribou, ou quebrou; mas muitas de pedra taõ cravadas, e bem assentadas em seus fundamentos, que nenhum poder de tempestade natural as podia descompor. E porque digamos tudo, e demos graças a Deos, cahindo tantas

Igrejas, em nenhuma ouve indecencia nos Sacrarios do Santissimo Sacramento: E quebrandose muitas Imagens dos Santos por todos os Templos, nas da Virgem Nossa Senhora naõ ouve alguma consideravel. Mas he muito de estimar, e digno de ficar em memoria o grande cuidado, devaçaõ, e piedade Christãa, com que acudiraõ a pedir misericordia, e aplacar a ira Divina todas as Religioens, Communidades Ecclesiasticas, e Povo; naõ só nas terras que padeceraõ o açoute; mas em todas as mais Cidades da India, e especialmente em Goa, e Cochim. Foraõ de muita edificaçaõ as Oraçoens, e Procissoens publicas, as penitencias geraes, e particulares, que se fizeraõ.

CAPITULO IX.

Fundaçaõ do Mosteiro de S. Joaõ de Setuval.

AVia em tempos antigos no Termo de Setuval, alem do Valle que chamaõ de Santas, huma Ermida da vocaçaõ de S. Joaõ Bautista, a que o povo acudia com devaçaõ, e romagem: Porém como estava longe de povoado entre pinhaes, e junto de marinhas de sal, sitio de si mal assombrado, e pouco sádio, pareceo, que estaria o Santo em mais decencia, e huma Confraria, que na Ermida tinhaõ os homens do mar, e pescadores, hiria em mayor crescimento, se a trouxessem pera a vizinhança da Villa. Concordaraõ na mudança Confrades, e moradores: Tomaraõlhe sitio pera nova casa no meyo das hortas, entre o chaõ do Sapal, e a estrada, que corre pera Evora. He particularidade deste Santo trazer alegria com suas festas, como lhe foy pronosticado em seu nascimento. Naõ se póde crer facilmente o alvoroço, com que a terra toda se ajuntou a começar o edificio. Acudiraõ homens, e molheres nobres, e plebeos, naõ se tinha por honrado, nem por devoto, quem naõ tomava sobre os hombros algum material, pera o chegar aos officiaes; soando entre os serviços cantares, e follias. Succedeo estar na Villa o Mestre Dom Jorge, Senhor della, estimou a devaçaõ do povo, e quiz honrala com sua presença. Acudiaõ todos os dias, elle, e a Duqueza Dona Brittes sua molher, naõ só a ver; mas tambem ajudar, e ter parte na obra. A mesma Duqueza com suas Damas, e toda a mais Familia tinha por gosto pôr as mãos nas pedras, e lançallas nos cestos, e padiolas dos officiaes. Era isto polos annos do Redemptor de 1515.

1515.

Acabada a Ermida, e trazida a Imagem do Santo; foy o Senhor Dom Jorge cuidando, como a povoaçaõ hia em notavel crescimento de moradores convidados das grossuras das pescarias, e commercio grande de Estrangeiros, que acodem a levar o sal, e pescado, que seria grande nobreza da Villa, se a dous Mosteiros, que já tinha de Frades, e Freiras de S. Francisco, juntasse outro de S. Domingos. Vivia na Serra d'Azeitaõ; communicava com gosto os Frades do nosso Convento; e tinha entre elles seu Confessor: Assentou por seu meyo, que aceitasse a Ordem pera fundar hum

hum Mosteiro a Ermida nova-mente levantada. Ouve dilaçoens, e passaraõ annos; porque foy necessario consentimento da Camara, e povo. Veyo o Mestre a passar sua carta de doaçaõ no anno de 1520. Cujo treslado he o seguinte.

1520.

NOs o Mestre de Santiago, e de Aviz, Duque de Coimbra, &c. Faço saber a vós Juizes, Vereadores, Officiaes, e Homens bons da nossa Villa de Setuval, e a quaesquer outros, a que o caso pertencer, que considerando nós o crescimento, em que a dita Villa vay. E com a ajuda de nosso Senhor vay em caminho pera em poucos annos crescer em muita mais quantidade de vizinhos, e moradores della; e pera por nossa parte ajudarmos ao nobrecimento della: E vendo, que nella ha dous Mosteiros, hum de S. Francisco, e outro de Jesus, e que será muita honra, e nobrecimento da Villa, aver nella outro Mosteiro de Frades da Ordem de S. Domingos. Porque alem da devaçaõ, que as pessoas na dita Ordem tem, saõ Religiosos muy proveitosos, pera com suas Prégaçoens trazerem á gente o bom viver. Polo que a Nós praz darmos, como de feito damos, a Ermida, que se hora novamente fez, de S. Joaõ, que he na estrada, que vay pera Evora, á dita Religiaõ, e Ordem de S. Domingos; pera que na dita Ermida edifiquem, e façaõ hum Mosteiro de Frades da dita Ordem. O que assi fazemos, polo sentirmos por serviço de nosso Senhor, e honra, e nobrecimento da dita Villa. E os Religiosos da dita Ordem poderaõ cada hora, e quando lhes bem vier, edificar, e fazer na dita Ermida o dito Mosteiro. E por guarda, e firmeza dello, lhes passamos esta nossa carta: E queremos, que valha, e se guarde, como se fosse passada pola nossa Chancellaria. Feito em nossa Senhora d'Azeitaõ, a vinte de Junho de 1520. Diogo Coelho o fez.

Esta doaçaõ, e hum Alvará da licença d'elRey Dom Manoel, e certidaõ de consentimento da Camara apresentou Frey Lourenço da Cruz, Prior d'Azeitaõ, e Confessor da Duqueza, no Capitulo Provincial, que se celebrou em Elvas no anno de 1521. Em que per minha conta foy eleito segunda vez em Provincial o bom velho Frey Joaõ de Braga. Nelle se deu cargo de principiar o Convento ao Padre Frey Gaspar d'Alcacer, que chegando á Villa com seu companheiro Frey

1521.

Antonio Mendes, Irmaõ Converso, ordenou hum pobre gasalhado: No qual por entaõ, e alguns annos depois residiraõ elle, e seus successores com titulo de Vigarios, sustentados com esmollas, que o Irmaõ Frey Antonio pedia polas portas com sacola ás costas.

Corriaõ os annos, e o Convento com tanto gosto decrétado naõ só naõ corria; mas nem ainda começava. Esta tardança junta com as alteraçoens, que a mudança dos tempos vay causando nos animos dos homens, deu occasiaõ ao Mestre pera lançar maõ de outra traça, que lhe pareceo mais conveniente á sua Familia, e naõ desacomodada pera a nossa Ordem. Tinha a casa chea de filhos, e filhas, que hiaõ crescendo, julgou que podia dar vida ás filhas, sem as tirar de casa, se na terra, de que era Senhor, lhes desse gasalhado, o que ficaria conseguindo, se lhe fizesse de Freiras o Mosteiro, que offerecera pera Frades. Poz o negocio em pratica. Naõ se podia negar nada a hum Principe, e tal que se sabia fazer Senhor dos animos com brandura, e liberdade, virtudes verdadeiramente Reaes. Assi foy de novo proposto, e aceitado pera Freiras no Capitulo do anno de 1525. o mesmo, que no de 1521. fora proposto, e aceitado pera Frades. E veyo a succeder, ficarem juntamente sem effeito duas casas, que com grande vontade se tinhaõ dado, e recebido pera Frades. E foy a outra depois desta de Setuval, huma, que se nos offereceo na Cidade de Cinis, junto ao Reyno do Algarve. Dava Jorge Furtado, Fidalgo honrado, o sitio, e boa esmolla de dinheiro cada anno, em quanto durasse a fabrica. Sendo approvado tudo, ouve contradiçaõ, nasceraõ inconvenientes; desfezse o trato.

He grande cousa tocarem os negocios em interesse proprio de quem os maneja, pera espertar diligencia. Naõ ha animo taõ livre, que deixe de se inclinar, e ás vezes sogeitar a huma commodidade. Esta foy a causa, que o Mosteiro, que quasi estava esquecido, em quanto era pera Frades, na hora que ouve resoluçaõ em ser de Freiras, e pera o fim, que temos dito, procedeo com tanto cuidado, que dentro de quatro annos esteve em perfeiçaõ de tudo, quanto convinha, pera poder dar principio á Religiaõ, e Clausura. Por dia do Santo Bautista em vinte quatro de Junho de 1529. entraraõ nelle com grande alegria do Mestre, e Duqueza, e de toda a terra sete Religiosas do Mosteiro de Jesus d'Aveiro, que vinhaõ pera fundadoras, cujos nomes, parece razaõ naõ ficarem esquecidos. Eraõ Soror Maria de Noronha, Soror Maria Pinheira, Soror Isabel de Quadros, Soror Isabel Sodré, Soror Brittes Pereira, Soror Maria Juzarte, Soror Brittes Ferrás. Naõ quizeraõ o Mestre, e Duqueza, que ficasse pera mais longe a entrada de suas filhas no Mosteiro, que fora o fim, pera que o fundaraõ. No mesmo dia entregaraõ tres á Religiaõ, e com ellas tres Primas suas, filhas de huma Irmãa da Duqueza, Condessa de Portalegre. Foy dia este de grande triunfo da Religiaõ, por serem as tres, netas d'el-

1529.

d'elRey Dom Joaõ II. polo pay: E todas seis descendentes de Reys a poucos passos; polas mãys, que eraõ filhas do Senhor Dom Alvaro, Irmaõ do Duque de Bragança. Dura huma tradiçaõ, que lhes fez a Duqueza neste passo huma pratica com tanto Espirito, e piedade Christãa, que enchia de devaçaõ ás Noviças, e de espanto ás Freiras velhas: e até os Prégadores, que assistiraõ no acto, confundio, representandoselhes, que viaõ revestido nella hum Santo Agustinho. Fora boa ventura, e bom exemplo pera as Princesas, que hoje vivem; que a tiveramos estendidamente, como passou. Diremos alguma cousa das particularidades, que entaõ ficaraõ celebradas. Mas será tudo pobre, e frio, pois lhe ha de faltar o Espirito de quem as disse, que lhes devia dar a vida, e alma, que aos nossos Frades admirou. Foy primeiro ponto, lembrarlhes, e mandarlhes, que daquella hora em diante naõ quizessem, nem consentissem ser tratadas com os titulos, que por filhas de seus pays, e netas de seus avós usavaõ no mundo. Que pois mereceraõ a Deos taõ boas venturas, como escolhellas pera sy, e tirallas do lodo da terra, nenhuma cousa della deviaõ querer levar comsigo; mudavase a vida, mudassemse os gostos della. Senhorias, vaidades, opiniaõ, era farinha do Egypto. Quem pertendia lograr o Manna celestial da Religiaõ, desde logo as avia de deixar; lembrandose que os filhos de Israel nunqua alcançaraõ aquelle pasto milagroso do Ceo, senaõ depois que de todo se acharaõ despejados do que tinhaõ trazido consigo da má terra dos Egypcios. E naõ queria, que aceitassem este conselho por outra razaõ, senaõ pola mesma de grandeza, e brio. De rustico era notado, quem entrando no Paço naõ guardava os estilos delle: Se he verdade, como he, que o Paço do Rey da gloria he qualquer Religiaõ bem ornada, mais teria de grande, e de bem entendida quem se soubesse aventajar nos pontos, que nelle se estimavaõ. A honra mayor (dizia) da Casa de Deos he, de quem nella mais se abate, assi nos ficou dito por boca do Redemptor. Será logo melhor costume na Religiaõ aquelle, que menos se parecer com os da terra. Senhoria he titulo vaõ, e falso; porque ninguem he Senhor, senaõ Deos; nem nomeado ha de ser entre vós. Nem ainda hum Dom aveis de sofrer, que todavia acena profanidade. Troquese a senhoria em hum fallar do bom tempo de nossos passados, que até os Reys tratavaõ com hum vós. Troquese o Dom no termo singello, e amigo de Soror, que he o mesmo que irmãa, em que todas as Casas mais observantes confirmaõ: E por isso cresce nellas a virtude, e serviço de Deos. Esta igualdade, filhas minhas, ha de fazer, que sejais amadas: a superioridade cria odio. E quem destas grades pera dentro naõ professa fugir das mentiras, e desconcertos do mundo, e quizer manter vãagloria de estado, inda que naõ seja mais, que na sombra, e nome, tenha por certo, que cahirá naquella maldiçaõ, que está publica contra os que caminhaõ por duas estradas

pera hum ſó fim; por triſtes, e deſventurados os canoniza a Eſcritura Santa. Mal dizem brocados com cilicio, mal aſſenta ſoberba de titulos com Cruz ás coſtas. Façavos eſtimadas a maior modeſtia, a maior manſidaõ, a mais profunda humildade. Só pera eſtes effeitos ſirva a lembrança do ſangue Real, que obriga a eſmerar mais no que he de mais valia. Quanto mais, que toda a boa razaõ repugnará, confeſſardeſvos todas por filhas de hum meſmo pay; que he o Padre S. Domingos; e da meſma mãy, que he ſua Religiaõ Sagrada; e naõ ſerdes irmãas em tudo. E ſe iſto ha de ſer nos nomes, e titulos, que ſaõ ſó aparencias, e ſombras, muito mais convem, que ſeja na ſuſtancia das couſas. Irmãas quero que ſejais das mais humildes, e mais piquenas da Caſa, em todo o trato, e em todo o ſerviço, na cama, na meſa, e em tudo o mais: Primeiras ao entrar no Coro, e lançar maõ dos exercicios trabalhoſos; derradeiras em o deixar. Na meſa naõ aceiteis mimo, nem differença do que ſe der em commum, porque como o profeſſar vida monaſtica he enterrar, ſe quizerdes na comida ter ventagem, podervoshaõ dizer, que vos ſepultaſtes á Mouriſca, ou á Gentilica, com banquetes na cova. O meſmo digo da cama. Naõ vos peſe de ſer aſpera; e dura; que ſe aquelle ſe ha de contar por bom ſervo, a quem o Senhor, quando vier, achar eſperto, e vigiando; bem he, que o meſmo leito ſeja tal, que vos obrigue a pouco ſono, e a levantar, e fugir delle. Pera iſto vos lembre, filhas, que como deixais minha caſa, pera povoar a de S. Domingos, aſſi ſahio antigamente da ſua pera Meſopotamia o Santo Jacob. E na hora, que largou os mimos da mãy, que o dezejava grande, e avantajado na herança, e ſe vio quando veyo a noite, eſtirado ſobre a terra nua, o Ceo por manta, huma pedra por cabeceira, entaõ lhe acudio Deos com extraordinarios favores, e miſterioſas viſoens. Rematou a Duqueza depois de outras couſas, affirmando, que ſe alguma obrigaçaõ lhe tinhaõ polas gerar grandes no mundo, agora lhe deviaõ mais, porque as punha em eſtado de ſerem grandes na Corte do Ceo. O que podiaõ ter por ſem duvida, como ſe governaſſem polos meyos, que alli tinhaõ ouvido.

Sap.

CAPITULO X.

Da eſtreiteza, e bom governo, com que ſe procedia neſte Moſteiro: E da riguroſa vida, e Santos fins de algumas Religioſas delle.

SEgundo a Duqueza era dotada de alto entendimento, fora dita, ſe pudera aſſiſtir com eſtas Madres. Porque nenhum governo puderaõ ter mais eſſencial pera o Eſpirito, nem ainda pera o temporal, com quanto ſabemos das Fundadoras, que foraõ todas eſcolhidas, por peſſoas de grande talento pera tudo, vioſe em muitas couſas eſte dom natural da Duqueza. Diremos huma ſó, por abreviar. Muito deſcobre do peito humano, o que pronuncia a boca: Mas a pedra de toque verdadeira, ſaõ as obras. Cheas eſtaõ as

as praças de gente, que falla bem; mas faltas de quem obre. Muito eſtudo na pratica, igual deſcuido das obras. Eſta Senhora naõ era menos prudente, e attentada no que fazia, que aviſada no que fallava. Sendo o Moſteiro ſeu por tantas vias, por nora de Rey, por Senhora da Villa, e por filha de ſeu pay, muy poucas vezes entrava na Clauſura. E quando lhe acontecia entrar, a companhia, que levava, era ſó de duas Donas; e eſtas naõ conſentia, que paſſaſem do Clauſtro; dando por razaõ, que naõ ſerviaõ mais as entradas das molheres ſeculares nos Moſteiros, que de cauſar inquietaçaõ de animos, contando novas do mundo muito eſcuſadas, hiſtorias, e ſucceſſos indignos de entrarem nas orelhas de gente dedicada a Deos. Ao que ſe juntava, julgarem mal da palavra, que eſcapa á ſimples Freira, com ſingeleza, ou deſcuido: E ſobre tudo darem occaſiaõ a aver faltas no Officio Divino, com as ceremonias de contemporizar com as que entraõ; e com a viſta de louçainhas, e trajos cuſtoſos reſuſcitarem penſamentos vãos, e lembranças das ſebolas do Egypto, nas que lhe tinhaõ perdido a ſaudade com a continuaçaõ do encerramento. Eſtimey achar taõ acertado juizo, e em peſſoa de tanta qualidade. Eſcrevoo de boa vontade, pera confuſaõ da força, por naõ dizer tentaçaõ, com que hoje ſe procura entre as Senhoras d'Eſtado, terem os Moſteiros das Freiras a ſeu mandar, naõ perdoando a diligencias, e grandes gaſtos, por alcançarem Reſcritos de Roma, ſó pera quebrarem a Santa Clauſura: Que ſe bem o conſideraraõ, outra tanta força ouveraõ de fazer pola ſuſtentar, e manter.

Como as Fundadoras traziaõ as leys, e coſtumes de ſua Caſa d'Aveiro, taõ apontada em todas as partes da Religiaõ, como atraz deixamos eſcrito; foy eſta criaçaõ, e principio em tudo ſemelhante áquella eſcolla; e ajudava muito conſiderar, que tinhaõ perto, e como por ſobrerolda, a Duqueza de huma parte, e da outra hum Moſteiro da Primeira Regra de S. Franciſco, em todas as idades mui reformado. Aſſi era de ver o cuidado de acudir ao Coro, a devaçaõ com que ſe aſſiſtia nelle; o aturar do ſilencio, a continuaçaõ das diſciplinas, o rigor dos jejuns. Iſto era das portas a dentro. Das portas a fora nenhum trato, mais que o forçado em commum pera remedio da ſuſtentaçaõ; que ſe eſte ſe pudera eſcuſar, fora poſſivel cuidarſe, que naõ encerravaõ aquellas paredes gente viva; mas foy deſgraça pera tudo, e cauſa de ſe atalhar em parte a corrente de taõ bons principios o ſitio da Caſa. Naõ ſe advertio ao tempo, que ſe começou o edificio, que era o lugar baixo, e apaulado: Como entrava o Outono, ferviaõ, e apodreciaõ com a força do Sol aquelles charcos, que a cercaõ, e lançavaõ de ſy peſtilenciaes vapores. E como o Ar he o mantimento mais contino do corpo humano, cauſaraõ fortes doenças. As primeiras, em que fizeraõ mais impreſſaõ, foraõ as Fundadoras; criadas em outro Ceo deſde mininas, ſentiraõ logo a differença, adoeceraõ todas humas traz outras: E paſſaraõ tanto mal, que naõ

se atrevendo a aturar a Casa, pediraõ licença ao Mestre, pera se tornarem á sua: E porque se lhe dilatava, proveraõse de hum Breve de Roma, com que alguns annos depois se foraõ as mais. Do anno naõ consta precisamente; só sabemos, que obrigada a Duqueza de sua auzencia, e naõ querendo, que faltassem Mestras da doutrina santa; foy em pessoa no anno de 1538. a Montemor o Novo, e levando licença dos Prelados trouxe consigo quatro Religiosas do Mosteiro, que alli tem a Ordem: E estas foraõ continuando a boa criaçaõ começada, que importou tanto com os bons fundamentos, que estavaõ lançados, que produzio sogeitos de abalizada virtude. Diremos de alguns.

A Madre Soror Maria Magdalena.

Foy pedra fundamental, e primeira deste Santo edificio a Madre Soror Maria Magdalena; que assi se quiz chamar a primeira das tres filhas do Mestre de Santiago. Assi lhe assentaraõ no entendimento as santas admoestaçoens da Mãy, assi se aplicou de vontade a toda a doutrina sagrada da Religiaõ, que sahio hum espelho della. A sua humildade competia com a das mais abatidas servidoras; tendo muito de todas as mais virtudes, desta foy principalmente louvada. Porque se as servidoras trabalhavaõ, ella naõ descançava; se trasiaõ os Habitos rotos, ella por suas mãos lhos remendava: E com tanto gosto, como se só nascera pera alfayata de pobres: E por senaõ differençar dellas, sempre, o que trazia, era velho, e remendado. Na Oraçaõ, e exercicios de penitencia igualava todas, as que mais se aventajavaõ nelles. Começoulhe Deos a pagar, como todas as suas se adiantaõ em tempo, e preço aos merecimentos humanos, na hora que os bons tem por principio de descanço, que he a morte. Estando naquelle temeroso passo, mostroulhe hum grande arco triumfal, enramado das mais bellas, e mais frescas boninas, que criaõ Abril, e Mayo, e acompanhado de grande numero de Donzellas de fermosura peregrina em gesto, e trajos, como que a esperavaõ pera entrarem com ella no triumfo da Gloria, que merecera com a perfeita guarda da pureza, cujo simbolo saõ as flores, e com a vitoria dos Estados, e mundo, que deixara; que só aos illustres vencedores se levantaõ arcos. Isto foy penhor do bem que a esperava, só mostrado a seus olhos, e declarado por ella a seu Confessor. Mas na hora da sepultura, que foy no Coro debaixo no enterro, que os Successores do Mestre alli tem, vio a Communinade toda claros sinaes, de que estava já de posse do premio, e da vitoria, em huma luz, que sahia daquelles membros defuntos, taõ extraordinaria, que vencia a das tochas, e brandoens, e até no tecto da casa, e por tudo fazia huma manifesta differença.

Naõ quizeraõ ser inferiores a Soror Maria Magdalena nenhuma das tres primas filhas do Conde de Portalegre. Sendo todas tres Irmãas, quanto ao nascimento, e pola Religiaõ, qne juntas professaraõ; muito mais o foraõ no Amor da Cruz de Christo. Chamavase a mais velha Soror Antonia dos Anjos,

Soror Antonia dos Anjos.

jos, como estava na Casa de Deos, quiz imitar os seus Anjos, com obedecer, e naõ mandar; servir sempre, e naõ governar nunqua. Assi naõ se pode acabar com ella já mais, que aceitasse officio de Prelada, estando sempre pronta, e offerecida pera todos os humildes da Communidade. Ficaraõ em lembrança alguns exercicios penosos, que usava, porque eraõ publicos. Secretos se entendia que fazia muitos, e de mais trabalho. Jejuava toda a roda do anno, sem aliviar hum só dia. Todos os Domingos depois das Matinas do Coro rezava o Officio inteiro da Santissima Trindade. E porque he mortificaçaõ particular das molheres, por muitas vias naõ usar chapins, determinouse a andar em çapatos, e assi perseverou toda a vida. Acontecendolhe acompanhar huma Religiosa moça, e muito penitente, que morria com grandes finaes de predestinaçaõ, abrazouse em fogo de santa inveja de hum semelhante fim; e levantando a voz com vehemencia, Arrebataõnos (dizia) o Ceo estas cachopas á força de braço, e violencias: Correm, e chegaõ a alcançar o pallio, quasi antes de terem idade pera correr; e nós molheres crescidas, e com forças inteiras andamos cercadas de frouxidoens, esperando a velhice pera merecer com dilaçaõ de annos, o que ellas sabem grangear, e ganhar com arremessos de valor, e esforço. Ah quem pudera quebrar as prizoens, quem voara, e se fora já descançar, como esta! Deraõ final os olhos com caladas lagrimas, que requeriaõ dezejos dentro n'Alma, o que a boca pronunciava. Naõ se vio, nem se lhe ouvio mais que isto, nem se sabe, o que naquelle tempo mais sentio. Mas parece, que foy ouvida no Ceo. Porque desdo ponto, que a moça acabou, entrou ella em aparelho de morrer, como se na morte alhea lhe fora revelada a sua: E assi o créraõ todas. Teve o aparelho muito que estimar, e muito, que espantar; porque era acompanhado de hum alvoroço, e alegria continua, pedindo parabens a todas do transito, que tinha á vista, e entre jubilos, e gozo acabou brevemente.

Soror Anna da Conceiçaõ.

Foy a segunda Irmãa Soror Anna da Conceiçaõ, que mereceo entre as Religiosas o fermoso nome de Mãy de pobres. Porque assi se abrazava em dezejos de os remediar, e assi lhes acudia com tudo aquillo, a que sua possibilidade abrangia, como se todos foraõ seus filhos. Habito se lhe náõ vio nunqua vestido, senaõ velho, e roto. O novo trocava, tanto que o recebia, com algum velho, por officio de charidade, e juntamente humildade. Porque do officio, e obras de humilde se agradava tanto, que depois de fazer dezaseis annos o officio de Prioreza, assi tornou a servir os mais humildes da Communidade, como se entaõ começara a ser Noviça. E naõ he razaõ, que nos passe por alto, pera confusaõ da soberba humana, o que se conta della neste particular. Ficou em memoria, que com muito gosto se assentava entre as servidoras da cozinha, ajudandoas a escamar o peixe. Naõ podia faltar grande premio a tamanha humildade, acompanhada da virtude celestial

da caridade, e ambas do esmalte da santa pureza; seguida por voto, e amada de todo coraçaõ. Affirmase, que, quando espirou, soaraõ polo Mosteiro vozes de armonia do Ceo, como temos escrito de outras Casas, e com a mesma prova, e certeza de naõ ser cousa da terra. E naõ he de espantar, que acudissem os Espiritos Angelicos a festejar, e honrar aquelle, que na humildade de boa Serva, e nas virtudes Angelicas de pureza, e abrasada caridade, procurou, em quanto pode, e mereceo a Deos parecerse com elles, vivendo entre as miserias, e pensoens da carne, como se vivera izenta, e longe della. Acompanhavaõ, a que espirava, todas as Religiosas do Mosteiro, sem ficar nenhuma. Naõ sahia voz de entre ellas, que naõ fosse muito triste, e envolta em lagrimas, polo que perdiaõ. Claro fica, que as alegres, e festivaes, que se ouviraõ, eraõ de gente do Ceo, que fazia festa, ao que ganhava.

Soror Joanna da Cruz.

Naõ quiz a terceira, que se chamava Soror Joanna da Cruz, parecer indigna da companhia de taes Irmãas, nem do titulo, que tinha da Cruz. Podemos acomodar a todas tres, o que he costume dos que trataõ em perolas. Se acontece acharem em alguma grande partida, duas, ou tres de notavel ventagem, em corpo, valor, fineza, poemnas de parte, chamaõlhe irmãas; e se achaõ huma só tal, chamaõlhe orfãa, inda que todas as mais sejaõ de subido valor. Digo pois, que nestas Irmãas nos deu o Mosteiro de S. Joaõ tres perolas em tudo, e por tudo Irmãas; e tambem nos deu huma orfãa em sua Prima a Madre Soror Maria Magdalena, que sendo suas Irmãas tambem perolas, e de soberano preço, tanto se aventejou dellas, que lhe está bem, no sentido dos bons Lapidarios, o nome de orfãas. Doze annos foy Prioreza Soror Joanna, e em todos elles o cuidado, de que mais se presou, foy de acudir com esmollas aos pobres de fora, e ás que de portas a dentro padeciaõ alguma falta. E todo tempo usou grandes mortificaçoens de disciplinas, naõ largando nunqua as tunicas de lãa, nem ainda em graves doenças; e o que he mais que tudo, rezava todas as noites no Coro debaixo o Psalterio de David inteiro: E affirmase, que o rezava em pé. Foy o fim de sua vida, huma infirmidade de dores, que affligindoa sobremaneira, naõ edificou menos a paciencia, com que a levava, e a conformidade, que tinha com a vontade de Deos, consolandose com o receber a miude no Sacramento: e confiando christãamente, que lhe dava o tormento das dores, pera lhe forrar o do Purgatorio: e pera o ver mais sedo face a face entre os Bemaventurados.

CAPITULO XI.

Das Madres Soror Elena da Vera Cruz, Soror Maria do Espirito Santo, Soror Brittes da Trindade, e outras.

A Madre Soror Elena da Vera Cruz.

DEstas tres Irmãas, de que acabamos de contar, foy sobrinha a Madre Soror Elena da Vera Cruz; e por escusarmos dispender palavras, muito parecida a ellas em toda a virtude.

Do que he bastante testemunho, que muito antes de seu fallecimento soube, quando avia de ser, e que seria em dia do Santo Bautista, com quem tinha particular devaçaõ. Assi o declararaõ depois humas Religiosas suas amigas, a quem o tinha descuberto em segredo. No anno, em que faleceo, cahio a festa de Corpus Christi, que no Mosteiro se fazia, em hum Domingo, oito dias ao justo antes de S. Joaõ: E avendo de hir pera Vesperas, concertou na Sacristia, que tinha a seu cargo, hum prato com todo o necessario, pera administraçaõ do Sacramento da Unçaõ; e sobre elle poz hum papel de sua maõ escrito, em que fazia algumas lembranças tocantes á mesma officina. Quando entrava pera o Coro disse a huma Religiosa, a quem tocava entoar o Hymno, *Pange lingua &c.* que por lhe fazer caridade mostrasse toda sua sufficiencia, em o cantar com devaçaõ, e boa Musica; porque lhe naõ avia de ouvir outro. Acabadas Vesperas recolheuse pera a cella, já com principios de febre, e frio. Cresceo o mal, levoua no seteno, e no dia de S Joaõ foy dada á terra. Assi fez certo, o que tinha dito ás amigas: E que quando aparelhara o prato com os aviamentos de Unçaõ, já sabia, que pera sy o aparelhava: Grande caso, e grande animo de molher. Muito credito merecia, quem tanto dantemaõ via as cousas. A outra amiga tinha prometido fazer sinal, se na hora de seu transito visse o seu Santo, que em passo de tanta necessidade confiava lhe naõ faltaria com sua presença. Entrava em termos de espirar, eis que subitamente lhe doura o semblante huma extraordinaria alegria, e juntamente começa a buscar com os olhos a amiga; e tratou levantar a maõ, como quem queria apontar, onde o Santo estava. Mas naõ pode a maõ, senhoreada já do frio da morte, seguir a vontade: Acabou o sinal abrindolhe a boca hum brando, e bem assombrado riso, com que juntamente rendeo a Alma.

A Madre Soror Maria do Espirito Santo.

De Soror Maria do Espirito Santo sabemos, que foy neta do Mestre de Santiago, e que entrou neste Mosteiro em idade de dez annos. Como madrugou tanto pera a escolla da virtude, e era tempo, em que avia nella grandes Mestras, deu tal Discipula, que veyo a deixar atras muitas das mais proveitadas. Sua occupaçaõ continua era andar toda enlevada em Amores Divinos, e assistir diante do Santissimo Sacramento todas as horas, que tinha de seu. Por esta conta a sua mór deleitaçaõ era o Coro; parecia ter azas ao hir pera elle: e que a tiravaõ por força, quando o deixava. Pasmavaõ as Religiosas, que com ser muito enferma, e naturalmente fraca, e delicada de compreiçaõ, aturava as Communidades do Coro, e Refeitorio, como a mais robusta; e ao dia, que avia de commungar, fazia devotas vesperas, com velar em Oraçaõ toda a noite antes, sem lhe passar nenhuma. E pera manter guerra contra a que lhe fazia o sono, pregava os joelhos em terra, e assi perseverava, sem jamais se assentar. Naõ podia viver muito, quem assi trabalhava: nem temer a morte, quem assi vivia. Morreo moça,

e

e taõ bem assombrada, naõ só alegre de se ver acabar, que entrando no ultimo artigo pedio, que lhe cantassem a hum Cravo o Hymno, *Pange lingua, &c.* E manifestando com devotos colloquios, que tinha com a Virgem, e com o Minino Jesus, o gosto, com que deixava a terra, por hir buscar, e gozar sua vista, se foy em paz.

A Madre Soror Brittes da Trindade.

Tambem era neta do Mestre a Madre Soror Brittes da Trindade, e tambem foy breve moradora da terra. Tal era sua vida, que no la deixaraõ bem retratada as Religiosas, que a conheceraõ; com dizer, que se as mortas dezejavaõ sua companhia, que fariaõ as vivas? E naõ o differaõ debalde; porque estando hum dia em Oraçaõ na cella, se lhe poz diante huma de suas tias defunta, e porque naõ cuidasse, que era representaçaõ fantastica, das que acontecem aos malencolicos, lhe fallou com voz conhecida, e clara, dizendo, que já era tempo de se hir pera ella. Naõ teve Soror Brittes em segredo a visaõ, nem o aviso. Mas convem muito animo pera semelhantes chamamentos. Parece, que se naõ resolvia em dar a vontade á mudança: senaõ quando recolhendose pera a cella, depois de ter assistido com huma Religiosa, que estava em passamento, e lhe espirou nos braços, sente bater na porta, e perguntando, quem era, ouve a voz da mesma, que deixara amortalhada. Fez a voz pavor, mas tambem resoluçaõ de naõ querer mais vida. Tratou logo do fim, e dentro de hum mez seguio animosa, e santamente, ás que a chamaraõ. Naõ podemos averiguar, por qual dos filhos do Mestre eraõ suas netas estas duas Madres, Soror Brittes, e Soror Maria.

Sobrinha era da Duqueza de Coimbra, e filha do Marquez de Ferreira huma Religiosa, de que nos naõ ficou o nome, nem mais sinaes, que aver sido Prioreza alguns annos, e procedido assim no cargo, como no estado de subdita, com raro exemplo, e perfeiçaõ de vida. Contase della huma cousa, que muito espantou, e por isso ficou em lembrança. Estava doente, mas com boas forças, e sem se lhe temer perigo. Pedio ás Madres, que se achavaõ com ella, lhe ajudassem a rezar huma Salve. Foy cantando com ellas com voz, e garganta de sãa. Porém chegando ao verso: *Et Jesum benedictum fructum ventris tui nobis post hoc exilium ostende*: inclinou a cabeça por reverencia ao nome sagrado, e na mesma inclinaçaõ espirou.

De outra Religiosa tambem sem nome se conta huma vida, e morte grandemente extraordinaria. Tomou por devaçaõ assistir de contino diante do Santissimo Sacramento, como fazem na casa do Rey da terra os cortezãos, que querem valer. Naõ faltava nunqua do Coro; senaõ forçada de grande necessidade, ou de hum breve sono, que tomava de noite no Dormitorio, por acompanhar a Communidade. Até a refeiçaõ corporal, por naõ faltar em sua assistencia, era no ar; como se fora Açor, ou Gaviaõ; tomava na maõ alguma parte do que se dava no Refeitorio; e chegando ao Antecoro, satisfaziase com huns breves, e apressados boccados,

e logo entrava a continuar diante do Senhor. Mostrou o benignissimo Senhor, e Rey dos Anjos, que lhe naõ desagradava o serviço, e constancia de hum bichinho da terra: Depois de longos annos, deulhe hum fim Santo, recebidos todos os Sacramentos. E pera manifestaçaõ do que estimara tal vida, de maneira quiz, que se ordenassem as cousas, que veyo a ser a morte no mesmo Coro.

A Madre Soror Elena Doayros.

Soror Elena Doayros foy huma das mais antigas Madres deste Mosteiro, e das que nelle tiveraõ mayor nome, de grande rigor de vida, e de ardente caridade pera com as enfermas, e com todo pobre. E permanece huma tradiçaõ constante, recebida das Freiras velhas, que aconteceraõ em sua morte casos milagrosos: Mas somos nesta Ordem taõ pouco diligentes em tirar a luz as cousas, que lhe podem grangear honra, e fama, que nenhum achamos especificado, e he força deixar todos em silencio.

CAPITULO XII.

Das Madres Soror Isabel do Evangelista, Soror Ambrosia de Santo Agustinho, Soror Paula da Conceiçaõ; e outras particularidades da Casa.

A Madre Soror Isabel do Evangelista.

DA Madre Soror Isabel do Evangelista, que do Mosteiro do Bom Pastor, antes que se desfizesse, se passou a este por devaçaõ, e dezejos de mais asperesa de vida, achamos huma lembrança antiga, que muito a honra. Porque diz, que acabou com mostras de grande Religiaõ, e com milagres; mas naõ aponta nenhum. Miseravel descuido pera em casa, cuja mór antiguidade naõ passa de cem annos. Particularizase della grande, e aturado gosto em orar sempre, e hum piadoso requerimento, que tinha com Deos quotidiano. Pedialhe huma morte aliviada, com que naõ fosse penosa a suas irmãas. Adoeceo, e conheceo, que era a ultima citaçaõ do Ceo, e que convinha acudir, recebeo os Sacramentos, e entrou em morrer ao terceiro dia. Neste ponto dezejou com grande ancia (e publicou o dezejo) de ver, e ter junto comsigo o Santissimo Sacramento; como a verdade lhe estava dizendo, que tinha naquella Sagrada Hostia o Altissimo Rey do Ceo, e da terra; parecialhe que tendoa perto de sy, seria acabar, in osculo Domini: Nos braços, e abraços do Senhor. Naõ avia na terra, quem em tal cousa a pudesse satisfazer. Acudio o mesmo Deos á sua serva, e consoloua sem milagre, ordenando que pedisse a necessidade doutra doente, que estava na mesma casa, que se lhe administrasse o Sacramento. Veyo pera a enferma, vio a que morria, adorouo, e acabou consolada.

A Madre Soror Ambrosia de Santo Agustinho.

Por huma das Religiosas antigas desta Casa he contada a Madre Soror Ambrosia de Santo Agustinho, e taõ amiga da penitencia, que trouxe toda a vida huma cadea de ferro á raiz das carnes: ao que juntava naõ ter nunqua outra cama, senaõ a terra fria, á imitaçaõ de nosso Glorioso Patriarca. Foy estranho caso, o que succedeo em sua morte. Estando muito enferma, avia em casa huma servidora tambem doente, que a cada passo,

passo, e com grande ancia perguntava polo estado de Soror Ambrosia, e naõ dissimulava a causa. Dizia, que o dia, em que Soror Ambrosia acabasse, avia de ser tambem ultimo pera ella. O segredo, que nisto intervinha, naõ soube ninguem; mas naõ se fazendo caso do dito, foy publico o cumprimento delle, e taõ certo, que no mesmo dia morreraõ ambas. Podia ser, que a Madre, como era taõ Santa, o tivesse revelado á servidora.

A Madre Soror Paula da Conceiçaõ. 1603.

De oitenta annos de idade passava a Madre Soror Paula da Conceiçaõ, quando a chamou a morte em vinte quatro de Fevereiro de 1603. Da continuaçaõ, e fervor de sua Oraçaõ se contaõ muitas cousas; e naõ menos da devaçaõ, que tinha com Nossa Senhora do Rosario. Diremos algumas. A Oraçaõ era depois de rezado o Santo Rosario por contas, rezar por livro; primeiro os sete Psalmos Penitenciaes, e logo hum Officio inteiro de defuntos; e isto cada dia infalivelmente. Alem de todos os pesos do Coro, e de particulares memorias, que fazia a diversos Santos, ao recolher á noite no leyto, prostravase em terra, e nesta postura examinava sua consciencia, pera hir repousar. Acontecialhe algumas vezes no discurso da Oraçaõ inflamarse tanto, que perdidos os sentidos, ficava por muito espaço arrebatada em verdadeira extasi, de que naõ faltou quem fizesse apertadas provas com lembrança de casos passados, que ainda magoavaõ. Fazia os raptos certos, que durando, se lhe via trocar a côr do rosto com differença de geitos, e gestos, já tristes, já alegres. A devaçaõ da Virgem Gloriosa com ser grande de Espirito, erao tambem de obra. Trabalhava todo o anno, e trabalhou toda a vida em a servir: Já na Confraria, sendo muitos annos Mordoma: Já na sua Imagem, e Altar, fazendo atavios ricos pera a Imagem, e ornamentos de telas, e sedas pera o Altar. E o que he mais pera estimar, o cabedal pera estas cousas nascia todo de sua industria, e providencia, porque nem possuia renda nenhuma, nem pedia nada a ninguem. Parte tirava da comida quotidiana, e do vestido, e calçado, que lhe davaõ as Preladas, convertendo tudo em dinheiro, pera emprego das peças, que fazia; parte lhe rendia, o que por suas mãos travalhava, que como era de cada dia, respondia muito no cabo do anno. E como sua vida foy taõ larga, como temos dito, veyo a fazer castiçais de prata de pé alto pera o Altar, e só huma vestimenta sabemos, que lhe custou sessenta mil reis: E quando faleceo, tinha comprado tela de ouro branca, e carmesi, pera hum ornamento inteiro, que pertendia fazer, pera servir nos dias de festa maior do Rosario; e deixou juntos em dinheiro sincoenta, e oito mil reis, pera ajuda da guarniçaõ, que dezejava fazer de Bordador.

Mostrou nosso Senhor em muitas occasioens a toda esta Communidade, que lhe era aceito o cuidado, com que Soror Paula servia a sua Santa Mãy; e com casos taõ mysteriosos, que só de seu poder se via claramente procederem. Porque

lhe

lhe naõ faltassem flores pera ornar a Santa Imagem, e Altar por toda a roda do anno, ordenou esta Madre em huma janella huns caixoens, em que tinha varios generos dellas, que regava, e cultivava com trabalho, e gasto. Entre outras plantou hum anno por suas mãos huma roseira, pera divisa perpetua do Santo Rosario. E succedeo, cousa bem mysteriosa, que foy dando logo no primeiro anno tres botoens, hirem abrindo successivamente cada hum em huma festa notavel; hum por dia d'Assençaõ, outro no de Pentecostes, e terceiro no da Trindade. E sendo isto notado com atençaõ, notouse mais, que cada rosa destas, depois de aberta, naõ tinha mais, nem menos de quinze folhinhas, e cada folha da feiçaõ de hum coraçaõ, sem aver differença de humas ás outras. Mas o que mais espanta he, que quando as rosas se foraõ murchando, depois de cada huma ser offerecida á Sagrada Virgem, e posta por tal dia em suas mãos, naõ quiz Soror Paula, que se perdessem, recolheuas, e foy entrometendo as folhas polo Breviario, e outros livros, em que resava, por senaõ perderem, nem depois de secas, humas flores, que no nascimento, e feitio parecia, terem alguma cousa de mysterio. A cabo de alguns dias, eis que abrindo o Breviario, encontra grande novidade. Olhando pera huma das folhinhas secas, representaselhe nella huma Imagem da Senhora, assi como se costuma pintar em sua Sagrada Annunciaçaõ. Espantada do que via, foy revendo as outras, e achou maravilha maior. Mostrava cada folhinha seu debuxo particular da figura da Senhora; mas com aquella differença de insignias, que de ordinario lhe daõ os Pintores em suas festas. Naõ lhe pareceo, que devia dar credito a seus olhos, nem fiar só de sy cousa tamanha. Chamou Religiosas: Vieraõ todas, humas traz outras, e todas viraõ a maravilha, e tambem algumas pessoas seculares: Era o debuxo trasparente: mas muito claro, e distinto, e bem divisado.

Depois de caso taõ extraordinario visto, e palpado por toda huma Communidade, naõ se deve negar credito a qualquer outro, que dissermos desta Madre, por muito novo, e peregrino que pareça. Tinha em seu poder huma piquena lasca do Santo Lenho da Vera Cruz, que por ser provado em muitas experiencias, lançava algumas vezes em agoa, que depois repartia pera enfermos. Succedeo hum dia, que tendo dado alguma, ficou parte no fundo de huma prosolana, em que a tinha. Olhando acaso no dia seguinte pera a porsolana, vioa toda congelada, e tornada em Cruzeszinhas de caramello, e huma maior no meyo com seu pé, e assento, que a tinha direita, e seu final de titulo no alto. Caso verdadeiramente digno de se celebrar, e autorizar; mas foy tanto ao revez, que a porsolana com sua maravilha andou por casa de doentes, e curiosos; e passando de huns a outros, veyo a desaparecer. E ficaraõ as Freiras sem huma reliquia de tanto preço, e que tanta estima merecia.

Tambem he digno de perpetua

petua memoria o meyo, porque ſe conta, que a Madre Soror Paula ouve eſta parte do Santo Lenho. Tinhao no Moſteiro certa Religioſa, e dezejando partillo com huma amiga, veyoſe hum dia a Soror Paula, pedindolhe, como de todas era tida por Santa, que fizeſſe por ſua maõ a partilha. Naõ ſe negou ella, eſperando, que pois ſe partia, tambem lhe caberia ſua parte: E aſſi o diſſe a Religioſa. Mas eſcuzandoſe ella, e allegando, que era corpo muy piqueno pera fazer tantas partes, tomou Soror Paula hum canivete, e pondoo na Santa Reliquia pera a fazer em duas, á viſta, e olhos de ambas, e ſem ſaber como, ficou partida em tres partes iguas. Aſſi alcançou Soror Paula huma com grande conſolaçaõ de ſua Alma. Mas logo lhe moſtrou o Senhor outro ſinal, que de novo lhe acreſcentou o goſto de a poſſuir. Feita a obra lavou o canivete por reverencia, e limpandoo em hum retalho de papel, guardou o retalho pera o queimar; mas quando á noite o quiz pôr no fogo, achou tinto em ſangue todo o lugar, em que o canivete ſe enxugara. E pera mais eſpanto avia no papel ſeparadamente huma gota de ſangue, em que ſe via com eſtranho myſterio hum retrato da Santa Veronica, com todas ſuas partes bem diviſadas: e ſómente tinha de differença moſtrar de lado a meſma Imagem, que as pinturas da Veronica ordinarias offerecem de cara. Em verdade que he grande miſeria, e malicia noſſa, naõ nos fazer Santos, ſe quer o intereſſe dos mimos, e favores, com que Deos trata, quem o ſerve de coraçaõ. Que caricia de Pay muito amoroſo pera filho de grande merecimento pode ter comparaçaõ com eſta? Eſte papel viraõ, e teveraõ em ſuas mãos todas as Religioſas do Convento, e algumas vivem hoje; que alem deſte, viraõ tambem outro grande prodigio, que a muitas fez temer muito. Tinha Soror Paula em ſeu Oratoria huma pintura da Santa Veronica, eſta viraõ as Religioſas por muitas vezes ſuar gótas groſſas, e grandes; e fazendo diligencia com lhas enxugarem, a ver ſe ſeria groſſura das tintas, que corriaõ, exprimentaraõ ſer perfeito ſuor; porque tornavaõ a creſcer aljofrando o roſto, como hum orvalho groſſo, e claro, e depois de creſcidas corriaõ, como as que atraz contamos da Imagem de Noſſa Senhora da Conceiçaõ da Eſperança.

Depois de oitenta annos taõ bem gaſtados, eſtando em boa, e inteira diſpoſiçaõ, que até o ultimo conſervou com juizo perfeito, e huma falla viva, e eſperta, como quando eſtava na flor da idade, veyo toda via a pagar a divida, a que todos eſtamos obrigados pola culpa do primeiro Pay. Foy o meyo huma doença, que logo moſtrou ſer mortal, e em breve arrematou contas. Agonizava já, ſenaõ quando lhe amanhece no roſto huma deſuzada alegria, e hum geito, e ar, que a fazia parecer outra em tudo. Bem cahiraõ as Religioſas, que a acompanhavaõ, naõ ſer effeito natural, ſenaõ algum grande favor, e miſericordia do Senhor. Com tudo fizeraõlhe pergunta, que couſa a fazia taõ alegre em hora,

ra, que a todos entrestecia. Respondeo singelamente, que a sua Virgem do Rosario, que toda a vida servira, lha viera a fazer doce, e suave, e estava alli com ella: e sem dizer outra cousa, espirou. Viose hum manifesto sinal desta merce, em que no mesmo tempo foraõ ouvidos por toda a casa instrumentos Musicos naõ conhecidos, e vozes a elles, de suave, e desacostumada melodia, que fazia naõ se duvidar, serem Anjos, que acompanhavaõ assi a sua Rainha quando vinha honrar a serva fiel. A este sinal se juntou outro, que foy ficarlhe no rosto depois de morta a mesma alegria, e viveza, que a sagrada visaõ lhe causara. E pola mesma razaõ ao amortalhar, naõ quizeraõ as Madres, que lhe cubrissem o rosto, em que já se viaõ penhores de immortalidade. O seu escapulario, e outras peças, de que usava, foraõ cortadas miudamente, e repartidas, como reliquias, entre toda a Communidade. Naõ he pera esquecer o que se conta desta Madre, que em mais de trinta annos naõ appareceo em locutorio, senaõ tres, ou quatro vezes, e essas por razaõ dos ornamentos, que fazia pera o Altar do Rosario.

Outras muitas Religiosas ouve neste Mosteiro, merecedoras de lhes darmos aqui lugar: Porque sempre floreceo nelle hum vivo Espirito de virtude, e reformaçaõ. Inda que ficaõ sem nome, como estas partes sejaõ bastantes pera lhes grangearem a gloria de ficarem escritas no livro da vida, que he a que só importa: Pouco perdem em lhes faltar a destes quadernos, que he força irmos encurtando, polo muito que temos que dizer, no que ainda resta da Provincia. Obrigado das grandes qualidades desta Casa o Reverendissimo Geral Frey Serafino Caballi, lhe mandou huma reliquia do Santo Bautista, a qual costumavaõ as Madres passar por hum grande vaso de agoa, e esta repartiaõ depois entre enfermos, principalmente de maleitas, e saravaõ muitos.

A Casa possue boa renda; porque alem de huma quantidade grossa de dinheiro, que tem assentada na Tabola da Villa, tem de mais o rendimento de huma Igreja, que lhe aplicaraõ na Villa do Assumar em Alentejo de alguns annos atraz os Duques Successores dos que a fundaraõ: E assi saõ as Religiosas bem providas em commum do necessario: E tudo haõ mister pera poderem passar as muitas infermidades, que lhes causa a má qualidade do sitio. De ordinario se sustentaõ entre Professas, e Noviças até sessenta Religiosas.

CAPITULO XIII.

Fundaçaõ do Mosteiro de Nossa Senhora da Consolaçaõ da Cidade d'Elvas.

MOradoras eraõ, e naturaes da Cidade d'Elvas, e por nascimento, e geraçaõ illustres duas molheres, que achandose livres de obrigaçoens do mundo, e com fazenda bastante pera poder passar nelle com huma mediania de estado, determinaraõ entregarse a Deos com vida de recolhimento perpetuo. Tinhaõ hum bom aposento junto da Igreja, que hoje he

á Maior, e Cathedral da Cidade. E pera escusarem todo genero de commercio na terra, e naõ verem, nem serem vistas, compuzeraõ huma casa em Oratorio; com que ficaraõ em estado, de lhes naõ faltar nada pera Freiras, mais que Habito, e voto. Nem lhes faltou Habito, porque como antes de se encerrarem, viaõ, e ouviaõ os Frades de S. Domingos no Convento, que alli temos, contentoulhes o Dominico, vestiraõse nelle só por sua authoridade, e pola mesma se nomearaõ por Freiras da Terceira Ordem, e Regra. Era gente muito nobre, como temos dito, e os tempos poucos rigurosos: Naõ avia quem se atrevesse a obrigallas á formalidade do voto, ou a deixarem o Habito, e nome. Mas nesta vida livre, e arbitraria, acudialhes o Senhor com tanto Espirito, que naõ era sua vida menos, que de muy reformadas Religiosas. O que foy causa de se lhes irem chegando algumas molheres honradas, e crescerem em reputaçaõ, e honra, e nome como em numero. Viviaõ em commum, acudindo cada huma com o que tinha de renda pera sustentaçaõ de todas. Usavaõ nomes a uso de Religiaõ: Porque sendo as duas Irmãas filhas de Henrique de Mello; postos de parte os titulos, que o mundo presa, e que polo apellido lhes pertenciaõ: Huma se fazia chamar Maria do Rosario; a outra Magdalena da Cruz. Em fim tendo do Ceremonial da Ordem quasi tudo, do essencial de voto, e obediencia naõ tinhaõ nada. Notou isto hum Fidalgo honrado da terra; pozlhe em pratica tomarem estado perfeito: E offereceo fabricarlhes Mosteiro, como quizessem abraçar Regra, e Observancia. Naõ fizeraõ ellas duvida; antes vendo que lhes fallava o Espirito Santo por boca de Pero da Sylva, que assi se chamava o Fidalgo, deraõ logo seu consentimento, pera se tratar de Mosteiro. Só apontaraõ, que fosse da Ordem de S. Domingos; porque do Habito huma vez escolhido, e vestido naõ queriaõ fazer mudança. O fundamento, com que Pero da Sylva se atreveo a fazer offerta do Mosteiro, consistio em huma bem achada traça. Edificara Estevaõ Domingues Pernica, Sacerdote honrado da mesma Cidade, huma Capella pera seu enterro na Igreja Parochial de S. Pedro: Enriquecera a de todos os bens, que possuia, que eraõ muitos, e nomeara por Administradores della, e delles os Vereadores, e Officiaes da Camara. Parecialhe a Pero da Sylva, que, largandose esta Capella ás Freiras, ficava o Mosteiro feito. Porque a fazenda era tanta, que podia suprir a sua sustentaçaõ, e alevantar paredes. Eraõ trinta moyos de trigo em cada hum anno, sete de cevada, sincoenta, e sinco alqueires de azeite, e noventa, e sete mil reis em dinheiro. Como o bom Fidalgo esteve certo da vontade das duas Irmãas, e suas companheiras; tratou de persuadir os Vereadores: Propozlhes a traça; mostroulhes com boas rezoens, quanto grangeava a terra, alem do serviço de Deos, em terem nella hum gasalhado perpetuo pera suas filhas, e parentas. Mosteiro pera honra de Deos, remedio pera donzellas mal dotadas. Deixaraõse

raõse vencer os Vereadores, deraõ seu consentimento pera se pedir licença a elRey, e confirmaçaõ ao Summo Pontifice. E Pero da Sylva andou taõ diligente, que huma, e outra cousa veyo quasi juntamente dentro do anno de 1528. Do qual contamos a antiguidade deste Mosteiro. Porque ainda que fizemos diligencia, naõ pudemos aver vista das Letras Apostolicas. Nas Reaes, que foraõ passadas no mesmo anno, faz elRey Dom Joaõ III. merce ao Mosteiro de lhe aplicar toda a fazenda do Padre Estevaõ Domingues, com declaraçaõ, que as Freiras tenhaõ hum Capellaõ continuo, que corra com as Missas, e suffragios encomendados polo Instituidor, e cumpraõ os mais encargos por elle apontados: E se alguma hora succeder vir a fazenda a tamanha baixa, que naõ alcance ao que montaõ as obrigaçoens, em tal caso, se cumpraõ perfeitamente polos mais bens, e rendas do Mosteiro. E mandou elRey acrescentar huma clausula digna de seu zelo, e piedade: E foy, que todos os dias depois da Missa Conventual maior, cantem hum Responso pola Alma do Instituidor, nomeandoo na Oraçaõ por seu nome. Confirmou esta aplicaçaõ por authoridade Apostolica Dom Martinho de Portugal Nuncio em tal tempo neste Reyno do Papa Clemente VII.

1528.

Dizem as memorias, donde vamos tirando, o que nestas lançamos, que o nosso Padre Geral aceitou em Roma este Mosteiro, e mandou commissaõ ao Provincial de Portugal, pera se encarregar do governo delle, provendoo logo de Religiosas, que em todo rigor plantassem nelle a Observancia regular. Naõ se contentou o Provincial com mandar menos de sete; sinco de Nossa Senhora da Saudaçaõ de Montemor, e duas do Paraiso d'Evora. Das de Montemor saõ os nomes, Soror Joanna d'Assumpçaõ, Soror Francisca do Espirito Santo, Soror Maria de Jesus, Soror Maria da Piedade, Soror Filippa do Deserto. As d'Evora foraõ Soror Ines dos Anjos, e Soror Maria. A estas duas se diz, que acompanhou huma Matrona de authoridade, que estava recolhida no Mosteiro de Santa Clara d'Evora; e teve devaçaõ de ser aqui primeira Noviça, e andando o tempo foy tambem Prioreza. Acharaõse estas sete Religiosas juntas em Elvas huma vespera da festa de nosso Padre S. Domingos, e logo na de S. Lourenço aos dez de Agosto se encerraraõ, e começou a Casa a correr em clausura, e todos os mais estilos monasticos, sendo eleita canonicamente em Prioreza a Madre Joanna d'Assumpçaõ. Mas he lastima, que nos apontaõ as memorias antigas o dia da chegada das Fundadoras a Elvas, e o em que deraõ principio á clausura: E totalmente nos faltaõ com o mais importante, que era o anno. Donde resulta outra duvida, que muito embaraça a Historia, nomeandoas, como nomeaõ, elRey, e o Nuncio por Freiras de S. Domingos nos annos de 1528. e 1529. parece, que já deviaõ estar no Mosteiro as nossas Freiras, que o fundaraõ, e lhe deraõ o ser, e nome de Mosteiro: E com tudo he cousa certa, e sem replica, que naõ foy aceitado pola

Provincia, e incorporado nella, senaõ doze annos adiante no de 1540. no Capitulo de Lisboa, em que foy eleito o Padre Mestre Frey Jeronymo de Padilha, como nos constou polas Actas delle, que vimos. Podemse concertar estas contrariedades, com dizermos, que se fez no Capitulo com formalidade, e com a ceremonia, e estilos da Ordem, em que naõ he razaõ aver descuido, o que em realidade estava feito polos Provinciaes nos annos atras.

No anno de 1543. se deu principio á Igreja na forma, que de presente tem, e no de 1548. impetraraõ as Religiosas da Sé Apostolica, que huma Missa que mandavaõ dizer cada dia na Capella, e sepultura do Padre Estevaõ Domingues, cuja fazenda possuia, se cantasse no Mosteiro por hum Capellaõ por ellas escolhido, Frade, ou secular; e que fosse esta a Missa mayor do dia. E juntamente, que por seu Procurador governassem todos os bens da Capella, sem mais intervir Ministro nenhum da Camara; nem serem obrigadas a huma pensaõ de sinco livras, que o Instituidor mandava dar em cada hum anno aos Officiaes da Camara. Veyo nomeado por executor das letras do Pontifice o Bispo de Ceita Dom Gomes filho do Mestre de Santiago, Capellaõ Mór da Rainha Dona Catharina.

CAPITULO XIV.

De algumas Religiosas, que neste Mosteiro viveraõ, e morreraõ com fama de grande virtude.

SEjaõ primeiro nomeadas na Historia desta Casa as duas Irmãas, que lhe deraõ occasiaõ, e principio. E ainda que ouve algumas Religiosas, que acabaraõ primeiro a carreira da vida mortal, como logo veremos, e pola mesma razaõ, segundo o estilo, que levamos, mereciaõ ser antepostas, façamos agora exceiçaõ, sigamos a ordem do nascimento, antes que a da morte. Eraõ mãys, precederaõ a suas filhas. A mais velha, que era Soror Maria do Rosario, entre grandes virtudes, de que foy dotada, deixou nome, e exemplos de inflamada caridade. Naõ adoecia Religiosa, nem servidora em casa, que lhe naõ procurasse a saude por todos os meyos, que podia, com mais cuidado que a sua propria: E era já lingoagem commua em casa, que a Religiosa, que alguma cousa avia mister, por sua a tinha, se Soror Maria era Senhora della. Esta boa condiçaõ quiz o Senhor honrar com huma graça particular, que era curar qualquer chaga, por rebelde, e de má natureza que fosse; como famoso Curgiaõ; e porque se visse, que nascia de poder superior, e naõ de habilidade natural, aconteceolhe dar remedio, e saude em algumas, que os Curgioens por incuraveis tinhaõ deixado.

A Madre Soror Maria do Rosario

A outra Irmãa deuse toda á melhor parte, por imitar em tudo

A Madre Soror Magdalena da Cruz.

tudo a Santa, de que tomara o nome. Sua vida, e suas delicias eraõ amores perpetuos do Divino Esposo, e a essa conta nenhuma cousa via, que lhe naõ fosse occasiaõ de o louvar, e mais amar. Se via huma flor, roubavalhe o coraçaõ, já o cheiro, ja o feitio, já a fineza da cor. Se via hum bichinho, passmava nelle, entrando em espantos do poder Divino em organizar huma cousa taõ miuda, com todas as partes de corpo perfeitas pera ter vida, e grangear o remedio della, como se fora hum Elefante, ou huma Baleya. E alegravase pola honra de Deos, occorrendolhe neste passo, que os feiticeiros do Egypto fazendo cousas maravilhosas, e grandes, nunqua puderaõ contrafazer hum mosquito. E obrigada daqui da Magestade, e Omnipotencia, como acolá do Amor, acontecialhe ficar muitas vezes transportada toda, e absorta em Deos. Quando naõ tinha estas occasioens, buscava lugares, onde descubrisse o Ceo, pregava nelle os olhos, e desabafando, hora com suspiros, hora com lagrimas, manifestavalhe as saudades, em que ardia, do Senhor, que lá tinha, e dos bens, que delle esperava. Acontecendo algumas vezes adoecer, mais sentia a prisaõ do leyto, por lhe faltar a vista do Ceo, que por todos os accidentes, e trabalhos da infirmidade. Trazia o coraçaõ, onde tinha o thezouro. Quem assi procedia em todo o tempo no trato espiritual, bem se deixa entender, qual seria no corporal. Nunqua se soube della, que deixasse de dormir vestida, depois que tomou o Santo Habito; nem que perdesse Matinas, inda depois de muito velha: cuja assistencia lhe servia de affinar, e dilatar mais a contemplaçaõ; porque quasi sempre empregava nella as horas, que lhe ficavaõ até Prima. Em tudo, quanto fazia, se lhe enxergava, que naõ tinha, nem queria ter gosto da terra. Ordinariamente destemperava com agoa fria quanto lhe punhaõ diante pera comer. Nos dias, que commungava, naõ fallava com ninguem, nem comia nada. Só depois de muito velha, e ainda entaõ obrigada de preceito da Prelada, comia huma fatia de paõ, passada por agoa fria. Foy sua morte muito semelhante a tal vida. Costumava muitas vezes subir a huma varanda, que descubria grande Orizonte, e muito Ceo, que era vista de todo seu alivio; em quanto naõ vio o Senhor delle. Aqui foy achada hum dia toda enlevada, que naõ parecia ter nada de vida. Sendo levada ao leyto polas Religiosas, quando acordou daquelle suave sono d'Alma, declarou a todas, que era chegado o fim de seu desterro. Pedio com efficacia os Sacramentos; recebeuos com devaçaõ, e apoz elles a morte com alegria.

De muitos annos antes era morta a Madre Soror Isabel de S. Bento, de que agora diremos. Entrara no Mosteiro minina, que naõ tinha mais de dez annos; e como isto era nos principios delle, e dos fervores da estreita Observancia, em que foy fundado, andava Soror Isabel assombrada, hora das crueis disciplinas, que via tomar, hora do rigor das abstinencias, e perseverança da Oraçaõ: e propondo

A Madre Soror Isabel de S. Bento.

do imitar tudo, quando tivesse idade, tinha tanto respeito áquellas primeiras Madres, que como a Santas naõ ousava chegarse a ellas. Destas liçoens ficou tam bem doutrinada, que tudo quanto fazia, lhe parecia pouco. O dormir era vestida, pera poder acudir mais depressa a Matinas. O recolhimento, e silencio guardava com tanta pontualidade, que depois de tomado, se affirma, que naõ fallou nunqua com pessoa nenhuma de fora, excepto com seu Confessor: E isto em materia só de Confissaõ. E naõ lhe procedia de condiçaõ, ou humor malencolico, como acontece a muita gente: Antes em todo seu trato era affavel, e prazenteira, e taõ branda, e mansa, que naõ avia Religiosa, que desse fé de a ver nunqua agastada. Da pobreza era taõ amiga, que fora do que trazia sobre sy, nenhuma outra cousa possuia: E por tanto naõ avia na sua cella arca, nem almario, nem outra cousa fechada. O seu comer que sempre foy no Refeitorio, e em Communidade, mais era tomar a salva do que se lhe punha diante, que comer. Sabiase della, que no dia dos Santos desposorios de sua Profissaõ, em que as novas Professas costumaõ fazer petitorios ao Esposo Sagrado, que de ordinario naõ sahem baldados, foy o seu requerimento novo, e nunqua visto em Freira; porque naõ pedio menos, senaõ que lhe concedesse alcançar martyrio: E que se no estado, que tinha, faltasse o ferro, e o fogo dos tyrannos antigos, naõ faltariaõ outros generos de padecer por seu Divino Amor. Naõ passaraõ muitos dias, que lhe apontou hum inchaço sobre hum quadril, que se veyo a fazer tamanho como hum paõ; e por ser em tal lugar, lhe causava insoportaveis dores. Aqui começou a entender que tinha o despacho de sua petiçaõ, á medida do que dezejara: E como o entendeu, armouse de huma invencivel paciencia, correndo com todos os officios, e serviço da Casa com o mesmo animo, e cuidado, que se muito sãa estivera. Este tormento lhe durou quasi sinco annos; no cabo dos quaes naõ podendo já a natureza com o peso de tanto mal, aceitou porse em cura, que foy o ultimo, e mais verdadeiro martyrio. Porque sem ser entre tyrannos, vio sobre sy instromentos de ferro agudo, e suas carnes com elles retalhadas. Juntaraõse Medicos, e Curgioens, sentencearaõ, que se abrisse a inchaçaõ. Foy tanto o animo de Soror Isabel, que sendo Hebdomaderia no mesmo tempo, que fez primeiro o officio no Coro; e logo se veyo entregar aos Curgioens, como em mãos de algozes. Valeuse neste tormento, que esperava, como pedido, e dezejado, da vista de hum Crucifixo, que tinha nas mãos, pera naõ fazer, como naõ fez, nem hum minimo sentimento de palavra, nem obra; sendo as dores gravissimas, e o mal tamanho, que em breves dias a enterrou. Ficoulhe huma fea chaga aberta; e todo o quadril atassalhado das navalhas, de sorte, que o que tomou por remedio de vida, lha hia por momentos encurtando. Entrou a Semana Santa, pedio á Prioreza, que por ultima consolaçaõ a mandasse levar ao Coro, pera com-

commungar á quinta feira com a Communidade. Naõ se lhe pode negar. Foy a devaçaõ, e espirito, com que recebeo o Senhor, como de quem esperava vello sedo face a face. E viose em hum profundo rapto, que logo lhe acudio, de tanto impeto, que naõ podendo com elle sua fraqueza, cahio em braços de huma Religiosa, em tal estado, e taõ alheya de todos os sentidos, que a julgaraõ por morta. Acordando do extasi, sentida, e corrida de lhe ter succedido em tal lugar, trabalhou por persuadir a todas, que fora desmayo do mal, que sabiaõ, e naõ obra de Espirito. E dispondose logo pera a ultima hora, a que se sentia vizinha, dentro de poucos dias passou a melhor vida. Dizem, que o espirar foy abrindo a boca com hum brando riso, pera hum Crucifixo, que tinha nas mãos, como quem avia por graça, e riso os trabalhos de vinte annos, que só tinha de idade, comparados com os que aquelle Senhor por ella passara; ou comparados com o premio, que delle esperava. Sinaes ouve, que entrou logo na posse dos bens eternos, porque inda que foraõ testemunhos singulares, acreditavaõse muito com a qualidade das pessoas, que os deraõ: Huma affirmou, que vira nascer de sua cova huma alvissima assucena: Outra, que vira arder sobre ella huma resplandecente luz, como de huma vella. Mas passados longos annos, manifestou o Senhor a toda esta Communidade, que tudo se podia crer de sua serva. Estava em passamento huma Freira muito velha, que fora de sua criaçaõ, e amiga sua, vendose acabar, pedio á Prelada, que lhe mandasse dar enterro com ella. Aberta a cova appareceo, caso prodigioso, Corpo, Habitos, Veo, Toucados, tudo taõ saõ, como o primeiro dia que alli se soterraraõ: E pera mais espanto tomou o coveiro por hum braço, e levantou inteira a morta de muitos annos á vista de todo o Convento.

A Madre Soror Violante da Conceiçaõ.

Chamavase Soror Violante da Conceiçaõ a Madre, que foy causa da nova reputaçaõ de Soror Isabel: E foy bem, que resultasse credito pera huma Santa, por meyo de quem tinha tambem de Santa grandes partes. Eraõ as de Soror Violante muito sabidas. Entre outras trazia sempre a lembrança taõ pronta no amor, que devia a seu Divino Esposo, que todas as vezes, que punha os olhos em hum Crucifixo, ou começava a Oraçaõ d'Ave Maria, logo lhe rebentavaõ dos olhos enchentes de lagrimas, sem as poder reprimir: E toda sua reza era dellas taõ acompanhada, que ao parecer competiaõ os olhos com a lingoa. E do muito, que chorava, veyo a queimarselhe o rosto de sorte, que tinha perdido a tez, e a cor de gesto humano. Naõ foy differente a morte de tal vida. Hia espirando o governo da Prioreza, e andava grande rumor na Communidade sobre a futura eleiçaõ, procurando, e concertandose as mais, que lhe naõ succedesse outrem, se naõ Soror Violante. Chegoulhe a noticia, sentiose, affligiose, e naõ teve mais hora de descanço, até que hum dia lhe viraõ com alegria desacostumada nella lavar huns Habitos velhos á pressa, e compor cousas na

cella com alvoroço, como pudera acontecer, a quem ouvesse de fazer jornada de gosto: Mas a verdade he, que naõ acha sabor em governos da terra, quem o tem de lagrimas. O caso foy, que as suas negocearaõ com Deos escusalla da Prelacia, que esperava, e o meyo encurtarlhe o praso da vida, tanto á medida, pera naõ poder ser eleyta, que sem febre, nem frio, e com muita alegria acabou seus dias, quasi no mesmo tempo, em que fenecia o governo, que lhe fizera medo. Entaõ cahiraõ as Freiras, que o lavar dos Habitos velhos, e concertar a cella fora aviso do Ceo; e o acabar taõ repentinamente requerimento seu.

CAPITULO XV.

Das Madres Soror Isabel de S. Francisco, Soror Anna da Conceiçaõ, Soror Maria de Christo, Soror Anna Rodrigues, e outras.

A' Madre Soror Isabel de S. Francisco.

MUito semelhante foy a Madre Soror Isabel de S. Francisco, de quem agora avemos de tratar, em vida, e morte á Madre Soror Violante, de quem acabamos de escrever. As lagrimas eraõ as mesmas, e a continuaçaõ tal, que os lagrimaes trazia crestados, e o Escapulario, a que desciaõ, sempre dava sinal dellas. O aturar á Oraçaõ sempre de joelhos, sem se assentar, nem mudar postura, fazia pasmar as mais devotas do mesmo exercicio. Mas naõ se espantavaõ tanto, as que sabiaõ de raiz o mais processo de sua vida, que era naõ ter cama, nem cella, nem outra nenhuma cousa, que de sua tivesse nome. Donde nascia, que só na Oraçaõ tinha seu descanço, e seu repouso, e por isso naõ era em sua maõ largalla em nenhum tempo. Foy Prioreza, entraraõ annos de esterilidades sentidas, e choradas por toda a parte, senaõ era no Mosteiro: Porque na Communidade sempre se vio abastança, e largueza. Na porta sempre foraõ agasalhados os pobres, como no tempo de mór abundancia. Porém nasceolhe daqui a morte por estranho modo. Viraõ as Freiras, que o sobejarlhes tudo em casa, quando as necessidades eraõ geraes, naõ tinha, nem podia ter outra causa, senaõ a virtude da Prelada. Concluhiaõselhe os seus quatro annos, começaraõ a pôr em pratica naõ consentir, que deixasse o cargo, mas que fosse reeleyta. Teve noticia, do que se tratava, por quem devia cuidar lhe dava alvitre de gosto. Acudio, pera se livrar, á sua Oraçaõ, e suas lagrimas, que como saõ moeda de grande preço no Ceo, valeraõlhe; o que publicamente affirmava, que pedia a Deos, que foy rematarselhe a vida com o governo presente, por naõ chegar a entrar em outro.

A Madre Soror Anna da Conceiçaõ.

Por grande argumento do que agradavaõ a Deos, e aborreciaõ a Lucifer as virtudes da Madre Soror Anna da Conceiçaõ, se póde ter huma continua perseguiçaõ, que o Senhor permetia, que esta Madre padecesse do Inferno. Costumava a ficar no Coro de Matinas até pola manhãa orando. Juntavaõse legioens de Demonios a inquietalla; primeiro em figuras de animaes, já grunhindo como porcos, já ladrando como caens, hora

hora aſſuviavaõ como cobras, hora bramiaõ como lioens. Depois que viraõ deſpreſados ſeus medos, porque ella conheceo, quem eraõ, e ſabia o pouco, que por ſi podiaõ, vinhaõ com fantaſmas, e repreſentaçoens medonhas, que todavia a perturbavaõ. Pera eſtas trazia comſigo hum Miſſal, com que ſe abraçava, quando a importunavaõ muito. Paravalhe o Senhor a deſconſolaçaõ deſtas más viſoens com outras, que muito a conſolavaõ. Orava hum dia diante de hum Chriſto crucificado, eis que nota, que como de huma fonte, lhe ſahe hum grande torno de ſangue: Outra vez vio levantarſe no ar o meſmo Crucifixo. Bons ſinaes, que naõ eſtava longe, quem aſſi ſe repreſentava. Olhando huma manhãa pera a alampada do Coro, parecialhe, que via dentro muitos peixes miudos, que afocinhavaõ hum maior. Naõ fez caſo da viſaõ, e ſoube depois que no meſmo dia paſſando d'Almada pera Lisboa hum ſobrinho ſeu, por nome Ruy de Mello, cahira ao mar, e depois de hir tres vezes ao fundo d'agoa, em fim foy tirado, e livre do perigo. Eſta Madre veyo a cegar por longa idade, e neſte eſtado naõ ſabia perder o Coro; ſua conſolaçaõ era tomar o canto de huma Capellinha, que ha no Coro. Dalli aſſiſtia a todas as Horas. E ſendolhe commutada a reſa dos livros em contas, como a Freira Leiga, ajuntavalhes o Officio piqueno de Noſſa Senhora, que ſabia de cór, e rezavao duas vezes cada dia pera mais ſatisfaçaõ.

O meſmo tormento, com que a Madre Soror Anna era affligida na Oraçaõ por obra, e mãos de Satanás, padeceo muitos annos na ſua a Madre Soror Maria de Chriſto. Naõ levava o maldito em paciencia o fervor, e continuaçaõ, com que orava, nem a pureza com que vivia, nem os rigores, com que ſe tratava; porque em tudo era eſtremada. Naõ avia pera ella em toda a roda do anno nenhum dia de cea. Sempre jejuava, e algumas Quareſmas inteiras levava a paõ, e agoa, com muitas Veſperas de feſtas, e Santos de ſua devaçaõ: a que ajuntava crueis diſciplinas, e hum aſpero cilicio ſempre cingido. Como começava a entrar no ſuave paſto da Oraçaõ, depois que ſe achava ſó, ſubindo com todo o Eſpirito aos altos montes da Eternidade, deſpejavaõſe as moradas Infernaes, tornavaõſe aquelles inimigos em exercitos de ratos, já a rodeavaõ, já ſaltavaõ nella. Mas a devota Madre com animo, e confiança de Santa, armavaſe com o Santo ſinal da Cruz; e faziaos tornar fugindo pera o Inferno. Mudavaõ logo figura, tornavaõ com novas maſcaras. Porém ſervialhe tudo de mais afervorar o Eſpirito, e merecer mais diante do Eſpoſo Sagrado, que paſſada a guerra das tribulaçoens, allagava ſua Alma com diluvios de celeſtiaes favores. Por eſpaço de quarenta, e ſinco annos, que neſte modo de vida perſeverou, ficou em lembrança, que das mais das Freiras, que falleceraõ, ſoube muito antes o tempo preciſo de ſuas morte: e até de alguns parentes da Freiras. A jornada infeliciſſima d'elRey Dom Sebaſtiaõ a Africa, chorou muito antes de ſucceder; como ſe

A Madre Soror Maria de Chriſto.

se arriscava nella o Rey, e o Reyno, com toda a flor delle, era principal sogeito de sua Oraçaõ. Mas na desconsolaçaõ de seu rosto, e nas lagrimas, que em tal conjunçaõ eraõ seu paõ quotidiano, enxergavaõ, e liaõ as Religiosas, o que depois mostrou o successo; e assi tinhaõ por certo, que lhe fora revelado.

A Madre Soror Anna Rodrigues.

Soror Anna Rodrigues viveo algum tempo no mundo casada. Morrendolhe o marido, procurou recolherse nesta Casa pera Freira huma filha, que ficara dentre ambos. Desembaraçada da moça tomou casa junto das Freiras, e determinouse em servir a Deos com Habito da Terceira Regra, e ás Freiras com titulo de Veleira. Como o imaginou assi poz por obra huma cousa, e outra; e em ambas aproveitou muito. Porque no que tocava ao Habito, e vida Religiosa, assi procedia fora, como se vivera em toda clausura, e observancia, continuando os Sacramentos muito amiude com devaçaõ, e espirito: E quanto ao officio de Veleira era taõ deligente, e activa, que alcançou muitas sentenças em negocios de importancia do Mosteiro, e lhe aumentou notavelmente a fazenda. E o que he mais de estimar, no meyo das inquietaçoens das demandas, em que entendia com grande viveza, e acrimonia; viaselhe no rosto huma serenidade, e assento de animo mortificado, e nas palavras modestia, e singeleza: De sorte, que quantos a viaõ, e ouviaõ, faziaõ juizo, que procedia tudo de rara pureza d'Alma. Assi quando tratava nas materias de negocio, nenhum Avogado as praticava melhor; e quando as deixava, ninguem parecia menos habel pera ellas, nem mais prompta pera as do Espirito. Esta differença de trato unida no sogeito de huma molher, era taõ agradavel nos olhos de toda a gente, que communicava, que nos Tribunaes de Justiça lhe grangeava favor nas causas. E nos da Fazenda d'elRey, graça com os Ministros; pera despachar o que tocava ao Convento, e aquirir muito por esmollas. Aos Principes, e Senhores da Corte era taõ aceita, que por seu meyo veyo a ter lugar, e estimaçaõ diante d'elRey, e da Rainha, que redundava em proveito do Mosteiro; porque ella pera sy nada queria.

Voaõ os annos, foyse fazendo velha Anna Rodriques, pareceo ás Religiosas, que estavaõ obrigadas a procurar descanço á sua idade, e trabalhos, e algum premio ao bom serviço. Naõ acharaõ melhor meyo, que daremlhe lugar dentro no Mosteiro: Ouvese licença do Provincial, pera entrar por Conversa. Tanto que se vio em Clausura, e entregue a hum só cuidado, deuse toda a servir o Divino Esposo, orando, e meditando; a que juntava em grande abstinencia outros generos de mortificaçoens; que em fim como cahiaõ sobre membros cansados, e velhos, deraõ brevemente com ella em huma cama, onde esteve alguns annos entrevada. Mas ainda em tal estado procurava merecer com obras de mortificaçaõ. Tinha os braços livres do mal, que a prendia no leyto, tomou huma corda, encheua de noz grandes, e grossos, com esta se disciplinava na hora, que ficava

só, servindolhe a corda, e noz pera soarem menos, e magoarem mais. Com vida taõbem gastada teve hum fim, que muito espantou; sentio que o tinha perto, era dia de Communhaõ, e solemne; pedio á Prelada, que por despedida a mandassem levar ao Coro, pera acompanhar em aquelle auto a Communidade, que a seu parecer seria pera ella o ultimo da vida. Acabando de commungar cahio em hum desmayo, que sendo julgado por mortal, perturbou a todas. E procuraraõ com muitas diligencias pola fazer tornar. Mas o accidente era do Espirito, que lho roubara profundamente todo o Amor daquelle Senhor, que recebera. E viose em que acordando a cabo de grande epaço tornou alegre, e risonha. Deste dia até que faleceo, e naõ tardou muitos, entrou a boa velha em hum martyrio continuo de febres, e frios, que se alternavaõ, como verdadeiras sesoens, com tamanho excesso de frialde, e quentura, que com o frio lhe rangiaõ, e quebravaõ todos os ossos tornados hum caramello; e o fogo da febre naõ era menos, que se ardera dentro em hum forno: do que deraõ testemunho grandes empollas, que lhe sahiraõ por pés, e mãos, como se estiveraõ sobre brasas: Em fim huma cousa, e outra fora do natural. Mete medo em Espirito taõ puro, purgatorio taõ penoso. *Si sic fit in viridi, in arido quid fiet?* Quero dizer, se assi se trataõ os amigos, que esperamos os que nenhum bem merecemos?

Acho celebrada neste Mosteiro huma Madre sem nome, que dizem foy Prioreza, e tal sua vida, que falecendo celebraraõ Anjos suas exequias; e que sahindo da cabeceira da sua cama á vista de toda a Communidade resplandores, que venciaõ o Sol, foy visto pola Madre Soror Anna da Conceiçaõ, de quem temos escrito, que procediaõ de hum Cherubim, que nella estava assentado.

Com caso taõ raro, e antigo, e sem nome, dirá bem outro muito moderno, e muito prodigioso, e de pessoa bem conhecida. Menos ha de quatro annos, quando isto escreviamos, que levantandose sãa, e bem huma manhãa a Madre Soror Luisa, filha de Fernaõ de Sousa, Fidalgo honrado da mesma Cidade, foy correndo todas as Religiosas, e dizendo, que se ficassem embora, porque ella avia de morrer brevemente. Era isto primeiro dia do anno na festa do Nome de Jesus. Achouse á tarde na Procissaõ de Nossa Senhora, e quando foy acabada prostrouse por terra, e disse em voz alta, que lhe dava graças pola merce, que lhe fazia em a tirar do mundo. Acudio huma Prima sua a levantalla, e fazella recolher, atribuindo o feito a desconcerto de juizo; mas Soror Luisa com muito riso, e sossego contava, que huma tia sua secular de muitos dias defunta, lhe aparecera, e dissera, que se aparelhasse pera morrer. E neste ponto (acrescentava ella) me está soando nestes ouvidos huma Musica Angelica, com que minha tia me vem buscar. Espantando a todas, e naõ achando credito em nehuma, foy dispondo de sua Alma o dia todo, e gastou até tres horas

A Madre Soror Luisa.

depois da meya noite. Entaõ se foy ao leyto, e naõ fallou mais palavra em sinco dias, que viveo; salvo, antes que espirasse, que olhando pera hum canto da casa, disse sorrindose palavras formaes: *Saõ cousas de vossa merce, já me vou com vossa merce.* Acabou dia de Reys ás dez horas da noite. He de considerar, que era muito moça, e teve taõ pouco medo de morrer, que nas Vesperas segundas depois do nome de Jesus, depois de ter a nova, descantou na Magnificat com a rabequinha, em que era muito destra, e todos os dias, que mais teve de vida, sempre esteve alegre, e desasombrada: Diziase della, que nunqua chegava á locutorio, nem tratava mais, que de sua Alma; sendo pera tudo o mais innocentinha, e muito simples. Ditosa simplicidade!

CAPITULO XVI.

Da causa do titulo, que este Mosteiro tem de nossa Senhora da Consolaçaõ, e das merces que por seu meyo tem recebido a Cidade.

VEnera a Cidade d'Elvas com particular devaçaõ huma Imagem da Virgem Gloriosa Nossa Senhora, que com titulo da Consolaçaõ tem lugar principalmente na Igreja deste Mosteiro, e he buscada de grandes, e piquenos; porque todos por seu meyo recebem grandes misericordias do pay dellas. Donde nasceo tomar o Mosteiro o nome, e invocaçaõ della. Bem se diz, que nenhuma cousa acaba mais depressa entre os homens, que a lembrança do beneficio recebido. Porque naõ avendo duvida, que sempre esta Senhora conservou a posse de taõ Santo titulo com varios favores, que faz a este povo, quando procuramos saber dos meyos, e mais antigos, pera ficarem em lugar de graças nestes escritos, visto como naõ ha requerimento, que mais obrigue a condiçaõ de nosso Deos a nos fazer novas merces; e ainda a condiçaõ humana, que o agradecimento das já alcançadas, naõ achamos memoria, senaõ de algumas poucas, e modernas, que por modernas naõ poderaõ esquecer. Mas estas nos fazem boa prova de quaes seriaõ as antigas; e diremos todas, as que á nossa noticia chegaraõ, offerecendoas á Senhora pera a edificaçaõ dos Fieis, e penhor do animo, com que escreveramos as mais, que o tempo apagou.

Naõ tinha mais que tres annos de idade Antonio de Mello, neto de outro Antonio de Mello, Alcaide Mór da Cidade, e criavase em casa de Dona Antonia de Castro sua avó, quando adoeceo de maneira, que os Medicos o deraõ por morto. Avido por tal, e começado a chorar de todos, naõ quiz desconfiar Dona Antonia das Misericordias do Ceo. Toma o minino nos braços: Vayse com elle á Senhora da Consolaçaõ: Poemlho sobre o Altar, prostrase por terra á vista de muito povo, que a seguia de lastima; pede com lagrimas lhe dê vivo o neto, que desconfiado, e quasi morto lhe offerece; naõ tardou a Virgem bendita em consolar a avó, e dar vida ao neto, que foy dar duas vidas

das em huma só vida. Dalli o levou vivo, e saõ, e foy testemunha da maravilha quasi a Cidade inteira.

Chorava Dona Maria de Siqueira, nobre Dona desta Cidade, dous filhos, que mandara acompanhar seu Rey na infelice, e sempre triste memoria, e jornada d'Alcacere: Choravaos por mortos, porque, sendo passados alguns mezes, e vindo cada hora novas de muita gente, que escapara com vida, de nenhum delles tinha recado: Foysse hum dia a esta Senhora esperando só della o remedio de sua desconsolaçaõ, pediolho com efficacia, e chegandose ao Altar, tomoulhe com reverencia o Minino, que tinha nos braços, e disselhe: Vosso filho (Senhora) me dará conta dos meus: pera isso o levo comigo: comigo estará, daime vós licença, em quanto eu naõ souber se sou inda mãy, ou se os perdi pera sempre. Foy cousa publica, e averiguada, que no mesmo dia, em que foy o piadoso furto, teve cartas, e certeza de serem vivos ambos os filhos: e continuando na devaçaõ da Senhora, naõ só os vio depois juntos em sua casa vivos, e sãos; mas alcançou della outras muitas merces em casos particulares de doenças suas, e delles, e de seus netos. Das quaes obrigada sempre a ficou servindo com devaçaõ, e com muitas peças, e vestidos ricos.

Era morador na Cidade Dom Pedro Lobo, tinha doente de sesoens hum filhinho de seis annos de idade; sendo o mal muito apertado sobreveolhe outro, que o aumentou em dobro; subiulhe á cabeça hum humor de tal qualidade, que privandoo de todos os sentidos, ficou em estado, que, sem aproveitar remedio de quantos se provaraõ, os Medicos o largaraõ por morto: Porque com outros sinaes mortaes lhe tinha a força do humor quebrado já hum olho. Deixaraõno tambem os pais polo naõ verem com seus olhos acabar. Estava com elles hum Frade nosso, Irmaõ de Dom Pedro; encheose de confiança do poder, e maravilhas, que sabia da Senhora da Consolaçaõ: Avisou ás Freiras do que passava, pedindolhes que logo fizessem huma memoria pola necessidade diante da Santa Imagem. Acudiraõ todas ao Coro. Cantaraõlhe devotamente huma Antifona; e a Prioreza mandou a Coroa da Senhora, pera que a puzessem sobre a cabeça do minino. Nunqua se vio antidoto de mais poderoso effeito. Na mesma hora, que lha puzeraõ, espertou, abrio os olhos, fallou, e disse, que Nossa Senhora lhe dera saude, e pedio hum Rosario pera rezar por elle. Assi naõ foy o espertar só pera melhoria; mas pera saude perfeita, com que logo ficou com admiraçaõ de todos os presentes.

Polo mesmo modo sarou outro homem da Cidade, estando já ungido de hum pestilencial Tabardilho. E no Mosteiro teveve remedio huma Religiosa depois de muitos mezes de fortissimas sesoens: Aquelle pondo a Coroa, esta Madre cobrindose com o manto da Senhora. Outros muitos doentes da Cidade cobraraõ saude só com terra, que mandaraõ tomar do pé do Altar, lançada com devaçao ao pescoço. Mas o caso, que agora

ra diremos, venceo todos os passados em espanto: porque tambem foy mais geral, e maior.

Era por fim de Março entrada de Abril, o tempo naõ só sereno, e de Veraõ, mas calmoso, e como se fora Estio, nenhum genero de brandura prometia: pereciaõ as novidades, e começavaõ a perder a cór com a seca: tinha o povo feito muitas Procissoens: tinhase repartido em votos a muitos Santos, e naõ aparecia nenhum sinal de humidade: sahio entaõ huma voz do povo affirmando em commum, que se levassem a Senhora da Consolaçaõ até a Ponte de Caya, teria remedio a necessidade. Juntouse a Camara no Mosteiro. Pediraõ consentimento á Prioreza, pera o que a terra toda requeria. Faziaõ as Religiosas difficuldade em averem de carecer, nem por huma só hora, da Santa Imagem, que em nenhum tempo sahira de sua companhia. Com tudo, como era petiçaõ geral, e tambem interessavaõ no beneficio, que se pertendia, condecenderaõ com a devaçaõ. Juntouse a terra, compozse hum andor pera a Senhora de tudo o bom, que avia na terra. Começava a sahir da Igreja huma comprida, e devota Procissaõ com muita cera, e concerto, e as Freiras do Coro a entoar Hymnos da Rainha dos Ceos, naõ sem sentimento da auzencia, que esperavaõ de sua Imagem: Eis subitamente tempo revolto, toldase o Ceo de grossas nuvens, e negras, escurecese o dia, começa o Ar a desfazerse em agoa. Naõ cabia a alegria nos peitos, nem avia quem quizesse cubrir a cabeça á chuva, polo gosto della: Mas foy carregando, e continuando de sorte, que foy força parar a Procissaõ. Assi consolou a Senhora o povo, e acudio ás saudades das suas Freiras: E porque se visse, que de sua intercessaõ nascia o bem, perseverou a agoa tantos dias, que remediou as searas, e fez o anno fermoso.

CAPITULO XVII.

Da grande devaçaõ que nesta Casa se tem ao Santo Rosario: e das maravilhas, que nella tem obrado.

COm estas Religiosas terem taõ propicia a Virgem Sagrada, e Māy de Deos no Santo, e piadoso titulo da Consolaçaõ, naõ se descuidaraõ em querer tambem seu favor, naquelle, que ella mais estima, que he do Rosario, por memorias, e recapitulaçaõ da Vida, Morte, e Resurreiçaõ do Bom Jesus seu filho, seu, e nosso Deos. Lembravaõse, que era devaçaõ dada de sua maõ ao nosso grande Patriarca, e como patrimonio certo da nossa Ordem. E por tal lhe fabricaraõ dentro da Clausura sumptuosa Capella, em que tem sua Imagem, e alampada perpetua, e permanece entre as Religiosas huma solemne Confraria, em que se elegem cada anno Mordomas, e se faz sua festa com cuidado, e despeza. E corria já de tantos annos atraz este bom serviço, que vindo a esta Provincia o Reverendissimo Mestre Geral Xisto Fabri confirmou a Confraria no anno de 1588. E o Geral Hyppolito Beccaria honrou a Capella,

1588.

la, concedendo, que quem nella rezasse o Hymno, *Ave Maris Stella*, com sua Antifona, e Oraçaõ ficasse satisfazendo polas negligencias cometidas na reza de pouca attençaõ, e davaçaõ: e pola culpa do silencio quebrado entre dous Capitulos. Com varios successos tem mostrado o Senhor, que lhe he agradavel o cuidado destas Madres. Pera gloria sua, e da Mãy Sagrada diremos alguns, como atégora fomos fazendo nas occasioens, que se nos tem offerecido.

Sendo Prioreza a Madre Soror Isabel d'Assumpçaõ, fezselhe huma grossura sobre o olho direito, que hia crescendo a modo de lobinho, e tinha já corpo, como de hum tramoço: Davalhe pena, e começava a causar disformidade, que pera molheres he maior pena: Sem tratar de outro remedio continuou algumas manhãas em se chegar á Imagem da Senhora do Rosario; tomarlhe com devaçaõ huma maõ, e polla sobre o olho: Isto bastou pera se sumir em breve tempo, e desaparecer de todo a inchaçaõ.

1599. Entrou furiosamente nesta Casa á peste do anno de 1599. Foy ferida Madre Soror Filippa d'Annunciaçaõ. Sobrevieraõlhe os accidentes, e agonias, que o mal traz consigo; com tanto impeto, que a natureza estava prostrada, e vencida: E o Medico, que pola necessidade urgente quizera fazer officio de Barbeiro, deixoua por morta, por lhe naõ achar vea, nem pulso. Acudio a enferma aos remedios celestiaes, pedio, que lhe trouxessem a Santa Imagem á cama: Abraçouse com ella; untaraõlhe com o seu azeite as feridas; em continente amainou a furia do mal; teve pulso, e veas; foy sangrada logo, e na manhãa seguinte, e ao segundo dia ficou perfeitamente sãa. Era esta Madre muito sogeita de seu natural a males de sangue, e cada quinze dias padecia subimentos delle, que lhe causavaõ perigosas Ersipolas. Tinha tanta fé nesta Senhora, que só com o azeite de sua alampada se curava, e com elle sarava, sem nunqua chamar Medico.

Em tempo de contagiaõ saõ peste fina hum genero de nascidas, que chamaõ Cabrunculos. Apontoulhe huma destas á Madre Isabel da Visitaçaõ detraz da orelha. Caminhou logo pera a Capella do Rosario, a valerse do azeite da sua alampada. Como era tempo de trabalho, achou a Capella chea de Religiosas, que estavaõ em Oraçaõ. Naõ quiz inquietallas, da porta se encomendou nas misericordias da Senhora, protestando, que nenhuma outra medicina usara, senaõ o seu azeite, com a fé, que nelle tinha toda aquella Communidade. Affirmava depois que logo apoz a Oraçaõ sentira algum alivio. E continuando com o azeite sem outra cousa, teve saude.

Da mesma maneira sarou Soror Guiomar d'Annunciaçaõ ferida mais descubertamente de huma nascida debaixo do braço, com inchaçaõ de todo o braço, que se lhe estendia até a maõ; e com agastamentos do coraçaõ, que se finava. Acudio logo ao antidoto commum d'alampada, untaraõlhe o peito, e braço; de hum dia pera o outro esteve sãa.

Soror Maria Magdalena teve huma postema na cabeça acompanha-

panhada de todos os accidentes de verdadeira peste, febre de fogo, apertos de coraçaõ, dores gravissimas. Desconfiaraõ os Medicos della, e ella confiou na Virgem do Rosario. Começando a untar a cabeça, e peito com o seu oleo, descarregou a postema copia de materia podre polos ouvidos; cessaraõ logo as dores, aliviou o coraçaõ, e sarou de todo.

Cahindo em cama de pestilencial tabardilho as Madres Soror Isabel dos Reys, e Soror Filippa de S. Joaõ, naõ quizeraõ, nem souberaõ buscar outra Botica, e esta só lhes valeo, estando Soror Filippa cuberta de pintas negras, e Soror Isabel com huma ingoa crescida de traz da orelha; final de peste.

Soror Maria da Cruz entrou neste Mosteiro, sendo viuva, buscou a pobreza de Christo, deixando muita fazenda, filhos, e familia. Naõ sofreo o inimigo do genero humano obra de tanto merecimento: armou contra ella todo o Inferno. Que podia fazer huma molher fraca, e só? Tal foy a bataria de tentaçoens, que a puzeraõ em termos de assentar consigo tornarse ao mundo. Neste estado lhe acudio hum bom Espirito, lembrandolhe a quebra, que seria pera a nobreza de seu sangue, que era muita, tornar atraz com o começado: E quaõ perto tinha o remedio contra a tentaçaõ, se o buscasse na Capella do Rosario. Foyse a ella correndo, prostrouse diante do Altar, pedio favor á Virgem. Achouo taõ depressa, que logo ficou trocada nas determinaçoens, e fez sua profissaõ com alegria. O mesmo favor experimentou depois em mal corporal. Cubriuse toda de nascidas de peste; e dizem que a padeceo duas vezes distintas; e de ambas se curou só com se encomendar á Virgem do Rosario, e aplicar o seu azeite. Naõ foy menos espantosa a saude, que por este meyo alcançou, pera hum filho, e pera hum genro. O filho esteve quarenta dias oprimido de huma pontada, que lhe tolhia a falla, e tirava o sono, e lhe hia tirando a vida. O genro cahira de hum cavallo com perigo, e naõ fazendo caso por entaõ da queda, succedeolhe maior mal, inchoulhe a cabeça, sobreveo febre ardente com fernesis. Deuse aviso a Soror Maria, que naõ avia nelle esperança de vida. Foyse a quem lhe dava remedio pera tudo, tomou a Coroa da Senhora, mandoua ao enfermo, e ficouse diante della pedindo misericordia. Naõ tardou recado, que na hora, que lhe tocaraõ a cabeça com a Coroa, cessaraõ os effeitos do humor frenetico, abrira os olhos, e entrara em perfeito juizo, e se seguira melhoria.

Huma servidora, por nome Francisca de Jesus, chegou a estado de grandes dores dos olhos, que cuidou ficar cega. Tomou por meyo de saude pedilla á Senhora por hum novo modo. Fez a petiçaõ em papel, como se faz aos Reys da terra, e mandoulha pôr nas mãos. Foy o despacho da Rainha do Ceo, cessarem logo as dores, e ficar livre de todo o mal. Despacho, que naõ apareceo em letra; mas teve seu cumprimento em obra.

Francisca das Chagas teve os narizes inchados, e arrebentados com receo, e risco de doença fea, e muito perigosa. Porque

que nenhum medicamento, de quantos aplicava, lhe fazia proveito, remeteuse ao que a todos valia, que foy o azeite da Senhora; e naõ ouve mister mais cura.

O mesmo aconteceo a huma escrava do Mosteiro, que perecia sem remedio de mal de garganta: Tendoa taõ inchada, e apertada, que nem agoa podia passar: Ouve quem tentou darlhe hum pouco do azeite da Senhora a beber: Grande maravilha! com hum só trago, que levou, ficou livre.

Tambem os seculares fizeraõ experiencia da virtude medicinal deste azeite. O Licenciado Diogo Pereyra Medico do Mosteiro, chegou ás portas da morte, ferido da contagiaõ, que andava desenfreada na terra, e elle a curara em muita gente. Foy taõ sisudo, que desprezou Galeno, e Avicena; mandou ao Mosteiro pedir o azeite, pola noticia que tinha delle, e nelle achou a vida, de que já naõ fazia conta.

Nelle achou tambem vida D. Christovaõ Manoel, aplicandoo a huma nascida, que lhe veyo a huma ilharga com gravissimas dores, e febre ardente: Madurou, e rebentou com o azeite, e sem usar mais mezinhas guareceo.

De S. Jacinto, por Santo da Ordem, e muito milagroso em favor deste Reyno, temos referido algumas maravilhas, assi como se nos foraõ offerecendo nos Conventos desta Historia: E naõ determino deixar em silencio os que achar até o fim della. Nesta Casa faremos mençaõ de duas somente, inda que nos consta, que na Cidade tem obrado muitas. Sendo a primeira, que vindo a esta Igreja hum pobre homem cego, e conhecido por tal em toda a Cidade, com se encomendar ao Santo, sahio della com vista perfeita. He a segunda, que vivendo a Madre Soror Antonia de Nazareth affligida, e desconsolada vida de escrupulos, já na reza, já na Confissaõ, com que se matava a sy, e a quem a confessava, e se temia, que viesse a endoudecer. Encomendouse a este Santo, quando chegou a nova de sua Canonizaçaõ, e perseverando em sua Oraçaõ, veyo a alcançar huma grande quietaçaõ, e paz de consciencia. Tras estes casos continuaraõ tantos outros na Cidade, que o povo se ouve por obrigado a lhe levantar Confraria nesta Igreja, que anda bem servida, e tem sua Imagem, e alampada, que arde perpetua diante della. E naõ he pera esquecer, que affirmaõ os Confrades, e toda a mais gente, que continua esta Casa, que se tem achado por experiencias feitas com curiosidade; gastar a sua alampada muito menos azeite, que todas as mais da Igreja. Parece, que quer o Santo ajudar aos Confrades, que naõ devem ser muito ricos, e como contribuir de sua parte alguma cousa pera a Confraria. Pera a qual impetrou da Sé Apostolica a devaçaõ, e deligencia da Madre Soror Maria de Menezes, Freira do mesmo Mosteiro, huma Bulla de todas as graças, e indulgencias da Igreja de S. Joaõ de Latraõ em Roma. Sustenta a Casa de ordinario, quarenta Religiosas do Coro, e mais algumas Conversas, e Servidoras.

De

CAPITULO XVIII.

De algumas molheres de boa, e santa vida, que por este tempo tiveraõ nome no Habito, e Profissaõ da Terceira Regra de S. Domingos.

P. 1. l. 1. c. 17. fol. 58. col. 2.

EM outra parte deixamos feita larga mençaõ de huma Irmandade, que nosso Padre S. Domingos instituio de gente secular com leys, e fim principal, pera ajudar a defender tambem com armas materiaes o patrimonio da Igreja contra os Hereges. E por isso lhe poz nome Milicia de Jesu Christo, e demos conta, como sendo honrada polos Summos Pontifices com izençoens, e privilegios, e abraçada com fervor da nobreza, e povo, em fim foy cessando ao passo, que as heresias, que em muitos membros andavaõ levantadas, foraõ vencidas, e desarreigadas de todo. E entaõ de Milicia de homens, se veyo a converter em Ordem de molheres: E tambem tomou nome novo, que foy da Terceira Regra, ou da Penitencia de S. Domingos, e com elle foy dando ao mundo muitos, e muy insignes Espiritos, que a fizeraõ estimar, e dilatar por todas as Provincias da Christandade, e seguir de muita gente de qualidade; principalmente em terras grandes, e onde avia Conventos da Ordem. Deulhes Regra o Reverendissimo Geral Mussio Espanhol, que foy aprovada polos Pontifices Innocencio VII., e Eugenio IV., e seus Successores a honraraõ com novas graças, e liberdades; e foy a maior, que possaõ gozar de todos os privilegios concedidos á Ordem, inda que vivaõ em casas particulares, ou morem com seus pays, e parentes.

Suzzato na vida de S. Domingos. cap. 2.

Nos principios naõ se admitiaõ a esta Ordem mais que molheres viuvas. A primeira, que sendo Donzella, a professou, foy a Serafica Santa Catharina de Sena, com taõ boa estrea, que o seu exemplo fez florecer nella outras muitas por toda a Christandade, assi Donzellas, como de outros estados, que nas Historias de S. Domingos saõ celebradas com titulo de Santas, e milagrosas, como foraõ Angela de S. Severino, Anna de Camerino, Daniella de Benevento, Margarita de Castello, Joanna de Civita Vechia, Elena de Pisa, Maria de Venecia, Margarita de Saboya, Marqueza de Monferrat, e Irmãa de hum Duque de Saboya, Sibillina de Pavia, e outras muitas, que deixamos, por naõ serem de nossa obrigaçaõ. Das que nos tocaõ, temos dito alguma cousa em seus lugares. Agora he tempo de dizermos de outras, pera acabarmos de nos desobrigar de huma promessa, que em outra parte fizemos. Já vimos, que em Evora, e Elvas cresceraõ tanto em numero, que vieraõ a juntarse em Communidade, e de Terceiras professaraõ a Observancia, dando principio a dous illustres Mosteiros: O mesmo veremos ao diante succeder ao Recolhimento de Santa Martha d'Evora, que de casa de Terceiras, he hoje o Religiosissimo Mosteiro de Santa Catharina de Sena. Só em Lisboa, sendo maior o numero de molheres, que professaõ a Ordem de Terceiras, como em

P. 1. l. 5. cap. 14.

terra tanto maior, nunqua chegaraõ a compor Communidade duravel; inda que algumas vezes se intentou. Como sempre eraõ varias em qualidades, estado, fazenda, morada, e obrigaçoens, communicavaõ pouco entre sy; e naõ se juntavaõ mais, que na Igreja a ouvir suas Missas, e receber os Sacramentos com silencio, e modestia. E esta devia ser a causa, porque naõ foy adiante hum Recolhimento, que, segundo achamos em huma memoria autentica, foy principiado em Lisboa, fóra da Porta da Cruz, polos annos de 1520. Assi ficaraõ no costume, que hoje tem, que he juntaremse na Capella de S. Pedro Martyr: Onde seu trato he só com Deos, e com seu Padre Espiritual, que a Religiaõ lhes nomea, homem de idade crescida, e virtude provada: Daqui torna cada huma pera sua casa particular.

1520.

Nos tempos antigos, segundo verdadeiras tradiçoens, que temos, ouve gente de muita sustancia neste genero de vida na Cidade de Lisboa: Perdeose a memoria de seos Espiritos; porque, nem entaõ avia coriosidade, pera serem notados, nem os que a podiaõ ter, faziaõ caso delles. Que se vemos nossos passados, que eraõ curtos em escrever as virtudes heroicas dos Varoens eminentes, como nos temos queixado muitas vezes, quem os avia de obrigar a fazer livro de molheres, cuja maior estima, segundo a opiniaõ de hum Sabio, he naõ sair sua fama, nem ser conhecido seu nome fora dos cantos, e limites de sua casa. Com tudo, naõ se póde negar, que he grande prova de aver entre as antigas muitas de grandes, e sobidos merecimentos, alem da tradiçaõ que dura, o que sabemos de algumas, que nossos pays viraõ, e trataraõ, cuja vida, e procedimento foy taõ cheyo de bençoens do Ceo, que nos obrigaõ a fazer Historia dellas; e escolhermos este anno de 1540. Porque averiguamos, que faleceo nelle huma rara molher, Portugueza no nascimento, Terceira na profissaõ, professa em S. Domingos de Lisboa, e sepultada em Bolonha na Capella, e á sombra de nosso Santo Patriarcha; e celebre por escritos, e fama, que os Bolonhezes lhe deraõ. Começaremos por sua vida. Mas de força avemos de dizer menos, do que se lhe deve. Porque somos taõ parecidos os Frades de S. Domingos, os que hoje vivemos, com os antigos, que culpamos de froxos, e descuidados, que constandonos, que se escreveo, e foy impressa sua vida em Italia, naõ procuramos, nem temos nenhuma nesta Provincia, que a gerou, e criou: O que pudemos alcançar della com certeza, he o seguinte.

Plutarch.

1540.

Nasceo Soror Margarida (que assi avia nome, pera que vida, e nome fossem entre sy conformes) na Villa de Estremos em Alentejo, de pays humildes. Sendo de muito pouca idade ficou orfãa de pay; e a mãy pera ficar mais desembaraçada pera segundas vodas, entregoua ás Freiras de Santa Clara da mesma Villa, pera as servir. Era o trato de gente Santa, nelle bebeo os primeiros principios de devaçaõ, e amor de Deos. Passados dous annos, lançou maõ

della

della huma parenta, levoua a Lisboa, e casoua, sendo muito moça, com hum official mecanico. Tinha já delle Soror Margarida huma filha, quando succedeo perguntarse pola sua rua, por huma molher de bom leyte, pera o dar a hum minino, filho de hum Fidalgo, que por indispoſiçoens da ama, que o começou a criar, estava tambem enfermo. Era o Fidalgo Dom Pedro de Moura. Foy Sor Margarida servillo, como pobre que era, e continuou na casa por espaço de dous annos, que o minino viveo. Nelles soube dar taõ boa conta de sy, com virtude, e bom serviço, que Dom Pedro a estimava, e sua molher a amava como filha; e porque tratavaõ de se sahir da Cidade por rebates, e medo de peste, que avia, de novo a chamaraõ, e levaraõ comsigo a Benavente, pera onde foy sua retirada. Era isto já em tempo, que o marido se tinha ausentado do Reyno: Dezejou melhorar d'estado com brio, e forças de mancebo, fez viagem a Guine, achou a morte, onde cuidou tirar riqueza. Assi ficando viuva, e moça, e prenhada, foy ser criada, onde fora ama, e deulhe Deos tal graça, que Dona Mecia d'Abreu lhe poz nas mãos toda a casa: O cuidado da fazenda, por fiel, a guarda de suas filhas, e familia por virtuosa, e prudente. A poucos dias da estada de Benavente vieraõ a parir juntas, senhora, e criada. A criada hum filho, que viveo pouco; a senhora huma filha. Tornou Soror Margarida com tal occasiaõ a ser ama, e passou tres annos criando. No discurso delles, considerando seu estado, de viuva, só, e sem filhos, nem outra obrigaçaõ, lembravase dos bons principios, que tivera com as suas Freiras na mininice; suspirava por aquelle sossego d'Alma, pedia a Deos lho quizesse deparar algum dia, e por alguma via restituir: e determinada a buscallo, resolviase com firmes propositos em naõ querer nada do mundo. Ajuntava a taes pensamentos dar muitas voltas ao seu Rosario, meditando a vida, e trabalhos do Bom Jesus, de que nascia encherse de fervor de padecer por elle. Começou a jejuar as sestas feiras a paõ, e agoa á honra da Payxaõ: Vestio tunica de lãa; e com dezejos de poder ler livros devotos, e rezar o Officio Divino, fezse força, e aprendeo. Estava já D. Pedro na Cidade, depois de aliviado o mal; e Soror Margarida tendo novas de hum ajuntamento, que começava a crescer, e ter nome fora da Porta da Cruz de Beatas Terceiras de S. Domingos, toda sua consolaçaõ era irse com ellas, servillas, e acompanhallas nos santos exercicios da Religiaõ: e de ordinario se ficava com ellas tres, e quatro dias, e logo tornava a dar vista á sua criada, de cuja affeiçaõ, como naõ tinha filhos proprios, se sentia taõ presa, que só ella a detinha no mundo. Mas o Senhor piadoso, que a queria subir ao monte da perfeiçaõ, cortoulhe brevemente esta raiz da terra; aos quatro annos levou a minina pera sy. Tinha já entaõ recebido o Habito de Terceira em S. Domingos, e tomado por devaçaõ dessa hora, que o recebeo, naõ usar mais nenhum genero de calçado. Por onde se póde entender

der o que faria de penitencias em secreto, quem assi se tratava no publico.

Tornou a contagiaõ a perseguir a Cidade, fogiaõ os que podiaõ: pareceo a Soror Margarida que estava já obrigada a offerecerse a todo o perigo por amor de Deos, e sem nenhum medo se ficou servindo com humildade, e diligencia ás suas Beatas. Aqui a tocou Deos com hum intenso dezejo de visitar em Roma as Reliquias dos Santos Apostolos, e as de seu Padre S. Domingos em Bolonha, e dahi passar a Jerusalem a fartar sua Alma, como ella dizia, de pôr muitas vezes a boca, e olhos na terra taõ ditosa, que fora pisada dos pés do bom Jesus. Muitas rezoens avia contra a jornada, e naõ faltava quem lhas representasse, já propondolhe a fraqueza de sua disposiçaõ, quebrada de suas mortificaçoens, e aspero tratamento; já o fogo das guerras, que ardiaõ em Italia entre Espanhoes, e Franceses. Devia juntarse a meu parecer extinguirse entaõ o ajuntamento das suas Beatas, que naõ foy de dura, como em outra parte apontamos: naõ ouve cousa, que a tivesse; porque vencia toda a força de boas rezoens a major, que lhe fazia o Espirito. Assi o vimos por huma Carta sua, que temos em nossa maõ, escrita a Dom Pedro, estando ja de partida, em que ha hum periodo, que diz assi: Faço saber a Vossas Merces, que me vou caminho de Roma, porque naõ he em mim deixar de o fazer; porque já o pedi ao Senhor Deos, senaõ era seu serviço hir, apartarme disso: Porém cada vez mais, tenho efficacia, e dezejo disso. Saõ palavras formaes da Carta, que he notavel, assi pola resoluçaõ com que obedeceo ao movimento d'Alma, que a mandava sahir de sua terra, e da casa, em que era estimada ao modo de outro Abrahaõ; como tambem pola pobreza, com que acometeo viagem taõ larga, e arriscada, que na Carta descobre; porque pede por esmolla, e com grande humildade, e por amor de Jesu Christo a Dom Pedro, a quem tantos annos tinha servido, naõ dinheiro, nem letras de cambio, senaõ hum covado de panno pardo, ou preto, perá fazer huma Murça.

CAPITULO XIX.

Parte Soror Margarida pera Roma: Passa á Terra Santa: Torna a Bolonha em Italia, e fica de morada nella.

POs-se a caminho Soror Margarida por fim de Abril, segundo consta da mesma Carta, que tendo data do mez, faltalhe a do anno. Este segundo a lembrança, que Dom Pedro deixou, foy o de 1526. ou o seguinte. O modo de caminhar era a pé, e descalça, o trajo Murça de panno preto sobre Escapulario branco, sombreiro na cabeça, bordaõ na maõ. Sahiraõ com ella tres molheres de bom Espirito, e na determiçaõ de peregrinar conformes. Mostrou Deos ser a jornada de seu serviço: Porque sendo Soror Margarida muito fraca, e indisposta, passou as duzentas legoas, que ha de Lisboa a Barcelona, com taõ boas forças, como se as ganhara com trabalho. De Barcelona

celona escreveo a seus amos, deulhes conta de sy: e foy a ultima carta, e recado, que lhes mandou. Julgo eu, que como neste lugar se despedia das terras de Espanha, desde entaõ se quiz tambem aver por enterrada pera com seus conhecidos, e viver só pera Deos, e pera sy. E naõ duvido, que aqui tambem, pera ficar mais esquecida, e desconhecida de todos, e de tudo, devia de trocar o sobrenome de Fernandes em Palos, que he o que depois usou por toda a vida. Daqui seguio sua peregrinaçaõ, passou a Roma, e a Veneza. Em Veneza embarcou pera a Terra Santa, e em fim chegou a Jerusalem. O gozo, e alegria d'Alma, com que entrou, e residio na Santa Cidade, se deixa bem entender da vontade, com que emprendeo a jornada, e do que della referio a Dom Pedro huma das companheiras, que em cabo de dezoito mezes tornou a aparecer em Lisboa. Dizia esta, que a consolaçaõ, com que Soror Margarida se achava nos Santos Lugares, era taõ celestial, que naõ entendia ser já possivel deixallos, senaõ depois de os lograr muito devagar, e polo menos espaço de dous annos, ou tres. Quantos foraõ os que se deteve, naõ chegou a nossa noticia: Porque neste passo se perdeo a memoria, e rasto della. E lhe aconteceo como a Rio, que se some na terra, e vay sahir, e aparecer em outra parte muito distante, segundo se escreve do Nilo em Asia, do Alfeo em Grecia, do Guadiana em Espanha. Porque a cabo de muito tempo deu sua vida grande brado, e em fim se soube, que deixando Jerusalem, tornou a Bolonha a visitar a Casa de S. Domingos, e nella lhe succedeo cousa, que com muita rezaõ a obrigou a perder totalmente o amor da Patria, e ficarse até a morte á vista, e sombra daquellas Santas Reliquias.

Pedio Confessor chegando ao Convento: Acudio hum Padre Lombardo de Naçaõ, taõ cerrado na sua lingoagem, e boçal nas alheas, que de nenhuma maneira se entenderaõ nas poucas palavras, que da primeira vista tiveraõ entre sy. Porém entrando no auto da Confissaõ, foy isto tanto ao reves, que elle lhe entendeo toda sua accusaçaõ, taõ perfeitamente, como se a fizera em bom Lombardo, e ella seus conselhos, e amoestaçoens Santas, como se foraõ em liso, e corrente Portuguez. Caso foy, que muito deu que cuidar a cada hum, e que por entaõ dissimularam ambos. Mas continuando as confissoens, foy maior o espanto: porque viaõ, que fora dellas de nenhuma maneira se entendiaõ em cousa, que tratassem, inda depois de muitos dias de communicaçaõ. Julgava o Confessor, como foy tomando mais conhecimento da consciencia da penitente, que por meritos della obrava Deos a maravilha, que naõ duvidava ser nascida do poder Divino. Julgava a penitente, que de ser o Confessor Santo, e tudo o da casa semelhante a seu Fundador, lhe procedia tanto bem. E dandose as emboras de ter topado com tal Espirito, pera refrigerio de sua Alma, tomava por aviso do Ceo os successos: E logo foy assentando comsigo, naõ cuidar mais em mudar

mudar terras, nem andar caminhos; mas ficarse em Bolonha pera todos os dias de sua vida. O Padre Frey Luis Cacegas, de cujos escritos, e memorias vamos tecendo esta Historia, e tiramos as mais, que temos posto na luz da impressaõ, affirma, que indo elle a Roma no anno de 1571. a hum Capitulo geral, por companheiro do Padre Frey Nicolao Dias, que hia por Diffinidor desta Provincia, passaraõ por Bolonha, e acharaõ inda vivo o proprio Religioso, Confessor de Soror Margarida, e de sua boca recebera toda a ordem deste successo na forma, que temos contado, e diz que se chamava Frey Luis Arquivio, e que, com ser entrado em muita idade, gozava de huma velhice robusta, e verde acompanhada de boa disposiçaõ, e inteiro juizo.

1571.

Como a nossa Romeira se resolveo em dar fim á sua peregrinaçaõ, e caminhos em Bolonha: Tratou juntamente de ordenar sua vivenda de maneira, que nenhuma pessoa tivesse occasiaõ de entender com ella, nem ella tivesse a quem dar rezaõ de sy, mais que a Deos, e a seu Confessor. E como isto naõ era possivel conseguirse, se ouvesse de andar por casas alheas dadas, ou alugadas: Deparoulhe Deos no meyo destes cuidados aposento acomodado a seu desenho. Notou em huma pedreira fora dos muros da Cidade, huma lapa cavada na rocha. Pagouse della pera sua morada, por ser desviada do concurso do povo, e solitaria. Que pouco basta pera quem de huma vez se sabe determinar, e correr contas com o mundo! Aqui se recolhia as noites, e do dia passava só as horas, que naõ tinha aberta a Igreja do seu Santo. Cova aberta, e no campo, bem nos declara qual seria a cama, e o mais enxoval. Naõ devia passar de alguma pouca de má palha, que antes fizesse asco, que cobiça a quem a visse. Pouco teme ladroens, diz o Proverbio, quem caminha sem bolça. Sem receyo de ser roubada, sahia em amanhecendo pera o Convento, ouvia sua Missa, e assistia em Oraçaõ, até que a obrigava a levantarse a hora de se cerrarem as portas da Igreja. Daqui hia procurando alcançar por esmolla quanto bastava pera sustentar a vida, que era assaz pouco; e logo tornava ao Convento, a dar o resto do dia a Deos. Naõ se vio agulha de marear mais acelerada, e certa em correr ao ponto do Norte, que a força invencivel da pedra, em que está tocada, lhe faz buscar, do que Soror Margarida foy diligente em continuar sem mudança este genero de vida. Acontecia cubrirse a terra de neve em grande altura no Inverno: Nada lhe tolhia o caminho ordinario pera a Igreja. Rogavalhe o Confessor, que ou se calçasse, ou naõ sahisse da cova, quando nevasse: Mas nem huma cousa, nem a outra se pode nunqua acabar com ella. Como fará, dizia, mimo a seus pés, quem se acha em casa de hum pay, que nunca caminhou polas serras, senaõ com os çapatos na cinta? Como arrecearey a neve eu má, e peccadora, quando leyo de hum Bautista santificado no ventre de sua máy, e de seus successores, os Santos moradores do Ermo, que aturaraõ

faraõ a vivenda do deserto sempre descalços, sempre mal cubertos: Padeçaõ os pés agora o que mal caminharaõ em outro tempo: padeçaõ frio na vida, por naõ padecerem fogo na morte.

Assi vivia Soror Margarida Anacoreta em povoado: mas naõ consentio o Senhor, que promete paga de cento por hum a quem quer que por elle alguma cousa deixa, que ficasse escurecida, e sem galardaõ huma luz de tanta bondade. Estava Hylariaõ no coraçaõ do Ermo embrenhado, e os Demonios no maior concurso das Cidades descubriaõ seu nome, e virtudes. Quando faltaõ amigos, que falem, e louvem aos obras santas, temos taõ bom Deos, que faz pregoeiros dellas os maiores inimigos. Soou por Italia a penitencia, e constancia da Portugueza; e chegou muito acreditada á Corte de Roma, em tempo que se achava nella por Embaixador de Portugal Dom Pedro de Menezes: Ouvio com gosto o bom Portuguez as novas em que, por compatriota era participante: e elle foy o que, tornando a Portugal, as deu de ser viva quem já na memoria de parentes, e conhecidos estava sepultada. E delles as ouvio com grande consolaçaõ sua Dom Pedro de Moura, fazendolhe sómente duvida, vir nomeada de Italia por Margarida de Palos; sendo seu verdadeiro nome Margarida Fernandes. Foy o caso, que pera se encubrir, e fazer desconhecer de todo, disfarçou o nome: Mas naõ quiz Deos, que pudesse disfarçar a lingoagem, que a manifestava por Portugueza. Muito póde o valor do Espirito, pera emprender, e acabar cousas grandes. Tal era o de hum, que entrava tremendo na batalha; e perguntado pola causa: Treme o corpo, dizia, e pasma dos perigos, em que ha de pôr o coraçaõ. Naõ foy menos a fortaleza de Soror Margarida em se mortificar, e vencer as forças do amor proprio, e saudades da patria. Mas naõ puderaõ as forças corporaes aturar tamanho Espirito, sosobraraõ, e cahiraõ com o peso. Tendo passado o fim do anno de 1539. sem quebrar hum ponto do rigor começado, entrou Janeiro do anno novo frigidissimo, e destemperado de neves, e ventos, que tal he sempre em Bolonha com a vizinhança das serras do Apenino. Naõ acharaõ resistencia em aquella humanidade, enfraquecida por tantas vias: E veyo a falecer aos dezaseis do mesmo mez primeiro do anno de 1540. vespera do grande Penitente, e seguidor do Ermo Santo Antaõ.

1539.

1540.

CAPITULO XX.

Sepultura de Soror Margarida, com outras particularidades, que depois de ser sepultada se viraõ.

Tratouse entre os Padres da sepultura. Pareceo a todos, que taõ boa filha naõ merecia menos lugar, que o da companhia de seu Santo Pay: E como naquelle tempo tinha o Santo Patriarca sua Capella alta, e em sitio, que ficava a prumo sobre a porta das Graças, e naõ era possivel sepultarse nella, deraõlhe o enterro mais vizinho, que

podia ser, que foy na mesma porta, honrado com sua campa: Viraõse logo alguns casos milagrosos, que o bom velho Frey Luis Arquivio foy notando, e depois contava com lagrimas de saudade, e devaçaõ da sua confessada, e os atribuhia a seus meritos. Mas como eraõ em negocios particulares, e que deixavaõ lugar a duvidas em animos pouco devotos; ordenou o Senhor, que sempre honra os seus, acreditar sua serva com hum tao publico, e patente, como fora sua santidade. Passados alguns mezes depois de enterrada, succedeo falecer hum homem nobre da Cidade, e daremlhe lugar junto á porta das Graças. E ou fosse, que ficasse a sepultura mal apertada, ou a cova pouco profunda, começaraõ os Religiosos a sentir cheiro de podridaõ ao entrar, e sahir pola porta. E naõ faltou entre os Frades quem com afoutesa o atribuhia á Estrangeira, por defenderem o seu natural. Cresceraõ as queixas, quebrando todas as ondas dellas sobre o Padre Arquivio, como que fora elle causa de se lançar em tal lugar a sua confessada. Affligido o bom Padre com o que via, e ouvia, pedio licença ao Prelado pera se certificar do que diziaõ, e o remediar, se fosse necessario. Chama officiaes, faz levantar a lagea: Mas naõ era bem levantada, quando a terra bolida começa a exhalar huma taõ estranha fragrancia, que encheo de maravilha o Padre, e officiaes. Porque vencia na suavidade todos os mais estimados perfumes da terra, e até o mao cheiro da cova vizinha encubria, e sumia. Fezse esta diligencia de partes de noite. Eis que acudindo a Communidade a Matinas, nasce novo escandado. Porque sentindo a suavidade, que por toda a Igreja recendia, julgaraõ a novidade por artificio do Padre Arquivio, como que ordenara com o Sacristaõ queimar algumas pastilhas. Sabia já o Prior o que era passado, declarou tudo aos subditos. Deraõ juntos graças a Deos, e naõ ficou nenhum, que deixasse de tocar com as mãos aquella terra santa, e pasmar da consolaçaõ, que os sentidos recebiaõ, cheirandoa. E tornouse entaõ a murmuraçaõ em respeito, e grande escrupulo de pisarem com os pés lageas, que cobriaõ taes Reliquias: E toda a Communidade requereo, que se passassem a sitio levantado, onde estivessem com a devida honra. E assi se fez passado algum tempo; colocandose no vaõ do Altar, que fica diante do Sepulcro de nosso Santo Patriarcha: onde estiveraõ, até que se lhe lavrou no andar da Igreja huma sumptuosa Capella baixa, que hoje tem. E no mesmo gasalhado tornaraõ a ficar os ossos de Soror Margarida. Por maneira, que na Capella do Santo ficá seu corpo no lugar do Retabulo, e os ossos de Soror Margarida lhe formaõ Altar, e frontal, sumidos nelle, que naõ póde ser maior honra. No primeiro sitio alto estavaõ, quando o Padre Frey Luis Cacegas passou por Bolonha, segundo atraz apontamos. Mas quando se tresladaraõ pera o segundo, onde hoje estaõ, acertou a ser presente o Padre Presentado Frey Thomás de Sousa, famoso Prégador del-Rey Dom Sebastiaõ, que passa-

va por Diffinidor pera hum Capitulo geral, e alcançou pera o Convento de Lisboa, donde era filho, huma grande Reliquia delles, que foy huma cana inteira do joelho até o pé, que na Sacristia se guarda com decencia, como em outta parte temos apontado.

P.1.l.3.c. 41. na Cron. da Provinc.

O que temos referido dos principios da vida desta Bemaventurada, alcançamos de huma copia de huma Carta, que nos veyo ás mãos, que Dom Pedro de Moura escreveo ao Padre Prelormo, que se chamava Guarda de S. Domingos de Bolonha (devia ser Sacristaõ de sua Capella) no mesmo anno que ella faleceo. Os fins nos constaraõ por outra Carta do mesmo tempo, que este Padre Prelormo mandou a Dom Pedro, pedindolhe informaçaõ das qualidades, e nascimento della, pera escrever sua vida, como depois fez. E porque he Carta notavel, pera prova da santidade de Soror Margarida, naõ será fóra de proposito ficar aqui lançada, como está no original, que em nossa maõ temos, e diz assi.

MAgnifico Domino Petro Mouræ Portugallensi, Domino suo observandissimo. Magnifice Domine sal. in eo, est vera salus. Dominationem vestram admoneo, qualiter Soror Margarita de Palos, quam intellexi vobis esse affinem, præsenti sæculo moriens finem dedit 16. *Januarii, quæ & in morte miraculis claruit. A plurimis autem rogatus fui, ut vitam ejus perquirerem. Igitur Dom. vestram exorandam duxi, ut ipsa dignetur mihi intimare, quomodo Exorta fuerit, à quibus parentibus, vel qua familia, & an unquam nupserit, vel si primitus Habitum nostri Ordinis Sancti Dominici susceperit, vel prius fuerit alterius Religionis. Demum de conversatione ipsius dum apud vos esset, quomodo in omnibus se habuerit. Hoc quod expostulo, & vobis honori erit, & mihi pergratissimum, multisque devotis personis acceptissimum. Præsentes latores rectius, seriosque de his reddent vos certiores. Quam citius Dom. vestra hæc, quæ postulo, per fideles nuntios transmiserit, tanto vobis debebo, nec vestri ero immemor in orationibus meis, apud Patrem nostrum Dominicum, cujus Corporis indigne curam habeo. Dat. Bononiæ die* 20. *Martij* 1540. *Dominat. vestræ Fr. de Prelormo Custos Sancti Dominici.*

O nome primeiro deste Padre nos encubrio a antiguidade, e máo tratamento do papel da Carta. Seguese a traduçaõ. Ao Magnifico Dom Pedro de Moura Portuguez. Magnifico

Senhor, ſaude naquelle Senhor, que de todos he verdadeira ſalvaçaõ. Faço ſaber a V. S. como Soror Margarida de Palos, que entendi tinha rezaõ comvoſco de parenteſco, paſſou da vida preſente em dezaſeis de Janeiro, reſplandecendo na morte com milagres. E porque muita gente me tem pedido, lhe faça inquiriçaõ de ſua vida, determiney pedir a V. S. ſeja ſervido mandarme informar de quem era por naſcimento, e de que gente, e caſa. E ſe foy caſada, ou ſe tomou primeiro o noſſo Habito, ou ſe antes de o tomar teve principios em outra Ordem; e em fim, que vida fez, e como ſe ouve, e procedeo em tudo, quando neſſas partes vivia. Iſto, que peço, ſerá pera honra deſſe Reyno, e voſſa, e de grande goſto pera mim, e pera muitas outras peſſoas devotas. Os portadores deſta faraõ melhor, e mais ordenada relaçaõ do que aſſima digo. E quanto V. S. mais em breve me acudir com as informaçoens, que peço, inviandomas por via ſegura, e certa, tanto mais lhe ficarei obrigado, e naõ me eſquecerei de o encomendar a Deos, e a noſſo Padre S. Domingos, de cujas Santas Reliquias, ſem o merecer, tenho cargo, e cuidado. Dada em Bolonha a 20. de Março de 1540. De V. S. Fr. de Prelormo, Guarda de S. Domingos.

CAPITULO XXI.

De outras Molheres de muita qualidade, e virtude, que em Lisboa profeſſaraõ a meſma Regra de Terceiras.

NO meſmo tempo, que a boa Margarida trocava a vida mortal com a eterna em Bolonha, deixava a ſecular pola Religioſa em Lisboa outro Eſpirito, que por differente via teve nome igual na meſma profiſſaõ de Terceira. Era Prior de S. Domingos de Lisboa o Meſtre Frey Jeronymo de Padilha, Reformador, e Vigario Geral do Reverendiſſimo, e fora eleyto, como atraz tocamos, por Setembro do anno de 1538. no Capitulo, em que ſahio Provincial Frey Mendo de Eſtremós. Pediolhe o Habito de Terceira Iſabel Cabral viuva nobre, e moça. Elle lho veſtio, e ſendo pouco depois Provincial lhe fez ſua Profiſſaõ. Foy Soror Iſabel peſſoa muito notavel em devaçaõ, e penitencia: De ſorte, que ſe fez eſtimar de todos os Prelados, e Padres mais graves, e mais Eſpirituaes da Provincia. Accuſava ſeu roſto as mortificaçoens, com que caſtigava a carne: E a compoſiçaõ de ſembrante manifeſtava o interior d'Alma. Eraõ ſuas cores mais de corpo defunto, que de molher viva. Quando adorava o Santiſſimo Sacramento, batia os peitos nús, como outro S. Jeronymo, com hum ſeixo, que trazia comſigo por baixo do Eſcapulario: E eraõ os golpes de tanta força, que ſe faziaõ ouvir ao longe, e obrigavaõ a devaçaõ, e compunçaõ. Anda-

va

va ſempre deſcalça ; mas com tal arteficio, que ſó a terra lhe via, e ſentia o trabalho, que paſſava ; porque a piſava com plantas nuas, e o reſto dos pés cubertos. Fallava pouco, e quando alguma palavra lhe ſahia da boca, dava ſinaes certos, que procedia d'Alma, que ardia em Amor Divino. Acompanhava eſtas virtudes riguroſa abſtinencia, e continua Oraçaõ Mental, que a trazia ſempre como deſterrada, e longe dos ſentidos ; e toda embebida no Ceo. Cauſouſelhe a morte das penitencias. Parece, que quiz o Senhor publicar parte dellas, pera honrar o ſegredo, com que cubria todas, e pera edificaçaõ noſſa. Caminhava pera a Igreja, eis que a poucos paſſos aſſenta o pé ſobre hum prego, prego agudo, o pé deſcalço ficoulhe atraveſſado ; e deulhe tanto a merecer com infinitas dores, e com longa, e trabalhoſa cura, que quando veyo a convaleſcer, o remedio, que tinha pera naõ faltar na Igreja, era hir pendurada ſobre duas moletas. E ainda neſte eſtado ſe affirma, que nunqua deu melhor trato ao pé ſaõ, que quando ferido o enfermo. Deſte mal junto com varias mortificaçoens, que nunqua largava, teve origem huma febre Ethica, que ſe lhe ferrou nos oſſos, e naõ ceſſou até a conſumir.

De mãos do meſmo Padre Frey Jeronymo veſtio tambem o meſmo Habito Maria Ribeyra, peſſoa muy nobre, e juntamente rica, que naõ cazando nunqua, governava, e mantinha obrigaçoens de grande familia. Viaõſe nella retratadas ao vivo Maria, e Martha todas as vezes, que ſe aplicava a qualquer das partes da vida activa, ou contemplativa, que neſtas Santas Irmãas ſaõ repreſentadas. Em caſa aſſiſtia com encerramento perpetuo, ſenaõ era na hora de hir á Igreja. Regia ſua fazenda, e familia com prudencia, e inteireza varonil. Repartia groſſas eſmollas a quem as merecia por neceſſidade, e virtude. E porque neſtas partes poucos pobres precedem aos Religioſos Capuchos da Provincia d'Arrabida, ficou em memoria, que lhes acodia com particular cuidado, e largueza. Sendo tal nas partes de Martha, eſpantava grandemente a conſtancia, com que ſeguia as de Maria. Naõ ſe contentava com menos, que darlhe muitas, e longas horas, que tomava pera orar, e meditar. No qual exercicio paſſava tanto adiante, ajudada de outras virtudes, que algumas peſſoas bem experimentadas nas materias do Eſpirito, que a communicavaõ, diziaõ della, que ou foſſe perguntando, ou dando rezaõ de ſy, ſe enxergava nella tratallas com hum ſentimento interior de Meſtra, e muito exercitada. E eſte autoriſava com huma rara compoſiçaõ, e veneravel aſpecto. Em tal vida paſſou conſtantemente muitos annos, e nella acabou em paz.

A eſtas Madres ſeguiraõ outras na meſma Cidade de grande opiniaõ de virtude, e vida Religioſa, entre as quaes teve fama de raro exemplo adquirida com largos annos, que gozou de vida, Soror Catharina Carreyra, da familia do Carreyros, e Almadas, gente conhecida, e muito honrada.

Nos

Nos tempos adiante, ſendo Provincial o grande Meſtre Frey Luis de Granada, recebeo com ſua licença eſte Habito Maria de Quadros, e a elle teve por Confeſſor, e Meſtre do Eſpirito. Era muito moça, quando ſe determinou a ſeguir a Religiaõ: dezenganada do pouco, que val tudo, o que tem luz, e eſtima no mundo, naõ quiz delle nada; e dandoſe toda a Deos, ſahio taõ boa diſcipula, que acreditou muito a opiniaõ do Meſtre. Era todo ſeu trato ſingelleſa, e humildade, muito recolhida, e encolhida, poucas palavras, mas prudentes, e graves. Podendo aſſiſtir na Cidade, e tendo pera iſſo baſtante fazenda, reſidia com goſto em huma quinta ſua, e fazia conta, que ficava em verdadeiro deſerto. Porque ſe fechava de maneira, que naõ ficava vendo mais que campos, e boſques, nem ouvindo outras vozes mais, que a das aves: Mas pera exercicio de virtude admitia comſigo algumas molheres de boa vida, com cuja companhia, e com as de ſua familia, ficava compondo hum Religioſo Moſteiro, empregandoſe todas em orar, e louvar a Deos. Contaſe della, que por naõ dar hora nenhuma a occioſidade, mandava, nas que reſtavaõ da Oraçaõ, vir linho, rocas, e fuſos, e fazia, que lançaſſem maõ, e fiaſſem, imitando a molher forte, que a Eſcritura gava. Porque a maior fortaleza da mais honrada he, naõ eſtar nunqua deſocupada de algum bom exercicio, entretanto recreavaas, ou com a liçaõ de hum livro devoto, ou fallando ella, que o ſabia fazer de maneira, que eraõ ſuas palavras braſas vivas em coraçoens de cera. Principalmente ſe tratava do Divino Paõ de vida, que por grande miſericordia do Pay Eterno nos ficou no Santo Sacramento do Altar, derretiaõſe as Almas em amar, davaõ teſtemunho os olhos com fontes de lagrimas. Acabou Soror Maria, deixando fama, e opiniaõ de Santa.

Traz Soror Maria levou o Senhor pera ſy outras tres Religioſas da meſma Profiſſaõ, e Regra, acreditadas igualmente em virtude, que nos poderaõ obrigar a particulares tratados de cada huma, ſe naõ temeramos eſtender muito eſta eſcritura. Baſte, ficarem em memoria ſeus nomes, que eraõ Iſabel da Coſta, Luiza Antunes, e Anna Vicente.

Mas naõ faltando nunqua em Lisboa ſogeitos de grande merecimento, e partes, que ſe humilhavaõ a ſeguir o Cordeiro Celeſtial no Habito, e penitencia de Terceiras, creſceraõ com a ventagem tanto, que no Convento de S. Domingos ſe vio levantado Altar á Serafica Catharina de Sena no topo do Cruzeiro daquella grande Igreja da parte da Epiſtola. Devemſe os principios do Altar, e Capella, e inſtituiçaõ da Confraria ao Padre Frey Joaõ Pinto devoto aſſinalado deſta Santa. Ajudou ella com famoſos milagres em favor dos que pera ſuas neceſſidades buſcavaõ ſeu meyo, e valia com Deos. Publicavaõſe as maravilhas, prégavaõſe as virtudes, da que ſendo honra das Terceiras, era lume de toda a Ordem de S. Domingos. Foy grande o numero das que inflamadas em ſua devaçaõ veſtiraõ

o santo Habito, e nelle fizeraõ Religiosa vida. Entre muitas foy conhecida, e celebre a perfeiçaõ de Soror Isabel Alvares Torralva, pola perseguiçaõ que os Demonios lhe faziaõ com medos, e fantasmas no tempo da Oraçaõ.

Naõ teve menos nome Soror Brittes de Santo Thomás, de quem sabemos, que em muitos annos de vida nunqua comeo carne, sempre dormio vestida, servindolhe de cama huma taboa, e de almofada pera a cabeça de noite os pantufos, que de dia lhe serviaõ nos pés, cercada de cilicios, moida de disciplinas, consumida de jejuns.

Irmãa era desta Madre, tanto na vida, como no sangue, Soror Elena da Cruz. E naõ viviaõ com menos concerto de Religiaõ, e costumes Soror Maria Cacegas, e Soror Catharina de S. Domingos. Das que hoje vivem poderamos nomear muitas, e dizer muito de cada huma, se o permitira a rezaõ da Historia, ou sua humildade nos dera licença.

Mas naõ ficou só no povo a devaçaõ de Santa Catharina de Sena, e da sua Regra. Entrou polas portas dos Paços, subio as altas, e pomposas escadas, penetrou os aposentos, e Camaras Reaes: E naõ foy agasalhada com menos amor das grandes Senhoras, e moradoras dellas, do que fora da humildade do vulgo recebida. Sustentava a Rainha Dona Catharina grande Casa, e Estado, como era rezaõ, inda depois de falecido el-Rey Dom Joaõ III. seu marido: leose entre as Damas, e criadas de seu serviço a vida desta Santa. Contaraõse milagres passados, e presentes. Abalaraõ os coraçoens brandos, e piadosos com espanto, e com devaçaõ. Ouve huma Dama de geraçaõ principal, e em partes naturaes avantajada, que se determinou a vestir, e trazer contino, naõ já Bentinho curto, e secreto, que isto he uso de muita gente, mas o Habito inteiro de Terceira. E porque se temeo de offender com a novidade os olhos dos parentes, anticipouse em pedir licença á Rainha, que como Senhora taõ Catholica lha deu graciosa, e alegremente ajuntando condiçaõ, que mais fez estimar o favor, que naõ fosse parte a differença do trajo, pera deixar de a acompanhar em todos os actos, e tempos, como as mais Damas.

Assi a vio muitas vezes entre ellas acompanhando a S. Alteza, quem isto escrevia: levounos o tempo seu nome da memoria. E he bem de notar, que naõ pode acabar, nem escurecer o de outra criada da Rainha, que tambem a servia em foro nobre; inda que menos adiantado que o de Dama: E naõ se contentou só com o ceremonial de Habito, e cores; mas fez profissaõ de verdadeira Religiosa: E póde ser, que daqui nasceo sabermos hoje seu nome, que era Soror Jeronyma de Santo Agustinho; e perderse o de quem se contentou com menos, levada de alguma esperança do mundo.

Que

CAPITULO XXII.

Que contem hum Breve Apostolico sobre certo litigio, que correo entre os Religiosos de S. Francisco, e S. Domingos, na materia das Chagas de Santa Catharina de Sena.

A Este lugar pertence darmos conta da determinaçaõ, que o Santo Padre Clemente VIII. de felice memoria, presidindo na Igreja de Deos, mandou tomar, e fez declarar por suas letras na pertençaõ, que os Religiosos do Serafico Padre S. Francisco tiveraõ, e altercaraõ na Curia Romana, pedindo, que se naõ consentisse aos de S. Domingos, pintarem as Imagens de Santa Catharina de Sena com as Chagas abertas em pés, e mãos, e lado, que era o maior brazaõ da Ordem Franciscana, e de seu Santo Patriarcha: Como que tornasse em offensa sua, alcançar tamanho favor, e usar delle huma Freirinha Terceira da Ordem de S. Domingos. E naõ obsta serem passadas estas letras muitos annos adiante do em que de presente vamos. Porque a ordem, que nesta escritura seguimos desde seu principio, pede lançarmos juntamente o que pertence a cada membro della, assi pera clareza da Historia, como pera se acharem com facilidade, e distintas as materias, que tratamos. E ainda que esta Santa foy lume, naõ só da Terceira Ordem de S. Domingos; mas de toda sua Religiaõ, e primeira em todo genero de virtude, inda que Terceira na Regra, dezacordo he cuidar ninguem, que porque seja pintada com Chagas, e verdadeiras Chagas, como as teve, podem perder as de S. Francisco nem huma minima parte de sua grande luz. E a esta conta mandou o Summo Pontifice, que até se tomar final resoluçaõ na materia polos Senhores Cardeaes, deputados pera exame das Ceremonias, e Ritos Sagrados, se naõ fizesse nella novidade, nem por parte de huma Religiaõ, nem da outra, que foy o mesmo, que mandar, que pudessem os Frades de S. Domingos usar da posse, em que estavaõ, e estaõ de pintar, e lavrar as Imagens da Santa com os sinaes das Chagas. Estimou a Religiaõ dos Prégadores este Decreto Apostolico, considerando a grande, e immortal obrigaçaõ, em que está a esta Santa. Porque, como foy a primeira Donzella, que professou na Terceira Regra, de seu exemplo procedeo acudirem a ella grande numero de molheres de semelhante estado, que despresadas as vodas do mundo, por ganharem as do Ceo, adiantaraõ tanto nesta Religiaõ, que andaõ celebradas nas Cronicas da Ordem, com titulo de Santas, e muy grandes Santas: E todo seu valor, e santidade em certo modo he devido a esta Serafica Catharina, como a quem lhes abrio a porta, e deu principio a seguirem nella o Divino Cordeiro. Pola mesma rezaõ nos cahe aqui a proposito o Breve, que daremos com sua traduçaõ, pera se communicar a todos.

Cle-

CLemens Papa VIII. Universis Venerabilibus Fratribus, Patriarchis, Archiepiscopis, & Episcopis, & aliis locorum Ordinariis per universum Orbem constitutis salutem, & Apostolicam benedictionem. Cum, sicut accepimus, nonnulli Fratres Ordinis Sancti Francisci prætendant, Imaginem Sanctæ Catharinæ de Senis non esse depingendam cum Stigmatibus, sed solius Sancti Francisci Imaginem ita depingi debere, ac super hoc sæpe cum Fratribus Ordinis Prædicatorum altercentur, & contendant. Nos hujusmodi altercationes, & contentiones præcidere cupientes, negotium istud Venerabilibus Fratribus nostris Sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinalibus super Sacris Ritibus, & Cæremoniis deputatis, examinandum, cognoscendum, & decidendum, ac terminandum commisimus: Cum decreto tamen, quod interim nihil innovetur. Ne autem dum in dicta Congregatione prædictum negotium deciditur, in aliqua Orbis terrarum parte, circa hoc aliquid innovari contingat, vobis, & cuilibet vestrum, per præsentes committimus, & mandamus, ut autoritate nostra curetis, & præcipiatis sub censuris, & pœnis Ecclesiasticis arbitrio vestro infligendis, ne in Civitatibus, & Diœcesibus vestris quisque Fratrum prædictorum Sancti Francisci, aut alii quicumque (donec in dicta Congregatione Cardinalium hujusmodi negotium Stigmatum Sanctæ Catharinæ definitum, & declaratum fuerit) circa illud aliquid innovare, aut ulterius altercari, vel contendere præsumant, Constitutionibus, & Ordinationibus Apostolicis, ac præsertim fælicis recordationis Sixti Papæ IV. prædecessoris nostri, cæterisque in contrarium facientibus, non obstantibus quibuscumque. Cæterum, quia difficile foret præsentes literas originales ad unumquemque vestrum deferri, volumus, & autoritate Apostolica decernimus, ut præsentium exemplis etiam impressis manu alicujus Notarii publici subscriptis, ac sigillo personæ in dignitate Ecclesiastica constitutæ munitis, eadem prorsus fides ubique habeatur, quæ ipsismet præsentibus haberetur. Datum Romæ apud Sanctum Petrum sub Annulo Piscatoris. Die 27. Novembris. 1599. Pontificatus nostri anno octavo. Marcus Vestrius Barbianus. Ro-

1600. *mæ apud Impressores Camerales* 1600. *Paulus Blanchus Cancellarius Cameræ Apostolicæ. Maurus Fagundes Archidiaconus de Sexta Cathedralis Ecclesiæ Elborensis meo sigillo munivi.*

Clemente Papa VIII. a todos os Veneraveis Irmãos nossos Patriarchas, Arcebispos, e Bispos, e aos mais Ordinarios por todos os lugares do mundo constituidos, saude Apostolica, e bençaõ. Como quer que, segundo somos informados, alguns Frades da Ordem de S. Francisco pertendaõ, que se naõ deve pintar com Chagas a Imagem de Santa Catharina de Sena; e só a de S. Francisco se aver de pintar com ellas, e sobre isto tragaõ litigios, e contendas com os Frades da Ordem dos Prégadores. Nós dezejando atalhar semelhantes questoens temos cometido o negocio aos nossos Veneraveis Irmãos Cardeaes da Santa Igreja de Roma, que sobre os Sagrados Ritos, e Ceremonias saõ deputados, pera que delle tomem conhecimento e o examinem, determinem, e acabem. Mas com tal ordem, e assento, que por entretanto se naõ innove nelle cousa alguma. E porque naõ aconteça, que em quanto o dito negocio se trata, e resolve na dita Congregaçaõ, haja nelle novidade, ou alteraçaõ em alguma parte do mundo: Polas presentes vos encarregamos, cometemos, e encomendamos a todos, e a cada hum de vós, que em nosso nome provejais, e o mandeis com censuras, e penas Ecclesiasticas, que a vosso alvedrio fulminareis, que nenhum dos ditos Frades de S. Francisco, nem outras quaesquer pessoas, se atrevaõ em vossas Cidades, e Dioceses a innovar cousa alguma, nem mais litigar, ou contender nesta causa das Chagas de Santa Catharina, até ser diffinida, e declarada pola dita Congregaçaõ dos Cardeaes, sem embargo de todas as Constituiçoens, e Ordenaçoens Apostolicas, e em particular as do Papa Sixto IV. de felice memoria, e quaesquer outras, que em contrario sejaõ. Mas porque seria cousa difficultosa chegarem a cada hum de vós outros, os originaes destas letras, queremos, e por autoridade Apostolica determinamos, que aos treslados dellas, e até aos impressos, como sejaõ sobescritos por qualquer Escrivaõ publico, e sellados com as Armas de qualquer pessoa em dignidade Ecclesiastica constituida, se lhes dê tanta fé, e credito, como se ouvera de dar aos mesmos originaes. Dada em Roma em S. Pedro a vinte sete de Novembro de 1599. aos oito annos de nosso Pontificado. Marco Vestrio Barbiano. Em Roma polos Impressores da Camara anno de 1600. Paulo Blancho Chançarel da Camara Apostolica. Amaro Fagundes Arcediago de Sexta da Igreja Cathedral d'Evora a selley com o sello de minhas Armas.

Fim do Livro Segundo.

TERCEIRA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO TERCEIRO.

CAPITULO I.

Fundaçaõ da devotissima Casa de S. Domingos da Villa d'Amarante, com a Vida do Glorioso S. Gonsalo, por cujo respeito, e devaçaõ foy fundada.

Flos Sanctorum impresso em Brag. an. 1513. Flos Sanctor. de Fr. Diog. do Rosario. Flos Sanct. de Vilheg. Castillo. p. 1. l. 2. c. 60. Fr. Ant. de Sen. an. 155. f. 94. Antist na Vid. de S. Ped. Gons. c. 8. §2. Mariet. p. 2. l. 12. c. 1. 1540.

A Ordem, que desdo principio desta Historia propusemos seguir, e atégora temos continuado, foy reduzir as Vidas dos Santos, e Varoens assinalados della aos Conventos, em que, ou nasceraõ por profissaõ, ou assistiraõ por longa residencia, ou ficaraõ por morte, sem respeitarmos a maior, ou menor antiguidade dos annos, e nascimento de cada hum. Por esta conta florecendo o milagroso S. Gonsalo tantos annos atraz, que foy dos primeiros Santos da nossa Ordem, vimos a escrever sua vida no anno de 1540. Porque neste teve principio o seu, e nosso Convento d'Amarante, que á sua honra mandou edificar elRey Dom Joaõ III. como logo veremos: E assi como demos lugar anticipado a muitos Varoens modernos pola relaçaõ, que tiveraõ com Conventos antigos, vem acontecer a este Santo ficar naõ só em segundo, mas quasi em ultimo lugar, por naõ alterarmos o estylo começado, como fora, se o apartaramos do seu Convento. Porém julgo, que foy boa ventura deste nosso trabalho. Porque da mesma maneira, que na Primeira, e Segunda tivemos montes de Santidades, que a illustraõ com maravilhas: Na Primeira hum Frey Soeiro primeiro Pay da Ordem em Espanha depois de nosso Patriarcha: Hum Frey Gil segundo Provincial nella,

Marty. rol. dos Santos de Braga. Trugilho in Thesauro Concionatorum.

hum Frey Payo, hum S. Pero Gonsalves, e hum Frey Lourenço Mendes: Na Segunda hum Frey Vincente, que foy o primeiro, que levantou Bandeira contra a Claustra, e nos instituio a Observancia, que a maldade do tempo tinha esquecida, e cahida: Hum Frey Arnao milagroso; huma Princesa Dona Joanna, que o naõ foy menos em virtudes, que em Estado: Assi tambem nos honrasse esta Terceira hum Santo, que em famosos prodigios de Espirito, e obras igualou aos mayores da primittiva Ordem, e a muitos da primitiva Igreja. Por onde me parece rezaõ, e obrigaçaõ, que pois elle com seus raros merecimentos foy causa original de se fundar este Convento, demos primeiro noticia delles, e de sua vida, que das paredes, e fabrica de pedra, e cal.

Corre polo Termo de Guimaraens, Arcebispado de Braga, o piqueno, e mal conhecido Rio Vizella, e lava com suas agoas huma pobre Aldea, que chamaõ Arriconha. Nesta quiz Deos, que nascesse o lume de Santidade S. Gonsalo, pera com ella enriquecer de virtudes este Reyno, e nossa Religiaõ, e mostrar ao mundo, que do mais humilde pó da terra sabe, e póde lavrar vasos de eleyçaõ pera sua Igreja, e colunas de gloria pera a Corte do Ceo. A casa, em que nasceo, se chamava entaõ o Paço de Gonsalo Pereyra, bom sinal da nobreza de seus pays, que nella viviaõ; pois o nome de Paço só a pessoas, e casas illustres pertence. Era sua geraçaõ dos Pereyras, e saõ travados com outras familias, que entaõ tinhaõ bom lugar, e reputaçaõ no Reyno. Perdendose a memoria de muitas cousas dos principios deste Santo, naõ pode a força do tempo, e antiguidade, que tudo desbarata, apagar a memoria do que em seu Bautismo succedeo. Porque a estranheza do caso a conservou viva, e inteira por todas as idades com os nomes da Igreja, e lugar, em que foy. Nascendo o Minino, como temos dito, no lugar de Arriconha, foy levado a bautisar ao de Tagilde na Igreja de S. Salvador (da rezaõ, que pera isso ouve, naõ consta; podia aver muitas) depois de bautisado, ao tempo, que o Sacerdote o entregou nos braços da ama, pera o enxugar, e agasalhar, em lugar de buscar os peytos, e o leyte, que o natural instinto a toda a criatura ensina, ou se queixar com choro da frialdade do banho sagrado, poz os olhos em hum Crucifixo, que perto estava; com tal geito, que fez pasmar quantos o acompanhavaõ; porque naõ só perdeo o sentimento da agoa, e cuidado do leyte; mas como se tivera juizo pera discernir, e entender o que via, assi pregou, e deteve a vista na Santa Imagem com attençaõ, em quanto a ama o pensou. Grandes juizos faz a natureza de hum bom principio, pera pronosticar futuros bons. Porém isto se entende nas cousas de curso ordinario, e naõ nas que tem sua origem no Ceo, e na Misericordia Divina: Quando o Senhor quer prevenir seus servos com bençoens de suavidade, vencida toda a ordem natural, que he hum genero de Santificaçaõ, e principio

cipio de ſantidade. Como lemos de hum S. Nicolao, que no leyte da ama fazia abſtinencias ordenadas: E de noſſo Patriarcha S. Domingos, que na meſma idade ſe deixava cahir da cama d'ama, pera ficar toda a noite na terra fria. Eſta madrugada de entendimentos naõ deve nada á natureza, toda he do Ceo, toda milagroſa, e de graça ſobrenatural. E vioſe logo mais claramente no noſſo Minino Gonſalo (que tal foy o nome, que lhe puzeraõ na pia, e dizem as memorias, que eſte era o de ſeu pay) porque o primeiro dia, que a ama indo pera ouvir Miſſa o levou á Igreja, foy correndo com os olhos as Imagens dos Altares, até chegar a hum Senhor crucificado. Aqui parou, e debatendoſe todo pera elle com eſtranho affecto, parecia querer ſaltar do collo d'ama, e naõ podendo fazer mais, eſtendia os bracinhos, como que o queria abraçar. Eſtava a ama atonita, cotejando eſta novidade com a que ſe vira no Bautiſmo: E vendo conformidade em ambas, notava neſta termos mais eſpantoſos: Porque acolá ouve ſómente attençaõ na Santa Imagem, com ſuſpenſaõ dos actos infantis, cá ſobre affecto, e brandura no geſto, que parecia já devaçaõ, gritos, e lagrimas ao apartar, quando ſe quiz recolher com elle pera caſa. Iſto meſmo lhe acontecia depois todas as vezes que á Igreja era levado. E contaſe que hum dia, ſendo a Miſſa acabada, e querendoſe a ama hir, foy tamanho o pranto no Minino, que naõ lhe ſofrendo o coraçaõ laſtimallo, como ja ſabia a cauſa, ſe deixou eſtar hum grande eſpaço mais diante do Crucifixo. E tornando a cometer a ſahirſe da Igreja; tornouſe a eſpertar o choro, e grita no criado: De ſorte que combatida no animo da dór, que lhe faziaõ aquellas lagrimas, com a reprehençaõ, que tinha certa em caſa, pola tardança demaſiada, naõ ſentio outro remedio, ſenaõ tornarſe a huma Imagem da Virgem Noſſa Senhora, que no meſmo Altar eſtava, e pedirlhe a enſinaſſe que termo teria pera eſcuſar o ſentimento daquella creaturinha, que amava; e naõ ſer occaſiaõ de ira aos pays com a detença. Neſte ponto notou a boa ama, que o Minino reclinou a cabeça contra a meſma Imagem da Senhora, e como quem conſentia já na deſpedida, e retirada, ſe recolheo ſoſſegadamente a ſeus peitos. Hia creſcendo em dias, e creſcia com elles em maravilhas. Amanhecia o dia, e naõ tomava o peito d'ama, em quanto o naõ levavaõ á Igreja: E ſe lhe tardavaõ em o levar, ſignificava, o que ſua Alma lhe pepia, como naõ tinha outras vozes, com choro, e gritos. Entrando nella, tudo eraõ feſtas, riſo, e alegria á viſta das Imagens Santas, em que moſtrava recrearſe tanto, como ſe de todas tivera diſtinto conhecimento. O que ſe provava tambem em caſa; porque ſe acertava de chorar, qualquer que foſſe a occaſiaõ, o remedio, que avia pera logo ſe acallentar, era moſtrarſelhe huma Imagem de Chriſto, ou da Virgem.

Mas he muito de ſentir, que ficando eſtas lembranças taõ vivas, naõ tenhamos nenhumas, que falem da idade mais creſcida,

da,

da, quero dizer da puericia, e adolescencia deste Santo. Contentaraõse os antigos, pera nos dar a entender, que tudo fora muito aventajado á mininice, com dizer, que obrigado o pay da inclinaçaõ, que lhe via pera tudo, o que era virtude, e santidade, depois de o fazer estudar as primeiras letras, o entregou ao Arcebispo de Braga, pera se criar em sua Casa em sua doutrina pera Ecclesiastico. Eraõ as casas dos Arcebispos naquella idade como Academias, em que residiaõ muitos moços nobres com o mesmo fim. Luzia Gonsalo entre todos em honestidade, e humildade, como hum Sol. E naõ sendo menos na habilidade, e applicaçaõ ao estudo, mereceo a seu tempo pôr nelle os olhos o Santo Prelado, e provello na primeira Igreja, que lhe vagou. Foy esta San-Payo de riba de Vizella, naõ longe de Tagilde, com titulo de Abbade. Era Sacerdote moço, e ainda que velho nos costumes, e modo da vida, considerou na grande obrigaçaõ, que sobre sy tomava, encarregandose de Almas alheyas. E a primeira cousa, que fez depois de provido, foy prostrarse diante do Santissimo Sacramento, e como outro Salamaõ, pedirlhe Espirito de prudencia, de inteireza, e saber pera bem governar, e a seu santo serviço encaminhar o povo, que delle fiava. Acudiolhe o Senhor, que nunqua falta a dezejos santos, com tal Espirito, que com ser moço, e rico, e livre de toda sogeiçaõ, começou huma vida de notavel exemplo. Enfreava o fervor da idade com rigor de penitencias, com longas vigias, e Oraçaõ, cortando polo sono, com estreita abstinencia, encurtando a mesa, naõ só o superfluo, mas inda no mantimento ordinario, e plebeo, que só usava. Assi se conservou em pureza no meyo do fogo natural da mocidade, da riquesa, das occasioens, e da liberdade, e a guardou sem nodoa por toda a vida. Seguem de boa vontade a santa pureza todas as mais virtudes. E na verdade, naõ se via nelle falta de nenhuma. Mas sobre todas era de ver a franquesa, com que despendia suas rendas entre os freguefes, e a caridade, e amor, com que acudia aos mais necessitados. Nesta parte naõ tinha limite. Porque, como se fora huma mãy muito maviosa de cada hum, assi queria, que sobejasse tudo aos pobres, ainda que pera elle naõ ficasse nada. Nunqua enthezourou, nem guardou de hum anno pera outro; e em sua opiniaõ, só por despenseiro se tinha dos bens da Igreja, naõ por dono. Da mesma maneira, que lhe servia a abundancia de fazenda pera emprego santo, assi usava da liberdade, em que se achava de Prelado, pera se entregar todo a Deos. Sua maior deleytaçaõ era assistir na Igreja, apascentar o entendimento, e discurso no mesmo, que sendo minimo buscava com os olhos. Arrebatavalhos entaõ a piadosa prospectiva do Bom Jesus estirado na Cruz, coroado de espinhos, rosto, e olhos pisados, peito alanceado, pés, e mãos passadas com pregos, as carnes sagradas nuas, e abertas de chagas, e vergoens dos açoutes: Que faria agora, que tudo sabia por Fé, e por liçaõ das Escri-

Escrituras Santas, e discorria com maduro juizo por cada cousa, e pola causa de todas? Naõ tinhaõ hora o dia, nem a noite, que lha naõ levasse esta consideraçaõ, trazendo sempre nos olhos d'Alma hum vivo retrato da Sagrada Payxaõ, e venerandoa em todo o tempo, e lugar, já com affectos de amor, a que se sentia obrigado, já com lagrimas de dór, e lastima, já com abrazados dezejos de padecer por taõ bom Senhor. Com tal modo de vida passou muitos annos amado de Deos, e dos homens; e estimado do Prelado maior, sobre todos os que curavaõ Almas em sua Diocese.

CAPITULO II.

Parte o Santo Abbade pera Jerusalem: Dasse conta da jornada, e do que mais lhe succedeo, tornando á sua Igreja, e Casa.

A Grande, e afervorada continuaçaõ, com que o Santo meditava os trabalhos de Christo, veyo a criar em sua Alma hum immenso dezejo de ver por seus olhos a terra, que foy taõ ditosa, que mereceo gozar sua presença sagrada trinta e tres annos: ouvir sua voz, ser pisada de seus pés, e em fim regada de seu precioso Sangue. Parecialhe peregrinaçaõ de todo o Christaõ digna, e dita grande, a quem no trabalho della, e em tal terra se lhe acabasse a vida. Assentava na jornada com incomparavel gosto. Mas logo o desconsolava, e entristecia hum justo temor de desemparar suas ovelhas. Lidando muitos dias nas ondas deste cuidado, e naõ acabando de se resolver, em fim se lhe offereceo huma traça, com que foy vencendo o escrupulo; porque tambem já naõ era poderoso, pera vencer a força, que lhe fazia o dezejo. Tinha comsigo das portas a dentro hum parente, criado em sua casa, e em sua doutrina desde moço, que já era Sacerdote, e mostrava no sizo, e modestia, com que procedia, que naõ desdiria polo tempo em diante da boa criaçaõ. A este determinou encomendar a Igreja, julgando, que por ser cousa sua o aceitariaõ de boa vontade os freguezes. E o Arcebispo se naõ descontentaria de tal Coadjutor: e sua consciencia ficaria bastantemente descarregada polo ensino, que de muitos annos lhe tinha dado, e a experiencia, que o moço tinha ganhado nelles, de como avia de governar. Chamouo hum dia, falloulhe assi.

Filho, que este nome te posso chamar com mais rezaõ, que teus proprios pays. Porque se elles te geraraõ pera o mundo, eu te gerey pera Christo, com te dar a luz de sua Santa Fé: E tanto mais me deves a mim, quanto he de mór valia o conhecimento de Deos, que te eu dey, que o ser de homem, que elles te deraõ. Fiado em que naõ ignoras isto, polo bom entendimento, que em ti vejo, quero ajuntar beneficio a beneficio, e que comece desde logo, o que ha de ser ao longe. Esta Igreja, que faço conta renunciar em ti, quando a mim me carregarem mais annos de idade, e a ti mais de experiencia, desde logo o quero fiar de teu cuidado, em quanto durar huma auzen-

auzencia, que hey de fazer. Servirteha de muito, começar a ser Prelado, porque neste espaço de tempo, que eu te tardar (no Senhor confio, que será breve) ganharás com bom governo os animos deste povo, fartehas aceito ao Prelado maior, pera o tempo da remuneraçaõ; e comigo grangearás deixarte mais depressa, e de todo, o que agora faço pera pouco tempo. E sobretudo, se assi procederes, livrarás de calumnia o juizo, que de ti faço, que naõ possaõ dizer os homens, que em te prover taõ sedo, segui mais as leys do mundo, e do sangue, que as de prudencia, e Christandade. Pera naõ errares, boas liçoens te tenho dado, e bom roteiro te deixo nas regras, e ordem de vida, com que te criey, e me vistes proceder. Estas te peço, que assi como atégora guardaste, da mesma maneira as tragas sempre, naõ só escritas, mas esculpidas, e gravadas no coraçaõ. Nellas naõ alteres nada, senaõ for pera mais gloria de Deos, e mais bem do proximo. Sobre tudo te encomendo o cuidado dos pobres, que saõ os filhos, que mais levo atravessados n'Alma. Faze, como viste fazer atégora nesta Casa. Que os bens da Igreja, filho, naõ saõ dos Prelados, senaõ das ovelhas, ellas os daõ, a ellas quer Deos, que tornem. No mar nos está ensinando, recebe aquelle immenso lago as agoas dos rios, e fontes, e logo lhas torna a dar mais puras, do que as recebeo. Mordomos somos deste povo, naõ Senhores: Dispenseiros dos bens, e rendas, naõ donos. Se queres, que Deos te ajude em tudo, nunqua neste ponto mudes de opiniaõ; que a esmolla, assi como he antidoto, que agaga os peccados cometidos, tambem he preservativo pera naõ cahir em outros. Filho, tudo fio de ti, Igreja, honra, fazenda, só os pobres naõ hey de fiar, pera que minha Alma vá consolada, se naõ for, com me prometeres com solemne juramento, que sempre esta porta pera elles estará aberta, e sempre esta casa será sua.

Naõ disse mais o Santo: e o parente cheyo de alvoroço pera a Prebenda, que naõ esperava, e sem tal cuidar lhe entrava por casa antes de tempo, respondeo, como quem sabia, com quem o avia, palavras cheyas de humildade, e modestia: ajuntou promessas, e juramentos de naõ sahir hum ponto do que lhe mandava, nem das boas liçoens, que em sua escolla tinha aprendido. Como he facil de enganar a virtude? Quem he bom, de tudo, e de todos julga o que sente de sy. Alegrouse o Santo com as palavras, e estimou os juramentos, deu conta ao Arcebispo, ficou provido o parente, polo que durasse sua auzencia. E como morria por voar, naõ só verse em caminho pera os lugares Santos, venceo na pressa de partir os dezejos do Instituto. Levava os olhos em Roma, que era a primeira estaçaõ de sua jornada, e o coraçaõ na Terra Santa, por cujo amor se desterrava. O modo, com que caminhou, naõ consta por escritura; mas se avemos de julgar a hida pola vinda, e polos fins os principios, de crer he, que peregrinaçaõ tomada por puro Amor daquelle Senhor,

que polo que nos teve quiz morrer em huma Cruz: Naõ a faria hum Varaõ Efpiritual, fenaõ a pé, e como pobre á imitaçaõ do Grande Romano Santo Aleixo; vifto como ambos deixaraõ efpofas, e a ambos obrigara hum mefmo fim. Vifitou em Roma as Reliquias dos Santos Apoftolos, embarcou logo pera Suria; paffou o mar, e em fim chegou á Santa Cidade. O gofto incomparavel, que fua Alma fentio, quando fe vio nella, e nos lugares, onde foy obrada noffa Redempçaõ, podefe alcançar com o entendimento, mas naõ declarar com a penna. Affi fe abraçava com elles; affi venerava todos, hora beijando aquella terra com humildade, hora regandoa de lagrimas, com grande fuavidade, como fe em cada hum encontrara o mefmo Chrifto em carne. Sua vida era andar de huns em outros, juntando com a contemplaçaõ delles novo genero de penitencia, fobre as fuas ordinarias, que era mendigar de porta em porta a fuftentaçaõ quotidiana; penitencia mais dura de levar que todas as do mundo, pera quem nelle alguma hora teve de que viver. E com tudo tal era o fogo de devaçaõ, com que o abrafavaõ aquelles Santuarios, que tinha por gloria a pobreza, e a fome: taõ prefo fe fentia do amor delles, que paffaraõ mezes, e hiaõ paffando annos, e naõ acabava comfigo deixallos.

Nefte tempo o fubftituito Vigario depois de enganar alguns dias com boas moftras os freguezes, como fizera ao Abbade com promeffas; começou a defordenar, pondo de parte as rigurofas leys de viver, e governar, que delle recebera: e pera mais foltura, como vio que paffavaõ annos fem aver nova, nem recado do auzente, tratou de impetrar pera fy o Beneficio, e fingio cartas, bufcou teftemunhas, que juraraõ fer morto: E terçando por elle o parentefco, e virtudes do que falfamente fazia defunto, foy provido de propriedade na Igreja, que tinha em adminiftraçaõ. Feito Abbade affi fe foltou em todo genero de vicio, e devaffidaõ, que nenhum final avia em fua cafa de Amor de Deos, nem cuidado das Almas. Era a renda groffa, e tratavafe como Principe. Muitos criados, mefa efplendida, cavallos, açores, bandos de caens, confumiaõ os frutos da Igreja de Sam-Payo. E como fe os herdara de pay, e avós, ou os ganhara por feu braço, affi os empregava em feus danados goftos, fem acudir aos pobres taõ encomendados, nem com as migalhas da mefa.

Tal vida faziaõ os dous Abbades: o falfo, e intrufo em abundancia, e diffoluçaõ, á cufta da fazenda alhea; o verdadeiro em defterro da propria, em miferia, e falta de tudo. Paffava de treze annos, que cada hum fe gozava, e lograva com gofto, do que tinha, quando ordenou o Senhor provar de novo a ambos: A hum pera merecimento de mais gloria, a outro de pena, e condenaçaõ. Achavafe o Abbade Santo taõ contente na pobreza, que bufcara, que nem vendofe velho, e cançado, fe lembrava de patria, nem parentes, nem renda. Nefte eftado começou a fentir huma ancia, que lhe rohia, e

e inquietava a consciencia, com imaginaçoens tristes, e escrupulosas; se teria dado occasiaõ ao parente, com sua longa auzencia, a mudar vida, e costumes; e polo conseguinte a padecerem detrimento suas ovelhas, que deixava, sendo legitimo Pastor, em poder de Mercenario. Achavase culpado, desconsolavase, chorava o tempo, que se detivera, e o cahir taõ tarde na conta, como se a vida fora folgada, e empregada em passatempos. Em fim, ou este cuidado nascesse de escrupulo, que he infirmidade, que acode aos velhos, ou revelaçaõ do Ceo, que tenho por mais certo, despediose da Santa Cidade, como arrancado, e á força.

Caminhava pera a patria o Santo Abbade, naõ só pouco alegre, mas cheio de desconsolaçaõ. Eraõ cumpridos quatorze annos, quando tornou a entrar por Entre Douro, e Minho. Encaminhou pera sua Igreja, e fregueses, que era o fim, que o trazia de tantas legoas. Vinha enfermo, e debilitado do trabalho de andar a pé, magro, disforme de fome, e penitencias: de roupa naõ só pouco luzido, mas parte roto, e esfarrapado, parte mal remendado. E pera dizermos tudo em huma palavra, vinha hum retrato da ultima pobreza, que faziaõ mais fea a carga de annos, o rosto queimado, e denegrido, o cabello todo branco (que faz grande mudança em espaço piqueno a idade, que vay cahindo, quanto mais em quatorze annos) mas de mal penteado, empoado, e descomposto, mais pardo, que alvo. Com tal figura quiz ver por seus olhos o que já devia ter ouvido pola terra. Que os prudentes naõ se levaõ facilmente de informaçoens. Chegou á porta da que fora sua casa, levantou a voz rouca, e cançada, pedio huma esmolla á honra de Christo. Acudio ao brado, e sinaes de pobreza, como a rebate de inimigos, ou de ladroens hum grande numero de caens de varias castas, inviaõse a elle com bocas abertas, e olhos de fogo: que saõ os caens emulos perpetuos da pobreza, polas migalhas, e sobejos das mezas. Defendiase o Santo, sem se offender do que tinha por natural naquelles animaes, quando o espanta, e escandaliza com deshumanidade huma voz humana, que perdoasse, ou sem perdoar despejasse a porta. Inda esta julgou, que seria lingoagem de criados, que muitas vezes com sua má condiçaõ desacreditaõ a boa de seus amos. Levantou de novo hum piadoso brado; senaõ quando acode de dentro o falso Abbade com passo apressurado, e olhos acesos em ira, que se fosse logo sem mais importunar; que naõ era elle o homem, que ajudava a manter vadios, e callaceiros, que por naõ quebrarem o corpo com hum pouco de trabalho, queriaõ viver á custa alheya. Conheceo o Santo o seu Vigario na falla, inda que muito trocado de corpo, e gesto: juntou as mãos sobre o bordaõ, inclinou nellas o rosto, e começou assi, arrancando do peito hum sentido suspiro: Maldizem por certo essas palavras com o que alguma hora vos eu ensiney, e muito menos com a fé, que me destes, e promessas, que fizestes, quando de vós me apartey.

Carre-

Carregueivos de regras, e documentos santos; e vós a mim de juramento, que ao menos os pobres achariaõ em vós sempre brandura de condiçaõ, e mãos abertas. E eu acho isto tanto ao revez, que nem pera mim tendes hum pedaço de paõ: Pera mim, que vos criey, que vos ensiney, que vos puz neste estado? E naõ basta negardesme o que do meu comem estes animaes, de que estais cercado, senaõ que ainda de minha casa, e do meu lar me queyrais á força lançar? Pois façovos saber, que eu sou Gonsalo, Prelado, e Proprietario desta Igreja. Eu sou (conheceime) aquelle, que partindo desta casa, vos fiz dono della, eu o que vos nomeey, e substitui por Vigario desta Igreja, naõ por certo, pera afugentardes, e fugirem de vós os pobres; mas pera acharem gasalhado, e sustentaçaõ nas rendas, e bens della, que saõ proprios seus. Naõ tinha bem acabado o Santo velho as ultimas palavras, quando o parente entrando em furia (taõ longe estava de soccorrer, ou tornar sobre sy com o que ouvia) levantou hum bastaõ, que trazia nas mãos, e naõ se contentou com menos, que violar aquellas veneraveis cãas, assentandoo com força huma, e muitas vezes sobre a cabeça, e hombros de quem o criara, e ensinara, e lhe dera fazenda, e honra. Triunfaõ os servos de Deos, quando no mundo os maltrataõ, e afrontaõ. Apartouse o Santo, offerecendo a dór, e a injuria ao Bom Jesus á conta das que elle padeceo pór nós tambem entre os seus, e das mãos dos seus. E alegrandose em sua Alma de ter cumprido com a obrigaçaõ de advertir o desencaminhado Vigario, que estava vivo, e tornava pera sua Igreja; mas muito mais, de achar maior merecimento em riba de Vizella, que o peregrino Aleixo em Roma. Porque Aleixo, inda que tambem desconhecido dos seus, naõ faltou huma escada pera se agasalhar, e raçaõ quotidiana pera viver: Mas o nosso sobre falta de paõ, e desconhecimento de quem lhe devia servillo como a pay, levou em sima pancadas.

CAPITULO III.

Entende o Santo em prégar, e ensinar o povo d'Entre Douro, e Minho: Levanta huma Ermida sobre o Rio Tamega: Toma o Habito de S. Domingos por hum mysterioso meyo.

ACudio a Divina Providencia ao Santo Abbade na perda, que por seu amor teve da sua Igreja, e casa, com o cumprimento do Centuplum, que no Santo Evangelho promete o Verbo Eterno aos que por elle alguma cousa deixarem. Pola administraçaõ de Sam-Payo, entregoulhe naõ menos, que a de todo Entre Douro, e Minho. Eis aqui como em suas promessas vence sempre a medida de nossos dezejos. Por huma só Igreja, mais de mil Igrejas. Desdaquella hora, como se toda a Provincia estivera á sua conta, começou a corrella, andando de lugar em lugar, e prégando em todos, sem deixar nenhum. Era o tempo miseravel em desconcerto de vidas, e cegueira nas cousas da Fé. Foy sua préga-

çaõ tocha pera as ignorancias; norte, e guia pera desviar dos perigos da culpa, e encaminhar os peccadores pera o Ceo. Ensinava, e allumiava, como pay zeloso, a filhos amados. No meyo destes cuidados tomava como ferias alguns dias pera sy. Buscava lugares solitarios, em que désse pasto ao Espirito de Divinas contemplaçoens. Era naquella idade verdadeiro deserto todo o sitio, e Comarca, onde hoje he a Villa d'Amarante, sitio naõ só ermo, por apartado da gente, e povoado; mas temeroso por altura de montes, profundeza de valles, aspereza de penedia, e matas espessas, e sobre tudo pola corrente impetuosa, e escura, com que profundamente lhe lava as raizes o Rio Tamega, entallado aqui com outras montanhas da parte contraria, igualmente dependuradas, e agras, e que fazem crer, a quem está sobre ellas, que naõ póde aver divisaõ, nem corrente de agoas em meyo. Acrescenta horror a vista da empinada Serra do Maraõ, que cuberta de neve, grande parte do anno, parece ficar pendente sobre as cabeças. Neste posto se escondia, e achava sua Alma tanta consolaçaõ (devia ser com a lembrança de outros semelhantes, que vira nos desertos de Pelestina, e ribeiras do Jordaõ) que veyo a edificar nelle huma piquena Ermida, que dedicou á Virgem Mãy de Deos, pera o lograr mais de assento, quando pudesse. Aqui se empregava todo em seus antigos, e costumados exercicios de Maria, vingavase do corpo com disciplinas, e abstinencia, voava com a Alma ao mais alto dos Ceos. Mas naõ se esquecendo da obrigaçaõ de Martha, que pera o tempo tinha por muito necessaria, tornava a trabalhar na prégaçaõ, e doutrina.

Passado algum tempo (como os Santos, quanto mais Santos, tanto menos fiaõ de sy) veyo a dezejar entender, se agradava a Deos naquelle genero de vida, que fazia, ou se o poderia servir, e agradar mais em outro. Pera este fim, sobre suas ordinarias penitencias, dizem, que ajuntou huma Quaresma, jejuada toda a paõ, e agoa, e orando com mais fervor no ultimo della, que era a noite da Sagrada Resurreiçaõ, dava os parabens á Virgem Mãy, dos gostos, que lhe aviaõ de amanhecer com o Filho resuscitado, e á conta delles, como a tinha tomado por sua Avogada no requerimento, lembravalhe, que era dia de fazer merces, dia de alegrar a todos. E pedialhe despacho. Eisque subitamente lhe fere nos olhos huma luz muito mais clara, que a do Sol, e com ella se lhe representa a mesma Virgem, sobre a parte direita do Altar, dizendolhe com alegria, e benignidade de mãy, que a vontade de seu filho era, que entrasse em Religiaõ regular, e fosse aquella, em que quando se rezava o seu Officio ordinario, começava o Coro em todas as Horas com a Saudaçaõ Angelica: *Ave Maria, gratia plena, &c.* e com a mesma lhe dava fim. Que era Religiaõ, que ella favorecia, e honrava muito; e lhe fazia a saber, que nella acabaria a vida mortal, e hiria gozar da Eterna. Boas novas, e alegre Paschoa teve o Santo com tal vista,

vista, e tal reposta. E porque do mandado meyo enigmatico tirava, quererlhe o Senhor dar novo merecimento de peregrinar em busca da Religiaõ sinalada, naõ tardou em começar a fazer diligencia. Foyse logo discorrendo por todos os Mosteiros d'Entre Douro, e Minho, procurando alcançar, que ordem avia em cada hum na reza do Officio da Virgem: Em huns perguntava, em outros assistia. Tendo corrido muitos, e naõachando nenhum, que levasse a ordem, que a Senhora lhe tinha dito: Porque todos começavaõ *Domine labia mea aperies*, *&c.* e acabavaõ com, *Benedicamus Domino*: *Deo gratias*: Entrou em cabo de muitos dias, e muitos passos dados na Villa de Guimaraens, e foyse buscar como pobre o gasalhado do Hospital. Residiaõ já neste tempo nelle, e de alguns annos atraz, os Frades de S. Domingos, que como temos dito em outra Parte, o tiveraõ por morada taõ propria, e de tantos annos, que dahi lhe ficou o nome de Hospital de S. Domingos. Notou o Santo Habito, e Ordem, que ainda naõ tinha tratado de perto. Alvoroçouse por ver, se acharia entre elles o que até entaõ naõ tinha encontrado. Soube, que com serem poucos, viviaõ com governo, e concerto de perfeita Communidade. Esperou, que fosse meya noite, pera ver, e ouvir, como rezavaõ. Aqui lhe amanheceo outra Paschoa de nova consolaçaõ, que dando remate a seus cuidados com a soltura, e declaraçaõ, que tanto dezejava, do enigma da outra. Porque vio, e ouvio, que juntandose os Frades ao Officio quotidiano da Senhora, começaraõ todas as Horas da noite, e dia, que a todas assistio, polo principio da Saudaçaõ Angelica, e com ella lhe deraõ fim. Prostrouse entaõ diante do Altar da Senhora da Oliveira, em graças de lhe mostrar em sua Casa, o que lhe mandara buscar. E todavia perplexo, se averia outra Ordem, das que naõ tinha visto, que usasse a mesma ceremonia. Affirmase, que foy advertido por hum Anjo, que esta era, a que a Sagrada Virgem lhe significara, e queria. Deposta toda a duvida com tal advertencia, pedio logo o Habito. Terçavaõ polo Santo suas veneraveis cãas, e huma grande composiçaõ de rosto, e olhos com a fama, que o acompanhava de muita virtude, foy recebido.

P. 1. l. 4. c. 12.

A honra de receber tal filho a Ordem, daõ em conformidade de quasi todos os Escritores modernos a S. Pero Gonsalves Telmo, que a mór parte de sua vida deu a estas terras d'Entre Douro, e Minho: E nesta Villa, e Hospital residio muito tempo. E naõ he prova pera desprezar a semelhança, que em ambos ouve de virtudes, e obras: ambos espantosos por numero, e grandeza de milagres, em vida, e morte: ambos fabricadores animosos de grandes pontes, edificios pertencentes a braço de Reys poderosos, mais que ás forças de homens particulares. Assi parece, que tal filho naõ podia ter outro pay, se polos effeitos do Espirito ouvermos de julgar hum, e outro, ao modo, que nos rostos humanos polo retrato do filho collegimos a figura, e parecer do pay.

Fr. Francisco de Castilho p. 1. l. 2. c. 23. & 62. Fr. Ant. de S. Dom. na Cron. de S. Doming. Cron. abreviada da Ord. impres. em Sevilha. Fr. Joaõ de la Cruz na Cron. da Ord. Fr. Vicente Justin. Antist. na Vida de S. Gonsalo c. 8. § 1. Mariet. p. 2. l. 12. c. 4. dos SS. de Espa-

O

nha. M. Fr. Nicol. Dias. DuarteNun. de Liaõ na deſcripç. de Portugal c. 46. f. 77.

O anno precioſo, em que tomou o Habito, naõ dá nenhum Autor. Culpa da antiguidade pouco ambicioſa de deixar memorias: E tambem da falta, que entaõ avia entre nós, de quem eſcreveſſe. O que deu occaſiaõ a muitos enganos, e ao atrevimento, de quem ſem rezaõ ſe queria aproveitar, ou apropriar eſte Santo, e tirallo á Ordem de S. Domingos. Mas o que ſe colhe com fundamentos certos, e ſem duvida he, que o Santo veyo á Religiaõ antes do anno de 1251. Porque neſte faleceo o Santo Pero Gonſalves, que lhe veſtio o ſanto Habito. E naõ obſta dizerſe, que nem entaõ, nem muitos annos depois tivemos Convento em Guimaraens. Porque com iſſo eſtá, que tinhamos o Hoſpital por Convento, como atraz ſe tem apontado. E permitia a ſingeleza dos tempos, e a grande Religiaõ daquelles primeiros Padres, ſerviſe dos Hoſpitaes, e caſas particulares, em falta de Moſteiros pera receberem á Ordem os que achavaõ dignos: Do que he baſtante exemplo, inda que ſeja repetir o que por ventura temos já dito em outra Parte: O famoſo S. Raymundo, que em Barcellona recebeo o Habito em caſa de Pedro Grunio nobre Cidadaõ, que agaſalhava os Frades, e os teve comſigo, até que lhe foy dada a Igreja de Santa Catharina Martyr, em que fundaraõ o Convento, que hoje poſſuem. Da meſma maneira foraõ recebidos em Paris muitos ſogeitos de importancia, eſtando os noſſos Frades, que os recebiaõ, em hum Hoſpital publico: Onde reſidiraõ, em quanto lhes tardou a Igreja de Santiago, onde depois levantaraõ ſeu Convento. O qual coſtume ſe confirma tambem com a nota das Bullas de privilegios, que os Summos Pontifices entaõ paſſavaõ a eſta Religiaõ, que faz mençaõ, naõ ſó de Moſteiros, Igrejas, e Oratorios; mas tambem de Caſas particulares, e Hoſpitaes.

1251.

Tratado o bom velho de perto, viraõſe logo tantas moſtras do Eſpirito do Senhor, que nelle morava, que o Prelado, tanto que lhe fez ſua Profiſſaõ, que ainda entaõ naõ tinha a eſpera de anno de Noviciado, como agora, ordenou, que tornaſſe por obediencia ao trabalho de ſuas prégaçoens, que dantes por devaçaõ exercitava. E naõ falta quem diga, que foy por ſeu companheiro o Santo Frey Lourenço Mendes, de quem temos eſcrito no Convento de Guimaraens. Entaõ deſcobrio o Senhor, quanto ſe aventajaõ em valor, e merecimento as obras, que os Religioſos fazem por obdiencia a todas as que ſaõ eſpontaneas, e arbitrarias. Porque ſendo huma meſma prégaçaõ a preſente, e a paſſada, os meſmos conceitos, e palavras em todo tempo, honrou a ſeu ſervo na preſente com maravilhas nunqua viſtas, que logo diremos.

Caſtilho p.1.l. 2.c. 62. Antiſti na Vida de S. Pero Gonſal. c. 8. §2.

P.1.l.4.c. 17.

CA-

CAPITULO IV.

Começa o Santo a prégar depois de Professo na Ordem de S. Domingos: Dasse conta da fabrica, que emprendeo da Ponte d'Amarante.

A Primeira, e maior maravilha, que o Santo fez, depois que tornou, mandado ao seu antigo ministerio de prégar, foy a obra da Ponte d'Amarante sobre o Tamega: obra que pera muitos povos juntos fora de grande carga, e pera hum Rey parecera muito custosa, quanto mais pera hum pobre Frade, que de seu naõ tinha mais que o Breviario, em que rezava. O emprego mais ordinario, que o Santo fazia de sua doutrina, inda que muitas vezes se estendia a outras partes, era nas terras, e Comarcas vizinhas á sua Ermida; ou porque achava a gente mais devota á sua doutrina, ou porque a sentia della mais necessitada. Prégava, ensinava, trabalhava sem descançar. Mas como ardia em fogo de santa caridade, dohialhe muito ver, que os que viviaõ alem do Rio, quando vinhaõ buscar o pasto santo da palavra de Deos, ou lhes tolhia a passagem a corrente impetuosa das agoas; ou arrebatava os que temerariamente cometiaõ o váo, e perdiaõ muitos a vida; foy imaginando lançar huma ponte, em que sem perigo se pudessem communicar os vizinhos, e a terra toda. Mas como poz o pensamento em pratica, inda que toda a Comarca o seguia, amava, e estimava, ninguem ouve, que lho aprovasse, ninguem que o naõ tivesse por materia de riso: Obra do Ceo, e com milagre se podia esperar acabarse. Ajuda Deos, diziaõ, os animos grandes, e os animosos; mas naõ temeridades nem temerarios: Hum Rio de muitas agoas, e arrebatada corrente, a despesa sem conto, os edificadores, que haõ de ser os vizinhos, pobres, e sem forças de dinheiro, nem fazenda, e mais pobre, que todos, quem se atreve a fallar em tal obra: Em que ha de parar, se naõ em ficarem alicesses abertos, e principios fundados, e nelles levantado hum como padraõ, e memoria perpetua de nossa ignorancia, que, sem fazer conta com a bolsa, quizemos cometer impossibilidades. Naõ acovardava nada o Santo, porque tinha a confiança em Deos, e a elle queria só por Mestre, e fabricador da obra, como fora autor do pensamento: Sem fazer caso de inconvenientes, junta Architectos pera a consulta do lugar mais acomodado. Assentavaõ todos com boas rezoens, que se edificasse em huma paragem, onde o Rio sofria váo algum tempo do anno. He o lugar por sima d'Amarante junto a huma Ermida, que pola mesma rezaõ se chama Nossa Senhora do Váo. Porém o Santo depois de os ouvir, mandou, que se naõ tratasse de outro lugar, senaõ o em que tinha a sua Ermida. E naõ falta quem diga, que ouve pera isso revelaçaõ Divina. Parece, que queria o Senhor mostrar seus poderes em honra do seu servo. Porque todo o homem de bom juizo achava segunda impossibilidade na escolha do tal posto: Montanhas altas de huma parte,

parte, e outra, pendentes ſobre o Rio, alcantilladas, e fragoſas, ſerviço trabalhoſiſſimo, e de cuſto dobrado, terra ſeca, eſteril, e falta de tudo. Em fim naõ eſpantando nada o Santo, deuſe principio á fabrica: E logo ſe começou a ver quaes eraõ as forças, em que eſtribava ſua confiança, que era o braço Divino, que tudo póde. Foy principio hum inſtincto, e movimento do Ceo, que aballou toda a Comarca ao perto, e ao longe, acudindo, e procurando todo o homem ajudalla com o que cada hum podia: Os pobres com ſerviço peſſoal, os ricos com os criados, alem de largo provimento de paõ, e vinho, e outras eſmollas: Era povo ſem numero, e trabalhavaſe muito, e enxergavaſe no feitio quanto podem muitos braços, e muitas mãos juntas. Mas fazia laſtima, que quanto mais ſe procedia, tanto maiores difficuldades ſe deſcobriaõ. Era neceſſario pera ſegurar os aliceſſes, lançarlhes lageas, como meyos montes. Excedia iſto nas forças. Porque faltavaõ inſtrumentos, e machinas pera tal ſerviço neceſſarias: a diſpoſiçaõ do ſitio aſperiſſimo, e muito dependurado difficultava tudo. Começou a gente a deſconfiar, e logo a afroxar no fervor, e hir largando o trabalho. Aqui ſe moſtrou ſegundo ſinal da maõ Divina. Eſtava cortando hum penedo de deſmeſurada grandeza, acudio huma quadrilha dos mais esforçados, moços, membrudos, fortes, e agigantados, quaes aquella idade os criava, puzeraõlhe as mãos, e boa vontade; tal era, que nem aballallo puderaõ, e avia quem julgava, que nem quatro ſingeis de boes o moveriaõ. Vio o Santo o que paſſava, e tinha notado o deſgoſto, que hia entrando em ſeus obreiros chamou por Deos em ſeu coraçaõ, chegouſe á pedra, pozlhe as mãos, dizendo alegremente, pera eſta hum velho baſta; e foya rodeando com facilidade; e levoua ſó a tombos ao lugar onde avia de ſervir. Ficaraõ ſuſpenſos de paſmados quantos andavaõ na obra. Olhavaõ huns pera os outros, e naõ criaõ o que viaõ, fazendo Cruzes de atonitos, vendo tal força em hum velho, que nem ſobre hum bordaõ podia bem levar os membros cançados. Julgavaõ o caſo por couſa de encantamento; porque naõ tinhaõ inda viſto milagres. Mas logo começou a carregar ſobre os hombros peſos tamanhos, que ſó parecia querer fazer a Ponte toda. Bendito edificio, que naõ teve ſó eſte Santo por Fundador, e Architecto; mas tambem por ſervidor de mãos, e como jornaleiro. Eſpalhouſe a nova, correo por todo Entre Douro, e Minho. Acarretava bandos de gente a curioſidade, e naõ avia homem covarde com tal trabalhador diante. Aſſentando já claramente, que Deos era o que dava aquellas forças, e Deos o que lhes fazia a ſua Ponte. Aſſi ſe cubriraõ aquelles montes de trabalhadores, querendo todos poder dizer, quando tornaſſem ás ſuas terras, que tiveraõ parte, e merecimento no edificio, e juntamente gozarem da viſta, e maravilhas do Santo. As quaes Deos foy ſervido acreſcentar de novo com tanto maior eſtranheza de ſucceſſos, quanto era maior

maior o numero das teſtemunhas, e olhos, que as viaõ. Hiremos dizendo algumas mais particulares, que ficaraõ em memoria.

Pareceo ao Santo, que devia ajudar aquelles pobres, que deixavaõ o ſerviço de ſuas fazendas polo bem publico, e polo acompanharem, ao menos com alguma couſa de ſuſtentaçaõ, que os allentaſſe. Foyſe hum dia polos lugares vizinhos, a ver ſe podia juntar alguma eſmolla, depois que a fabrica hia creſcendo, e luzindo. Achou na praça de huma Villa hum homem, que lhe apontaraõ polo mais nobre, e mais abaſtado della. Chegouſe a elle, pediolhe com humildade huma eſmolla pera comprar algum remedio, com que conſolar os ſeus trabalhadores. Devia ſer naquelle tempo o prato, e paſto de todas as converſaçoens, ou murmuraçoens o feitio da Ponte, como couſa geralmente reprovada por impoſſivel. Armouſe de fingimento, reſpondeo com corteſia, que por eſtar naquelle lugar, e naõ trazer dinheiro comſigo, lhe daria hum eſcrito pera ſua molher partir com elle do que ouveſſe em caſa. Chegouſe logo a huma porta, fez ſobre o joelho duas regras em hum pedaço de papel, finandoſe de riſo elle, e outros, que o acompanhavaõ. Naõ coſtumaõ os pobres, quando lhes daõ o que pedem, duvidar nos modos: E ſe ſaõ virtuoſos, de nada julgaõ mal. Tomou o Santo o eſcrito, foyſe preſentallo á molher. Abrindoo ella, Padre, diſſe, naõ he boa letra de cambio a que trazeis; ledea, vereis o que vos manda dar: folgara eu que fora muito. Lido o eſcrito, eraõ as palavras. *Dareis a eſte Frade innocente pera a ſua Ponte tanto dinheiro, quanto peſar eſte papel.* Naõ ſeja eſſa a duvida, tornou o Santo, ſe determinais cumprir o mandado: Venhaõ balanças, e dinheiro, que eu me dou por ſatisfeito, com o que a letra diz. Acudio toda a caſa ao peſo, parecendo pura ſimplicidade. Mas foy o Senhor ſervido dar tal virtude áquelle papel, que, lançandoſe muita prata na balança contraria, aſſi a levava polos ares, como ſe o papel fora chumbo, e o dinheiro papel. Em fim rendeolhe a graça huma valente eſmolla com eſpanto, e naõ deſgoſto, de quem lha peſou, que era Matrona virtuoſa, e ſoube conſiderar, e eſtimar o ſucceſſo tanto, como ficou corrido o marido, depois que o ſoube.

Outro dia foyſe a caſa de huma Senhora, que polas memorias, que temos, ſe chamava Dona Loba: E dizem, que morava no lugar de Gundar, que naõ he longe donde ſe fazia a Ponte: E pediolhe por eſmolla huma junta de boys pera ſervirem alguns dias na obra. Reſpondeo a Senhora por motejar delle, e da Ponte, que muitos trazia no monte; ſe deſſes quizeſſe, mandaſſe por elles. Era o caſo, que trazia grande criaçaõ na Serra do Maraõ, porém todo gado bravo, e naõ domado. Naõ quiz o Santo uſar de outro miniſtro, ſóbe á Serra, buſca o gado, dá com touros bravos, e ferozes, chama por dous; aſſi ſe vieraõ a elle, como ſe foraõ cordeiros; aſſi tomaraõ o jugo, e ſerviraõ no trabalho, como ſe toda a vida o tive-

tiveraõ em costume. Descobre o alto da Serra huma cabeça calva, como coroa de lagea continuada, na qual desde aquelle dia até hoje ficaraõ profundamente impressas humas rodadas de carro, que saõ buscadas, e veneradas dos passageiros por memoria deste milagre; porque ficou em tradiçaõ, que quando o Santo chamou os touros, naõ se fiando delles os vizinhos da Serra, como ignoravaõ o mysterio, puzeraõlhe o jugo de hum carro bem carregado de penedos; e foy Deos servido, que na maior dureza do seixo seco, e ferrenbo ficassem entalhados, e abertos os sinaes das rodas, que naturalmente se naõ podiaõ fazer, senaõ á força de escopro, e massa; pera mostrar, que quem amançara os touros, era o mesmo, que fazia de cera os penedos, pera se imprimirem nelles as rodas do carro, que levavaõ. Mas naõ pararaõ aqui os prodigios desta ponte: com outros muito maiores acreditou o Senhor a seu Servo: fiquem pera o Capitulo seguinte.

CAPITULO V.

De outras maravilhas, que o Senhor obrou em honra do Santo, antes, e depois de dar fim á Ponte.

CRescia grandemente a obra com o cuidado, e trabalho do Santo, e com as muitas mãos, que cada hora acudiaõ de novo. E com tudo perseverava igualmente a murmuraçaõ, e incredulidade de muitos, que com verem a fabrica em estado, que claramente prometia bom fim, todavia se desmentiaõ a sy mesmos, negando credito ao que seus proprios olhos lhe mostravaõ. Tanto póde o vicio, e o máo habito delle. Desta incredulidade, e malicia, que tudo era, podemos cuidar, que nasceo querer Deos confundillos com novos, e espantosos milagres, como fez em outro tempo aos filhos de Israel no deserto. Viaõ seguillos huma fonte perenal por meyo dos areays, e montes ermos: Viaõ choverlhes cada dia do Ceo hum tal pasto que igualava em sabor, e gosto á vontade, e appetide de quem o comia. E com tudo, bem he verdade, diziaõ, que nos tem provido Deos com paõ, e agoa em abundancia: Mas naõ basta isso pera crermos, que poderá pórnos mesa de carnes no deserto. Quasi o mesmo aconteceo nos vizinhos d'Amarante. Viaõ o poder de Deos nas pedras, que o Santo aballava, e nas que tomava ás costas, e sobre seus hombros, que muitos homens naõ podiaõ mover, ou dando forças de gigante a hum velho, quasi decrepito, ou tirando o peso natural áquellas lageas. Viraõ, que dava peso a hum retalho de papel, pera alevantar a balança carregada de dinheiro. Viaõ andar touros bravos contra sua natural fereza debayxo do jugo. E por estes meyos, que os cegos podiaõ notar serem do Ceo, subir a fabrica em grande altura. E todavia inda davaõ lugar a discursos humanos, inda zombavaõ, e duvidavaõ do remate: Entaõ acudio Deos por sua honra, e pola reputaçaõ do servo fiel, da maneira que logo veremos, como fez com os incredulos do deserto:

ferto: Só com efta differença, que lá deu carnes; mas juntamente caftigou a defconfiança: cá tudo foraõ mifericordias, e branduras.

Tinha confumido a grande multidaõ dos que trabalhavaõ todo o vinho da Comarca, e começavafe a fentir falta; porque os que o traziaõ por genero de grangearia, como tinhaõ defpejadas as adegas ao perto, naõ fe atreviaõ a hir bufcallo ao longe; porque lhe ficava fendo de muito cufto, e pouco proveito por rezaõ do carreto. Foy crefcendo a neceffidade de forte, que avia muito defcontentamento na gente, e fentiafe na obra, polo pouco que adiantava. Acudio o Santo ao remedio de todos os feus trabalhos, que era a Oraçaõ. Subiofe ao monte, como outro Moyses: Lançafe por terra, propoem a neceffidade com brados d'Alma, que penetravaõ até o Confiftorio Divino. Lembra ao Senhor, que a obra era fua, porque em fua confiança a começara, com feus favores procedia, á fua honra pertencia naõ ficar por acabar, eftando tanto ao diante, fe quer porque naõ ficaffem triumfando, os que chamavaõ temeridade, e defatino, o que fora mandado do Ceo, e ordenado pera remedio de pobres na terra. Levantoufe alegre, e cheyo de fanta confiança, e como quem bate á porta de vizinho, pera pedir alguma coufa, toca com o bordaõ na rocha, e mandalhe que da parte de Deos dê de deber áquelle povo. Divino poder, efpantofo, e peregrino milagre! No mefmo ponto, que o penedo foy tocado, abrio das entranhas huma copiofa fonte, que regando a terra fe dava a conhecer em cor, e cheiro por preciofo vinho. Chama o Santo feus obreiros, mandalhes, que o aproveitem, e fe aproveitem. Foy grande a fefta, grande a alegria (que a maior do povo fempre confifte em aver fartura) e foy mais, quando fe vio a prova, que excedia no fabor e bondade, com vir do centro da terra, o melhor, que lhes davaõ as fuas vinhas: Em fim como licor milagrofo. E todavia o Santo, como fe correra de alguma cuba, depois que cada hum tomava o que avia mifter, mandava tapar a bica com feu torno: O que devia fazer, ou pera credito da myfteriofa adega, ou pera tirar occafiaõ a fe beber mais do neceffario. Voou pola terra com azas de efpanto a fama da fonte. Ajuntou tanta gente á conta de verem o milagre, e gozarem da abundancia, que a fabrica tornou a correr com grandes ventagens.

Aconteceo depois, com mudança de tempo, entrar huma invernada de muitos dias, e tantas agoas, que o Rio engroffou demafiadamente, e de turvo, e barrento, naõ avia quem delle pudeffe beber. Era fó defgogo, naõ força. Porque a fede, quando aperta, naõ recea agoas envoltas. Mas tambem efte quiz remediar o Santo, chamou polo Senhor da terra, e Ceo: pediolhe agoa clara, para que feus fervos naõ danaffem o que de fua mifericordia bebiaõ excellentiffimo, aguandoo com o lodo do Rio. Eisque tocando a rocha com o conto do bordaõ, começa a eftilar hum fermofo torno de agoa clara, e bella, que defdaquella hora até o prefente

corre da meſma maneira. E porque he publico o ſucceſſo de ſua origem, que foy eſte, que contamos, muita gente devota a leva pera ſeus doentes, e affirmaõ, que he ſalutifera no uſo, como foy milagroſa no naſcimento. Pola meſma rezaõ he viſitada de todos os Romeiros, que com devaçaõ a bebem, e poem nos olhos. O ſitio deſta fonte he por baixo da Ermida do Santo, e fica ſobre o Rio na margem direita delle. Naſce na chapada da rocha, guarnecida hoje de hum frontiſpicio de pedraria bem lavrada, que abre tanto, quanta he a largura de hum tanque, que recebe as agoas, e de duas entradas de bom lageado com ſua guarda do meſmo, que eſtaõ feitas pera a fonte de huma, e outra parte do tanque. Deſceſe a ella da parte do Moſteiro por huma comprida eſcada de cantaria ſobre o frontiſpicio, em meyo delle parece huma Imagem lavrada de alabaſtro, que repreſenta o Santo, e no ſeu Habito Dominico, e huma letra latina, pouco polida no eſtilo, e no ſentido. Deve ſer pouco menos antiga, que a fonte. E diz aſſi:

Gonſalae o Sanctiſſime,
Quos paſcis hic ampliſſime,
Nos terge à piaculis
Hoc fonte, & miraculis.

Como ſe diſſera: S. Gonſalo Santiſſimo, alimpainos de culpas, e peccados, com eſta fonte, e com voſſos milagres, aſſi como com ella, e com elles nos dais abundante paſto.

Foy a meſma invernada cauſa de aver tormentas no mar, e naõ hirem os peſcadores ao alto: com que veyo a faltar provimento de peixe, que de ordinario acudia á Ponte, polo muito gaſto, que avia. Naõ ſofria o Santo, que lhes faltaſſe nada. E eſtando hum dia ſentido de ver, que era forçado paſſarem a paõ ſeco, por ſer dia dos que a Igreja obriga a fazer abſtinencia, levantouſe apreſſadamente, deſce ao Rio ſeguido de alguns, que ſempre o acompanhavaõ: Poſto á borda d'agoa, faz o ſinal da Cruz ſobre ella, ſenaõ quando começa a ferver o Rio em cardumes de peixe, que ſe vinha á praya hum ſobre outro com tanta preſſa, que parecia, quererlhe beijar os pés. Mandou entaõ tomar tanta quantidade, quanta pareceo baſtante pera a neceſſidade: E lançandolhe a bençaõ, deſpedio os que ficaraõ. Eſta peſcaria lhe aconteceo fazer algumas vezes. Aſſi naõ ha que eſpantar, que obra ajudada do Ceo com tanta evidencia chegaſſe brevemente á ſua perfeiçaõ. Vioſe acabada, quando menos ſe cuidou, huma Ponte de grande machina, e altura, e largura, e de muito comprimento, porque como ſobe tanto em alto, que tem do pé do Cruzeiro, que eſtá no meyo della, até a primeira face d'agoa, ſetenta, e ſinco palmos contados, e medidos, a retirada, e largura, que os montes fazem de huma, e outra parte, he cauſa, que pegando a Ponte em ambas, fique muito mais eſtendida. Tambem a firmeza, que

moſtra, avendo quaſi quatrocentos annos, que he fundada, nos dá bons indicios das maravilhas de ſua fabrica; porque em tamanha antiguidade naõ ſe vê nella couſa, que ameace ruina, nem moſtre velhice. Mas naõ he rezaõ, que nos fique por dizer o que aconteceo aos jornaleiros, quando foraõ deſpedidos. Contaſe por certo, que quiz cada hum levar do bom vinho, que a Serra milagroſamente lhes communicava, foſſe curioſidade, ou devaçaõ, ou querer levar provimento pera o caminho, aperceberaõ ſuas vazilhas, peſandolhes, por ſerem piquenas. Por taõ certa tinhaõ a proviſaõ coſtumada; mas acharaõſe enganados. Porque a fonte do vinho eſtancou juntamente com o trabalho. Acabada a obra, naõ deitou mais gota, ficando até hoje pera ſinal da maravilha aberta na pedra dura a boca, por onde eſtillara.

Naõ viveo o Santo muito tempo, depois que deu fim á Ponte. Por iſſo naõ ha couſas, que contar de importancia, até que Deos o chamou pera ſy. Salvo huma naõ menos eſpantoſa que todas as mais ſuas, que diremos brevemente. Tornou a prégar, como fazia primeiro, e correr a Comarca. Chegou a hum lugar, onde foy advertido, que eraõ pouco temidas as armas da Santa Madre Igreja, que ſaõ as excommunhoens. Porque avia homens, que como naõ viaõ, nem ſentiaõ no corpo o mal, que cauſaõ nas Almas, naõ ſó viviaõ deſaſſombradamente eſtando excommungados, mas diziaõ, que naõ avia que temer de couſa, que naõ quebrava oço. Prégava na praça, e depois de ter dito muito contra taõ diabolica lingoagem, afeando a cegueira, e declarando a infedilidade, notou com ſentimento, e magoa, que fazia pouco effeito no povo. Eisque ſe offerece paſſar á viſta huma molher com hum taboleiro de paõ, tirado daquella hora do forno. Chamoua, e continuando a materia: Quero, diſſe, que vejais por voſſos olhos neſte paõ alguma ſombra dos males, que faz em qualquer Alma huma ſentença de excommunhaõ, quando ha homem taõ deſaventurado, que nella ſe deixa encorrer. E logo começou com eſtas palavras contra o paõ: Eu Frey Gonſalo da parte de Deos, e da Santa Madre Igreja de Roma excommungo, e hey por excommungado todo eſte paõ. Naõ ouve homem em toda a praça, a quem ſe naõ arrepiaſſem os cabellos de paſmo, e medo do que viraõ. Naõ eraõ bem acabadas as ultimas palavras do Santo, quando cada paõ daquelles, que eraõ muito alvos, e fermoſos, ſe tornou feo, e negro, e nem mais, nem menos, que outro tanto pedaço de carvaõ. Proſeguindo outra vez dizia aſſi: Abri, irmãos, os olhos, e os entendimentos; naõ he nada o que vedes, em comparaçaõ do miſeravel eſtado, em que fica o homem, depois que ſobre elle cahe a excommunhaõ: que ſe eſta pobre compoſiçaõ de maſſa, contra quem naõ foy ordenado o rigor deſta ſentença, aſſi a ſente, que de mimoſa, e bella, eſtá, como vedes, medonha, e aſqueroſa, que ſerá de huma Alma, ſobre quem diretamente cahe ſeu inviſivel poder? Por iſſo a Santa Igreja,

quan-

quando falla nesta materia, usa do termo de fulminar, que he o mesmo, que despedir rayos, e coriscos do Ceo. Obedece o Ceo ás palavras de S. Pedro, e dos Prelados, que o saõ em seu nome, e estaõ em seu lugar, manda invisiveis coriscos, que fazem espiritualmente nas Almas a mesma obra, que vedes fazer cada dia, os que descem das nuvens, nas cousas corporaes. Passa o rayo pola espada, deixa o aço moido, e feito pó, fica a bainha sãa. Se porque o corpo, e ossos, que saõ a bainha d'Alma, naõ tem sentimento do que passou no ferro, que he a Alma, tendes em pouco seu dano; cahi na conta do desatino, que he fazer muito caso do bem de hum corpo, que á manhãa se ha de tornar em pó, e cinza: e pôr de traz das costas o remedio d'Alma, que he eterna, e eternamente arderá nos Infernos, se deste laço a naõ livrais. E pera que vejais quanto ganha quem com humildade busca os meyos santos da absolviçaõ, esperay hum pouco. Pedio logo, que lhe trouxessem da Igreja hum hysope de Agoa Benta: burrifou com elle o paõ, pronunciando as palavras, com que a Igreja absolve os excommungados: No mesmo momento tornou todo á sua primeira alvura. Deste mesmo meyo lemos, que se aproveitou muitos annos depois o Santo Arcebispo de Florença Santo Antonino Frade nosso, pera tirar de semelhante erro alguns subditos. E saõ bem dignos de memoria dous casos neste argumento succedidos, de naõ muitos annos atraz, que por peregrinos, e extraordinarios merecem pera nossa doutrina eterna lembrança. E saõ os seguintes.

He Freguesia antiga na Cidade de Valledolid em Castella a Igreja da Magdalena. Succedeo desaparecer della a hum Beneficiado o Breviario, que pera rezar suas Horas trouxera de casa. Como naõ sahira da Igreja, suspeitou, que lhe fora furtado. Acudio ás armas Ecclesiasticas, tirou carta de excommunhaõ, e publicoua. Avia junto da porta principal huma arvore silvestre, que com ramos dilatados, frescos, e verdes fazia copa, e sombra, estimada por isso, e consentida de longos annos em tal lugar, e tantos, que de velha era occa. Esta começou subitamente a perder a graça da verdura, foylhe caindo a folha, e em fim secou de todo. Fizeraõse remedios pera tornar, esperouselhe tempo, pareceo que acabara, como tudo, naturalmente. Trataraõ entaõ os Clerigos de se aproveitar della pera o fogo. Chamaõ piaens, poemselhe o machado. Cahe o tronco em pedaços, e lança das entranhas o Breviario perdido. Foy grande a festa dos Beneficiados com o achado; mas naõ menos o espanto. Porque cahiraõ, que desda hora que fora publicada a carta de excommunhaõ, contra quem tinha o Breviario, começara a pobre planta a definhar, e se fora perdendo, e secando, e finalmente veyo a pagar a ociosidade d'algum travesso, que lho lançou no vaõ do tronco.

O segundo caso foy nas terras de Congo, Provincia da Ethiopia Occidental. Era Bispo da Ilha de S. Thome, e Congo D. Martinho de Ulhoa Religioso

ſo da Ordem Militar de Chriſto: em huma hida, que por viſitaçaõ fez ás terras de Congo, achou peccados taõ graves em peſſoas de grande qualidade, que ſe ouve por obrigado a caſtigallos com os poderes Eſpirituaes da Igreja. E porque temia a força dos delinquentes, ſahioſe da terra, veyo demandar o Porto de Pinda pera ſe embarcar. Como ſe vio em lugar deſaſſombrado, e ſeguro delles, pronunciou contra todos ſua ſentença, declarandoos ſolemnemente por publicos excommungados diante de muito povo, que o ſeguia como a ſeu Prelado. E acreſcentando por remate, que ſuas peſſoas, e até ſuas fazendas da parte de Deos amaldiçoava em nome de huma fermoſa árvore, que tinha defronte, chamaõlhe na terra Liconde. Foy couſa ſuccedida á viſta, e olhos de grande numero de gente. No meſmo momento, que o Biſpo deu fim á publicaçaõ, ſe ſecou de todo a innocente arvore, que dantes alegrava os olhos de copada, e freſca; ficando tal, como ſe por ella paſſara rayo do Ceo. E deſde entaõ prevalece, e permanece entre aquelles Barbaros em proverbio, e memoria da maldiçaõ o ſucceſſo do páo de Pinda.

CAPITULO VI.

Do Bemaventurado tranſito do Santo: De ſuas exequias, e grandes milagres, que logo fez.

ESTava o Santo muito adiante na idade, já quando fez a Fonte. Paſſados depois poucos annos, notouſe, que faltava na continuaçaõ, com que coſtumava correr a terra prégando. Cahiraõ os homens no que poderia ſer. Foraõ alguns á Ermida, achaõ hum retrato de naõ viſto deſemparo: Jazia o Santo ſobre huma pouca de palha por cama, ardendo em febre; mas cheyo de alegria, e boa ſombra em ſeu geſto. Fez pavor, e juntamente arrancou lagrimas de laſtima o eſtado, em que achavaõ ſeu bemfeitor. Moſtrou o Santo conſolarſe com a viſita: E dizialhes, que o Senhor o chamava, e era tempo de hir; que naõ lhes pezaſſe de ſua hida: antes tiveſſem por certo, e aſſi o diſſeſſem aos vizinhos, que a todos levava n'Alma como a filhos, pera os encomendar a Deos em ſeus trabalhos, e neceſſidades, quando ſe achaſſe diante do Tribunal Divino, e com o meſmo amor, que em vida tinhaõ nelle experimentado. Eſtava já tanto no cabo, que no dia, que ſe ſeguio a eſte, chamou antemanhãa ſeu companheiro, mandoulhe, que diſſeſſe Miſſa. E recebendo de ſua maõ o Santiſſimo Sacramento, com o Eſpirito todo abraſado em amores Divinos, vio a Rainha dos Ceos, que cercada de Coros de Anjos, encheo a pobre cazinha de luz, e ſua Alma de conſolaçaõ. E chamandoo por ſeu nome, lhe dizia, que ſe foſſe com ella a receber o premio de ſeus longos trabalhos. Aſſi acabou logo. No dia naõ ha duvida, que foy aos dez de Janeiro; no anno achamos controverſia, e ſem ſe poder averiguar preciſamente: Os mais dos Autores da Ordem, que atraz vaõ apontados nas margens, concordaõ em que faleceo

1262.
Marieta p. 3. l. 12. letra G. n. 5.
Flos Sanctorum de Vilhegas.

ceo por junto dos annos de 1262. E o mesmo mostraõ sentir Marieta na Historia Ecclesiastica de Espanha, e o Mestre Alonso de Vilhegas no seu Flos Sanctorum dos Santos Espanhoes. E com elles concerta huma memoria, que temos em Lisboa na Ermida de Nossa Senhora da Oliveira, fundada no adro da Igreja de Saõ-Giaõ. Edificaraõ este Oratorio dous bons casados, naturaes da Villa de Guimaraens: E com o amor, que he ordinario em todo o homem pera com a terra de seu nascimento, achando perto, donde moravaõ, huma fonte, quizeraõ fazer em Lisboa hum retrato da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, celebre Imagem, e celebre Igreja Collegiada em aquella Villa. Tem Guimaraens junto da Igreja huma fermosa fonte com seu tanque pera uso commum. Tem a Igreja huma Imagem da invocaçaõ de Nossa Senhora da Oliveira, e muitas pinturas nella do nosso Santo d'Amarante S. Gonsalo (naõ saõ menos de tres as que hoje duraõ, em tres distinctos lugares: A saber, huma no Altar de Santa Anna, outra em hum canto do Claustro, e a terceira na Capella, que chamaõ da Misericordia) da mesma maneira deraõ titulo á Ermida da Senhora da Oliveira, e mandaraõ pintar no Altar huma Imagem de S. Gonsalo, e apoz isto compuzeraõ a fonte com seu chafaris, que corre por baixo della, e fica com a bica, e face na Rua Nova; deixando á Cidade pera senaõ perder nem a utilidade da agoa, nem sua memoria, renda conveniente, com que a tempos se reparasse; e entalharaõ na pedraria, que faz parede, e rosto ao tanque contra a rua, dous letreiros de grandes caracteres; dos quaes o primeiro diz assi: Esta sepultura he de Pero Esteves, natural de Guimaraens, o qual poz aqui esta agoa abaixo, e passou na era de mil, e trezentos. O segundo letreiro, que faz correspondencia no sitio, e Altar diz: Esta sepultura he de Clara Giraldes, natural de Guimaraens, molher de Pero Esteves, e passou na era de mil, e trezentos. Respondem estas eras ao anno de Christo de 1262. E como a Ermida, e pinturas, e fabrica da fonte com seu tanque he tudo de hum tempo, e tem a mesma antiguidade, bem provado fica, que já entaõ era falecido S. Gonsalo.

1262.

E naõ faz contra isto dizerse em hum Flos Sanctorum, que os Arcebispos antigos de Braga mandaraõ imprimir duzentos annos depois da morte do Santo, que tomara o Habito, e fizera Profissaõ no Convento de S. Domingos de Guimaraens. Sendo assi, que se naõ começou a edificar o tal Convento, senaõ do anno de 1270. em diante. Porque os Autores daquella escritura, sendo, como eraõ, seculares, e por isso ignorantes da particularidade de nossa Religiaõ, tanto que acharaõ ao certo, que entrara nella em Guimaraens, e quando escreveraõ avia já Mosteiro nosso de muitos annos, naõ se cansaraõ em apurar, e fazer a distinçaõ de vida, de cousas, e lugares, que atraz deixamos feita.

1270.

Menos obsta outra razaõ, que sobre este desconcerto fundavaõ os que nos queriaõ tomar pera sy este Santo, dizendo

do que se S. Gonsalo pera ser Frade de S. Domingos tomara o Habito no seu Convento de Guimaraens, que consta foy começado a edificar no anno de 1270., e naõ edificou a Ponte senaõ depois de alguns annos de Frade, deveraõ os escudos das Armas Reaes de Portugal, que no meyo dellas parecem em hum padraõ esculpidas, lavrar-se com a Orla dos sete Castellos, com que elRey Dom Affonso III. começou entaõ a acompanhar as Quinas: E pois se viaõ sem ellas, era final, que a Ponte, e seu Autor tinhaõ antiguidade mais alta. E por este caminho pretendiaõ fazer o Santo mais antigo que a nossa Ordem, e atrazallo aos annos do Arcebispo S. Giraldo. Mas esta rezaõ he facil de desfazer, depois que temos aclarada a confusaõ, sobre que estriba. Porque como o Santo tomou o Habito de maõ dos Frades, que viviaõ em Guimaraens, naõ em Convento inda entaõ; mas no Hospital, como se Convento seu fora: segundo fica mostrado, e antes do anno de 1251., que foy o em que faleceo S. Frey Pero Gonsalves, que lho lançou; tempo lhe ficou pera fazer a sua Ponte até o de 1260. em que naõ era nascido o Princepe Dom Dinis, que nasceo no de 1261. A cujo rogo elRey Dom Affonso Decimo de Castella, que era seu avô, largou o Reyno do Algarve ao nosso Dom Affonso III. genero seu, e pay de Dom Dinis. Por onde se deixa bem ver, que até á morte de S. Gonsalo, naõ se tinha inda juntado o Algarve a esta Coroa: E pola mesma causa faltaraõ com justa rezaõ os Castellos no escudo da Ponte.

1270. 1251. 1260. 1261.

Duarte Nun. de Liaõ na Vida de D. Affonso III.

Mas tornando á Historia; naõ tinha bem acabado de espirar o Santo, quando se encheo a Ermida, e o sitio todo á roda de grande numero de gente; convocada de huma voz, que foy ouvida por todos os lugares vizinhos, que dizia: He morto o Santo, acodi a suas exequias. Sahiaõ todos de suas casas, sem saberem, onde aviaõ de hir, até que se foy entendendo, que naõ podia aver outrem, que tanto favor merecesse do Ceo. Assi foy enterrado em sua Ermida. Amou o Santo na morte o lugar, que occupara em vida. Ou porque nelle recebera do Senhor grandes mimos, e favores; ou porque o mesmo Senhor lhe revelara, que nelle o avia de honrar tanto, que polo tempo emdiante fosse acompanhado de seus Irmãos com hum Mosteiro Real. Este genero de exequias, e sinaes, que o Ceo fez pera ellas, foy a primeira demonstraçaõ, que o Senhor quiz fazer do muito, que amava seu Servo, depois de passado da vida mortal á eterna. Mas foraõ logo multiplicando, e continuando tantas outras em casos extraordinarios de doenças, e trabalhos, que por sua intercessaõ remediava, que naõ bastavaõ livros pera receber, nem mãos pera escrever milagres, que fazia; porque eraõ sem conto: E por serem tantos, deraõ occasiaõ a que desde entaõ pera cá naõ conhece a terra d'Entre Douro, e Minho outro Avogado, nem Padroeiro pera todo genero de mal do Ceo, ou da terra. E com tanta devaçaõ he buscado, que vem de muito longe Concelhos inteiros a visitar em Procissaõ suas

ſuas Reliquias. Chamaõ elles clamor a eſte genero de ajuntamento, ou pola efficacia do requerimento, ou pola grita, com que vem requerendo. E o lugar começou logo a creſcer de ſorte, que he hoje huma das boas Villas do Reyno. Mas tornando a couſas mais antigas. Era a Ermida da invocaçaõ de Noſſa Senhora. Trocoulhe eſte titulo a continuaçaõ dos milagres, e ninguem lhe ſabe já outro, ſenaõ de S. Gonſalo. Tanto póde huma voz, e conſentimento geral do povo, que acabou huma troca taõ deſigual. E aſſi o canonizou em Santo, mais de duzentos, e ſincoenta annos, antes que de ſua Beatificaçaõ ſe trataſſe.

A meſma continuaçaõ de milagres, como dava reputaçaõ ao Santo, e á ſua Caſa, tambem a enrequecia de cera, gado, e dinheiro, e outras offertas, que os devotos traziaõ em graças dos bens, que recebiaõ. Donde naſceo, lançarem maõ na Ermida os Abbades da Parochial de S. Veriſſimo, que chamaõ dos Lagares, como de annexa ſua. E ouve hum, que antevendo naõ poderia deixar de vir polo tempo em diante ás mãos de ſeus Frades, uſou de huma cautella, pera ſeu intento aſſaz bem traçada. Fez pintar hum paynel com a Imagem do Santo, veſtida em roupas Clericaes, e ſeu barrete na cabeça, trajo que uſava antes de Frade, e collocoua no Altar. Mas tirou Deos da traça humana nova honra pera o Santo, e tambem pera ſua Ordem. Porque os moradores d'Amarante, que julgando, que ſe fazia aggravo á ſanta determinaçaõ, e conſelho do Ceo, com que o Santo no ultimo quartel da vida ſe dicara a Deos na Ordem de S. Domingos; trataraõ logo de lhe lavrar huma ſepultura alta de boa pedraria, e na groſſura da lagea, que a cobre, fizeraõ entalhar huma figura de relevo, quaſi inteiro com ſeu Habito, e Capello, e aſſi ficaraõ moſtrando, que ſe alguma hora da vida fora Sacerdote ſecular, como a pintura ſignificava, e o fora na verdade muitos annos, com tudo nos derradeiros fora Regular, e da Ordem dos Prégadores. E pera dobrarem o teſtemunho, levantaraõ outra de madeira no Altar do meſmo feitio. E pera mais clareza com o branco, e preto da Ordem: e ſendo aſſi, que eſtá hoje quaſi conſumida da força, que os longos annos coſtumaõ fazer ma madeira: Aſſi a veneraõ os Amarenteſes, por ſer a primeira, que ſeus avôs lhe fizeraõ, que dezejando os Frades aſſentar outra nova em ſeu lugar, de nenhuma maneira o conſentem.

CAPITULO VII.

Em que ſe eſcrevem alguns milagres dos muitos, que o Santo tem feito, e grandezas notaveis, que ſe vem na ſua Caſa.

Porque ſe quizeſſemos pôr em eſcrito todos os milagres, que ſaõ publicos deſte Santo por todas as terras de Portugal, ſeria neceſſario fazer muitos volumes, e cada hum delles maior que o deſta Chronica inteira. E he couſa averiguada, e certa, que juntandoſe neſta Caſa em ſuas conjunçoens do anno, que ſaõ huma no dia da

festa por Janeiro, e outra polo Pentecostes no Veraõ, tanta multidaõ de gente, que tolhe fazer na Igreja os Officios Divinos, com ser grande: E acontece levantaremse Altares fóra em duas, e tres partes, pera ouvirem todos Missa: Em todo este numero de povo naõ vem familia, que perguntada, que a traz alli, naõ conte caso, ou casos muito notaveis, e milagrosos, que o Santo obrasse em filho, ou parente, ou criado. E o mesmo acontece a muitos milhares de homens, que polo discurso do anno visitaõ a Casa. E como os mais saõ gente humilde, simples, e sem malicia, merecem todos credito. Pera testemunho dos beneficios recebidos, acontece virem muitos descalços, outros da cinta pera sima nús, outros em chegando á Villa, porém os joelhos em terra, e virem caminhando assi, até entrar na Igreja. E succedeo ser por Janeiro no dia da festa do Santo, quando os ares correm mais frios, e delgados, e sempra he o tempo rigurofo. Por esta rezaõ julgamos por superfluo gastar papel, e tempo em referir mais, que alguns poucos, que sirvaõ pera edificaçaõ dos que tem menos noticia do Santo. Quero dizer dos Estrangeiros. Porque dos naturaes do Reyno, por impossivel tenho aver homem com uso de rezaõ, que naõ saiba muitos. Mas antes de entrarmos nelles, diremos algumas grandezas da Casa, com que se verá ficaõ muito acreditados. Seja a primeira o grande numero de Romeiros, que a costumaõ visitar, como acabamos de dizer. Numero que a Camara de Lisboa, escrevendo ao Summo Pontifice, poucos annos ha, sobre a Canonizaçaõ, entre outras cousas, que allega, he huma, que subia alguns dias entre annos a trinta, e quarenta mil Almas juntas, sem outro fim mais que devaçaõ: E a copia da carta temos em nossa maõ. E confirmale esta verdade, com que já setenta annos atraz, quando o Reyno era menos populoso, escrevem Sena, e Resende, que avia dia, em que se juntavaõ quatorze mil Almas.

Fr. Anton. de Sena na Cron. da Ord. f. 95. e 96. Fr. Andre de Resende na Carta, que escreve a Bartolameu de Cabedo.

Quem crerá tamanho concurso, se o naõ dermos provado com huma rezaõ, que fica sendo por segunda, e admiravel grandeza desta Casa? He costume em todas as Igrejas de Romagem deste Reyno, andarem molheres pobres, que por grangearia de vida trazem nas mãos maços de candeas de cera pera venderem aos devotos, cousa taõ pouca em peso, e preço, que naõ saõ mais, que huns fios levemente cubertos de cera. Deste genero de candeas compra o povo, pera offerecer no Altar do Santo, huns mais, outros menos, segundo a devaçaõ, e possibilidade, mas tudo a pouco custo. E pera aver lugar pera todos, os que offerecem, ha huma pessoa, que tem por officio em ardendo hum espaço, hir apagando as primeiras, e lançandoas em hum vaõ, que fica porbaixo do Altar. Estas candeas, que chamaõ pingo, pola miudeza dellas, vay recolhendo o Sacristaõ, e gastando dellas na Igreja por toda a roda do anno; e os Frades dentro do Convento, que ordinariamente saõ mais de vinte. E com toda esta despeza, sendo fundidas no cabo do anno, lançaõ huns annos por outros,

outros, vinte arrobas, e alguns chegaraõ já a vinte quatro. Por conta de offertas taõ miudas, e polo muito que viria montar, fica facil de alvidrar o infinito numero dos que as levaõ.

Tambem he de eſtimar por couſa muito grande o cuidado, e coſtume, que eſta gente tem de naõ apparecer na Igreja com as mãos vaſias. Todos ſe reconhecem por de devedores, quem com paõ, mandandoſe peſar a trigo, ou milho, ou lenteyo; ſegundo a poſſibilidade: quem com gado, quem com dinheiro; deixando hum pera Miſſas, outro pera ſuſtentaçaõ dos Frades. Tal ha, que por naõ perder o bom coſtume, ſe outra couſa naõ tem, preſenta huma noz, ou huma maçãa, e como ſaõ tantos, os que acodem, por pouco que cada hum traga, vem a fazer no cabo do anno ſoma de renda creſcida.

Mas vindo aos milagres, que prometemos, he antiquiſſimo, e muito ſabido, e por tradiçaõ dos annos aprovado, o que agora diremos. Entrou no anno de 1400. o Inverno com tantas agoas, que ameaçave diluvio. Viaſe no Rio, porque ſubia aos montes, e creſceo de maneira, que ſendo a Ponte taõ alta, como temos apontado, faltava pouco pera ſer vencido da enchente o arco maior, e mais alteroſo, que he o do meyo. Neſte eſtado, que muito dava que temer aos moradores da Villa, eisque aparece mayor perigo: Notaraõ, que vinha atraveſſado, e dando tombos polo meyo da madre d'agoa, hum tronco de arvore taõ groſſo, e deſmeſurado, que naõ repreſenva menos, que a quilha de hum grande navio. Daõ a Ponte por derrocada. Porque ſe embarrava no pouco, que faltava do arco pera ſe cubrir d'agoa, eſtavaõ certos dous danos: Hum da bataria, que avia de fazer na Ponte ajudado da corrente, que aqui he rapidiſſima, e com a invernada trazia dobrada furia: Outro em tolher a ſahida ás agoas, e com iſſo acreſcentarlhes força, e violencia. Naõ ſouberaõ, que fazer; ſenaõ voz em grita, que chegava ao Ceo, chamar polo Santo, que acudiſſe á obra de ſuas mãos. Durava a grita, e creſcia o medo com as vozes, e vizinhança do madeiro, que vinha correndo, como deſpedido de hum trabuco. Senaõ quando entra pola Ponte hum Fradinho velho de capa negra, e Habito branco, encoſtado ſobre hum cajado, e ſubindo ligeiramente ſobre o parapeito da Ponte, eſtendeo o cajado contra o Rio, e no meſmo ponto ſe vio endireitar o madeiro, e enfiando com a vea d'agoa embocar o arco, e ſahir da outra parte, como ſe fora atoado. Ficando paſmados do feito, mais o ficaraõ, quando viraõ, que o Frade caminhara contra a Ermida, e nella ſe recolhera. Naõ avia por entaõ Frades na terra. Quizeraõ ver, quem lhes fizera tamanho bem, e moſtrarſe agradecidos: foraõſe á Ermida. Aqui foy novo paſmo; porque na Ermida naõ avia couſa viva, e aſſi ficaraõ aſſentando, que o Santo fora, o que a ſeus brados, e á ſua Ponte acudira viſivelmente.

1400.

Eſte milagre he muito antigo, venhamos a tempos mais modernos. Prégava o Meſtre Frey Ayres Correa na entrada do

anno

anno de 1588. na Ermida de Nossa Senhora da Oliveira na festa do Santo. Chovia muito. Acudio ao cano da Rua Nova, que fica defronte da Ermida, e da sua fonte, e chafaris, grande força de agoas, que por elle vazaõ pera o mar. Era taõ crescida a enchente, que arrebatou hum minino de huma porta, e sem lhe poderem valer, o levou consigo polo cano dentro: Acudio alguma gente piadosa á praya, ao sitio onde desemboca, por baixo das casas, e do Terreiro do Paço, que he grande dinstancia, pera se quer lhe fazerem ultimo Officio de sepultura, se o achassem. Chegaõ, achaõ o innocentinho saõ, alegre, e risonho, assentado na borda d'agoa, e dizendo, que Nossa Senhora, e hum Fradinho de hum bordaõ, foraõ com elle por baixo da terra até a praya. Trazido com festa á Ermida, gritou dizendo, que aquelle Frade do retabolo fora, o que o acompanhara. Esta foy a pintura do Glorioso S. Gonsalo. Prégouse logo o milagre, e justificouse depois em forma juridica.

Mais moderno, e de mais qualidade he, o que agora diremos. Era Prior do Convento d'Amarante o Padre Frey Fernando de Castro, neto do grande, e valeroso Governador da India Dom Joaõ de Castro, quando hum dia entrou por elle o Corregedor da Comarca, cercado de grande numero de Clerigos, e dizendo, que sua vinda era a fazer cantar huma solemne Missa de ordem, e mandado d'elRey Dom Philippe I. deste Reyno, e II. dos de Castella, em graças de certo beneficio, que Sua Mageſtade recebera por intercessaõ do Santo, que teve principio, e origem do que agora diremos. Ordenou o Prior em certa occasiaõ fazer huma Procissaõ pola Villa, em que levou nas mãos a Imagem do Santo antiga, que está em seu Altar. Ao sahir pola porta da Igreja, soou huma voz aguda, e triste, que dizia: Santo Glorioso lembraivos de meu desemparo, e pobreza, e que venho de muitas legoas buscar remedio na valia, que tendes diante de Deos. Parou o Prior, vio, que era de huma molher paralitica, que jazia em huma canastra, e só a lingoa, e olhos movia; chegou a ella, deulhe a beijar a roupa do Santo. No mesmo ponto fez a molher geito, e força, como que se queria levantar: E disse contra os que a tinhaõ alli trazido, que a ajudassem, que se sentia com alento, qual nunqua tivera, e queria acompanhar a Procissaõ. Levaraõna sobraçada hum espaço: logo se foy soltando, e andando só. E quando a Procissaõ voltou, estava já rija, e valente, a que viera em huma canastra de Concelho em Concelho por Amor de Deos, e com esmollas dos Fieis. Soubese depois do lugar de sua natureza, que nascera contreita de todo, e assi crescera, e vivera até aquella hora: E o Prior fazendo autenticar a maravilha, mandou a relaçaõ a elRey a Madrid. Era conjunçaõ, que estava perigosamente enfermo, porque lhe dera a gota na cabeça, que he o termo, com que ordinariamente mata. Ouvio Sua Mageſtade o successo, perguntou a Dom Christovaõ de Moura, que já entaõ era Conde de Castel

Caſtel Rodrigo, ſe ſabia mais couſas do Santo. Diſſelhe D. Chriſtovaõ muitas. Era elRey taõ pio, como ſabemos, encheuſe de devaçaõ, chamou polo Santo aquella noite. Quando amanheceo, diſſe a Dom Criſtovaõ, que de todo ſe ſentia ſaõ, e que por ſem duvida tinha dever a ſaude a S. Gonſalo; e que pera ſinal, e graças della, ſe queria logo levantar, como fez. Aſſi foy hum milagre cauſa de outro. O Corregedor aſſiſtio á Miſſa, e nella offereceo ao Santo em nome de Sua Mageſtade duas pipas de vinho, huma d'azeite, dous moyos de trigo, dous de ſenteyo, e dous de milho, e ſincoenta mil reis em dinheiro. Foy o Padre Fr. Fernando Prior d'Amarante de fim de 1594. até parte do anno de 1597. E neſte tempo aconteceo o que temos referido.

Mas quem ha taõ de ferro, que naõ ſinta derreterſe as entranhas em amores do Ceo, ouvindo contar o empreſtimo da cera, que os pobres Confrades de S. Gonſalo do noſſo Convento de S. Domingos d'Evora receberaõ da Confraria do Roſario, que lhe tornaraõ notavelmente creſcida em peſo, e corpo, tendo ſervido aceſa nas Veſperas, e dia do Santo? Naõ ha diſtinguir cujo he o milagre, ſe do Santo, ſe da Senhora; mas ſe he da Senhora, mais honrado fica o Santo, que ſe fora todo ſeu. He caſo ſuccedido no anno de 1620., e noutra parte o contamos largamente.

Chron. da Ord. p. 1. l. 6. c. 26.

Sendo tantos os milagres deſte Santo, como temos encarecido no principio deſte Capitulo, paſſaõ todos encarecimentos os que faz por toda a terra d'Entre Douro, e Minho, em materia de mininos, e homens quebrados. He a terra atraveſſada de ſerras, ſaõ os ares agudos, as agoas delgadas, frias, e muy cruas: a gente geralmente pobre, e mal cuberta. Qualquer força, que os mininos fazem, ou com chorar, ou por outra via, logo rendem polas virilhas. Mas tem os pays por taõ certo o remedio na Caſa do Santo, que já naõ ha quem faça caſo de tal enfermidade. Porque eſtá averiguado, que nenhum quebrado entra nella, que deixe de ſair ſaõ. Saõ infinitas as experiencias, aſſi neſte mal, como tambem noutro, que graviſſimamente perſegue eſta gente. Saõ verrugas, que chegaõ a inhabilitar os homens pera o trabalho, cubrindolhes pés, e mãos; mas á viſta deſta Caſa, ou cahem, ou ſe ſomem todas.

Quando ſe compoz o primeiro Flos Sanctorum de Braga, que foy no anno de 1513. a grande quantidade de milagres, que entaõ ſe ſabiaõ do Santo, obrigou ao devoto Arcebiſpo a mandar, que ſe eſcreveſſe ſua vida, e alguma parte delles. Os Abbades, que tinhaõ a Caſa á ſua conta, naõ curaraõ de os por em memoria, ou vencidos do numero, ou deſcuidados com outras occupaçoens. Entrando depois os Frades de S. Domingos, pera o edificio do Convento, que logo contaremos, foy primeiro cuidado pera honra do Santo, lançar em livro as maravilhas, que cada dia viaõ, juſtificandoas, e aprovandoas, hora polo Ordinario de Braga, hora polo do Porto. E deſte tempo ha já hum grande volume cheyo, e ſe vay enchendo outro. Mas que ha

que espantar, do que se vir em sua Casa, e junto de suas Reliquias, se tendo, como tem, Altares, Confrarias, e Irmandades em todas as Cidades, e Villas do Reyno, todas contaõ, e tem que contar beneficios seus?

CAPITULO VIII.

Como foy dado principio ao Real Convento de S. Gonsalo d'Amarante.

DEpois que temos dado conta em soma dos milagres deste Santo, juntandose na relaçaõ os tempos passados com os modernos, e quasi presentes: O que fizemos por escusar estendida leitura: Parece tempo de entrarmos no edificio do Convento; e dizermos como teve principio. Guardavase o effeito desta obra pera o Pay das Religioens, elRey D. Joaõ III., e o ser promotor della pera o Apostolico Varaõ, o M. Fr. Jeronymo de Padilha. Era entrado este Padre em Lisboa em Janeiro do anno de 1538. por Visitador, e Reformador, e Vigario geral do Reverendissimo, á instancia d'elRey, que muito dezejava reformar todas as Ordens do Reyno. No qual cargo começando a entender, achou no Convento de Guimaraens hum Religioso natural d'Amarante, que lhe fez lembrança, que seria obra digna de seu grande Espirito, procurar, que acompanhassem suas Reliquias, e sepultura de S. Gonsalo Frades de sua Ordem. Eraõ os milagres quotidianos, deulhe conta dos antigos. Ouvese o Visitador por obrigado a intentar o negocio. Foy principio escrever á Camara da Villa por meyo de hum Sacerdote natural della, e grande devoto da Ordem. Fez Francisco Gonsalves de Freitas, que assi avia nome o Sacerdote, taõ boa diligencia, que naõ só trouxe por reposta consentimento da Camara; mas tambem huma Carta pera elRey, assinada por todos os da governança, na qual com palavras encarecidas pediaõ, que fosse servido dar licença, pera aver naquella Villa, e se levantar sobre a sepultura de S. Gonsalo hum Mosteiro da Ordem, que em vida professara, e amara. Parece que o Santo do Ceo guiava tudo, o que na terra se hia fazendo. Porque dando o Visitador conta a elRey do que passava, tanto que tornou a Lisboa, foy grande o contentamento que mostrou: E louvando primeiro aos naturaes por carta seus bons dezejos, mandou passar Provisaõ com as licenças necessarias: e apoz ella, pera que os Frades ficassem com inteira liberdade pera o edificio do Convento, e juntamente ajuda de sustentaçaõ: Sendo a Ermida de S. Gonsalo annexa á Igreja de S. Verissimo Parochial da Villa; e ambas preceitoria, e Commenda da Ordem de Christo, ouve por bem de as largar á Ordem de S. Domingos, e suprimir a Commenda. Faltava consentimento da Igreja de Braga, por rezaõ da parte, que dellas lhe tocava. Este negociou elRey com o Infante D. Henrique seu Irmaõ, que tinha o Arcebispado. Juntaremos aqui a propria Doaçaõ tirada do Original. E naõ pareça a ninguem cousa superflua o treslado destes documentos; porque todos os que

que sahem de Cartorios Reaes, ou Ecclesiasticos, como este, daõ muita luz, e authoridade á Historia: E quando se trazem os treslados de verbo ad verbum, parece que a mesma forma, e estilo está acquirindo fé ao que se escreve, e reputaçaõ de diligente ao Escritor. Seguese a Doaçaõ.

DOm *Henrique, Infante de Portugal, por merce de Deos, e da Santa Igreja de Roma, Arcebispo, e Senhor da muito antiga Cidade de Braga, Primaz das Espanhas, saude em Jesu Christo: Fazemos saber aos que esta nossa Carta de Doaçaõ, e consentimento virem, como considerando Nós, que S. Gonsalo d'Amarante foy Frade da Ordem do Bemaventurado S. Domingos, e de sua Religiaõ, e Habito: E como o dito Santo esteve em sua vida na dita Villa d'Amarante, e jaz seu Corpo na Igreja da dita Villa, que hora se chama S. Gonsalo, annexa da Parochial de S. Verissimo d'Amarante: Onde N. Senhor polos merecimentos do Bemaventurado S. Gonsalo tem feitos muitos milagres, segundo que disso temos certa, e verdadeira informaçaõ, e faz hoje em dia. Polo que a dita Igreja de S. Gonsalo he de grande devaçaõ: E os moradores destes Reynos vaõ a ella continuamente em Romaria: E muitos Fieis Christãos, assim naturaes dos ditos Reynos, como de Galiza, e Castella, e outras partes. E dezejando Nós, que o culto Divino seja acrescentado, e augmentado na dita Casa de S. Gonsalo, e que a devaçaõ, que os Fieis Christãos em elle tem, cresça cada vez mais, e que assim os naturaes da terra, como os que á dita Casa vaõ em Romaria, possaõ em ella achar quem lhes diga Missas, e os confesse, e lhes pregue a Doutrina Evangelica, e assi de quem ouvir os Divinos Officios: Encomendàmos ao Provincial, e Padres da dita Ordem de S. Domingos, que quizessem tomar a dita Igreja, e Casa de S. Gonsalo, e fazer em ella Mosteiro da dita Ordem, pera em ella estar Convento de Religiosos, que viviaõ em Observancia Regular da dita Ordem, e que possaõ em ella confessar, e prégar, e dizer os Divinos Officios. E ao dito Provincial, e Padres aprouve de tomarem a dita Casa, e fazerem em*

em ella Mosteiro da sua Ordem, e polos frutos, e renda desta Igreja de S. Verissimo, e sua annexa S. Gonsalo serem tomados pera as Commendas da Ordem de Christo, e ser feito delles Commenda, tirando certa parte pera o Reytor, e Vigario, que na dita Igreja ha. A elRey meu Senhor, e Irmaõ outro sim apraz, como Mestre, e Governador do dito Mestrado de Christo, por serviço de Deos, e pola devaçaõ, que tem no dito Santo, de alargar as rendas, frutos, e direitos, que a dita Ordem tem na dita Igreja: E que naõ haja em ella mais Commenda, nem preceitoria: E que as ditas rendas, e frutos sejaõ pera o Convento, e Padres da dita Ordem, que na dita Casa estiverem; de que lhes quer fazer pura, e irrevogavel Doaçaõ. E vendo Nós tudo o sobredito, pera que taõ boa obra venha á perfeiçaõ, e execuçaõ, com o consentimento do nosso Cabido de Braga, que pera ello nos deu por sua procuraçaõ, de nossa livre vontade fazemos pura, e irrevogavel Doaçaõ das ditas Igrejas de S. Verissimo, com sua annexa S. Gonsalo, e do direito, que nellas temos, á Ordem de S. Domingos, pera em Casa de S. Gonsalo se fazer o dito Mosteiro, e Convento de Religiosos da dita Ordem. E damos nosso consentimento, e authoridade, pera que se possa fazer, alevantar, e fundar o dito Mosteiro, quanto com direito devemos. Dada em Lisboa no derradeiro de Agosto de mil quinhentos, e quarenta annos.

Escusanos esta Provisaõ lançar aqui as que elRey mandou passar; huma de Doaçaõ das Igrejas como Mestre, outra de licença pera o edificio como Rey; visto como ficaõ entendidas desta do Infante Arcebispo: E porque tambem foraõ despachadas no mesmo anno de 1540. que por essa rezaõ damos delle sua antiguidade a este Mosteiro. No seguinte de 1541. se propoz, e foy aceitado pola Provincia no Capitulo intermedio, que celebrou em Santarem o mesmo Visitador Frey Jeronymo de Padilha, sendo já eleyto Provincial. A Doaçaõ das Igrejas confirmou Paulo III. Summo Pontifice no anno de 1542. em dous de Mayo, e he clausula do Breve, que faz a graça pola relaçaõ, que teve de aver sido S. Gonsalo Frade da Ordem dos Prégadores. Saõ palavras formaes no Latim do Breve as seguintes:

1540. 1541. 1542.

SAnè pro parte vestra oblata petitio continebat, quod cum in Parochiali Ecclesia oppidi de Amarante Bracharensis Diœcesis, Corpus Sancti Gondisalvi, qui in sæculo, dum viveret, Ordinis Fratrum Prædicatorum Professor fuit, honorifice sepultum existat, &c.

Succedeo acharse neste anno em Roma o Padre Provincial no Capitulo geral, que foy convocado pera se dar successor ao Mestre Frey Agustinho Recuperato, que era falecido. E sendo eleyto por Mestre geral o Padre Frey Alberto Cassali, confirmou a aceitaçaõ do Convento.

1543. No anno seguinte de 1543. se tomou posse por parte da Ordem das Igrejas. E elRey Dom Joaõ mandou hum Architecto que fosse ver o sitio, e traçar a futura fabrica; com advertencia, que a sepultura do Santo, sem nella se bolir, ficasse dentro da Capella Mór, como hoje está. Traçouse a Igreja de grande capacidade em comprimento, e largura, e com suas tres naves, ficando a Capella Mór sobre o Rio, pera recolher em sy a sepultura do Santo; e correndo o corpo da Igreja contra o monte, e o resto do Mosteiro lançado á parte direita da Igreja, com bastante gasalhado pera vinte Frades. Começouse a obra em dous de Mayo dia do Glorioso Arcebispo de Florença Santo Antonino, Frade nosso; precedendo huma Missa solemnemente cantada, e lançando a primeira pedra o Padre Frey Joaõ de Ledesma Vigario. Mas foraõse logo descobrindo gravissimas difficuldades na execuçaõ da traça. Porque foy necessario, pera se dar toda a traça, que a Igreja traçada demandava, desfazer ao picaõ hum muy alto, e aspero monte, que pendia sobre a Ermida, e sepultura do Santo. Obra de immenso trabalho, e naõ menos despesa de dinheiro, e tempo. Porque o coraçaõ do monte era huma rocha viva, seca, e ferrenha, que sendo cortada soltava em parte penedos grossissimos, que desciaõ contra a cazinha, e sepultura do Santo, com medo, e perigo notavel della, e dos trabalhadores. Outras vezes corriaõ montes de terra solta, que prometiaõ alagar, e soverter a Ermida. E porque com todos estes inconvenientes foy Deos servido que chegasse a Casa á sua perfeiçaõ, sem lezaõ da Ermida, nem dano de pessoa nenhuma, foy constante opiniaõ, que naõ interviera aqui menos a valia do Santo, que em qualquer de suas grandes maravilhas.

CAPITULO IX.

De outras merces, e favores, que elRey Dom Joaõ fez á Ordem neste Convento: E como foy levantado em Priorado; e o Santo Beatificado.

TUdo vence hum trabalho aturado. E se for bafejado do Ceo, que cousa lhe poderá resistir! Ficou o monte talhado

a prumo, tanto até ás entranhas, e centro delle, que corre toda a Igreja a olivel com a sepultura do Santo. E alem de todo o comprimento della, que he grande, faz no mesmo andar huma boa rua, entre a porta principal, e a rocha, que dá serventia pera a Portaria do Convento. Mas aqui se mostra, e he de ver o muito, que se alcançou com a força, e mãos dos homens. Porque sobe a rocha talhada, e direita pera o Ceo, como se fora hum muro de huma só pedra; e em tanta altura, que senhorea todo o Convento, e o mais alto ponto do telhedo da Igreja. Ficou o Convento com dous Claustros; e suas fontes, obra bem feita; mas moderada na grandeza, como convinha pera em terra fria, e pola baixeza do sitio sogeita a grandes nevoeiros, e humidades. Os dormitorios ao mesmo respeito de bom gasalhado, mais que fausto, e sumptuosidade: cerca grande de horta, e frescura de arvoredos ao longo do Rio de propriedades, que depois se foraõ comprando.

Naõ tardou o Santo em gratificar a elRey o cuidado, e magnificencia, com que lhe deu Casa de sua Ordem. Adoeceo perigosamente o Princepe Dom Joaõ, sendo muito moço, e toda a esperança do Rey, e do Reyno. Dizem, que lembrou Dom Diogo Lopez de Lima, que era Veador d'elRey, e como quem tinha relaçoens de sangue, e nascimento em Entre Douro, e Minho, sabia muito das maravilhas do Santo, que se lhe encomendasse a saude do Princepe. Acudiraõ os Reys com devaçaõ a esta lembrança: E o Princepe teve saude taõ repentina, que foy avida por milagrosa: E a Rainha Dona Catharina sua mãy em graças della despachou logo a Gaspar de Teyve criado de sua Casa, que depois foy Estribeiro mór da Princesa Dona Joanna em Castella, a visitar em seu nome a sepultura do Santo. Do qual se diz, que fez a jornada obrigado tambem de particular rezaõ, e divida propria. Porque estando em artigo de morte, foy livre com se encomendar ao Santo. Naõ falta quem affirme, que nesta doença, e saude do Princepe teve principio o gosto, e largueza, com que elRey seu pay fundou a Casa, e dotou o Convento. Mas elle era taõ pio, que pera semelhantes obras, sua bondade lhe fazia bastante força, sem ser necessaria nenhuma exterior. Assi ajuntou sobre o que tinha feito huma larga licença pera os Frades poderem tirar esmollas por todo o Reyno, e criarem pera isso Mamposteiros com grandes privilegios, e izençoens. E no anno de 1551. impetrou da Sé Apostolica o Mosteiro de Freixo, que foy antigamente de Conegos Regulares, e entaõ possuia, como Commendatario, hum Italiano por nome Bartholomeu Gostodingo, pera ficar unido (como logo ficou por renunciaçaõ, que fez o Italiano) ao Convento de S. Gonsalo. Ultimamente depois de mandar ao Mosteiro hum sino de sessenta arrobas de peso, mandou pôr em pratica a maior honra, que na terra se podia fazer ao Santo, que era pedir á Sé Apostolica sua Beatificaçaõ. Cometeraõ o negocio os Pontifices Paulo,

1551.

lo, e Julio Terceiros, hum traz outro, a Pompeyo Zambicario Bispo Sulmunense, Nuncio neste Reyno, que fizesse as diligencias, e informaçoens costumadas. Mas inda que fez muitas, naõ resultou por entaõ dellas nenhum bom effeito; porque lhe tolheu a morte acaballas: E no Reyno ouve mudanças com a morte d'elRey, e tutorias de seu neto elRey Dom Sebastiaõ, que ficou minino.

Entre tanto tinhaõ os Frades posto em taõ bom ponto a Igreja, e Convento, que quando foy no anno de 1558. no Capitulo, que celebrou na Batalha o Mestre Frey Luis de Granada, se levantou em Priorado, e foy nomeado por primeiro Prior o Padre Frey Dinis de Mello; sendo absolto do Priorado de Guimaraens, que actualmente governava. Neste tempo tornou a Provincia a fazer instancia na Beatificaçaõ do Santo, diante da Rainha Dona Catharina, que governava o Reyno em nome de seu neto elRey Dom Sebastiaõ, e ella mandou fazer a mesma em Roma polos Embaixadores. Em fim se alcançou nova commissaõ do Papa Pio IV. pera o Cardeal Infante Dom Henrique, e Joaõ Campegio Bispo de Bolonha, e Nuncio Apostolico nestes Reynos fazerem as inquiriçoens necessarias sobre a vida, e milagres do Santo. As quaes sendo feitas com muito cuidado, e attençaõ, por meyo de Dom Rodrigo Pinheiro Bispo do Porto, e do Doutor Balthasar Alvares Loulada, Provisor do Arcebispado de Braga; em fim pronunciaraõ a sentença seguinte, que em nosso poder temos em autentica forma.

CHristi nomine invocato. Vistos estes autos, Breve, e summario de nosso Senhor o Papa Pio IV. hora na Igreja de Deos Presidente, impetrado á instancia do muito alto, e muito poderoso Rey destes Reynos D. Sebastiaõ, Primeiro deste nome, que nos foy apresentado, e as inquiriçoens de testemunhas tiradas por mandado de Pompeyo Zambicario, Nuncio que foy nestes Reynos, por virtude de hum Breve do Papa Julio III. de boa memoria, impetrado á instancia d'elRey Dom Joaõ III. deste nome, de gloriosa memoria: E assi mais as inquiriçoens de testemunhas de novo tiradas polo Reverendissimo Dom Rodrigo Pinheiro Bispo do Porto, e polo Doutor Balthasar Alvares Lousada Provisor do Arcebispado de Braga, e como se prova por muito numero de testemunhas contestes, legaes, e de credito, ter Nosso Senhor feito, e fazer cada dia muitos milagres, por intercessaõ do Glorioso S. Gonsalo

ſalo d'Amarante em muitas peſſoas doentes de diverſas infermidades, e indiſpoſiçoens, que a elle ſe encomendavaõ; e ſer a Igreja do dito Santo, que eſtá em a Villa d'Amarante, do Arcebiſpado de Braga, onde ſeu veneravel Corpo jaz ſepultado, viſitado de muito numero de gente, que de diverſas partes de todo o Rey*no, com muita veneraçaõ, e fervor vem á Caſa do Bemaventurado Santo em Romaria: E como ſe prova alem diſſo, por muitas teſtemunhas aver fama muito antiga de tempo immemorial a eſta parte entre peſſoas devotas, e Religioſas, e de autoridade, de como o dito Santo foy em ſua vida Servo de Deos, e Religioſo muy Obſervante da Ley de Deos, e das Regras da Ordem do Bemaventurado S. Domingos, que profeſſou: E ſer deſdo dito tempo immemorial atégora, depois de ſua morte, nomeado, avido, e reputado communmente de todos os Fieis Chriſtãos deſtes Reynos por Santo Bemaventurado, e por quem Noſſo Senhor faz muitos milagres: E como a tal lhe ſerem já intituladas algumas Caſas de Oraçaõ, que á ſua honra ſe edificaraõ: A qual reputaçaõ, e opiniaõ vay com a graça de Deos em todo povo, e Cleréſia cada dia em mayor creſcimento. O que tudo viſto, e bem examinado, conformandonos com a forma do dito Breve de Sua Santidade, e diſpoſiçaõ dos Sagrados Canones, com parecer do dito Biſpo, e Proviſor de Braga, que as ditas novas inquiriçoens de teſtemunhas peſſoalmente tiraraõ: Avendo tambem reſpeito ao teſtemunho de D. Balthaſar Limpo, Arcebiſpo que foy de Braga, e de muitas peſſoas outras graves, que nas ditas inquiriçoens antigas, e novas teſtemunharaõ: Os quaes todos dizem, que polo que ſabem, crem, e tem ouvido da vida, e milagres do dito Santo, e pola geral devaçaõ, que todo o povo nelle tem, ſerá muy grande ſerviço, e louvor de Noſſo Senhor, e augmento do culto Divino, poderſe rezar, e dizer Miſſa deſte Glorioſo Santo neſtes Reynos.*

Ad perpetuam rei memoriam, Authoritate Apoſtolica: *Concedemos, e damos licença, e faculdade, pera que daqui em diante em todos, e quaeſquer Moſteiros,*

ou

ou Igrejas seculares; ou regulares de todos estes Reynos, e Senhorios de Portugal, se possa livremente rezar o Officio Divino, e Horas Canonicas, e celebrar Missa do Bemaventurado S. Gonsalo d'Amarante, e assi, e da maneira, que se reza, e celebra de outros Santos Confessores: e mandamos eadem Authoritate Apostolica, que esta nossa sentença se guarde, e cumpra inteiramente, como em ella se contem. E porem vos mandamos, que assi o cumprais, e guardeis, e façais cumprir, e guardar, como por Nós he concedido, e declarado, &c. E por Nos ser pedido por parte do dito Prior, e Frades do dito Mosteiro de S. Gonsalo d'Amarante exhibentes, lhe mandassemos dar a dita nossa sentença em forma, que fizesse fé, pera guardar, e confirmaçaõ da dita concessaõ, licença, e faculdade, lhe mandamos passar a presente. E porem polo teor, pola dita Authoridade Apostolica a Nós cometida, e de que nesta parte usamos, amoestamos, e mandamos a todas as pessoas, a quem se dirige, e a todas, e quaesquer outras, assi Ecclesiasticas, como seculares destes Reynos, e Senhorios de Portugal, de qualquer estado, grão, condiçaõ, e officio usantes, cujos nomes, e cognomes aqui avemos per expressos, e declarados, que inviolavelmente, e sem duvida alguma cumpraõ, e guardem, e quanto em elles for, façaõ muito inteiramente cumprir, e guardar esta nossa sentença, segundo sua forma, e continencia, e isto pera sempre dos sempres. Por quanto assi o concedemos, e declaramos, e mandamos, que se cumpra, e guarde, sem embargo de quaesquer cousas, que em contrario possaõ fazer, ou façaõ, que derogamos, e avemos por derogadas, &c. Dada na Cidade de Lisboa sob nossos sinaes, e sellos, aos dezaseis dias do mez de Setembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1561. annos. O Cardeal Infante. Joannes Campegius Episcopus Bononiensis Nuntius.

1561.

CA-

CAPITULO X.

Do grande numero de Imagens, Altares, Igrejas, Fregueſias, e Confrarias, em que neſte Reyno, e fora delle he venerado S. Gonſalo d'Amarante: E em muytas de muito tempo antes de ſua Beatificaçaõ.

SUpoſto que depois da honra, que S. Gonſalo alcançou em ſua Beatificaçaõ, que he honra do Ceo, por ſer dada por ordem, e commiſſaõ do Vigario de Chriſto na terra, todas as mais do mundo, por grandes que ſejaõ, ficaõ pobres, e ſem valia: Naõ me pareceo, que deviamos paſſar em ſilencio huma, com que eſte Santo por grande merce de Deos ſe aventaja a muytos, e muy inſignes Santos. Eſta he, que aſſi depois de ſua Beatificaçaõ, como de muytos, e longos annos antes della, naõ ſó na ſua Igreja, Villa, e Comarca d'Amarante foy ſempre celebrado, e conhecido por Santo; mas por todo o Reyno, e inda fora delle foy buſcado, e venerado por tal com Imagens, Altares, Confrarias, e Irmandades, Ermidas, Igrejas, e Fregueſias, couſa, que a muy poucos Santos tem acontecido, e que ao certo naõ eſtriba em outros fundamentos, ſenaõ nos muitos, e muy milagroſos beneficios, que ſua interceſſaõ alcança pera o povo, como noſſa natureza he taõ amiga de ſeus intereſſes. E porque aſſi o entenderaõ os Juizes da Beatificaçaõ, tiveraõ os tais effeitos de devaçaõ por irrefragavel prova dos milagres, e por ſinal manifeſto do muito, que o Santo val diante do Senhor do Ceo, e da terra, cujas ſaõ eſtas obras. Rezaõ ſerá logo, que pera gloria ſua, e do ſervo fiel gaſtemos algumas regras em eſpecificar o que diſto veyo á noſſa noticia.

Na Santa Sé de Braga, onde ſempre aſſiſtiraõ peſſoas de grandes letras, e muito Curiaes, achamos de tempo immemorial Altar, e Imagem de S. Gonſalo, e por ſer muy antigo rezarſe delle naquella Igreja. O Santo Arcebiſpo Dom Frey Bartholameu dos Martyres, pera poder ſer o Officio inteiro, viſto cair ſua feſta dentro das Oċtavas da Epifania, impetrou da Sé Apoſtolica, que foſſe Duplex: e pola meſma rezaõ ſaõ muito ordinarias em todo o Arcebiſpado Imagens, e Altares do Santo. O exemplo da cabeça animava os membros: E os Prelados conſentiaõ obrigados da devaçaõ do povo, e dos milagres continuos, que viaõ.

A Igreja Collegiada de Noſſa Senhora da Oliveira de Guimaraens em tres lugares diſtinċtos, como já tocamos em outra parte, tem a Imagem do Santo pintada, e de tempo taõ antigo, que ſe lhe naõ ſabe principio. Na Igreja de S. Domingos da meſma Villa ſe vio outra, que naõ tem menos annos de idade, que a meſma Igreja.

Entre o Mogadouro, e Penaroyas ha huma Igreja da invocaçaõ de S. Gonſalo celebre por devaçaõ, e Romagem, e rica das muitas eſmollas, que deixaõ os devotos, que a viſitaõ.

Na Villa de Chaves tem Altar no Moſteiro de S. Franciſco, e junto da meſma Villa na Aldea grande, que chamaõ Ceravelha, ha huma Ermida do

nome

nome do Santo, em que todo o povo tem grande devaçaõ.

Em Gozedes Concelho de Fonte longa he a Freguesia, e Igreja do nome do Santo: E do mesmo he a Igreja, e Freguesia de Alfarella em Val Longo.

Junto do sitio, e casas em que o Santo nasceo, onde chamaõ Arriconha, se vê hoje huma Ermida de sua invocaçaõ; e com sua Imagem de vulto no Altar. E em huma das paredes da banda de fora parece huma grande pedra preta, e nella huma letra de caracteres Goticos, que diz assi. Nesta Aldea assima nasceo o Glorioso S. Gonsalo.

Pouco abaixo he a Freguesia de S. Cipriano, que os naturaes chamaõ S. Cerdaõ, onde ha Altar, e Imagem do Santo de vulto.

Outra ha em o Mosteiro junto da Villa de Ponte de Lima.

Outra em Villa de Conde com seu Altar na Casa da Misericordia.

Na Sé do Porto ha Altar, e Imagem de tempo, que vence toda lembrança, e nelle instituida antiquissima Confraria, que com muita solemnidade lhe celebra sua festa: E dizem, que he mais antiga, que a que tem no nosso Convento da mesma Cidade. E he certo, que nesta Cathedral se rezava já delle de longos annos atraz.

Por sima da Cidade no lugar, que chamaõ Araujo, he a Igreja, e Freguesia do nome do Santo.

No Concelho de Paredes da Beira, Bispado de Lamego, ha huma Ermida, que chamaõ S. Gonsalo de Penella, conhecida por continua Romagem de muita gente.

Tambem he de muita Rogem huma Freguesia do nome do Santo na Villa de Valença do Douro. Como se diz, que tinha nella relaçoens por seu avô da parte da mãy, he muito de ver, como se mostra parenteyro com o lugar. Saõ muitos, e grandes os milagres, que nelle obra. Em seu dia se faz aqui huma grande feira, a que acode muito povo. A Imagem he de vulto, e antiga. E ainda que na escultura representa bastantemente o Habito Dominico, naõ se contentaõ os devotos com menos, que vestilla de seda com sua capa negra, e Habito branco.

A Villa d'Aveiro tem tambem huma Igreja, e Freguesia do Santo.

Já dissemos atraz da Ermida de Nossa Senhora da Oliveira, sita no adro da Freguesia de S. Giaõ da Cidade de Lisboa. Cujo Altar, e pintura do Santo he taõ antiga como a mesma Casa, que passa de trezentos annos de idade. O que se vê dos letreiros, que nella puzeraõ os Fundadores.

No Convento de S. Domingos de Lisboa tem o Santo Altar, e Imagem, e celebre Confraria, como a tem tambem por todo o Reyno, e até na India Oriental todos os Conventos da Ordem: E o mesmo he nos Conventos de Galiza Dominicos, pola communicaçaõ que tem com Douro, e Minho.

Nos arrabaldes da Cidade, como he nas Igrejas dos Reys Magos d'Alvalade; e S. Sebastiaõ da Pedreira, e outras, tambem se vem Imagens do Santo: E a quatro legoas della entre Alverca, e o Adarso ha huma Ermi-

Ermida, que o Santo tem feito veneravel com seu nome, e muitos milagres.

Passou o mar a devaçaõ, como os Portuguezes começaraõ a navegar. Na Ilha Terceira, Bispado de Angra, edificaraõ os moradores hum Mosteiro de Freiras da Ordem de Santa Clara; mas debaixo do nome, e invocaçaõ de S. Gonsalo; e commummente he nomeado, e conhecido por seu. E as Religiosas lhe fazem solemnes festas, naõ só por Padroeiro; mas tambem por bemfeitor. Porque saõ continuas as esmollas, que em seu nome acodem á Casa.

Mas tambem nas Ilhas Canarias, que em nada tocaõ a Portugal, está dilatado o nome, e devaçaõ deste Santo. Dous Irmãos nascidos, e criados em Guimaraens, trocando a Patria pola vivenda da que chamaõ Grãa Canaria, levantaraõlhe Altar, e instituiraõ Confraria em hum Mosteiro de Freiras Bernardas, ajuntaraõ graças, e indulgencias impetradas da Sé Apostolica, com que fizeraõ, e he hoje celebre, e festejado em toda a Ilha seu nome, e dia. E ouve huma Senhora, que deixou renda perpetua ao Cabido da Cathedral, com obrigaçaõ de assistir nas Vesperas, e dia da festa, e acompanhar huma Procissaõ, que tambem lhe fazem. Merecem memoria estes Irmãos pola obra; e porque affirmavaõ, terem parte no sangue do Santo, por direita descendencia. Chamavaõse Diogo Fernandes, e Pedralvares, e o appellido de Sylva.

Hum livro anda impresso em Sevilha anno de 1594. dos milagres de Nossa Senhora da Candelaria, em que o Autor affirma, que no lugar de Iccode da Ilha de Tenarife ha huma Imagem de S. Gonsalo, com quem toda a Ilha tem tanta devaçaõ, por milagres sem conto, que obra em todo genero de infermidade, que quasi todo o anno he visitado do povo com Romagem continua.

Ultimamente, na cabeça da Christandade, que he Roma, onde tudo, o que toca ao culto Divino está como em sua fonte, em toda pureza, e quanto póde ser apontado, vemos na Igreja de Santo Antonio dos Portuguezes, o nosso S. Gonsalo d'Amarante em seu Habito Dominico, de tal pintura, e maõ, que representa huma grande antiguidade.

CAPITULO XI.

Em que se dá conta dos meyos, com que os Religiosos da Ordem de S. Bento pertenderaõ tirar este Santo á de S. Domingos: Do litigio, que sobre isso correu, e sentença que nelle se deu.

MAs he desgraça, que segue naturalmente todas as cousas de valia, naõ se possuir nenhuma sem contradiçaõ, e contenda. Quem cuidara, que em negocio taõ liso, e sem duvida, taõ assentado com os annos, e confirmado com universal, e uniforme tradiçaõ deste Reyno, e dos estranhos, como he ser S. Gonsalo Frade Dominico, havia de haver quem lhe quizesse roubar o Habito de S. Domingos, e a Nós a honra de o termos por Irmaõ, depois de trezentos annos de posse pacifica nelle, e nelle por authoridade Aposto-

Apostolica Beatificado, e hum Mosteiro de S. Domingos sobre sua sepultura edificado? Bem creo, que se ha de fazer duro de crer polos annos adiante negocio taõ desarresoado, e a todos estivera bem ficar em silencio: Mas como passou tanto adiante, que chegou a julgarse na suprema Cadeira da Igreja, he força dizermos o que vimos por nossos olhos, e tocamos com nossas mãos. Contando, como sabemos, a gravissima Religiaõ de S. Bento sincoenta mil Santos, que de seus Claustros, e santa doutrina deu á Igreja, e ao Ceo, vieraõ ao mundo nestes ultimos tempos huns espiritos, inimigos da paz, e rezaõ, quaes pera esta idade de tudo esteril, senaõ de monstros, que se meteraõ em cabeça poder fazer seu o Santo alheyo: Que foy o mesmo, que aperceber banquete da ovelha de seu vizinho, sobre quem possuia muitas, e usando de poder, e força, que he proprio meyo donde falta justiça, sahiraõ em Lisboa por Janeiro de 1608. com huma Procissaõ, que fizeraõ por sua Casa, levando nella o Santo vestido em Habitos de S. Bento, e sinalado como em cousa, que ninguem havia de crer com huma letra, que dizia, S. Gonsalo d'Amarante. A Procissaõ foy seguida de Sermaõ, em que o Prégador trabalhou por acreditar com palavras a novidade; e sem rezaõ da obra. Era o povo, que assistia, gente do arrabalde, e pola mór parte rude. E comtudo, de huns foy recebida por cousa de chocarrice; por outros abominada, naõ só estranhada. Publicouse o caso. Era Prior de S. Domingos de Lisboa o Padre Mestre Frey Pedro Martyr, que depois foy Lente de Vespera na Universidade de Coimbra. Foy necessario acudir á força por via de justiça, e litigar. Começou primeira instancia, fazendo o Prior duas queixas ao Metropolitano dos Padres. Primeira, por levantarem Altar sem authoridade sua a Santo, que na Ordem de S. Bento naõ havia; que era atrevimento, e desordem: Segunda, que se o davaõ por Santo seu (cousa manifestamente falsa) faziaõ offensa á Santa Sé Apostolica, por cuja commissaõ estava por Frade de S. Domingos Beatificado; passava já de sessenta annos, assistindo na Beatificaçaõ hum Nuncio gravissimo do Summo Pontifice, e hum Cardeal Infante de Portugal. Que era muito maior atrevimento, porque avendo mais Mosteiros, e mais Monges Bentos, e todos gente muy grave em costumes, e douta em letras no tempo da Beatificaçaõ, nunqua ouve nenhum, que se deixasse levar de pensamento taõ desencaminhado, como este de seus successores; nem só por huma palavra. Pareceu a queixa justissima: Resintiose o Metropolitano. Mandou no dia seguinte, amanhecendo, notificar o Padre Prior de S. Bento, que naõ ouvesse huma Prégaçaõ, que pera elle tinhaõ os Padres aprazada, e que dessem rezaõ do Altar levantado. Foy ministro do requerimento, e companheiro dos Notarios Apostolicos, que a isso foraõ, o Padre Mestre Fr. Sebastiaõ d'Ascensaõ, que pouco depois foy eleyto Bispo de Santiago no Cabo Verde. Appellou o Prior pera a Legacia: Assi começou o litigio; mas

1608.

mas com grande desigualdade de nossa parte. Porque gente em nome, e realidade mendicante, como saõ os Frades de S. Domingos, que podia esperar contra Mosteiros de grossas rendas, poderosos no Reyno, e naõ menos fóra delle? E que tinhaõ já por isso, e por sy, o que haõ por grande aventagem os homens, que se prezaõ de arteiros em contendas juridicas, que era ficarem sendo reos com a violencia, que usavaõ: E averem de ser buscados, e requeridos polos pobres. No que se prometiaõ, polo menos, fazerem a causa immortal, quando outra cousa naõ alcançassem. Porem foy Deos servido, que levada a causa á Curia Romana, se aclarou a justiça de sorte, que no de 1615. se veyo a sentenciar definitivamente em favor da Ordem de S. Domingos. A sentença original temos em nosso poder. A copia daremos no Capitulo seguinte.

1615.

CAPITULO XII.

Que contem a sentença, que em Roma se deu contra os Religiosos de S. Bento na pertençaõ, que tinhaõ, de S. Gonsalo ser Frade de sua Ordem.

IOannes Dominicus Spinnula Prothonotarius Apostolicus, Sanctissimi Domini nostri Papæ in utraque signatura Referendarius, Curiæque causarum Cameræ Apostolicæ generalis Auditor, Romanæque Curiæ Judex ordinarius, sententiarum quoque, & censurarum, tam in eadem Romana Curia, quam extra eam latarum, ac literarum Apostolicarum quarumcunque universalis, & merus executor ab eodem Sanctissimo Domino nostro Papa specialiter electus, & deputatus: Universis, & singulis præsentis nostræ sententiæ instrumentum serie visuris, lecturis pariter, & audituris: illique, vel illis, ad quem, vel ad quos præsentes nostræ literæ pervenerint, & præsentabuntur, salutem in Domino, & præsentibus nostris fidem indubiam adhibere. Noveritis qualiter alias introducta coram nobis lite, & causa intra RR. Fratres Ordinis Sancti Benedicti Regni Portugalliæ, & Fratres Ordinis Prædicatorum ejusdem Regni, de, & super eo, quod dicti Fratres Sancti Benedicti ausi fuerint in publica Processione Civitatis Vlixbonensis, deferre Imaginem Beati Gondisalvi de Amarante, Habitum Fratrum Ordinis Sancti Benedicti indutum, rebusque aliis, &c. Et illorum occasione Reos conven-

 tos,

tos, partibus ex altero: Et in lite, & causa hujusmodi exhibitis nonnullis juribus ad causam hujusmodi facientibus, testibus nostri de mandato per infra scriptum Curiæ nostræ Notarium examinatis, citato in omnibus ad omnes, & singulos actus necessarios, & incumbentes D. Cipriano Matarozzo, in Romana Curia causarum, & dictorum RR. Fratrum Sancti Benedicti extraordinario Procuratore, per unum ex Sanctissimi Domini nostri Papæ Cursoribus, ut moris est. Tandem Perillustris, & Reverendus Lucas Antonius Virilis Iuris utriusque Doctor, in utraque signatura prælibati Sanctissimi Domini nostri Papæ Referendarius, ac noster in civilibus causis locum tenens, servatis servandis, consideratis considerandis, hujusmodi causæ meritis ad plenum discussis, dicto D. Cipriano ad hoc pari modo citato, suam in scriptis tulit, & promulgavit sententiam diffinitivam, tenoris prout infra; videlicet: Christi nomine invocato, pro tribunali sedentes, & solum Deum præ oculis habentes, in causa, & causis, quæ primò coram nobis in prima, seu alia veriore instantia versæ fuerunt, & vertuntur indecisæ, inter admodum Reverendum Patrem Procuratorem Generalem totius Ordinis Prædicatorum, & Reverendos Fratres dicti Ordinis Prædicatorum Regni Portugalliæ agentes ex una. Ac Admodum Reverendum Patrem Procuratorem generalem Congregationis Monachorum, seu Fratrum Sancti Benedicti, dicti Regni Portugalliæ reos conventos; de, & super eo, quod dicti Fratres Sancti Benedicti ausi fuerint in publica Processione Civitatis Vlixbonensis deferre Imaginem Beati Gondisalvi de Amarante Habitu Fratrum Ordinis Sancti Benedicti indutum cum titulo, qui dicebat: Beatus Gondisalvus de Amarante, & in fine Processionis etiam prædicare dictum Beatum fuisse Fratrem Sancti Benedicti: Ac etiam, ut in futurum à præmissis prædicti Fratres Rei conventi desisterent, rebusque aliis in actis causæ, & causarum hujusmodi latius deductis partibus ex altera. Dicimus, pronuntiamus, ac diffinitive decernimus, & declaramus dictis Fratribus Sancti Benedicti non licuisse, neque licere de

jure,

jure, Imaginem ejusdem Beati Gundisalvi alio Habitu, quam Fratrum Prædicatorum depictum deferre, seu in eorum Ecclesiis, vel monasteriis habere, ne dum Beatum Gondisalvum nisi pro Fratre professo Ordinis Prædicatorum Fidelibus prædicare: molestationesque, & vexationes, per dictos Fratres Sancti Benedicti eisdem Fratribus Ordinis Prædicatorum illatas, fuisse illicitas, indebitas, iniquas, & injustas: ac super præmissis perpetuum silentium imponendum fore, & esse, prout imponimus: victosque victoribus in expensis in causa hujusmodi factis condemnamus: quarum taxationem nobis, vel cui de jure, in posterum reservamus: Et quodcunque mandatum desuper necessarium, & opportunum decernendum fore, & esse, prout decernimus. Et ita dicimus, pronuntiamus, sententiamus, coudemnamus, & relaxamus, non solum modo præmisso, sed etiam omni alio meliori modo. Et ita pronuntiavi ego Lucas Antonius Virilis locum tenens. Quæ omnia, & singula vobis omnibus, & singulis supradictis intimamus, notificamus, & insinuamus, & ad vestram, & cujuslibet vestrum notitiam deducimus, & deduci volumus; & mandamus per præsentes. In quorum omniium, & singulorum fidem has præsentes fieri, & per infra scriptum Curiæ nostræ Notarium subscribi, sigilloque Reverendæ Cameræ Apostolicæ, quo in talibus utimur, jussimus, & fecimus appensione muniri. Datum Romæ ex ædibus nostris anno Domini millesimo, sexcentesimo decimoquinto, Indictioue decimatertia, die verò undecima Aprilis, Pontificatus Summi in Christo Patris, & Domini nostri Domini Pauli Divina Providentia Papæ V. anno ejus decimo. Lucas Antonius Virilis locum tenens. Antonius Columna Cor. Can. Curiæ Apostolicæ Notarius.

Desta

Desta sentença, por encurtarmos leitura, naõ daremos mais traducçaõ, que de huma só clausula que contem as forças, e substancia della, e he, a que se segue.

INvocado o nome de Christo. Nós Lucas Antonio Viril, sentado em Tribunal, e tendo só a Deos diante dos olhos na causa, e causas, que primeiro ante Nós correraõ, e correm em primeira, ou outra mais verdadeira instancia, atégora indecisas entre o muito Reverendo Padre Procurador geral de toda a Ordem dos Prégadores, e os Reverendos Frades da dita Ordem dos Prégadores do Reyno de Portugal, Autores de huma parte, e o muito Reverendo Padre Procurador geral da Congregaçaõ dos Monges, ou Frades de S. Bento do dito Reyno de Portugal, Reos demandados sobre, e por rezaõ, de os ditos Frades de S. Bento se atreverem a levar em huma publica Procissaõ na Cidade de Lisboa huma Imagem do Beato Gonsalo d'Amarante, vestida em Habito de S. Bento, e com huma letra, que dizia: Este he o Beato Gonsalo d'Amarante. E acabada a Procissaõ, ouvera Sermaõ, em que o Prégador dissera, que o dito Beato fora Frade seu. E pera os ditos RR. naõ fazerem mais semelhantes cousas, nem outras, que nos autos da dita causa, e causas mais largamente saõ deduzidas: Dizemos, pronunciamos, e diffinitivamente determinamos, e declaramos, que naõ podem, nem podiaõ os ditos Frades de S. Bento licitamente, e conforme a Direito trazer, nem ter em suas Igrejas, e Mosteiros as Imagens do dito Beato pintadas em outro Habito, senaõ só no dos Frades Prégadores, nem prégar aos Fieis, que foy de outra Ordem professo; senaõ na dos Prégadores. E assim determinamos, que todas as molestias, e aggravos, que os ditos Frades de S. Bento fizeraõ aos da Ordem dos Prégadores, foraõ illicitas, e indevidamente feitas, e foraõ iniquas, e injustas. E por tanto se deve pôr, e pomos perpetuo silencio em tal materia. E condenamos aos vencidos pera os vencedores nas custas dos autos, cuja taxa reservamos a Nós, ou a quem

de

de Direito pertencer: E qualquer mandado, que mais parecer necessario, ou comodo decretarse, o avemos por decretado. E assi o dizemos, pronunciamos, sentenceamos, condenamos, e relaxamos, naõ só pola maneira assima dita; mas por todo, e qualquer outro modo, que melhor for, &c. Assi o pronunciey eu Lucas Antonio Viril lugar Tenente.

Restanos, pera concluir com este Convento, duas particularidades de consideraçaõ. He a primeira, darmos conta, em como dando o Papa Pio V. commissaõ ao Cardeal Infante D. Henrique, pera extinguir alguns Mosteiros de Conegos Regulares, e Monges Bentos, que andavaõ em poder de Commendatarios, e os mesmos unir a outros; seguindo a ordem, que elRey D. Sebastiaõ fosse servido dar, foy S. Alteza contente de nomear o Convento de Mancellos, que fora de Conegos Regulares de Santo Agustinho, pera ajuda de sustentaçaõ de dous de S. Domingos; a saber este d'Amarante, e o de Villa Real: E nelle com titulo de Vigairaria residem alguns Frades nossos. E comprehende esta Vigairaria dous Mosteiros, que antigamente foraõ de Conegos Regulares, que tem por invocaçaõ, o primeiro, e maior, S. Martinho de Mancellos; e outro S. Salvador de Freixo. Teve elRey respeito á vizinhança, que tem com Amarante, que he pouco mais de huma legoa: E pera que fique aqui dito tudo, o que toca a esta Vigairaria, he de saber, que estando feita a uniaõ, e annexaçaõ do Convento, como fica dito, vieraõ os nossos Frades a tomar posse delle no anno de 1569. Porque faleceo entaõ o Comendador mór da Ordem de Christo D. Affonso de Lancastro, que o desfrutava com titulo de Commendatario.

1569.

He a segunda particularidade, huma letra, que achamos esculpida nos pedestaes dos pilares, que sustentaõ o arco da Capella mór: Começa em hum, e acaba em outro, ficando igualmente repartida por ambos. E diz assi.

Este Convento fundou elRey D. Joaõ III. deste nome, á honra do Glorioso S. Gonsalo da Ordem de S. Domingos no anno de 1540. E depois elRey D. Sebastiaõ seu neto alcançou licença do Papa Pio IV. no anno de 1561. pera nestes Reynos se poder rezar do dito Santo. E no anno de 1595. elRey D. Filippe nosso Senhor o II. deste nome, e I. de Portugal, mandou declarar por Provisaõ sua, que está registada no livro da Camara desta Villa, como elle he Padroeiro deste Convento, e como tal defende, que na Capella mór delle senaõ possa enterrar ninguem: Como mais largamente consta da dita Provisaõ, que está no Archivo deste Convento.

1540.

1561.

1595.

Este letreiro nasceo da curiosidade do Prior Frey Fernando

do de Castro. Suprio o descuido dos primeiros edificadores, que acabaraõ a Casa, sem fazerem memoria dos annos, nem do Fundador: E acudio á mayor veneraçaõ do Santo, em declarar sua Capella por Realenga, com o testemunho do Marmore, quando os papeis faltem.

CAPITULO XIII.

Fundaçaõ do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça da Villa d'Abrantes.

DEvemos a origem, e principio deste mosteiro a hum antigo Bispo da Cidade da Guarda, em cuja Diocese se comprehende a Villa d'Abrantes. Era seu nome Dom Frey Vasco de Lamego. Fora Religioso regular (naõ nos consta de que Ordem) quiz fazer bom emprego do sobejo de suas rendas, ordenou hum Mosteiro de Freiras, levantou Casa, comprou renda, e ficou em memoria, que lhe fizera tudo de despesa vinte mil livras da moeda daquelle tempo. Altera a moeda sempre, segundo a estreiteza, ou largueza dos tempos; troca valias, nomes, pesos; com que se faz muy difficultosa a reducçaõ do valor antigo ao moderno. E o peor he, que com a tal mudança dá occasiaõ a huns engenhos inclinados a buscar, e enxergar arestas nos olhos alheyos, pera fundarem, e esforçarem suas contradiçoens. De alguns escritos se collige, que valia cada livra poucos annos atraz, do em que este Bispo fez o Mosteiro, oito vintens dos ordinarios, que hoje correm. Esta he a mayor, que achamos nos tempos mais antigos. Nos mais chegados a nós he o valor muito menos, segundo em outra parte temos apontado. Do que foy causa, lavrarem os Reys depois outro genero de moeda muito miuda, que tambem quizeraõ chamar livras, e daqui nasce a confusaõ. Qualquer que fosse a valia, foy esmolla de Prelado de grande Espirito, que tinha os olhos em Deos, e em dispender bem o patrimonio da Igreja. Porque alem de ser em sy bem crescida pera o tempo, naõ vemos nella os contrapesos de memorias, sepulturas, letreiros, e obrigaçoens, que hoje juntaõ os homens a qualquer boa obra, que fazem, com que quasi lhe roubaõ toda a virtude, e substancia. Taõ longe esteve de tal ambiçaõ, que nem seu nome, nem inda o anno da fabrica soubéramos, senaõ permanecera huma escritura de doaçaõ, que dous virtuosos casados fizeraõ ao Mosteiro no mesmo tempo, que se edificava. Saõ de ver as palavras, e os termos da antiguidade. Poremos aqui só huma clausula, em que depois de nomearem boa copia de fazenda, terras de paõ, olivaes, vinhas, canaviaes, e moradas de casas, dizem assi:

Faze-

Fazemos perpetua doação de esmolla pera todo sempre de nossa livre vontade propria, sem outra prema, e constrangimento, nem afogo, que sobre isto nenhuma pessoa nos fizesse, vendo em como Dom Frey Vasco de Lamego Bispo da Guarda, hora novamente faz na Villa d'Abrantes hum Mosteiro a louvor da Virgem Maria, a qual obra he santa, e honrada, pois he Casa nobre, em que se ha de louvar o nome de Deos, pera avermos parte em todo o bem, que se em o dito Mosteiro fizer, e nas Horas, e Oraçoens, que as ditas Donas, e Prioreza abi disserem: Era de mil quatrocentos, e vinte dous (*respondelhe o anno do Redemptor* 1384.

A Ordem, que o Bispo lhe escolheo, foy dos Conegos Regrantes de Santo Agŭstinho; mas com declaraçaõ, que ficaria em sua obediencia, e administraçaõ delle Bispo, e de seus successores. A invocaçaõ foy por entaõ de Nossa Senhora da Consolaçaõ. Floreceo este Mosteiro em virtude, e Religiaõ, como planta nova, e bem fundada até o tempo da grande peste, que correo todo o Reyno em tempo d'elRey Dom Duarte, que foy taõ cruel, que assolou lugares inteiros, e nem o mesmo Rey lhe pode escapar; e della dizem, que foy sua morte. Nesta conjunçaõ acabou tambem este Mosteiro: Entrou nelle o mal com a violencia que tudo destruia. A caridade, e amor de Irmãas, e o naõ se quererem desemparar humas ás outras, foy causa de se contaminarem todas, e naõ ficar nenhuma só com vida. Em tamanho desemparo tomaraõ os Bispos por remedio, pera se naõ perderem tambem as paredes por deshabitadas, e as rendas, e propriedades por falta de administraçaõ, encomendar a Casa a algumas molheres nobres como em encomenda, que viviaõ nella, e a reparavaõ, logrando com a morada tambem as rendas, que comiaõ com trajo secular, e sem clausura, nem outro final de Religiaõ mais, que o nome de Priorezas, que este mantiveraõ sempre, inda que naõ tinhaõ subditas. Durou pouco menos de cem annos este genero de provimento, que foy causa de se desbaratar muita, e boa fazenda, que dantes possuiaõ as Freiras. Eraõ os tempos pouco escrupulosos, e as Priorezas de nome, livres, e liberaes, pera darem, e doarem, e casarem suas criadas com os bens Ecclesiasticos.

De taes Comendatarias achamos, que foy ultima huma Brittes Banha, que com licença do Bispo fez renunciaçaõ do Mosteiro em huma molher moça, e nobre, filha de Affonso

Florim, e de Violante Alvares d'Almeida. Esta levada de bom Espirito, determinou empregar todo seu poder, e habilidade em restituir o Mosteiro á sua antiga Religiaõ. Ajudou Deos, como sempre faz, os virtuosos intentos. Primeiramente usando de segredo, e industria alcançou da Sé Apostolica, pera tornar a Casa a seus bons principios: E como a teve, foy juntando comsigo gente nobre, introduzio Ordem, e Noviciado, e Clausura, e Regra, em que primeiro estivera, de Santo Agustinho dos Conegos Regulares. Tanto que teve as cousas neste estado; pareceolhe tempo de se entregar, e pôr tudo em maõ do Bispo, como seu verdadeiro Superior, e Prelado. Erao neste tempo Dom Jorge de Mello, presidindo já na Cadeira de S. Pedro o Papa Clemente VII. e começando a reynar em Portugal elRey Dom Joaõ o III. polos annos de 1522. Pedialhe Brittes de S. Paulo, que assi se fazia chamar a Prioreza, fosse servido de acudir, a receber a obediencia de hum Mosteiro resuscitado por ella, mas subdito delle Bispo, que como verdadeiro Pastor estava obrigado a visitallo, e encaminhallo no Espiritual; e quanto ao temporal darlhe poder, e fazerlhe costas, pera tirar de mãos de injustos possuidores muitas peças de fazenda manifestamente alheadas do Mosteiro. Vicio he muito antigo, e que acompanha muita gente, que no mundo tem qualquer poder, por fraco, e limitado que seja, naõ se pagar de conselhos, que sahem de cabeça, e juizo alheyo, por bons, e acertados que sejaõ. Desconfiança he de animo, e fraqueza de entendimento. Vio o Bispo feito tudo, o que pudera dezejar, e pertender, e que muito devera estimar: Assi o sentio por naõ ser a traça sua, como se fora obra muito desencaminhada, e contra o serviço de Deos. E naõ sómente se descontentou della, mas no mesmo tempo, que a Prioreza lhe offerecia obediencia, e sogeiçaõ a seus mandados, despachou quem a notificasse, que pessoalmente aparecesse diante delle a dar rezaõ do que sem ordem sua tinha feito. E continuou em a inquietar, e avexar por tantas vias, que, naõ lhe valendo hum raro exemplo de virtude, com que procedia, e governava a casa, nem o favor dos Princepes do Reyno, que muito a honravaõ, tornouse a valer de sua habilidade, e com o mesmo segredo, e diligencia, com que negoceara em Roma, impetrou do Nuncio Apostolico, que neste Reyno residia, que era Dom Martinho de Portugal, Bispo do Funchal, izentarse de sua jurisdiçaõ, e dar obediencia ao Arcebispo de Lisboa. Assi se achou o Bispo, quando menos o cuidava, inhibido pera a perseguir, e privado de toda a jurisdiçaõ do Mosteiro. Porque em dia de todos os Santos do anno de 1529. fez a Prioreza solemne acto de obediencia ao Arcebispo por virtude das letras, que lhe passou o Nuncio, nas quaes se dá por rezaõ de tal novidade o descuido, com que o Bispo se avia no governo do Mosteiro, sendo obrigaçaõ sua assistirlhe, emparallo, e favorecello. Por este modo tiveraõ fim as molestias, que a Prio-

1522.

1529.

Prioreza recebia ; e o Arcebifpo ficou correndo com a Cafa em todo o Efpiritual, e temporal; e em feu nome fizeraõ profiffaõ as primeiras Noviças. Que affi leva ao cabo o Efpirito varonil de huma femea o que huma vez toma a peito.

CAPITULO XIV.

Dos meyos com que efte Mofteiro fe paffou á Ordem de S. Domingos.

POucos annos gozou Brittes de S. Paulo na terra a quietaçaõ, que tanto procurou; e em fim a alcançou pera o feu Mofteiro, e pera fy: Apreffoulhe Deos o premio, que no Ceo tinha guardado a feus taõ fantos trabalhos. Foy eleyta em feu lugar a Madre Ifabel de S. Francifco, filha do Doutor Fernando Alvares d'Ameida, Chançarel mór do Reyno. Efta Madre como era nobre, e bem nafcida, tanto que fe vio Prelada, inda que guardava com pontualidade toda a ordem de bom governo, que de fua anteceffora aprendera, naõ fe dava por fatisfeita, do que fazia, afpirando fempre a huma grande perfeiçaõ, que ouvia praticar dos Mofteiros Obfervantes das outras Ordens. Defte penfamento, que muito a desvellava, deu conta a feu pay, e por feu meyo, como era peffoa poderofa, e que por virtude, e letras tinha valia no Reyno, e fora delle, impetrou da Sé Apoftolica hum Breve, pera fe poder paffar ao Habito, e Regra de qualquer das Ordens reformadas, que quizeffe. E logo tirou tambem licença d'elRey, pera em cafo, que foffe neceffaria. Armada affi dos dous mayores poderes da terra, deufe a efpecular com cuidado a forma da vida, e Eftatutos dos Mofteiros, que avia de Religiofas no Reyno : E ponderando todos com maduro juizo, e dezejo de acertar, foyfe inclinando ao que lhe diziaõ da Ordem de S. Domingos. Obrigoua de todo, como os exemplos podem muito, faber a refoluçaõ, com que no mefmo tempo fe tinhaõ paffado humas Freiras d'Elvas de Terceiras, que eraõ de S. Domingos, ao maior rigor da mefma Ordem. Ficava por vencer a maior difficuldade, que era a dos animos, e vontade das fubditas. Vendoas hum dia juntas, determinou communicarlhes, o que trazia no coraçaõ. Começou primeiro a queixarfe com ellas das contrariedades, em que viviaõ, feguindo Regra de Frades, que naõ viaõ, nem como Meftres, nem como Prelados, dando obediencia a Prelado fempre auzente, que as naõ via, nem podia entender de perto fuas neceffidades, nem no temporal, nem no Efpiritual. O que affirmava, que fendo pera todas vida defconfolada, e trifte, pera ella o era muito mais, por fer Prelada, e ver que fe faltava naquella Cafa a perfeiçaõ, e concerto, que ouvia dizer de outras do Reyno, naõ era a culpa della, nem das fubditas; porque em todas enxergava grande Efpirito, e devaçaõ : E quanto á fua peffoa, com dezejos, e Oraçaõ continua pedia a Deos, lhe abriffe algum caminho, com que naõ ficaffem atraz no caminho da virtude : Polo que fó via faltarlhes, que era Meftres, que as guiaf-

guiassem, e instruissem. Bastaraõ estas poucas rezoens, pera todas se deixarem persuadir, que lhes cumpria buscar outro modo de vida. Abriose entaõ com ellas, deulhes conta do que tinha alcançado de Roma, e negociado no Reyno: E ajuntou, que sua tençaõ era seguirem a Ordem de S. Domingos. Naõ passava a Communidade de onze companheiras, e huma destas onze Irmãa da Prelada: Sem debate, nem contenda vieraõ todas no parecer da Prioreza. Avia já dous annos, que esta Madre governava a Casa, e hia no cabo o de 1541. quando na entrada do mez de Novembro, e na conjunçaõ mais viva de suas determinaçoens, lhe trouxe Deos á Villa, como chamado, o Padre Mestre Frey Jeronymo de Padilha, Provincial de S. Domingos, que proseguindo na execuçaõ de seu cargo, chegava ao Convento de Frades, que a Ordem alli tem, com tençaõ de tomar delle o caminho pera Roma (como fez) a se achar no Capitulo geral da eleyçaõ, que instava, como atraz tocamos. Ouveraõ as Religiosas por traça do Ceo tal vinda. Mandaõ logo visitallo, e pedirlhe, queira lançar huma bençaõ áquelle Mosteiro. Acudio o Provincial, como Religioso, e cortez. E a Prioreza naõ quiz guardar pera mais longe a declaraçaõ do fim, pera que o chamara. Mostralhe o Breve, que tinha do Pontifice; declaralhe a conformidade, com que todas estavaõ de ser suas subditas. Acodem todas, pedemlhe affincadamente, que pois Deos fora o que em tal tempo alli o trouxera, naõ queira dilatar aceitallas por subditas; visto como só isso faltava. Era o Mestre muyto prudente, a materia de sy importante, e suposto que de pouca duvida á vista das Letras Apostolicas, determinou proceder com sua madureza, e conselho. Respondeo, que era estrangeiro, e naõ lhe seria bem contado acometer huma empresa taõ nova, sem primeiro entender, se seria do gosto d'elRey. Tirou a Prioreza entaõ do seyo o Alvará de licença, que atraz dissemos tinha alcançado d'elRey, que acharaõ em taõ boa forma, que naõ concedia a licença pedida mas declarava, que se averia por bem servido de qualquer Prelado, que o Mosteiro aceitasse. Viose o Provincial posto em cerco, e com todos os caminhos tomados, pera se poder escusar da aceitaçaõ: Com tudo quiz meter tempo em meyo, que he grande Mestre pera conselhos humanos. Pedia, que ficasse o effeito, pois já naõ duvidava, pera quando viesse de Roma. Porque cumpria partirse depressa, e naõ achava, que averia lugar pera se poder fazer o que de parte dellas convinha pera a solemnidade, que era aprestar Habitos, e Escapularios. Dissimulou a Prioreza, e sem mostrar que sentia a dilaçaõ, dissellhe com segurança, que todavia naõ quizesse Sua Paternidade pôrse a caminho, sem as tornar a ver, pera lhe tomarem a bençaõ, pois já ficavaõ por subditas suas, e filhas de S. Domingos, e elle as avia por taes. Naõ entendeo o bom Padre a subtileza do lanço, prometeo tornar. E a Prioreza no ponto, que se despedio, fez comprar

1541.

o pano neceſſario pera ſe veſtirem todas. E ſem aver quem quizeſſe hora de repouſo, gaſtaraõ a noite inteira em talhar, e cozer, e o mais certo era alinhavar. E tanta foy a diligencia, que quando pola manhãa appareceo o Provincial a deſpedirſe, e poſto a ponto de caminhar, juntas todas com os peitos por terra, lhe pediraõ de novo as quizeſſe conſolar. E ſe outro inconveniente naõ avia, como differa no dia d'antes, mais que falta de Habitos, alli lhe moſtravaõ hum monte de fato feito, em que avia Mantos, Habitos, e Eſcapularios pera todas. Naõ ſoube o Provincial, nem ſe atreveo a reſiſtir, edificado do fervor, e dilaçaõ, e eſpantado da diligencia. Na meſma manhãa, que foy huma ſegunda feira, dia do Glorioſo S. Martinho Biſpo 11. de Novembro de 1541. lançou o Habito a todas (deſte dia lhe damos ſua antiguidade a eſte Moſteiro) e de conſentimento commum fez logo profiſſaõ a Iſabel de S. Franciſco, cedendolhe ſeu direito ás que eraõ mais antigas na primeira profiſſaõ. Porque declarou, naõ ſer ſua tençaõ prejudicar neſta parte a nenhuma. E a meſma inſtituio, e confirmou em Prioreza. E porque ficaſſe tudo em concerto, e ordem de Religiaõ, fez tambem profiſſaõ a outras tres das mais anſiaãs em annos, e Habito. E a eſtas proveo nos officios mais neceſſarios da Caſa. A Magdalena da Cruz em Superioreza, a Iſabel da Conceiçaõ em Rodeira, Catharina da Cruz em Meſtra de Noviças. Deulhes por Vigario hum grave, e muy douto Religioſo, por nome Frey Matheus de S. Domingos, de Naçaõ Italiano; mas filho de profiſſaõ, e Habito deſta Provincia. Aſſi fez dentro de huma hora o que, ſe fora em outro tempo, avia miſter muitos dias. Entendeo logo em ſua jornada; e quando tornou della, viſitou com cuidado ſuas devotas filhas: e fez profiſſaõ ás que deixou em Noviciado; a qual fizeraõ juntas na Oitava da Epifania do anno de 1543.

1541.

1543.

O nome, com que eſte Moſteiro ſe unio á Ordem, foy de Noſſa Senhora da Graça: Porque chamandoſe em ſua primeira fundaçaõ da Conſolaçaõ (titulo, que lhe achamos nas Proviſoens, em que elRey Dom Joaõ lhes concedeo licença pera poſſuirem bens de rais,) e depois de Santa Maria a Nova, pera diſtinçaõ do noſſo Convento dos Frades da meſma Villa, que tinha, e tem o meſmo nome de Conſolaçaõ, como em ſeu lugar fica dito: Em fim, pera ſe eſcuſarem embaraços, que produzia a ſemelhança dos titulos, nas arrecadaçoens das rendas, e ordinarias, e pagamentos de juros, e tenças, tomou o de Noſſa Senhora da Graça.

CAPITULO XV.

Das merces, e favores, que os Reys faziaõ a eſte Moſteiro, depois que foy incorporado na Provincia de S. Domingos, e como mudou de ſitio.

TAnto que a Ordem aceitou eſta Caſa em ſua adminiſtraçaõ, ficou elRey taõ ſatisfeito da reſoluçaõ, e bom Eſpirito, com que as Religioſas buſca-

buscaraõ a vida austera, e reformada (como todo seu gosto era ver as Religioens no mais alto ponto de perfeiçaõ) que sempre depois lhes mostrou inclinaçaõ, e boa vontade, e no que se offereceo, lhes fez merce. A Rainha Dona Catharina pola mesma rezaõ as tratava com muito amor, escrevendo a miude á Prioreza cartas cheyas de huma brandura, e affabilidade Real, com que as obrigava (como os favores dos Reys saõ esporas pera a virtude) a procurarem adiantar muito nella. E naõ parava o negocio em palavras. Acompanhavaõ as cartas suas esmollas, e estas lembranças avivavaõ a boa vontade, que elRey lhes tinha. Com que de ambos recebiaõ merces, que ao diante apontaremos. Mas daremos primeiro copia de alguns pedaços de cartas, que chegaraõ a nossas mãos, que a Rainha lhes mandava: Que se bem saõ treslados de palavras mortas, vesse nellas hum retrato vivo de extraordinaria benignidade, e bondade desta alta Princesa. E ainda que isto era mais do cargo de Cronistas do Reyno, que de quem o he só da Religiaõ, folgamos de fazer, por demonstraçaõ de animo grato, o que elles devem por obrigaçaõ de officio. Em huma dizia a Rainha assi.

DOna Prioreza, Freiras, e Convento: Vi a Carta, que me escrevestes, e folguey muito de a ver, pola vontade, e amor, que mostrais pera todas as cousas de meu prazer, e serviço, que he conforme ao que eu tenho pera as de vossa consolaçaõ, e descanço, e das Religiosas dessa Casa, da qual por vossas virtudes, e merecimento eu som muy devota, &c.

Em outra Carta concluia assi.

DEveis de crer, que pera todas as cousas de vossa consolaçaõ, e bem desse Mosteiro, achareis sempre em mim aquella boa vontade, que he rezaõ, e vós mereceis, &c.

Juntandose o favor dos Reys com a nova reformaçaõ, começou de acudir ao Mosteiro muita gente nobre, mas avia falta de gasalhados. Porque alem de ser o aposento estreito, tinha outro mal, que naõ era o sitio capaz de se alargar: E porque se juntava a isto estar velho, e mal reparado, alcançaraõ as Religiosas licença em hum Capitulo Provincial, pera fabricarem Casa nova em posto mais comodo, e mais chegado á Villa. Mostrou elRey gosto da obra, quando della soube, aplicandolhe algumas esmollas em dinheiro, e em huns alvitres de importan-

portancia. A que juntou outra merce maior, e por Carta sua, que nos escusará, lançada aqui, fazermos della maior especificaçaõ. E com ella, como com testemunho Real, que sempre he maior de toda exceiçaõ, ficará tambem entendida a boa reputaçaõ, em que as Religiosas diante delle estavaõ; pois naõ só lhes fazia a Casa, com o que pera ella dava, mas engrandecia o beneficio com a honra de lhes escrever. A Carta, tirada de seu original, he a que se segue.

MAdre Prioreza, e Freiras: Eu elRey vos invio muito saudar. O Padre Frey Pedro Bom me requereo da vossa parte o despacho da venda dos Officios d'Escrivaõ da Camara, e d'Almotaçaria dessa Villa, e assi da parede, e chãos, de que vos fiz merce, e esmolla pera as obras do Mosteiro novo: E o despachey, segundo vereis por huma Carta, que sobre isso escrevo ao Corregedor dessa Comarca. E com o dinheiro desses Officios, e parede se poderáõ pôr as obras em perfeiçaõ; pera que este Veraõ, que vem, com a ajuda de nosso Senhor vos possais mudar ao dito Mosteiro novo: do que eu receberey muito contentamento, &c.

A este Frey Pedro Bom, de que a Carta faz mençaõ, foy entregue pola Provincia o cargo de todo o edificio, e de juntar as esmollas pera elle; e em tudo procedeo com tal cuidado, que fez verdadeiro o appellido, que tinha. E quando foy por dia de nosso Padre do anno de 1548., sendo Provincial o Padre Frey Francisco de Bovadilha a primeira vez, fizeraõ solemne passagem pera o novo Mosteiro. Ordenouse huma fermosa Prociſsaõ, a que acudio o povo todo da Villa, e Comarca, naõ ficando aquelle dia em casa nenhuma molher do melhor da terra. Mas querendo todas ver por seus olhos as que por sua vontade viviaõ enterradas, e se apareciaõ no mundo, era por milagre de huma semelhante transmigraçaõ. E he de saber que estava já neste tempo crescido o numero, e eraõ trinta e quatro, que faziaõ fermoso espectaculo. Hia diante toda a Cleresia da Villa, e Termo com suas sobrepelizes, seguiaõse os Frades do Convento com sua Cruz. Entre elles caminhavaõ as Religiosas por suas antiguidades, acompanhadas das Donas mais nobres da Villa, ou parentes, ou amigas. No couce a Prioreza, e Suprioreza, presas polas mãos com a molher do Alcayde mór da Villa, descendentes dos Condes della. Que pera festejar este dia se enfeitou, e vestio de branco, alegrando a terra, e aquella pobre Communidade com sua boa sombra, e ar, posta em meyo das duas Preladas. Cerrava a pom-

1548.

pa

pa o Provincial revestido em capa de Brocado entre o Diacono, e Subdiacono. E traz elle todos os Nobres da terra, e os ministros da justiça. Acabou a solemnidade por Missa, e Prégaçaõ. Passados poucos dias, tratou a Prioreza de pôr em ordem hum officio de verdadeira piedade, que era recolher comsigo as ossadas das Religiosas defuntas antigas, e modernas da Casa velha. Mas interveyo inconveniente, que dilatou o effeyto, como ao diante se dirá.

CAPITULO XVI.

De algumas Religiosas, que neste Mosteiro se adiantaraõ em obras, e fama de grande Espirito, depois que se entregou á Ordem de S. Domingos.

A Madre Soror Antonia de S. Miguel.

SEja a primeira a que primeiro se cubrio de terra do novo gasalhado, que foy a Madre Soror Antonia de S. Miguel. Recebeo o Habito em idade de dezaseis annos, e faleceo entrando nos vinte dous: e neste breve tempo aproveitou tanto, que de toda a Communidade era avaliada por hum raro Espirito. Quando foy a mudança da Casa, vinha já enferma de humas fezoens. Neste estado sentio hum dia a Communidade revolta, e ouvio juntamente golpes de enxada: Perguntou, que avia de novo? Foylhe respondido, que se apercebiaõ pera o recolhimento das ossadas do Mosteiro velho, que aviaõ de vir no dia seguinte, e para ellas se abria cova no Capitulo. E ella respondeo com segurança. Naõ se afadiguem Madres, mais devagar está isso do que cuidaõ. Primeiro ha de receber o Capitulo huma das que hoje vivemos, que as defuntas, de que trataõ. Naõ fizeraõ caso do dito as que o ouviraõ: Porque inda que entenderaõ, que o podia dizer por sy, naõ estava tanto no cabo, que se cuidasse que acabaria antes da tresladaçaõ, que avia de ser no dia seguinte, e estava tudo prestes em Casa, e fóra della, appellidada a Cleresia da Villa, e Termo, e convidados os Nobres do lugar pera inteira solemnidade. Na mesma tarde, que isto disse Soror Antonia, teve hum terrivel accidente, e tal que já cuidavaõ, as que lhe assistiaõ, que fazia verdadeiro seu dito, e começaraõ a repartir entre sy a noite pera a vigiarem. Acudio ella com todo seu mal, ao que ouvia, e dissélhes, que naõ tomassem trabalho, que ainda tinha dez dias de vida, e podia escusar as vigias. Foy caso estranho, que huma, e outra cousa viraõ cumprida, sem faltar ponto. Primeiramente a tresladaçaõ aprasada se suspendeo, e tardou depois algum tempo; porque succedeo caso forçoso, que a entreteve: e ella acabou aos dez dias, que disse. Termo, em que cumprio justamente hum anno de doença taõ forte, e trabalhosa, que pareceo mais Purgatorio, que doença ordinaria. Porque sendo as fezoens de cada dia, todas as horas do frio traziaõ comsigo hum martyrio de dores immensas, e taes, que claramente se via que a chegavaõ a ponto de morte. E ella tomavaas abraçada com hum Crucifixo, e tendo com elle suaves colloquios. Aggravouse o mal no fim; e pera ser mais intolera-

toleravel, foy o Senhor servido, juntaremselhe fortes tentaçoens do inimigo, que se entendia, polo que fallava. Apparecialhe, e fazialhe medos. E de huma vez tomando posto ao pé de hum Crucifixo, que lhe ficava defronte, dalli a inquietava. E ella dizialhe: Maldito, tiſſaõ do Inferno, condenado a fogos eternos, como te atreves a estar a esses pés, que representaõ os de meu Senhor Jesu Christo, passados de cravos, e banhados em sangue por meu remedio? Naõ convem tal lugar a taõ fea, e taõ má creatura. Sus, andar caminho do Inferno. E senaõ, espada tenho, que vos fará voar. E com isto fazia força por lançar maõ de huma Cruz, que tinha á cabeceira. Fogia o tentador, e logo lhe acudia o Senhor com enchentes de consolaçoens, e representaçoens da Gloria, que a esperava. Estas se enxergavaõ na quietaçaõ, e alegria, com que ficava no meyo das dores, que a atormentavaõ, e tambem na alteza das cousas, que fallava com as Madres, tratando dos bens da outra vida. O que fazia com huns termos taõ deleitosos, e conceitos taõ subidos, como se fora hum Santo Agustinho, ou S. Bernardo. E o que mais admirava, trazia passos da Escritura em Latim, e versos dos Psalmos, explicados com delicadeza, e muito a proposito. Julgavaõ todos, que era luz sobrenatural, que reverberava já do Sol Eterno naquella Alma; que outra cousa naõ podia ser em idade de vinte dous annos, vividos com grande innocencia, e concluidos a poder de tormentos. Outros sinaes ouve de parte da enferma, de que senaõ enganavaõ em tal juizo. Porque naquelle estado, sem ter carta, nem aviso de sua terra, soube serem mortas duas Irmãas suas, de que lhe faltavaõ novas muito tempo avia. E contando ás Madres como eraõ falecidas, dizia, que a mais moça fora diante, e andava em hum prado verde, naõ alegre, nem triste, esperando pola outra, pera hirem juntas ver a Deos. A huma Freira, que avia annos naõ sabia de hum Irmaõ seu, disse, que era morto, peleijando contra infieis, e que o tinha no Ceo entre os Santos Martyres. Destas mortes se teve depois certeza. Pouco antes de espirar buscou com os olhos duas Madres amigas suas, e fezlhes com elles, e com a cabeça conhecida inclinaçaõ, como que lhes queria dizer alguma cousa. Foy o caso, que ambas lhe tinhaõ pedido, que se N. P. S. Domingos a visitasse naquella ultima hora, como confiavaõ pola pureza de sua Alma, e devaçaõ, que lhe tinha, lhes fizesse algum sinal, e assi o tiveraõ por sem duvida. E naõ tardou em trocar a terra polo Ceo, e cumprir o que tinha dito de povoar primeiro a terra do Capitulo, que as Freiras do Mosteiro velho. Testemunhava della toda a Communidade, que nunqua lhe fora ouvida palavra, que podesse dar escandalo: E que sendo dotada de bom entendimento, fora seu trato sempre chaõ, e simples.

A Madre Soror Isabel de S. Antonio.

Agora digamos da que por Prelada, e autora da reformaçaõ, merecia o primeiro lugar, que he a Madre Isabel de Santo Antonio. Esta Madre, como atraz dissemos, recebeo a

Casa no Habito dos Conegos Regulares, em que se tinha criado: E passados dous annos de seu governo, procurou passalla á Ordem de S. Domingos, na qual tanto que lhe deu obediencia, cresceo a Casa em reputaçaõ de maneira, que sendo as Religiosas no anno de sua Profissaõ Dominicas por todas sómente onze, quando depois vieraõ a povoar o Mosteiro novo, se acharaõ trinta, e quatro, como deixamos contado; sendo o espaço taõ curto, que naõ ouve mais em meyo, que sinco pera seis annos. Naõ se póde negar, que devia dar muito animo ás que buscavaõ a Deos na reformaçaõ, as partes de virtude, e prudencia, que viaõ na Prelada. Huma, em que muito se esmerava, era a da santa pobreza: E como a estimava, e queria pera sy, da mesma procurava, que resplandecesse no Mosteiro. Assi era lingoagem dos moradores da Villa, notando com attençaõ o pouco provimento, que nelle entrava pera a sustentaçaõ quotidiana, que mais parecia de Padres do ermo tal modo de vida, que naõ de molheres dilicadas, e fracas, que moravaõ em povoado, e naõ entre feras. Este rigor, e austeridade de governo continuou dezasete annos. Cresce o Espirito nas faltas do corpo Assi contaõ, que toda sua recreaçaõ era assistir no Coro orando, depois de ser a primeira em todos os lugares, e obrigaçoens da Communidade. Do que nascia, que todas as vezes que fallava de Deos nos Capitulos, que fazia, ou em particulares conversaçoens, era tanto seu fervor, e devaçaõ, que communicava fogo de Amor Divino, a quem a ouvia. Contavaõ della as velhas, que a alcançaraõ, que trazia sempre na boca, e pera todas as praticas esta palavra, Eternidade; e sempre que a pronunciava, era com huma notavel suavidade, que se enxergava sahirlhe do centro d'Alma. Humas vezes dizia: O quem se vira já naquelle abismo das eterninades. Outras vezes desabafava em suspiros, que lhe arrancavaõ o coraçaõ com vehemencia, dizendo: Quando será, meu Deos, aquelle ditoso dia, que vá gozar de vossa perpetua Eternidade! Quando me subireis com vosco aos altos montes da vossa Eternidade? Eternidade, que assi como naõ conhece fim, da mesma maneira he taõ soberana a gloria dos bens, que nella encerrais, que com rezaõ dissestes passarem por tudo, que olhos de homens viraõ, e orelhas ouviraõ, e por tudo o que seu coraçaõ póde fingir, ou com a imaginaçaõ pintar, e dezejar. E isto he, o que tendes guardado pera os que vos amaõ. O bendito amor, que taes eternidades tem por galardaõ! Aconteceo hum dia depois de aver muito tempo, que tinha largado o cargo de Prioreza, acharse a hum Capitulo de visitaçaõ, que fazia, sendo Provincial o grande M. Fr. Jeronymo d'Azambuja, aquelle que com nome de Oleastro he venerado de todos os Doutor, e ouvirlhe dizer, encarecendo com sua consumada eloquencia o respeito, com que os homens deviaõ estar diante do Diviniſſimo Sacramento do Altar, que se aquelle Senhor nos abrira os olhos, viramos exercitos innumeraveis de Anjos, huns prostrados por

terra,

terra, naõ se atrevendo a levantar os olhos áquella immensa Magestade, outros tremendo de medo, e reverencia, outros abrasados em amor, dançando, e dando alegres voltas, e saltos com a simplicidade de outro David diante da Arca do Testamento: Vista, que muitas vezes acontecia ao grande Chrisostomo. Ficou Soror Isabel taõ penetrada desta pratica, que todas as vezes, que se via no seu Coro, depois de longa Oraçaõ, fazendolhe o som sua devaçaõ, e o grande amor, em que ardia, do Senhor, dançava com grande fervor, e modestia juntamente, todas quantas danças aprendera, sendo minina. E acontecia, juntaremse a espreitalla as Religiosas, que muito se edificavaõ daquella santa singeleza.

Estendeolhe Deos ha muitos annos vida taõ bem gastada, e com ser muito velha, davalhe o Espirito forças, pera naõ perder nenhuma Communidade, tinhaõlhe lastima todas, e a Prioreza mandava, que naõ fosse a Matinas. Obedecia ella no ponto de naõ acudir á meya noite. Mas tanto que a Communidade sahia do Coro, entrava ella. E depois de rezar só sua obrigaçaõ, ficavase entendendo em particulares devaçoens até horas de Prima. E isto sempre de joelhos, ou em pé, nunqua assentada. De dia sempre buscava em que entender. E quando outra cousa naõ achava, remendava os fatos das servidoras; ou pera as aliviar, ou pera naõ gastarem nisso as horas devidas ao serviço da Communidade. Outras vezes varria as varandas, e muitas a casa commum. E se a Prelada pola veneraçaõ, que todas lhe tinhaõ, a reprehendia por se abater tanto, abaixava a cabeça com humildade, e hia buscar com riso outro serviço.

A caridade, que tinha com pobres, e doentes, era avida por hum extremo. Porque naõ possuindo cousa sobeja, como verdadeira pobre, que era de corpo, e Espirito, se lhe pediaõ aquillo, de que tinha muita necessidade, como fosse por Amor de Deos, logo o largava com alegria. Costumava a rezar cada dia, depois que foy Freira, a Paixaõ do Evangelho de S. Joaõ. Depois que veyo a enfraquecer demasiadado com os annos, chamava quem lha proseguisse, donde ella naõ podia passar. O mesmo lhe aconteceo, estando enferma. E no dia, em que acabou, rezou o que pode da Paixaõ: E lendolhe huma Religiosa o que restava, poz os olhos em huma Imagem de N. Senhora. E dizendolhe palavras de entranhavel affecto, por ver que se chegava a hora de hir gozar das eternidades, porque sempre suspirava, espirou, e voou pera ellas.

CAPITULO XVII.

Das Madres Soror Magdalena de S. Paulo, e Soror Isabel da Conceiçaõ.

Breve Historia nos offerece a Madre Soror Magdalena de S. Paulo, mas nesta brevidade de tanto peso, e sustancia, que igualla as muito grandes, e muito estendidas. Era particular amiga da Madre Soror Isabel, e verdadeira imitadora de suas virtudes, e rigores. Vendo a que amava como Irmãa, e respeita-va

A Madre Soror Magdalena de S. Paulo.

va como Mestra, foy tamanha a dor de se ver privar de tal companhia, que na hora, que queria espirar, lhe disse diante de todas, que pois se hia pera o descanço das eternidades, que tanto dezejara, naõ as quizesse lograr muito tempo, sem quem lhe fora nos trabalhos fiel amiga, e companheira, e alcançasse do Senhor dellas, que a fosse lá acompanhar, como fizera tantos annos na terra. Do que passou no Consistorio Divino, quem pode dizer nada! O que as Freiras viraõ, foy, que aos oito dias depois de morta Soror Isabel, acabando de cantar a Communidade o ultimo Responso, como he costume da Ordem, sobre a sepultura, faleceo subitamente Soror Magdalena, com juizo de todas, que lhe alcançara a amiga o despacho de sua petiçaõ, e polo conseguinte seria tambem a companhia da Gloria.

A Madre Soror Isabel da Conceiçaõ.

A Madre Soror Isabel da Conceiçaõ foy huma das onze, que das mãos do M. Fr. Jeronymo de Padilha recebera o Habito, e profissaõ, quando o Mosteiro passou pera a nossa Ordem. Vendose professa nella determinou imitar com generoso animo, quanto suas forças abrangessem, o Glorioso Pay, e Patriarcha, que a recebera por filha. Primeiramente naõ comeo mais carne, desdo dia que vestio o Habito Dominico, até que morreo, nem peixe, senaõ poucas vezes. Sua ordinaria comida eraõ humas hervas cozidas, e mal temperadas, com hum pedaço de paõ. E mandandolhe a Prelada algumas vezes pôr diante hum pouco de peixe frito, ou de empada, por lastima da estreiteza com que vivia, tomava della dous, ou tres bocados, por obedecer, e o mais deixava. Assi como nisto, e em perpetuamente jejuar foy verdadeira filha de S. Domingos, tambem o foy em naõ ter nunqua camara pera dormir. Se alguma vez por grave enfermidade lhe mandava a Prelada, que se deitasse, a cama, que tinha, era huma taboa seca, cuberta de huma manta de pano dos montes, do mais aspero, e desamoravel, que achava. Esta era sua cama d'estado, que lhe servia nas grandes, e urgentes necessidades. Todo o resto do anno passava as noites inteiras no Coro. Quando a apertava o sono, sentavase em hum banco, e arrimando a cabeça na parede, satisfazia a necessidade natural, mas por breve espaço. Porque por huma parte o estamago vazio, e frio da demasiada abstinencia, tolhia a suavidade do repouso, e por outra o gosto, que tinha de sempre se quebrantar, lho fazia abreviar. As vinte quatro horas do dia natural repartia desta maneira. De Completas até Matinas gastava em Oraçaõ, hora vocal, hora mental; e huma, e outra sempre com muitas lagrimas. Nella lhe fazia o Senhor grandes mimos, arrebatandoa em profundas extasis, com que ficava alhea de todo o movimento natural; de sorte que tendo os olhos abertos, naõ via, nem pestanejava, nem dava fé de nada; nem bastava chegaremlhe velas acesas, como algumas vezes se fez pera experiencia. Rezadas Matinas com a Communidade, tornava á sua Oraçaõ; e ajudandoa com asperas disciplinas, sempre

a eſtendia até Prima: Entaõ aſſiſtia no Coro a todas as Horas, e á Miſſa Conventual; e até ſe fazer ſinal no Refeitorio. Acabada a meſa, entretinhaſe hum pouco com as amigas, e logo ſe occupava em cozer, e lavrar pera a Communidade até Veſperas. De Veſperas até Completa ficava em Oraçaõ. Eſta vida, como era formal, e continua, lhe tinha desbaratado a ſaude de ſorte, que padecia graviſſimas doenças; e até as feiçoens do roſto, que em moça tinha boas, e acompanhadas de alvura, e gentileza, ſe lhe trocaraõ, mirrandoſe toda, e ficando com a tez creſtada, e denegrida; como ſe eſcreve de S. Jeronymo, quando eſtava no ermo.

No tempo, que ſe fez a paſſagem pera o Moſteiro novo, eſtava Soror Iſabel enferma de muitos dias, e reduzida a tamanha fraqueza, que com a trazerem em huma cadeira, quando chegou a Portaria, vinha mais morta, que viva; e em eſtado, que as Religioſas, por recearem acabarlhe nas mãos, naõ ſe atreveraõ ſubilla aquella noite ao Dormitorio, e na meſma Portaria a deitaraõ em huma caminha. Continuando o mal, e julgandoſe, que morria: Eisque amanhece, naõ ſó melhorada, e ſem febre; mas rija, e valente, e em fim de todo ſãa. Foy o caſo taõ extraordinario, que as Religioſas faziaõ juizo, que reſuſcitara, naõ ſarara. E perguntada ao modo do Evangelho, como eſtava ſãa, e robuſta quem no dia atraz eſtava meyo morta! Reſpondeo ſingellamente, que naõ ſabia mais, ſenaõ que aquella noite vira ſentarſelhe á cabeceira da cama hum homem acompanhado de duas Freiras, com ſeus veos cubertos, que na primeira viſta julgara ſer o Medico, e Porteiras, as que o acompanhavaõ; E depois conhecera claramente ſer Frade, e da noſſa Ordem, e taõ veneravel de peſſoa, e compoſiçaõ, que nunqua vira outra ſemelhante, e que com ſua deſpedida ſentira deſpedirſelhe juntamente todo o mal, e logo cobrara alento, e forças, polo que dava a Deos mil graças. E apoz iſto ſe levantou, e depois foy ao Dormitorio, e comeo, do que avia, com ſabor; e tornou a continuar ſeus exercicios, como quando mais perfeita ſaude gozava. Dezejavaõ as Religioſas ter por Prelada, quem tinhaõ por Santa, e viaõ do Ceo taõ favorecida. Faziaõlhe inſtancia com rogos, e importunaçoens, que lhes déſſe palavras de conſentir em ſua eleyçaõ. Mas naõ goſta de Prelacias da terra, quem dos caminhos do Ceo tem tomado o ſabor. Sempre ſe eſcuſou com palavras de humildade: Porem com firme reſoluçaõ de fugir á honra de mandar. E ſe deſiſtiraõ da determinaçaõ de a elegerem, foy ſó pola naõ deſconſolarem.

Math.

Naõ era a vida de Soror Iſabel de qualidade, que ſe pudeſſe eſperar della na grande fraqueza, que hoje tem a natureza humana, ſer de muita dura, juntandoſe eſtar já bem entrada na idade. Levantouſe hum Domingo de ſua eſtancia coſtumada do Coro, ardendo em febre, deu conta á Prelada; e com tudo inda aſſiſtio ás Horas, e Miſſa do dia. Quando ſe recolheo,

já

já ouve miſter ajuda pera chegar ao leyto. Veyo o Medico; e inda que ninguem conhece melhor o mal, que quem o paſſa, depois de o informar, pediolhe affectuoſamente a deſenganaſſe; porque ſentia grande mal, e naõ receava o deſengano. Bem entendeo o Medico, que em ſogeito taõ debelitado, qualquer febre era de temer. Vendo eſta com extremos de furioſa, diſſelhe, como ſiſudo, que bom era eſtar aparelhada pera o que Deos foſſe ſervido, inda que naõ avia rezaõ de deſconfiar. Deuſe a doente por morta, confeſſouſe, e commungou á ſegunda feira, ſem ſe deitar em cama. E porque a febre creſcia, aceitou hum colchaõ ſobre a ſua taboa, que nunqua outro tal favor tinha experimentado, e eſta foy a primeira diſpenſaçaõ de toda a vida. Tornouſe a reconciliar á terça, e recebeo o Santiſſimo Sacramento por Viatico, e logo pedio a Unçaõ. Nella eſteve tanto em ſy, que rezou os ſete Pſalmos com o Convento, reſpondendo a tudo o neceſſario com promptidaõ de ſãa. Logo pedio a bençaõ á Prioreza com muita humildade, e perdaõ a todas as Religioſas. Mas foy de ver, e cauſou confuſaõ o auto, que fez de deſapropriamento (como he coſtume da Ordem) do que poſſuia. Porque ſenaõ eraõ os Habitos, que tinha veſtidos, e huns pequenos retalhos de pano, que lhe ſerviaõ pera dobar o fiado da Communidade, nenhuma outra couſa avia em ſeu poder. Acabados eſtes autos de Chriſtãa, e Religioſa, pedio, que lhe naõ deſſem mais pena com remedios da terra, nem com a obrigarem a comer; entregouſe toda a Deos, gaſtou com elle, e em ſuas coſtumadas devaçoens até o dia da quinta feira, e toda a noite ſeguinte. Quando amanheceo á ſexta tornouſe a deſpedir das Madres, e tomar de novo a bençaõ á Prioreza, e poſtos os olhos em hum Crucifixo rendeo o Eſpirito. Ordinario he na gente, que dorme veſtdia, e ſem cama, como naõ dá lugar a exhalar o corpo baſtantemente, lançar de ſy, e do veſtido hum halito forte, e deſagradavel ao olfato. Mas quiz Deos moſtrar neſta Madre, que lhe foraõ aceitas ſuas penitencias. Porque na hora, em que mais ſe avia de ſentir, e deſagradar mais o cheiro, que dizemos, que era na morte, começando algumas Madres á compor o corpo pera o darem á terra, foy couſa eſtranha, e naõ eſperada, a grande ſuavidade de cheiro, que lançavaõ de ſy aquelles Habitos remendados, e mortalha. Teſtemunho foy de toda a Communidade junta, ſem aver Freira, que o naõ ſentiſſe, e ſe eſpantaſſe, e confeſſaſſe, que vencia em fragrancia as melhores compoſiçoens de perfumes, que ſe faziaõ na terra. Mas inda o Senhor quiz honrar mais ſua ſerva; e dar mais claros ſinaes da gloria, que ſua Alma poſſuia. Succedeo abrirſe a ſua cova alguns annos depois: E no meſmo que ſe bulio na terra, que lhe cobria os oſſos, começou a render por todo o Moſteiro hum deleitoſo perfume, que alegrava, e conſolava os ſentidos, e era taõ vivo, que paſſou á Igreja, e fez crer a muita gente, que nella a tal hora ſe achou, que ſe queimava dentro

tro muito Beijoim de Boninas.

CAPITULO XVIII.

Das Madres Soror Magdalena da Cruz, Soror Brittes de Christo, Soror Maria de S. Joaõ, e de tres Irmãas Converfas.

A Madre Soror Magdalena da Cruz.

MUito louvado he o filencio, e obediencia da Madre Soror Magdalena da Cruz. Porque era efcrupulofiffima em foltar huma palavra fora dos tempos, em que avia licença pera fallar: E em obedecer ás Preladas naõ efperava mais que hum aceno, e hum fonharlhes (digamolo affi) a vontade, pera cortar por fy em tudo, e trabalhar no que era mandada, fem fe aproveitar de efcufa, nem rezaõ nenhuma, por jufta, e legitima, que a tiveffe. Affi veyo a morrer no cargo de Rodeira, fendo de grande idade, na qual toda via nunqua deixou de feguir as Communidades, fem embargo dos officios, que fazia. Mas fobre tudo ficou celebrada polo affecto, com que orava. Affirmafe, que naquelle efpaço, que fe dava á Oraçaõ, tanto fe alheava de tudo o da terra, que nem conhecia quem fe chegava a ella, nem ouvia, fe lhe fallavaõ: E pera acudir, era neceffario tirarlhe pola roupa, ou polo braço.

A Madre Soror Brittes de Christo.

Da Madre Soror Brittes de Chrifto fe conta, cafo importante pera noffa doutrina, era conhecida por huma Alma puriffima. E entrando em artigo de morte com perfeito juizo; depois de ungida, começou a fallar com grande promptidaõ coufas mal entendidas; mas de huma, que fe colheo, ficaraõ entendendo as Religiofas, que estava em difputa, e fe lhe pedia conta. Porque diffe de huma vez: Iffo foy com licença. Encheraõfe todas de medo, naõ fó do juizo, mas de verem na repofta, que fe fazia de coufas muito miudas. Paffado hum efpaço, viroufe pera as Madres muito alegre, e diffe: Vem a Virgem: E fazendo força, que já naõ tinha pera fe pôr de joelhos, começou a dizer, banhandofe em lagrimas. O Senhora, e onde eftaveis? Que me queria tragar. E fem mais dizer, repoufou no Senhor.

A Madre Soror Maria de S. Joaõ.

Quafi noventa annos contava de vida a Madre Soror Maria de S. Joaõ, fem nunqua fe deitar em cama: E deitoufe no cabo delles pera fer ungida huma Sexta feira de Endoenças, e taõ robufto eftava aquelle fogeito, que durou ainda nove dias até o Sabbado depois da Pafchoa. E porque nos naõ efpante vida taõ larga em quem naõ tinha cama, he de faber, que acrefcentava a efte rigor andar quafi fempre defcalça, e naõ comer nunqua mais, que huma fó vez no dia. Daqui fica bem entendido, qual feria nas outras partes da Religiaõ. Tal era em todas, que polo grande conceito, que os Prelados mayores tinhaõ della, foy muitos annos Meftra de Noviças, e muitas vezes Prioreza. Contafe della, que fendo Prelada, naõ admitio nunqua na mefa melhor porçaõ, nem differença do que fe dava na Communidade. E fe alguma coufa de comer lhe mandavaõ de fora, hia fem detença pera as doentes; e fendo de qualidade, que naõ ferviffe pera ellas,

ellas, logo o repartia entre as sãas. E o mesmo fazia, quando era subdita: Mas com esta differença, que entaõ levava tudo, o que lhe vinha, á Prelada, e obrigavaa com rogos á repartiçaõ. Quando estava sem cargo, seguia com tanto rigor as regras de humildade, que nenhum officio, por baixo, e desprezado que fosse, refusava, antes o servia com gosto, e com diligencia: E costumava a dizer, que pera huma verdadeira Religiosa, nenhum officio da Religiaõ era baixo. Na ultima hora vendo, que acabava, e que era em Sabbado, pedio que lhe cantassem humas Antifonas de nossa Senhora. Disseraõlhe apoz ellas a Oraçaõ: *Concede nos famulos tuos, &c.* Estava taõ dessassombrada em passo taõ temeroso, e tanto em sy com taõ longa idade, que advertio rezassem a Oraçaõ das Completas do Officio piqueno; dizendo, que era mais conveniente pera aquella hora, que he: *Concede Misericors Deus, &c.* E na Musica santa desta Oraçaõ acabou.

Sahemnos neste lugar tres Irmãas Conversas, Irmãas nossas por Religiaõ, e entre sy por nascimento: E verdadeiramente Irmãas na virtude, e boas qualidades. A primeira, e mais velha, que chamavaõ Soror Margarida de S. Miguel, era hum extremo de caridade, taõ compassiva das doentes, e principalmente das que padeciaõ dores, que naõ parecia menos, senaõ, que todas as alheyas eraõ suas, e que podia dizer com S. Paulo: *Quis tribulatur, & ego non uror?* Assi as sentia, assi as chorava, assi lhes procurava consolaçaõ, e remedio. E o ser tal, foy causa de que fez o officio de Enfermeira mais de trinta annos. Ficou em memoria, que esmaltava esta caridade com hum dom, que mais parecia do Ceo, que natural. Fallando de Deos, ou com Deos, acudiaõlhe palavras de huma brandura, e devaçaõ maravilhosa, que como fogo abrasavaõ os coraçoens. E o que mais he, que naõ sabendo totalmente ler, allegava sentenças da Escritura, e dos Santos, bem pronunciadas, e a proposito do que tratava. A quem tinha conhecimento de sua vida, naõ fazia isto admiraçaõ. Porque suas penitencias eraõ extraordinarias, a Oraçaõ perpetua, e de toda a hora, arrebatada sempre em amores do Ceo, e do Senhor delle. Suspirava de contino do intimo das entranhas, e algumas vezes como arrebentando dizia: *Quando veniam, & apparebo ante faciem Dei?* E se lhe perguntavaõ, que cousa a obrigava a tal efficacia, dobrava os gemidos, e respondia: *Desiderium habens dissolvi, & esse cum Christo.* E acrescentava: E com a minha fiadora. Entendia a Sagrada Virgem Máy, em cuja maõ tinha como depositado o remedio de sua salvaçaõ. Com este acertado, e cortezaõ termo, quando adoeceo da doença, que a levou, fezlhe festa, como outrem pudera fazer á saude. Mas vendo, que naõ acabava taõ depressa, como dezejava, affligiase comsigo, e dizia: *Quis me liberabit de corpore mortis hujus?* Foy o mal crescendo, começou a padecer tormentos de sede ardente. O meyo, que tinha pera os passar, era lembrarse do Poço de Sichem, e considerar a suavissima prati-

A Madre Soror Margarida de S. Miguel.

Psal. 41.

Ad Philip. 23.

Ad Rom. 7.

Joan. 4.

pratica, que o bom Jesus teve com a Samaritana: pedirlhe daquella agoa, que tinha virtude de matar a sede pera sempre: E sobre o ponto dizia agudezas, e conceitos cheyos de brandura, e Amor Divino. Tolhiaõlhe os Medicos a agoa, porque caminhava pera hidropica; e com a falta della deu em extremo fastio. Rogavaõlhe as amigas, que comesse: E ella respondia; *Non in solo pane vivit homo.* E disseo taõ de verdade, que em nove dias inteiros, antes de acabar, naõ passou bocado de nenhuma cousa. Nestes foy o Senhor servido darlhe hum Purgatorio de incomportaveis dores. Choravaõ as amigas de lastima do que lhe viaõ padecer: E ella conhecendo, que eraõ correos da morte, que sobre tudo dezejava, davalhes mil graças, e chegava a dizer futilesas, e certificallas, e cantallas com gosto no mesmo tempo, que mais lhe rohiaõ as entranhas. Estranhas contrariedades, que só se achaõ nos Santos. Diziaõ os versos: Tantos saõ os bens, que espero, que nas penas me deleito. Quando quiz espirar, que acudiraõ todas as Religiosas ao som das taboas, que soaraõ, vendoas entrar, dizialhes com alegria: Venhais embora meus Coros de Virgens Santas; muito se recrea minha Alma em vossa vista. Senhoras Madres, peçovos, que me perdoeis naõ vos ter servido como era obrigada. Apoz isto punha os olhos em huma Senhora da Piedade, que tinha defronte; e tornava dizendo: Vedes, minhas Senhoras, e meus Anjos; esta Rainha do Ceo taõ chorosa? pois sabey, que está agraciada pera mim, ella he minha fiadora. Logo lhe começou a rezar humas Antifonas pronunciadas com hum sentimento d'Alma de grande devaçaõ. E chegando ás palavras, *Surge, propera amica mea, & veni*, foyse em paz como chamada traz ellas. Era na Oitava d'Assumpçaõ da Senhora. Ao amortalhar achouselhe huma cadea de ferro cingida.

A Madre Soror Isabel de S. Joaõ.

Chamavase a segunda Irmãa, Soror Isabel de S. Joaõ, que pera dizermos tudo, o que della se póde dizer, em huma palavra, pareciase em tudo, o que era virtude, com Soror Margarida. E tinha de mais ser taõ amorosa pera todas as Religiosas, que todas lhe chamavaõ Mãy. E como se fora de cada huma, assi foy sentida sua morte. Contase por exemplo de sua caridade, que foy Enfermeira sete annos continuos; que tantos esteve como entrevada com trabalhosas doenças: e assi a curava, e sofria, e animava, como podera fazer a huma filha. E taõ longe de sentir pena com tal carga, que quando faleceo, a chorou, e pranteou como a verdadeira filha.

A Madre Soror Anna da Conceiçaõ.

Com a mesma opiniaõ de santidade morreo, e viveo Soror Anna da Conceiçaõ, que era a terceira Irmãa. Com trazer sempre ás costas o maior peso da Casa, e do serviço della, era sua Oraçaõ perpetua, e suas penitencias muitas, e asperas: E pera que louvemos a Deos, viveo longos annos, sem deixar nunqua de trabalhar. Contaõ, as que a alcançaraõ, que tinha particular graça em fallar de Deos.

CAPITULO XIX.

Das Madres Soror Filippa de S. Joaõ, Soror Francisca dos Anjos, Soror Filippa do Espirito Santo, e Soror Aldonça de Jesus, com algumas particularidades da Casa.

A Madre Soror Filippa de S. Joaõ.

A Madre Soror Filippa de S. Joaõ teve alto gráo de merecimento na Religiaõ. Porque dezejando desda primeira idade de servir a Deos nella, padeceo graviſſimos contrastes do mundo. Naõ ficou em lembrança a qualidade delles, nem de quem lhos causava: Mas soubese, que a puras Oraçoens, e lagrimas venceo todos: E chegou a receber o Habito. Depois de recebido, entaõ descobrio o Demonio, que de suas traças, e das officinas infernaes sahiraõ os impedimentos, que teve no Habito; armandolhe outros muitos, pera que naõ chegasse a hora bemaventurada da profissaõ. E sabia bem, o que fazia. Porque, tanto que Soror Filippa se vio quieta no estado santo, que pertendera, tal vida fez, que andando sãa, e bem, soube, e publicou anno, mez, e hora, em que avia de morrer; e apontou, que avia de ser em dia de festa de Corpus. E naõ se enganou em nada.

A Madre Soror Francisca dos Anjos.

Era Irmãa desta Religiosa a Madre Soror Francisca dos Anjos; e a ella em tudo semelhante, salvo, que sendo a mesma nos exercicios santos, era sempre enferma: E todavia naõ podia acabar comsigo afroxar nelles. E porque em nada ficasse differente da Irmãa, tambem descobrio ás suas amigas o dia, e hora, em que avia de falecer. E foy tanto ao certo, que chegandose o termo, que tinha dito, mandou tanger as taboas, naõ só com socego, e segurança, mas com conhecido alvoroço: Despediose das Madres, pedio hum Crucifixo, e rezando o Credo muito devagar, quando o acabou com Amen Jesus, acabou tambem a vida.

A Madre Soror Filippa do Espirito Santo.

Sobre muitas virtudes, em que a Madre Soror Filippa do Espirito Santo foy assinada, teve particular dom de governo. Tinha com todas grande brandura, e affabilidade, com igual zelo da Religiaõ. Assi sabia castigar os defeitos com tal medida, e prudencia, que as castigadas lhe reconheciaõ obrigaçaõ, sem ella faltar em nada do que devia á sua. Mas sabido he, que muitas vezes naõ basta isto pera contentar ás Communidades, onde os gostos, e os entendimentos saõ muy varios, se senaõ acha da parte dellas animos desenteressados, e geral amor da Religiaõ. Donde ficamos collegindo, que avia nesta Casa muito de huma cousa, e outra. Pois he certo, que todas, quantas vezes pode ser eleyta em Prioreza, nunca deixou de ser buscada uniformemente com todos os votos. E governou a Casa em diversos tempos vinte annos inteiros. Os ultimos sete da vida cahio em huma terrivel infirmidade, que a teve cercada de dores, e miserias, a que nossa humanidade he sogeita: Mas no meyo dellas resplandeceo em paciencia, devaçaõ, e Oraçaõ, que a todas edificava. E eraõ tantas suas lagrimas todas as vezes que se confessava, ou via o Santissimo

Sa-

Sacramento, que era juizo commum, que tinha dom dellas.

Com outra Prioreza daremos fim ao que podemos averiguar das Religiosas desta Casa. E naõ fazemos Historia de mais; sendo muitas as que nella ouve insignes em grandes virtudes: Porque nos determinamos em naõ tratar mais, que daquellas, em que achamos alguma particularidade extraordinaria, fazendo conta, como em outra parte dissemos, que se ouveramos de escrever de todas, as que neste Mosteiro, e nos mais deste Reyno mereceraõ nome de verdadeiras filhas de S. Domingos, na perfeita guarda de suas obrigaçoens; nem tempo tiveramos, nem papel. Esta Madre, cujo nome era Aldonça de Jesus, era, e foy dotada de huma singular humildade, que lhe reluzia em tudo quanto dizia, e fazia. E como suas palavras, e obras representavaõ o que tinha no coraçaõ, da mesma maneira ficava sendo o seu aspecto hum retrato de brandura, e singeleza. Até nos Habitos, que vestia, dava sinal de animo desabafado de toda a presunçaõ. Porque eraõ taõ ordinarios, e sem curiosidade, como da mais humilde subdita da Casa. He grande irmãa da humildade a santa pobreza. Esta estimava, e amava sobre maneira; e por ella era grande amiga dos pobres, e compassiva das doentes, e das que qualquer outra tribulaçaõ padeciaõ. Entendendo em huma vagante de Prioreza, que a queriaõ nomear de novo, fez grande força por estorvar a eleyçaõ. E quando vio, que naõ bastava, fez outra muito maior, pera naõ ser confirmada. Mas o Provincial teve mais respeito ao que sabia de suas partes, que ao santo termo, com que refusava a vãagloria de mandar: E fazendo escrupulo de condescender com seus requerimentos, que eraõ muy efficaces, naõ sómente a confirmou, mas obrigou com preceito declarado na Patente, que lhe mandou. Aceitou em fim, mas com tantas lagrimas, e sentimento, que ás que chegavaõ a darlhe os parabens, respondia com firmeza, que esperava nas Chagas do Bom Jesu (era devotissima dellas) que já que naõ podera livrarse de entrar no cargo, ellas a livrariaõ de o acabar. E naõ se enganou. Porque faltandolhe hum anno pera cumprimento dos seus tres, adoeceo, e veyo a falecer em Vespera do Nascimento do Bom Jesus, de quem tinha o nome, quando acabava o anno de 1597. notandose hum novo, e desacostumado sentimento em todas, as que ficavaõ vivas, e igual alvoroço, e alegria na que morria. A rezaõ, que ella, e ellas tinhaõ, inda que era publica, e sabida por muitas vias, quiz o Senhor descubrir por outra de aventajada gloria pera sua serva. Foy necessario tres annos depois abrirse a sua cova. Tanto que as enxadas começaraõ a levantar a terra, começou ella a evaporar de sy huma fragrancia extraordinaria, como das mais cheirosas flores dos jardins Reaes. He o sitio, onde a sepultura estava, baixo, e humido; e pola mesma rezaõ costumava a terra delle lançar de sy hum bafio desagradavel ao olfato. Porem esta tomada nas mãos consolava, e deleitava com suavidade.

A Madre Soror Aldonça de Jesus.

1597.

Acudiraõ as Religiosas, mandouse aos coveiros, que fossem com cuidado, e respeito, até chegar ao corpo; senaõ quando apparece maior maravilha. Descobremse o Habitos saons, e logo o vestido claro, e de melhores cores, que quando era doente, e viva. O fato todo, e o veo, e até o calçado estava inteiro, e saõ, e sem sinal de podridaõ. Só o toucado se achou gastado, e a cabeça calva: Mas naõ se averiguava, se fora effeito da terra a perda do cabello depois de enterrada, ou força dos annos em vida, como acontece a muita gente. Davaõ as Religiosas louvores a Deos, por lhes mostrar cousa taõ nova. Chegaraõse sem medo, porque alem das feiçoens do rosto estarem como de molher adormecida, mais que morta, meneavaõselhe as mãos, e braços, e deixavaõse mover, e dobrar como se viva estivera. Acrescentava o espanto, verem, que era molher grossa, e corpulenta, que por rezaõ natural se ouvera de corromper em poucos dias: E naõ podiaõ deixar de julgar o caso por milagroso, vista a opiniaõ de muitos, e muy graves homens em letras, e virtude, que em seus escritos em qualquer pessoa, que aconteça, o daõ por manifesto argumento de Santidade; visto ser cousa, que excede os limites da natureza. Assi o prova o M. Fr. Bernardo de Guido Inquisidor, na morte do Santo Inquisidor Frey Bernardo de Caucio: E o M. Fr. Fernando de Castilho nas vidas de Frey Beltraõ de Garriga, companheiro de nosso Padre S. Domingos, e de Santa Ines de Monte Pulsiano; e de Frey Roberto Napolitano; e o Arcebispo Dom Frey Agustinho de Avila, e Padilha na Historia da Provincia de Mexico da Ordem de S. Domingos, escrevendo a Vida de Frey Gonsalo Luzero da mesma Ordem.

M. Fr. Bern. in l. de Tribus Grad. Præl. Or. Prædicat. Castilho p. 1. l. 1. c. 27. & p. 2. l. 1. c. 33. & l. 2. c. 65.

D. Fr. Agustin. Cron. de la Orden l. 1. c. 87.

Guardey pera este lugar duas merces, que elRey Dom Joaõ III., e Dona Catharina fizeraõ a este Mosteiro: Assi por serem de grande honra, e authoridade pera elle; como por serem perpetuas, e estar hoje em pé o uso, e utilidade dellas. Foy a d'elRey hum privilegio, polo qual as Priorezas sem mais authoridade de justiça podem mandar executar, e penhorar seus rendeiros, e cazeiros. Que he hum genero de jurisdiçaõ tal, que naõ sey outra Communidade neste Reyno, que a tenha. A da Rainha he de mais interesse, e naõ menos credito. Fazia testamento, lembrouse do muyto amor, que lhe tivera, quiz confirmallo com huma fermosa memoria de sua devaçaõ, fezlhe doaçaõ de trezentos mil reis de juro perpetuo, e sem condiçaõ de retro, e juntou a ella huma obrigaçaõ, que fica em grande favor da Nobreza deste Reyno, que como toda se empregava em servir á Coroa, e em geral possue poucas rendas; e pola mesma causa a mór parte das filhas dos homens nobres vem a povoar os Mosteiros, ordenou a Rainha, que neste ouvesse continuos dez lugares pera outras tantas Donzellas, cujos pays se tivessem sinalado no serviço dos Reys, e Reyno, molheres nobres, legitimas, e limpas. Estas taes se recebem sem nenhum genero de dote; salvo o aparato costuma-

ſtumado de ſuas entradas. E porque quaſi em todos os Moſteiros, por abaſtados que ſejaõ, he ordinario padecerem muito as Religioſas, que em particular naõ tem algum ſoccorro de renda, manda a Rainha, que a cada huma deſtas dez, ſe lhe contem na maõ em cada hum anno oito mil reis, pera os poderem diſpender comſigo livremente. Eſtes lugares eſtaõ de ordinario occupados, provendoſe os que vagaõ por exame riguroſo do Capellaõ mór d'elRey, que faz ſuas conſultas a Sua Mageſtade das peſſoas, que pera elles ſe offerecem, mais benemeritas; que ſempre ſaõ muitas; naõ faltando ſemelhantes gaſalhados em outros Moſteiros do Reyno. Obra taõ bem naſcida da piedade, e bom juizo deſta meſma Senhora. He ponto da doaçaõ do Moſteiro, que em caſo, que alguma das dez venha a herdar depois de provida no lugar alguma fazenda naõ eſperada, qualquer que ſeja, pertença toda ao Moſteiro. E he em favor das dez outro ponto muito eſſencial, pera que nunqua poſſa faltar ſuſtentaçao comoda, recebendoſe numero de Freiras demaſiado, eſtá prohibido aver no Moſteiro mais de trinta Freiras ſobre as dez: E avendo de ſer admitida alguma extranumeraria, naõ póde ſer ſem tanto dote, que polo menos valha de renda perpetua pera o Moſteiro quarenta mil reis em cada hum anno.

CAPITULO XX.

Fundaçaõ da Vigairaria de Noſſa Senhora da Eſperança da Villa das Alcacevas.

HE ultima das Caſas, que o Provincial Frey Jeronymo de Padilha recebeo á Ordem, a Vigairaria, que chamamos da Serra das Alcacevas. As Alcacevas he huma boa Villa a ſinco legoas d'Evora, de que ſaõ Senhores os do appellido illuſtre de Henriques, deſcendentes de hum dos filhos do Conde de Gigion, que ſendo netos d'elRey Dom Henrique II. de Caſtella, e d'elRey Dom Fernando de Portugal, deraõ a eſte Reyno grandes, e honradas caſas: Eſta com o nome de Henriques; as mais com o de Noronhas, tomado do lugar de Noruenha em Aſturias, de que o Conde fora Senhor. A Serra he hum monte, que junto da Villa ſe levanta em tanta altura, que lhe quadra bem o nome de Serra. Porque deſcobre muitas legoas de terra, e muitas Villas, e Lugares. Sobre a coroa della avia huma caſa de tal fabrica muito antiga, e tal, que ſe julgava por obra em ſeus principios de Romanos, ou pera Templo de algum de ſeus Idolos, ou pera aſſiſtencia, e defeſa de atalayas em tempo de guerras. Daõ ſinal do que dizemos, a capacidade grande da caſa, e huma demaſiada groſſura de paredes, fortalecida ſuperfluamente de grandes eſtribos de botarios. Ajuda eſta conjectura, acharemſe inda hoje na vizinhança della moedas Romanas de cobre. E conſtanos, que em tem-

pos

pos atraz se achavaõ outras de prata, e ouro. Do tempo, em que se consagrou a Christo, naõ ha noticia. Devia ser huma vez em tempo dos Godos. E entretanto que os Mouros foraõ lançados desta Comarca, que foy a ultima, que neste Reyno possuiraõ, até o Reynado d'elRey Dom Affonso II., que os conquistou com ajuda de humas Armadas de Estrangeiros no anno de 1217. que vinhaõ das terras do Norte, e passavaõ á guerra da Terra Santa. Tomoulhes este Rey a Villa d'Alcacere do Sal, em que estavaõ fortificados disstante das Alcacevas sinco legoas. Pozeraõ nella os primeiros, que da segunda vez a purificaraõ, huma Imagem da Virgem Rainha dos Ceos, com titulo da Esperança, titulo acertadamente aplicado ao que representa. Porque affirmaõ todos, os que a visitaõ, que enleva os coraçoens com a Magestade, e com a graça, e bom ar, provoca a huma Espiritual alegria, e confiança. Daqui vem, que he visitada de grande concurso de Romeiros de todo o Alentejo, e Campo de Ourique, que lhe fazem muitas esmollas. E os Pontifices antigos querendo favorecer a devoçaõ, de que tiveraõ noticia, concederaõ particulares indulgencias aos que a visitassem polas festas da Conceiçaõ, Nascimento, Purificaçaõ, e Assumpçaõ da Senhora. Estes foraõ Calixto III., e Xisto IV. E depois delles, vindo a este Reyno por Nuncio Apostolico Marco Vigerio de la Rovere, Bispo de Senogalha, concedeo outras indulgencias, a quem visitasse a Casa por Paschoa da Resurreiçaõ. Era Senhor da Villa D. Fernando Henriques, e pola mesma rezaõ ficava sendo a Ermida de seu Padroado. Pareceolhe, que adiantaria em authoridade a Romagem, e a Senhora ficaria mais venerada, se a acompanhassem seus antigos, e continuos Capellaens os Frades de S. Domingos. Resolveose em lha dar, polo que entendia, que resultaria tambem á sua Villa de proveito Espiritual. Offereceua ao Mestre Frey Jeronymo no primeiro anno, que começou a servir o cargo de Provincial, que foy no de 1541. E deste lhe corre sua antiguidade. Porque no mesmo a aceitou a Provincia, com licença, e consentimento do Cardeal Infante Dom Henrique, que já entaõ era Arcebispo d'Evora, em cuja Diocese cahe. Foy o Provincial pessoalmente tomar posse da Casa em nome da Ordem, acompanhado de alguns Frades da Ordem. Acharaõse presentes o Senhor da Villa Dom Fernando, e seu filho herdeiro Dom Henrique Henriques, e authorizaraõ com segunda dadiva a primeira. Deraõ pera principio do Mosteiro setenta rezes, entre boys, vacas, e novilhos; e cento e sincoenta e duas cabeças de gado miudo, e trezentos Cruzados em dinheiro.

Duarte Nunes de Liaõ na vida d'el-Rey D. Affonso. II.

CA-

CAPITULO XXI.

Origem, e antiguidade do Mosteiro de Freiras de Santa Catharina de Sena d'Evora, antes de ser recebido na Ordem de S. Domingos, e no titulo de Santa Catharina.

SEgue as Alcaçevas em antianidade da Ordem a Casa de Santa Catharina de Sena d'Evora; inda que em sua primeira origem he muito mais antiga. Ouve nesta Cidade humas devotas molheres da geraçaõ dos Estaços, que nella foy em tempos atraz nobre, e conhecida; que determinandose em servir a Deos, retiradas do trato, e vaidades do mundo, tomaraõ casa juntas polos annos do Senhor de 1400. E ficou em memoria, que a primeira, em que viveraõ, era de huma Senhora, que chamavaõ Dona Guiomar da Sylveira; a qual escolheraõ convidadas da comodidade de hum bom Oratorio, que nellas avia, e que entaõ se achava em muy poucas da Cidade. Neste sitio foraõ procedendo com tanto concerto de vida em virtude, e clausura, que se fizeraõ estimar do povo, e eraõ conhecidas polo Recolhimento das Estaças, dandoselhe o nome da familia, de que tinhaõ o sangue. Outros lhe chamavaõ as Beatas de Santa Martha, por ser tal a invocaçaõ do Oratorio. Andando o tempo, foyselhe chegando gente: E como cresceraõ em numero, cresceo tambem o dezejo de perfeiçaõ. Ficaraõ em lembrança os nomes de seis, que com animo verdadeiramente Religioso vieraõ a renunciar por escritura publica todos os bens, e rendas, que possuiaõ; que foy hum genero de votar pobreza, fazendo perpetua doaçaõ áquella Communidade de tudo o que de presente tinhaõ, e ao diante lhes podia por qualquer via pertencer. Chamaraõ a isto testamento. E foy feito aos sinco dias de Março do anno de 1485. Logo seguio a renunciaçaõ de fazenda outra mais difficultosa, que foy das vontades, sogeitandose todas de commum parecer ao governo de huma só. Chamavaõse as seis, Maria da Fonseca, Isabel Godinha, Leonor da Fonseca, Ines Martins, Leonor de Pina, Isabel Affonso. E foy Maria da Fonseca a que ficou com o cargo das pessoas, e fazenda de todas, e como Prelada. E pera que tudo fosse novo, escolheraõ tambem novo titulo pera a companhia. Começaraõ a chamarlhe Ajuntamento das Pobres, á Prelada a mór Pobre. Era o aposento, em que viviaõ, vizinho ao Convento de S. Domingos. A elle acudiaõ nas festas solemnes, e ás Prégaçoens. E ou fosse, que as obrigasse o trato de materias Espirituaes, em que se valiaõ dos Frades; ou devaçaõ, que foraõ tomando á Gloriosa Santa Catharina de Sena, polas maravilhas, que de suas virtudes ouviaõ delles, vieraõ ajuntar ao bom termo de vida, com que procediaõ, o Habito, e Profissaõ da Terceira Regra da Penitencia de S. Domingos: E de commum consentimento se entregaraõ á Ordem polos annos de 1490. E inda que naõ consta do tempo preciso, escrituras ha do anno de 1492. que já daõ nome de Prioreza á Prelada, e fazem men-

1400. 1485. 1490. 1492.

mençaõ de algumas das seis atraz referidas. Saõ as palavras do Tabaliaõ as seguintes. Dentro no Oratorio, e Casa de Santa Martha, estando presentes Maria da Fonseca Prioreza da dita Casa, e Isabel Godinha, Joanna Diz, Mor Diz, Dona Violante, e Isabel Affonso, Freiras Professas, estantes, e viventes na dita Casa.

Acabou seus dias a Prioreza Maria da Fonseca, tendo servido esta Communidade de Santa Martha muitos annos; parte antes de vestirem o Habito de Terceiras, e parte depois. Succedeolhe no cargo, e foy segunda Prioreza a Madre Filippa Pereyra, que governou a Casa muitos annos, conservandoa na mesma opiniaõ de virtude, que sua antecessora. O que se deixa entender de algumas escrituras de pessoas devotas, que lhes deixavaõ fazenda, e as mais daõ por rezaõ da esmolla, a boa vida, virtudes, e honestidade da Prioreza, e Freiras. Outras declaraõ tambem, que por serem pobres, e particularizaõ, alem da pobreza, naõ terem Missa ordinaria, nem certa. No que se ha de entender, que podendo ser tanta a estreiteza de fazenda, que naõ tivessem com que sustentar Capellaõ perpetuo. Tambem era costume daquelles tempos, onde avia Freiras Terceiras, inda que vivessem juntas, e em Communidade, como estas, acudirem todas aos nossos Mosteiros nas festas, e dias solemnes. Tinhaõ seu lugar separado nas Igrejas defronte do pulpito; hiaõ demandalo ordenadas em Procissaõ.

Polo que temos contado, fica entendido, que em tudo quizeraõ estas Madres conformarse com as do Paraiso, vizinhas suas da mesma Cidade, até chegarem a professar na Terceira Regra. Agora veremos, quaõ bem souberaõ buscar o rigor da Primeira, mantello, e perseverar nelle. Era a Prelada molher de valor. Estava fresco o exemplo, com que Joanna Correa introduzira a Observancia no seu Mosteiro do Paraiso diante dos seus olhos, avia por afronta da muita Religiaõ, em que viviaõ as Madres de Santa Martha, estarem com nome, e estado de Terceiras, quando na realidade de costumes, e austeridades naõ diffiriaõ em nada das que tinhaõ nome de Primeiras na Regra. Assi buscou meyos, e fez diligencia, com que alcançou de Roma as licenças necessarias; e apoz ellas a do Provincial (naõ podemos averiguar ao certo desta, nem das outras) e esta ultima veyo acompanhada de huma Patente, pera a Prioreza do Paraiso mandar tres Religiosas, que fossem reduzir a Casa ao estilo da Observancia. Foraõ estas as Madres Soror Violante d'Assumpçaõ, logo instituida, e confirmada em Prioreza, Soror Antonia de Santo Thomás, e Soror Joanna de Christo. Mostraraõ as Terceiras no fervor, e devaçaõ, com que abraçaraõ o novo rigor, o gosto, e cuidado, que tinhaõ posto polo alcançar. Porque em pouco tempo de Discipulas se fizeraõ Mestras: E adiantaraõ tanto em todos os particulares, que fazem a Religiaõ fermosa, que as Fundadoras ouveraõ por desnecessaria sua assistencia entre ellas, e pediraõ aos Prelados licença, pera se tornarem pera o seu Convento.

vento. Foyſe Soror Violante antes de cumpridos quatro annos de ſeu cargo, deixando já muitas filhas de Habito, e Profiſſaõ. Acompanhoua Soror Antonia, e o meſmo quizera fazer Soror Joanna. Mas naõ pode ſer; porque a pediraõ a Religioſas por Prelada. E ficou no officio obrigada de preceito de Santa Obediencia, que ſe affirma lhe cuſtou muitas lagrimas, e muita deſconſolaçaõ.

CAPITULO XXII.

Mudaõ eſtas Religioſas Caſa, e nome de Santa Martha em Caſa, e nome de Santa Catharina de Sena.

COmeçou Soror Joanna de Chriſto ſua Prelacia com lagrimas, pronoſtico certo de boas venturas, e de adminiſtraçaõ inteira, e ſanta. Que naõ era outro o alvoroço, com que os Santos antigos aceitavaõ mandar; e por iſſo ſahiaõ taõ acertados ſeus governos. A primeira couſa, em que occupou ſeu entendimento, de materias temporaes (porque as Eſpirituaes corriaõ com grande concerto, e naõ avia que melhorar nellas) foy buſcar ſitio pera nova Caſa. Era tal o de Santa Martha, que ſobre ſer eſtreito, naõ tinha em ſy commodidade pera ſe alargar. E convinha fazer recolhimento, naõ ſó pera muitas molheres nobres, que requeriaõ o Habito; mas tambem pera as que já o tinhaõ; que todas eſtavaõ mal agaſalhadas: E como he primeiro cuidado de bom Governador, acudir ao bem publico, affligiaſe de ver, que ſendo aſſi, que quem ſe condena a encerramento perpetuo, parece rezaõ ter dentro nelle tal commodidade, e largueza, que haja onde reſpirar, e ſeja ſepultura de vivos. Que em fim naõ ſaõ outra couſa os Moſteiros. Santa Martha neſtes tempos com a gente, que tinha recebida de novo, eſtava quaſi ſepultura de mortos. Andando com eſta affliçaõ, foy aviſada, que o Conde do Vimioſo Dom Franciſco de Portugal tinha hum ſitio na Cidade com huma Ermida da invocaçaõ de Santa Catharina de Sena, em que avia campo pera ſe poder edificar hum bom Moſteiro: E que o Conde tendo primeiro tençaõ de fabricar nelle, eſtava de novo ſuſpenſo, e indeterminado. Vindo o Provincial a Evora, communicoulhe a Prioreza o que temos referido. E elle ſem tardar foyſe ao Conde, propozlhe a neceſſidade das Freiras, e o bem que eſtaria a ellas, e a elle paſſarſe pera alli a Caſa de S. Martha. A elle, porque ſe dezejava Moſteiro de Freiras, e da Ordem de S. Domingos, como ſe dizia, achava tudo feito, pois o que tocava á pedra, e cal, era o menos. A ellas, porque em toda a Cidade naõ ſentiaõ outro lugar mais a propoſito. Tambem dizem, que uſaraõ as Freiras de hum meyo da ſimplicidade, e boa fé do tempo antigo, que foy, fazerem huma petiçaõ em nome da Communidade, aſſinaremſe todas, poremna em maõ de huma Imagem de Noſſa Senhora, fazendoa com o Conde procuradora de ſua caſa. Qualquer que foſſe o meyo, o Conde, que era todo bondade, e boa ſombra, naõ ſó concedeo alegremente o ſitio, mas indo logo

a Santa Martha, se offereceo á Prioreza pera ajudar a obra a todo seu poder; como fez, em quanto viveo, sem pedir mais que a Capella mór pera sy, e seus descendentes, com obrigaçaõ de parte das Religiosas de hum Pater noster, e Ave Maria dito em Communidade cada dia depois de Prima, com sua Oraçaõ de defuntos, em voz que se podesse ouvir de hum Coro a outro. Isto passou entaõ. Mas polo tempo em diante vendose as Freiras com Convento feito, deraõ o Padroado á Condessa Dona Joanna de Vilhena, e ao Conde Dom Affonso seu filho com dous lugares perpetuos nelle pera Freiras, sem mais dote, que a quarta parte do ordinario.

Começou logo a Prioreza a entender na fabrica com grande, e extraordinaria diligencia. E pera que ficasse com toda a capacidade, e boa traça possivel, comprou huma grande casaria vizinha, que lhe custou mil Cruzados. Ajudava o Conde com grande vontade, e boas esmollas. Acudiaõ pessoas devotas com outras. Assi se poz a obra em termos, que quando foy por vinte quatro de Abril de 1547. dia em que cahio a Dominga de Pastor Bonus, deixaraõ as Religiosas Casa, e nome de S. Catharina de Sena, com hum extremo de gosto, e consolaçaõ do bom Conde, que com toda a Cidade as acompanhou. Foraõ vinte e tres, a fora a Prioreza, as que vieraõ de Santa Martha, das quaes muitas eraõ mininas, e as mais dellas muito nobres. Mas porque avia inda algumas officinas imperfeitas, aplicaraõse todas a darlhes remate com tanta vontade, que ficou em memoria, que quando á noite os officiaes desapegavaõ do trabalho, se juntavaõ as Freiras moças, e velhas, e por suas mãos acarretavaõ os materiaes de pedra, e tijollo, cal, e area de lugares distantes, e os punhaõ com festa, e a quem mais podia, ao pé da obra; pera que no dia seguinte corresse com mais pressa, achando os Mestres tudo á maõ. Em fim deuse remate a tudo, o que faltata por fazer, na entrada d'Agosto do mesmo anno. E quando foy Vespera de N. Senhora d'Assumpçaõ, sem nenhum receyo dos que considera a Fisica na vivenda de casas acabadas de fresco, entraraõ em Procissaõ a povoar o novo Dormitorio.

1547.

Deste dia em diante como a Casa ficou quieta, e livre da occupaçaõ de pedra, e cal, e pedreiros, entrou com novo fervor o edificio Espiritual. Começaraõ as Almas entregarse de todo a Deos. E como de antes no carreto dos materiaes imitavaõ a diligencia de solicitas abelhas pera fabricarem suas moradas: Assi agora faziaõ o mesmo. Mas pera melhor fim, que era pera grangearem, e frutificar o mel, e suavidade dos bens da Religiaõ; crescendo em todas com a mudança do sitio, e titulo hum novo dezejo de retratarem em si a santidade, e virtudes da nova Padroeira Santa Catharina. E muitas o fizeraõ com grande pontualidade, como logo veremos. Assistia como mestra, que era, e Fundadora a Prioreza, alegrandose do que via ser obra em grande parte de suas mãos, e trabalho; e fazendo com seu exemplo, que

naõ

naõ afroxasse por nenhuma parte a Observancia. Tal era o seu cuidado na Oraçaõ, na penitencia, nas mortificaçoens, e taõ prudente seu governo em tudo o mais, que governou a Casa vinte annos: E pareceme, que nenhum louvor, nem melhor testemunho podemos dar de sua virtude, e partes. Porque a experiencia nos mostra, que ha muitas pessoas, que em seu governo particular procedem bem, e com grande satisfaçaõ: Mas estas mesmas chegando a ter cargo de huma Communidade, ou se perdem, ou perdem o tino do que convem pera boa administraçaõ de subditos, polo grande valor, que he necessario pera levar condiçoens varias, e vencer os contrastes, e difficuldades, que cada passo, e em cada materia das Communidades se offerecem. Mandoua descançar o Geral Justiniano, que polos annos de 1566. visitou esta Provincia: E todavia inda os Prelados a occuparaõ de novo na instituiçaõ de hum Mosteiro, que pouco depois se fundou em Azeitaõ, que chamaraõ Bom Pastor: e deixandoo ordenado, se tornou pera Santa Catharina, onde acabou em boa velhice. Devese a esta Madre, o que della temos dito por memoria da fortaleza, com que sustentou o rigor, e austeridades da Regra: E veyo fundar em Santa Martha, e depois passou a Santa Catharina, com que deu occasiaõ a huma fama, que nesta Casa ficou, e dura inda hoje, de que todas as Madres, que com ella vieraõ, foraõ Santas. Grande louvor da Casa, grande louvor, e honra, de quem tal criaçaõ soube fazer.

1566.

Algumas cousas se contaõ dos principios deste Mosteiro; que tambem he rezaõ acompanhem quem o principiou, e fundou. Porque saõ raras, e bem de notar. Começou quasi com a Casa, e durou muitos annos depois, ajudar a rezar o Officio Divino de parte do Coro direito huma voz em falsete, expressiva, muito espevitada, e clara, e hum som taõ retinido, que naõ avia duvida em ser voz de fóra, clara, e manifesta. Notavase, que no verso Gloria Patri, soava, e levantava mais. E causando primeiro pavor, veyo a ser taõ familiar pera as Religiosas, que se algumas vezes faltava, como aconteceo faltar, se desconsolavaõ muito. Perguntouse a bons Letrados, que poderia ser. O grande Inquisidor Frey Manoel da Veiga, e depois o Mestre Frey Joaõ de Portugal, agora meritissimo Bispo de Viseu; ambos assentaraõ, que seria Anjo. Porque a ser Alma de alguma Religiosa do Purgatorio, como diziaõ outros Letrados, naõ fizera interpolaçoens, como se via, faltando alguns dias, e tornando. Grande gloria desta Communidade, que descessem Anjos do Ceo, e a viessem ajudar aos louvores Divinos.

Naõ tem menos de admiraçaõ por outra via o caso, que agora diremos. Avia no Claustro hum grande pessegueiro, que dava muita, e fermosa fruta, que a Prioreza estimava, pera fazer presentes á Condessa sua Padroeira, e ás Senhoras devotas, que faziaõ bem á Casa. Como estava em lugar aberto, e a fruta se fazia cobiçar por muita, e bella, e deleitosa á

vista, usou das armas da Religiaõ, declarando, que mandava naõ tomasse ninguem, nem tocasse nella. Porque queria, que a Condessa tivesse o gosto de a vir colher por sua maõ, como fosse tempo; mas naõ faltou em Casa quem se deixasse vencer da tentaçaõ de querer parte no vedado: E foy com tanto excesso, que ficou manifesto o furto. E a Prioreza sentida mais da desobediencia das subditas, que da falta do fruto, levantou a voz contra a arvore, e disse, que por obediencia lhe mandava, que naõ desse mais fruto. Foy caso espantoso, e de grande confusaõ pera desobedientes. Estava o pessegueiro verde, viçoso, e copado, desdaquelle ponto o desemparou a graça, e frescura natural, perdeo folha, e fruto: E em fim secou, sogeitandose a insensivel, e innocente pranta á voz da obediencia, que naõ guardaraõ as que por profissaõ lhe estavaõ obrigadas.

Mais admira que tudo, e he ponto de grande louvor deste Mosteiro, que despejandose todos os da Cidade na temerosa peste do anno de 1569. sustentou constantemente sua clausura, sem delle sahir, nem huma só pessoa, temendo com religioso Espirito a contagiaõ do mundo, mais que nem a da peste. Assi foy o Senhor servido, que sendo ferida della a Madre Dona Catharina de Castro Prioreza, e andando pola mesma rezaõ todas inficionadas, em nenhuma fez damno.

CAPITULO XXIII.

De algumas Religiosas, que neste Mosteiro se adiantaraõ em fama, e obras de grande Espirito.

DEvemos primeiro lugar em cortezia, inda que outras precederaõ por antiguidade, ás Religiosas do sangue do Padroeiro, e Fundador; tres filhas dos Condes Dom Affonso de Portugal, e D. Joanna de Gusmaõ achamos, que tomaraõ nesta Casa o Santo Habito, e procederaõ com tanto Espirito, que naõ foraõ de menos honra nelle suas obras, que suas pessoas. Soror Joanna de Jesu, que foy a mais velha, tendo muito de todas as mais virtudes, que fazem fermosa a Religiaõ, em duás se esmerou, que fazem fermosissima a Nobreza, que foraõ Humildade, e Caridade. Assi se empregava, e deleitava nos officios mais vis, e baixos da Casa, como se fora a mais abatida, e infima pessoa della; ou como se só pera elles nascera. Assi servia as Freiras velhas, como se em cada huma vira a Condessa sua mãy. Assi assistia com as enfermas, consolandoas, amimandoas, servindoas, como podera fazer a qualquer de suas Irmãas filhas dos Condes seus pays. Ao que ajuntava acudirlhes com tudo, o que tinha de seu, com huma liberalidade, e largueza taõ desenganada, que avia por dita, e lhe acontecia muitas vezes, ficar falta do que avia mister, porque ás enfermas naõ faltasse nada. A mesma condiçaõ tinha com todo o pobre. Disto se pudera

A Madre Soror Joanna de Jesu.

dera escrever. Aconteceolhe acharse hum dia na roda, e ouvir hum pobre pedir esmolla: naõ tendo que dar de presente, e naõ lhe sofrendo o coraçaõ deixar de dar, e ganhar a bençaõ de dar logo, que he dar duas vezes, lançou maõ á toalha, que trazia na cabeça, deua, e lançando sobre a cabeça o Escapulario, tirou pera a cella aceleradamente, por naõ ser colhida com o furto da caridade nas mãos. Sendo taõ serviçal com todas, espantava o mal, que se tratava com penitencias. Era muito enferma: E com tudo tal vida fazia, que o inimigo commum naõ podia negar a rayva, e inveja, que lhe tinha. Disciplinavase huma noite, arremeçase a ella, arrebatalhe as disciplinas. Quando foy manhãa, appareceraõ sobre huma trave, onde só tal maõ as podia pôr. Deraõlhe estas partes o governo da Casa, mais que as do sangue, juntando com ellas hum grande valor, e entendimento, de que era dotada. Fez tal prelacia, que muitos annos depois de morta duraraõ as saudades de seu governo. Encantava a brandura, e affabilidade, com que se fazia amar. Espantava a constancia, com que fazia que naõ quebrasse hum piqueno ponto da guarda da Regra. Na reprehençaõ, e no castigo sabia guardar tal meyo, que reprehendendo naõ escandalisava, e castigando mostrava entranhas de mãy. Mas naõ he muito duravel o que merece durar muito. Acabou quando mais necessaria era na Casa. Deulhe huma colica, conheceo, que era mortal, naõ por revelaçaõ, senaõ por discurso de bom juizo. Dizia, que sempre lhe fizera pavor cuidar na morte, e por isso julgava, que a tinha á porta, porque se achava sem nenhum medo della. E foy bom sinal pera ser crida, que no mesmo dia, em que faleceo, pedio, que lhe cantassem a huma Arpa o Psalmo: *Quàm dilecta tabernacula tua Domine, &c.* Isto he, o que promete o Espirito Santo: Recolher com festa, e cantando, o fruto semeado com lagrimas: *Qui seminant in lachrymis, in exultatione metent.* Foy sua morte por Agosto de 1604. Naõ he rezaõ ficar em silencio huma finesa, que se conta desta Madre. Ardia Evora em peste no anno de 1579. dez annos depois da que inda hoje chamamos grande, porque foy primeira, e por isso mais temerosa. Dezejou a Condessa sua mãy desvialla do perigo, consentio, que a viessem buscar. Veyo á Portaria, fez entrar nas andas sua Irmãa, que inda naõ tinha o Habito, e mandou aos criados, que a levassem, e dissessem a sua mãy, que ella o dia, que se obrigara áquellas paredes pola profissaõ, fora pera as naõ largar nunqua, senaõ por morte: Sua Irmãa, que estava inda livre de semelhante obrigaçaõ, poupasse a vida, e se fosse embora, que em sua tençaõ só pera ella pedira andas, e companhia; pera sy nunqua tal cuidara. E assi se ficou só no meyo do fogo, e do trabalho, contente por ter livrado a Irmãa delle.

1579.

A Madre Soror Filippa de Jesu Maria.

Das outras duas a Madre Soror Filippa de Jesu Maria, depois de muitos annos desta Casa, sahio della pera hir ajudar a fundar o Mosteiro do Sacramento de Lisboa: E sendo nelle

le Prioreza, faleceo. Acompanhoua a Madre Soror Iſabel de Jeſu. Diremos de ambas, quando chegarmos com a Hiſtoria a eſta fundaçaõ. Dona Eſtefania naõ chegou a profeſſar, ſenaõ em dezejos, que ſendo vehementiſſimos, e ſempre encontrados das mudanças, e alteraçoens dos tempos, veyo a falecer em idade de dezanove annos, de huma febre maligna, e na morte recebeo o Habito merecido, e em taõ pouca vida com muitas, e muy ſolidas virtudes. Foy bom teſtemunho pera a ultima hora, que vendo, que acabava, começou a cantar a Ave Maria com huma voz taõ esforçada, como ſe eſtivera ſãa, e antes de a acabar, eſpirou.

D. Eſtefania.

Succeda a eſtas Madres, que por ſegunda Prioreza deſta Caſa, nos merece grande memoria, e reverencia, e ſenaõ tiveramos que dizer della outra couſa, baſtante louvor, e honra era, buſcarſe ſua peſſoa, pera encher o lugar da Fundadora, Soror Joanna de Chriſto. Eſta he a Madre Soror Iſabel da Piedade. Della ſe diz, que no dia de ſua profiſſaõ pedio ao ſuaviſſimo Eſpoſo das Almas Chriſto Jeſu, que em arrhas daquelle ſanto deſpoſorio lhe fizeſſe taõ aſſinalada merce, que lhe deſſe alguma parte de ſentimento das dores de ſua penoſiſſima Paixaõ. Seguioſe o deſpacho tanto á medida do requerimento, que, paſſado pouco tempo, começou a padecer todas as Sextas feiras infalivelmente hum terrivel accidente de febre, e frio: frio de bater os dentes com exceſſivo tormento: febre ardente, que abraſandoa toda, até o roſto lhe accendia em fogo. Durava o mal, até que entrava o Sabbado: logo ficava naõ ſó melhorada, mas taõ ſãa, como ſenaõ ouvera paſſado trabalho. A continuaçaõ do accidente em tal dia, que muitos annos padeceo, veyo a fazer publico o que com cuidado encobria, e que já naõ eſpantava; porque avia nella outras muitas virtudes, que baſtantemente acreditavaõ o favor do Senhor. Por morte da Prioreza Dona Joanna trataraõ as Religioſas de a eleger. Naõ faltou quem lhe deſſe aviſo do que ſe praticava, cuidando por ventura, que lhe dava nova de goſto. Aſſi o ſentio, aſſi o pranteou, como outrem pudera fazer em caſo de grande afronta. Tal era ſua humildade, que de todo cargo de honra ſe tinha por indigna, e pera tudo, o que era mandar, por inſufficiente. Deſde logo fez todas as diligencias, que pode, por naõ chegar a ſer nomeada. Mas naõ baſtando nada, porque foy eleyta com todos os votos, e o Provincial, que a conhecia, confirmou logo a eleyçaõ; chorava Soror Iſabel deſconſoladamente, e pondo os olhos no Ceo, dizia, que mais poderoſo era Deos, que os homens, e nelle eſperava, que acudiria á ſua inſufficiencia, livrandoa de entender com Almas alheas, quando nem a propria ſabia bem governar. Fazem ſom diante de Deos as lagrimas dos juſtos, naõ ſó ſaõ viſtas delle, mas tambem ouvidas, ſegundo eſtá eſcrito polo Propheta Rey: *Auribus percipe lacrimas meas.* A poucos mezes depois de exercitar o officio, cahio em cama de huma doença, que repreſentando nos principios grande perigo, ſe foy eſtendendo com varieda-

A Madre Soror Iſabel da Piedade.

Pſ. 38.

riedade de accidentes, que em fim obrigaraõ os Prelados a lhe dar absolviçaõ, e mandaraõ eleger outra. Entaõ se vio, como fora força de Oraçoens da terra, e favor do Ceo a enfermidade. Porque na hora, que teve successora, foy melhorando; e em fim convalesceo, e sarou de todo. Viveo depois alguns annos com grande consolaçaõ de se ver subdita. E vindo a morrer, aconteceolhe o que a Escritura aponta da molher Santa: *Et ridebit in die novissimo.* Acabará rindo. Estava pera espirar; cobra novas forças, sentase na cama, levanta as mãos ao Ceo: e abrindo a boca com hum gracioso riso, despedio a Alma. Cuidaraõ as Religiosas, que fora alguma visaõ, com que o Senhor a quizera consolar; mas naõ ouve tempo pera se averiguar com ella. Como fora Prioreza, ordenouselhe enterramento solemne. Ao entregar da cera, depois de acabado o Officio, foy achado nella notavel crescimento: Sinal mysterioso, com que a piedade Christãa se persuade, que o Senhor nos quer mostrar o bom estado dos defuntos, a que acontece.

Sap.

Da Madre Soror Catharina de S. Joseph, grande amiga, e companheira nas virtudes desta Madre, se affirma, que teve semelhante trabalho nas Sextas feiras, e tambem alcançado com Oraçoens. E notavase em ambas, que sendo occupadas em cargos de officinas, na quinta feira compunhaõ nellas tudo, o que convinha, e encomendavaõ ás amigas o cuidado pera a sexta. Porque em ambas era dia de martyrio. Nos mais dias, porque lhe naõ faltasse mortificaçaõ, lançava nas çapatas graõs, e pedrinhas, que com o andar se lhe cravavaõ nos pés, e davaõ muita pena: E a boa companheira Soror Isabel pera o ser em tudo usava de outra, que era lançar na agoa, que avia de beber, cascas de laranja, pera que sempre fosse amargosa.

A Madre Soror Catharina de S. Joseph.

CAPITULO XXIV.

Das Madres Soror Brittes do Horto, Soror Maria da Resurreiçaõ, Soror Brittes da Cruz.

A Madre Soror Brittes do Horto era natural d'Evora, e huma das que vieraõ de Santa Martha. Como tinha o nome do lugar, em que o Bom Jesu foy taõ affligido, procurava mortificarse por todas as vias, e modos, que podia: Já com muitos jejuns de paõ, e agoa: Já com dar a pitança inteira aos pobres, e ficar comendo dos pedaços de paõ, e sobejos das Religiosas: Já com andar toda cingida de cilicios. Mas naõ se satisfazendo com isto a sede que tinha de padecer por Christo, ficavase no Coro quasi sempre depois de Matinas: E em reverencia do pesado madeiro da Cruz, que o Senhor levou ás costas, tomava sobre seus hombros hum peso, que duas pessoas levantavaõ com trabalho, e duas amigas lho ajudavaõ a carregar, e com elle passeava grande espaço. Depois de muito cançada aliviavase com ficar em pé diante do Santissimo Sacramento, com os braços estendidos, como crucificada: E assi aturava, até que por desfalecimento, e naõ poder mais, lhe cahiaõ

A Madre Soror Brittes do Horto.

cahiaõ os braços, e mudava a poſtura. Jejuava a paõ, e agoa quartas, e ſextas feiras. E a agoa, que bebia nos dias de ſexta feira, era envolta com ſumo de caſcas de laranjas, em memoria do fel, e vinagre do Redemptor. E por todo o mais tempo o que de ordinario comia, era miſturado com copia de ſal, e vinagre; pera que de todo perdeſſe o goſto, e ſabor. E mandandolhe a Prelada, que tal naõ fizeſſe, porque lhe prejudicava notavelmente á ſaude, ficou deſtemperando tudo com agoa fria. Sentiaſe Lucifer de ver hum Eſpirito viver em carne com tanto odio, e taõ fora da carne: Vingava nella terrivelmente ſua raiva. Viaõ as Freiras muitas vezes, que a levavaõ arraſtando polo Coro: Ouviraõ o ſom das pancadas, que lhe davaõ, ſem aparecer autor a tal obra. Ficava piſada, e moida, mas igualmente contente; porque naõ ignorava, que todo o poder do Inferno he fraco, ſem licença do Ceo. E reconhecendo por Autor do que padecia, o meſmo Deos, davalhe graças, e adiantava com elle em merecimentos. Fazialhe grande laſtima a dor, que o Bom Jeſu paſſou na Sagrada cabeça, quando lha trancavaõ os eſpinhos agudos da temeroſa grinalda, com que foy coroado por odio, e por eſcarneo. Quiz ſentir alguma parte daquelle tormento, que imaginava, qual foy, exceſſivo, e crueliſſimo: Juntou tojos verdes, que por verdes tinhaõ as puas mais vivas, e mais teſas, fez hum tecido, atochouo na cabeça, lançalhe a toalha por ſima, e aſſi andava em martyrio perpetuo. Huma noite da Sexta pera o Sabbado foyſe engolfando na conſideraçaõ do muito, que affligiria ao Redemptor eſte tormento, chea de magoa, e compaixaõ lança as mãos á cabeça, aperta o toucado; e os eſpinhos com tanta força, que lhe correo o ſangue polo roſto, e peſcoço, e até os braços. E ou foſſe deſmayar com o eſvaecimento da cabeça, e do ſangue, ou que ſe ſeguio arrebatamento á dor, e laſtima, que lhe cauſou a meditaçaõ, ficou deſacordada tanto tempo, que quando as Religioſas entraraõ a rezar Prima, eſtava inda em eſtado, que nada ſentia, e toda banhada em ſangue. Procuraraõ tornalla em ſeu acordo. Entrando em ſy, a primeira palavra, com que acodio, foy dar graças a Deos; porque alcançara delle huma merce, que muito tempo avia requeria, que era acabar a vida com termo taõ abreviado, que naõ foſſe penoſa a ſuas Irmãas, que muito amava. Aſſi o diſſe, e aſſi aconteceo logo ao Domingo ſeguinte, á huma hora depois da meya noite, ficando a cela recendendo em hum muito ſuave, e extraordinario cheiro. He muito digno de ſe ſaber, que uſando eſta Religioſa taõ riguroſas penitencias, e naõ as largando nunqua, chegou a idade de oitenta annos: Pera que acabemos de entender os fracos, e mimoſos, que o máo tratamento corporal, naõ ſó he preſervativo da morte eterna, mas tambem da temporal. Conſtoume por dito de muitas Madres deſte Convento, que foy eſta Religioſa Irmãa de Franciſco Gonſalves Pegas, avó do P. Fr. Domingos Pegas, Religioſo de noſſa Ordem, aſſinado,

e morador, quando isto escreviamos, no Convento de S. Domingos d'Evora.

A Madre Soror Maria da Resurreiçaõ.

A Madre Soror Maria da Resurreiçaõ foy celebrada em toda a vida por grandes virtudes: Oraçaõ de muitas horas, e muito affervorada, caridade sem termo pera com todas, rigor sem piedade pera comsigo. Tomando por todo anno muitas disciplinas, na Quinta feira d'Endoenças, tanto que no Convento se sentia a Procissaõ da Misericordia, encerravase em huma casa, e em quanto durava o ouvirse, continuava ella em se disciplinar de sorte, que ficava a casa alagada em sangue. Aconteceolhe em sete mezes continuos assistir sem se deitar as noites inteiras diante do Santissimo Sacramento. Quinze dias antes de falecer, sentindose indisposta naõ se quiz deitar, nem descobrir o mal: Mas começou a tratar de sua Alma com cuidado. Ultimamente mandou pedir á Prioreza a quizesse ver; e como a teve presente, começou a fazer o auto costumado na Ordem, de quem morre; que he desapropriamento do que se possue. Espantandose a Prelada do que via em quem, ao parecer, nenhum mal tinha, ella foy procedendo com seu auto, pedindo humildemente perdoens, e affirmando por remate, que o naõ fazia sem causa; porque de certo estava ás portas da morte. Pareceo á Prioreza genero de malencolia; e pera lha aliviar mandou vir o Medico. Acodiraõlhe outras Religiosas ao mesmo fim, humas com brincos, outras com flores. Aos brincos respondeo, que já naõ era tempo, e por isso os naõ queria: as flores aceitava como lembrança, das que sedo esperava gozar no Ceo. Veyo entretanto o Medico, fez suas perguntas, e informaçoens; affirmou que naõ avia cousa, de que fazer caso, quanto mais cuidar em morte. Com tudo Soror Maria constantemente affirmava que morria, e instava que lhe acudissem com os Sacramentos, que estava em ponto de necessidade, e por isso descarregava sua consciencia. Mandouse vir outro Medico pera mais satisfaçaõ, juntouse com o de Casa: conferiraõ entre sy, assentaraõ, que naõ avia, que temer; mas que a consolassem com o que requeria, que com isso poderia ser aquietasse aquella força de imaginaçaõ, que outra cousa naõ parecia o mal, de que os informara. Confessouse, e commungou com affecto de quem sabia, e fazia conta, que era a derradeira; só naõ foy ungida, porque os Medicos disseraõ, que em nenhum modo o requeria o estado presente: passados dous dias, pedio huma tarde, que lhe puzessem sobre a cama as peças, que tinha prestes pera sua mortalha, e foy as compondo por sua maõ: e quixandose todavia de lhe naõ darem credito, e se governarem polo dito dos Medicos, Pois eu lhes affirmo, dizia, que se haõ de ver depois taõ sobresaltadas, que naõ haõ de attinar com o necessario. E assi aconteceo pontualmente. Porque no mesmo dia anoitecendo, começou a desfalecer, e entrar em verdadeiro, e conhecido artigo de morte. E quando no relogio soou a huma hora depois da meya noite, deu ella a Alma a seu Redemptor. A todas encheo de pertur-

perturbaçaõ o arrebatado cumprimento do que Soror Maria tinha dito. Mas logo se viraõ consoladas, com lhes mostrar o Senhor em suas exequias a mesma maravilha do crescimento da Madre Soror Isabel da Piedade: E apos esta outra igualmente prodigiosa, mas de maior consolaçaõ. He costume da Ordem cantarse oito dias continuos sobre a sepultura do Religioso, ou Religiosa, que morre, hum Responso por toda a Communidade, quando sahe ao jantar do Refeitorio. Fazendole assi com esta defunta, sentiaõ as Madres hum cheiro taõ suave no espaço, que cantavaõ, que a todas admirava, naõ entendendo donde procedia. Algumas com curiosidade foraõ buscando, e perguntando, se avia ao perto perfume, ou outra occasiaõ de cheiro. Como naõ achavaõ nenhum, chegouse a Prioreza á cova, levantou por sua maõ o pano preto, que a cobria. No mesmo ponto recendeo a mesma suavidade com tanta viveza, que a todas assombrou de novo.

A Madre Soror Brittes da Cruz.

Tambem foy das primeiras Madres, que vieraõ de Santa Martha, Soror Brites da Cruz, cuja morte extraordinaria no successo nos dá occasiaõ de escrevermos della. Era conhecida por devota, e penitente, e muy zelosa da Santa Observancia. Aconteceolhe, caso estranho, que estando hum dia rezando com os olhos em hum Crucifixo, perdeo subitamente a vista. Imaginou, que seria vagado, ou outro genero de vertigem: Encostou a cabeça por hum espaço, a ver se passava. Vendo, que todavia durava, e que a cegueira era certa, entendeo, que se lhe acabava a vida com a vista. E sem receber por isso pena nenhuma, começou a dizer: Que vay em que se perca a luz dos olhos corporaes, se nos d'Alma resplandece o Sol de minha alegria, com que estou vendo por Fé a Celestial Jerusalem, seus muros de pedras preciosas, seu dia claro, e immortal? Sinal he isto de melhor vida. Apoz estas palavras pedio os Sacramentos. E recebidos todos, sem outro accidente, nem doença, acabou em paz.

CAPITULO XXV.

Das Madres Soror Maria do Presepio, Soror Isabel Bautista, Soror Brittes de S. Francisco, Soror Isabel do Paraiso, e Soror Elena do Espirito Santo sua Irmãa.

A Madre Soror Maria do Presepio.

A Madre Soror Maria do Presepio entre outros exercicios de grande Religiosa jejuava as Quaresmas todas a paõ, e agoa; e entendiase desta penitencia, que naõ podia deixar de ser publica, que fazia outras muitas secretas. Todo o tempo, que lhe restava dos officios da Communidade, empregava em Oraçaõ: E esta era sempre com os joelhos nús em terra. Servindo o officio de Sacristãa em idade inda robusta, e com boa saude, chamou hum dia sua Irmãa Soror Isabel Bautista á Sacristia, e foy com ella dobrando, e concertando, o que avia, com mais particularidade do costumado, e mostrandolhe miudamente todas as peças, e o lugar, a que cada huma pertencia. Ultimamente tirou a Ambula do Oleo Santo em hum prato,

prato, e juntou com ella todas as cousas, que pertencem pera quando se ministra o Sacramento da Unçaõ, paõ, e estopas, e pera o Sacerdote Amito, Sobrepeliz, e Estolla. Estava confusa a Irmãa do que via, e perguntavalhe, que proposito tinhaõ tantas novidades juntas? E ella respondia: Encomendovos muito o concerto desta officina, quando vos tocar servilla; o mais sabereis, quando for tempo. E sem mais dizer, recolheose pera o leyto quieta, e desassombrada. Mas naõ aconteceo assi á Irmãa, que de triste, e pensativa com o que vira, naõ pode repousar em toda a noite. E em amanhecendo, se foy a Soror Maria saber como estava. E achoua em termos, que lhe pedio chamasse logo de sua parte a Prioreza pera negocio importante, em que convinha naõ tardar. Acudio a Prelada. Dissellhe Soror Maria, que estava ardendo em febre; e tal febre, que naõ avia que tratar da cura della; senaõ só d'Alma. Foy seguindo logo com o desapropriamento costumado, em que naõ ouve, que entregar (taõ pobre era) mais que os Habitos, que trazia vestidos, e huma arquinha de taõ pouca importancia, que nunqua della tivera chave. Recebeo no mesmo dia todos os Sacramentos, e na noite seguinte passou á melhor vida.

A Madre Soror Isabel Bautista.

Quiz a Prioreza, que ficasse com o cargo da Sacristia sua Irmãa Soror Isabel Bautista, pois ella de antemaõ lha encomendara; e na verdade foy adivinhar o grande serviço, que nella avia de fazer, tanto ao justo, como adivinhou sua morte. Foy Soror Isabel hum retrato de sua Irmãa nas penitencias; mas teve de mais outras virtudes, que requeriaõ longa historia, e que de força avemos de abreviar, pera podermos acudir ao muito, que nos resta deste trabalho. Todas ficaráõ entendidas por huma, de que faremos particular relaçaõ. Conhecendo, que he alto fundamento de todas as virtudes a santa humildade, naõ lhe ficou meyo, que naõ tentasse pola ganhar, primeiro desistimandose em sua opiniaõ, e abatendose a todos os officios mais vis da Casa; depois fazendo cousas, que dessem occasiaõ, ou de se rirem della, ou de a terem em pouco. Pera este fim naõ se contentava com trazer os Habitos remendados, mas rotos, e cheos de nodoas. E porque o cuidado dos chapins desvella muito as molheres, humas vezes a respeito da saude, outras de authoridade, e as mais pera suprimento da falta da natureza, determinouse em os naõ usar, e trazia humas çapatas de solla, como se fora huma moça de serviço, e das mais humildes da Casa. Do que tirava materia de riso, e zombaria em todas, as que viaõ; que era o que mais queria. No meyo destes abatimentos era admiravel a diligencia, com que se occupava na Sacristia. Naõ era só diligencia, mas tambem veneraçaõ. Contase della, que todas as vezes, que entrava nesta officina, lembrada, que tinha alli os ornamentos, que serviaõ a seu Deos, lhes fazia cortezia com os joelhos em terra. Conforme a isto era o concertallos, e perfumallos, e procurar outros de novo. He certo, que com ser pobrissima, po-

de tanto ſua induſtria, e o cortar por ſy, junto a muitos annos, que o Senhor lhe eſtendeo a vida, que chegou a fazer hum ornamento rico inteiro, e dous caſtiçaes de prata de Altar, grandes, alem de outras veſtimentas, e couſas de menos importancia. Outras maravilhas ſe contaõ, que todas ceſſaõ, com ſabermos, que andando ſãa, e bem, ſoube, e diſſe o dia, em que avia de morrer, como tinha acontecido a ſua Irmãa: E na hora, que eſpirou, foy taõ grande a fragrancia do cheiro, que daquelles membros frios ſe levantou, que penetrou por todo o Convento com eſpanto da viveza, e novidade delle. Faleceo no anno de 1603.

A Madre Soror Brittes de S. Franciſco.

A Madre Soror Brittes de S. Franciſco era grande imitadora do Santo de ſeu nome, aſſi na humildade, como no Amor de Deos. Moſtrouo em que, ſuccedendo diante della vomitar huma enferma as Eſpecies Sacramentaes, ella ſe offereceo pera as receber, e as levou ſem nenhum genero de aſco. Mas ſe eſte aſco a fez com rezaõ ficar em memoria; o meſmo nos amoeſta referir aqui o que aconteceo ao Conde de Villa Nova D. Manoel de Caſtello Branco, poucos mezes antes de ſua morte. Eſtava enfermo, e com perigo hum criado ſeu, e ainda que avia tido alguns vomitos, dezejava o Conde, que naõ morreſſe ſem o Divino Viatico. Acudio o Parocho, miniſtroulho. Mas a pouco eſpaço entra o enfermo em ancia, e ſignificaçaõ de vomito, e em fim lançou as ſagradas Eſpecies em hum prato. Pedio o Conde ao Cura, as quizeſſe receber. Eſcuſandoſe elle, determinouſe o Conde, e como bom, e devoto, e muito Catholico Chriſtaõ, que era, as recebeo. Se pareceo valor em huma Freira humilde, pobre, e penitente tal ſucceſſo, por muitas razoens fica aventajado, e mais de eſtimar no Conde.

A Madre Soror Iſabel do Paraiſo.

Irmãas foraõ de pay, e mãy as Madres Soror Iſabel do Paraiſo, e Soror Elena do Eſpirito Santo, e naõ menos Irmãas em cumprir com todas as leys da ſanta Obſervancia. Soror Iſabel entrou em tenra idade, e ſem nenhuma noticia do mundo. Aſſi ſe aplicou toda em contentar a Deos na Religiaõ com tanto cuidado de ſua conſciencia, que o Padre Fr. Aleixo de Setuval, peſſoa de grande Eſpirito, que a confeſſou geralmente, pouco antes que faleceſſe, dizia depois della, que nunqua peccara mortalmente. Vivendo em idade florida, com ſaude, e ſem achaques, declarou, que tinha a morte perto, e depois apontou o dia, e ſuccedeo, como o diſſe. Outras couſas ſe contaõ, que ſuccederaõ em ſua morte, e depois della, que deixamos, por ſerem de teſtemunho ſingular, e valer mais que todas o bom teſtemunho de ſua vida.

A Madre Soror Elena do Eſpirito Santo.

Da Madre Soror Elena ſua Irmãa ſe conta, que ſinco annos arreyo pedio a noſſo Senhor, lhe revellaſſe a hora de ſua morte. O que negociava com muita Oraçaõ, e particularmente com a Virgem Mãy de Deos, rezandolhe todos os dias ſeu ſanto Roſario, e a devaçaõ das letras de ſeu nome, e naõ deixando nunqua o ſeu Officio piqueno. Ajuntava a eſta devaçaõ rezar todos os dias ſete vezes os Pſalmos, e quinhentas a Oraçaõ

do

do Pater noſter polas Almas Santas do Purgatorio. Hum anno antes de falecer, adoeceo de huma penoſa infermidade, que julgando por embaixada da morte, recebia a Sagrada Communhaõ muitas vezes com tal affecto, e lagrimas, como ſe de cada huma tivera certo o fim da vida. Indo o anno no cabo tomou huma manhãa papel, e tinta, e com poucas regras ſignificou á Prioreza, que tambem jazia em cama doente, que era chegada a hora, em que avia de hir dar conta a Deos de ſua vida: Por tanto lhe pedia humildemente perdaõ dos defeitos de trinta, e ſinco annos, que tinha de Habito naquella Caſa, que conhecia ſerem muitos; e mais de culpar, por cometidos entre gente taõ Santa, como nella avia. Que o remedio de todos eſperava polo meyo dos Sacramentos Sagrados da Santa Madre Igreja; e por iſſo naõ permitiſſe, que ouveſſe tardança em ſe lhe acudir com elles. Todavia pareceo á Prioreza, que devia proceder mais de vagar. Porque a qualidade, e eſtado da doença naõ permittia fim repentino. Entaõ mandou declarar, que ſua Irmãa Soror Iſabel lhe apparecera aquella manhãa, e a certificara da merce que Deos lhe queria fazer de a livrar da pena da doença, e das prizoẽns da carne. Confeſſouſe geralmente no meſmo dia, e commungou com abundancia de lagrimas, e logo pedio a Unçaõ. Paſſados eſtes autos, pedio perdaõ a todas as Religioſas com palavras cheyas de humildade, e abraçada com hum Crucifixo dava graças ao Redemptor, pola querer levar deſte mundo. No que moſtrava tanto contentamento, e confiança, que lhe tresbordava polos olhos, e ſembrante, affigurandoſe a todas, que do roſto lhe ſahiaõ rayos, e reſplandores. No meyo deſtes colloquios reveſtioſelhe o roſto em moſtras de ira; e com olhos crimes, diſſe contra os pés do leyto. Naõ te temo Inimigo Infernal, naõ tens parte em mim, vayte maldito aos Infieis, que eu tenho por mim o ſangue precioſiſſimo de meu Senhor Jeſu Chriſto, em cujos merecimentos confio. O Eſpoſo meu he dulciſſimo, fiel, Santo, Poderoſo, naõ me ha de dezemparar. Deſapareceo o inimigo, ao que ſe pode entender, porque quietou. E tornando a apertar comſigo o Crucifixo: Meu Bom Jeſu, dizia, que póde temer quem vos tem a vós? *In te Domine ſperavi, non confundar in æternum. Tu es Spes mea à juventute mea.* Suſpendeoſe entaõ toda, e fez geito de quem eſcutava, e levantando os olhos pera as Religioſas: Madres minhas, diſſe, eſtejaõ attentas, ouviráõ vozes excellentes, Muſica, qual nunqua ouviraõ. Tal conta tinha dado de ſy Soror Elena por toda a vida, que tudo ſe lhe cria, e outras miſericordias maiores, que naquelle paſſo uſou o Senhor com ella. Mas porque ella ſó via, e ouvia, ella era a que referia, eſcuſamos eſcrevellas: Porque tambem neſta parte fique parecida com ſua Irmãa. Faleceo no anno de 1604.

CA-

CAPITULO XXVI.

Das Madres Soror Isabel d'Assumpçaõ, Soror Isabel de Nazareth, Soror Maria de Santo Antonio, Soror Filippa da Madre de Deos, Soror Guiomar de Pina, e Soror Joanna do Anjo.

A Madre Soror Isabel da Assumpçaõ.

DEpois de longos noventa annos de vida acabou a Madre Soror Isabel d'Assumpçaõ com huma innocencia de minina. Porque entrando no Recolhimento de Santa Martha em idade, que naõ sabia fallar, nunqua soube, nem procurou outra vida: E depois que com as suas Irmãas Terceiras seguio a Regra da Observancia, foy unica em todas as partes della. Assi mereceo alcançar do Senhor taõ grande misericordia, como foy saber ao justo o dia, e hora, em que avia de partir da vida. Estando sãa, e bem, declarou a suas amigas, que avia de ser naquelle anno em Vespera da Natividade de N. Senhora, e á hora da huma pera as duas da tarde. Chegado o dia, que humas naõ criaõ, e outras esperavaõ com medo, achoua prestes, e chea de alvoroço com os Sacramentos recebidos. Que como a longa idade pera se soltar, quebra poucas cadeas, foylhe dado credito, quando disse, que os avia mister. O dia gastou em Oraçaõ, que sempre fora seu paõ quotidiano. Mas quando chegou a hora, como quem a sahia a receber, começou a entoar o Hymno, *Ave Maris Stella, &c.* E repetindo muitas vezes o verso, *Monstra te esse Matrem: Sumat per te preces, qui pro nobis natus, tulit esse tuus*, subitamente se lhe encheo o rosto de hum novo vigor, e de huma cor juvenil, e fermosa: e cobrando forças, que já naõ tinha, fez com a cabeça huma grande inclinaçaõ contra a porta. E logo sentandose pedio, que lhe trouxessem hum cravo de que fora grande Mestra; e ainda que as mãos tremiaõ, e a voz era rouca, foy entoando a Magnificat, e ajuntando palavras de agradecimento á Senhora pola merce de a visitar em tal passo. Assi como as Madres conheceraõ claramente este favor da Virgem polos effeitos, que fazia na boa velha; porque outra cousa naõ viaõ; foraõ tambem entendendo, que acompanhava á Rainha dos Anjos N. P. S. Domingos. Porque acabada a Magnificat, começou o Responso, *O spem miram, &c.* com o rosto risonho, e nelle tanta devaçaõ, e affecto, que claramente mostrava fallar com quem tinha presente. E por remate acrescentava: Meu Pay Santo lembrevos esta promessa, pois sou vossa filha. Fez depois geito de quem via alguma cousa ao longe. E ficando hum pouco suspensa, perguntaraõlhe humas Religiosas, que o causava? Declarou singellamente, que lhe dava cuidado hum comprido caminho, que tinha por passar. Porem, que no cabo delle lhe mostravaõ duas tochas de grande claridade hum povo de Virgens, e Santos, que esperavaõ por ella. Passado hum espaço, perguntou, se repicavaõ já os sinos da Sé? Responderaõlhe, que como perguntava por sinos em tempo de interdito? He de saber, que avia dous mezes, que

a

a Cidade estava interdita: Mas parece, que tinha sabido, que com o fim do interdito se lhe aviaõ de abrir as portas do Ceo, e cerrar as da vida. E por isso fizera a pergunta. Porque antes de darem as duas, começou a Sé, e logo toda a Cidade a festejar com repiques o levantamento do interdito. Seguio Soror Isabel os repiques, que esperava, dizendo devotamente: *Regina cœli misere mei*. E espirou.

A Madre Soror Isabel de Nazaret.

Eraõ Irmãas as Madres Soror Isabel de Nazareth, e Soror Maria de Santo Antonio, que antes do Habito se chamava de Vasconcellos. Dizem, que por ordem da Rainha Dona Catharina se recolheraõ, sendo mininas, na Casa de Santa Martha, e dahi vieraõ com as Fundadoras pera Santa Catharina. Foraõ verdadeiramente Irmãas em grandes penitencias, e em viverem com ellas longos annos. Porque acabemos de entender, que o mimo he o que corrompe os humores, e encurta a vida; naõ o trabalho. Soror Isabel passava as Quaresmas, e Adventos com taõ estreitos jejuns, que naõ comia mais, que humas hervas cozidas sem tempero, e hum pedaço de paõ rallo: E o que mais espanta, que crescendo em grandes annos, nunqua acabou comsigo mingoar no rigor. Andando sãa chamou huma sobrinha sua, mandoulhe pôr em ordem o necessario pera huma mortalha; porque a averia mister depressa: E succedeo como o disse. Mas taõ desassombradamente, que no dia, em que acabou, fez lembrança á sobrinha, que acudisse a fazer comer sua Irmãa Soror Maria, que estava entrevada. Cousas se contaõ grandes de seu transito; mas diremos só as que vio a Communidade toda. Acabando de espirar, tornou aquelle rosto enverrugado, seco, e sem cor, ao resplandor, e frescura da primeira idade, de sorte que parecia de huma minina. Faleceo no anno de 1601.

1601.

A Madre Soror Maria de S. Antonio.

A mesma pureza d'Alma, e o mesmo amor de penitencia se conta, que teve sua Irmãa a Madre Maria de Santo Antonio. Muitos annos de idade, e tratamento rigoroso continuado deraõ com ella em huma cama, onde esteve nove annos entrevada; mas com raro exemplo de paciencia, suspirando sempre pola hora da morte, e recebendo por penitencia o trabalho de tal vida. Neste estado naõ largou nunqua huma devaçaõ de muitos annos, que era rezar todos os dias mil vezes a devaçaõ, e Oraçaõ do Pater noster polas Almas do Purgatorio. Sobre tolhida de membros veyo a perder a vista, pera acrescentar merecimentos na vida: que foy taõ estendida, que veyo a falecer no anno de 1608. Affirmase, que na ultima hora a consolou o Santo de seu nome, a quem com muito trabalho fizera em vida, e ornara huma Capella na Igreja.

1608.

A Madre Soror Filippa da Madre de Deos.

Da Madre Soror Filippa da Madre de Deos se contaõ grandes penitencias. Jejuava a paõ, e agoa todas as Quartas feiras, e Sextas feiras do anno, e as Vesperas da communhaõ, e todas as de Nossa Senhora. A sua Oraçaõ era ficar no Coro de Matinas até pola manhãa. As suas disciplinas eraõ quasi sempre de sangue: E a cura mais cruel, que as feridas; porque as cobria com sal, e vinagre. Sendo muito entrada

trada

trada na idade deulhe a Cantor a os versos do Officio Divino com pouca advertencia. Disseos ella com muita. Mas porque lhe pareceo desordem, disse com toda a mansidaõ, que onde avia moças, bem se escusava aquelle officio nos seus annos. Parece, que permittio Deos o descuido da Cantora, pera provar a paciencia de Soror Filippa em mais que penitencias espontaneas: Que como procedem de eleyçaõ propria, por asperas que sejaõ, saõ melhores de levar, que as muy faciles, exteriores, e de maõ alhea. Chegou o dito á Prioreza, pareceo pouco sofrido: andava a Religiaõ em alto ponto, carregoulhe a maõ com tanta severidade, que mandou, que tres mezes continuos dissesse os versos de hum, e outro Coro. Cumprio Soror Filippa a penitencia com tanta humildade, e boa sombra, que depois estando a Communidade junta pedio perdaõ á Prioreza, e mais Religiosas da culpa, que todas conheciaõ naõ ter.

A Madre Soror Guiomar de Pina.

Algumas cousas ficaraõ em memoria da Madre Soror Guiomar de Pina, que hoje com muita rezaõ espantaõ. Dizem, que nunqua comeo, nem bebeo fora do Refeitorio; salvo por occasiaõ de doença. Prova de grande abstinencia, polo pouco que entaõ se dava no Refeitorio, do que ella inda partia com os pobres. Na Oraçaõ era taõ continua, que tinha no Coro perpetua morada: E neste ponto se conta huma cousa prodigiosa, que naõ fiaramos deste papel, se nos naõ vencera numero de testemunhas, e todas dignas de fé. Dizem, que na parede, onde costumava encostarse, estando sempre em pé diante do Santissimo Sacramento, ficou impresso seu vulto, e durou nella muitos annos depois. Mas inda tem mais estranheza o que agora diremos. Adoeceo, cresceo o mal, recebeo os Sacramentos, faleceo. Passaraõ muitas horas, vieraõ Religiosas pera o Officio da sepultura. Ao tempo, que o queriaõ começar, fez o corpo amortalhado tal movimento, que com medo de todos deu sinal de vida. Chamouse o Medico. Affirmou, que morta a deixara; porem que estava viva. O caso foy, que convalesceo, e cobrou inteira saude. E esteve muitos dias sem comer, nem beber. E depois viveo muitos annos. Perguntada por tudo, dizia, quanto a viver sem comida, que lhe naõ faltava, com que se sustentar; e quanto a morrer, e tornar a vida, era materia pera seu Confessor. O que só podia dizer, era, que em breve espaço vira tantas cousas, que se admirava, como naõ morria de pasmo. Assi nunqua mais rio, nem chorou, nem fallou com gente de fora do Mosteiro. E como em lembrança do que por ella passara, ficaraõlhe em huma maõ dous dedos na representaçaõ mortos, palida, e sem cor a carne, negras as unhas. E sendo dantes em todos seus costumes muito Religiosa, no resto da vida se aventajou a sy mesma em grande maneira.

A Madre Soror Joanna do Anjo.

A Madre Soror Joanna do Anjo foy filha de D. Manoel da Sylveira, e de D. Isabel de Lima. Sonhou huma noite, que via a Christo posto na Cruz; e vendoo, perguntavalhe, se a avia de salvar? E elle respondia, que sim; mas que avia de ser

por

por meyo de muita penitencia, e paciencia. Ratificouse ella duas vezes na mesma pergunta, e o Senhor tambem na reposta. Tanto que acordou, tomou o sonho taõ de veras, que desde aquella hora se entregou a todo o genero de padecer, disciplinas continuas, muitos jejuns de paõ, e agoa, e hum cilicio de ferro cingido, e fechado com hum cadeado, e a chave lançada num poço, como se escreve de S. Frey Gil. Vivendo assi alguns annos em perpetuo tormento, cahio em fortes doenças, que com força de dores lhe tolheraõ pés, e mãos, com os dedos torcidos, e nervos encolhidos: e em fim a chegaraõ ao fim da vida. Ao tempo que hia acabando, sem as dores lhe darem hum momento de tregoas: antes apertando tanto, que a pobre enferma gritava lastimosamente, que se lhe partia o coraçaõ; quiz Deos mostrar áquella Communidade, que com vivas lagrimas de compaixaõ a acompanhava, que tudo, o que na terra se padece, vem de sua bendita maõ, com hum caso assaz extraordinario. Estava na mesma casa hum retabolo grande, em que se via pintada de boa maõ huma Imagem do Bom Jesu coroada de espinhos: eisque voltandose huma Madre pera onde estava, devia ser, pedindo misericordia pera a padecente, nota, que sahia della hum estranho resplandor, cuja luz descobria o rosto santo aljofrado de gotas grossas de suor, que crescendo corriaõ abaixo, e logo hiaõ nascendo outras, e fazendo o mesmo. Chama polas companheiras, pasmaõ todas no que vem, e daõ por bem andante, e ditosa a Alma, que com tal companhia, e favor se despedia da terra. Porque, morta ella, cessou tudo. Este retabolo he o mesmo, que hoje está na Enfermaria.

CAPITULO XXVII.

Das Madres Soror Brittes de Mariz, Soror Catharina de Mariz, e Soror Maria de S. Francisco.

TEmos na Madre Soror Brittes de Mariz hum Espirito abrasado em extremos de Amor Divino. Era muito dada á Oraçaõ, communicavalhe o Senhor nella aquellas vivas, e divinas agoas, que em outro tempo offereceo á Samaritana; agoas, que tem virtude de matar a sede de todas as da terra, e abrasar as Almas em dezejos do Ceo. Trasportavase no gosto dellas, esquecida de todo ponto de sy, e de tudo o que ha no mundo. De sorte que todas as vezes que chegava a tratar com Deos, ou cuidar, ou fallar nelle, derretia o coraçaõ polos olhos em rios de lagrimas, derramadas com tal affecto, e continuaçaõ, que ninguem as via, que as naõ julgasse por milagrosas, e dadas por dom Celestial. Acudialhe o Divino Esposo com altas illustraçoens, que a inflamavaõ em dezejos de padecer por elle, naõ menos que martyrio de ferro, e fogo. E como lhe faltavaõ tiranos, que fossem ministros, fazia ella o officio com estranhas cruezas, que executava contra sy em varios generos de mortificaçoens. Mas naõ quiz o Senhor, que lhe faltasse o martyrio que no meyo dellas anhelava. Ferioa de hum mal de Erisipula,

A Madre Soror Brittes de Mariz.

sipula, que ganhou pera mais merecimento em officio de caridade, visitando huma Religiosa enferma da mesma doença, que costuma ser contagiosa, e pegadiça. Era Prioreza, visitou a subdita sem nenhum pejo, nem cuidado de sy; saltoulhe a Erisipula em hum braço com varios, e fortes accidentes, que arremataraõ em ferro, e fogo. Assi sem hir á Marrocos se vio martyr, como dezejava. Parou o mal em Erpes. Eisque vê navalhas pera cortar, e fazer sangue, como outra Santa Catharina. Eisque vê ferros feitos brasa pera queimar, como contra S. Lourenço. Verdadeiros instrumentos de martyrio, senaõ era na tençaõ, de quem os dava, e no fim pera que se dava. Esteve Soror Brittes taõ constante, e animosa, que determinou recebello com Musica, julgandoo por grande misericordia do Senhor. Vieraõ as melhores vozes da Casa: Mandou, que assi como lhe fossem os Çurgioens cortando a carne, e aplicando os cauterios, fossem ellas com pausa cantando os versos: *Circumdederunt me dolores mortis, & torrentes iniquitatis conturbaverunt me: Dolores Inferni circumdederunt me; præocupaverunt me laquei mortis. In tribulatione mea invocavi Dominum, & ad Deum clamavi, & exaudivit de templo sancto suo vocem meam.* Cantavaõ ellas, e choravaõ juntamente. Os Mestres hiaõ cortando até o vivo, e logo com ferros ardendo queimando, e assando. Soava o fervor do cauterio, recendia o cheiro, e fumo do assado; e a martyr taõ sofrida, que vendo o braço atassalhado, e despojado da carne, e as canas descubertas, alvas, e secas, nem hum piqueno gemido, nem outro sinal de sentimento se lhe ouvio em toda esta carniceria, que chamavaõ cura. Ponhame agora no Ceo a faustosa Gentilidade com espanto, e gabos o seu Mario Romano, porque sofreo sem queixa quebrarse lhe huma perna, como fez, pera remedio de hum dezar da natureza; homem robusto, passado de feridas na guerra: E confesse por dobrado valor o desta Religiosa: Reconheça na fraqueza feminil o poder de Jesu Christo, e sua Fé, cujo autor lhe fez suave o fogo, e brando o ferro, e em fim alegre a morte, que do mesmo mal lhe procedeo no anno de mil quinhentos e noventa, e hum.

Psal. 17.

Plutarch. in vita Marii.

Outra Mariz succede admiravel tambem no modo, e successo da morte. He a Madre Soror Catharina de Mariz semelhante a Soror Brites na continuaçaõ de orar, e no amor da Cruz, como no appellido. Contase della, que polo que dezejava padecer, fazia particular festa, e a maior, que suas forças podiaõ alcançar, no dia da Cruz: E mandava hum copioso jantar aos prezos da cadea publica. Andando com boa saude foyse hum dia á Prioreza, que era a Madre Soror Ines de S. Paulo, e começou diante della o auto de desapropriamento costumado em quem morre: E porque se naõ espantasse, proseguio dizendo, que tinha por certo morreria brevemente; porque na noite de antes fora chamada por huma grande amiga defunta, que no Mosteiro tivera, e convidada pera huma festa, que dizia, se aparelhava no Ceo.

A Madre Soror Catharino de Mariz.

E

E acrescentava, que conhecera ser a Madre Soror Joanna de Jesu (de que atraz temos escrito) que vira cercada de outras muitas Freiras da Ordem, todas fermosas, e alegres em trajo, e sembrante. E ainda que conhecia fora tudo sonhado, naõ se devia fazer pouco caso de sonhos encaminhados pera bem d'Alma. Foy logo, sem peder hora, ordenando as mais cousas de sua consciencia. Tomou a Bulla da Cruzada, confessouse geralmente; e chegando a Vespera de S. Joseph, de cuja festa era com particularidade devota, confessouse, e commungou, pera lhe celebrar o dia com este aparelho, que he o verdadeiro, que os Santos querem, e ella tinha em costume. No mesmo dia a Completas quiz dizer o verso: *Si dedero somnum, &c.* E começandoo com voz, e garganta suavissima, e devota, quando chegou ás ultimas silabas, cahio subitamente morta. Disseraõ os medicos, que fora accidente de Apoplexia. Succedeo no anno de 1613.

A Madre Soror Maria de S. Francisco.

Da Madre Soror Maria de S. Francisco ficaraõ em memoria grandes, e estranhas visoens. Mas porque a pureza da vida he a que se deve estimar sobre tudo, della só trataremos, deixando a honra das visoens, que se bem saõ argumento de santidade, muitas vezes acontece serem ruina della. Porque o Inimigo com a vãagloria dos mimos do Ceo, sabe fazer guerra, e tambem vencer. O que sabemos certo desta Madre, e que passava á vista, e olhos de toda a Communidade, he, que da hora da profissaõ té a morte nunqua comeo carne, e jejuava todo o anno por hum novo modo, que era tudo, quanto lhe davaõ pera jantar, e cea, dallo, ou guardallo pera os pobres; reservando pera sy taõ pouca parte, que parecia milagre poderse sustentar. Enxergavaõselhe nesta obra duas virtudes juntas: huma mortificarse, e outra remediar os pobres; em huma gosto de penitencia, na outra gosto de caridade, com que dezejava desentranharse por acudir aos necessitados: em tanto gráo, que lhe aconteceo dar a hum o cobertor da cama, e ficarse sem mais remedio contra o Inverno, que o pobre vestido. Padecendo grandes doenças, e todas de dores acerhissimas, diziaõ, as que sabiaõ muito della, que fora petiçaõ, que fizera ao Divino Esposo; porque dezejava sentir alguma parte do muito, que elle por nosso amor padecera na Cruz: e principalmente na Sextas feiras era gravissimamente atormentada em todos os membros. Na Semana Santa do anno de 1611, acabando de commungar á Quinta feira com a Communidade, foy abraçando a todas as Madres com hum affecto, como de quem se despedia. E ainda que o fazia alegremente, e com boa sombra, foraõlhe ouvidas palavras, que fizeraõ julgar, a quem as ouvio, que sabia de sy, que avia de acabar sedo. Meu Senhor, dizia, sejais pera sempre louvado; porque me chegastes a tal dia; e nelle me dais taõ altas consolaçoens: Espero nas vossas misericordias, que saõ pera me salvar. Succedeo logo que, recolhendose pera o Dormitorio, cahio de seus pés em tal lugar, e por tal modo, que ficou toda desconjuntada de membros,

bros, e cercada de huma tempestade de dores taõ crueis, que logo no dia seguinte, que foy á Sexta feira, lhe tiraraõ a vida, com espanto de toda a Communidade, que por nenhum caso podia julgar por cousa natural tal genero de morte. No ultimo artigo, quando todas se banhavaõ em lagrimas, polo que lhe viaõ padecer, taõ longe estava de triste, que pedio cantassem com ella o Verso: *In manus tuas Domine commendo Spiritum meum.* E no meyo da Musica rendeo o Espirito. Chamavase esta Madre no mundo D. Maria Taveira.

A Madre Soror Florença de Jesu. 1612.

Com sessenta, e sinco annos de profissaõ, e mais de oitenta de idade acabou a carreira mortal a Madre Soror Florença de Jesu anno de 1612., sendo das primeiras Religiosas, que nesta Casa professaraõ a Primeira Regra. Assi a soube guardar, naõ perdoando a nenhum rigor, nem faltando em nenhuma parte della, que era de todas avida por Santa. E naõ fez espanto ouvirem de sua boca, quando estava pera espirar, que a Virgem Rainha dos Ceos, de quem se sabia que fora devotissima, visivelmente a consolava naquelle passo: Nem o que depois de sua morte vio, e notou toda a Communidade junta, que foy, exhalarem aquelles membros defuntos hum cheiro, que admiravelmente recreava, e com tanto mais fragrancia, quanto, quem o sentia, se chegava mais a elles. E naõ avia poderselhe dar semelhante entre os cheiros conhecidos da terra, que a huns parecia de Ambar, a outros de muitas composiçoens aromaticas juntas; a outros de flores, e agoas odoriferas.

CAPITULO XXVIII.

Em que se dá conta de algumas particularidades importantes deste Mosteiro, e das Reliquias, que nelle ha.

SUstenta esta Casa sincoenta Religiosas, naõ entrando neste numero Irmãas Conversas. Tem renda de trigo, e azeite, bastante pera passar o anno: mas pouca em dinheiro. E por isso se vive com trabalho nella; que fica sendo mais merecimento da Communidade. O sitio he alto, e sádio: o edificio bem obrado: a Igreja naõ grande; mas proporcionada ao Mosteiro. Os dous Coros, alto, e baixo, saõ casas muy perfeitas. He de ver na Capella mór o retabolo, cuja pintura se tem geralmente por huma das melhores de Espanha. He hum Christo vivo na Cruz: da maõ de Morales famoso na arte, e natural de Badajoz. E todavia o espirito, e partes sustanciaes da figura se referem ser copiadas por huma de Michael Angelo, que anda na Casa do Vimioso. Ganhou Morales honra na obra alhea (do que muita gente foge) com a fazer de vinte palmos, naõ tendo a de Michael mais de seis. Rodeaõ o Crucifixo figuras grandes, e todas tem muito que ver: Da maõ direita tem a Virgem Sagrada com a Santa Magdalena, e Santa Catharina de Sena: Da esquerda com S. Joaõ nosso Padre S. Domingos, e S. Francisco. Por sima do quadro parece huma grande tarja com huma letra, que diz: *Pater ignosce.*

Ha nesta Casa huma Imagem da Virgem Sagrada de muitos mila-

milagres, cuja veneraçaõ teve principio em hum caso muito estranho; mas muito certo. Era velha em tempo, e feitio, e em partes passada a madeira do bicho. De sorte que parecendo indecencia andar nos Altares, estava em hum canto da Sacristia envolta em huma toalha; e a Sacristãa, como naõ servia, determinava darlhe fogo. O dia, que o determinou, e a foy descobrir pera o effeito, eisque nota na boca, e sembrante da Senhora que se estava rindo taõ conhecidamente, que ficou attonita; e dando gritos cahio toda desmayada. Acodiraõ Religiosas. Sabida a causa, tratouse de a renovarem, e deraõlhe assento sobre a grade do Coro alto em huma taboa. Neste lugar foy vista por muitas Madres passear por sima das grades. Donde se tomou occasiaõ de lhe levantarem Altar no Coro, e a porem nelle, com a invocaçaõ do Rosario: E saõ grandes as merces, e consolaçoens, que todas confessaõ receber della em seus trabalhos. Viva he hoje Ambrosia de Santo Agustinho, Irmãa Conversa, que sendo minina, lhe foy cortada huma arteria por hum sangrador, e o braço em tal estado de inchaçaõ, e corrupçaõ, que os Çurgioens sentencearaõ, que pera salvar a vida, convinha ser cortado. Ouvida pola innocente a rigurosa sentença, foyse ao Altar da Virgem, feita hum mar de lagrimas; e como quem se acolhia a ella pera se livrar do que temia, naõ se despegou do Altar, senaõ depois que foy chamada dos que vinhaõ prestes pera a carniceria. Cresciaõ as lagrimas, e o medo. Senaõ quando desatado o braço, que tinhaõ deixado no mesmo dia inchado, feyo, e denegrido, achaõ, que estava naõ sómente limpo, e livre de todo o final de dano; mas em todo saõ. Este milagre se prégou, e anda já impresso.

A Madre Soror Joanna de Santo Thomás estava enferma de hum mal, que a nenhuma cousa obedecia. Passando hum dia as Madres com a Procissaõ do Rosario, pedio que lhe chegassem á cama a Imagem, que levavaõ nella. Cresceo a devaçaõ com se ver visitada da Senhora. Prometeolhe ser sua Mordoma, se lhe dava saude. Desdaquella hora a foy cobrando, e cumprio o voto.

Destas, e de outras maravilhas procede ter a Senhora sua Confraria muito bem servida de todas as Religiosas, e rica de ornamentos, e peças de prata; porque, sendo todas pobres, nenhuma o he pera o serviço da Confraria. A prata, de que hoje se serve, he huma alampada, seis castiçaes grandes, dous piveteiros, huma caçoula, dous vasos grandes pera flores, tres coroas douradas, e algumas peças de ouro, e pedraria.

Tem estas Madres duas Reliquias muito veneradas, por de quem saõ, e por muitos milagres, que fazem. Huma he de sua Advogada Santa Catharina de Sena, que lha trouxe de Roma o Bispo da Guarda Dom Joaõ de Portugal, filho do primeiro Conde do Vimioso. A outra he de S. Pedro Martyr, que trouxe consigo pera a Casa a Madre Soror Joanna de Jesu, quando tomou o Habito. Sobre febres ardentes, que padecia Catharina de Santo Antonio Servidora, chegou a estar frenetica, e furiosa.

riosa. Trouxeraólhe as Madres a Reliquia de Santa Catharina, e puzeraólha debaixo da cabeceira, assi como andava guardada em huma boceta, de que nunqua a tinhaõ tirado. Foy primeiro effeito da Santa Reliquia, que a frenetica quietou, como se mal naõ tivera, e ficou tanto em sy, que se confessou, e commungou com devaçaõ. E contou, que na mesma manhãa se lhe representara, que vira a Virgem Nossa Senhora cercada de muitas Santas, e notara, que huma de nosso Habito se chegava á Virgem, e lhe pedia saude pera ella: E virandose depois lhe dizia, que tivesse bom animo, que naõ morreria daquella, nem doutra maior doença, que ao diante avia de ter. Mas acrescentava a doente, que em todo este tempo naõ podera nunqua ver o rosto de quem lhe dava taõ boas novas; porque como assinte lho escondia. Provouse com o successo a verdade da enferma; porque convalesceo logo. E cahindo poucos annos depois outra vez em cama, e chegandoa o mal a estar quasi Ethica, com lhe tornarem a aplicar a Santa Reliquia, teve logo saude. Donde inferiraõ as Madres, que o mostrarse a Santa embuçada na visaõ da enferma, fora huma reprehençaõ tacita pera todas, de aver muitos annos, quo possuiaõ a sua Reliquia, e nunqua até entaõ a aviaõ visto, nem della se tinhaõ aproveitado, sendo as necessidades sempre grandes, e continuas por toda a parte.

Valeraõse da Santa, e de sua Reliquia com o exemplo em doença de gravissimo perigo as Madres Soror Clara do Salvador, e Soror Catharina de Sena. E naõ só lhes acudio com o remedio da saude; mas consolou ambas em sonhos com a promessa della.

Naõ se tem mostrado menos prompto em procurar remedio, pera as que se lhe encomendaõ nesta Casa, o Bemaventurado S. Pedro Martyr. De tres Religiosas nos consta, que estando desconfiadas dos Medicos, e tratando do ultimo soccorro da Santa Unçaõ, com se valerem da sua Reliquia alcançaraõ perfeita saude. Saõ os nomes das Madres, Soror Ines de S. Paulo, Soror Maria de Jesu, e Maria de Belem Irmãa Conversa. O mesmo aconteceo á Madre Soror Luisa de Portugal em hum mal de garganta, que a afogava sem remedio, em tempo que se criava neste Mosteiro, sendo minina. Chegou huma noite a tanto aperto, que lhe faltava a respiraçaõ. Tocaraõlhe a garganta com a Santa Reliquia, repentinamente sentio alivio. Cobrou a respiraçaõ, e alcançou saude. Foy isto no anno de 1617. *1617.*

Por toda a Cidade está taõ assentado entre os moradores, que he antidoto contra todo o genero de infirmidade a intercessaõ deste Bemaventurado Martyr, que a Rodeira do Convento tem agoa sempre tocada na Reliquia; porque a cada passo he requerida por ella. Dona Isabel de Brito, Dom Luis de Mello, e Manoel de Miranda em varias doenças chegaraõ a estado de desesperaçaõ de remedios humanos. Acudiraõ aos divinos. Pediraõ a Santa Reliquia: levouselhes, sararaõ. Dona Isabel em reconhecimento, e memoria servio o Santo com huma fermosa

Custo-

Custodia de prata, em que agora anda a Reliquia. Mais antigo, e de maior gloria de Deos, que todos os referidos, he o milagre, que agora diremos. Dous honrados Casados da Cidade d'Evora, que viviaõ descontentes de naõ ter filhos, passados vinte annos de Matrimonio, quando já se reputavaõ por esteriles, e velhos, ouvindo as maravilhas, que se contavaõ do Santo, foraõse cheos de fé ao Mosteiro, offereceraõse á sua Reliquia com promessa, que se lhes dava hum filho, lhe dariaõ o seu nome, e o seu Habito. Alegrouos Deos com o filho, quando menos o esperavaõ. Cumpriraõlhe o voto. Chamouse Pedro, e foy Frade Dominico. E porque os dados do Ceo trazem sempre comsigo finaes de quem os dá, foy este o grande Mestre Cathedratico de Coimbra, de que em outra Parte fallamos de Frey Pedro Martyr.

P. 1. l. 3. c. 37.

Naõ faltou nesta Casa, onde tantos valedores avia, quem buscasse a S. Jacintho, nem elle deixou de acudir com a promptidaõ, que noutras temos visto. Trazia a Madre Soror Filippa da Madre de Deos hum penoso lobinho em hum pé, que lhe tolhia o andar, e temia maior mal. Prometeo fabricarlhe huma Capella na Igreja. Começou a obra. Naõ era acabada, quando o lobinho se tinha resolvido. Segundo isto, e o que mais diremos, tambem os Santos se querem peitados; mas com differença, e differente fim, do que usa o mundo: Se querem peitas, he pera tornarem todas em proveito nosso; servindo de nos animarem com o exemplo, e aproveitarem com a devaçaõ. Prometeo Antonia da Cruz a este Santo, mandarlhe lavrar huma Imagem de vulto, se a livrava de hum Carbunculo, que lhe nascera sobre hum olho em tempo, que juntamente estava doente de Erisipula. Saõ os Carbunculos perniciosos em Alentejo, como he terra seca: E a Erisipula acudialhe amiude. Valeo tanto a peita, e bom espirito, com que a offereceo, que o Carbunculo passou sem damno, e da Erisipula guareceo, sem nunqua mais lhe tornar.

Na Igreja ha hum Altar de N. Senhora da Piedade, em que se tem visto grandes maravilhas, e muitas em beneficio de seus devotos. Em tempos atraz estando a Casa armada ricamente pera huma profissaõ, pegouse fogo no Altar, e ardendo tudo, o que nelle avia, e até huns panos de seda, que estavaõ armados na costaneira, naõ recebeo damno nenhum, nem a Cruz, que era de páo, nem as Imagens, que ao pé della estavaõ; salvo em ficar parte da Encarnaçaõ chamuscada, e no braço do Senhor, pera claro testemunho do milagre, humas empolas levantadas; caso em que a piedade Christãa naõ póde fallar, nem considerar sem lagrimas, e sem espanto. Grande he o numero de gente, que confessa obrigaçaõ ás merces, e misericordias desta Senhora. E grande lenda poderamos fazer dellas, se nos homens fora igual o cuidado de agradecer ao de pedir. Pera dizer as poucas, que nos chegaraõ especificadamente, mais val deixallas a outra penna, visto naõ serem da obrigaçaõ da nossa. E com isto demos remate ao Capitulo, ao Mosteiro, e a este Terceiro Livro.

Fim do Livro Terceiro.

TER-

TERCEIRA PARTE DA HISTORIA DE S. DOMINGOS PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO QUARTO.

CAPITULO I.

Em que se dá conta, como nos principios da Ordem de S. Domingos entraraõ muitos Religiosos della por terras de Infieis a prégar o Santo Evangelho, e chegaraõ á India, e morreraõ nella pola Santa Fé.

1548.

SOMOS chegados com nossa Historia ao anno de 1548. que he o primeiro, em que os Religiosos de S. Domingos desta Provincia de Portugal passaraõ em Communidade á India Oriental, depois de descuberta por elRey Dom Manoel, pera effeito de assentarem, e fundarem Casas nella. Digo em Communidade; porque mais avia de quarenta annos, que sem attender á gloria de edificar, hiaõ particularmente muitos a tomar parte com os valerosos Descubridores nos trabalhos da guerra, á imitaçaõ de nosso grande Patriarcha em seus principios: E de caminho considerar, como os Exploradores da terra de Promissaõ, as qualidades daquellas vastas Provincias, que seus successores aviaõ de cultivar no Espiritual, como logo veremos. E digo pera fundar, e assentar na terra. Porque huma piquena companhia, que alguns annos antes se tinha embarcado, e chegado á India com o Padre Frey Pedro Coelho por Prelado, e com alguma forma de Communidade, naõ levava por fim, como em outra Parte contámos, ficar nella; mas passar muito alem, como se dirá. Anno foy este, e conjunçaõ, de que podemos crer, que resultariaõ grandes, e novos gráos de gloria accidental no Ceo a nosso Padre

P. 1. l. 2. c. 41.

S. Domingos, vendo aberta huma grande porta aos seus Frades de Portugal, pera soberanos merecimentos na execuçaõ do ministerio da prégaçaõ do Evangelho, fim principal desta sua Ordem, com trabalhos, fomes, sedes, carceres, naufragios, e derramamento de sangue por honra da Fé. Avendo pois de escrever os principios, e progressos desta empreza, e os bens, que della tem redundado pera toda a India, e pera todas as Conquistas dos Portuguezes, e honra pera esta Ordem, e em fim pera toda a Igreja Catholica, será bem tomarmos o negocio de hum pouco atraz pera mais claresa do que ouvermos de dizer.

Sabida cousa he, que a Terra de Promissaõ, com cujas riquezas, e fartura convidava Deos o Povo Israelitico, pera sofrerem os trabalhos do Deserto, foy em tempos muito atraz morada de seus avós Abrahaõ, Isaac, e Jacob. Os avós possuiraõ piquena parte, o Povo dos descendentes veyo a senhorear toda. Isto he o mesmo, que podemos dizer aconteceo á Ordem de S. Domingos com as terras do Oriente. Passaraõ a ellas, logo que foy fundada, seus primeiros filhos, e foraõ elles, e os filhos do Serafico Francisco os primeiros Prégadores Evangelicos, que nellas se viraõ, depois dos Sagrados Apostolos. Foy isto hum modo de tomar posse com poucos, pera os successores virem depois encher tudo com grande numero. E com rezaõ podemos contar por genero de profecia deste successo o dia da confirmaçaõ desta Ordem, que foy o mesmo, em que a Igreja celebra a Festa do Glorioso Apostolo S. Thome. Porque ainda que as letras della foraõ despachadas no dia seguinte, aos vinte hum a tinha confirmada o Santo Pontifice Honorio III. como Oraculo de viva voz. Com o dia conformaõ as rezoens do Breve. Das quaes he huma, que falla com S. Domingos, e diz assi:

AVendo respeito, que haõ de ser Defensores do mundo. *os Frades de tua Ordem da Fé, e verdadeira luz*

Dizer Defensores da Fé, he contra os Hereges: Dizer luz do mundo, he pera Infieis, e Idolatras. Viose logo a prova na resoluçaõ, com que o Padre S. Domingos, tanto que teve a Ordem confirmada, repartio seus primeiros Discipulos polas terras, que podiaõ abranger de Europa: E escolhendo pera sy o maior perigo, lhes mandou, que fizessem eleyçaõ, de quem os governasse; porque elle queria hir prégar aos Infieis. Soavaõ polo mundo com terror, e espanto as armas, e exercitos sem numero do grande Cingiscaõ Emperador dos Tartaros, novamente levantado: Parecia ao Santo, inimigo digno de suas forças. Quanto mais fraco se considerava, e mais temeroso o contrario: tanto com mais confiança se atrevia a ella, lembrandose,

dose, que Deos nosso Senhor, pera mostrar quaõ pouco val tudo o da terra, sempre escolheo o mais fraco della, pera desbaratar o que mais forte, e mais de aço nossos olhos nos representaõ. Tençaõ foy verdadeiramente sua; e se a naõ executou, tiveraõ culpa, ou santa, e justissima desculpa, as lagrigrimas dos filhos, que fizeraõ força áquelle peito amorósissimo pera os naõ desemparar, quando a Ordem estava tanto em flor.

Mas o que o pay deixou de executar por pura piedade, e amor dos filhos; fizeraõ logo os filhos á conta do grande Espirito, e memoria do Pay. Porque no primeiro Capitulo, em que por sua morte se juntaraõ pera lhe darem successor, que foy o Santo Frey Jordaõ, no anno de 1222., logo escolheraõ Prégadores pera mandarem a Syria, e Palestina, entre os quaes he nomeado o Padre Frey Brocardo Alemaõ; e deulhes o Senhor taõ boa maõ, que em breve tempo fundaraõ Casas em Damasco, em Ancono, e Jerusalem; e por outros lugares, que chegaraõ a numero de dezasete, e constituiraõ Provincia, que ficou com titulo da Terra Santa. Depois mandaraõ outros ás terras dos Cumanos, que alguns querem, que sejaõ no coraçaõ da India. E aqui deraõ logo dous a vida pola Fé; ficando a terra regada com o sangue santo, pera frutificar com mais abundancia a seu tempo. Apoz estes Padres foraõ muitos á Persia, correraõ a Armenia Maior, e Menor; e chegaraõ huns contra o Oriente, outros contra o Norte até os ultimos fins da terra. Bem como nuvens, a que saõ comparados os Prégadores Apostolicos, pois nem os medos do mar lhes tolheraõ passar á India, e Ethiopia; nem as serras altissimas, e sempre nevadas do Caucaso lhes detiveraõ o passo, pera penetrarem a Tartaria. Como era de nuvens o voar, assi era tambem de nuvens o regar as terras com a Santa doutrima. Cousas saõ muito antigas, mas naõ pode o tempo apagallas. Porque vivem os testemunhos com particularidades, e authoridade tal, que os fazem mayores de toda exceiçaõ: Como veremos no Capitulo seguinte.

1222.

Cast. P. 1. l. 2. c. 21.

S. Antonino P. 3. Trat. 3. c. 5.

CAPITULO II.

Em que se prosegue a mesma materia; e se prova com evidencia.

TEstemunhos saõ, os que temos, naõ menos que de Letras Apostolicas, cujos originaes vivem nos Archivos Pontificaes, e os treslados nos da Religiaõ. Estes foraõ dando os Santos Pontifices huns traz outros aos Religiosos de S. Domingos: Alexandre IV. Innocencio IV. Bonifacio VIII. Joaõ XXII., e Gregorio XI. E sendo muy differentes nas pessoas dos Pontifices, que as davaõ, e nos tempos, em que se despachavaõ: Com tudo sempre o Prologo de todas foy o mesmo, dizendo assi:

Os livros dos nossos Privil. f. 16. 30. e 64. Alberto Castelhano. Cron. de Aragaõ l. 4. Cron. abreviada, que anda com as Constituiçoens dem. Orda

AOs amados filhos, os Frades da Ordem dos Prégadores, que Nós inviamos ás terras dos Saracenos, Pagãos Bulgaros, Cumanos, Iberos, Gazzaroros, Gothos, Sicoros, Rutenos, Iacobitas, Nestorianos, Nubianos, Georgianos, Armenios, Indios, Maticoros, e a outras Naçoens do Oriente, e Setentriaõ, que naõ crem em Deos, &c.

E tinhaõ os Pontifices tanta satisfaçaõ do que grangeava pera Deos o suor destes bons jornaleiros, que todas as vezes, que se juntavaõ nossos Capitulos, era seu primeiro cuidado mandar encomendar ao Diffinitorio, que acudissem com obreiros novos á Vinha do Senhor. E o que mais deve espantar he, que levando os Provinciaes este aviso ás suas Provincias, eraõ tantos os bons sogeitos, que se offereciaõ ao trabalho, que vieraõ os mesmos Provinciaes a temer despejarselhe a casa propria, por acudir ás alheas. Este favor, e mimos manifesta bem huma clausula, com que o Papa Innocencio IV. os anima, que diz assi:

VOs igitur, quos juxta professæ Religionis officium zelus comedit animarum. Quasi dizendo: Vosoutros, a quem em conformidade do officio, que por vossa Religioõ professais, está roendo, e comendo as entranhas o zelo da salvaçaõ das Almas, &c.

Pouco differem destas palavras as que usou depois o Papa Alexandre IV. em huma Carta, que mandou escrever ao Santo Frey Gil Portuguez em tempo, que era segunda vez Provincial das Espanhas; pera que mandasse Prégadores aos Infieis, que dizem assi:

SAne, quia inter alios Propugnatores Fidei Christianæ, Fratres Ordinis tui juxta professæ Religionis officium zelus comedit animarum, &c.

De taes jornadas, e da continuaçaõ dellas teve origem encomendar Dom Frey Sueiro, sendo Provincial de Espanha a primeira vez, ao Santo Frey Raymundo, que compuzesse a Summa, que fez de Casos: e depois mandar o mesmo Santo Frey Raymundo, quando se vio Geral da Ordem, ao Angelico Doutor Santo Thomas, que escrevesse o Tratado, que fez contra Gentiles. Entravaõ os animosos Prégadores polas Provincias

vincias Barbaras, alongados por milhares de legoas de ſeus Prelados: era rezaõ levarem conſigo, como bons Pilotos, que ſe naõ fiaõ ſó em juizo proprio, huns roteiros certos, e aprovados, pera ſe valerem nas occaſioens, e caſos duvidoſos, e conformarem todos na doutrina.

Mas outros indicios mais vivos, e palpaveis nos vieraõ moſtrar os tempos mais modernos, e os preſentes. Couſa he de freſco achada, e referida por Autor digniſſimo, permanecerem inda hoje pola Perſia, e Armenia muitas Igrejas, e Moſteiros povoados de Religioſos da Ordem de S. Domingos: E naõ ſó Igrejas, mas Villas, e Lugares inteiros convertidos a noſſa Santa Fé por elles, de pouco menos de quatrocentos annos atraz; e pelos meſmos ſuſtentados nella, e na obediencia do Pontifice Romano até o preſente, em meyo da infidelidade Mahometica. Iſto, que eſcreve o Senhor Biſpo de Cyrene, Religioſo da Ordem dos Eremitas de Santo Aguſtinho, viraõ, e palparaõ tres Padres da meſma Ordem no anno de 1604., que paſſaraõ á Corte d'elRey de Perſia, acompanhando a Luis Pereyra Embayxador d'elRey D. Filippe II. de Portugal, e Terceiro no reſto de Eſpanha. Merecemnos memoria eſtes Padres pola diligencia, com que viraõ, e averiguaraõ eſta verdade. Chamavaõſe Frey Melchior dos Anjos, Frey Diogo de Santa Anna, e Frey Guilherme de Santo Aguſtinho. Por ſuas Cartas ſe compoz huma Relaçaõ, que os Superiores da Ordem fizeraõ imprimir em Lisboa no anno de 1609. que andou por toda a Chriſtandade, e della tomou o Reverendiſſimo de Cyrene o que dizemos.

O Biſpo de Cyrene no livro da Jornada, que fez o Arcebiſpo D. Aleixo à Serra.

1604.

1609.

Com iſto conforma o que nos deixou eſcrito, longos annos ha, Ruy Gonſales de Clavijo, que ſendo mandado por Embayxador ao Tamurbeque Rey da Tartaria por elRey Dom Henrique de Caſtella, que chamaraõ o Enfermo, achou no coraçaõ da Armenia lugares de gente Catholica, e Moſteiros de Frades de S. Domingos. E naõ faltaõ outros Eſcritores, que affirmaõ, que tambem tivemos Conventos dentro na Ethiopia; e terras do Preſte Joaõ. O que de força avia de cuſtar primeiro muito ſangue, e muitas mortes. Viſto como he certo, que ſó de huma vez foraõ martyriſados polos Infieis deſte Oriente noventa Frades com ſeu Prelado Frey Guido Longimello. Parece, que os foraõ imitando de varias partes pera o ſacrificio. E a quem ſe eſpantar de tamanho numero, peçolhe, que lea Marco Antonio Sabellico nas ſuas Eneydas, e o Padre Jeronymo Plato da Companhia de Jeſu no Livro, que eſcreve de Bono Statu Religioſi. Porque Sabellico affirma, que eraõ tantos os Frades Dominicos, que andavaõ pola Armenia, e na Ethiopia ſobre Egypto, que naõ tinhaõ numero. E o Plato eſcreve, que ſe naõ podem contar as muitas Almas, que os meſmos Frades converteraõ a Deos na India, Arabia, e Perſia.

Liv. de Ruy Gõſales. Cron. del-Rey D. Henrique o Enfermo. D. Luis de Paramo de Ord. Inquiſitionis l. 2. t. 20. c. 19. Fr. Joaõ dos Santos P. 2. l. 1. c. 16. e 17. da ſua Ethiopia.

Sabell. P. 2. l. 6. En. 9.

Hieron. Plat. l. 2. c. 30.

Mas tudo ſe acredita grandemente com o que no anno 1564. ſe deſcobrio na Villa de Taná da Ilha de Salſete junto á Cidade de Baçaim na India. Abriaõſe huns aliceçes pera certo

1564.

to edificio, daõ os trabalhadores com huma estatua, que sendo limpa, e considerada, representava no vestido, e feitio perfeitamente hum Frade Dominico. Chegou a nova ao Padre Fr. Aleixo da Setuval, que assistia no nosso Convento de Baçaim. Era pessoa de muito Espirito, e bom entendimento, procurou tirar a limpo o que de sua origem se poderia alcançar. Vivia no mesmo lugar Antonio de Sousa Coutinho, hum dos famosos defensores do cerco de Dio, e tinha nella poder, e mando: fez juntar os Gentios mais velhos, e perguntarlhes separadamente a cada hum o que sentiaõ da Imagem? Conformaraõ os mais, que se lembravaõ, sendo mininos, verem a mesma em hum Pagóde venerada, e estimada do povo. E era tradiçaõ de seus antepassados, que dous Cacizes da Franquia (tal nome daõ aos Sacerdotes Christãos) vindo áquelle lugar em tempo, que era nobre Cidade, e fazendo hum delles maravilhas, que venciaõ o poder da natureza, em dar vista a cegos, pés, e mãos a mancos, e aleijados, e até resuscitar mortos, foraõ mandados matar polo Rey della; e o povo sentido da crueza, e agradecido do beneficio, fizera lavrar a Estatua em memoria dos defuntos, ao natural de como andavaõ, e vestiaõ: E naõ se contentara com menos, que collocalla entre seus Idolos no Pagóde. (Pagóde chamaõ a casa, que tem por Templo.) Ao modo, com que assi se enterrou, davaõ sahida, dizendo, que hum Capitaõ nosso nos principios do descubrimento da India aportára na Cidade com huma grossa Armada, e a destruira, e assolara, e a Imagem ficara escondida entre as ruinas della, e do Pagóde. O que conforma com as Historias da India, que daõ por autor deste feito, e da guerra, que nesta Costa se fez, ao Capitaõ Mór Diogo da Sylveyra, sendo Governador da India Nuno da Cunha. Por onde fica bem provado, ser este Frey Jordaõ Dominico. O que a Cronica de S. Francisco conta, que se achou com quatro Franciscanos, Frey Demetrio, Frey Thomás Tolentino, Frey Jacome de Padua, e Frey Pedro de Sena, que os Gentios martyrisaraõ na Cidade de Taná junto a Baçaim na Costa da India. Do qual diz a Cronica adiante, que foy o que sepultou suas Reliquias; e faz mençaõ de outro Dominico seu companheiro, por nome Fr. Francisco.

Cron. de S. Francisco P.2. l.7. c. 35.

No mesmo l.c.42.

Temos mostrado a posse antiga, que a Ordem de S. Domingos por meyo do sangue de seus filhos teve hum tempo das terras da India, e Oriente em seus primeiros annos. No Capitulo seguinte diremos como se restituiraõ a ella.

CAPITULO III.

Dos primeiros Religiosos desta Ordem Portuguezes, que navegaraõ de Portugal pera a India, depois que foy descuberta por elRey Dom Manoel.

SEguindo a comparaçaõ, que começamos, dos Conquistadores da Terra de Promissaõ, he de saber, que tanto que a India foy descuberta polo valor, e boa ventura d'elRey Dom Manoel, e começaraõ a correr Armadas

madas deste Reyno ordenadamente cada anno: Logo a Ordem de S. Domingos tomou a cargo mandar seus Frades, naõ só acompanhar os navegantes nos trabalhos do mar; mas assistir com elles nos da guerra, e da terra. E como a tençaõ principal do bom Rey nestas navegaçoens foy sempre a reduçaõ da Gentilidade Indiana ao gremio da S. Madre Igreja, naõ avendo mais que tres annos, que Vasco da Gama chegara ao Reyno, depois de sua primeira viagem, e determinando despachar dous Capitaens Mores juntos, que foraõ Affonso d'Albuquerque, e Francisco d'Albuquerque seu Primo, cada hum com tres naos, mandou aos Prelados de S. Domingos, lhe dessem Frades, que os acompanhassem. Deu o Provincial sinco; segundo as memorias, que temos da Ordem: Seus nomes, Frey Domingos de Sousa, Frey Rodrigo Homem, que alguns chamaõ de Sousa, Frey Joaõ do Rosario, Frey Pedro d'Abreu, e Frey Antonio da Matta. Levaraõ ordem os dous primeiros de começarem a provar, e edificar Fortaleza em Cochim. Era tempo de mandar juntamente, quem espiasse, e considerasse a terra, como em outro tempo fizeraõ os Capitaens do Povo de Deos: Eisque se embarcaõ na entrada do anno de 1503. os sinco, que nomeamos; companhia de bom pronostico no numero, e no nome do Prelado. Era Fr. Domingos de Sousa graduado em Theologia. Levava titulo de Vigario geral, alem dos poderes amplissimos, que os Pontifices tem concedido por suas Bullas aos nossos Frades, quando passaõ a terras de Infieis. O primeiro auto publico, em que os achamos occupados, foy do bensimento dos aliceçes da Fortaleza de Cochim, primeira de toda a India: Ceremonia que o Vigario geral, Frey Domingos de Sousa fez com toda a solemnidade, e festa, que o tempo entaõ concedeo. O segundo, depois de levantado o edificio, em huma devota Procissaõ de graças, na qual o Padre Frey Domingos levava debaixo do Palio hum Crucifixo: e por fim della disse Missa, e Frey Joaõ do Rosario prégou. E a mesma festa fizeraõ na primeira Igreja, que na Cidade se levantou, que foy em honra de S. Bartholameu. Isto diz Damiaõ de Goes. Gaspar Correa differe, dizendo assi: E hum Frey Domingos de Sousa da Ordem de S. Domingos que com dous Ponseiros viera com Affonso d'Albuquerque fez Sermaõ.

1503.

Dam. de Goes 1.p. c. 78. da Cron. d'elRey D. Manoel.

Manuscrito de Gaspar Correa c. 4. da Jornada dos Albuquerques.

De Cochim passou Affonso d'Albuquerque á Cidade de Coulaõ, situada na mesma Costa. Aqui soube, que della, e desde Cranganor até Choromandel, e Meliapor avia espalhadas mais de doze mil casas de Christãos, successores daquelles, que o Bemaventurado Apostolo S. Thome com sua prégaçaõ, e milagres convertera. Mas que diremos, aõ que faz o rodear dos annos, e a falta da prégaçaõ, e doutrina? Huma Igreja, que tinhaõ em Coulaõ, estava quasi cuberta de mato, e as Almas, e consciencias feitas verdadeiro mato. Avia homens de vinte, trinta, e mais annos, que ainda naõ eraõ bautisados; e na forma deste Sacramento tinhaõ muitos erros. Encomendou Affonso d'Albu-

Coment. de Antonio de Albuquerque c.1. c.2. e c. 4.

Albuquerque ao Padre Frey Rodrigo Homem, que outros chamaõ de Souſa, o remedio deſta Igreja: E elle o aceitou com vontade, e obras de verdadeiro filho de S. Domingos. Reformou os que de Chriſtãos quaſi naõ tinhaõ mais, que o nome: E com ſeu bom cuidado, e prégaçaõ naõ ſó tornou eſtes ao caminho da verdade; mas converteo muitos Gentios. Naõ he rezaõ ficar por dizer o que ſe naõ póde contar ſem magoa, que alem de eſtar a Igreja de Chriſto no eſtado, que contamos, corria o cargo, e cuidado della por hum Mouro eſcravo de Mafamede, que fazia grangearia de ſer Sacriſtaõ, convertendo em ſy as eſmollas dos Chriſtaõs, e Gentios, e tambem de Mouros, que a ella concorriaõ. Já merecem louvor de valeroſos os Exploradores Dominicanos, paſſandolhes polas mãos a primeira Fortaleza, e primeira Igreja, e primeira Chriſtandade da India. Mas logo os veremos offerecer peitos, e vidas ao ferro, e armas inimigas, á imitaçaõ do noſſo Santo Patriarcha.

Os meſmos Com. p. 1. l. c. 5.

Paſſaraõ annos; tornou Affonſo d'Albuquerque á India: foy com poder ſobre a Ilha, e Cidade de Goa. Poſta em ordem a ſoldadeſca pera cometer a entrada, tomou a dianteira Frey Domingos de Souſa, ſem mais armas, que huma comprida haſte, em que levava alvorado hum Chriſto Crucificado; e pera melhor ſe diviſar, ſobre huma Cruz dourada. E aſſi andou por entre pelouros, e frechas, animando a todos de obra, e palavra. E o meſmo fez no ſegundo acometimento deſta Cidade; porque ſuccedeo largalla com prudencia Affonſo d'Albuquerque; e poucos mezes depois tornalla a conquiſtar. Aqui fez abſolviçaõ geral aos noſſos ao tempo do aſſalto, e com elles entrou a terra determinado, e valente Alferez. Alcançoulhe eſta vitoria em dia de Santa Catharina Martyr. Levantaraõlhe os Vencedores Igreja por graças; e o noſſo Frade aſſentou logo nella Confraria do Santo Roſario.

Manuſcrito de Gaſpar Correa c. 8.

Coment. de Affonſo de Albuquerque p. 2. c. 21. Maffeu l. 4. da Hiſtoria da India.

O meſmo Gaſpar Correa c. 19.

Ganhada a Cidade, pareceo a Affonſo d'Albuquerque, polo que nella ſoube do poder, e grandeza do Sofi Rey da Perſia, que ſeria importante a ſeus dizenhos tomar conhecimento delle, e de ſuas couſas mais ao perto, por peſſoas de entendimento, que bem ſoubeſſem notar, e dar rezaõ de tudo. Elegeolheo pera iſto o Padre Frey Joaõ do Roſario, Dominico, que mandou logo a Ormuz, em companhia de Ruy Gomes de Carvalhoſa. Chegaraõ áquella Ilha, e porque na paſſagem á Perſia ouve inconvenientes, naõ quiz o Padre perder tempo. Abrio tenda do officio Apoſtolico, e doutrina Chriſtãa, argumentou com muitos Infieis, que a eſta grande praça concorrem em grande numero, converteo, e bautizou alguns Arabios.

Ioaõ de Barros Decada 2. l. 5. c. 3.

Damiaõ de Goes p. 3. c. 40. da Cron. d'elRey D. Manoel.

Paſſados dous annos, determinou eſte incanſavel Capitaõ entrar no Mar Roxo; fez ſua Armada preſtes. Era já no anno de 1512. cançavaõſe de o ſeguir os que o tinhaõ por obrigaçaõ de milicia: Mas naõ aſſi o Padre Frey Domingos, que ſobre os perigos paſſados da terra, alegremente ſe offereceo aos medos, e tempeſtades do mar. E pode-

1512.

O meſmo Gaſpar Correa c. 42.

podemos crer, que o quiz Deos consolar, como a todos os mais navegantes, com hum fermoso sinal, que depois de entradas as portas do Estreito, lhes mostrou no Ceo. Era vespera da Invençaõ da Vera Cruz em dous de Mayo, eisque começando a anoitecer se abre o Ceo em huma fermosa Cruz, ardendo em chamas de fogo muito vermelho, como de brasas abanadas, e incomparavel resplandor: Saudouse por toda a Armada o Glorioso Sinal da humana Redempçaõ com grita, e alegria geral, e salva de toda a artelharia. Seguiraõse trombetas, e charamellas. Durou toda a noite o Sinal Santo, e quasi o dia seguinte inteiro, sem fazer mudança, tomando tanto espaço do Ar, segundo a representaçaõ, que fazia aos olhos, como huma braça, ou pouco mais. Mas naõ se contentaraõ com taõ pouco os animos pios; sentiaõse obrigados a mais. Achavaõse junto a huma Ilha, que chamaõ dos Pilotos. Salta a gente em terra, arvorase sobre hum teso huma Cruz, armase no pé della hum Altar, celebra o nosso Frey Domingos na terra com devoto Sacrificio a memoria do mesmo, que o Ceo estava representando: E apoz a Missa, que foy solemnemente officiada, prégou altos louvores da Cruz.

1515. No anno de 1515. achamos nas Historias da India o mesmo Padre acompanhando na morte, como fizera na vida, a este famoso Capitaõ, que deixando conquistada Malaca, se vinha recolhendo a Goa; e despedio hum bargantim diante em busca do companheiro, e Confessor antigo. Porque vinha apertado de doença, que conhecia ser chamamento final, como foy.

Pouco tempo depois passou á India Dom Frey Duarte Nunes Bispo Titular de Laodicea: Era filho de Habito, e profissaõ de S. Domingos d'Aveiro, e natural da mesma Villa. A rezaõ, que se dá de sua hida, foy pera dar Ordens, sagrar Calices, pedras de Ara, e Oleos. Como as cousas da India hiaõ em grande crescimento, pareceo a elRey D. Manoel, que convinha começallas de authorisar com maiores Ministros. E em fim á Ordem de S. Domingos deu o primeiro Bispo, que se atreveo a experimentar a nova, e perigosa viagem do mar Occeano, por servir a Deos, e aos proximos. Este Padre residio em Goa o tempo, que lhe pareceo necessario pera o ministerio, a que fora inviado: E como naõ tinha certa Diocese, nem maior occupaçaõ, tornouse ao Reyno, e veyo a falecer no lugar de sua natureza: como atraz deixamos contado na relaçaõ do seu Convento.

Stema Ord. f. 159.

Naõ se resolvia a Provincia em inviar seu filhos em Communidade por rezoens, que entaõ se offereciaõ aos que a governavaõ, e se aviaõ por bastantes. Porém aos particulares naõ se podiaõ refrear os dezejos de se acharem nos medos, fomes, e perigos, que os navegantes contavaõ; parecendolhes obra digna de filhos de S. Domingos hir por estes meyos, aonde podessem exercitar o fim de sua vocaçaõ. Assi avia sempre bons Espiritos, que com bençaõ de seus Prelados se despegavaõ animosamente do sossego da patria. Naõ pudémos sa-

ber de todos. Porque os Croniſtas poucas vezes ſe occupaõ em fallar nos Eccleſiaſticos, ſenaõ he polo que toca á parte ſecular de ſuas Hiſtorias. E a eſta devemos a noticia, que nos daõ Couto, e Caſtanheda, de dous Religioſos noſſos, que reſidiraõ em Goa polos annos de 1527. Ouve neſta conjunçaõ grandes, e perigoſas contendas entre dous Fidalgos, que pertendiaõ a governança do Eſtado. E como ambos eraõ merecedores della por valor, e Nobreza, tinhaõ a gente partida em bandos, e com receyos de guerra civil. A relaçaõ miuda naõ he de noſſa obrigaçaõ. O que nos toca he, que compromettendoſe os dous pertençores em ſete Juizes, ſinco Fidalgos, e dous Religioſos da Ordem de S. Domingos, foy nomeado o Padre Frey Luis de Vitoria: E apontaõ, que naõ teve lugar o outro, que era Frey Joaõ de Hayo, ou de Haro. Porque prégando ao povo declarara do Pulpito ſeu voto em favor de hum dos pertendentes. Polo que ſe eſcreve de ambos eſtes Frades, ou Padres, parece claro, que deviaõ ſer homens de letras, mais que ordinarios.

1527.

Franciſco de Andrada Cron. d'elRey D. Joaõ o III. P. 2. c.27. diz, que ficou por Juiz entre os mais Fr. Ioaõ, que chama Meſtre Joaõ Haro de S. Domingos, Prégador em Cochim.

Por ultimos Exploradores das terras aos noſſos prometidas podemos contar o Padre Frey Pedro Coelho, e ſeus companheiros; que huns querem, que foſſem tres, e outros ſinco, que elRey D. Joaõ determinadamente mandou, como em outra Parte diſſemos, pera entrarem na Ethyopia, e até na Corte do Preſte Joaõ. Chegaraõ eſtes Padres á India, pediraõ paſſagem, que ſe lhes naõ deu, e ficaraõ nella alcançando com bom animo, o que naõ poderaõ com obra.

P. 1. l. 2. c. 41.

Do bem, que todos noſſos primeiros Padres, e os que lhes ſuccederaõ, trabalharaõ na Vinha do Senhor, daõ bom teſtemunho alguns Eſcritores de muita authoridade. Joaõ Pedro Maffeo da Companhia de Jeſu, fallando de Frey Rodrigo de Coulaõ, diz aſſi: *Is morum integritate, & doctrinæ præſtantia paucis diebus multa, partim in recta Fide confirmavit, excoluitque; partim à ſtipendijs Dæmonum ad Chriſti Fidem traduxit.* Na meſma conformidade, inda que mais geralmente, falla Jeronymo Plato da meſma Companhia, dizendo: *Ad eoſdem labores, ſcilicet, Evangelij cauſa paulo poſt, ideſt anno Domini* 1505. (enganouſe no anno) *navigavere etiam Dominicani; qui item multa illic præclara geſſ're.* Por onde naõ achamos como deſculpar outro Eſcritor da meſma Companhia, que eſcrevendo em Lisboa com alto eſtilo, e tendo eſtes Autores de caſa, e obrigaçaõ de ter lido os do Reyno, quiz defraudar a Ordem de S. Domingos da honra deſtes trabalhos; porque depois de contar, como os Religioſos de S. Franciſco paſſaraõ á India na Armada de Pedralves Cabral, exclue os de S. Domingos com huma clauſula univerſal negativa, dizendo palavras formaes: Iſto he o principal, ou tudo, o que ſabemos da Chriſtandade da India nos primeiros quarenta annos. Grande deſcuido de bom Profeſſor de Hiſtoria, e juſta queixa noſſa.

Ioan. Pet. Mapheus Hiſt. Ind. l.2.f.53.

Hier. Pl. de Bono Statu Religioſi l.2. c. 30. f. 482.

Ioaõ de Lucena na Vida do Santo Xavier l.1. c. 14.

CA-

CAPITULO IV.

Passaõ os Religiosos de S. Domingos em Communidade á India, e começaõ a fundar.

TInha entretanto crescido grandemente o Estado da India em numero de gente, em Cidades, e Fortalezas, e outras povoaçoens. Reconheciaõ muitas terras, e varias Naçoens o poder das Armas de Portugal: De todos os Reys, huns procuravaõ pazes, e alianças com elRey Dom Joaõ, outros lhe reconheciaõ vassallagem, e davaõ tributos: e as nossas Armadas hiaõ cada hora descubrindo mais climas, e fundando novas Colonias, e conquistando terras, deixada já atraz a Ilha Trapobana, que pera os antigos era a ultima terra do Oriente. Pareceo entaõ a elRey Dom Joaõ, que era tempo de meter maiores forças na Conquista Espiritual. E ainda que tinha já mandado outras Religioens, determinou juntar a ellas a de S. Domingos com numero, e valor de sogeitos, pera poderem edificar, e permanecer por tudo, o que se fosse descobrindo. Acrescentavase terse entendido, que com a occupaçaõ, e ruido continuo das armas, naõ se tinha acudido bastantemente até aquelle tempo a desterrar de nossas povoaçoens a adoraçaõ dos Idolos, em que todavia perseveraraõ entre nós os Gentios moradores dellas, com afronta do Salvador. E por esta causa, alem de ter mandado estreitas prematicas com graves penas contra todos, os que se atreviaõ a fundar, lavrar, esculpir, debuxar, pintar figuras de Idolos em qualquer materia, que fosse, ou de fora as trouxessem: Quiz que ouvesse em ponto taõ essencial zeladores Letrados, e muito doutos: E taes pedio a quem governava a Ordem, que fossem os que se aviaõ de embarcar. Era Provincial, e Vigario geral do Reverendissimo neste Reyno o Padre Mestre Frey Francisco de Bovadilha, de cuja vida, e grandes partes temos dado noticia atraz: Escolheo doze Religiosos, quaes lhe pareceo, que convinhaõ pera pedras fundamentaes do novo edificio, e pera credito, e honra da pedreira, donde sahiaõ. Foraõ os Padres seguintes: O Padre Frey Diogo Bermudes, que actualmente era Superior do Convento de S. Domingos de Lisboa, Frey Francisco de Macedo Presentado, e Lente no mesmo Convento de Theologia, Frey Ignacio da Purificaçaõ, que nelle fazia o officio de Mestre de Noviços, Frey Luis d'Abreu, Frey Diogo de Ornellas, Frey Gaspar da Cruz, Frey Sebastiaõ da Cruz, Frey Vicente de Santa Maria, e Frey Reginaldo de S. Domingos. A estes nove acompanhava outro Padre, de que naõ podemos alcançar o nome, e dous Irmãos mais; hum do Coro, por nome Frey Luis do Rosario, moço na idade; mas muito adiantado em erudiçaõ das lingoas Grega, e Latina, e na Rhetorica; e outro Converso, que se chamava Frey Pedro da Magdalena. De todos foy nomeado por Prelado o Padre Frey Diogo Bermudes, com titulo de Vigario geral da futura Congregaçaõ. Era de Naçaõ Castelhano, filho da Provincia

de Espanha, e perfilhado nesta. E aconteceo em sua eleyçaõ huma cousa, que nascendo de juizo humano, e acaso, pareceo feita com cuidado da natureza: E por tal, merece naõ ficar em silencio. He de saber, que quando de Castella foraõ os primeiros Religiosos de S. Domingos a fundar nas Indias Occidentaes, levaraõ por Prelado o Padre Frey Joaõ de Tavilla Portuguez, que actualmente era Superior em Santo Estevaõ de Salamanca. Assi viemos a pagar na mesma moeda em Portugal a honra recebida em Castella.

1548. Polo mez de Março de 1548. partiraõ de Lisboa estes doze Religiosos, imitando o Sagrado Collegio de Christo no numero, como no intento, que levavaõ de prégar, e dilatar sua doutrina, e morrer por ella. Assentouse, que como hiaõ muitas naos, e sem Capitaõ Mór nomeado, fossem os Frades repartidos por todas, pera consolaçaõ dos navegantes. Ordinario he no mar experimentarse grande variedade de successos, inda em hum mesmo tempo. Mas seguindo sua viagem, cada huma achou differença no discurso da navegaçaõ, e na chegada á India. Algumas tomaraõ Mossambique em dous de Julho, que foy prospera viagem. Nestas se acharaõ dous dos nossos Frades, que logo em desembarcando buscaraõ em que empregar o Espirito, e Caridade. Tinhaõ sahido das naos cento, e vinte doentes; e entrando em hum Hospital, tomaraõ á sua conta a cura delles, e foraõ pera muitos remedio de corpos, e Almas.

Foraõ depois chegando as mais naos: e como entrou a monçaõ ordinaria, tempo de fazer viagem, que entra por Agosto, tornaraõ a navegar juntas. Passados poucos dias, carregoulhes hum temporal taõ rijo, que a nao do Vigario geral, chamavaõlhe a Galega, se deu por perdida. Chegou a fazer tanta agoa, que naõ avia força de homens, nem de bombas, que a vencessem: e tendo a perdiçaõ por certa, porque a bom juizo naõ podia ser tanto crescimento d'agoa, sem a nao hir aberta; acudiraõ todos aos ultimos remedios, que deveraõ ser os primeiros, quero dizer aos do Ceo. Fazem Oraçoens, bradaõ a Deos por misericordia. Notou o Vigario geral, que tratavaõ alguns marinheiros, como em final desesperaçaõ, de lançar o batel ao mar, pera se salvarem os que tivessem em sorte de entrar nelle. Neste passo tirou de hum cofre huma Reliquia, que comsigo trazia. Sahe com ella nas mãos ao convez, apellida os desconsolados, descobrea com reverencia, e declara ser cabeça de huma das onze mil Virgens: Affirma com grande confiança, que se de coraçaõ se encomendaõ a Deos, tomando por medianeira a Alma daquella Santa, que por elle dera a vida, sem duvida alcançaráõ misericordia. As palavras santas, o medo da morte, a ultima necessidade accenderaõ devaçaõ, e derreteraõ os coraçoens em lagrimas. Ordenaos o Religioso em Procissaõ, chamando por todos os Santos do Ceo, e cada hum por seu nome. Das lagrimas se diz, que saõ aquellas agoas, que estaõ sobre os Ceos; como se disseramos que lhes he sogeito o Ceo, ou que está o

Ceo a seu mandar. Viose aqui por hum modo, qual nunqua se ouvio. Naõ avia já braços em toda a nao, que naõ estivessem feitos pedaços, de se revezarem na bomba. Eisque subitamente gritaõ os que nella trabalhavaõ, que a bomba estava seca, e naõ tirava gota d'agoa, quando dantes era hum rio caudal. Acodem todos. Descem outros ao poraõ. Pasmaõ, que achaõ a naõ estanque, e a agoa, que enchia tudo, desaparecida. Louvaõ a Deos, reconhecem o milagre; porque sem elle era impossivel sumirse, como se sumira, a agoa de todo. Assi cumpriraõ alegremente o que restava da viagem, inda que chegaraõ já por fim de Outubro, que foy grande tardança.

Chegados á barra de Goa, soou na Cidade, que vinha esta Esquadra Dominicana, pera fazer assento, e povoaçaõ na terra: Alvoroçouse toda, e em particulár a Familia do Serafico Padre S. Francisco mostrou, que vivia nella o Espirito de seu Fundador. Porque, como tinhaõ Convento, e morada já antiga em Goa, foyse o Guardiaõ abordo das naos a receber o nosso Vigario geral, e companheiros: E com grande amor os levou, e agasalhou comsigo, até que tiveraõ Casa: lembrado daquelle santo, e antigo concerto dos Santos Patriarchas nossos Institidores, quando diziaõ: *Stemus simul, & nullus adversum nos prævalebit*: Juntemonos, e façamos liga: que, se assi for, naõ averá quem contra nós tenha força.

CAPITULO V.

Edificase o primeiro Convento de S. Domingos em Goa: Contaõse os pronosticos, que precederaõ a fabrica: E o que elRey mandou dar, pera a despesa della, e sustentaçaõ dos Religiosos.

Governava a India, quando estes Religiosos nella entraraõ, o bom velho Garcia de Sá, que succedera na governança por morte do valeroso, e Santo Governador Dom Joaõ de Castro. Presentaraõlhe seus despachos em chegando. Mandava elRey, que se lhes desse na Cidade o sitio, que elles apontassem, e sincoenta mil Cruzados, pera se despenderem em hum Convento; com mais mil, e quinhentos Pardáos de renda por anno (valem os Pardáos trezentos reis cada hum) pera sua sustentaçaõ. Tratouse logo de sitio. Viraõse muitos. Em fim contentaraõse os Padres do que hoje possue a Ordem, que he ao pé do Oiteyro, em que está a Casa, que por isso tem o nome de Nossa Senhora do Monte. Ficalhe perto huma fonte, e a praça, que chamaõ do Mandovim. Dura huma tradiçaõ, do que succedeo nesta eleyçaõ de sitio, que naõ he rezaõ ficar esquecida entre nossos successores. Porque, polo que nella se enxerga de mysterio, nos obriga muito a vivermos em toda a perfeiçaõ. Trazia o Vigario geral dizenhada em papel a traça do Convento, com apontamento das braças, que se avia de estender em circuito. Ao pôr das balizas, que se fazia com assistencia do Veador da Fazenda,

da, e de outros Officiaes d'el-Rey, e do Estado, davalhes desgosto ser forçado averem de desalojar alguns Gentios, que sentiaõ demasiadamente deixar as casas de pays, e avós, que ficavaõ dentro dos limites da Cordeaçaõ. Contase, que a grita, e queixas destes mal dissimulados, como entre povo, sahio á rua hum Gentio de grande idade, que todos alli tinhaõ por pay: E pondo os olhos nos nossos Frades, que acompanhavaõ os Officiaes, começou a torcer o rosto, e menear a cabeça com geito de quem em seu peito sentia cousa, que o admirava, e suspendia: E logo acenou aos queixosos, que se chegassem pera elle, e ouvissem. E em breves palavras lhes disse, que fossem certos, que o que viaõ fazer, vinha ordenado por Deos. Porque elle se lembrava, que sendo moço, e sahindo huma manhãa sedo ao beneficio dos palmares de seu pay, achara naquelle mesmo lugar dous Cacizes, que no trajo, e cores delle nenhuma differença tinhaõ dos que eraõ presentes; e notara, que com longos cordeis o andavaõ medindo, e cercando, como agora se fazia: O vestido estranho, a obra, e a novidade lhe puzeraõ espanto, e o espanto lhe esculpira tudo na memoria, pera nunqua lhe cahir della, com quanto eraõ passados tantos annos, que ainda naõ avia Portuguezes na India. E em fim agora via a verdade do que entaõ fora como sombra, ou sonho. Por tanto como sisudos se conformassem, com o que o Ceo de tantos annos atraz tinha assentado, sem fazerem duvida a mudar morada. Louvaraõ os Frades a Nosso Senhor com os rostos banhados em devotas lagrimas de alegria, colhendo do successo o muito, que lhe deviamos; por nos tér de tantos annos antes apontado, e sinalado o lugar, que aviamos de occupar naquella Cidade; como pronostico de algum grande serviço, que por nossas mãos determinava receber. Confirmouse o caso com outro muito semelhante. Ficava dentro do circuito dizenhado huma horta com seu assento de casas, pertencente a hum soldado antigo, e honrado, por nome Pero Godinho: Obrigavaõ o interesse da fazenda a contrariar a obra dos Frades, e a todo seu poder a contradizia. Mas passados alguns dias, foyse ao Governador; e disselhe, que de todo ponto desistia da sua pertençaõ, e queria largar a horta, e assento, inda que mais valera. Porque lhe parecia, que fazer outra cousa, seria encontrar a vontade de Deos. Espantado o Governador, foy Pero Godinho contando, que huns horteloens seus Gentios, vendoo sentido por aver de largar a fazenda aos Frades, lhe referiraõ singelamente, que pouco antes de chegadas as naos de viagem acharaõ no meyo da terra, que se demarcava, dous homens de Habitos largos, e brancos, cubertos de capas pretas, coroas abertas, e barbas rapadas, que falaraõ com elles; e lhe disseraõ, que quando alli viessem outros Cacizes de semelhante representaçaõ, folgassem de os agasalhar. Referia isto com grande gosto o Governador ao Vigario geral: E elle ouvindoo com o mesmo, contoulhe ao proposito caso pouco differente, que nas

nas nossas Cronicas se escreve, succedido em Bolonha no sitio, em que depois se levantou o nosso Convento. Era povoado de vinhas primeiro que fosse da Ordem. E aconteceo, que madrugando os cavadores a trabalhar nellas, notaraõ por muitas vezes; que estava alumiado com grandes luzes, e claridades do Ceo, sendo assi, que senhoreava tudo á roda o escuro da noite.

Huberto l. 1. c. 4. Ex. 3. & 4. Leandro Alberto l. 5. Castilho P. 3. l. 1. c. 38.

Demarcado o sitio, e despedidos os moradores, pagas suas propriedades, ordenaraõ os Religiosos huma Igreja de taipa, e seu recolhimento, e clausura ao longo della. E tanto que o tiveraõ em estado de poder servir, entraraõ nelle com solemne Procissaõ, que acompanharaõ os Padres de S. Francisco, depois de seis mezes de amoroso gasalhado. Do qual ficando huns, e outros grandemente satisfeitos, usou o Prelado Franciscano de hum grande primor, mandando ao nosso huma fermosa esmolla de dinheiro, que dizia, era das Missas, que os hospedes, sem cuidar em tal paga, lhe tinhaõ dito em sua Casa. Porque todas desdo dia, que entraraõ, mandara apontar pera o effeito, que viaõ. Bem se deixa ver nisto, que naõ falta nenhuma virtude em quem segue a santa pobreza Evangelica. Pois onde naõ avia que dar, sobejou largueza, e liberalidade: liberalidade no animo, e largueza na obra.

Naõ tolheo o gasalhado humilde aos Religiosos, começarem logo o exercicio de seu instituto, lembrandose, do que se escreve dos nossos primeiros Padres, que desta marca eraõ seus edificios daquelle bom tempo antigo, naõ por força de necessidade, como agora lhes acontecia; mas por puro gosto de seguir em tudo humildade, e a doutrina, e liçoens de nosso Santo Patriarcha. Assi começaraõ juntamente com confiança a abrir escolla da Sagrada Doutrina. Prégavaõ, e ministravaõ os Santos Sacramentos em Casa, e acudiaõ fora aos necessitados, com tanta piedade, e modestia, que davaõ com ella muito Espirito ao que faziaõ. E o que muito consolava os vizinhos, era ouvir suas vozes no silencio da noite, louvando ao Creador, cortando o sono nas horas, que mais saboroso, e mais necessario he. He o Canto Dominico pola differença, que tem da Musica secular, chaõ, e humilde; mas devotamente engraçado. A Casa piquena, que era quasi como estar na rua, e a quietaçaõ nocturna faziaõ, que soasse ao longe, e obrasse, nos que o ouviaõ, os bons effeitos, pera que foy ordenado pola Santa Igreja, em huns devaçaõ, noutros compunçaõ. E bem he de crer da Christandade Portugueza daquelle bom tempo, que naõ averia nenhum taõ esquecido de sy, em quem a brandura daquella toada, e o cuidado de quem em tal hora a exercitava, naõ espertasse saudades, hora do Ceo, hora da Patria, de que por tantas legoas se achavaõ divididos. Ajuntavase ser o clima sempre calmoso, como jaz em dezaseis gráos da Equinocial. Passaõ os homens muitas noites ao sereno, ou nas casas com janellas abertas, e ficalhes servindo a santa armonia, de provocar, ou fazer mais suave o sono, que o fogo da

calma

calma sempre tolhe, ou encurta.

Seguiraõ esta escolla com outra, que até entaõ naõ fora vista na India: que foy publica liçaõ de Santa Theologia, sendo primeiro Cathedratico della o Padre Presentado Frey Francisco de Macedo; e teve logo por ouvintes alguns Padres de S. Francisco. Porque, como seu principal cuidado era servir o povo, e entender na conversaõ da Gentilidade, naõ tratavaõ inda entaõ de ter entre sy Leytores, como agora tem.

Naõ se perdia entre tanto a lembrança do edificio de pedra, e cal. Mas alguma cousa o suspendeo a doença, e falecimento, que a seguio, do Governador Garcia de Sá. Porem succedendolhe no cargo Jorge Cabral, Fidalgo honrado, e muito pio, tiveraõ os nossos Religiosos nelle grande pay, e amigo. Porque naõ só foy facil, e prompto em acudir com as quantias, que elRey tinha mandado dar pera a fabrica; mas era promotor della com palavras, e obras: E se achou com a Communidade, quando se deu primeiro principio á Igreja, que foy ultimo dia d'Abril de 1550. E elle por sua maõ assentou a primeira pedra, e debaixo della hum Portuguez de ouro, moeda de quinze Cruzados de peso. Assentou a segunda o Padre Guardiaõ de S. Francisco. Foy grande a solemnidade, grande o concurso da Fidalguia, e povo; e a obra cresceo com taõ boa maõ, e tanta abundancia de tudo, que he o mais fermoso Templo de todo o Oriente em capacidade, e sumptuosidade de pinturas, e dourados, e em numero de Capellas ricamente ornadas. Assi tardou em se acabar quatorze annos. No discurso dos quaes se viraõ algumas cousas bem dignas de memoria pera gloria de Deos. Foy huma, que acontecendo cahir alguns trabalhadores de lugares altos com manifesto perigo de vida, nenhum morreo. Foy outro, e mais de estimar, que sendo estes todos Gentios no principio da obra, quando acabou, nenhum ficou, que se naõ convertesse.

Gaspar Correa l. 16. do Governo de Jorge Cabral. 1550.

Corriaõ com mais diligencia o gasalhado dos Frades, e officinas; porque sobejavaõ officiaes: E com grandeza, e sumptuosidade proporcionada; porque naõ faltava dinheiro, tanto da parte do Governador amigo, como de esmollas com que acudia o povo: Por onde pareceo ao Vigario garal que era tempo de dar ouvidos aos rogos de muitos moços de qualidade, e esperanças, filhos dos Cidadoens de Goa, que requeriaõ o Habito, assi pola boa inclinaçaõ, que se enxergava nos sogeitos, como por gratificar a devaçaõ, que os pays mostravaõ á Ordem. Cresceo o numero com a dilaçaõ, que o Prelado fez pera provar os Espiritos. Tendo em rol quasi vinte, aprazou dia, e hora pera os receber juntos. Correo ao Convento toda a Nobreza da India: foy dia de triumfo, e gloria pera a Ordem, dando todos graças a nosso Senhor de verem renunciar o mundo, e delicias delle tantos moços ricos, nobres, e na flor da idade; e em terra, que taõ poucos annos avia, fora huma cova de Demonios, e ladroeira de infidelidade. Sinaloulhes o Vigario geral por Mestre o Padre Frey

Ignacio da Purificaçaõ, official velho, experimentado no mister, que fazia o mesmo, como atraz dissemos, no Convento de S. Domingos de Lisboa, quando aceitou embarcarse. Assi fez Discipulos de grande nome.

Sustenta esta Casa commummente sessenta Religiosos. As vezes chegaõ a setenta, e oitenta, respeito das monçoens, que detem, e reprezaõ os que haõ de passar a outras Casas. A renda, de que vivem, e que entra nella cada anno, he de seis pera sete mil Pardaos, entrando nesta quantia as esmollas da Sacristia, e a ordinaria, que elRey manda dar de sua fazenda, que já agora sobe a dous mil Cruzados em dinheiro, sete pipas de vinho de Portugal, treze cantaros d'azeite, cento, e vinte Pardáos pera paga de Medico, e Botica. Este Convento com o de Chaul, e Cochim achamos aceitados juntos, pola Provincia no Capitulo, em que foy eleyto em Provincial o Padre Frey Joaõ de Salines, anno de 1556.

1556.

CAPITULO VI.

Fundaõse os Conventos de Chaul, Cochim, e Malaca: Tomaõ os nossos Religiosos a seu cargo a conversaõ da Gentilidade da Ilha de Goa.

LEvantado assi o primeiro Convento, que avia de ser cabeça, e tronco da nossa Congregaçaõ, e Casas do Oriente, trataraõ os doze companheiros de se repartir, e estender a mais lugares. Foraõ os primeiros ás Cidades de Chaul, e Cochim, que já entaõ tinhaõ muito nome, e grande povo de gente Portugueza: e avia occasiaõ de se fazer muito serviço a Deos, e bem aos proximos em ambas. Porque de ambas era o trato muy grosso; que sempre ha rede de embaraços pera as Almas: Em ambas avia muita riqueza; certa isca, e incentivo de vicios. Aqui edificaraõ os nossos Frades com gosto dos moradores, que muito ajudaraõ á obra, e fizeraõ, que excedesse os limites, que a humildade Religiosa queria guardar, visto naõ ser Mosteiro Realengo. Parece, que adivinhavaõ estes povos, que aviaõ de ser ambas, como depois vieraõ a ser, Seminarios de grande numero de Religiosos, que correraõ, e povoaraõ todas as Provincias do Oriente, como logo hiremos vendo. Foy o primeiro Convento, em que puzeraõ maõ, o de Chaul, o segundo Cochim, o terceiro Malaca.

Vendo o Vigario geral, que tinha acudido conforme a possibilidade presente a seus naturaes, que segundo a boa ordem de Caridade deviaõ ser primeiro servidos, foy cuidando por onde começaria o primeiro emprego em beneficio da Gentilidade, que muito dezejava. Notou, que em piqueno distrito, como he o da Ilha de Goa, que naõ tem mais que tres legoas, viviaõ á nossa vista, e conversavaõ na Cidade, hum grande numero de Almas sem Fé. Tratou com Dom Pedro Mascarenhas, que elRey pouco tempo depois mandou por Governador do Estado, que as repartisse, e entregasse ás Religioens, pera se hirem com sua presença, e doutrina dispondo pera receberem o santo Bautismo. Foy traça, e conselho do Ceo polo

grande fruto, que della tem resultado. Deraõse duas Ilhas, que ficaõ ao longo da de Goa; huma aos Padres da Companhia, a que chamaõ Salsete; e outra, que he Bardas aos Frades de S. Francisco. Na Ilha de Goa foraõ entregues aos Frades de S. Domingos quinze Aldeas, ordenaraõse logo nellas polos nossos quatro Igrejas, e quatro Vigairarias, e Religiosos em cada huma, que as curassem. Fundouse a primeira na Aldea, que chamaõ Merumbim a Grande, e como cada anno vinhaõ acudindo do Reyno novos Ministros do Santo Evangelho, embarcandose muitos Padres, como á porfia, pera ajudarem seus Irmãos, deuse o cuidado della ao bom Padre Frey Aleixo de Setuval filho de Habito do Convento d'Azeitaõ. Deulhe elle o nome de Santa Barbora: E em tres annos, que a administrou, se affirma, que bautisou sete mil Almas. Fundouse a segunda no lugar de Carapor, chamada de Santa Cruz. A terceira se chamou S. Miguel na Aldea de Taleigaõ; a ultima Santa Magdalena na Aldea de Serdaõ. Era a gente muita; mas puzeraõ os Padres taõ boa ordem, e tanta diligencia em sua administraçaõ, que sem mais forças, nem artificios, que a singeleza da verdade Evangelica, proposta com cuidado, e devaçaõ, se foy extinguindo a cegueira, e affeiçaõ dos Idolos, e recebendo toda aquella grande multidaõ a luz do Ceo. De maneira, que já no tempo, que isto escrevemos, que he no anno de 1627. quasi senaõ vê nellas homem Gentio. E os mais dos moradores presentes saõ já filhos, e netos de gente bautisada; e taõ amaçados, e amigos com os Portuguezes, que muitos, que se achaõ bem afazendados, cazaõ suas filhas com elles. A ordem, com que se alcançou, e mantem tamanho bem, foy, e he ainda hoje, mandarem os Padres juntar cada dia pola manhãa todos os mininos em certo posto, donde vaõ demandar a sua Igreja em Procissaõ, e com modestia cantando a Doutrina Christãa em sua lingoa; que entoaõ dous dos mais destros, e os outros respondem. Aqui ouvem Missa, e vaõ aprendendo até idade de dez annos, alem das cousas da Fé, tambem a ler, e escrever, que os Padres ensinaõ com grande paciencia, e continuaçaõ, aos que mostraõ inclinaçaõ, e habilidade. E porque naõ haja faltas, tem em cada Vigairaria seu Ministro, que chamaõ Meirinho, cujo officio he saber, e apontar os mininos, e mininas, que ha em cada huma. Porque até idade dos dez annos, nenhum ha izento, nem macho, nem femea, de acudirem cada dia á santa Escolla. Acabada a liçaõ, tornaõse com o mesmo concerto, com que vieraõ, ao lugar, onde se juntaraõ, e dahi pera suas casas.

1627.

CAPITULO VII.

Em que se apontaõ os Vigarios geraes, que governaraõ esta Congregaçaõ, com seus nomes, e tempo, que no cargo assistiraõ.

ANtes que desçamos aos feitos mais particulares da Congregaçaõ, e dos filhos della, sintome obrigado a seguir o titulo, que nas cousas da Provincia

vincia temos levado, em quanto achamos luz, e memoria pera o continuar: Digo fazer huma relaçaõ summaria, em que se achem juntos tempo, e nomes dos Prelados, que nella presidiraõ. Porque considero ser diligencia de muita satisfaçaõ pera quem lê: E em certo modo hum genero de alivio, e descanço, pera quem folga de fazer memoria, e juizo da liçaõ. Assi o fizemos na Primeira Parte desta Historia, apontando os Provinciaes Portuguezes, que podemos descubrir de toda Espanha, antes que ouvesse separaçaõ de Provincias. Assi o fizemos na Segunda, particularizando por huma parte os Provinciaes, que administraraõ esta Provincia depois da separaçaõ, que ouve entre Portugal, e Castella, e em quanto duraraõ os Vigarios, que ouve nos Conventos da Observancia: E por outra parte dando tambem particular noticia dos mesmos Vigarios da Observancia. E finalmente deixamos feita semelhante diligencia nesta Terceira Parte, depois que a Provincia se unio debaixo da obediencia de huma só cabeça, com relaçaõ precisa, e miuda de todos os Provinciaes, que governaraõ até o tempo, em que fazemos conta de dar fim a este longo, e cançado trabalho de escrever.

P. 1. l. c.

P. 2. l. c.

P. 2. l. c.

P. 3. l. c.

Governou o primeiro Vigario geral, Frey Diogo Bermudes, a Congregaçaõ desdo anno de 1548., em que foy inviado á India, até parte do de 1559., que foraõ onze annos.

Foy segundo Vigario o Padre Frey Antonio Pegado, pessoa de grandes letras, grande prudencia, e conselho, inviado pola Provincia ao cargo: E assistio nelle quatro annos.

Seguiose o Padre Frey Manoel da Serra, e cumprio seus quatro annos.

Succedeolhe por commissaõ inviado da Provincia o Padre Antonio Pegado, que residia em Goa: E começou novo, e segundo governo, no qual falleceo a cabo de dous mezes.

Por seu falecimento tornou a entrar no cargo o Padre Frey Manoel da Serra. Tocoulhe a successaõ por hum assento, que ha na Congregaçaõ, que entre, no lugar do Vigario geral defunto, quem estiver no de Prior de Goa, que elle actualmente servia: E assistio desta vez no officio de Vigario geral dous annos.

Sabida em Portugal a morte do Padre Frey Antonio Pegado, foy inviado da Provincia o Padre Frey Francisco d'Abreu, que cumprio seus quatro annos.

Entrou apoz elle o Padre Frey Gaspar de Mello, Mestre em Theologia, e Inquisidor da India. Governou quatro annos.

Foylhe por successor o Padre Frey Bernardino d'Almeida, Irmaõ de Dom Francisco d'Almeida: Cumprio seus quatro annos. Era filho do Convento de Bemfica.

Outros tantos governou o Padre Mestre Frey Antonio de Santa Maria, que foy nomeado da Provincia por seu successor, estando na India, e em idade de quasi setenta annos, depois de ter trabalhado muitos em ler Theologia, e ser muitas vezes Prelado. Contase delle, que adoecendo de grave doença, seis meis antes de cumprir seu tempo, sempre affirmou, que naõ mor-

morreria, sem primeiro lhe vir successor do Reyno. E fallou tanto ao certo, que veyo a falecer no mesmo dia, que chegaraõ as naos do Reyno, e entrou por Casa novo Vigario geral, com cuja vista pedio o Sacramento da Unçaõ, que o mesmo successor lhe ministrou, cumpridos como a Santo seus bons dezejos, e com elles o termo justo dos quatro annos de sua Prelacia, e juntamente o da vida.

Frey Jeronymo de Santo Thomás se chamava este Padre, insigne pola fermosa companhia de Prégadores, com que entrou em Goa. Naõ foraõ menos de vinte quatro, e elle foy seu Prelado supremo, e da Congregaçaõ sete annos.

Traz elle a governou sinco o Padre Frey Francisco de Faria, e porque faleceo no cargo, lhe succedeo o Padre Frey Jeronymo de S. Domingos, que estava na India.

Este Padre Frey Jeronymo cumprio quatro annos de governo.

Por fim delles chegou de Portugal por Vigario geral o Padre Frey Antonio de Leaõ, que faleceo aos seis mezes depois de chegado.

Tambem viveo pouco quem lhe succedeo, que foy o Padre Frey Antonio Dorta, que naõ durou no cargo mais que hum anno, e meyo.

Entrou em seu lugar por successaõ o Padre Frey Domingos Pico, que foy o primeiro Religioso natural da India, que governou a Congregaçaõ. Era nascido na Cidade de Cochim, tinha dez mezes de Prelado, quando lhe chegou successor do Reyno.

Foy o successor o Padre Frey Antonio de Siqueira, que cumprio quatro annos, e se tornou pera a Provincia.

Succedeolhe mandado do Reyno o Padre Frey Thomás de Siqueira, que partio de Lisboa nas naos de 1608., e teve o cargo até Setembro de 1614.

1608.
1614.

Por Março de 1614. foy despachado da Provincia por Vigario geral o Padre Frey Miguel Rangel, que deixada a cadeira, que lia de Escritura no Convento de Lisboa, se tinha recolhido na Recolleta, que no anno atraz tinha mandado assentar no Convento de Bemfica o Reverendissimo Geral Frey Serafino Secco. Passou com boa viagem á India, e cumprio seus quatro annos.

Por ordem, que se mandou da Provincia, succedeo no governo da Congregaçaõ o Padre Mestre Frey Antonio de S. Domingos, famoso Letrado: Era filho da Congregaçaõ, mas natural de Lisboa. Delle se diz, que tinha vista de Lince, que passava paredes, e todo corpo solido, cousa portentosa, mas certa. Adoeceo a cabo de hum anno. Faleceo em dia de N. Senhora do Rosario, de quem era muito devoto.

Apoz este Padre entrou por successaõ, e nova ordem de provimento secreto, e cerrado em vias, que se abriraõ, como se usa no governo dos Viso-Reys, o Padre Mestre Frey Diogo Madeira, que govenou tres annos.

Passados estes, chegou ordem da Provincia, que lhe succedesse o Padre Mestre Frey Jeronymo da Payxaõ. Começou a servir com a chegada do Conde da Vidigueira á India, da segunda

gunda vez que a foy governar. E naõ sabemos, que tinha deixado o cargo da Congregaçaõ no tempo, que isto escreviamos, que he em Fevereiro do anno de 1627.

Entre as successoens destes Padres Vigarios geraes, sabemos, que partiraõ da Provincia muitos Religiosos merecedores de ficarem em memoria por partes de letras, e virtude, e polo animo, que levavaõ de servir nos ministerios da Congregaçaõ. Ouve arribadas, e perdiçoens de naos, que tolheraõ chegarnos a noticia delles. Mas naõ deixaremos em silencio a valerosa, tanto como infelice determinaçaõ com que se offereceo ao mesmo serviço o Padre Frey Antonio de la Cerda, depois de quatro annos de Provincial, e em idade mais pera descançar na Patria com a authoridade, que tinha ganhado com elRey Dom Filippe I. de Portugal, e seus ministros, que pera começar de novo á experimentar os trabalhos do mar que na mocidade cursara. Porque tomou Habito na India depois de ter alguns annos de soldado. Aviavase pera passar á India em Novembro de 1590. Ruy Gomes da Graõ por Capitaõ do Galeaõ S. Lucas. Naõ lhe sofreo o coraçaõ esperar o tempo mais proprio desta navegaçaõ, que he a entrada de Março do anno seguinte. Juntou comsigo hum bom numero de sogeitos de grande qualidade em Letras, e Religiaõ. Embarcouse com titulo de Vigario geral da Congregaçaõ, cargo, em que se via fazer notavel serviço á Ordem polos maiores, em que esteve occupado. Partiraõ de Lisboa com bom tempo; mas como era na força do Inverno, era em dezoito de Dezembro, carregoulhes tanto vento, que parou em tormenta desfeita. Affirmase, que na primeira noite, que começou, e no primeiro impeto della soffobrou o Galeaõ. Porque huma caravella, que o seguia, passado o temporal, naõ ouve mais vista delle, e julgavaõ os passageiros, que fora causa de sua perdiçaõ, levarem abertas as portinholas da artelharia baixa com as peças abocadas, e alagarse por ellas d'agoa. Era tempo de guerras com Inglaterra, o Capitaõ bom soldado, mais que marinheiro. Porque a conjunçaõ pedia acautelar contra os Elementos, naõ contra os homens.

Tambem foraõ mantimento dos peixes por differente modo outros dous Vigarios geraes, que depois partiraõ do Reyno, e ambos acabaraõ no mar de sua doença. Foy hum o Padre Frey Pedro dos Anjos: outro o Padre Frey Antonio Ferreira: Com o primeiro morreraõ tambem os Padres Frey Gaspar do Rosario, natural d'Aveiro, e Frey Balthasar da Veiga d'Evora: com o segundo outros dous companheiros, Frey Paulo do Canto, e hum Irmaõ Leigo, que tresvaliado com frenesis se lançou de noite ao mar.

CA-

CAPITULO VIII.

De alguns filhos deſte Convento de S. Domingos de Goa, dignos de memoria.

HUm dos primeiros Noviços, que neſta Caſa de Goa veſtiraõ o ſanto Habito, foy Frey Chriſtovaõ do Eſpirito Santo. Era moço muito habil, e bem pratico nas lingoas do Gentio da terra, e dos Mouras. Como acabou ſeu eſtudo, e foy ordenado de Miſſa, com idade pera doutrinar, e confeſſar, deuſelhe licença, pera confeſſar geralmente nas quatro Vigairarias. Porém juntava com a habilidade natural vida inculpavel, muita modeſtia, e grande zelo da honra de Deos. Com eſtas partes chegou a deſcubrir, que permaneciaõ todavia entre os Bautiſados ſecretas reliquias de coſtumes Gentilicos. Fez diligencia contra os culpados, prendeo, e caſtigou alguns. Encheraõſe de raiva todos, atiçou a paixaõ o pay da maldade Lucifer. Conjuraõſe em matar o bom Paſtor a ferro. Mas temendo ſer ſentidos, e aver de pagar a treiçaõ com as cabeças, mudaraõ conſelho, e uſaraõ de meyo mais ſeguro, e mais ſecreto; que foy, daremlhe peçonha taõ disfarçada (como toda a India he cheya de meſtres della) que o innocente Religioſo naõ entendeo, ſenaõ depois que os effeitos, e accidentes a deſcobriraõ; que foraõ publicos, ſahindolhe por todos os membros evidentes ſinaes do toxico, baſtante pera vencer, e derribar qualquer natureza, que naõ fora ou taõ robuſta, como a ſua, ou taõ defendida de quem tudo governa com ſoberana providencia, que he Deos.

Sincoenta annos tinha dado ao mundo Simaõ Botelho d'Andrade, tendo ſervido tres annos de Capitaõ de Malaca, e doze de Veador da Fazenda da India, depois de muitos de valente ſoldado, quando lhe abrio Deos os olhos, pera entrar em contas comſigo: E peſando com bom juizo as couſas do mundo, vio que era ſonho a vida, ſombra os goſtos, vidro a ſaude, doença, e miſeria por ſy a velhice, em que eſtava entrado, que tinha a morte á porta, e a ſalvaçaõ arriſcada: Determinouſe animoſamente em deixar tudo, e tratar ſó de ſeguir a vida, e bens d'Alma. Vaiſe hum dia ao Vigario geral Frey Diogo Bermudes, pedelhe por miſericordia huma mortalha do Habito de S. Domigos. Lançoulha elle com grande alegria de toda a Communidade: Recebeoa o Noviço com igual conſolaçaõ de ſua Alma, e eſpanto de toda a gente ſecular da India, que paſmava de ver, que quando era tempo de lograr as riquezas, que já poſſuia, e goſtos, que podia ter certos, entaõ ſe enterrava por ſua vontade, e entrava em novo genero de milicia, e trabalhos depois de velho. Mas ninguem ſe eſpertou, nem ſentio mais eſta mudança, que Dom Pedro Maſcarenhas, que chegando do Reyno a governar a India, e fazendo conta, que tinha neſte homem hum Piloto ſabio, e ſanto, pera com elle acertar, e deſcançar nos mayores cuidados daquelle Eſtado grande, pareceolhe, que o achava enterrado.

Era

Era isto em tempo, que estava recolhido de pouco. Naõ quiz, nem podia desfazer a obra de Deos; que se mudaõ mal os homens crescidos. Mas por naõ perder o interesse do bom conselho, do qual, trazia ordem d'elRey Dom Joaõ, se aproveitasse, naõ tomava assento em nenhuma cousa importante, sem o ouvir. Hiase ao Convento, sentavase com elle no canto da cella, em quanto foy Noviço. E affirmase, que de seu parecer proveo cousas de muita importancia, e sustancia pera bem do Estado, e serviço de Deos. Depois que professou, mandavao chamar, pera ouvir seu parecer nas materias, em que fazia Juntas com Fidalgos, e Capitaens. O mesmo fez depois o Viso-Rey Dom Constantino, Irmaõ do Duque de Bragança, dandolhe tanto credito em tudo, que quando foy a conquista do Jaffanapataõ, o levou comsigo. Porque naõ tinha menos voto nas cousas da guerra, que nas da paz. Este Viso-Rey lhe fez a festa, e gasto da sua Missa nova com grande aparato, e magnificencia, por mandado da Rainha Dona Catharina, que já entaõ governava o Reyno, por morte d'elRey D. Joaõ. Soube, que Dom Pedro lhe fizera a profissaõ com largueza: Mandou, que na Missa nova ouvesse aventagem. Ficaraõ deste Padre muitos exemplos de humildade, obediencia, e brandura Religiosa, com que se fazia amar de todos. Na obra da Igreja foy incansavel ajudador. Affirmase, que a seu trabalho, e diligencia se deve a fermosura della. Porque de noite recolhido na cella estudava traças pera alvitres de esmollas, que sem damno da Fazenda Real, nem das partes servissem pera a obra: E por taes lhe eraõ logo concedidos polos que governavaõ. Estas esmollas, com o que deu de sua fazenda, e deraõ por amor delle seus amigos, se achou por conta de livro, que subiraõ a trinta mil Pardáos. De dia assistia com os Architectos, e officiaes, ora procurando a perfeiçaõ da fabrica, ora correndo a pé, e muitas vezes, as pedreiras a ver, e notar a cantaria, que se cortava. E ultimamente foy grande parte com sua brandura, e bons modos, pera que todos os Gentios, que na obra ganhavaõ jornaes, se virem a converter, e ganhar as Almas: E elle por sua maõ os bautisou em hum dia de S. Domingos. Faleceo de sua doença, pedidos, e recebidos todos os Sacramentos. E ficou em memoria, que no da Extrema Unçaõ fez huma falla a todo o Convento junto, com tanto Espirito, que espantou muito aos doutos, e consolou a todos.

Filho foy do mesmo Convento, inda que nascido em Setuval, o Padre Frey Jorge da Costa. Assistindo na Vigairaria de Santa Barbora com seu natural, e amigo o Padre Frey Aleyxo de Setuval, hum dia de S. Lourenço, em que o Vigario fez Bautismo geral dos que tinha convertido, e cathechisado no discurso de hum anno atraz, foy taõ excessivo o trabalho, que padeceo no santo ministerio, e em vestir os Bautisados, que passavaõ de setecentos, que adoeceo gravemente: E sendo levado a Goa, á Enfermaria do Convento, pera ser melhor curado, durou

rou poucos dias. Nelles padeceo fortes tentaçoens do Inimigo infernal, que em figura de hum Cafre, negro, e feo (propria figura de qual o tem feito seu peccado, sendo dantes fermoso, e bello como a Estrella d'Alva) o tentava com desesperaçoens de salvaçaõ. Chamou o affligido Padre polos Irmãos, que lhe assistiaõ, queixouse, pedio soccorro. Começaraõ huma Ladainha, invocando todos os Santos do Ceo. E chegando ao verso, *Agnus Dei miserere ei*, desapareceo o tentador. Ficou o enfermo cheyo de alegria, e com ella espirou, e em mãos de Frey Aleyxo, que nunqua o desemparou.

Por filhos deste Convento de Goa podemos com rezaõ contar os doze, que o fundaraõ, que todos, e cada hum per sy merecem memoria, e fama. E tiveramos boa occasiaõ de Historia, se entre nós naõ faltara (queixa já sem remedio) aquelle bom cuidado, que as outras Religioens tem nas cousas do lustre geral dellas, e dos que por ellas trabalhaõ. Assi, sendo certo, e averiguado, que alem destes doze nos deu este Convento muitos Espiritos, que em vida, e morte foraõ insignes, he muy pouco o que de huns, e outros achamos apontado com aquella particularidade, e certeza, que em Historia Religiosa se requer.

Entre o pouco, que achamos, se offerece dizer alguma cousa do Padre Frey Gaspar da Cruz, que foy hum destes doze. Este Padre foy natural d'Evora. Depois de serem fundados os Conventos de Goa, Chaul, e Cochim, navegou pera Malaca, e fundou a Casa, que alli temos: Mas naõ lhe sofreo o Espirito descançar, depois que a teve em estado. Tendo novas, que no Reyno de Cambaya avia disposiçaõ pera receber o Santo Evangelho, foyse a elle, communicou o Rey, e o povo: Mas achou, que fora engano dos informadores. Porque depois de lhe ter custado experimentar na viagem do mar muitos perigos de fome, e doença, e perder na terra perto de hum anno de tempo em estudar a lingoa, achou que o Rey era Bramene por seyta, feiticeiro por gosto, e costume, e governado por outros taes, que estes eraõ os seus maiores validos; e huns, e outros naõ punhaõ maõ em nada, sem primeiro consultar o Diabo. Vendo que naõ avia que esperar de homem, que de tal conselheiro se servia, quiz tentar o povo, deu com nova difficuldade, alçançou, que era todo, sem ficar homem, cativo do Rey, por hum muito antigo, e máo direito, e polo mesmo caso, inda que lhes mostrava suas ignorancias, e elles as confessavaõ, por taõ cativos se aviaõ do Rey nos entendimentos, como nas pessoas: E conhecendo a verdade, por nenhum caso se atreviaõ a admittilla, dizendo, que sem licença de quem lhes tinha maõ a liberdade, naõ podiaõ mudar crença. Obrigado da cegueira do Tyrano, e miseria dos subditos, dezejou buscar gente menos entregue ao Diabo, ou mais senhora de sy. Avia no porto hum navio da China; notara bom juizo nos homens, communicandoos; foyse com elles, e entrou pola terra dentro, e foy o primeiro Religioso, que lhes levou

levou novas do Santo Evangelho. Mas parece, que naõ era chegado o tempo, em que Deos queria começar a abrirlhe os olhos, nem a estes, nem aos de Cambaya. A cabo de hum mez, que gastou na Cidade, de entaõ fazendo suas diligencias na materia da Fé, acudio o Inimigo do genero humano com hum encontro, que naõ podia ser traçado senaõ de seu engenho. Apareceraõ taboas por todas as ruas com rotolos, que ninguem agasalhasse os Portuguezes sob graves penas. Assi foy força deixar a terra, e o intento. Entrou o Padre Frey Gaspar em hum Templo, vio tudo cheyo de Idolos, paos, pedras, e metaes; inflamado em zelo do verdadeiro Deos, e com dor de ver gente, que enchia a casa, e taõ cega, que os estava adorando; chegase aos que com suas forças pode abalar, dá com elles em terra, mostraraõ cahindo, quem eraõ fazendose pedaços. Acudia o povo á vingança, pedio elle, que o ouvissem: E taes cousas lhe poz Deos na boca, mostrandolhes a vaidade, e engano, que nenhum mal lhe fizeraõ. Perdeo o bom Padre a coroa certa do Martyrio, que dezejava: E os Chins mostraraõ seu bom entendimento em o naõ maltratarem polo feito. Mas era incansavel o animo deste Padre, e excessivo o dezejo, em que ardia de prégar a Fé. E se bem despejou esta terra, porque naõ pode alfazer, buscou logo outra igualmente cega, e necessitada. Navegou pera Ormuz. Aqui achou mais liberdade. E naõ só prégou, e aproveitou muito, e a muitos; mas ajudou a fundar a Casa, que alli teve a ordem algum tempo; e depois por justas consideraçoens largou. Da China, e Ormuz nos deixou Frey Gaspar huma bem escrita Relaçaõ, que se imprimio em Evora no anno de 1569. Porque em fim de tanto mar coado, e tantas terras acómetidas, fez ultima viagem pera a Patria: Naõ pera descançar, mas pera merecer com ella em outros serviços, de que ao diante se dirá alguma cousa.

Padre Mendonça l. 2. c. 3. do seu Itinerario.

1569.

Companheiro foy dos doze, e parte naõ piquena em seus trabalhos o Padre Frey Ignacio da Purificaçaõ; primeiro Mestre de Noviços em Goa: taõ conhecido, e estimado por toda a India, que dahi nasceo andar escrito, como anda, no Martyrologio da Ordem entre os Varoens mais insignes della.

CAPITULO IX.

Do Padre Frey Antonio Pestana, filho do Convento de Goa.

NEste Convento foy recebido ao Habito Frey Antonio Pestana, sendo nascido no Reyno de Portugal na Villa de Figueiró, Bispado de Coimbra, Villa, que sempre se acompanha com o titulo dos seus vinhos, pola abundancia, que delles tem. Sua vida foy insigne em Religiaõ, sua morte dando o sangue por Deos. Bem nos merece por huma cousa, e outra, que alarguemos hum pouco á narraçaõ de suas cousas. Passou Frey Antonio á India muito moço: Seguio o exercicio das armas, e deu taõ boa conta de sy, que alcançou nome de valente soldado na guerra, pelejando com os

os Inimigos do Estado; e na paz sahindo a desafios com alguns naturaes, que primeiro aviaõ sido, ou amigos, ou companheiros. Assi era buscado dos Fidalgos, que se embarcavaõ, respeitado dos Soldados, e estimado de todos. Mas no meyo desta Ousania, que o mundo julgava por felicidade, veyo a cahir com bom discurso, que hum dia podia ser vencido, e morto na paz, ou colhido de hum pelouro em máo estado na guerra, e faria naufragio á Alma, sendo ella o thesouro, de que só deve fazer conta o homem sisudo. Considerava, que sendo tal, naõ só o trazia em vaso de barro, fraco, e quebradiço: Mas por huma vãagloria, e falsa opiniaõ do vulgo o arriscava precipitadamente, e por sua vontade cada dia. Assentou comsigo buscar milicia, onde vencedor, e vencido segurasse sempre o partido d'Alma. Mas acudio logo o tentador a lançar nevoas, e escurecer o que já eraõ luzes do Ceo, e da graça; e como o tinha por seu na vida passada, e he grande dór do Inferno hum peccador convertido, armouse contra elle de todos seus artificios, e maldade, provou varios generos de tentaçoens, e enganos: E em fim vendo que prevalecia a graça, descobriose, fallou claramente, e naõ alcançando nada, nem por esta via, fulminou medos, e fantasmas: E pera mais merito de novo soldado de Christo, permittindoo assi o Senhor, chegou a pôrlhe as mãos, e tratallo mal. Porém tudo o confirmava mais em reconhecer, que lhe convinha acolherse a sagrado, que pois o inimigo nos tempos, que andava afogado no vicio, e soberba da vida, nunqua se lembrava delle, sinal era que fazello agora naõ podia ser outra cousa, senaõ dór de o ver seguir os caminhos da verdade. Animado deste pensamento, e posta toda sua confiança naquelle Senhor, a quem nenhum peccador, por grande que seja, se de verdade o busca, faz asco: Antes aos taes manda festejar polos seus cortezãos do Ceo: Entrou polas portas de S. Domingos de Goa, e pedio, e recebeo o santo Habito. O valor, com que se governou nesta nova milicia do Ceo, foy hum retrato do mesmo, com que tinha procedido na terra, mudados sómente os fins: Lá soberba, cá huma exterma summissaõ: Lá naõ sofrer nada, cá ser anticipada, e andar por humilde debaixo dos pés de todos, e tomar sobre sy só todas as cargas; e pezos mayores da Religiaõ: Lá pouco lembrar do Ceo, cá, se o naõ divertia a obediencia em algum serviço, estar em perpetua vigia diante do Santissimo Sacramento, orando: Lá festas, risos, murmuraçoens: cá silencio inviolavel, lagrimas continuas; e os banquetes, e dilicias de Asia convertidas pera toda a vida em Adventos, e Quaresmas inteiras passadas a jejum de paõ, e agoa. Assi o testemunha o Padre Frey Antonio da Visitaçaõ na Relaçaõ, que nos deixou escrito, e temos em nosso poder, das cousas desta Congregaçaõ, em que residio muitos annos, e em ella acabou a vida; como ao diante veremos. Em fim tal foy o Noviciado, que naõ se lhe esperou mais pela o fazerem Mestre delle; que chegar a cantar Missa. Viose o

acerto da eleyçaõ na hora, que a começou a exercitar, como quem se apercebe de matalotagem pera navegaçaõ comprida: Assi se fundou de novo em toda virtude, vendose encarregado d'Almas. Lembravalhe quaõ arriscada trouxera hum tempo a sua: Naõ queria ver nenhuma com perigo. Dazaseis Irmãos avia na Casa, quando lhe foy entregue: Eraõ os dez Noviços puros. Como se foraõ olhos seus, assi lhe temia até os argueiros, e procurava guardallos delles. Assi os vigiava, como se elle fora mãy, e elles Donzellas. Ouvio hum dia na liçaõ da mesa: *Filiam habes, ne ostendas ei faciem hilarem.* Pareceolhe, que dizia: Tens filha, lembrate, que inda que seja huma só, sempre te ache carregado no rosto, nunqua risonho, nem prazenteiro. Sendo toda a brandura do mundo em lhes procurar consolaçaõ de obra, e palavra, o sembrante sempre era torcido, severo, e sombrio. E quando convinha castigar, se carregava a maõ, viase nelle, que o fazia á força, e contra sua natureza. Com tudo o rigor era poucas vezes, porque de maneira o fazia respeitar a gravidade do gesto, que se dizia por elle, que o seu callar fazia Capitulos, e o seu fallar obrava: Taes eraõ as palavras, que abrazava com ellas os coraçoens, e a todos enchia de amor da virtude, e dezejos de agradar a Deos: Taes as obras, que como se tivera Espirito profetico, assi sentiaõ todos, e cada hum em sy, que fallando, e obrando lhes acudia ás necessidades interiores. Dous casos diremos neste proposito, que polo fruto, que delles resultou, ficaraõ em lembrança.

Proverb.

Estava hum dia na cella do Prior tratando com elle no que tocava a seu cargo: Eisque subitamente fica todo demudado, e sem cór no rosto, corta a pratica, e sendo elle a mesma modestia, e compostura, sem fazer mais que abaixar a cabeça, levantase, e tira pera casa apressurado. Notou o Prelado tudo: e naõ foy descuidado em querer entender a causa alguns dias depois. Confessoulhe com humildade o Mestre, que naquelle ponto, em que o vira ficar como desmayado, vira o Demonio em figura de Serpente entrarlhe por Casa dos Noviços; e acudindo atalhara o damno, que procurava fazer. Naõ se declarou mais por entaõ; mas da qualidade do segundo caso se póde inferir.

Andava hum Noviço tentado pera deixar o Habito: Acrescentavalhe o Inimigo o fastio delle; porque o Mestre a nenhum outro mortificava tanto: E na verdade assi passava, espantandose todos os companheiros, e naõ podendo nenhum alcançar a causa. Hum dia vindo de Matinas fez Capitulo, e sem aver defeito, nem occasiaõ, chamou por elle, mandoulhe dizer suas culpas, e logo, como se o tentador lhe tivera declarado seu animo, lhe foy dizendo algumas cousas do amor, que devia ao estado a que Deos o chamara: Os desastres ordinarios, e sabidos, dos que o deixavaõ, e dos bens, que a Religiaõ rendia na vida presente, e na futura. Espiravaõ as palavras fogo, amor, e devaçaõ, que se fazia conhecer nos suspiros, e lagrimas, que

que brotavaõ de peitos, e olhos de todos. Por remate: Eu meu filho, disse, no pouco, que me recolhi antes de Matinas, vi em sonhos hum Milhano negro, e feo, que descia sobre dezaseis frangainhos, que me rodeavaõ, e empolgava em hum. Acudia eu, tiravalho das garras, porem ferido, e maltratado. O milhano he o Demonio Inimigo do genero humano, e tanto maior de cada hum, quanto mais entrada lhe dá em sua Alma: o ferido se suas unhas sois vós, meu filho; e por aqui vereis como trata a quem se lhe rende. Hora pera que vos naõ arrebate facilmente, que segundo parece, por vos achar mais leve, se atreveo comvosco, he necessario, que vos ajudemos com algum pezo; que será o desta disciplina: E logo lha deu taõ cruel, e sem piedade, que fez pasmar os Irmãos, por cousa nova, e extraordinaria no Mestre. Foy cura de Medico Sabio, cura apropriada á doença: Mostrouse nos effeitos. Recolhidos os Irmãos, ficou o penitenciado só debruçado em terra, regandoa com lagrimas de tal affecto, e compunçaõ, que as naõ enxugou, nem se levantou até o segundo de Prima: E affirmava depois, que nunqua desque entrara na Ordem, sentira em sy tamanha consolaçaõ, nem folgara tanto de ser Frade, como depois de recebidos os duros açoutes, que naõ foraõ castigo, senaõ mezinha, e remedio santo pera sua Alma. Porque a verdade era, que naõ só andava tentado, mas na mesma hora tinha assentado comsigo; tanto que o Mestre se recolhesse na cella, pedirlhe seus vestidos, e hirse. Foy penhor desta confissaõ perseverar honradamente no Habito, professar a seu tempo, viver, e morrer nelle consolado.

Deste, e de outros successos nasceo, que quando succedia fallarse neste Frade, quem o queria nomear pera fazer differença de outro do mesmo nome, que na Congregaçaõ residia, e vindo depois pera a Provincia falleceo no mar, chamavalhe o Santo. E viose, que naõ era adulaçaõ, nem pensamento pouco fundado; porque em hum accidente, que teve de hum mal, que na India chamaõ Mordexim, dandoo os Frades por morto, lhe fizeraõ em retalhos os Habitos, e todas as mais peças de seu uso, e por reliquias as repartiraõ entre sy. Mas estavalhe guardado mais glorioso fim, á maõ de Mouros, e em odio da Fé, e serviço da Christandade de Solor, como veremos adiante. Naõ acabou do accidente. Contase delle, que sendolhe dada a Vigairaria de S. Miguel da Ilha de Goa, pera convalecença de huma comprida doença, nunqua deixava de se levantar á meya noite a resar suas Matinas diante do Santissimo Sacramento, e depois ficar em Oraçaõ grande espaço: cuidado, e continuaçaõ que tinha no Convento. E pera inclinar os Freguezes a devaçaõ, e mais veneraçaõ do culto Divino, todos os Domingos, e dias Santos dizia Missa cantada.

P. Frey Joaõ dos Santos l. 2. c. 5. da Christandade Oriental l. 5. c. 15.

CA-

CAPITULO X.

De outros Religiosos de grandes partes em virtude, e letras, que neste Convento de Goa residiraõ.

COm grande nome de Pulpito, e letras residio neste Convento o Padre Frey Sebastiaõ de Vargas, Presentado em Theologia, de que foy Lente naõ só nelle, mas tambem no dos Padres de S. Francisco, em tempo, que na India naõ tinhaõ Lentes, como já hoje tem.

Tambem leo nesta Casa Theologia o Presentado Frey Estevaõ d'Assumpçaõ, que depois foy por ordem do Arcebispo Primaz de Goa, e com poderes da Santa Inquisiçaõ amplissimos visitar as Igrejas de Mossambique, e Costa de Melinde, e Ilhas de Quirimba: Jornada em que fez grande serviço a Deos, e beneficio aos povos, e emendando erros, castigando culpas, com muita prudencia, inteireza, e Christandade.

Se a voz do povo, como affirma o Proverbio, he voz de Deos, naõ podemos negar nomes de Santos aos dous Padres Frey Diogo d'Aveiro, e Frey Thomás do Espirito Santo, Mestre em Theologia, e Deputado do Santo Officio. Porque ambos em toda a India naõ só tinhaõ ganhado opiniaõ de grande virtude, mas de huma muy solida santidade. Do Padre Frey Thomás temos já feito memoria em outra Parte, e de força o faremos segunda vez, quando tratarmos do Collegio de Santo Thomás de Pangim, que foy obra de suas mãos, e industria.

A perfeiçaõ de vida do Padre Frey Thomás da Cova, que depois de muitos annos de residencia deste Convento, e de Prior de Chaul foy ser Vigario em Mangalor, testemunharaõ os Gentios, com verem na noite, que faleceo, subir polos ares huma resplandecente, e gloriosa companhia; em que notaraõ com espanto grande multidaõ, e differença de rostos, trajos, e cores, que seguiaõ como em triumfo huma Senhora, que em tudo representava imperio, e geito senhoril, e junto della hum retrato de Frade, que já conheciaõ ser o Vigario. Divina permissaõ pera honra de seu servo, e pera edificaçaõ dos fieis, e salvaçaõ dos Gentios: Dos quaes se affirma, pediraõ muitos o Santo Bautismo, penetradas as Almas do que seus olhos viraõ.

Desta Casa foy ser Prior da de Cochim o Padre Frey Luis de Medeiros, que servindo o cargo, e sabendo de certo por conta de receita, e despesa, que naõ avia trigo no celleiro pera chegar ao cabo do anno, nem dinheiro no deposito pera o comprar, com que se temia grande falta, e trabalho no Convento, nunqua deixou de acudir aos pobres, que eraõ muitos, com larգueza: E no cabo do anno se achou com trigo de sobejo. O Padre Frey Antonio da Visitaçaõ na sua relaçaõ conta isto por outro modo. E diz, que sobre ser o trigo pouco, aconteceolhe chover no lugar, em que estava recolhido, que era como hum payol de madeyra; e quando se lhe acudio, estava todo molhado. Era o Inverno grande, o trigo pouco, e mál parado,

do, muitos os que comiaõ delle. Acudio o Prior á Oraçaõ, em que era continuo, e mandou, que o trigo se estendesse polo Claustro, pera se enxugar, e aproveitar. Foy cousa averiguada, que quando o Procurador tornou ao payol, pera o recolher, achouo cheyo de trigo bom, e enxuto, e em tanta quantidade, que ao abrir da porta corria por ella fora. Encomendou o Prelado segredo na maravilha, e fez repartir, o que estava no Claustro, entre os pobres, do qual se affirma, que assi molhado fazia melhor paõ, que quando estava muito enxuto. Tinhalhe a continuaçaõ da Oraçaõ affervorado o Espirito em amores do Salvador, e dos mysterios, que obrou em nossa Redempçaõ. De sorte que todos celebrava com lagrimas, humas de amor, e gosto, outras de dor, e sentimento. Alegravase no nascimento, como se só pera elle nascera o Bom Jesu: Chorava na Payxaõ taõ desconsoladamente, que das Quintas feiras da Semana Santa até o Domingo naõ era outro seu paõ. Como o Senhor he taõ benigno com os que de veras o amaõ, contaõse alguns mimos muy extraordinarios, com que honrou este seu servo. Refere o mesmo Padre Frey Antonio, que em huma doença, que teve, sendo Vigario de Damaõ, tinha hum retabolo defronte do leyto com huma devota Imagem do Redemptor: Succedeo, que estando acompanhado dos Frades, e pondolhe devotamente os olhos, o retabolo se despregou da parede, e á vista de todos se veyo pôr entre seus braços: Grande, e soberano favor. Mas inda tenho por maior o com que lhe acabou a vida. Foy eleyto por Prior de Goa, estando inda em Cochim. Quando lhe deraõ a nova, foyse diante do Santissimo Sacramento, e pediolhe que, se o Priorado naõ avia de ser de grande serviço seu, o livrasse delle, inda que fosse com perda da vida; que mais queria morte em sua Divina graça, que todos os cargos, e bens do mundo com risco de a perder. Adoeceo logo, e acabou ao terceiro dia.

Era Mestre de Noviços em Goa o Padre Frey Simaõ das Chagas, de quem avemos de fallar adiante, quando chegarmos á Christandade de Solor, aonde por muitos titulos pertence. Veyolhe pedir o Habito de Irmaõ Leigo hum mancebo de boa presença, natural d'Amarante. Sendo recebido polo Prior, encomendou o Mestre aos Noviços, que tivessem cuidado de fazerem Oraçaõ por elle; porque lhe via geito de aver de dar hum bom filho de S. Domingos. Como se fora profecia, assi foy o bom Leigo adiantando em todo o genero de virtude. De sorte, que era hum exemplo de humildade, de devaçaõ, e caridade. E conta o Padre Frey Antonio da Visitaçaõ, que sendo Enfermeiro no Convento de Goa, depois de cançar todo o dia em servir os doentes, descançava á noite em fervorosa Oraçaõ: E tal, que foy fama, e cousa avida por muy certa, que huma noite lhe appareceo o Bemaventurado S. Gonsalo, Santo da sua terra, acompanhado de huma suavidade de cheiro taõ extraordinario, que junto á novidade da visaõ ficara

o

o pobre Leigo todo trasportado; e tornando em sy gritara taõ alto, que acudiraõ os Frades: E perguntado pola causa, naõ sabia responder outra cousa, senaõ: O que suaves eraõ! Naõ tem a terra cousa semelhante! Era hum, dos que acudiraõ, o Padre Frey Thome Cardoso, que pouco depois foy Prior de Goa, e contava o caso, como se fora quasi presente: e do Leigo tinha grande opiniaõ. Este Irmaõ veyo a adoecer, e estando na Enfermaria, e na mesma cella, em que estava o Padre Frey Paulo do Espirito Santo, chamou huma noite polo Padre, e perguntoulhe, que queria dizer, *Laudate Dominum de cœlis*. Contava este Padre, que na hora, que lhe respondera com a declaraçaõ, dera o bom Leigo dous grandes suspiros, e atraz elles a Alma. E porque a doença naõ era de qualidade, que prometesse fim taõ breve, julgou a piedade, dos que conheciaõ seu Espirito, que as palavras do Psalmo foraõ chamamento do Ceo, e juntamente effeito de o levarem traz sy. Era o nome deste Irmaõ, Frey Aleixo.

Neste Convento vivia, e delle se embarcou em huma gallé com D. Gilianes Mascarenhas Capitaõ della, e de outros navios, o Padre Frey Joaõ Soares a provar os perigos do mar, e da guerra: E sendo o Capitaõ morto desestradamente polo Gentio do Sanquilel, acabou com elle o Frade, animoso companheiro.

Da mesma maneira acabaraõ a vida ás mãos de Mouros Malabares, os Padres Frey Simaõ da Piedade, e Frey Pedro Usademar. Frey Simaõ vindo de Cochim pera esta Casa de Goa: E Frey Pedro vindo de Chaul. Como inimigos, que sempre ardem em sede do sangue Christaõ, e mais insaciavelmente daquelles, que com maiores vinculos professaõ a Fé, colhendoos no mar, deraõ cruel morte a ambos.

Offensa fariamos aos moradores deste Convento, se deixassemos de fazer memoria de dous insignes sogeitos, que no Capitulo delle esperaõ a ultima resurreiçaõ: Digo os muy Doutos, e Religiosos Padres, o M. Frey Gaspar de Mello, e o Presentado Frey Thomás Pinto; ambos foraõ mandados por Inquisidores á India por elRey D. Filippe o Prudente. O primeiro nas naos do anno de 1583. depois de ter governado a Congregaçaõ com grande louvor quatro annos, e estar descançando no Reyno. O segundo no anno de 1585.

1583.

1585.

Naõ devemos menos memoria ao Padre Frey Joaõ Lopez no mesmo Convento sepultado, e na flor da idade mandado ao Ceo por raiva, e engano de huma malvada femea. Dotarao Deos de huma natural gentileza de rosto, qual diz o Proverbio, que he digna de Imperio, e juntaralhe gravidade, e modestia, que igualmente o faziaõ amavel, e respeitado. Sendo visto acaso da que dissemos, fez nella o bom gesto os mesmos effeitos, que em outro tempo a vista do casto Joseph na Egypcia. Ensinoulhe o tentador, pera mais aggravar o peccado, tomar por meyo a confissaõ na Igreja. Defendendose o Religioso, naõ desespera ella. Finge doença, e perigo, esconde

o

o nome, chamão a casa á falsa fé. Tanto que o teve em posto de confissaõ, descobre o danado intento. Levantase o Frade, e foge, como se dera com vibora; mas naõ pode ser com tanta pressa, que a miseravel lhe naõ lançasse maõ ao capello, e lhe ficasse nellas o preto. Foyse elle sahindo todo afrontado, e pasmado; e contente de naõ perder mais, caminhava pera a rua. Mas no mesmo instante traçou a tentadora vingarse, convertido o fogo da sensualidade em outro igual de ira, e raiva. Mandalhe arremessar o capello na escada, que hia descendo. E dentro de poucos dias buscou, e achou meyo, com que lhe fez dar peçonha taõ disfarçada, e secretamente, que naõ tardou mais, que oito dias em o enterrar; ficandolhe por todos os membros manifestos sinaes della em grossas pintas negras. Este genero de morte descobrio tambem a maldade de quem lha procurou; porque o gosto da vingança fez, que o tivesse ella em o publicar. E entaõ contou o companheiro do morto aos Frades o successo do capello. Assi acabou o bom Padre feito victima de honestidade, e limpeza. Era este Padre filho da Provincia, natural d'Aveiro, e Collegial de Santo Thomás de Coimbra, bom Letrado, e bom Prégador.

CAPITULO XI.

Da vida, e santa morte do Padre Frey Antonio da Visitaçaõ, Deputado do Santo Officio de Goa.

NO anno de 1623. sendo Vigario geral da Congregaçaõ o Padre Mestre Frey Jeronymo da Payxaõ, obrigado do zelo da Religiaõ, e da fama, que durava, da perfeita observancia, e santo exemplo, com que vivera na India muitos annos o Padre Frey Antonio da Visitaçaõ, Deputado do Santo Officio de Goa, e Prégador geral da Congregaçaõ, mandou fazer particular informaçaõ de sua vida, e costumes; e deu o cargo de a tirar ao Padre Frey Jacinto da Cruz, com o Padre Frey Damiaõ de Santo Thomás por Escrivaõ, sendo passados nove, ou dez annos depois de sua morte. Era o Padre Frey Antonio natural de Setuval: Tomou o Habito na Provincia. Passanda á India, residio no Convento de Goa, e nelle leo alguns annos Theologia. Foy em todo tempo hum extremo de mansidaõ, e humildade, que lhe abrio caminho pera se enriquecer de todas as mais virtudes, que foraõ principalmente grande caridade com os pobres, e grande amor da pobreza. Hum animo muito compassivo dos affligidos, e muito affeiçoado a curar, e servir enfermos; a que juntava singular honestidade, que em tudo, o que fazia, resplandecia notavelmente. Dourava estas partes com claro entendimento, e muita prudencia natural, que foy causa de que deixas-

1623.

deixasse as escollas, e liçaõ, em que entendia, mais sedo do costumado. Porque quiz a obediencia aproveitarse delle no governo de algumas Casas da Congregaçaõ. Em todas, e no cargo de Vigario de Malaca, e das Christandades do Sul, que servio como Superior dellas, mostrou tanto talento, que vindo pera Goa, foy eleyto em Prior do Convento de Santo Thomás, e nomeado por Pregador geral. Crescia com os cargos em authoridade, e estimaçaõ diante dos homens; mas na opiniaõ propria era cadadia mais humilde, e mais pobre: E em nenhuma cousa representava maioria mais, que nas de obrigaçaõ de Prelado. Porque nestas naõ sofria, que ninguem lhe perdesse o respeito. A sua cella naõ luzia com payneis, nem escritorios, nem outras peças ricas, que na India se alcançaõ com pouco feitio, se os Prelados mostraõ gosto dellas. Tudo eraõ paredes nuas, e até de fato de vestir, em que ha grande largueza na India, respeito do fogo das calmas; era escaço comsigo, só pera poder ser largo com os pobres, pera quem queria tudo, e lhe naõ bastava nada. Aconteceo hum dia, sendo Prior, pedirlhe esmolla hum soldado. Merecia pola profissaõ, e por ser pobre. Que na India naõ há gente, que mais padeça, que hum soldado no Inverno. Porque naõ he tempo de exercitar as armas, contra o uso, e boa rezaõ de toda a boa milicia. Mandou ao Procurador, que o consolasse. Respondeo o Procurador, que em toda a Casa naõ avia mais, que hum Pardáo. Animosamente, e cheyo de confiança em Deos, esse Pardáo, disse, lhe dai, que taõ bom Deos temos, que o que dermos por seu amor por huma porta, nos mandará por outra; que sabe dar cento por hum, a quem por elle faz alguma cousa. Como se fora profecia, lhe entrou no dia seguinte huma esmolla de cem Pardáos.

Eraõ suas partes muito sabidas. Mas a Prelacia as fez mais notorias. E dahi nasceo escolheremno os Inquisidores pera Deputado daquelle Santo Tribunal. Aceitou o trabalho, porque nunqua lhe subira á imaginaçaõ pertendello; e porque era honra da Ordem servillo. E viose isto bem, porque offerecendolhe a Religiaõ o gráo de Presentado, fezlhe escrupulo naõ ter lido tantos annos, como dispoem nossas Regras, pera o merecer, e refusou a honra.

Sendo sua honestidade taõ provada, que segundo a opiniaõ commua, e testemunho de seus Confessores, conservou pureza virginal perpetua; permittio o Senhor por seus occultos juizos, e pera maior coroa do servo fiel, que ouvesse homem taõ desalmado, que na mesma materia lhe assacou testemunho falso, e o publicou no Convento por verdadeiro. Tentaçaõ foy, e seta, que o ferio no intimo d'Alma. Mas na paciencia, com que levou a injuria, e no como se ouve com o autor della, mostrou estranho valor: Prova manifesta de verdadeira innocencia. Viase nelle mais sentir a culpa alheya, que a afronta propria. E deixando a Deos o ponto da verdade, e da justiça, nem culpava a ninguem, nem disculpava a sy. Veyo a falecer sendo

segunda vez Prior de Santo Thomás. Entaõ lhe pareceo, que estava obrigado por rezaõ do cargo, e hora, em que se achava, dar satisfaçaõ de sy aos subditos. Junta a Communidade, e recebidos primeiro todos os Sacramentos, disse com humildade, e poucas palavras, que por obrigaçaõ de consciencia, e cousas, que eraõ passadas, que todos sabiaõ, declarava, que desque vestira o Santo Habito (sabiase, que o tomara, sendo quasi minino) naõ cometera nunqua culpa contra o voto da Castidade. Apoz estas palavras fez huma pratica aos Padres, cheya de altissimo Espirito, e sentenças admiraveis; e traz ellas fez entrega das chaves ao Prelado, a que pertenciam por sua morte, que era o Padre Frey Antonio de S. Joseph, seu Supprior: E polo mesmo modo depois aos Noviços santas, e devotas admoestaçoens.

O transito foy glorioso, e como de quem assi tinha vivido. Estava muito no cabo, vio, que punhaõ os Enfermeiros em pratica vigiallo. Era huma Quarta feira, dissellhes, que se naõ cançassem, que naõ avia de morrer senaõ á Sexta; porque assi o tinha pedido a Nossa Senhora, muitos annos avia; e confiava nella, lhe avia de fazer a merce, pera ser enterrado ao Sabbado, e com a sua Irmandade. Esta Irmandade era huma, que elle fundara no mesmo Convento de Santo Thomás, da primeira vez, que alli fora Prelado, com titulo dos Remedios, em devaçaõ da Senhora dos Remedios de Baçaim, de que ao diante falaremos. A sexta feira sobre tarde foy enfraquecendo tanto, que pareceo tempo de se fazer final com as taboas, pera acudir a Communidade, como he costume da Ordem: E elle sentindoo, pedio, que sobrestivessem em dar trabalho aos Frades, porque inda naõ era tempo. Que tivessem tento, como fosse mais entrada a noite, que das oito pera as nove os avia de deixar. Pouco antes das oito pedio hum Crucifixo, que sempre tinha junto comsigo, tomouo nas mãos, e começou com elle hum colloquio cheyo de devaçaõ, e seguido de muitas lagrimas, e soluços, como quem esperava pola ultima, e temerosa hora: Mas subitamente fez huma mudança, que muito espantou. Porque pondo os olhos contra a parede, encheoselhe de alegria o rosto, desapareceraõ as lagrimas, e a sombra escura da morte, de que já estava cuberto, e ficou todo risonho. E naõ ouve entre os circunstantes quem duvidasse, que fora alguma visaõ celestial, com que o Senhor o consolara. Dadas as oito polo relogio, começou a entrar em paroxismos. Juntaraõse os Padres aos ultimos soccorros, e acompanhado delles, acabou em paz na hora, que tinha dito. Se naõ tiveramos tantos penhores de santidade deste Varaõ em sua vida, podera ser bastante testemunho na morte o sentimento de toda a Cidade, as lagrimas dos pobres, e o cuidado, com que Religiosos, e seculares procuraraõ aver cousas de seu uso pera guardar por Reliquias. Publico foy que hum Diogo Pinto de Monroy, que padecia grandes dores de pernas, alcançou huns orellos, que serviaõ ao defunto de sustentar

as meyas: usou delles no mesmos officio, e affirmou, que lhe foraõ meyo de saude. Mais publico foy que o Bispo Primaz Dom Frey Christovaõ de Lisboa no primeiro Sermaõ, que fez na Sé depois deste dia, fallou delle como de Santo.

CAPITULO XII.

Fundaçaõ do Convento de Santo Thomás em Pangim: Sua tresladaçaõ pera a Cidade: E principio da Casa Recolleta de Santa Barbora.

PEra darmos conclusaõ ao mais, que temos que dizer das cousas da Congregaçaõ na Cidade de Goa, faremos neste Capitulo breve relaçaõ de dous Conventos, que muito tempo depois se levantaraõ nella. Foy primeiro o de Pangim com titulo de Santo Thomás. Obra nascida do grande zelo do Padre Mestre Frey Thomás do Espirito Santo, e com sua industria executada. Entendendo este Padre, quanto convinha, serem continuos no Estudo os nossos Religiosos, pera o effeito da conversaõ da Gentilidade, que fora o fim, que primeiro os levara á India, e em que Deos lhes dava maõ por toda a parte com maravilhosos successos: E que neste estudo devia de aver tal ordem, e concerto, que senaõ estorvasse, nem divirtisse hum ponto com as occupaçoens, que de ordinario ha nos Conventos, que estaõ dedicados ao serviço, e necessidades do povo: Tratou de edificar huma particular Casa, em que outro trato, nem occupaçaõ ouvesse por sitio, e officio, senaõ só de exercicios Ecclesiasticos. Era Viso-Rey Dom Duarte de Menezes, grande affeiçoado á nossa Ordem, e tanto a elle, que em nenhuma cousa punha maõ sem seu conselho. Communicoulhe Frey Thomás o pensamento. E o Viso-Rey, como era Varaõ de grande piedade, aprovou a determinaçaõ, e ajudou a obra com muita largueza. Fez muito ao caso começar Frey Thomás esta fabrica em tempo, que tinha o cargo de Prior de Goa, e juntamente o de Deputado do Santo Officio. Estes cargos, e o muito credito, que tinha ganhado na terra, foraõ occasiaõ de lhe acudirem grossas esmollas. De sorte, que sem mais intelligencias, nem artificios de industria, vio hum pobre Frade acabado, e perfeito hum Convento, que começou dos fundamentos, e o vio povoado de quarenta Religiosos, e huma Universidade formada de Mestres, Leytores de Artes, e Theologia: E providos do necessario com abastança, pera sem cuidado nenhum exterior, se entregarem todos a Deos, e ao exercicio das letras. Sinaloulhes o Viso-Rey de ordinaria em virtude de huma Carta d'elRey Dom Filippe Prudente, vinte candiz de Arros, dez de trigo, oito cantaros d'azeite, e dez corjas de Cotonias. Saõ Cotonias lenço da terra, que serve pera vestido. A corja he numero de vinte. A Casa he servida de Medico, e Botica á custa d'elRey, como todas as mais, que a Ordem tem na India nas terras, em que ha Hospital Real.

Mas como somos homens, e pola mesma rezaõ sogeitos a errar,

errar, effeito proprio da miseravel humanidade, mostrou o tempo, que sendo a obra em sy santa, e boa, naõ fora acertado o sitio, que se escolhera, de Pangim. Eraõ as rezoens, que se davaõ, muitas, e todas se reduziaõ a duas, que mais obrigavaõ. Primeira, estar o Convento fundado em huma ladeira, com taõ desacomodado assento, que do baixo, onde estava a Igreja, e a Casa de Noviços, até o cume do monte, onde era o Dormitorio dos Padres, avia de subida setenta, e tantos degraos: E neste ponto naõ se considerava só o trabalho da subida, e descida: Mas como nas terras de Goa, e de toda a India saõ as invernadas de tamanho peso d'agoa, que ameaçaõ diluvios: E assi de ordinario desbarataõ muitos, e bons edificios: este como estava dependurado, era lastima, o que padecia cada anno de paredes derribadas, e assoladas. Era mais poderosa a segunda rezaõ. Cria a Ilha de Goa hum genero de Cobras, que chamaõ de Capello; porque lhes deu a natureza sobre a cabeça hum genero de cuberta, que bem merece o nome, porque lha cobre, e esconde, em quanto senaõ querem descubrir. E saõ em tanto extremo venenozas, que a picada do dente, com que ferem, com naõ fazer mais sinal, que de hum alfenete, mata dentro de huma hora, se ha descuido de lhe acudirem com antidotos. Destas eraõ os Religiosos perseguidos. De sorte, que nem no Dormitorio, porque era terreo, nem nas cellas, e camas se podiaõ livrar dellas. E até no Coro, pera estarem quietos, convinha, hirem armados de bastoens, pera lhes fazer medo. Estes inconvenientes obrigaraõ aos Frades da Congregaçaõ, a desfazerem a Casa, tresladandoa pera a Cidade. Foy executor da determinaçaõ o Padre Frey Francisco de Faria, Vigario geral, que lhe soube escolher na Freguesia de S. Pedro hum sitio muito bem assombrado, e commodo; porque fica á borda do Rio, com sua porta, e caiz pera elle, da parte da barra, e na entrada da Cidade. Nos sinco annos, que este Padre governou, desfez huma Casa, e levantou outra, com boa Igreja, e boas officinas: E quanto aos privilegios, Estudo geral, e antiguidade lhe alcançou do Reverendissimo Geral Hippolito Maria Beccaria de Monte Regali toda a authoridade, em que fora fundado Pangim. E quanto á sustentaçaõ, naõ faltaraõ os Viso-Reys em lhe acudir com a mesma sustentaçaõ, e ordinarias. Assi foy só a mudança de sitio, e nome. Esquecido o de Pangim, ficouse chamando Collegio de S. Thomás: E sustenta já hoje sincoenta e sinco Religiosos.

De poucos annos a esta parte se fundou tambem o Convento de Santa Barbora na Vigairaria, que a Congregaçaõ tem deste nome na Ilha de Goa, que por ser a primeira, e a mais antiga das quatro Igrejas, que a Ordem administra nella desdo tempo, que entramos na India, ficou com hum notavel privilegio, que foy ser o seu Vigario o que tinha authoridade de confirmar a eleyçaõ de Vigario geral, quando acontecia fazerse na India. Foy autor deste Convento

vento o Padre Frey Miguel Rangel no tempo, que entrou por Visitador, e Vigario geral na Congregaçaõ: E sendo a mais encontrada empresa, de quantas se viraõ na Religiaõ, assi de Religiosos, como de seculares, e até do Viso-Rey: Em fim venceo a constancia do Vigario geral, e o ser a obra de Deos. E he hoje hum perfeito Convento (fora de ser piqueno) assi no material da fabrica, como no Espiritual de verdadeira Observancia regular da primitiva Ordem, em que foy fundado com titulo de Recolleta. Mantem doze Frades, sem ter mais ordinaria, que a que dantes vencia, por rezaõ de ser Freguesia, que naõ passa de quarenta, e sete mil reis. Buscouse na industria o remedio de se sustentarem por naõ cançarem os que com medo da despesa reprovavaõ a obra. Obrigouse a Casa a tres Missas quotidianas perpetuas. Do dinheiro, que dellas ouve, empregou huma parte na compra de hum grande palmar, e terras de rendimento, e com a demasia aperfeiçoou o que faltava de pedra, e cal. Foy primeiro Prior o Padre Mestre Frey Jeronymo da Payxaõ, que poucos annos depois veyo nomeado por Vigario geral da Congregaçaõ, e servio seus quatro annos.

He de ver huma Carta de Religiosa, e Apostolica eloquencia de nosso Padre Geral, pola qual parece, que ainda que o pensamento de fundar Recolletas na India nasceo do Padre Rangel, foy muy conforme ao animo, e tençaõ do Reverendissimo: Encheremos com ella este Capitulo; e naõ daremos traduçaõ, porque basta ficarem entendidos estes dous pontos, que saõ os que nos obrigaõ a ajuntalla. Seguese a Carta.

ADmodum Reverendo Patri Fr. Michaeli Rangeli Sacrarum Literarum Professori, Visitatori, & Vicario generali Congregationis nostræ Indiæ Orientalis, Provintiæ nostræ Portugalliæ Ordinis Prædicatorum. Epistola vestra admodum Pater sub 23. *Aprilis superioris anni data mirifice in Domino lætati sumus, & exultavimus gaudio magno, cum quæ totis cordis medullis exoptabamus, & difficilia rati ad ea capessenda lente festinabamus, insperata adipiscimur: nempe ut operarios præ manibus haberemus, quos idoneos per Dei gratiam ad amplissima Regna infidelitatis tenebris offusa, & Regiones gentium innumeras jam albas ad messem Ministros, ac Prædicatores destinaremus. Occurristi, tu Pater amantissime, vir desideriorum, desideriis nostris, & epistolam nobis direxisti, non atramento, sed spiritu Dei Vivi conscriptam: eamque è medio itinere, seu navigatione, dum ad littus maris vastissimi Occeani Guineæ, per tumentes undas, & vorti-*

vortices Indiam versus navigabas, misisti. Ut verè fateri possimus, aquas multas charitatem tuam extinguere non potuisse. Ais igitur animum tibi esse, si repereris in Congregatione nostra Indiana competentem Fratrum numerum, qui in maiori Observantia vivere cupiant, erigere eis Conventus, ex vicariis ipsis plurimis, præsertim ditioribus, aliisque reditibus, & eleemosynis, quibus commode sustentari possint. Insuper & præcipere, ut juxta professionem nostram, & Evangelium Sanctum Dei, mittantur in perpetuum ex eisdemmet Conventibus, sic creatis, & reformatis, in universum illum Orbem Prædicatores fervidi, ac zelum Dei habentes, qui eant Deo, & non sibi, juxta Isaiæ Vaticinium 6. Cap. Quis ibit nobis? Id est acquisitivè nobis, ut explicat Sanctus Thomas. Nos porro cogitationem, & propositum tuum commendantes, Deum Opt. Max. à quo omne datum optimum, & omne datum perfectum descendit, instantius oramus, ut qui pro bona voluntate tibi velle dedit, perficere largiatur. Vt autem quod officii nostri partes exigunt, exequamur; tenore præsentium, officii nostri prædicti authoritate, licenciam, potestatem, & facultatem ad supradicta, quæ scribis, executioni mandanda, in Dei gloriam, animarum salutem, Conventuum, locorum, & Fratrum nostrorum, in prædicta Congregatione nostra Indiæ Orientalis existentium reformationem, Ordinisque nostri Prædicatorum decorem tibi concedimus, & impartimur. Nec non & Paternitatem tuam in Domino hortamur, ut ad fortia mittens manus, non despondeas animo, sed Omnipotentis Dei fretus auxilio, evellas, destruas, & dissipes irreligiosos mores, quos repereris illuc introductos: reformationem autem, & Sanctæ Prædicationis fervorem ædifices, & plantes. Quæ etiam supradicta, Apostolica, intuitu ejusdem sanctæ reformationis, nobis concessa authoritate (quatenus opus sit) ut remotis impedimenti omnibus, expeditius, ac securius præstare possis, harum tenore tibi concedimus, & impartimur: Et in sanctæ obedientiæ virtute, omnibus, & singulis Patribus, & Fratribus obedientiæ nostræ subjectis in eadem Congregatione existentibus mandamus, ut prædictorum executionem à te faciendam nullo pacto impedire,

pedire, aut retardare præsumant. In nomine Patris, & Filii, & Spiritus Sancti. Amen. Quibuscumque in contrarium non obstantibus. In quorum fidem his sigillo nostro munitis, manu propria subscripsimus. Dat. Papiæ in Conventu nostro Sancti Thomæ die 4. Januarii 1615. Admodum Reverende Pater conservus in Domino Fr. Seraphinus Siccus Magister Generalis *Ordinis Prædicatorum. Reg. f. 75. Fr. Thomas Marsius Magister Provintialis Terræ Sanctæ.*

CAPITULO XIII.

Sitio, e assento das Ilhas de Solor, qualidade da terra, e da gente dellas, principio de sua Conversaõ, e Christandade por meyo da Religiaõ de S. Domingos.

TAnto que os novos Fundadores da Congregaçaõ se viraõ com Casa, e assento nas principaes Cidades, que a Coroa de Portugal possuia no Oriente, logo fizeraõ conta, que da mesma maneira, que os Capitaens, e soldados d'elRey sahiaõ das Cidades com Armadas a conquistar novas terras, e Reynos: Assi tinhaõ elles obrigaçaõ de sahir dos Mosteiros a fazer guerra á Infidelidade, e ganhar Almas pera Deos. Levados deste Espirito, quasi a passo igual com a empresa, que tomaraõ, da conversaõ das Aldeas, que dissemos da Ilha de Goa, entenderaõ de allumiar com a luz do Santo Evangelho o grande Archipelago de Samitra, que alguns querem seja a antiga Trapobana. Na paragem, onde a natureza situou as Ilhas de Solor, entre hum grande numero de Ilhas menores, que tem como semeado, digamolo assi, este estendido Archipelago, e ficando como encabeçadas na famosa Ilha de Samatra, tomaõ em corda longa distancia de mares, jazem as de Solor, terras sem nome de tempos antigos; muito conhecidas hoje pola gloria da Fé, que souberaõ abraçar, e de que lhe foraõ Apóstolos, e Prégadores os Religiosos de S. Domingos. Qual foy a occasiaõ, que a ellas levou estes Padres, contaremos logo, tanto que dissermos alguma cousa do sitio da terra, propriedades della, e qualidades da gente. He verdadeira arrumaçaõ das Ilhas oito gráos da banda do Sul, e em distancia de Malaca quatrocentas, e oitenta legoas. Saõ tres as que comprehendemos debaixo do nome do Solor, que he huma dellas, por estarem taõ juntas, que todas tres parecem huma só terra: E em algumas partes naõ tem mais de hum tiro de espingarda o mar, que as divide. A forma, que entre sy tem, he de hum bem feito triangolo, cujo fundo toma o que propriamente se chama Solor, ficandolhe da maõ esquerda, que he a banda do Norte, a que tem nome de Lamalla, o da direita, que he do

do Sul, a de Loboballa: E alargandose o vaõ, e abertura do triangolo contra o rosto do canal, ou boqueiraõ, que faz a Ilha de Servite com as terras vizinhas, canal, e boqueiraõ, por onde he a ordinaria navegaçaõ das partes de Malaca, e China pera a Ilha de Timor. He Timor Ilha celebre pola pranta, que nella cria a natureza em grande abundancia, do Sandalo branco, estimado por todo o Oriente, pola suavidade medicinal do cheiro; como saõ conhecidas as de Maluco, e Ceilaõ polo sabor do Cravo, e Canella. A qualidade das Ilhas de Solor he, serem geralmente pobres, e faltas de todo trato pera fora. Porque como naõ tem ouro, nem prata, nem criaõ outros frutos taõ ricos, que as façaõ cubiçadas, ninguem as busca pera mercancia. He mais pobre de todas, a que lhes dá nome, digo Solor, que he taõ esteril, que carecendo dos mantimentos ordinarios pera a gente, até dos que cria o mato pera os animaes silvestres padece falta. De sorte, que se naõ vem nella bogios, de que ha copia nas outras. As agoas quasi todas saõ, naõ só salobres, mas intoleraveis no sabor: As serras, que a cortaõ, puro rosalgar. E se alguma cousa tem hoje boa, devese ás mãos, e industria dos Religiosos. E tal he a cabeça da Christandade, que coube em sorte á Ordem de S. Domingos em taõ alongados climas; pera que vejamos, que quer Deos, que até desterrados da patria nos exercitemos em pobrezas, como aqui; ou em doenças perpetuas, como entre os Cafres da Costa sempre ardente de Sofalla. Do que devemos ter hoje grande consolaçaõ, os que estamos sentidos de nos impedir, e tolher a Casa, e Convento, pera que nos chamava com amor, e liberalidade a muy nobre Villa de Estremôs. He terra rica, a gente devota, o termo, e trato della muito honrado: Estava certo, avermos de viver alli com commodidade; pera que naõ haja parte, em que logremos alguma. Foy a meu ver merce de Deos, e alcançada no Ceo por nosso Padre S. Domingos, naõ se nos dar. Mas tornando á Historia: Boja Solor oito legoas em comprido, e meya em largo. A de Lamalla tem seis legoas em roda, Loboballa he maior que as duas; e ambas estas fazem ventagem a Solor, no que a terra produz. Tem copia de mantimentos ordinarios, e suas criaçoens, ribeiras de boas agoas, e frescura de arvoredos. Todas tres saõ muito habitadas. Causao a mesma pobreza. Porque como ella he a que enfrea a cubiça dos estranhos, pera as quererem senhorear, faz, que cresçaõ em povo. Os que moraõ polas prayas, ou tem falta de bom terreno, ou vivem de pescaria; os mais de agricultura. E este pouco cuidado, ou quietaçaõ de vida, redunda em acrescentamento da geraçaõ. A o que se juntava no tempo da Gentilidade ser estilo, ter cada morador tantas molheres, quantas podia sustentar. O modo de governo he ao natural. Cada lugar tem seu Senhor, ou Capitaõ, que acertou a ser mais poderoso de gente, e familia. A este chamaõ em Solor, Sangue de Pate, que he o mesmo, que

que Senhor de hum destrito limitado. Porque senaõ estende a malicia, ou ambiçaõ de nenhum, a querer reynar na jurisdiçaõ em lugor aleyo. Assi nenhuma povoaçaõ he sogeita a outra; nem ha Rey, que mande sobre todas. No que se enganou o Padre Frey Antonio de S. Romaõ, dando Rey em Solor, que nunqua ouve: Só sabemos, que o Rey do Macassâ Mouro, como rico, e poderoso, mandava algumas vezes pedirlhes tributo de sua pobreza com navios armados: A que os pobres acudiaõ, por escusar contendas; mas naõ por vassalagem. Os que em Solor saõ Sangue de Pates, chamaõ polas outras Ilhas, Atalaques.

Agora he tempo de dizermos, que rezaõ empenhou com taes terras os Religiosos de S. Domingos. He de saber, que crescendo a Cidade de Malaca, depois de conquistada polos Portuguezes, em povoaçaõ, e moradores, entre as fazendas, que mais requestadas acharaõ nella, foy o Sandalo branco de Timor. Porque se servem delle pera infinitos usos todas as Provincias do Oriente. E como os naturaes de Malaca faziaõ viagem a buscallo, naõ tardaraõ os Portuguezes em mandarem tambem suas embarcaçoens ao mesmo. Era o interesse muy grosso. Porque o Sandalo he hum genero de arvores, que criaõ os montes daquella Ilha em naõ menos abundancia, que o mato ordinario das nossas terras. E o que se busca delle, naõ he o fruto, como do Cravo de Maluco, nem a cortiça, como da Canella de Ceilaõ: senaõ a mesma madeira, tronco, e rama, que por todo he maravilhosamente cheiroso, e medicinal. E pera se criar, naõ tem necessidade de beneficio; nem pera se vender ha mister mais feitio, que cortallo o vendedor, e trazello ao porto. Assi he estranho o barato, com que se leva. Ao que se junta, naõ terem os naturaes cobiça, pera o navegarem pera fora, e serem taõ barbaros, que naõ usaõ, nem conhecem moeda: E como lhes levaõ cousas, que haõ mister pera o uso quotidiano, inda que muito vis sejaõ, daõ liberalmente polo troco, e commutaçaõ dellas grande copia de seu páo; fazendo conta, que lhes naõ póde faltar nunqua, por muito que dem. Porque a Ilha he taõ grande, que boja sincoenta legoas de ponta a ponta. Corriaõ os Portuguezes de Malaca ao barato. E acontecia, andando o tempo, juntaremse tantos navios de varias partes em Timor, que era força tardarem muito em fazer sua carga. Tem a Ilha muitos, e bons portos, da banda que chamaõ de fora, que olha pera o Sul, onde he ordinaria escalla dos que buscaõ o Sandalo; mas naõ póde nenhuma embarcaçaõ estar nelles, mais que tres mezes do anno, que dura a monçaõ dos Nortes. Tanto que entra a do Sul, he taõ desmesurada a força; com que este vento os vareja todos, que naõ ha abrigo bastante pera o navio, que nelles colhe, nenhum escapa de soçobrar, ou dar á costa. Acudio a natureza a este perigo com huma estranha providencia: Oito, ou nove dias antes da mudança da monçaõ começaõ a soar no mar da parte, donde ha de ventar, huns espantosos

roncos, que os navegantes tem por aviso taõ certo, que sendo do Súl, no mesmo ponto se fazem á vella todos, e desandando vinte sinco legoas de golfo, que tantas ha de Timor ás Ilhas do Solor, se recolhem a ellas, e alli no reduto, ou enseada do Triangulo, que entre sy fazem as tres Ilhetas, como atraz dissemos, achaõ estancia, e abrigo seguro, em quanto duraõ as tormentas. Assi ficava servindo Solor com de estalagem, e refugio a todos os carregadores do Sandalo. Este era o estado de Solor, e o conhecimento primeiro, que delle tivemos no tempo antigo. Andando os annos, como a navegaçaõ dos Portuguezes de Malaca continuava, e crescia pera Timor, e pola mesma rezaõ era força, valeremse sempre dos portos de Solor, veyo a continuaçaõ a criar amisade, e familiaridade entre os navegantes, e naturaes da Ilha. De sorte, que alcançaraõ os nossos mercadores sitio junto da sua povoaçaõ, pera edificarem aposentos, onde podessem residir, sem molestia da terra, em quanto os detivesse a força da monçaõ na hida, ou na vinda. Daqui vieraõ a estender os pensamentos a negocio mais alto. Tinha acontecido passar hum anno destes á Ilha de Timor o Padre Frey Antonio Taveira: Devia ser a occasiaõ acompanhar algum mercador amigo, e de bom Espirito, que como as terras de Timor saõ de ares pestiferos pera os estrangeiros, de sorte, que ordinariamente morrem muitos, ou tornaõ opilados, e muy enfermos, que assi acontece, pagaremse os baratos da mercancia, quiz levar comsigo quem na necessidade lhe acudisse com os remedios d'Alma. Parece, que ordenou Deos a viagem, pera remedio de muitos daquelles pobrezinhos, com que tinha determinado povoar o Ceo. E deulhe taõ boa maõ com elles, que converteo hum grande numero á luz da Fé no mesmo tempo, que em Cambaya perdia o tempo, e o feitio o Padre Frey Gaspar da Cruz, como atraz fica dito. Assi o escreve o mesmo Padre Frey Gaspar no Prologo do livro, que imprimio da China: Affirmando, que naõ foraõ menos de sinco mil Almas, os que bautisou o Padre Frey Antonio nas Ilhas de Timor, e do Ende. Notando os Portuguezes a boa ventura deste successo, e considerando juntamente o bom natural, que viaõ na gente de Solor, e seus vizinhos, julgavaõ com bom discurso, que naõ faltaria nelles a boa, e a mesma disposiçaõ, e facilidade, pera receberem o Santo Evangelho. Na hora, que foraõ de volta em Malaca, naõ tardaraõ em visitar o Bispo, e darlhe conta de tudo. Era Bispo Dom Frey Jorge de Santa Luzia, Varaõ Apostolico, e no zelo da conversaõ das Almas verdadeiro filho de S. Domingos, como o era no Habito; naõ quiz que ouvesse tardança em tentar Solor, e ordenando, que fosse o trabalho da sua Ordem, cometeo ao Prior do nosso Convento de S. Domingos de Malaca dispuzesse a missaõ, como diremos no Capitulo seguinte.

CAPITULO XIV.

Parte pera Solor o Padre Frey Antonio da Cruz com tres companheiros a prégar o Santo Evangelho: Dase conta das Igrejas, que fundaraõ, e das muitas Almas, que trouxeraõ ao gremio da Fé, e da Fortaleza, que pera as defender edificaraõ.

FOy tençaõ dos Padres de S. Domingos de Goa fundar nesta grande, e opulentissima Cidade de Malaca hum Convento, que fosse como praça d'armas, pera guerrear a infidelidade daquelles estendidos Reynos, Ilhas, e Provincias do Sul. Assi he Prelado supremo de todos os Religiosos, que por elles andaõ espalhados, que ordinariamente saõ muitos, o Prior della. Achavase na Casa o Padre Frey Antonio da Cruz, pessoa em que concorriaõ partes de virtude, e prudencia bastantes, pera se lhe fiar qualquer grande empresa. Encarregouo o Prior desta, e deulhe tres companheiros de bom espirito, nomeandoo por Vigario delles. Do anno em que partiraõ, naõ nos consta ao certo: Mas todos os antigos concordaõ, em que foy junto do de 1561. E que era Governador, e Capitaõ de Malaca D. Francisco da Costa, que muitos annos depois faleceo em Fez, fazendo o officio de Embayxador d'elRey D. Filippe II. de Castella, e I. de Portugal. Chegados os Prégadores a Solor, ou fosse que naõ quizeraõ ser pesados aos naturaes, antes, nem depois da doutrina, ou que os movesse o exemplo dos mercadores, que todos tinhaõ sua morada separada junto á praya; pediraõ lugar pera comporem tambem seu gasalhado; e ordenaraõ logo seus aposentinhos a uso da terra, com a leve fabrica, que daõ os bosques: Estacas grossas guarnecidas de sebe de mato miudo fizeraõ as paredes: faz telhado, e cuberta a folhada das Palmas, que chamaõ Ola. Do mesmo ordenaraõ seu Oratorio, e ficaraõ com hum genero de Mosteiro, que he de crer, louvara muito nosso Padre S. Domingos, se fora vivo. Polo que amava estreiteza, e pobreza. Mas o Prelado considerando como sisudo, que vivia entre inimigos, pois era gente sem Fé, quiz acautelarse, pera o que podia succeder de mal (que entre os valerosos he genero de valor saber temer de antemaõ os perigos, e saber prevenillos) e mandou vir do monte grande copia de palmeiras bravas, que alli chamaõ Sibalas, com que foy lançando huma forte tranqueira em roda do Mosteirinho, que ao diante, como se adivinhara, lhe valeo a vida. Daqui começou a ensinar, e prégar, e grangear, e acquirir assi os animos dos principaes, e foy dando primicias ao Ceo de alguns mininos, que bautisavaõ. Mas naõ estava descuidado entretanto o Inimigo do genero humano. Vendo a Vinha do Senhor começada, e antevendo o fruto, que avia de dar crescendo, quiz destruilla em flor. Andava por estes mares huma Armada de Jaos inimigos perpetuos dos Portuguezes; guioua contra os Religiosos. Dous annos avia, que residiaõ na Ilha, quando huma ma-

1561.

manhãa se viraõ cercados por mar, e por terra. Entaõ se conheceo o proveito da sua tranqueira. Recolheraõ comsigo os Christãos, que avia, que eraõ poucos, e mal armados, e poseraõse á defesa animosamente. Mas conhecendo claramente, que era impossivel valeremse contra o poder inimigo, se Deos naõ acodia com o de seu braço: Assi começavaõ a tratar de se entregar com algum bom partido, quando se viraõ livres por caso naõ esperado. Eisque aporta, e dá fundo defronte dos cercados hum fermoso Galeaõ de Portuguezes, que informados do que passava, e reconhecida a Armada, deraõ sobre ella, e a desfizeraõ, e destruiraõ, metendo no fundo muitas embarcaçoens com a artelharia, e matando grande numero dos inimigos. E pera que se veja, que foy obra do Ceo, mais que da terra, he de saber, que o Galeaõ era d'elRey, e como tal vinha bem armado, e fazendo viagem de Maluco pera Malaca, veyo a entrar polo boqueiraõ de Servite; cousa taõ nova, e milagrosa, que nem dantes tinha acontecido, nem depois se vio outra tal. Assi obrigou tanto o successo aquella gente, que invernando o Galeaõ alli, e outros muitos navios de varias partes, abriraõ os olhos, e receberaõ a Fé alguns Mouros, e Gentios com suas molheres, e familias inteiras: E os Prégadores dando graças ao Senhor, de quem reconheciaõ o soccorro, ficaraõ muy animados, pera proseguirem esforçadamente seu ministerio.

Seguio a vitoria hum grande amor, e conformidade do Sangue de Pate, Senhor do porto, e dos Nobres da terra com os Religiosos. De que nasceo bautisaremse alguns, e com elles o mesmo Sangue de Pate. O que visto polo Padre Frey Antonio, e como Deos hia favorecendo aquella sua vinha com grandes augmentos, determinou seguralla de semelhantes insultos ao passado, com se melhorar de sitio, e força: Eraõ as terras abertas, os inimigos muitos, e cheyos de raiva contra a Christandade, que multiplicava. Dizia o bom Padre comsigo: Que se haõ de fazer forças, e muralhas, pera se possuir sem sobresalto o cravo de Maluco, a pimenta de Cochim, o ouro de Sofala? Naõ val muito mais que toda a mercadoria da terra huma só Alma remida com o Sangue de Christo, que o reconhece por Salvador, quanto mais tantas, como saõ, as que nos Deos tem dado nesta Ilha? Naõ terey descanço, até lhes fazer muros, que mas defendaõ. Se me naõ ajudarem os Governadores do Estado d'elRey, porque lhes faltaõ aqui as riquezas, que só estima o mundo, valermeha quem governa o Ceo, e he Senhor de toda a terra: E taõ bom Senhor, que nunqua desprezou os pobres, que o souberaõ buscar. Eu serey Architecto, eu serey Alvener. Seguiraõ as obras ao dito, junta gente, e materiaes: Sahe das mãos de hum pobre Frade, falto de tudo, senaõ de Espititos, huma obra, que pera poderoso, e determinado Capitaõ fora empresa gloriosa. Deu ao Estado mais huma Fortaleza, que polo fim, pera que foy edificada, podemos crer, se somos Christãos,

que defenderá dos inimigos todas as outras. Soube da obra quem governava a India, mandou dar em Malaca huma grande esmolla pera ajuda dos gastos. Naõ ha duvida, senaõ que este Padre devia ter engenho de Fortificador. Porque o mostrou na escolha do sitio: Que foy em hum teso, que fica sobre a praya, lugar sobranceiro, e defensavel. E o mesmo mostrou na fabrica; porque a fez de sinco baluartes, e de tal capacidade, que ha muitas no Estado da India, que naõ saõ tamanhas, nem taõ bem traçadas. Ficou em hum lanço do muro a Igreja da invocaçaõ de N. Senhora da Piedade, e pera os Frades seu Dormitorio. De sorte, que eraõ elles Senhores da Fortaleza; excepto de hum baluarte, que he aposento do Capitaõ, e tem sua serventia livre pera fora. A sombra della, e á maõ direita fizeraõ sua morada os Portuguezes, e Christãos estrangeiros em numero já entaõ de duas mil Almas. Na esquerda assentou o povo da terra com o Sangue de Pate em numero de até mil Almas, e huma gente, e outra com suas Freguesias distintas. Serviaõse os Portuguezes da Igreja da Fortaleza. Os naturaes tinhaõ entre sy outra do titulo de S. Joaõ Bautista. Do tempo, que tardou em se acabar esta fabrica, naõ nos consta; do anno, em que começou, faz boa declaraçaõ huma letra, que dura sobre a porta, e diz, que foy começada no de 1566. Costumavaõ os Religiosos, como autores, e donos da obra, nomear Capitaõ, que o Governador, ou Viso-Rey da India confirmava. Andando o tempo, pareceo cousa ambiciosa, e indigna da humildade de filhos de S. Domingos. Largou a Congregaçaõ aos ministros d'elRey esta preeminencia.

2566.

Mas durando a obra material, naõ estava Frey Antonio ocioso na espiritual: Mandava os Religiosos, que comsigo tinha, e os que de novo lhe hiaõ acudindo de Malaca, que fossem polas duas Ilhas vizinhas, e depois poias mais afastadas, fazendo officio Apostolico. E em todas fez notavel fruto sua doutrina. Em tanto, que na Costa, que corre da ponta da Ilha de Servite, até onde chamaõ Mari, que saõ trinta legoas de distancia, naõ avia porto, em que naõ ouvesse muitos Fieis. Outros mandou ao Ende; que he huma Ilha, trinta legoas de Solor. Onde foraõ bem recebidos: E ao mesmo passo frutificou a Palavra Divina. Mas era lastima, que como eraõ poucos, e naõ podiaõ residir com os Fieis, passavaõ como nuvens, e era forçado tornar no Inverno a Solor dar conta do que tinhaõ feito, e do estado, e disposiçaõ, em que deixavaõ novas prantas. E ainda que nisto conformavaõ com o que lemos no Santo Evangelho dos Discipulos, que o Redemptor mandou de dous em dous a prégar, que depois lhe vieraõ dar conta das maravilhas, que em seu nome obravaõ: Com tudo faziaõ muita falta com sua auzencia nos casos subitos de necessidade de Confissoens, e Bautismos. Sentiao o Padre Fr. Antonio, como bom Pastor; e naõ faltava no que podia, que era informar os Vigarios geraes da Congregaçaõ: E todavia naõ foy o trabalho perdido. Porque nasceo

naſceo delle, mandarem os Viſo-Reys nomear ſalario pera os Religioſos: E polo conſeguinte repartir o Vigario os que avia polos lugares, em que pareciaõ mais neceſſarios. Sentença he ſanta, que ſe naõ cerre a boca ao boy, que trilha. Mas ſe S. Paulo entre gente, e lugares ricos ſe mantinha do trabalho de ſuas mãos, por naõ ſer peſado aos que doutrinava: Que fariaõ os noſſos Prégadores em lugares pobriſſimos, e povoados de gentes de ſua colheita pouco liberaes? He couſa certa, que muitos delles depois que começaraõ a aſſiſtir com ſeus fregueзes, deſpendiaõ mais com elles em eſmollas, que na ſuſtentaçaõ de ſuas peſſoas, e caſas. Do que veremos ao diante alguns exemplos. Agora hiremos apontando lugar, e ſitio das Igrejas.

Começando por Solor, como cabeça que he deſta Chriſtandade: Alem das duas Igrejas, que já apontamos, huma dentro da Fortaleza, e outra fora, ha mais outras duas: A ſaber, huma, que a Caſa da Miſericordia, em que alguns annos ſervio de Capellaõ hum Sacerdote ſecular, natural de Malaca, por nome Alvaro Gonſalves: Mas de ordinario he ſervida polos Religioſos: A outra eſtá em huma ſerra (chamalhe a lingoa da terra, Guno) Fregueſia já entaõ de mil Almas Chriſtãas, a fora muitos outros Chriſtãos, que viviaõ, e inda hoje vivem derramados pola Ilha em ſeus caſaes, e montes, a uſo de Portugal: Onde cada hum buſca, como póde, ſeu genero de vida, e ſuſtentaçaõ. A invocaçaõ deſta Igreja he da Madre de Deos. Outra ouve no lugar de Lamaqueira, que ſe perdeo por huma rebeliaõ. Era o titulo de S. Joaõ Evangeliſta.

Na Ilha de Lamalla, com ſer terra de muitos Mouros, e em que elles poſſuiaõ dous Fortes, a que chamavaõ Donara, e Torraõ, tiveraõ os Padres muito tempo Igreja na povoaçaõ do meſmo nome de Lamalla, em que avia duas mil Almas Chriſtãas, que eraõ os dous terços della: Os mais viviaõ na Ley de Mafamede. Eſta Igreja acabou por hum levantamento da terra, que ao diante contaremos. Com melhor ſucceſſo fundaraõ outra no ſertaõ da meſma Ilha, no lugar de Carma. Contavaõſe aqui mil, e trezentas Almas bautiſadas, gente taõ bem fundada na Fé, que, quando foy o levantamento de Lamalla, eſtiveraõ firmes, e naõ conſentiraõ nelle. He a invocaçaõ do Eſpirito Santo. Neſta eſteve muito tempo, e fez muito ſerviço a Deos o Padre Frey Antonio do Loreto.

Paſſaraõ os Religioſos á Ilha Grande, cuja ponta he a que faz o boqueiraõ, ou canàl, a que chamaõ Servite. E o nome de Grande tem com rezaõ junto deſtas piquenas, porque faz mais de cento, e vinte legoas em roda. Acharaõ a gente muy parecida em tudo com a de Solor; converteraõ grande numero, e multidaõ, e fundaraõ oito Igrejas em varias povoaçoens, cujos nomes ſaõ: S. Lourenço em Lavunana, ou Lavunama, lugar ſituado na ponta de Servite: Noſſa Senhora em Larantuca, onde foy muitos annos Vigario o Padre Frey Aguſtinho da Magdalena, Saboyano de Naçaõ:

Noſſa Senhora da Eſperança no lugar de Bayballo: em que padeceo graviſſimos trabalhos de doenças, e neceſſidades o Padre Frey Domingos Barbudo; Santa Luzia na povoaçaõ de Siccá, onde era Atalaque D. Coſmo, muito bom Chriſtaõ, que paſſou a Malaca, ſendo moço, e alli ſe criou entre os noſſos Padres: Outra Igreja no lugar de Paga, que he huma legoa diante de Siccá, e terra de muitos mais moradores: Noſſa Senhora d'Aſſumpçaõ na povoaçaõ de Quevá: S. Pedro Martyr em hum porto, que chamaõ Lena. Eſta Igreja foy deſtruida por hum pirata de Maluco: E o Padre Vigario geral a mandou reedificar, e a encomendou ao Padre Frey Balthaſar de Torres natural de Cochim: Noſſa Senhora da Boa Viagem na praya de Dondo, que he huma ribeira, que ſahe na Contracoſta da Ilha, e reſponde ao lugar de Quevá, com ſó dous dias de caminho em meyo: Veyo a deſempararſe, porque os Fregueſes viviaõ longe nos lugares mais acomodados a ſua vivenda: E o Vigario, que os doutrinava, naõ ſe atreveo a morar ſó na praya.

A eſtas quinze Igrejas, em que avia mais de treze mil Almas Chriſtáas, juntamos outras tres da Ilha do Ende, de cujos titulos, e fundaçaõ diremos no Capitulo ſeguinte, ficando aqui ſabido, que eſtas ſaõ as dezoito Igrejas, que o Padre Frey Joaõ dos Santos aponta em Solor; inda que naõ dá os nomes de todas.

L. 2. c. 4. da Chriſtandade Oriental.

CAPITULO XV.

Fundaõ os Padres tres Igrejas na Ilha do Ende, e levantaõ nella pera ſegurança da terra outra Fortaleza: Daſe conta dos modos, que tinhaõ no enſino do Povo: Dos grandes trabalhos que paſſavaõ: E como muitos foraõ mortos por Infieis.

A Ilha do Ende he couſa taõ piquena, que naõ tem mais, que duas legoas em roda; taõ eſteril, que naõ produz nenhum genero de frutos dos que daõ as Ilhas vizinhas, e até d'agoa tem falta; porque tadas as que ha, ſaõ ſalobres: ſó de palmeiras bravas he fertil, que todavia lhe ſaõ de algum proveito. Tudo o mais, de que vivem, lhes vem de carreto da Ilha Grande, a que eſtá encoſtada com grande vizinhança defronte da povoaçaõ de Mari. Eſta pobreza faz os moradores diligentes em grangear a vida por fóra. Saõ mercadores, e habiles, mais politicos, e melhor entendidos, que todo o commum deſtas Ilhas. Aſſi quando os primeiros Padres vieraõ de Solor a prégarlhes, foraõ delles recebidos amoroſa, e corteſmente, e muitos ſe bautiſaraõ. Succedeo andado o tempo aportar na Ilha huma Armada de coſſarios Jaos, que ſaltando em terra aſſolaraõ, e deſtruiraõ o que nella avia, matando, e cativando muita gente. A que deſte trabalho ſe pode ſalvar, como naõ tinha, onde ſe recolher, eſpalhouſe polos lugares vizinhos da Ilha Grande, como Quevâ, e Lena, e outros. Andando aſſi deſterrados por caſas alheas, acu-

acudiolhes a charidade dos Religiosos de Solor. Veyo a elles o Padre Frey Simaõ Pacheco, juntouos, falloulhes, persuadindoos, que se tornassem á sua Ilha. Era a offerta muito agradavel; porque a todos fazia suave força o amor da terra de seu nascimento. Mas considerando, que naõ tinhaõ remedio na Ilha, se os Inimigos, que já sabiaõ os passos, e sua pobreza, tornassem sobre elles, proposeraõ ao Padre, que lhes ordenasse hum Forte, inda que naõ fosse mais que de pedra em sosso, e com hum só homem Portuguez por Capitaõ: E com isso prometiaõ, que naõ sómente tornaraõ todos, mas que nenhum ficaria sem receber o Santo Bautismo. Deuse por sobornado Fr. Simaõ, naõ só obrigado com o que pediraõ, polo que tocava ao ponto da Christandade. Passase logo com elles á Ilha, começa a obra; e ainda que nos principios foy conforme ao que se tinha proposto, depois se animou tanto (sabemos delle, que era homem de grandes Espiritos) que a fez toda de pedra, e cal, e da mesma traça, que a de Solor. E com tanta capacidade, que em huma occasiaõ de perigo podia agasalhar todo o povo. E por naõ faltar em nada, poz nella por Capitaõ Pero de Carvalhaes, homem de valor, e rico, natural da Cidade d'Evora. Bautisaraõse os Endes como tinhaõ prometido: E feita a Fortaleza, repartiraõse em tres povoaçoens, huma, que chamaõ Xaraboro, e outra Currolallas, com sua Igreja em cada huma. Xaraboro do nome de Santa Maria Magdalena: Currolallas de Santa Catharina de Sena. A terceira povoaçaõ he, a que chamaõ dos Numbas, onde está situada a Fortaleza, com sua Igreja da invocaçaõ de nosso Padre S. Domingos dentro dos muros della: E ficou na Ilha o Padre Frey Simaõ por Vigario, com outros dous Padres. O numero dos novamente bautisados se achava ser com os Christaõs mais antigos de sete pera oito mil Almas. Per maneira, que toda a Ilha era de Christãos, e gente boa, e fiel; sem embargo, que tambem ouve nelles algumas alteraçoens, como nos mais membros desta Christandade.

As cousas até aqui escritas desta Christandade de Solor, e algumas, que mais diremos, saõ colhidas de huns quadernos, que á nossa instancia vieraõ da India nas naos, que o anno passado de 1626. partiraõ della: E no presente de 1627. se perderaõ sobre a Costa de Galiza, e Biscaya, perda por muitas rezoens digna de lagrimas. Foy Escritor delles o Padre Frey Antonio da Visitaçaõ, de quem escrevemos atraz no Capitulo 11. Estava o Original no nosso Convento de Goa. Vindo em naos taõ mal afortunadas, foraõ inviados a Lisbôa antes da perdiçaõ. Caso, que na verdade naõ parece de todo falto de misterio. Conta este Padre, que a ordem, que avia em doutrinar as Aldeas, era fazer acudir todos os dias manhãa, e tarde todos os mininos á Igreja, e as mininas só pola manhãa: E porque os homens, e molheres de idade crescida podessem tambem aprender, corriaõ alguns moços mais espertos as ruas todas entoando em altas vozes as Oraçoens,

çoens, e misterios Santos: A que acudiaõ as molheres ao pé de suas escadas, e os homens ás suas portas, ajudando, e repetindo todos o que se dizia. Per maneira que era cousa de grande gloria de Deos, e gosto Espiritual dos Religiosos, ver retumbar aquelles montes, e valles com os eccos da Santa Doutrina, por boca de gente, que poucos annos antes servia ao Inferno na impiedade Mahometica, ou Gentilica, e alegandose parecialhes, que eraõ como profecia de taes maravilhas os versos do Poeta.

Ipsi lætitia voces ad sydera jactant
Intonsi montes: ipsæ jam carmina rupes,
Ipsa sonant arbusta: Deus, Deus ille, Menalca. Vig. Ecl. 5.

Em Solor como em cabeça de Provincia ordenaraõ os Padres outro grande remedio pera estado, e dilataçaõ da Fé, ensinando já polo Santo Concilio Tridentino: Foraõ escolhendo mininos de melhor geito, e habilidade: Vestiraõnos em Opas brancas: Fizeraõ delles Seminario, que em poucos annos chegaraõ a numero de sincoenta. Mas todos estes bons effeitos eraõ grandemente custosos aos nossos Padres; já na vida, porque muitos acabaraõ com crueis, e espantosas mortes, a mãos dos inimigos da Fé: Outros com doenças pestilenciaes, quaes saõ as daquelle clima, sempre abrasado do Sol da Torrida Zona. Já no descanço, e quietaçaõ, sendo necessario, andarem em movimento continuo; hora passando de humas Ilhas pera as outras, por acudir ás ovelhas de Christo; hora trabalhando em aprender as lingoas, pera serem entendidos: E sobre tudo padecendo muitas vezes gravissimas fomes, e faltas de tudo; humas vezes, porque as terras de sy eraõ taõ pobres, que chegavaõ a naõ ter, com que sustentar a vida, mais que hum pouco de Arroz, e este cozido sem Sal: Outras, porque os salarios, que elRey, como Santo, e piedoso lhes mandava dar, que eraõ a cento, e vinte Cruzados por anno a cada Vigario, como se pagavaõ na Alfandega de Malaca, avia tantos descontos, e inconvenientes na arrecadaçaõ da parte dos ministros, a quem tocava o pagar, que raramente chegavaõ a tempo, e com commodidade: E em fim sempre vinhaõ depois de grandes fomes, e trabalhos passados. E digo, que sempre vinhaõ. Porque conta o Padre Frey Antonio da Visitaçaõ nos quadernos, que atraz allegamos, e o dá por quasi milagre, que perdendose cadadia navios por aquelles mares, se tinha observado, que nunqua se perdera nenhum dos que levavaõ as ordinarias dos Religiosos desta Christandade (grande sinal de quaõ justo, e santo era o emprego delles) e tambem conta, que sendo tantos os perigos, corriaõ com tudo tanto numero de jornaleiros, filhos de S. Domingos, a tomar parte nelles, que até o anno de 1606. eraõ entrados em Solor sessenta, e quatro 1606.

Religiosos, e que chegaraõ a residir por junto dezoito, e algumas vezes vinte.

Mas vindo a particularizar, e pôr em memoria, como he rezaõ, o que assima dissemos em geral; dos que padeceraõ, e deraõ o sangue pola verdade da doutrina, que prégavaõ, he de saber, que se conta por primeiro em tempo, e na crueza da morte, o Padre Frey Antonio Pestana, cuja vida deixamos atraz contada entre os filhos do nosso Convento de Goa: E o fim ditoso guardamos pera aqui, onde direitamente pertence. Tinha a cargo huma Vigairaria em huma destas Ilhas, governavaa com aquella charidade, cuidado, e inteireza, que mais andizia com o que de sua vida temos escrito. Quiz Deos pagarlhe com huma merce, que só faz aos que muito ama, e que saõ pera muito: Permittio, que saltassem na Ilha (naõ ficou em memoria, como de cousa antiga, o nome della, nem da povoaçaõ) huma companhia de Mouros da Jaoa, sempre sequiosos do sangue Christaõ: matando muitos, levaõ comsigo arrasto o que sabiaõ ser só Mestre de todos. E como só contra elle era a ira, e indignaçaõ maior, naõ ficou nenhum, que naõ desafogasse a sua em o maltratar primeiro com palavras enormes, e feas, logo com repelloens, bofetadas, e couces. Chegados á praya, onde tinhaõ as embarcaçoens, alli por passatempo lhe estiveraõ trancando pés, e mãos com rachas de canas agudas, que lhe cravavaõ por entre as unhas de cada dedo. Acerbissimo tormento, mas levado com invencivel paciencia, e constancia, e dando graças ao Senhor, por lhe dar huma morte em cada dedo, e membro: Como seu P. S. Domingos dezejava, segundo o disse aos Herejes Albigenses, quando lhe perguntavaõ: Que avia de fazer, se lhe cahira nas mãos? E he bem de crer, que esta lembrança devia consolar muito a Frey Antonio em tal passo.

Foy segundo em se laurear com seu sangue em serviço desta Christandade, o Padre Frey Simaõ das Montanhas. Achouse em hum recontro, que os seus freguezes tiveraõ com os Mouros da Fortaleza do torraõ na Ilha de Lamalla, como o refere o Padre Frey Antonio da Visitaçaõ nos seus quadernos. Andava com huma Cruz na maõ animando os companheiros á imitaçaõ de N. P. S. Domingos, juntaraõse sobre elle só todas as lanças dos Infieis, cahio gloriosamente atravessado, e morto dellas.

Quasi no mesmo tempo foy morto o Padre Frey Francisco Calassa filho da India, e pessoa de muito Espirito. Governando a Igreja de S. Lourenço em Lavunama, acabou com sua prégaçaõ, que recebessem o Santo Bautismo todos os moradores juntos da povoaçaõ de Tropobelle, posta meya legoa da sua Igreja. Quiz depois, que se passassem pera junto della pera os doutrinar com mais commodidade sua, e delles. Mas isto, que o bom Padre lhes fazia por mimo, tomou Lucifer por meyo de os fazer retroceder na Fé. Encheuos primeiro de descontentamento da mudança: Depois abrazaos com raiva contra o Pastor o dia, que se aviaõ de mu-

dar, que era hum Domingo: Foy o Vigario pera os acompanhar, e em lugar de os achar juntos, naõ achou o Meyrinho de Lavunama, que foy diante em toda a Aldea, mais que huma velha, que chamada por elle, pera hir dar rezaõ ao Vigario de tal novidade, levantou gritos, a que acudiraõ os moradores, que andavaõ por fora, como a rebate, do que tinhaõ assentado: E logo daõ sobre o Meyrinho, e fazemno em postas. A primeira maldade aconselhou a segunda, fazem o mesmo ao Vigario, e a hum moço seu. Contase, que tres dias antes de sua morte vinhaõ misturadas com sangue as ondas, que quebravaõ nas prayas de Solor. Admirou o prodigio, até que os Portuguezes, vingada a morte com destruiçaõ dos Apostatas, trouxeraõ o corpo do Padre pera a Fortaleza.

Por varios casos padeceraõ cruas mortes outros quatro Padres depois de muitos annos de serviço desta Vinha do Senhor. Frey Alvaro, que sendo Vigario de Pagá, foy morto por Mouros na Ilha do Ende. Frey Paulo de Mesquita, a quem navegando de Solor pera Malaca colheraõ cossarios Olandezes, e dando a vida a todos os companheiros, que eraõ seculares, a elle só a tiraraõ em odio da Religiaõ. Aos Padres Frey Gaspar de Sá, e Frey Manoel de Lambuaõ, vindo de Solor, aconteceo darem á costa na Ilha de Samatra, onde cahiraõ em maõ dos Mouros do Achem, que saõ os mais crueis inimigos, que naquellas partes tem os Portuguezes: E por elles foraõ logo alanceados, e dados por mantimento aos peixes.

Naõ merecem ficar fora desta conta os Padres Frey Diogo do Rosario, e Frey Andre, que por vindo de pouco tempo da Provincia, era chamado o Reynol: E era Irmaõ do Padre Fr. Sebastiaõ da Vitoria. Navegavaõ em huma galeota pera Solor: Entraraõ no porto de Correa, foraõ acometidos á treiçaõ com mostras de paz. Naõ ficou homem com vida. Mas logo veremos outros casos de levantamentos, treiçoens, e mortes, que naõ espantaraõ menos, com que os pobres Prégadores foraõ perseguidos dentro de Casa, e polos prorios doutrinados, e freguezes, a quem serviaõ.

CAPITULO XVI.

Das alteraçoens, que succederaõ no Espiritual, e temporal destas Ilhas, e como passou o primeiro levantamento, que ouve na de Solor.

NAõ se deve ninguem espantar de ver grandes mudanças na terra. Porque como o Ceo, de cujas influencias ella se sustenta, corre sem cessar em continuas voltas: Assi he força, que vá este mundo inferior experimentando novidades, e movimentos em tudo. Crescia a Igreja de Solor com notavel adiantamento, sem embargo dos contrastes, que temos referido, quando Deos foy servido, que se levantasse contra ella huma perseguiçaõ tal, que esteve a ponto de se perder de todo. Ha nesta Ilha duas castas de gente, que toda a tem entre sy dividida. Huma tem nome de Damonaras, outra de Paginaras: E dizem, que procedem de dous

Irmãos, hum chamado Damon, o outro Pagim; que sendo inimigos em quanto viveraõ, deixaraõ seu odio como por herança aos descendentes. E estes tiveraõ cuidado de o conservar de maneira, que entre elles a mal querença continuava no tempo, que começou a pregaçaõ: e pera que senaõ esquecessem, differençavaõse em algumas ceremonias, e costumes ao modo, que nos contaõ as Historias de Italia, que usavaõ os Guelfos, e Gibellinos. Alem do que eraõ os Paginaras inclinados a superstiçoens, e manhas dos Mouros: os Damonaras aos costumes Portuguezes. De sorte, que estes sendo convertidos, eraõ firmes na Fé, e nossos amigos; nos outros sempre se achava leviandade, e muita malicia. Reconheciaõ os Paginaras por Chefe, e Capitaõ, que elles chamaõ Sangagi, a hum descendente por linha direita do primeiro Pagim, que no Bautismo se fez chamar Dom Diogo. Este Sangagi D. Diogo era tambem Sangue de Pate, ou Senhor da principal povoaçaõ de Solor, onde estava a Igreja de S. Joaõ Bautista. Porem era tal sua vida, que tendo nome de Senhor, e Christaõ, tinha Alma, e procedimentos de Mouro: Polos quaes o Capitaõ da Fortaleza Antonio d'Andria o teve preso apertadamente perto de hum anno: Mas devendo sahir emendado, refinouse nelle com o castigo a peçonha da maldade, e passou a hum odio, e dezejo de se vingar diabolico, e taõ dissimulado, e secreto (era o homem por extremo sagaz) que nunqua se lhe entendeo, senaõ depois que brotou por obras. Avia no mesmo tempo na mesma Ilha dous Irmãos homens de conta, e nome, hum se chamava Dom Joaõ, que era sangue de Pate do lugar da Lamaqueira, outro Dom Gonsalo: Com estes se abrio Dom Diogo, porque o Dom Gonsalo tinha queixa publica do Capitaõ da Fortaleza, por certo castigo pesado, que lhe dera em huma occasiaõ de guerra. Assi se deixaraõ facilmente persuadir da lingoagem, e entranhas danadas de Dom Diogo. Dizialhes depois de muitas razoens: Deixo já Senhores a barbara crueza, com que este Tyrano me teve dez mezes sepultado em huma cova daquella Fortaleza, e com taõ pouca justiça, que em fim me soltou sem sentença; porque naõ achou culpas, em que a fundar. Deixo a brutalidade fera, com que por huma leve culpa vos abrio as costas Senhor Dom Gonsalo de hombro a hombro, esgremindo a duas mãos aquella sua espada longa de traidor, sem respeito do lugar, que vosso Irmaõ, e eu temos nestas Ilhas: Como avemos de sofrer a soberba, com que os ladroens, que alli tem encastellados, trataõ este pobre povo? Já lhe tomaõ por força o que levaõ ao Basar, que elles dizem que he livre: Se se defendem, tem mãos, e páos até contra as molheres: Se se queixaõ, he a dor dobrada; porque se perde o tempo, cresce a ira, e maldade nos accusados, e o Juiz naõ remedea. Mas como ha de remediar, quem he maior ladraõ, o que fazem os companheiros? Quem vio nunqua lobo matar outro lobo? Se neste ouvera algum genero de virtude, impossivel fora,

ra, naõ aver moderaçaõ nos seus. Obriga muito aos membros o bom termo, de quem he cabeça. Mas este Andria he tal, que em lugar de os refrear, faz maiores excessos que os mesmos. Póde ser mór tyrania, que trazendo suas embarcaçoens marcadas com os nossos pobres subditos, com que ganha muita fazenda pera sy, naõ tenha no cabo da semana hum real, que lhes dar por seu trabalho, pera levarem pera casa? Mas isto he nada á comparaçaõ das exorbitancias, com que trata, os que faz servir no Forte, que fabrica na ponta de Servite, mais pera seu interesse, que pera nosso bem: E naõ basta, trabalharem sem jornal, mas tambem sem comer; porque nem hum punhado de Arroz, nem quatro feijoens lhe dá. Se isto naõ levaõ de suas casas, he força, jejuarem os dias inteiros. E o que he peor, que pera que estejaõ fartos quatro soldados ociosos, que na obra tem por sobrestantes; obriga os pescadores do meu lugar, a andarem em seu serviço com duas barcas continuas, e revezandose cada semana. Quando assi procede o Capitaõ, que emenda esperais, nos que o acompanhaõ? Confessovos, Senhores, que vivo com tanta dór destas semrezoens, e das lagrimas, e pobrezas, que ellas causaõ em nossos naturaes, que me parece pouco beberlhe o sangue a elle, e a todos os seus; e até aos Prégadores: E pareceme, que naõ tendes vós menos rezaõ pera o mesmo. Ley nos trouxeraõ santa, e perfeita, muito lhes deveramos a estes Padres, se assi como a Ley he boa, e como querem, que nós a guardemos, assi a fizeraõ guardar ao Capitaõ, e mais Portuguezes. Mas que nós sejamos Santos, e os Portuguezes desbragados ladroens? Nós cativos, elles absolutos Senhores? Naõ ha nenhuma boa ley, que tal desigualdade ensine. Assi naõ he menos o fogo de ira, e payxaõ, que tenho contra aquelles gestos contrafeitos, pescoços torcidos, e olhos humildes, que contra o mesmo Andria: A elles tenho por autores de todos nossos males. Elles nos, fizeraõ deixar a ley de nossos avós em que viviamos com gosto, e liberdade: Elles saõ, os que nos tem a culpa do cativeiro, e miserias, em que estamos. Que ha logo que fazer, senaõ vingarmonos de todos, se somos homens, se sentimos, e se nos sentimos: Os povos arrebentaõ de oprimidos; e apertados, nós, que somos cabeças, estamos afrontados: Seu trabalho nos admoesta, e nossa causa nos obriga. Lancemos logo taõ pesado jugo de nossos hombros, ou acabemos como homens na demanda, e naõ acabaremos, se a Deos praz, que como sempre favorece cousas justas, assi nos offerece de presente huma occasiaõ, qual naõ podiamos dezejar melhor. Daqui a dez dias se juntaõ o Capitaõ, e Padres a festejar o Santo de Lavumana; alli os colheremos juntos, como em rede, e nos pagaráõ em hum dia, injurias de muitos annos. Naõ disse mais D. Diogo, nem foy mais necessario, pera os dous Irmãos lhe darem as mãos, e se conjurarem com elle: Senaõ quanto a Dom Gonsalo, que se presava de valente, e dezejava tomar por sua maõ vingança do Capi-

Capitaõ, se offereceo, pera hir dar sobre elle, e sobre os Padres na hora de maior descuido, que seria quando estivessem jantando, e matallos juntos: E assentaraõ, que logo fosse dando conta da determinaçaõ, e animando os que no lugar estavaõ mais escandalisados, e eraõ homens de mais brio, pera estarem prestes no dia sinalado. E Dom Diogo, tanto que o feito fosse executado em Levumana, acometeria a Fortaleza em Solor, e se faria Senhor della.

Apoz este acordo, começou cada hum com cuidado a fazer gente, e buscar companheiros, e aperceber armas: até que amanhecendo o dia de S. Lourenço, que he Orago de Lavunama em 10. de Agosto de 1598. appareceo o Capitaõ Antonio d'Andria na Igreja com alguns Portuguezes poucos, e quatro Padres, e começaraõ a celebrar sua Festa. A meya Missa entra pola Igreja D. Gonsalo cercado de vinte conjurados do seu lugar; mas com tal dissimulaçaõ, que pareceo na vinda mais devoto, que inimigo. Aqui lhe occorreo, que pera executar a seu salvo, o que vinha fazer, lhe convinha, como em terra alhea, tomar licença do Sangue de Pate, e Senhor della, a pena que fazendo o contrario, se levantaria o povo, e o mataria com todos os seus. Era Sangue de Pate hum bom Christaõ chamado Antonio Luis. Foyse a elle Dom Gonsalo, e pediolhe ajuda, ou polo menos licença pera o insulto, que a seu parecer era em beneficio, e honra de todos. Nem huma cousa, nem outra alcançou delle, nem de outro principal, por nome Cosmo Telles, abominando ambos a traiçaõ. Assi fez volta sem fazer nada, e guardou Deos aquelle dia o Capitaõ, e Padres; que sem falta pereciaõ todos, se o Sangue de Pate dera hum só aceno de consentimento.

1598.

No dia seguinte moveo Deos os coraçoens dos dous, que estorvaraõ a maldade, pera a descobrirem aos Padres, que avia no lugar; pedindolhes, que logo avizassem ao Capitaõ, pera que se vigiasse do Dom Gonsalo, e soubesse o perigo, de que escapara. Era hum destes Padres Frey Francisco Thaca natural da Batalha, Vigario entaõ da Lumaqueira, o qual passou logo a Solor, e avisou de tudo a Antonio d'Andria, que devendose velar de todos, os que tinha aggravado, andou taõ inadvertido; que o primeiro, a quem communicou o aviso, foy Dom Diogo, a quem conhecia por inimigo, e maligno: E em fim era cabeça da conjuraçaõ. Grandemente ficou sobresaltado Dom Diogo de ver o trato descuberto, e entendendo, que lhe convinha executallo, antes que o Capitaõ soubesse a parte, que tinha nelle, foy correndo na mesma noite á Lumaqueira, viose com os conjurados, e persuadiolhes, que logo no dia seguinte puzessem por obra em Solor, o que lhes fora tolhido polos cativos Fieis, e covardes de Lavunama. Assentaraõ, hirem com representaçaõ de paz, como outras vezes, e darem por rezaõ do corpo da gente, acudirem a certo concerto, pera que eraõ chamados dos Pamacayos. Mas que em desembarcando fizessem tres esquadras: Huma, que fosse matar Antonio d'Andria, que

entaõ

entaõ tinha sua casa no meyo da povoaçaõ: Outra, que entrasse na Fortaleza com dissimulaçaõ, e se empossasse della: a terceira ficasse nos barcos com as armas de todos; e tanto que ouvissem certo sinal, entrassem polos arrebaldes, onde chamaõ Tanangaraõ, levassem tudo a ferro, e fogo, sem perdoar a viva Alma, fazendo conta, que acudindo os Portuguezes a esta parte, ficariaõ em meyo dos que aviaõ de matar Antonio d'Andria, e dos mais conjurados, que seguiaõ a Dom Diogo, e naõ escaparia homem a vida.

Que fora do mundo, se todos os conselhos de guerra tivessem no campo o successo, que os bons discursos pintaõ em casa? Tinhaõ por certo, os que hiaõ contra o Capitaõ, que o achariaõ na sua salla, deitado em hum esquife, como costumava. Foy Deos servido, que estava recolhido: E isso lhe deu a vida. Porque vendo elles, que naõ sahia, e temendo, que se tardassem, começariaõ os companheiros a dar por Tanagaraõ, voltaraõ pera os barcos a buscar suas armas. Entretanto tinha Dom Gonsalo entrado na Fortaleza com toda dissimulaçaõ: Fez Oraçaõ na Igreja, fallaraõ com os Padres, que acharaõ nella elle, e os seus, e puzeraõse a passear na praça darmas, esperando o sinal concertado. Mas eisque a poucos passos começa a soar da parte de Tanagaraõ huma alarida, que afundia a terra: Vozes confusas de acometedores, e acommetidos: Mata, mata, treiçaõ, treiçaõ, fogo, fogo. Ao primeiro grito manda Dom Gonsalo cerrar a porta da Fortaleza, e que senaõ perdoasse a ninguem a vida. Foy primeiro morto á porta da sua cella o Irmaõ Frey Belchior Porteiro do pobre Conventinho. Foraõ buscados os Padres; mas tinhaõse sahido antes. Deraõ logo traz os seculares: naõ ficou homem com vida, salvo os que o medo da morte fez saltar os muros. Crescia a grita, e confusaõ. Juntaraõse os Portuguezes, e com elles os homens de melhor tençaõ da terra: E em lugar de acudirem aonde os chamava o dano, e o perigo de seus vizinhos, quizeraõ soccorrer primeiro a Fortaleza falta de defensores; mas achandoa já fechada, e cheya de inimigos, que dos muros lhes atiravaõ pedras, e azagayas, foraõse em demanda do Capitaõ: E nisto esteve a salvaçaõ de todos. Porque se acertavaõ de hir contra o arrabalde, como eraõ poucos, e lhes vinha Dom Diogo nas costas, tomados em meyo naõ escapava homem. Arrebentava o Capitaõ de dor, e raiva de ver a terra ardendo, e a Fortaleza tomada: Rayva que mais justamente pudera ter contra seu descuido, e culpa de viver fora da praça, que tinha em Homenagem. Quizera arremeter contra Tanagaraõ, e dar Santiago nos Indios; mas foy advertido de hum dos Padres, que se tinhaõ sahido, quando Dom Gonsalo entrou, que guardasse a colera pera melhor conjunçaõ, e tratasse de cobrar a Fortaleza por huma portinha falsa, que avia annos se fizera pera certo effeito, e depois se tapara, e agora estava aberta avia dous mezes. Chamavase este Padre Frey Diogo d'Assumpçaõ, pessoa de grande nome nesta Christandade.

Era

Era a porta taõ piquena, e em lugar taõ eſcuſo, que nem os inimigos ſabiaõ della, nem muitos dos noſſos. Lançouſe a ella Antonio d'Andria como hum rayo com hum montante nas mãos, e entrando levantou a voz como hum trovaõ, dizendo, Santiago mata treidores. Era eſte homem taõ valente, e taõ temido, como deſcuidado: Fez a voz effeito de muitos ſoldados. De ſorte, que naõ teve lugar de fazer emprego do ſeu montante, que jugava com muita deſtreza, e força. Tal foy o medo, que cahio nos inimigos, que naõ ouve nenhum, que lhe tiveſſe o roſto direito: E tal a confuſaõ, que nem a porta puderaõ abrir, nem a ſouberaõ abrir, pera fugirem. Saltaraõ dos muros abaixo. Mas já neſte tempo ardia a povoaçaõ toda ſem remedio. Ajudou o mal huma extraordinaria tormenta de vento, que eſte dia correo, e ſerem as caſas todas cubertas de Ola, que he folha ſeca de palmas; e toma o fogo como palha. Arderaõ as Igrejas, e naõ valeraõ os muros á Fortaleza, pera deixar de ficar abraſado tudo, o que nella ſe cobria com Ola, aſſi nos baluartes, como na Igreja, e Conventos, e ficaraõ por tudo rios de ſangue, correndo entre braſas, e tiçoens, e nuvens de fumaça, que cobriaõ o Ceo.

CAPITULO XVII.

Do que mais fizeraõ os levantados depois da perda de Solor: Da crueldade, com que martyrizaraõ dous mininos do Seminario, porque naõ quizeraõ renegar, e mataraõ outros muitos Chriſtãos: e como em fim foraõ deſtruidos, e aſſolados.

BEm ſe diz, que quando o Diabo torna a huma Alma, de que em algum tempo foy Senhor, e depois andou auzente, traz comſigo ſete Eſpiritos peores, pera que a maldade preſente vença com grande exceſſo a antiga. Aſſi vemos, que naõ ha gente mais preverſa, que os miſeraveis, que da Fé huma vez recebida ſe tornaõ á cegueira da infidelidade. Erraõ por entendimento: ficaõ cegos de vontade. Naõ ſe podem crer, nem referir ſem grande dór as irreverencias, que eſtes arrenegados cometeraõ contra as Igrejas, e Imagens Santas, e o deſaforo, com que profanaraõ os Calices, e ornamentos ſagrados. Affirmaſe, que tiraraõ ſetas contra a Imagem da Virgem Noſſa Senhora pintada na bandeira da Miſericordia: Beberaõ polos Calices: Raſgaraõ os Manipulos pera toucarem as cabeças a uſo dos Mouros Malayos. Mas tambem he rezaõ confeſſarmos que, ainda que a ira, e queixas eraõ de todos, naõ foraõ todos apoſtatas. Antes a maior parte do povo perſeverou na Fé com tanta conſtancia, que do meyo do fogo, e mortes, huns fogiaõ pera os Portuguezes, outros naõ ſe dando em nenhuma parte por ſeguros, ſe foraõ embrenhar

nhar no mato, donde depois se vieraõ recolhendo pera a Fortaleza. E alguns ouve, que nos deixaraõ exemplos de valor, dignos de se compararem com muitos da Primitiva Igreja, que por isso contaremos. Seja o primeiro de hum velho de sessenta annos, vizinho do lugar de Solor. Este, quando chegou a saber, que Dom Diogo fora autor do levantamento, foyse a elle com a confiança dos annos, e disselhe livremente, quaõ erradamente procedera em fazer mal a tantos innocentes pola culpa, que só o Capitaõ lhe tinha. Sofreo mal Dom Diogo a reprehensaõ; e continuando no animo, e obras de treidor, fezlhe dar peçonha. Lavrou o mal depressa no corpo velho, entrou em morrer. Acudiraõ Mouros a persuadillo, que renegasse. Sobreveo Dom Diogo com outros apostatas de Solor, fazendose Caciz, e offerecendolhe salvaçaõ na seyta de Mafamede: naõ ouve cousa, que o dobrasse. Ha muitos annos, dizia, que vivo, e muitos que professo a Ley Santa de Christo: nella espero salvarme, nella quero morrer: E assi acabou. Chamavase Cosmo Romeiro. A outros de seus companheiros mandou tambem matar Dom Diogo; porque ainda que foraõ consentidores no levantamento, começou a temerse delles; porque lhe naõ via o animo taõ inimigo da Fé, como era o seu. Mas em dous mininos resplandeceo com gloria a verdade Christãa. Eraõ criados no Seminario, de quatorze pera quinze annos cada hum, e naturaes de Solor. Andavaõ pescando em hum barco, quando foy o levantamento. Deraõ nelles os Mouros de Lamalla, prendemnos, e levamnos a Dom Diogo. Eraõ de sua jurisdiçaõ, e seus conhecidos, pertendeo com mimos, e brandura, que renegassem: Vendo, que se naõ persuadiaõ, deixouos aos Mouros. Estes passaraõ com elles a ferros, e ameaças. Porem os innocentes respondiaõ com grande animo, que por muitos males, que lhes fizessem, naõ aviaõ de deixar a Fé de Christo, em que os tinhaõ criado os seus Mestres, e Padres do Seminario. Começaraõ os Infieis a pôrlhes o ferro. E vendo, que cresciaõ em constancia, arrancaraõlhes os olhos, e depois as lingoas, cortaraõlhe os braços: E assi a pedaços os foraõ trinchando pera a mesa do Bom Jesus. Até que lhe renderaõ as Almas. Queixome dos Padres daquelle tempo, que sendo o martyrio publico, e certissimo destes mininos, naõ nos deixaraõ os nomes delles, como do velho, que atraz contamos, e de outro, que agora diremos. Vivia entre os Lamaqueiras hum Canarim de Goa, chamado Lourenço Gonsalves: fora hum tempo seu Meirinho da Igreja, e avido por bom Christaõ. Quizeraõse vingar delle com novo genero de morte. Levaõno a huma Ilha de Mouros, comedores de carne humana (chamaõlhe Gallia) damlho a bom barato. Quizeraõ os barbaros atormentallo primeiro em odio da Fé, foraõno talhando vivo, e fazendo espetadas pera assar; o que ficou depois de morto comeraõ cozido com figos, como costumaõ.

Triumfavaõ os apostatas, fartos de sangue, e ricos dos despojos dos pobres Solores: E com tudo naõ deixavaõ de os perseguir,

guir, correndo a terra, e tendo em cerco a Fortaleza, onde sobre outros males se padecia tanto trabalho de fomes, por se aver queimado todo o mantimento, que avia, que morreo della muita gente, e fora maior o mal, se lhe naõ acudira o Padre Frey Simaõ Pacheco, Vigario que entam era do Ende com muita copia de Arroz. E naõ era só a guerra, que faziaõ, por terra: armaraõ barcos, foraõse a Timor, onde sabiaõ, que avia algumas embarcaçoens de Portuguezes tratantes do Sandalo. Acometeraõ duas animosamente, e sendo rebatidos, passaraõ a outro porto, tomaraõ huma, em que acharaõ descuido, mataraõ, quantos avia, á falsa fé, roubaraõ as fazendas, e queimaraõ o navio. O mesmo fizeraõ a outros dous carregados de Sandalo, usando de manha. Passavaõ pera Solor segundo o costume: foraõse a elles os renegados, affirmaraõlhes, que estava a terra de cerco por piratas de Maluco: Se quizessem aportar alli aquella noite, na manhãa seguinte lhes dariaõ guarda com seus barcos, pera passarem seguramente. Fiaraõse do dito os pobres mercadores. Surgiraõ no porto, desembarcaraõ em terra: na melhor hora do sono foraõ todos mortos, os navios tomados, e roubados de quanto traziaõ. Mas naõ parou aqui a maldade. No mesmo tempo andavaõ outros polas Vigairarias da Ilha Grande, solicitando os amigos, e conhecidos a que se rebellassem: fazia medo, e obrigava muito o fogo de Solor visto de longe. Aballavaõse muitos em particular; e rebellouse o lugar inteiro de Bayballo, e queimou a Igreja. O que visto polo Vigario della, e por outros dous Padres das Freguesias de Larantuca, e Lavunama, tratou cada hum de se desviar da perseguiçaõ, pondo terra em meyo. Lançaraõse ao mato, caminharaõ trinta legoas a pé até hum porto, donde dous se embarcaraõ pera Solor, e chegaraõ a salvamento. Naõ aconteceo assi ao Padre Frey Joaõ Travassos, Vigario de Bayballo, que foy morto na Ilha de Lucuraya junto a Solor, em companhia de hum homem malquisto nella. Dizem, que quizeraõ os moradores congraçarse cos levantados, na morte do Padre, e valendose com os nossos de desculpa fingida, de o naõ conhecerem, por hir em trajos seculares; e na morte do companheiro vingar odio geral, que lhe tinhaõ por algumas desordens, cometidas por elle na terra em tempos atraz.

Tardava a Justiça Divina em castigar estes rebeldes, pera lhes carregar mais a maõ a seu tempo. Tardava sua misericordia em livrar os Fieis dos trabalhos da guerra, e sobresalto continuo, em que viviaõ, pera merecerem o remedio com Oraçoens, e emenda de costumes: Que isto he o que de nós quer, quando manda afflicçoens. E com tudo aos seus hia já consolando com alguns sinaes de naõ estar esquecido delles: E assombrando os apostatas com mostras claras de que tinhaõ perto, e já sobre as cabeças o açoute merecido; foy cousa certa, que morreraõ juntos, e em hum mesmo dia dous homens, que com Espirito Diabolico lançaraõ peçonha nos poços, de que bebia

a Fortaleza: E naõ só acabaraõ elles, mas tambem suas molheres, e filhos com elles. Na gente de Lamaqueira entrou huma doença, nunqua dantes vista, nem ouvida, que matava muitos, principalmente mininos. Davalhes huma dór taõ intença, que nenhum passava do terceiro dia, e alguns acabavaõ no mesmo, em que lhe dava. E já era pratica commua, e até dos Mouros, ser pena das crueldades, que tinhaõ cometido contra seus vizinhos, e amigos, que lhe naõ tinhaõ culpa. Mas naõ espanta menos o que se contava de huma arvore, que na porta da Igreja fazia sombra aos que vinhaõ a ella. Quer fosse verdade, quer representaçaõ, que assombrava as consciencias culpadas: Ouviaõse de noite humas vezes soar nella vozes medonhas, e sentidas, que muito atemorizavaõ: Outras, viase a mesma arvore nas portas dos enfermos, e era sinal de morte certas. Assi andavaõ ameaçados, e medrosos; mas nada arrependidos. Aos Christãos consolou o Senhor com dous casos, que bem mostravaõ naõ os ter desemparados. Estava arvorada na entrada da Lamaqueira huma Cruz fermosa de páo, que os moradores, com serem renegados, naõ tiveraõ ouzadia pera a violar. Vieraõ Mouros, deraõ com ella em terra, fazendo conta de se servirem da madeira pera cozerem o seu Arroz. Mas tal foy o respeito, que o fogo lhe teve, que por muitas diligencias, que fizeraõ, nunqua pegou nella. E hum, que lhe poz hum machado pera a fender, se soube, que no mesmo dia pagara com a vida o atrevimento. Julgavaõ daqui os affligidos, que lhes queria Deos perdoar, como mandara ao elemento perdoar ao madeiro seco. O mesmo pronostico fizeraõ de outro successo quasi semelhante, que passou assi. Na Igreja de Bayballo, depois que os Mouros, e apostatas violaraõ, e descompuzeraõ quanto avia, quizeraõ fazer o mesmo á Pedra de Ara. Naõ ficou nenhum, que deixasse de provar suas forças pola quebrar; e nenhuma bastou pera lhe tirar nem huma piquena lasca, sendo lançada no fogo, e combatida com violencia de seyxos antes, e depois. Deixada por invencivel, reconheceo o milagre huma D. Thereza, velha honrada; levoua pera casa: E avendoa della outro bom Christaõ, por nome D. Jorge Basa, lhe tem tanto respeito, que se foy com ella a hum monte seu, nelle fez huma choupana, e dentro hum modo d'Altar, em que a teve, até que cessou a perseguiçaõ: E os Christãos de Larantucca a pediraõ, e levaraõ pera a sua Igreja. Duraraõ os trabalhos de Solor até a entrada do mez de Março do anno seguinte de 1599. Vieraõ navios de Malaca, juntouse a gente delles com a da Fortaleza, deraõ sobre a Lamaqueira em vinte quatro do mez. Acometido o lugar por mar, e terra, foy entrado com pouca resistencia, e naõ ficou cousa viva, e saqueouse o lugar, de quanto avia: Depois foy assolado como terra de treidores, que merecia ser semeada de Sal. E porque se veja o poder, que já tinha, he de saber, que vieraõ delle pera Solor noventa, e tantas embarcaçoens entre gran-

des, e piquenas. E tal foy o fim deste alevantamento.

CAPITULO XVIII.

De hum principio de levantamento, que ouve na Ilha do Ende, e da guerra, que elRey do Macassá moveo a todas as terras da Christandade de Solor; e do fim, que teve com a morte do Padre Frey Jeronymo Mascarenhas.

SEndo Vigario da Christandade o Padre Frey Paulo de Mesquita, e juntamente Visitador por commissaõ do Senhor Bispo de Malaca, visitava a Ilha do Ende. Neste tempo succedeo hum terrivel movimento de guerra entre os Numbas, e os moradores da Serra, em que ouve incendios, e muitas mortes: Ouvera de ser muy custoso aos nossos Padres, a quem já huns, e outros ameaçavaõ, se naõ chegara a Solor o Padre Frey Simaõ Pacheco, que como era muy conhecido dos Endes, polo tempo, que os governara, escreveo aos Atalaques; e dissimulando suas culpas, reduzio tudo a boa paz.

1602. Mas logo no anno seguinte, que foy o de 1602. veyo sobre esta Christandade outra perseguiçaõ geral, que lhe deu muito trabalho, e passou desta maneira. Mari he hum bom lugar da Ilha Grande junto de Queva, que fica defronte do Ende. Era morador nelle hum Amequira, homem inquieto, e ambicioso, e se lhe meteo em cabeça poder se Senhor do Ende, e Solor, e de toda sua Christandade. Foy a traça, que logo executou, hirse ao Rey do Macassá Mouro, e Senhor de huma grande Ilha deste nome (dista de Solor oitenta legoas) propozlhe fazello Rey de toda esta Costa; e se o fazia seu Viso-Rey della depois de conquistada, lhe daria em cada hum anno cem corpos de escravos, e hum grande boyaõ cheyo de ouro. Para a conquista naõ queria mais, que huma moderada Armada; affirmando, e mentindo, que pera tomar a Fortaleza do Ende bastava pouco poder. Porque os moradores eraõ Christãos por força, e naõ podiaõ sofrer o jugo dos Portuguezes: Pera a de Solor usaria de manha, e com capa de amisade se faria Senhor della. Persuadiose o Rey cubiçoso: Deulhe huma Armada de quarenta embarcaçoens, com tres mil, e tantos homens d'armas, de que fez General hum vassallo seu, que, sendo renegado, retinha inda o nome do Bautismo, que recebera. Chamavase Dom Joaõ. Despachados, e feitos á vella, foy primeira determinaçaõ tentar Solor. Chegaraõ, propuseraõ Embayxada de seu Rey aos Portuguezes, affirmando, que a outra cousa naõ vinhaõ, senaõ a fazer, que tivesse fim a guerra, e contendas, que com elles tinhaõ aquellas Ilhas; que por isso mandava tal poder, que nenhuma se atrevesse a resistir á sua vontade. Naõ pareceo aos Portuguezes, que podia caber virtude em gente sempre inimiga; e fazialhes má sospeita tamanho corpo d'Armada. Responderaõ com palavras de cortezia, e agradecimento; mas acautelados em secreto, e confiados em muitos, e bons soldados, que de pouco tempo atraz lhes tinha trazido Deos por caso pouco

esperado. Partira no anno atraz Fernaõ Pereyra de Sande de Malaca em hum bom Galeaõ, pera fazer viagem de Maluco. Foy o Senhor servido, que se viesse a perder na Costa da Iaoa, nos mais sabidos bayxos, que em toda ella ha, que chamaõ da Parsada, junto ao Reyno de Syrubaya; pera que nesta occasiaõ fosse, como foy, o remedio de Solor. Meteose com toda a gente no batel, e com assaz perigo, por ser muita; entrando polo boqueiraõ de Servite, foy aportar em cabo de dez dias a Solor. Viraõ os Macassás mais provimento na terra, do que esperavaõ achar, naõ se atreveraõ com ella: Levaraõ anchoras com a mesma dissimulaçaõ, com que tinhaõ entrado. Atravessaraõ daqui á Ilha Grande, e entraraõ no porto de Sicá. Mandou logo Dom Joaõ dizer aos principaes, que lhe entregassem o Vigario, e mais Portuguezes, e com isso fariaõ seus concertos de paz, e receberiaõ seu tributo. Responderaõ, que pera dar o tributo estavaõ prestes: O mais naõ fariaõ, porque era treiçaõ. Replicou Dom Joaõ, que polo menos os lançassem da terra, e queimassem a Igreja. Estiveraõ os bons homens constantes em naõ fazer vileza. E elle achando, que cumpria fazer medo a todos os mais portos com o castigo deste, em que primeiro começava a descubrir sua tençaõ, saltou em terra com animo de assolar o povo: Mas foy recebido com tanto valor dos nossos Christãos, que lhe mataraõ mais de cem homens; e entre elles huma Pessoa Real, sem perda nenhuma sua, inda que ouve alguns feridos.

De Sicá passou D. Joaõ a Pagá, que he porto vizinho: Como hia descontente, e quebrantado com a morte dos seus, naõ se atreveo mais, que a pedir o tributo, que logo lhe foy dado. E fezse á vella contra o Ende. De caminho tomou o porto de Mari, onde estava o Amiquira, causa, e promotor da jornada. Achavase em Lena, que he perto, o Padre Frey Jeronymo Mascarenhas; como naõ sabia o successo de Sicá, foyse confiadamente á Armada, entrou na embarcaçaõ de Dom Diogo: Disselhe, que os Endes estavaõ prestes pera lhe acudirem com seu tributo; e se quizesse escusar maior viagem, alli lho traziaõ. Quiz Frey Jeronymo com isto entender, que tençaõ trazia Dom Joaõ. Foy a reposta sem rebuço, que elle vinha a castigar os Endes; derribarlhe a Fortaleza; e fazer, que naõ ouvesse entre elles Christandade: E com tudo, que aos Portuguezes naõ queria fazer aggravo, e por tanto se tornasse pera Lena. Naõ tomou Frey Jeronymo conselho: Mas passouse ao Ende, dar a nova aos Padres, e mais moradores da Ilha, que ficando por extremo desconsolados, o fizeraõ tornar a Dom Joaõ, por ver se o podiaõ abrandar, ou ao menos entreter. E entretanto pediraõ soccorro a Solor com lastimosas cartas. Naõ alcançou Frey Jeronymo melhor reposta; antes mais aspera, e descortez. Melhor obra fizeraõ as cartas. Porque no mesmo ponto, que chegaraõ a Solor, se despacharaõ Fernaõ Pereyra, e o Vigario Frey Simaõ Pacheco com hum bom numero de soldados em duas Caracoras:

E

E deraõ tanto animo na terra, que chegando depois onze embarcaçoens do inimigo a ver onde teriaõ comoda desembarcaçaõ, deu sobre ellas Fernaõ Pereyra com as suas Caracoras, e com alguns Piloens dos Endes, e os pos em desbarato, tomandolhe dous Paraos, e outras duas embarcaçoens, de que naõ escapou homem com vida; e fazendo fogir os mais á vella, e remo. Mas foy desgraça do Padre Frey Jeronymo Mascarenhas, que tornando de fallar a Dom Joaõ, encontrou com os que vinhaõ desbaratados, e raivosos, que como gente fraca quizeraõ vingarse da culpa alheya, em quem lhe naõ tinha nenhuma: mataraõno ás lançadas com hum mancebo honrado, que o acompanhava, filho de Manoel Henriques, Cidadaõ de Malaca. Era Frey Jeronymo filho da Congregaçaõ, mas nascido no Reyno.

Segundou Dom Joaõ em provar a maõ contra a Ilha, lançou em terra hum bom corpo de gente: Porem naõ tiveraõ melhor successo. Acudiraõ os Endes em companhia dos Portuguezes, pelejaraõ tam animosamente, que o inimigo tomou por partido retirarse ao mar; mas com tanta desordem, que os mais se embarcaraõ a nado, deixando a terra cuberta de corpos mortos. Passada esta briga, se naõ atreveo Dom Joaõ a fazer mais experiencias. Porque feita conta do que lhe custava a jornada, achou, que lhe faltavaõ oitocentos, e tantos homens. Contentouse com lançar feros contra os nossos, prometendo de tornar dentro em dous mezes com dobradas forças. E feito á vella pera sua terra, desassombrou aquelles mares. Foy elRey mais prudente: vendo sua Armada destroçada, e com tanta perda, naõ sómente naõ mandou outra, mas inviou embayxada de paz a Solor, e com ella alguns navios de Arroz, de que avia assaz necessidade na terra; restituindo juntamente, pera mais dissimulaçaõ de sua perda, e dor, duas espingardas, que os seus acertaraõ de levar.

Seguiose grande bonança de parte de inimigo de fora, e tambem dos de casa, que durou alguns annos: E como a paz em toda a parte he occasiaõ de crescerem as cousas piquenas, florecia a Christandade por todas estas Ilhas em obediencia da Fé, e de seus Vigarios, e tanto concerto das Igrejas, e culto Divino, que affirma o Padre Frey Antonio da Visitaçaõ em seus escritos, que parecia Solor outra Malaca. Hum Templo grande, e fermoso na Fortaleza, com sua alampada de prata, mandada fazer na China, de quinhentos Cruzados, e seus castiçaes altos do mesmo: Os retabolos dourados todos com muita curiosidade de obra da China. E porque sobreveyo hum fogo accidental, que queimou segunda vez todo o tecto, e cuberta da Igreja, se naõ foy a Capella mór, que se livrou, por estar já reparada de pouco, e de telha a uso de Portugal: Foy tanta a industria do Padre Frey Simaõ Pacheco, que dentro de pouco tempo ouve ás mãos hum official de telheiro da China; e naõ só cubrio toda a Igreja, mas tambem os baluartes, e todas as mais casas da Fortaleza. Porem traz esta prosperidade

ridade vieraõ annos, e foraõ muitos, de novos trabalhos, e inimigos mais poderosos, e mais crueis, que de todo a escurecceraõ, e quasi extinguiraõ, e sepultaraõ a Christandade. Em quanto naõ chegaõ, diremos de alguns Religiosos insignes em vida, e costumes, que a pastorearaõ, e nella acabaraõ torrados do Sol, e consumidos de miserias. E se naõ foraõ mortos á espada, como os que temos apontado, e outros, de quem ao diante diremos, póde ser, que seu merecimento, fosse tanto maior, quanto mais custa huma morte lenta, e quebrantaõ afflicçoens prolongadas, que hum golpe de cutello, ou lança, que num abrir, e cerrar de olhos trazpoem huma Alma ditosamente no Paraiso. Será seu o Capitulo seguinte.

CAPITULO XIX.

Dasse conta da virtude, e obras memoraveis de alguns Padres, que viveraõ, e morreraõ de sua morte natural, servindo esta Christandade.

QUe lavrador ha taõ froxo, que respondendolhe com fertilidade o seu pedaço de terra, naõ acuda com muito cuidado a favorecella, e ajudalla com todos os beneficios, que a agricultura ensina pera que lhe venha a encher os celeyros com abundancia. Publicouse pola Congregaçaõ na India, e cá em Portugal na Provincia, quaõ bem succedia o trabalho, que os nossos tomavaõ na sementeira de Solor; quanto fruto rendiaõ pera Deos as fomes, as doenças, os perigos, que passavaõ. Foraõ correndo de toda a parte os Espiritos determinados, e valerosos a juntarse com os bons obreiros. Foraõ muitos, naõ podemos dizer de todos, daremos memoria a alguns, que sem derramar sangue, se sinalaraõ muito neste serviço.

Seja o primeiro na Historia, quem já mostrámos, que o foy em levar a luz do Evangelho a esta cega, e pobre gente. Digo o Padre Frey Antonio da Cruz, cuja vida foy taõ pura, e penitente, seu animo taõ inflamado em zelo da dilataçaõ da Fé, que na memoria dos Religiosos antigos teve sempre nome de Santo: E se contaõ milagres muy patentes, que em vida, e morte fez: E se os deixamos, he, porque os mesmos, que tinhaõ lingoa pera os celebrarem, naõ tiveraõ mãos pera os escreverem, e authenticarem.

Segue a este Padre outro continuo assistente destas Ilhas, e pay verdadeiro dellas. Foy o Padre Frey Simaõ das Chagas, de quem tocámos alguma cousa em outra Parte, e aqui diremos mais: Porque saõ extraordinarias as que se contaõ delle: E todas estaõ verificadas por estromentos publicos de grande numero de testemunhas, que temos em nosso poder, em que interpoz sua authoridade o Ordinario de Malaca; sendo Bispo della Dom Joaõ Ribeyro Gayo. Estava hum dia á porta da Fortaleza de Solor, em tempo, que na terra avia grande falta de tudo, e fazia a necessidade maior esperaremse cada hora inimigos. Poz os olhos no mar contra a parte, por onde trazem sua derrota os navios, que vem de Malaca, e da China. E chamando huns homens da terra, que eraõ presentes,

Na Vida do S. Arcebispo D. Frey Bartholameu l. 1.

ſentes, perguntou: Se enxergavaõ hum vulto de navio, que elle diviſou ao longe? Alegrandoſe todos com a nova, mas dizendo, que nada viaõ, affirmou, que era navio, e que vinha pera o porto. Cerrouſe o dia ſem aparecer nenhum genero de embarcaçaõ: E ficaraõ todos julgando, que ſe enganava Frey Simaõ. Porque era tempo largo, ſegundo o vento, que corria, pera ter vencido a diſtancia, que a melhor viſta podia alcançar, e eſtar já no porto. Naõ ſaõ os Santos amigos de litigar. Mas amanhecendo o dia ſeguinte, provou, que fallara verdade. Porque apontou o navio da meſma parte, que elle diſſera, e alegrou a terra com ſua entrada; e juntamente encheo de eſpanto aos que tinhaõ ouvido o Padre. Porque perguntados os marinheiros, em que paragem vinhaõ na hora, que o dia atraz lhes dera novas de ſua vinda, affirmaraõ, que era tanto avante como o Cabo das Flores, donde avia boas doze legoas, até onde eſtavaõ anchorados: E em meyo ſe atraveſſavaõ humas Ilhas com ſerras taõ altas, que era impoſſivel ſer viſto nenhum genero de embarcaçaõ, por grande que foſſe, em tal lugar com olhos humanos, ſem revelaçaõ Divina.

Naõ foy menos maravilhoſo outro caſo, que teve por teſtemunhas os meſmos Mouros, que o tinhaõ cercado na Fortaleza. Cuidavaõ de a tomar á fome, e porque ſabiaõ a pouca proviſaõ, que dentro avia, tinhaõlhe a porta do mar livre. Chegouſe o bom Padre hum dia á agoa, meteo o bordaõ nella: Eisque o vem demandar hum cardume de peixe, como que lhe queria beijar os pés; manda encher ceſtos, e depois lançar huma copia do muro abaixo ſobre os inimigos; que julgando naõ ſer poſſivel tomarſe por fome praça, que tal provimento tinha, levantaraõ o cerco.

Começouſe hum dia de Feſta a veſtir na Sacriſtia pera dizer Miſſa ao povo; diſſelhe o companheiro, que eſcuſaſſe o trabalho, porque naõ avia em caſa vinho. Reſpondeó, que foſſem vèr as talhas, que inda acharia õ quanto baſtaſſe pera a Miſſa. Repliçou o Sachriſtaõ, que as que avia, eſtavaõ todas emborcadas por vaſias de todo. Todavia hide (tornou o Santo) e naõ duvideis, que vinho ha; e naõ ha de ficar o povo ſem Miſſa. Obrigado da obediencia, mas cheyo de deſconfiança, foy: E chou as talhas direitas, e cheyas de vinho. Eſcrevemos iſto no meſmo dia, em que o Bom Jeſu a rogo da Māy Santa alegrou os convidados da boda em tornar em vinho ſaboroſo a agoa fria. E lembrandome, que diſſe o meſmo Senhor aos Diſcipulos, que ſe tiveſſem fé, fariaõ milagres, aventajados aos ſeus, doulhe infinitas graças; porque eſtou vendo eſta verdade cumprida em Frey Simaõ: que ſe o Senhor converteo a agoa em vinho, Frey Simaõ fez vinho do Ar, ou de nada.

Embarcandoſe pera huma Ilha vizinha, eſcureceo o Ceo, e como ſe o eſtivera eſperando, começou a desfazerſe em agoa. Sentiraõſe os companheiros, temendo molharemſelhe as armas, que aviaõ miſter enxutas, pera em caſo, que encontraſſem inimigos. Hia o Padre encoſtado

na

na popa do barco, e rezando; chamouos, mandoulhes, que se chegassem pera junto delle, e naõ temessem. Viraõ logo, que o resto do barco se allagava com chuva, e outros, que hiaõ na companhia: E só a parte da popa, que elles com suas armas, e o Santo occupavaõ, naõ tocava a agoa; e como se fora emparada de hum seguro toldo, assi hia enxuta. Maravilha foy, que mais de huma vez aconteceo a nosso Santo Patriarcha: Naõ deve espantar renovarse em hum bom filho.

Mas naõ he muito mandar Deos, que os elementos obedecessem ao servo fiel, quando em sua virtude lhe obedecia o Inferno. Maltratava o inimigo, que nelle reyna, huma pobre molher, atormentavaa lastimosamente. Tinhaõse provado muitos remedios contra elle: já com varias, e aprovadas Reliquias, já com exorcismos. Naõ bastava nada. Acode o Santo, lançalhe no pescoço hum Rosario, em que vinha rezando. Temeo Lucifer a Santa Cadea, e quem lha lançava. No mesmo momento foy fogindo, e deixou a pobrezinha livre, e sãa.

Passando por huma rua, sahio a tomarlhe a bençaõ huma moçazinha, cujo pay era hido á China, muito tempo avia, e naõ sabiaõ delle. Reconheceo cuja filha era, deulhe a bençaõ, e disselhe, que seu pay entraria em casa no mesmo dia: E assi foy.

A vista de cousas taõ grandes, naõ ha pera gastar tempo em contar virtudes particulares: De força aviaõ de ser muitas, e grandes, donde taes prodigios sahiaõ. Foy o estromento, que atraz dissemos, tirado entre seculares, que do Santo naõ sabiaõ mais, que as cousas geraes, e publicas: Os Frades, que sabiaõ do interior, e mais secreto, eraõ mortos. Todavia se diz muito de sua caridade com os pobres, de sua compaixaõ com os affligidos, de sua brandura com os enfermos. Affirmaõ, que muitas vezes deixava de comer, e dava a raçaõ. Chorava os trabalhos dos que gerara em Christo, como proprios. Aos enfermos curava, naõ só como Medico, mas como pay, lavandolhes as chagas por sua maõ: E tinha por costume andar taõ vigilante sobre os que empeoravaõ, que nenhum morria sem o ter á cabeceira. A isto juntava ensinarlhes os filhos a ler, e escrever, e as cousas da Fé, com estranha paciencia, e mansidaõ; e com tanta liberalidade pera com todos, que chegava a dar tudo, quanto tinha na cella, e ficar sem mais roupa, que a que trazia vestida. E ha huma testemunha, que depoem, que se lhe azou a morte de ver, que naõ podia, nem tinha, com que remediar todas as pobrezas de seus freguezes. E provase isto bem. Porque em huma auzencia do Vigario geral, ficando elle por Presidente, mandou despender pera provimento dos pobres huma soma grande, e grossa de dinheiro do Convento, que por nenhuma via pertencia ao dono. Dizia com toda confiança, que Deos acudiria a os Frades, como naõ deixassem perecer os seus pobres.

Esta foy a vida de Frey Simaõ. Mas seu fim testemunha melhor della. Assi chamavaõ em Solor por elle depois de morto; assi

assi confiavaõ, que lhes avia de valer em seus trabalhos, como se o tiveraõ presente, vivo, e saõ. Tornava de Timor hum navio, em que vinhaõ muitos de seus freguezes, e conhecidos: Eisque subitamente se embravesse o mar, cresce o vento, soltase em furioso tufaõ. Naõ avia na pobre gente, senaõ desesperar, conhecendo o tempo. A desesperaçaõ lhe trouxe á memoria seu bom Pastor: E fez, que chamassem por elle, lembrandolhes com viva confiança, que prometera em vida áquellas fracas taboas, que a força da tempestade hia já abrindo, e descompondo, que naõ fariaõ seu fim no mar. Fizera o Santo a promessa, sendo chamado pera benzer o navio, e darlhe o nome, que lhe deu, de S. Nicolao. Subitamente appareceo o Santo na popa em forma, e Habito, que de todos foy conhecido; e disse, ao que hia ao leme, que fora seu discipulo, e se chamava Paulo Ribeyro, apertandolhe a maõ, que governasse a outro rumo, e naõ temessem: E logo cessou a tormenta. Quasi o mesmo succedeo a outros em outras embarcaçoens, valendose do Santo. E depois viraõ todos cumprida a profecia do navio S. Nicolao. Porque sendo já bem velho, e varandoo seus donos em terra, pera o concertarem, depois de bem estribado em seus pontoens, cahio delles, e se desfez todo em pó, de pura velhice, e podridaõ.

Mas naõ acudia só o Santo aos que o chamavaõ: tambem acudia aos que o aviaõ mister, sem esperar ser chamado. Avia em Solor hum mancebo, que fora seu discipulo, por nome Antonio Pereyra. Sendo casado, deulhe hum mal de olhos, que lhe tirava o juizo com dores, e lhe hia tolhendo de todo a vista. Cresceo tanto o tormento, e a cegueira, que lhe veyo a cegar o entendimento; e ajudando o Diabo a tentaçaõ, determinou matarse. Recolhendose huma noite no leyto, meteo comsigo huma faca pera usar della, tanto que a casa estivesse quieta, e ninguem o podesse estorvar. Faltava pouco para executar a danada tençaõ, quando lhe fere nos olhos huma luz mayor, que todas as ordinarias do dia, e vê seu Mestre Frey Simaõ, que amorosamente reprehendendoo lhe prometeo saude. E logo ficou sem dór nenhuma. E no dia Santo seguinte se foy á Igreja com huma corda ao pescoço por penitencia, e confessandose, se contou o caso publicamente.

De outros dous Religiosos trata o estromento, hum Sacerdote, e outro Leigo: O Sacerdote Frey Antonio d'Aguiar. Contase delle, que sendo mandado pola obediencia a certo negocio a huma Ilha vizinha, abaixou a cabeça, e foyse embarcar, dizendo, que hia, porque o mandavaõ; mas que bem sabia, que naõ avia de tornar; porque avia de morrer no caminho: E assi lhe aconteceo. Este Religioso tomava cada noite tres disciplinas á imitaçaõ de N. P. S. Domingos, e naõ tinha mais cama, que a terra nua, e hum livro por cabeceira.

Do Leigo naõ sabemos mais nome, que o de Frey Aleixo. Sua provada virtude, e bom juizo, e a falta, que avia de jornalei-

naleiros em seara grande, obrigava aos Prelados, a fiarem delle cathechizar, e bautisar em lugares ao longe, os que se convertiaõ. E estes mesmos testemunharaõ, veremno no tempo, que orava, levantado da terra mais de hum covado. Misericordias do Senhor, pera confirmaçaõ daquelles pobrezinhos, que se sogeitavaõ á doutrina do Evangelho.

Tambem anda nomeado por Santo Agricultor desta Vinha de Solor, assi lá, como em toda a Congregaçaõ, hum Sacerdote, chamado Frey Belchior. Mas naõ chegou a nós mais particularidade de suas cousas, como nem mais nome.

Mas naõ será rezaõ, que fiquem separados destes Religiosos dous Prégadores da Ilha de Timor, hum muy antigo, que por primeiro Apostolo della merece aqui memoria, que he o Padre Frey Antonio Taveira, de quem atraz temos dito, que vindo de lá foy occasiaõ das felicidades de Solor. Outro, o Padre Frey Belchior da Luz, que passando á mesma Ilha, muitos annos depois foy taõ bem recebido do Sangue de Pate do porto de Mena, porto melhor, e de mais comercio, que todos os outros, que nella se sabem, que logo lhe consentio levantar Igreja, e fazer Christandade; E em favor della foy o Senhor servido obrar algumas maravilhas, que os naturaes atribuiaõ ás Oraçoens, e meritos do Padre. Foy a primeira, que perdendose a terra, e sementeiras por seca, lhe pedio o povo junto, que fizesse Oraçaõ pola necessidade. Disse sua Missa, e sahio fora benzendo as terras, e o Ar: E foy o Senhor mandando logo tanta agoa, que igualmente alegrou, e espantou os moradores. Com a mesma bençaõ lhes livrou as hortas de humas lagartas, que lhas comiaõ, e consumiaõ todas sem remedio: E assi chegou a ser, naõ só estimado do povo; mas venerado tambem, e até do senhor da terra, que fazia delle tanto caso, que vendoo hum dia sahir de casa em palanquim, chegou a lhe querer tomar a cana por reverencia. Assi o refere nos seus quadernos o Padre Frey Antonio da Visitaçaõ. E tudo fica crivel, com sabermos, que naõ querendo este barbaro aceitar o Santo Bautismo, por naõ largar o vicio, com que o Diabo os enreda a todos, de muitas molheres, entregou hum filho ao Padre, pera que o levasse a Malaca, e o bautisasse. Naõ se deteve Frey Belchior na Ilha mais de seis mezes, por ser o clima taõ enfermo, que em todo este tempo foraõ muy poucos os dias, que gozou de saude. Levou o moço comsigo, alvoraçouse Malaca pera elle, como pera Princepe. Porque he a cobiça taõ manhosa pera seus fins, que ao Sangue de Pate seu pay tratavaõ os mercadores do Sandalo com nome de Rey. Avia aqui muitos, puzeraõse de festa. Fez a ceremonia do Bautismo o Bispo D. Joaõ Ribeyro Gayo, com assistencia do Capitaõ, e Governador da Fortaleza, e de todos os Nobres da Cidade. Inda que naõ foy de dura esta gloria, polo pouco que depois se soube, que o novo soldado de Christo sustentou a Fé. Danaõ muito exemplos caseiros, e saõ peiores os paternaes.] Tornou ao vomito.

Cap. 13.

CAPITULO XX.

De novos trabalhos, que vieraõ ſobre a Chriſtandade de Solor: E de alguns Religioſos, e outros naturaes, que nelles deraõ animoſamente a vida pola confiſſaõ da Fé.

CReſcia a Santa Religiaõ em Solor com a paz, que gozava de fora, e de caſa, produzindo flores, e frutos de boas obras pera o Ceo, e pera a terra; quando apareceo novidade, que foy cauſa de grande baixa nella. Deuſe paz em Eſpanha aos Eſtados rebeldes d'Olanda, e Zelanda, e foy com taõ pouco conſideradas condiçoens, que ſendo as Indias Oriental, e Occidental o thezouro, nervo, e medulla, que ſuſtenta á Monarchia de Eſpanha, naõ ficaraõ comprehendidas nella, mas antes ſogeitas á guerra, como primeiro. Permaneira, que os meſmos, que como mortaes inimigos a fogo, e ſangue nos guerreavaõ em Goa, e Malaca, vinhaõ eſtar com noſco em braços em Lisboa, e Sevilha, gozando de todas as boas mercadorias de Eſpanha, ſem as quaes naõ podem viver, deixandonos a troco os ſeus eſpelhos, e alfenetes, que bem podiamos eſcuſar. Miſeravel, e enganoſa paz, que a elles fez ricos, e a Portugal, naõ ſó empobreceo, mas aſſollou, pola grande dependencia, que temos do Oriente. Foy o caſo, que como a India naõ ficou cuberta com o eſcudo da paz, e de Portugal naõ acudiraõ ſoccorros, como convinha, de mais Armadas que as ordinarias: Antes ſuccedeo, mandaremlhe Governadores, que nenhuma experiencia tinhaõ de guerra: Démos lugar, e quaſi licença aos rebeldes, pera ſem nenhum riſco, nem receyo encherem aquelles mares de navios, e as terras de gente ſua: E correndo livremente por tudo, carregaraõ mais no mar de Malaca. Porque por elle navega toda a maior riqueza do Oriente. Tanto creſceraõ em poder, dado por nós meſmos, ſem o querermos entender, que chegaraõ a dar batalha a noſſas Armadas, cercar Malaca, e outras Fortalezas, e tomarnos algumas. Que faria a pobre Chriſtandade de Solor em tal conjunçaõ? E baſtavaõ ſó os Mouros, com que eſtá miſturada, e outros das Ilhas vizinhas, pera lhe dar oppreſſaõ. Que faria com inimigos dobrados, e unidos? Deſanimaraõſe os bons, creſceo a maldade nos desleaes, entraraõ na terra Olandezes confederados com os Mouros: Naõ ouve forças nas Fortalezas contra tamanho poder, foraõ ſenhores de tudo. E como traziaõ nos olhos o odio do Santo Evangelho, foy primeiro cuidado lançar da terra todos os Religioſos, que puderaõ aver ás mãos, ſem os matar, ou polos defraudar da honra do Martyrio, ou por naõ eſcandalizar os fregueſes, que queriaõ por amigos. Como a terra ficou ſem Meſtres; porque ſó dous ſe atreveraõ a ficar eſcondidos no mato, e polas cavernas dos montes, por naõ deſempararem de todo ſuas ovelhas: Naõ avia Chriſtaõ, que ouſaſſe alevantar cabeça. Triumphava a infidelidade. Durou eſte deſemparo muitos annos. Até que o Senhor foy ſervido tornar a

pôr os olhos de sua misericordia na pobre Vinha, respeitando o sangue, e virtudes dos que a tinhaõ fundado. Acudiaõ Armadas nossas a Malaca. Juntaraõse os inimigos a resistirlhes. Foraõ amainando sua furia, e forças nos lugares de menos conta pera elles. Assi foy começando a tornar pouco a pouco á luz, e serenidade antiga. Mostranos Deos, que quando se embravece o mar, e cuidamos, que dorme, e que se perde a barca, naõ está descuidado dos seus. Saõ o que á vista parecem desemparos, humas vezes pera prova de nossa Fé: Outras pera nos fazer novas, e mayores merces. Porque, inda que ouve muitos, que se tornaraõ, huns aos Idolos, outros á cegueira de Mafamede, sabemos, que ouve outro grande numero por todas as Ilhas, que constantemente sustentaraõ a Fé, e o nome, e amor de Christo, ainda daquelles, que estavaõ sem Pastor, que eraõ quasi todos. Disto nos deraõ clara, e valente prova na Ilha do Ende tres bons moradores della, com huma morte taõ gloriosa, que merece comparada com muitos martyrios dos que celebra a Igreja Sagrada. Contallahemós brevemente, segundo se authenticou diante do Ordinario de Malaca: Visto serem filhos, e fruto da doutrina de S. Domingos. Apareceo huma manhãa por fim do mez de Junho do anno de 1614. sobre a Ilha, e defronte da povoaçaõ principal, hum pataxo, que surgindo hum pouco afastado, desparou huma peça. O que sendo julgado por final de pedirem pratica, e ser gente de paz, foy a bordo huma embarcaçaõ, das que alli chamaõ Caracoras. Mandaraõ os do Pataxo, que sobissem os principaes: Tanto que os tiveraõ no convez, lançaraõ maõ delles pera os prender. Safouse hum com tempo, vendo a treiçaõ: saltou na Caracora, fez remar pera terra, e pôr a gente em armas; porque reconheceo ser o Pataxo de Olandezes, que vendose descubertos, lhe atiraraõ algumas bombardadas, e muitas mosquetadas. Eraõ estas Ilhas naquelle tempo povoadas a partes de lugares inteiros, huns de Mouros, outros de Christãos, e Gentios misturados: E todos com ordinaria communicaçaõ entre sy, e em pouca distancia de humas povoaçoens a outras. Levantouse o Pataxo, foy lançar ferro na praya de Volumavo, Aldea de Mouros. Aqui se descobriraõ aos presos huns tres Mouros, que de secreto acompanhavaõ os cossarios, e lhes fizeraõ grandes instancias, que renegassem, com promessas de grandes interesses, se o fizessem, e ameaças de mayores males, se resistissem. Acudio Deos aos pobrezinhos com hum Espirito do Ceo, taõ firme, como o dos Moços de Babilonia. Eraõ tres como elles. Responderaõ alegremente huma vez, e muitas, que naõ temiaõ nada, e estavaõ prestes pera dar a vida, e muitas vidas pola Fé de Christo. Fora hum delles criado no Seminario de Solor, sendo minino, e sabia ler, e escrever: Este animava, e dava coraçaõ aos dous, dizendo, que a morte passava num assopro (palavra formal do mesmo) e com ella tinhaõ certo ganhar o Ceo, e gloria pera sempre, como os Padres lhe tinhaõ ensinado.

1614.

do. Tres dias durou a prisaõ, e a tentaçaõ. No cabo delles juntaõse os Mouros, e Framengos, e como lobos carniceiros foraõlhes retalhando com cutilladas pernas, e braços. Algumas testemunhas dizem, que lhes esfolaraõ tambem os rostos, e mãos, e lhes arrancaraõ os olhos, chamando os Bemaventurados sempre o nome Santissimo de Jesu, que os esforçava. Até que por remate, durandolhes ainda a vida, e o bom alento, atados rijamente os polegares de pés, e mãos foraõ lançados ao mar, onde com o nome de Jesu na boca acabaraõ ditosamente. Chamavase hum, Salvador, que era o Collegial, moço de vintoito annos: Outro, Pedro, de quarenta; ambos de sobrenome Carvalhaes; e moradores no lugar dos Numbas, Freguesia de S. Domingos: O outro era Manoel de Lima, da povoaçaõ dos Xaraboros, Freguesia de S. Maria Magdalena. Todos tres casados, e com filhos, e dos mais honrados dos seus lugares. E he de saber, que devemos a esta Christandade, naõ reservarem, os que se convertem nenhum apellido Gentilico (como se faz em outras) nem em parte, nem em todo. Tudo tomaõ dos Christãos, sinal de verdadeira conversaõ. Foy testemunha na inquiriçaõ hum irmaõ do Collegial, o qual era entre os seus Capitaõ de guerra; o nome, Joseph de Carvalhaes. Este depoz, que por hum cativo, que fora presente ao Martyrio, que lhe mandara dizer o moço, palavras formaes, que pelejasse até o fim do mundo pola Fé. E confessava, que se achava taõ animado com o aviso, que tendo depois muitos encontros perigosos com inimigos della, sempre Deos lhe dera vitoria, e de nenhuma maneira os temia. E he circunstancia de grande consideraçaõ, que avia nove annos, quando padeceraõ, que naõ tinhaõ Vigario, nem Cura. Porque tantos avia, que os cossarios lhes tinhaõ desterrado os Religiosos. Donde claramente se infere, e prova a boa diligencia, com que por elles se fundavaõ na Fé aquellas novas prantas.

Deste dia em diante mostrou o Senhor com muitos sinaes, que fora agradavel em sua presença o sacrificio. Bemdito seja elle, que sendo merce sua o valor dos que padeceraõ, quiz logo coroallo, e honrallo, usando de novas misericordias com esta Christandade. Foy a primeira naõ tardar com castigo á treiçaõ. Sempre a pena alcança a maõ, por muito que corra, va diante; e por muito manca, que seja a pena, que o segue. Assi o disse o Lirico: *Sæpè antecedentem scelestum insequitur pede pœna claudo.* Mas esta teve azas: Porque logo aos dez do mez de Julho alcançou aos mais culpados, e treidores, que eraõ os Olandezes, sem se meterem no meyo mais de quinze dias. Tornavaõ pera a Fortaleza de Solor, onde tinhaõ sahido no Pataxo o Capitaõ, e Feitor della com a mais, e melhor gente. Porque, nem no mar, nem na terra viaõ por entaõ que temer. Determinaraõ dar de caminho em huma povoaçaõ de Christãos, que chamaõ Cramá. Largaraõ os pobres Christãos o lugar, e reconhecendo o navio, por poucos, e mal armados esconderaõse polo mato de hum monte vizi-

Horat. Epod.

vizinho. Saltaraõ os coſſarios em terra, roubaraõ o que avia, foraõſe á Igreja, repicaraõ o ſino com feſta, e eſcarneo. Caminhaõ logo pera a ſerra a buſcar os eſcondidos. Indo calladamente, como bons caçadores, por naõ eſpantar a caça, ſuccedeo, que no meſmo tempo deſciaõ quatro dos noſſos com o meſmo ſilencio, e cuidado, a ver, e tomar lingoa do que faziaõ. Eisque a meya ladeira daõ de roſto com elles. Dandoſe por perdidos, animaõſe com a deſeſperaçaõ: Ferem o Ceo com hum trovaõ de brados, dizendo, Santiago, e deſparaõ os arcabuzes. Vinhaõ diante de todos o Capitaõ, e Feitor da Fortaleza: guiou Deos as ballas, cahem ambos mortos, e outros dous com elles. Enchemſe de esforço os quatro, pelejaõ como Leoens. Enchemſe de pavor os que ſobiaõ; vendo a ſua primeira fileira derribada, viraõ as coſtas. Acodem logo os eſcondidos com novo animo. Foy vitoria claramente do Ceo, e vingança dos Santos Martyres. Porque o medo nos Hereges creſceo tanto, que ſe deſpenhavaõ deſatinadamente polas quebradas, e penedos, e ſe afogavaõ n'agoa. Aſſi foraõ mortos quaſi todos, tomada a bandeira, e o tambor, e muitos moſquetes. Naſceo deſta vitoria o remedio, e reducçaõ deſta Chriſtandade. Que aſſi ſabe Deos acudir aos ſeus, quando he ſervido. Porque deſempararaõ logo a Fortaleza os poucos Olandezes, que nella ficaraõ. E antes de chegar a nova a Goa, poz Deos no coraçaõ do novo Vigario geral da Congregaçaõ, Frey Miguel Rangel, que no meſmo anno deſtes ſucceſſos chegou á India por fim delle, que entendeſſe em mandar novos Prégadores a reſtaurar o perdido. Naõ he pera eſquecer, pera conſolaçaõ da Fé, que affirmavaõ depois huns dos coſſarios, que do desbarate eſcaparaõ com vida, que os eſpantara hum velho, que vinha diante dos noſſos com hum baſtaõ na maõ, e cercado de muita gente. E ſe iſto naõ foy quererem deſculpar ſeu medo com myſterios do Ceo, que na boa paz naõ crem, podemos cuidar, que ſeria o Santo velho Frey Simaõ das Chagas, acompanhado dos Meſtres daquella Chriſtandade. Que pois valia aos diſcipulos nas tormentas do mar, como atraz contamos, tambem o faria nas da terra, e em tamanho aperto, como eſte foy. Ajuntavaõ á iſto os meſmos Hereges, e alguns outros naturaes, que quando entraraõ na Igreja, fazendo, como Infieis, zombaria do que avia, viraõ com eſpanto deſcer do Altar hum vulto de Frade Dominico, e pôrſe de joelhos diante delle, como em Oraçaõ. Bem ſe póde crer, que ſeria eſte o velho do baſtaõ.

CAPITULO XXI.

Deſpacha o Vigario geral da Congregaçaõ hum Viſitador a reſtaurar a Chriſtandade de Solor.

CHegou o Vigario geral Fr. Miguel Rangel, quando o anno de 1614. hia no cabo: E ſentindo gravemente as calamidades de huma Chriſtandade, que tanto tinha cuſtado á Congregaçaõ; e o dano, que teria cauſado em grande numero de

Almas

Almas á falta de Pastores, determinou comsigo naõ entender em particular nenhum da Congregaçaõ, por muy importante que fosse, primeiro que na restauraçaõ della. Mas foy necessario tardar muito. Porque por huma parte as cousas do Estado da India corriaõ com grande estreiteza, por andarem os mares coalhados d'Armadas Ingrezas, e Olandezas: E por outra convinha, como senaõ sabia do despejo da Fortaleza, acompanhar os Religiosos, que ouvessem de hir com gente de guerra, pera a combater, e cobrar. Assi requerendo com força, e chegando sobre o requerimento, por ser todo do serviço de Deos, a dizer ao Viso-Rey palavras cheyas de liberdade, e severidade Apostolica, naõ pode alcançar o que cumpria, nem despachar os Religiosos, senaõ depois de cumpridos dous annos, depois de sua chegada. Em fim escolheo pera Visitador, e Vigario geral da Christandade o Padre Frey Joaõ das Chagas, pessoa de partes de prudencia, letras, e actividade, quaes convinhaõ pera remediar huma terra assolada, juntas com muita virtude, e exemplo. Deolhe ordem, que se fosse a Malaca, e alli esperasse huma Galeota, que o Viso-Rey tinha mandado aprestar, com provimento de Capitaõ, gente, e muniçoens bastantes pera o effeito de ganhar a Fortaleza, segurar a terra, e castigar os Mouros. Partio o Visitador de Goa ultimo de Setembro de 1616. Chegado a Malaca, e passados muitos dias, que a Galeota naõ vinha, sentio estar perdendo tempo: E como avia já por escusado levar gente de guerra, pola nova que achou da Fortaleza estar livre de inimigos, fez instancia, com os que alli governavaõ a Fazenda d'el-Rey, que lhe dessem passagem por conta della, e que em lugar da que lhe fosse dada, ficaria a que avia de vir de Goa. Aceitouse o partido, e deuselhe embarcaçaõ: Mas de maneira, que pera paga do frete foy necessario ajudar elle com parte das ordinarias, que se lhe deraõ pera os Frades: E deu dellas cem Cruzados, por naõ faltar á necessidade dos Christãos. Que desta maneira sabem servir na India os Frades de S. Domingos. Assaz era o trabalho Espiritual, e corporal, sem tambem se aver de cortar pola sustentaçaõ. Embarcouse em fim em huma Galeota de mercadores, acompanhado dos Padres Frey Manoel de Sá, Frey Francisco das Chagas, e Frey Luis d'Andrada: E tinha mandado diante, pera serem sinco entre todos, o Padre Frey Pedro de Caceres. Deolhe o Reverendissimo de Malaca huma honrada Patente de Visitador seu: E com sua bençaõ se fez á vella em onze de Dezembro. Naõ entra ninguem no mar, que naõ tenha perigos, e trabalhos, que contar. Naõ faltaraõ ao Visitador nos poucos dias, que tardou, até Solor. Hum só contaremos pera gloria de Deos, e pera se entender, que era a jornada de seu serviço. Tendo navegado tres dias com tormenta desfeita, depois de entrados polo golfo da Jaoa puderaõ chegar no quarto a hum abrigo da terra, e na enseada, que chamaõ de Correa, e lançaraõ ferro em huma ponta emparada do vento:

1616.

to: Mas eraõ os mares taõ levantados, que naõ corriaõ menos perigo furtos, que navegando: E sentiaõ, que a Galeota hia cassando, e correndo pera o mar, parecendo, que se teria com outra anchora. Tanto que a lançaraõ, ficaraõ com mais alguma quietaçaõ, ao que se podia julgar. Mas na verdade foy cousa milagrosa. Porque, quando veyo pola manhãa, se acharaõ apartados de terra mais de duas legoas. E obrigando isto ao Piloto a lançar prumo, foy assi, que nem com duzentas braças de cordel se deu em fundo. De maneira, que estiveraõ furtos em paragem sem fundo huma noite inteira, pasmando todos os marinheiros; porque das amarras, que tinhaõ ao mar, nenhuma passava de sessenta braças.

Em quinze de Janeiro foy o fim da viagem, tomando terra nas prayas de Larantuca, povoaçaõ principal da Ilha Grande, onde entaõ se achavaõ com o Capitaõ Mór os homens mais principaes de Solor, e com elles os Padres Frey Gaspar do Espirito Santo, e Frey Agustinho da Magdalena, que foraõ os que aturaraõ valerosamente com os seus Christãos no meyo das tormentas passadas, escondidos polos matos á imitaçaõ dos que conta o Apostolo, *Egentes*, *angustiati*, *in pellibus caprinis*, *in cavernis terræ*, por naõ desempararem aquellas Almas. Foy dia de triumfo, e grande gosto pera todos, e principio de verdadeiro remedio. Porque a vizinhança dos Inimigos, e os cuidados, e liberdades da guerra tinhaõ feito gravissimo estrago nas consciencias, e atavaõ as mãos aos Padres, pera poderem apertar nas materias Espirituaes com a severidade, que entendiaõ cumprir. E como estavaõ sós, e tinhaõ muitas povoaçoens pera curar (que só o Padre Frey Agustinho correo muito tempo com tres) nem forças, nem tempo avia pera acudir a tudo, o que convinha.

Ad Hæb. 11.

Começou o Visitador seu officio de visitar, tomando primeiro hum dia pera hir ver a Fortaleza, e Mosteiro, em que naõ achou mais, que paredes ermas; tudo o mais assolado, que lhe quebrou o coraçaõ, e obrigou a lagrimas. Mas peores cousas inferio, que avia de achar no estado das Almas. E naõ se enganou. Avia idolatrias, que o Diabo hia resuscitando entre os bautisados, humas particulares, outras, que se faziaõ publicas. As particulares, que descobrio, foraõ dous penedos frios, e descompostos, sem figura, nem feiçaõ, que em huma casa se adoravaõ por Idolo. As publicas induzio força de interesse. Avia huma pesqueira no lugar de Lavunama, Freguezia de S. Lourenço, pendia sobre ella huma arvore antiga, ramada, e grande. Esta veneravaõ muitos com superstiçoens, e com sacrificios de galinhas, avendo que lhes acrescentava o peixe. As pedras recolheo pera levar ao Bispo, e mostrar a cegueira, que o Diabo se atreve a persuadir a quem delle se fia. Contra a arvore se armou do zelo de hum S. Martinho. Naõ se contentou com menos. Elle foy o primeiro, que lhe poz o machado ao pé, e logo os Padres companheiros: E em fim ficou posta por terra. Nos vicios da sensualidade reynava desenfreada devasidaõ: E mais

mais nos Nobres, e poderosos, que no povo humilde. Avia quem mantinha muitas molheres de humas portas a dentro, casado com todas á Mourisca, ou Gentilica. E destes era o mais dissoluto Francisco Fernandes, que sendo Capitaõ Mór da terra, e de sua pessoa taõ valeroso, que mereceo mandar o Viso-Rey da India, que se lhe pagassem quarteis da Fazenda Real em Malaca. Servialhe o poder, e mando, e o ter o melhor lugar entre seus naturaes, pera ser vicioso sem redea, e viver sem emenda de muitos annos atraz. Avia quem tinha por molher huma Gentia, sem se matar pola bautisar. Outro, que usava de huma Moura ao mesmo modo: E este era senhor de tres lugares. Que faria em tal caso hum Prelado Religioso, e zeloso? Chorava com vivas lagrimas tamanhas miserias. E armandose de valor, e prudencia, pera lhe naõ ficar nada por remediar, prégava muitas vezes, animando todos á virtude. Com muito Espirito, e amor ensinava, admoestava, rogava. Entrada a Quaresma, ordenou todas as Sextas feiras á tarde devotas Procissoens, em que hia com todos os Padres cantando Ladainhas. Acompanhavaõ os Nobres todos, levando hora hum, hora outro hum fermoso Crucifixo diante. E como era Procissaõ de penitencia, naõ faltavaõ disciplinantes, e avia devaçaõ geral no povo em tanto gráo, que os Padres se maravilhavaõ, e davaõ graças a Deos, de verem em Provincias barbaras, e taõ remotas tanto respeito, e reverencia ás cousas da Fé. Perseverou o Visitador no começado toda a Quaresma. E na Semana Santa fez armar hum Sepulchro com todo o aparato, que a terra dava de sy: E á Quinta feira fez o auto de lavar os pés aos Padres, e aos pobres publicamente no meyo da Igreja. Mas entretanto naõ se descuidava da cura, e remedio das infirmidades Espirituaes particulares, que tinha achado. Assi como com os autos publicos hia abrandando, e dispondo as Almas, tambem em particular persuadia os culpados com termo brando, e grave. E deulhe Deos tanta graça a elle, e a elles, que naõ ouve nenhum, que naõ ficasse redusido á vida Catholica. A o Copitaõ Mór Francisco Fernandes fez despejar a casa, e ficar com huma só molher; a outros bautisar as Gentias: E recebeo a cada hum com a sua na porta da Igreja. Mais trabalho teve com o senhor dos tres lugares, que tinha a Moura. Chamavase Dom Luis, tinhao o Diabo muy cativo. Em fim acabou com elle, que a recebesse, bautisandose, como logo a bautisou. E foraõ os casamentos parte pera quietaçaõ, naõ só Espiritual das Almas, mas tambem temporal da terra, entre os pays, e parentes das noivas. Val muito, em quem governa, juntar brandura com prudencia. Estas partes renderaõ ao Visitador fazer huma reformaçaõ, qual nunqua se esperou: E obrigaraõ alguns renegados, que andavaõ a monte, a se lhe virem lançar aos pés. Os quaes recebidos com animo paternal, e suas penitencias, ficaraõ vivendo na terra com mostras de verdadeira conversaõ. Mas naõ foy só este o fruto da jorna-

jornada. Acudiraõ muitos Gentios a pedir o Santo Bautismo: E logo se fizeraõ Cathecumenos quarenta e seis, só neste lugar de Larantuca. O que referimos pera final do que se fez nos mais.

CAPITULO XXII.

Passa o Visitador á Ilha do Ende. Provê de Vigarios algumas Igrejas: Torna para Solor, e Malaca.

TOmado este bom assento nas cousas de Solor, e Ilha Grande, com paz, e consolaçaõ geral, determinou o Visitador naõ tardar em dar vista aos Christãos do Ende: gente taõ constante na Fé, que avendo onze annos, que estavaõ sem Mestres, permaneciaõ firmes no amor, e reverencia della; e na lembrança dos Frades de S. Domingos, que lha tinhaõ ensinado, como o vimos nos tres, que fizeraõ prova de sangue. Pera esta segunda viagem foylhe necessario fazer novo gasto, porque a Galeota, tanto que o pôz em terra, naõ esperou mais: Navegou pera Timor a fazer sua veniaga do Sandalo, e mandou aperceber quatro Caracoras, pera se embarcar com armas, e soldados, tudo á sua custa, e de seus companheiros. Sahio de Larantuca passadas as Oitavas da Paschoa: E costeando a Ilha, parou no porto de Sicá, Freguezia de Santa Luzia: Onde deixou por Vigario o Padre Frey Manoel de Sá. Era senhor principal no lugar D. Cosmo, pessoa de taõ bom termo, e costumes, que naõ fazia differença de homem Portuguez bem reformado. Daqui passou a Pagá. E porque achou frieza nas cousas da Fé, como de tantos annos esquecida, deixoua depressa, e atravessou ao Ende. Onde chegou aos dez d'Abril. Aqui foy recebido com festa, e animos de verdadeiros Catholicos, que em fim tinhaõ filhos Martyres. Alegrouse com ver, que todos conservavaõ os nomes Christãos, e sabiaõ a doutrina, e Oraçoens da Igreja: E no modo de vida, inda que de tanto tempo sem doutrina, avia menos desconcertos, que noutras partes. Quiz todavia tentallos, fez juntar os principaes de dous povos. Perguntoulhes: Se queriaõ Padres pera continuarem na boa conta, que seus filhos tinhaõ dado de sy, e delles, morrendo por Christo? Responderaõ que se avia onze annos, que sem Padres sustentavaõ o nome Christaõ, como naõ aviaõ de folgar muito com elles, vindolhes á terra seu pay, e mãy (foy termo seu, com que se declararaõ)? E como saõ homens de poucas palavras, naõ podia ser maior o encarecimento. Com esta boa reposta foy o Visitador alegremente ver suas Igrejas. Huma se chama dos Numbas, e he da invocaçaõ de nosso Padre S. Domingos. Outra, que se chama dos Xaraboros, tem o titulo de Santa Maria Magdalena. Avia em cada huma mais de dous mil Christãos, taõ fundados, e fieis, que entrando o Visitador polos lugares, sahiaõ as molheres com seus filhos a offerecerlhos, testemunhando nos gestos a alegria, que recebiaõ, de verem o nosso Habito: E dizendo, que se os quizessem levar pera Solor, de boa vontade lhos dariaõ. Tanto

to se consolou o Visitador do que via, e ouvia, que se deteve na Ilha quinze dias. E foy a detença de muito effeito. Porque acudiraõ a visitallo, e ver os Religiosos alguns Gentios da terra a dentro, e os mais lhe pediaõ Padres, offerecendose ao Bautismo. E servio tambem o deterse, pera averiguar, como fez, com larga inquiriçaõ em virtude dos poderes, que trazia do Bispo, a gloriosa morte dos tres naturaes: E juntamente hum estranho caso, que até os inimigos da Fé julgavaõ por pronostico de grandes prosperidades nella. E por isso ficará aqui apontado. Foy assi, que poucos dias, antes que o Visitador chegasse ao Ende, apareceraõ no porto de Volumano, lugar, e morada de Mouros arrenegados, duas embarcaçoens com Bandeiras de Christo, que investindo com tres de Mouros, que estavaõ surtas no porto, as renderaõ: E desparando só duas espingardas contra a povoaçaõ, se accendeo tal fogo nella, que ardeo a maior parte. Do que os Mouros ficaraõ cheyos de medo, e julgando, que era ameaço do Ceo contra elles, porque depois de bautisados se tinhaõ tornado a Mafamede. E faziaos mais temer, verem, que feitas muitas diligencias averiguaraõ, que por aquelles dias nenhum navio de Portuguezes, nem doutros Christãos andara por aquelles mares: E que na terra depois do incendio aparecera novo e maior prodigio. Porque em todas as casas, que escaparaõ do fogo, amanheceraõ pintadas Cruzes de cal; a sete, e oito Cruzes por cada casa: humas nas paredes, outras nos esteos. Grande assombramento pera elles, como consolaçaõ, e alegria pera os Christãos.

Deixou o Visitador por Vigario dos Numbas o Padre Fr. Pedro de Caceres: E dos Xaraboros Fr. Francisco das Chagas. E pera mais quietaçaõ, e segurança da Christande, assentou com os principaes que lhes mandaria hum Capitaõ Portuguez, com gente de Solor, pera assistir com elles, e os defender dos Mouros vizinhos, e dos cossarios Macassares, como depois mandou, que foy hum Lazaro Luis. E despedindose de todos com muito amor, e santas admostaçoens, tornou pera Solor. De passagem quiz tocar Pagá, por ver se achava em melhor disposiçaõ os moradores. E foy Deos servido, que visto o exemplo do Ende, lhe fizeraõ apertados requerimentos por Vigario, e chegaraõ a darlhe seus aneis em final, que o pediaõ com gosto, e o tratariaõ com amor. Assi lhes mandou depois o Padre Frey Gaspar da Cruz. Chegado a Solor nomeou por Vigario geral da Christandade o Padre Frey Francisco Barradas: E por Vigario de Nossa Senhora dos Remedios de Larentuca ao Padre Frey Luis d'Andrade: E de Nossa Senhora do Rosario em Mulanato, o Padre Frey Agustinho da Magdalena, que pouco depois padeceo pola Fé, como adiante diremos: E o Padre Frey Gaspar do Espirito Santo da Freguezia de S. Lourenço de Lavunama. Apoz estas nomeaçoens se embarcou pera Malaca.

E

E por lhe naõ ficar nada, por fazer, do que parecia cumprir ao bem da Christandade, determinou visitar de caminho elRey do Manafá, que he o maior inimigo, que estas Ilhas tem. Porque sendolhe ellas tributarias, e elle Mouro, o mais pesado tributo, que lhes pedem seus ministros, he que tornem á sua maldita seyta. O que fazem de secreto. Porque no publico naõ se atrevem, professando por seus interesses amizade com os Portuguezes. Com esta jornada acabou o Visitador sua commissaõ, e veyo a entrar em Malaca em principios d'Agosto do mesmo anno, deixando as cousas das Ilhas no melhor ponto, que por entaõ podia ser. O que sendo entendido polo Vigario geral da Congregaçaõ, acudio logo com Religiosos, e tantos em numero, que quando acabou os annos de seu cargo, avia dezoito Igrejas providas, como no tempo mais prospero, e a Christandade grandemente acrescentada.

CAPITULO XXIII.

Da gloriosa morte, que padeceraõ em Solor os Padres Frey Joaõ Bautista, Frey Simaõ da Madre de Deos, e antes delles o Padre Frey Agustinho da Magdalena.

PEra darmos bom remate a todos os successos de Solor, temos pera escrever o valor, com que de proximo offereceraõ sua vida ao sacrificio, por honra de Deos, tres Religiosos desta Congregaçaõ, e Pastores desta Christandade, que nos devem encher de esperanças de avermos de ver nella maravilhosos aumentos, visto, como lemos, e he certo, que nunqua a Primitiva Igreja mais cresceo, que quando os Tyranos se davaõ mais pressa a regalla com rios de sangue dos Santos Martyres. Os meyos, que buscavaõ pera a abater, e extinguir, esses mesmos a levantavaõ, e dilatavaõ com novas ventagens. Eraõ Vigarios na Ilha Grande os Padres Frey Joaõ Bautista, e Frey Simaõ da Madre de Deos: Frey Joaõ da Igreja de Pagá, e Frey Simaõ da de Sicá. Pareceolhes, que sem fazer falta a seus freguezes, podiaõ ajudar no Ende alguns dias aos Vigarios daquellas Ilhas no beneficio de grande numero de Almas, que cada dia entravaõ por suas Igrejas, pedindo o Bautismo. Como ambos eraõ vizinhos nos lugares, embarcaraõse juntos em treze de Janeiro de 1621. pera hirem a Larantuca a tomar a bençaõ ao Prelado maior, que era o Padre Frey Joaõ Grego, e proverse de algumas cousas necessarias pera a jornada. Sahidos do porto cresceo o vento, levantouse o mar, e foy tal a tempestade, que por senaõ perderem, arribaraõ a hum porto de Gentios amigos, que chamaõ Lamalarra. Tiveraõ logo noticia em Solor, como tudo he perto, os Mouros renegados de Lamaqueira da chegada do barco: E avendo, que tinhaõ presa certa, armaraõ á pressa quatorze Piloens: Entraõ no porto, e pedem de paz aos Gentios, lhes façaõ entrega de dous Religiosos que de todo o barco

1621.

co

co nenhuma outra cousa que-
rem. Fezse de mal aos da ter-
ra tal requerimento. Respondé-
raõ, como gente de razaõ, que
tinhaõ paz com os Christãos.
E sobre tudo naõ podiaõ fazer
aggravo a quem debaixo de
sua fé lhes entrava no porto.
Seguros estavaõ os Padres. Por-
que os Mouros naõ queriaõ,
nem podiaõ usar de força, se
lhes naõ descubrira sua malda-
de, e o odio mortal, que tem
á Religiaõ, e a todos os Reli-
giosos, huma traça diabolica.
Souberaõ, que estava auzente
o Sangue de Pate com os me-
lhores do lugar em tres Cara-
coras, a fazer suas veniagas:
E que eraõ esperados por ho-
ras. Sahem a buscallo, daõ com
elle, e cativaõno com toda a
companhia. Tornaõ logo com
festa a Lamalarra; e com ameaç-
ças, que nenhum dos cativos
ha de ficar com vida, se lhes
naõ entregaõ os Frades. E se
lhos daõ, nenhuma outra cousa
querem de toda a preza. Eraõ
os cativos entre todos noventa
pessoas: trazia cada hum seu
pedaço de fazenda, pera reme-
diar a vida. Assombouse a ter-
ra com medo, ouvida a propo-
sta. Acudiraõ molheres, e fi-
lhos dos presos com clamores,
e lagrimas. Naõ ouve, que fa-
zer, senaõ consentir na misera-
vel, e forçada preitezia. Sou-
beraõ os Religiosos o que pas-
sava. E vendo, que os chama-
va o Senhor, confessaõse hum
ao outro: Logo sahemse ani-
mosamente ao campo, e como
bons soldados a encontrar os
inimigos. Faziase hum terreiro
grande no meyo do lugar, sen-
taõse nelle sobre humas pedras,
e postos olhos, e Almas no
Ceo, sobem a elle com fervor,
e Espirito, pedindo ao Senhor
graça, e ajuda, pera lhe sabe-
rem offerecer aquelle sacrificio,
a que sua infinita Misericordia
os trazia. Aqui obrou a fraque-
za humana algum sentimento
no Padre Frey Joaõ, de que os
olhos foraõ dando final. O que
vendo o companheiro, levantou
a voz, e dissselhe as palavras se-
guintes, que foraõ ouvidas por
quem depois testemunhou no
caso: Animo Padre Frey Joaõ,
animo. E donde merecemos nós
tamanho bem, como dar a vi-
da pola confissaõ da Fé de N.
Senhor Jesu Christo. Demoslhe
graças, e digamoslhe com ani-
mos de verdadeiros servos seus,
que se faça sua vontade, pois
assi he servido. Daqui foraõ le-
vados á praya com as mãos a-
tadas atraz, e nella os tiveraõ
com guarda toda a noite. Tri-
ste, e desconsolada noite! que
na verdade naõ he taõ penosa a
hora da morte pera quem mor-
re, como he a dilaçaõ, e cami-
nho, per que se vay á morte.
No dia seguinte, que se con-
taraõ dezoito de Janeiro, pola
manhãa foy a entrega. Tinhaõ
os bons Padres imitado a seu
Mestre Jesu na prisaõ, e noite
atribulada: Agora o começaraõ
a imitar em todos os vitupe-
rios, e afrontas, que o mesmo
Senhor padeceo entre os Ju-
deos. Juntouse a vil canalha so-
bre elles: Huns lhes levavaõ
nas mãos os cercillos com re-
pelloens: outros lhas deixavaõ
impressas nas faces com bofeta-
das. Tal avia, que os naõ tinha
por dignos de suas mãos, e fa-
zia guerra aos affligidos com
pés, e páos, a couces, e pan-
cadas. Todos lhes cuspiaõ nos
rostos,

1631.

roftos, e rafgavaõ os Habitos, com blasfemeas, e nomes infames, dignos fó das bocas, donde fahiaõ. Vofoutros, diziaõ, fois os que nos fazeis guerra: Vós os que trazeis cá os Portuguezes: Vós os que nos enganais com voffas doutrinas, e Prégaçoens. Ouviaõ, e callavaõ os benditos Padres, fem torcer os roftos, nem fe queixar: Com alto filencio, e paciencia dentro em fuas Almas, que conheciaõ feu bom emprego, e por quem padeciaõ. Seguiofe ás afrontas, meterem ambos ao remo, e fazeremlhe eftirar os braços, e cançar nefte trabalho o dia inteiro. Mas elles animaraõfe nefte paffo hum ao outro. E por naõ paffarem fem fruto o pouco tempo, que já entendiaõ lhes ficava de vida, fizeraõ do banco, em que remavaõ, Pulpito: E hora hum, hora outro diziaõ a vozes aos Infieis, que olhaffem que viviaõ cegos, e enganados. Porque tinhaõ deixado a Jefu Chrifto, verdadeiro Deos, por feguir ao falfo Mafamede; que, fe naõ tornavaõ fobre fy, com elle hiriaõ arder pera fempre no Inferno. Affy hiaõ merecendo, e levando novas injurias. Chegados a fuas cafas, mudaraõ os Infieis confelho, pera maior coroa dos Martyres. Começaraõ a offerecerlhes mimos, defcanço, e vida alegre, e bom lugar entre elles, fe quizeffem tornarfe Mouros. Aqui tomou fogo o valor Chriftaõ. Refponderaõ com ira, que eftavaõ cegos, e tontos em lhes cometerem tal. Que naõ deixavaõ a Chrifto, pera fer Mouros, os que tinhaõ por officio converter Mouros a Chrifto. Que a vida queriaõ dar por elle; e em quanto lhes duraffe, naõ deixariaõ de prégar fua palavra fanta. E affi foraõ continuando nas verdades, que publicavaõ. Era Frey Joaõ nafcido em Malaca: Declaravafe melhor pola lingoa Malaya, que alli fe entende. Offendidos do muito, que lhes dizia, faltaõ nelle com furia, cravaõlhe hum prego pola cabeça: logo levaõ dos terçados, cortaõ pés, e mãos a ambos. E porque inda moviaõ as lingoas, foando nellas o nome de Chrifto, foy ultima pena, e principio de gloria, cortaremlhes as cabeças. Celebraraõ os barbaros o dia com banquete rafgado, em que fizeraõ prato dos figados dos Santos, cozidos com outros de animaes, pera podermos dizer por elles com verdade: *Obturaverunt ora leonum.* Sobre tarde ouve nova carniceria, acompanhada de falvas de arcabuzeria, grita, e vozes defentoadas de Mufica, e inftrumentos barbaros, com que atroando o lugar por fefta, foraõ desfazendo os corpos Santos em quartos, e os repartiraõ polas povoaçoens de fua feyta.

Mas graças infinitas á foberana Bondade do Deos, que temos, que logo quiz confolar aquella pobre Chriftandade, e todos, os que nella temos parte, com mifteriofos finaes de que lhe foy aceito, e cheirofo lá no Ceo aquelle holocaufto. Viraõfe em Lamalarra na noite feguinte, e outras ao diante duas tochas acefas fobre as pedras, em que os benditos Padres eftiveraõ fentados quando fe difpuzeraõ pera a morte, como contamos. Refplandecia

decia com luz muy viva em cada pedra seu lume á vista dos Gentios, que acudiaõ a pasmar: E a muitos devia ser occasiaõ de deixar a cegueira dos Idolos. E porque os renegados de Lamaqueira naõ duvidássem do caso, mostroulhes o Senhor dos Ceos, que he maravilhoso em seus Santos, outro maior. Viraõ por algumas vezes dentro no seu lugar, em praça publica, e diante do povo todo, os Religiosos ambos, que tinhaõ esquartejado, e trinchado, e como feras comido, ambos vestidos em seus Habitos Dominicos. Naõ foy sonho, nem ficçaõ, conheceraõ ambos, e cada hum delles, e com elles a outro Padre, que tambem tinhaõ martyrisado avia tres annos. Só faltou fallarem. Com o que andavaõ todos attonitos.

Este famoso, e fermoso successo foy juridicamente authenticado na Cidade de Malaca polo Chantre Joaõ Rodriguez de Luna, Vigario geral della: E depois segunda vez polo Arcediago Francisco Soares, Vigario geral de Solor polo Reverendissimo de Malaca Dom Gonsalo da Sylva, por cuja ordem foraõ remetidas as Inquiriçoens á Sé Apostolica. Donde esperamos, que viraõ brevemente honrados com titulo de verdadeiros Martyres.

Porque temos fallado em terceiro companheiro, he de saber que, ficando o Padre Frey Agustinho da Magdalena por Vigario de Nossa Senhora do Rosario em Mulavato, como atraz fica dito, foy colhido por estes mesmos renegados em huma sahida, que fizeraõ no anno de 1618. E levado ao mesmo lugar de Lamaqueira; onde, depois de infinitos escarneos de palavra, e obra, cuidando em que genero de morte lhe dariaõ, que fosse igual em tormento ao odio de seus coraçoens, inventaraõ a mais horrenda crueldade, que já mais foy vista, nem se lê dos Tyranos antigos. Tinhaõ no estaleiro pera lançar ao mar hum grande navio: Quizeraõ estreallo com o fazerem correr por sima do Santo. Fazemno estirar no meyo da praya, e da carreira atravessado. Desce o navio. Tudo, o que a furia, e peso colheo dos benditos membros, deixou moido, e feito como em leite. O resto do corpo ficou em dous pedaços palpitando meyo vivos, e despedindo lastimosamente a Alma.

Por Carta do Padre Frey Joaõ S. Jacintho, escrita em Goa no Convento de Santo Thomás, onde de presente he Mestre dos Estudantes, em vinte sinco de Fevereiro de 1630. soubemos, como honrara nosso Senhor com maravilhas o corpo do bendito Martyr Frey Agustinbo da Magdalena, Saboyano, de quem assima se trata, em o conservar em huma praya deitado tres annos incorrupto, com luzes do Ceo, que de noite apareciaõ sobre elle: E que chegando a maré onde estava, lhe naõ fizeraõ nenhum dano os peixes, nem aves, nem animaes: E o que he de maior espanto, que sendo toda a praya de pedra preta, se fez hum circulo grande ao redor do corpo todo branco, de modo que as pedras,

1630.

que

que dentro estavaõ, todas eraõ brancas. As quaes, diz o Padre Frey Joaõ da Piedade, Vigario de Solor, que isto escreveo aos nossos Padres de Goa, que tem feito milagres em doenças, e se faziaõ diligencias, por se authenticarem in forma Juris.

Fim do Livro Quarto.

que dentro chavaõ, todas eraõ brancas. As quaes, diz o Padre Frey Joaõ da Piedade, Vigario de Solor, que isto escreveo aos nossos Padres de Goa; que tem feito milagres em doenças, e se faziaõ diligencias, por se authenticarem in forma Juris.

Fim do Livro Quarto.

TERCEIRA PARTE DA HISTORIA DE S. DOMINGOS PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO QUINTO.

CAPITULO I.

Entraõ os Religiosos de S. Domingos no Reyno de Camboya, a petiçaõ do Rey: Dasse conta dos gravissimos trabalhos, e variedade de successos, com que nelle perseveraraõ.

LOuvaõse no bom Capitaõ as partes de prudencia em saber governar hum exercito, em escolher sitio, e tempo pera dar huma batalha: Louvaõse as do esforço em acometer, e pelejar. Mas acontece encontraremse estas, que intrinseca, e propriamente saõ suas, com huma, de que naõ he senhor: E se chama fortuna, ou ventura, que sem remedio as desbarata, e poem por terra: Tira a vitoria ao valeroso, e sabio; entregaa nas mãos de hum venturoso. Cheyo está o mundo de exemplos, naõ ha pera que apartar nenhum. Por onde hum avisado, juntoulhe, e considerou com attençaõ a parte, que lhe achou de venturoso. Porque debalde he esforçado debalde bem entendido, quem no cabo he desgraciado. Mas isto se ha de entender nas cousas corporaes, e da terra. Nas Espirituaes, e do Ceo vay a conta muyto ao revez. Julgaõse por outros discursos, medemse por outros palmos. Porque servimos melhor Rey, e temos melhor Juiz. Faça de sua parte o que deve quem segue a Bandeira de Christo; que nunqua deixará de vencer, e alcançar o premio dos bons intentos, inda que pouco favorecidos sejaõ do successo. Isto dizemos polo que no Livro passado terá

visto quem attentamente o leu; e polo que verá em parte do presente. Entrou o Padre Frey Gaspar da Cruz em Camboya: custoulhe sobre perigos do mar, sobre fomes, e doenças da terra, hum anno de estudar a lingoa. No cabo achou tudo taõ cerrado, e taõ encontrado com seus bons pensamentos, que dos homens naõ pode alcançar nada: Porque elle mesmo confessa no Livro, que compoz desta peregrinaçaõ, que só hum converteo, e esse deixou enterrado. Passouse á China a buscar gente de entendimentos livres, e mais seguidores de razaõ. Tambem aqui por differentes caminhos se lhe cerrou a porta, e foy força despejar a terra apressadamente, obrigado de poder alheyo, mais que gosto seu. E com tudo sabemos, que no mesmo tempo deraõ principio á grande Vinha das Ilhas de Solor o Padre Frey Antonio Taveira por huma parte, e o Padre Frey Antonio da Cruz por outra, com tanta felicidade, que começou a florecer com frutos copiosissimos. Que diremos a sortes taõ desiguaes, onde as peregrinaçoens, os trabalhos, as vontades foraõ iguaes? Senaõ, que nossa differença de sortes, e a boa tençaõ iguallou os premios. Porque pera com Deos val tanto huma boa, e determinada vontade, que a recebe por obra, e como a tal lhe dá o galardaõ. Assi no lo deixou escrito, muito tempo ha, hum grande Sabio: *Cum anima* (diz) *magno desiderio ad cœlestia inhiat, miro modo hoc ipsum, quod præcipue quærit, jam degustat.* Quando huma Alma com ardente dezejo suspira polos bens do Ceo, já por modo estranho se acha senhora, e goza do que apetece.

No Prologo do Livro da China.

Greg. 15. Moral.

Fundados neste discurso naõ duvidaraõ os Religiosos de S. Domingos tornar a tentar o mato bravio do grande Reyno de Camboya, sem embargo da experiencia, que tinhaõ na cabeça, do Padre Frey Gaspar da Cruz. E foy assi, que passados muitos annos depois, apareceo em Malaca Embayxador, e carta do Rey delle com requerimento de amizades, e offerta de aceitar Pregadores, e dar lugar pera Igrejas, e Christandade; como sabia, que aceitavamos de outros Reynos. Acudio logo o Capitaõ, e Governador da Cidade ao nosso Convento. Propoz ao Prior a boa occasiaõ, que se offerecia aos Frades de exercitarem seu ministerio; que ficava mais de estimar, por vir de mistura com o interesse temporal daquella praça, que como vivia em continuos ciumes dos Reys vizinhos, que a todo seu poder a perseguiaõ, estavalhe bem terem por amigo hum, que sabiaõ ser muito rico, e poderoso, inda que afastado. Resistia o Prelado ao ponto de dar Frades, lembrado das difficuldades, que entre esta gente achara o primeiro nosso, que a tentara pera a promulgaçaõ do Evangelho, que naõ esqueciaõ. E como prudente allegava, que o Rey barbaro naõ queria Religioso na terra pera doutrina, senaõ só pera penhor, e como arrefens, ou de paz, ou de suas mercancias. Saõ, dizia, os successos antigos regra, e modello, pera acertar nos presentes. Que ha, que esperar de hum Rey, que he Bramene por seyta, escravo do Demonio por feiticarias

rias continuas? Que ha, que esperar de hum Reyno composto de homens cativos, e que se tem por taes em corpos, e almas? Se isto nos consta de certa sciencia, e por experiencia de homem nosso, homem sisudo, e verdadeiro, que o vio com os olhos, e tocou com as mãos, naõ será temeridade, por naõ dizer cegueira, errarmos advertidos, que he errar por vontade, e assinte? Que ajudemos a paz pera bem da terra, em que vivemos, tal seja minha vida. Que a compremos com a vida dos Frades, e com capa do Santo Evangelho a quem sabemos, que o naõ ha de receber em sy, nem dar lugar aos seus, que a recebaõ, por mais offertas que faça: Nunqua me parecerá bem. Assi arrezoava o Padre, sem dar mostras de se dobrar. Mas puzeraõse de parte do Capitaõ dous Padres graves, ambos Prégadores, e vindos da Provincia de alguns annos atraz, que naõ só o ajudaraõ, mas converceraõ o Prior. Porque se offereceraõ pera a jornada, e pera acompanharem logo o Embayxador. Eraõ os Padres Frey Lopo Cardoso, filho de S. Domingos de Lisboa, que na Congregaçaõ tinha servido os cargos de Prior de Chaul, e Malaca, e Vigario da Christandade de Solor; e Fr. Joaõ Madeira, filho do Convento d'Azeitaõ, e natural d'Elvas. Partiraõ animosamente; tiveraõ prospera viagem, e foraõ recebidos d'elRey, naõ só com boa sombra, mas com festa. Porem dentro de pouco tempo se trocou tanto que muito á sua custa provaraõ, quam acertado conselho era o do Prior. Foraõ seus trabalhos grandes com a morte diante dos olhos muitas vezes: E nehum fruto da Prégaçaõ na terra. Naõ especificaremos aqui nada; porque largamente temos escrito, o que lhe succedeo, na Primeira Parte desta Historia entre os filhos do Convento de Lisboa, polo ser tambem o Padre Frey Lopo; como fica dito. Só proseguiremos aqui, como em seu proprio lugar, o que passou nesta Provincia ó Padre Frey Silvestre d'Azevedo, que Frey Joaõ dos Santos chama de Figueredo, ficando com Frey Lopo em lugar de Frey Joaõ Madeira, que era hido.

Fr. Joaõ dos Santos l. 2. c. 7. da sua Ethiopia.

He pois de saber, que despedido o Padre Frey Lopo Cardoso com licença d'elRey pera Malaca, a buscar meyo de satisfazer a sua cobiça: E assi resgatar o companheiro, e desempenhar sua palavra, como em sua vida contamos, juntou segunda vez entre amigos, e gente caridosa, quanto pareceo, que igualaria de bom retorno a encomenda Real. Porque soube logo, que se perdera o primeiro no mar. Este segundo retorno, que foy causa de grandes males pera muitos Padres da Congregaçaõ, despachou com bom tempo, e esperanças de boa viagem. Quando menos se cuidou, deu em mãos de Achens, crueis inimigos de Malaca, que tomaraõ o navio, e roubaraõ tudo. Entretanto nasceraõ novas desconfianças no Rey, naõ vendo reposta de Frey Lopo, e lançando sempre o juizo a cuidar o peor, naõ respeitava perigos de mar, nem inconvenientes da terra; mas sentindose com espirito mercantil, e rasteiro, que sobre a encomenda, que naõ vinha, perdia tambem

P. 1. l. 3. c. 32. da Histor. da Provincia.

o escravo, que soltara, pera a hir buscar: E descarregava sua ira sobre o companheiro, que cadadia prometia mandar lançar aos Elefantes. Assi passou Frey Silvestre longos dias em sobresalto continuo, gastando todos em doutrinar hum grande numero de Almas, que tinha bautisado, gente de varias Naçoens, e cativos d'elRey, como elle, que eraõ quasi quinhentas pessoas, Japoens, Chins, Jaos, e outros, mas nenhum Camboya. Com estes se consolava. Até que succedeo o caso, que dandolhe novos cuidados, ordenou, que fosse meyo pera o livrar de todos, e ficar naõ só com descanço, mas subir a huma naõ cuidada prosperidade. Parece caso imaginado na fantezia, pera representaçaõ de Comedia ociosa, e fingida, mais que acontecimento, como foy, certo, visto, e sabido. No mesmo tempo, que Frey Silvestre passava em medos, e agonias, e o Tirano se queixava delle, e de todos os Frades, vivia o nosso Prior de Malaca com taõ differentes pensamentos, que vendo, que estava largamente satisfeita por Frey Lopo a valia da encomenda d'elRey; fez conta, que era tempo acomodado pera acudir a Frey Silvestre com ajudadores pera a conversaõ: E despachoulhe dous Religiosos em hum navio de mercadores Portuguezes, que na mesma confiança hiaõ alegremente fazer sua viagem, e veniaga. Mas naõ eraõ bem entrados no primeiro porto, que puderaõ tomar, quando elRey tendo aviso, que era gente de Malaca, mandou lançar maõ de tudo, tomar as fazendas, cativar as pessoas. Eraõ os Religiosos Frey Reynaldo de Santa Maria, e Frey Gaspar do Salvador: Ambos com todos os passageiros, e moradores ficaraõ por escravos d'elRey; naõ sem grande, e nova pena de Fr. Silvestre. Porque foraõ tantas as necessidades, e apertos, em que se viraõ os pobres Frades, que chegaraõ a se sustentar de esmollas: E porque estas naõ bastavaõ, buscaraõ em que trabalhar de mãos, e ganhar jornaes. Em fim determinaraõ pôr em risco as vidas, por fugir de tal terra. Concertaraõse com hum navio, que estava de partida: Venceraõ com promessas, e teve o furto successo.

Ficou Frey Silvestre só, ou por andar mais vigiado, e ser muito conhecido, ou, como tenho por mais certo, por naõ deixar os seus Christãos. Passados muitos dias, vendose elRey largamente pago, e sua sede farta no roubo, que fizera aos Portuguezes, dezejou reconciliarse com o Capitaõ de Malaca. Chamou Frey Silvestre, começou a tratallo com mimos, e brandura pera o fim, que pertendia. No meyo destes favores, como Frey Silvestre era muito avisado, e os trabalhos lhe tinhaõ afinado o bom juizo natural, soubelhe ganhar a vontade de maneira, que de escravo, que era, subio ao mais alto gráo de valia, que avia no Reyno. Tanto o adiantou o Rey a todos seus grandes, que geralmente era chamado Pay d'elRey. Testemunhavaõ obras; porque seguia em tudo seus conselhos. Por seu voto pagava serviços, fazia merces a subditos, e estranhos. E ao nosso Mosteiro de Malaca mandava esmollas

Reaes.

Reaes. Chegando algumas vezes a lhe inviar Juncos carregados d'Arroz; que como he o mantimento principal daquellas terras, que naõ produzem trigo, enrequeciaõ a Casa, e sustentavaõ a Cidade. Igualavaõse as obras de liberalidade com honras. Faziao assentar em sua presença, e davalhe cadeira: mostrando, que naõ podia estar sem elle. E ultimamente lhe deu licença, pera trazer sombreiro alto, que he insignia, que ninguem, senaõ elRey, póde usar. Pera Igreja naõ só deu licença, mas proveo a despesa, e o necessario pera ella. Assi o chama o Padre Mendoça no seu Itinerario, segundo do Joseph do Egypto em Camboya. E quadralhe bem a comparaçaõ polo estado primeiro de captivo, e pobre, e polo segundo de mandar tudo. Por onde me persuado, que nunqua Frey Silvestre sahio de Camboya; inda que naõ falta quem diga, que antes destas prosperidades veyo a Malaca, e a rogo do Capitaõ se tornou.

P. Mendoça Ag. c. 21. do seu Itin. Gen. 41.

CAPITULO II.

Pede Frey Silvestre licença a elRey pera se hir pera Malaca, que lhe naõ concede: Converte hum Sacerdote dos Idolos, pessoa insigne, que morre pola Fé.

EM meyo de tantas abundancias de bens da terra, com que se fazia por toda a parte invejado Frey Silvestre, naõ sentia todavia hora de gosto em sua Alma. Porque via correr os annos, e naõ podia acabar com elRey, que desse licença aos vassallos, pera receberem a Ley de Christo: Sendo assi, que muitos dos melhores, e mayores, ou fosse genero de adulaçaõ por sua potencia, ou força da doutrina, que sempre lhes praticava, lhe offereciaõ seus filhos pera o Bautismo; como elRey consentisse. Tinhao tentado em todas as occasioens, que mais benigno se lhe mostrava. Sempre o achava duro, hora dizendo naõ ser honra revogar a ley, que seu antecessor fizera contra mudanças de Religiaõ: Hora affirmando que, se a quebrasse, se levantaria o Reyno. Acrescentava o desgosto a Frey Silvestre, ter avisos de Frades amigos, que a fama, que delle corria por toda a Congregaçaõ, era, que folgava de mandar, e ser Princepe entre barbaros, descuidado das primeiras obrigaçoens do Habito, que eraõ prégar a Fé. Vivendo assi desconsolado comsigo, e nos olhos do mundo graõ Senhor (que isto acontece nelle a muitos) entrou navio de Malaca, que de novo o encheo de cuidados, presentandolhe cartas, e obediencia do Prior de S. Domingos de Malaca, que he Prelado de todos os Frades, que por aquellas partes do Sul andaõ esparzidos; na qual com pena de excommunhaõ lhe mandava, que na primeira occasiaõ, que pudesse, sahisse de Camboya, e se fosse a Malaca. Nenhuma nova se pudera dar a Frey Silvestre de mais gosto, senaõ trouxera de mistura o preceito, que era argumento de ser certa a opiniaõ avessa, que os amigos lhe affirmavaõ se tinha de suas cousas. Foyse logo com os papeis a elRey. Era huma Patente de rigu-

rigurosa nota, passada polo Presentado Frey Antonio Rebello, que de novo entrara por Prior de Malaca. Propozlhe a obrigaçaõ, que tinha de acudir á ella, e o discredito, em que estava com os seus, por ter deixado passar tantos annos, sem se resolver, ou em prégar, que era e seu officio, ou em deixar a terra. Carregouselhe elRey; e remeteo ao Presidente da Fazenda, em quem achou clareza de tudo, o que entendera do sembrante Real. Recapitulou este tudo, o que o Tyrano tinha dado, e doado por amor delle, emprestimos, e merces, que tinha feito a Portuguezes, e á outras Naçoens: Hum Junco (he genero de navio de alto bordo) que emprestara por seu rogo a certo Portuguez, e se perdera. E por naõ ficar nada, por lhe lançar em rosto, e pôr em rol, ajuntava a encommenda antiquissima dos escravos, que mandara a Malaca, por quem tanto padecera Frey Lopo Cardoso: E concluia, que pagandolhe tudo, porque tudo elRey fizera por contemplaçaõ delle Fr. Silvestre, sem outro respeito, nem conhecimento de partes, entaõ se poderia hir. Assombrado o pobre Frade com reposta taõ fora de caminho, segundo isso, disse, naõ quer elRey, que me eu vá. Porque elle sabe muy bem, que fora deste Habito, e Breviario, nenhuma cousa outra possuo debaixo do Sol. Assi passa, replicou o Gentio, e bem he rezaõ, que saibas estimar, fazer tanto caso de ti, sendo tú hum pobre Estrangeiro do cabo do mundo. Que se te pede estas cousas, naõ he por necessidade, nem cobiça dellas; que antes está prompto, pera te fazer maiores merces; senaõ pola graça, que tua ventura diante delle achou. Reconhecia Frey Silvestre o amor d'elRey, como agradecido que era: Mas quizera antes, que fora verdadeiro odio, pera que o lançara de sy, ou o deixara hir. Ficouse, porque naõ era senhor de sy.

Deste dia em diante se determinou Frey Silvestre a hum novo genero de vida; vida de homem malencolizado, e descontente. Encerrouse em huma casa com portas fechadas, com porteiro, e campainha, e estava em meyo da Cidade, como se vivera no deserto, com grande admiraçaõ, e louvores dos Gentios. O que ainda fora mais toleravel, se tivera companhia de Frades. Mas foy segunda desgraça, que como era publico na Congregaçaõ, que Camboya naõ admittia o Evangelho, e sabiaõ delle, que nadava em prosperidades, ateimaraõ, julgando mal do homem, em lhe naõ darem companheiro, que com grandes efficacias requeria: E chegou a passar sinco annos inteiros, sem ter quem o confessasse. E mais passara, senaõ acontecera aportar na terra hum Junco da China, e nelle hum Sacerdote secular, que festejou, como se fora Anjo mandado do Ceo: E com muitos rogos acabou com elle, que se ficasse em sua companhia. E porque a differança do trajo naõ fosse estranha no povo, vestiolhe hum Habito de S. Domingos. Como teve tal companheiro, que lhe foy de grande alivio Espiritual, e temporal, ajuntou á clausura outra circunstancia de casa Religiosa, que foy levantarse á meya noite,

te, e precedendo primeiro, e segundo sinal de sino, rezar na Igreja suas Matinas, seguidas sempre de Oraçaõ, e disciplina: E depois com a mesma ceremonia de sino ás Horas costumadas do dia. Na Quaresma fazia juntar os Christãos, que tinha convertido, e tomar suas disciplinas, entoando com pausa, e devaçaõ o Psalmo, *Miserere mei Deus, &c.* Assi temperava as saudades, em que vivia, de sua Religiaõ, dizendo com David: *Cantabiles mihi erant justificationes tuæ in loco peregrinationis meæ.* Como se dissera: Quando Senhor me achava mais longe das terras, onde sois conhecido, e venerado, entaõ tinha mais gosto de louvar vosso nome, e cantar vossas grandezas.

Sahiolhe bem a Frey Silvestre esta representaçaõ, que fez de Mosteiro. Porque alem de se consolar com o mesmo, em que se criara, mostrava juntamente a estes Barbaros a fermosura da Igreja de Christo; pera os hir affeiçoando a ella. Assi continuavaõ com elle muitos Sacerdotes dos Idolos, espantados do concerto, e perseverança, com que procedia. E porque ouve hum taõ atrevido, que presumio convertello á sua seyta, e foy Deos servido, que de caçador ficasse caçado com taõ boa ventura, que veyo a morrer por Christo, será bem, dizermos brevemente alguma cousa das cegueiras, com que o Diabo traz envolta esta miseravel Gentilidade, pera que demos graças a Deos por nos criar na luz verdadeira da Fé. Primeiramente ha neste Reyno muitas, e sumptuosas casas, em que se recolhem, como em Mosteiros, tanto numero de homens, que se affirma comprehenderse a terceira parte do Reyno nos que já tem titulo de Sacerdotes, e os que o vaõ por seus degráos pertendendo, com trato, e vida a seu modo Religiosa; com ser o Reyno taõ grande, e populoso, que punha este Rey em campo naquelle tempo cem mil homens de peleja. Entre estes ha sinco gráos, com que entre sy saõ distintos em nome, authoridade, e lugar diante d'el-Rey, e do povo. Os primeiros, e de maior dignidade, que se chamaõ Messancraches, em toda occasiaõ tem assento assima d'elRey. Succedem os Naczindeches, que se assentaõ igualmente com elRey. A terceira differença he dos Mityres, que saõ do gráo commum dos Sacerdotes; e tem lugar abaixo d'elRey. A estes seguem duas distinçoens, que chamaõ Chapuzes, e Sazes. Todos procuraõ viver separados do povo em vida, e trato: E naõ fica meyo, que naõ busquem pera se fazerem estimar, e venerar por grandes sabios, com que crescem em soberba, e presumçaõ Luciferina. Por onde saõ os mayores inimigos, que tem a Ley Evangelica, e as peores Almas de conquistar. Porque sendo assi, que tratados, e levados por rezaõ, naõ ha gente mais facil de convencer: Como tem alcançado tanta estima, e credito entre os seus, quando chegaõ a ver descuberto o erro, em que vivem, naõ sabem sahir delle com medo de perder reputaçaõ. Assi póde mais com elles o ponto da vaidade, que o da verdade, e salvaçaõ; e caminhaõ com milhoens de Almas pera o Inferno.

Fr. Gaspar da Cruz no Tratado da China c. 1.

ferno. Entre muitos Deoses, que adoraõ, de hum, que daõ por Autor do Ceo, e da terra, tal vida contaõ os mesmos Sacerdotes, que fez, e taes historias publicaõ delle, que com poucos argumentos vem a confessar, que foy homem, e cheyo de maldades. Naõ ha entre elles estudo, nem sciencia de cousas altas. O que ensinaõ, e publicaõ da outra vida, saõ patranhas, e ignorancias de mininos. Dizem, que ha vintesete Paraisos. No mais alto poem seus Deoses. Cujos corpos dizem, que saõ redondos como balas. E a maior honra, que daõ aos que sobem da terra, he terem tambem os corpos redondos ao modo dos Deoses. Abaixo destes querem, que vaõ os seus Sacerdotes Santos, que vivem polos ermos: E a bemaventurança, que lhes daõ, he estaremse lá refrescando ao vento. Parece que, como os miseraveis passaraõ toda a vida torrados do Sol; ficaõ bem pagos no outro mundo, com lograrem viraçoens brandas. Outros Paraisos fazem pera toda a cousa vivente, em que poem por gloria abundancia de comer, e beber, e sensualidades varias; affirmando, que até a pulga, e a formiga vaõ lá gozar nova vida. Mas isto baste pera argumento das trevas, que cegaõ nesta Gentilidade a Mestres, e discipulos.

Entre os que mais continuavaõ com Frey Silvestre, era hum Naczendeche, acreditado no povo, e valido d'elRey, homem de bom natural, e no trato, e conversaçaõ ordinaria avisado, e brando. Este achando em Frey Silvestre as mesmas partes, propoz comsigo trazello á mesma seyta. Hum dia, que estiveraõ sós, depois de longa pratica, descobriose com elle. E foylhe dizendo tudo, o que em longos dias tinha estudado pera o persuadir. Naõ teve Frey Silvestre melhor hora de quantas lhe levou Camboya: Deu por conquistada a Alma do Gentio, como o vio posto em tratar de verdades, e boa rezaõ. Desfezlhe todos seus argumentos com pouco trabalho; porque em nenhum avia força, nem fundamento: Logo tornou sobre elle. E tanto lhe soube dizer, que ajudado o idolatra da Graça Divina, abrio os olhos á luz, e pedio, e recebeo o Santo Bautismo. E taõ fundado ficou nas verdades Catholicas, que com grande afouteza publicava, que naõ avia salvaçaõ, senaõ em Christo, que era verdadeiro Deos, e Homem, e Salvador do mundo. E tudo, o que os Massancraches, e Naczandereches prégavaõ, era falsidade, e desatino. Consolavase grandemente Frey Silvestre com tal discipulo, tinhao por premio de seus trabalhos, porque fazia conta de ganhar muitas Almas por seu meyo. Mas foy tal o fogo do odio, e indignaçaõ, que se levantou nos companheiros de seu gráo, e em todo genero de Sacerdote Camboya, que, avendose todos por afrontados nelle, determinaraõ tirarlhe a vida. E naõ tardaraõ com a execuçaõ. Colheraõno fora de povoado, deraõlhe tantas feridas, que, bastando poucas pera o matar, enxergouse na multidaõ dellas o grande numero dos conjurados, e a força da ira. Porem melhor mostrou o Senhor, que fora preciosa em seus olhos aquella morte. Porque avendo tres

tres dias, que era executada, quando chegou á noticia de Fr. Silvestre, e foy buscar o corpo, pera lhe dar sepultura, com ser o clima taõ calido, que por momentos corrompe as carnes mortas, taõ frescas estavaõ as feridas, e o sangue, como na hora que lhas deraõ. E sendo o mato cheyo de bichos, e animaes feros, nenhum lhe tinha tocado. Assi o sepultou na sua Igreja com lagrimas de alegria, como a quem tinha por bemaventurado, e junto delle se mandou depois lançar, quando faleceo.

CAPITULO III.

Obriga elRey a Frey Silvestre, que faça Oraçaõ em caso de falta d'agoa: Acode a Misericordia de Deos a honrar seu servo, dandoa: Chegaõ de Malaca Embayxador, e novos Pregadores: Assentaõ com elRey fazer livro dos Mysterios da Fé.

ESTava hum dia Frey Silvestre com elRey, em companhia de alguns grandes do Reyno: Era conjunçaõ de huma grande seca, que avia muitos dias durava, sem o Ceo dar sinal, nem esperança d'agoa. Começaraõ a tratar do grande mal, e fome, que ameaçava. E assentavaõ, que se muito em breve naõ chovia, estava certo, perderemse todas as novidades, e principalmente os Arrozes, que he o mantimento geral da terra. Virouse elRey pera Frey Silvestre, e disselhe: Agora, Padre, era tempo, pera que nos descubrisses alguma daquellas grandezas, com que cada dia nos quebras as orelhas, do teu Deos. Se taõ poderoso he, como publicas, rogalhe, que nos acuda nesta necessidade: ao menos, porque naõ pereçaõ os pobres. Levou elRey o Frade polo que devia saber de sua natureza, que era andar sempre remediando pobres, e requerendo pera elles. Levantouse Frey Silvestre, e respondeo assi: As muitas merces, e honras, que me fazes, graõ Rey, que eu atribuo a ser servo desse mesmo Senhor, a quem me mandas rogar, que pera ellas naõ ha outra rezaõ, me obrigaõ a pôr vontade, e obra neste requerimento: Fallohey, e com muito dezejo de aproveitar. Mas tambem te faço saber, que se elle me naõ quizer ouvir, ou por meu pouco merecimento, ou polos grandes peccados desta Provincia, que entrandolhe por casa a luz do Santo Evangelho, lhe cerra as portas, e as Almas, ou por outro secreto juizo seu: Nem por isso deixarey de o reconhecer por taõ Santo, e taõ Omnipotente, como cadadia prégo: Nem deixarey de ter por falso, e vaõ tudo, o que teus Bramenes, e Sacerdotes apregoaõ de seus Deoses. Naõ disse mais Frey Silvestre. E pondo logo os joelhos em terra, e os olhos no Ceo, levantou a Alma sobre todas as Hierarchias dos Anjos, pedindo ao Senhor dellas, quizesse ouvir sua Oraçaõ, que dalli hia fazer, e alli começava. Andava Frey Silvestre muito desconsolado, como quem fazia conta, que já naõ avia de sahir daquelle cativeiro. Offerecia a Deos o desterro forçado em terra alheya; e o discredito, que innocentemente padecia na propria: Ajuntava suspiros, e lagrimas, e disciplinas. Isto, que

que nelle era ordinario, fez a Oraçaõ muito devota, pedindo a Deos fosse servido de anticipar com as bençoens de sua misericordia aquelles cegos; pera que, ou por este meyo o reconhecessem, ou ao menos ficassem sem desculpa, se, depois de as verem, naõ deixassem a idolatria. Bemdigãovos os Anjos, piadosissimos Senhor: Sempre tiveraõ lugar diante de vossos Divinis olhos petiçoens de gente affligida. Choveo no mesmo dia: E foy tanta a agoa, e taõ grossa, e durou tanto tempo, que referindoa o Rey a Frey Silvestre, lhe mandou rogar, que pois alcançara a chuva, pedisse de novo serenidade, que já era necessaria. Pedioa. Tornou tempo claro: E tal, que até o entendimento d'elRey allumiou, e o obrigou a se dar por convencido de taes dous sinaes. Mas tinhalhe o Diabo tomado posse da vontade. E taõ cativo estava do gosto de reynar, que chãamente dizia se bautisara logo, se naõ temera, levantaremselhe os vassallos, e perder o Reyno.

1585. Era isto já polos annos de 1585. em que o longo andar do tempo tinha descuberto aos Padres da Congregaçaõ a verdade do bom procedimento de Frey Silvestre: e juntandose parecer ao Capitaõ de Malaca, Roque de Mello, cousa conveniente ao bem da Cidade, continuar o commercio, e amizade antiga com Camboya, acordou de conselho commum com o Prior de S. Domingos, que elle despachasse Embayxador ao Rey, e o Prior mandasse Frades, pera acompanharem a Frey Silvestre, e tratarem juntos de apertar com a conversaõ. Partiraõ em 25. d'Agosto deste anno o Embayxador, e os nossos Padres, que eraõ Frey Antonio Dorta, que depois foy Vigario geral da Congregaçaõ, e Frey Antonio Caldeira, ambos chegados de fresco de Solor. Juntaraõse com elles dous Padres Capuchos Franciscanos da Custodia de Malaca. Foy dia de gloria, e triumfo pera Frey Silvestre, o em que chegaraõ a Camboya: Alegrandose com ver gente do Habito, e claros sinaes nella de que, inda que tarde, e depois de envelhecido em desgostos, estava conhecida sua innocencia. Mandou elRey agasalhar os hospedes por hum Massancrache, a quem por tal dignidade, e por ser avido por grande Letrado, fazia honras extraordinarias. Este os levou a hum Comil de seus Religiosos, de forma, e largueza de Mosteiro, onde foraõ por elle, e polos subditos tratados com toda cortezia, e mostras de amor. Na primeira noite depois de recolhidos os hospedes, quiz o Massancrache mostrar suas habilidades: e rezou em voz, que soou por toda a casa, algumas Oraçoens. Tinhaõ rezado os nossos Frades logo á noite suas Completas, e procurado molificar com o canto sagrado da Igreja aquelles peitos selvaticos, e subditos do Inferno, foraõ dizendo os Psalmos com sua pausa, e devaçaõ, e depois o *Nunc dimittis*, *&c.* de canto d'Orgaõ, que todavia os penetrou com força incessivel. E muito mais, depois que sentiraõ a mesma Musica nas Matinas da meya noite. Que na verdade aquella hora, como he a primeira do dia novo, que se dá a Deos, ajudada do silencio, e sombra noctur-

nocturna, arrebata com o canto as Almas, e obriga a devaçaõ. Assi se lhe mostravaõ grandemente affeiçoados, e affirmavaõ que, se elRey desse licença pera a promulgaçaõ do Evangelho, nunqua se apartariaõ delles. Mas era grande a desaventura da gente. Ella pendia da vontade d'elRey: ElRey do medo de perder o Reyno. Assi perdiaõ todos o Ceo, e triumfava o Inferno.

Propuzeraõ os Frades sua Embayxada a elRey com carta do nosso Prior de Malaca, e segundo o uso da terra tambem com presente. Continha a carta, que elle Prior se achava obrigado a dizerlhe todos os bens, e a dezejarlhe todos os bens, e presperidades da vida, pola muita merce, e honra, que em Frey Silvestre fazia a toda a Ordem. E porque a maior boa ventura da terra he conhecer o verdadeiro Deos, esta era a que dezejava summamente lhe entrasse por sua casa, e por seu Reyno: e a esse fim mandava aquelles Padres, que eraõ Letrados, e virtuosos, com os quaes, pera em tudo acertar, mandasse juntar aos seus Massancraches, e mais Religiosos, e disputando a verdade das Leys, seguisse aquella, com que ficasse a vitoria: Que os seus Frades levavaõ ordem pera porem em livro, e na lingoa de Camboya os pontos principaes da Fé Christãa, pera ficar mais facil a todos. Que soubesse, que era virtude particular da Ley de Christo unir, e amigar animos encontrados: Se a recebesse, tivesse por certo, que só ella bastava, pera lhe fazer dos vassallos cativos, filhos fieis, e muito obedientes: E dos Portuguezes irmãos, e amigos, e companheiros perpetuos. Respondeo logo, que disputas publicas naõ queria; porque causariaõ alteraçaõ no povo; que o livro fizessem: E se depois de feito lhe parecesse bem, entaõ daria licença pera se publicar, e prégar. Bem cahiraõ os Frades, que era a reposta de homem, que como feiticeiro seguia conselho de quem naõ quer verdades aclaradas, que he o Diabo. No livro, como era cousa pera mais devagar, naõ lhe faltariaõ com o tempo seus desvios. Entretanto disputavaõ os Frades com os Chapazes, Sazes, e Mitens: E naõ achavaõ em nenhum sciencia, nem argumento de bons juizos. Assi os atavaõ, e convenciaõ logo, como a puros idiotas. Hum dia quiz o Massancrache, que os agasalhava, fazer alardo de suas letras, presente toda a Communidade dos seus. Propoz algumas materias rebentando de vaidade, e presunçaõ. Tal reposta lhe deraõ os nossos, descobrindolhe as falsidades de cada huma, e provando as verdades Christãas, que de corrido, e atalhado, cortou a pratica, dizendo, que ficasse pera outro dia a resoluçaõ. E soubese depois, que reprehendera asperamente hum Chapaz moço, filho de hum Senhor principal, porque lhe disse, que todavia os Frades procuravaõ bem sua tençaõ.

Procediase entretanto na composiçaõ do livro, porque os Padres naõ queriaõ perder tempo. Escrevia Frey Silvestre, como mais prompto na lingoa. Assistia por parte d'elRey hum seu Letrado de nome. Foy o principio

tratar

tratar da creaçaõ do mundo, e do primeiro homem: contar o diluvio, e divisaõ das lingoas: E como naõ avia mais que hum só Deos todo poderoso, Creador de tudo. Tratava do peccado de Adaõ; e como por elle ficara a natureza humana inficionada; e pera a remediar viera Christo ao mundo. Assi hiaõ continuando com boas esperanças de fazerem grande beneficio na terra. Porque elRey, que tinha bom entendimento natural, dandolhe o seu Letrado cadadia rezaõ do que se hia fazendo, recebia bem as cousas, quadravaõlhe, e alegravase. E hum dia soltou diante de muitos dos seus, que se o livro continha o que lhe referiaõ, de boa vontade daria hum filho aos Padres, pera que o fizessem Christaõ, e passaria suas licenças em chapas d'ouro, pera que todo o Reyno se bautisasse. Destas palavras veyo pedir alvissaras a Frey Silvestre hum Irmaõ da Rainha, que obrigado della, andava cobiçoso de ser o primeiro bautisado: E como tal, costumava já trazer á Igreja lenços de boninas, que offerecia a huma Imagem de Nossa Senhora. As mesmas novas tinhaõ os mais Religiosos por outras vias: E confirmouas elRey, passandose pera a sua Cidade de Angor, com os mandar agasalhar defonte do Paço, e darlhes panos ricos da sua recamara, pera armaçaõ, e concerto da Igreja.

CAPITULO IV.

Manda elRey cessar a composiçaõ do livro: Vaõse os Frades: Torna elRey sobre sy, dá licença pera se prégar o Evangelho: Morreo elle, e Frey Silvestre: Acodem novos Prégadores.

Estava toda a terra aballada, e naõ só aballada, mas alvoroçada, pera receber a nova Ley, desdo Rey até o mais humilde piaõ. Eraõ estimados os Religiosos dos Senhores; visitados, e acariciados dos Sacerdotes, servidos do povo com grossas esmollas. Vio o Inimigo do genero humano, que se lhe apparelhava perder hum numero infinito de Almas, que, sem nenhum feitio seu, eraõ todas de sua jurisdiçaõ: Acudio por sy, e fez hum tiro muito seu, escondendo, como dizem, a maõ. E foy o Senhor servido por seus occultos juizos, que lhe valesse. Era elRey de Jor, Estado vizinho de Malaca, hum dos que neste tempo tinhaõ ordinaria guerra com ella, e com odio taõ entranhavel, que naõ sabia darnos hora de quietaçaõ. Este sabendo, que mandava da India contra elle huma grossa Armada, que foy aquella, com que Dom Paulo de Lima, valeroso Capitaõ, lhe tomou, e abrasou a melhor Cidade, que tinha, com famosa vitoria: E vendo, que o Camboya entrava em amizades com o Capitaõ de Malaca por meyo dos Frades, determinou estorvallos a todo seu poder. Despachalhe Embayxadores; e juntando a hum bom presente palavras brandas, e lizongeiras, dizialhe, que a gran-

grandeza de Camboya, famosa por todo o Oriente, perderia muito de sua authoridade, se se dissesse, que tratava, e sustentava amizades com homens, que eraõ inimigos communs de todos os Reynos da India, quando trataraõ de destruir a terra de hum vizinho, amigo, e aliado antigo d'elRey de Camboya, e de seus antepassados, e que hoje se tinha em conta de vassallo seu; que entendesse, que nesta consideraçaõ, naõ se desempara hum Rey natural, por favorecer Estrangeiros; mas contra sy mesmo dava armas aos mesmos Estrangeiros. Porque estava certo, que, como tomassem Jor, que era como arrabalde, e jardim de Camboya, ficavaõ com chegada tomada pera a conquistarem. E se lhe naõ queria dar credito, perguntasse, e soubesse, com que meyos se tinhaõ feito Senhores de Goa, Ormus, e Malaca, e outros Reynos: Gente manhosa, e sagaz, sabiaõ dividir os alliados, e amigos: E depois de enfraquecidos com a divisaõ, senhoreallos hum atraz outro. E pera este fim mandavaõ diante huns como corredores, que com capa de virtude, e humildade fingida entravaõ a espiar as terras, e alcançar os secretos dellas: Que destes se devia vigiar primeiro, e os lancasse de sy, ou os matasse. Porque eraõ tanto mais perniciosos inimigos, quanto menos o representavaõ na vista: Que pois Deos lhe concedera sustentar tantos annos com valor o Reyno de seus avós, naõ o viesse a perder por descuido, e enganos depois de velho. Fez notavel aballo no peito do Camboya esta Embayxada: E como he annexa a todo o poder, e mando a desconfiança, assoprou Lucifer o fogo, e de faiscas fez incendio. Foy primeiro principio tolher as entradas do Paço, que eraõ francas aos Frades: Logo mandou ao Letrado, que corria com o livro, que deixasse a obra: E elle suspendeo as sahidas, que costumava fazer pola Cidade; e se sahia, era cercado de guarda, e armas. Naõ foy necessario mais pera os vassallos. No mesmo ponto desempararaõ grandes, e piquenos os pobres Religiosos. De sorte, que onde dantes viviaõ com abundancia de tudo, vieraõ a estado de naõ aver, quem por piedade lhes desse huma esmolla. Dissimularaõ algum tempo, avendo, que seria liviandade de Barbaros: Mas depois que viraõ, passados nove mezes, que viviaõ como cativos, animaraõse a prégar sem licença a palavra de Deos, e consolarse com morrer por ella. E logo aconteceo ao Padre Frey Antonio Caldeira á conta da santa determinaçaõ, verse atado á tromba de hum Elefante: e fora em hum momento feito pedaços, se lhe naõ valera hum homem poderoso, e piadoso, que o fez livrar. Em fim despejaraõ todos a terra, senaõ foy Frey Silvestre, que elRey naõ consentio, que se fosse.

Era elRey entrado em dias: E na verdade tinha boa vontade a Frey Silvestre: Mandou fazer estreitas, e secretas inquiriçoens de sua vida, e averiguar se elle, ou algum de seus companheiros, em quanto na terra moraraõ, tiveraõ trato occulto com seus inimigos, ou pratica

em dano do Eſtado daquella Republica, ou de ſua peſſoa. Como naõ reſultou culpa contra nenhum, tornou a Frey Silveſtre os favores, e honras antigas, com tantas ventagens, e animo taõ deſaſſombrado, que moſtrava claro, procedera a falta paſſada mais de engano, que de vontade danada. E pera prova maior lhe mandou paſſar de ſeu moto proprio largas proviſoens: polas quaes naõ ſó lhe dava licença a elle pera prégar o Santo Evangelho em todas ſuas terras, mas a quantos Religioſos quizeſſem vir a ellas. E mandou fixar carteis, e publicar editos, porque notificava a todos ſeus ſubditos, de qualquer qualidade, e condiçaõ que foſſem, que quizeſſem deixar as ſeytas antigas, e abraçar a Ley Chriſtãa, o pudeſſem fazer livremente, ſem por iſſo encorrerem pera com elle em pena, nem culpa alguma: Antes lhes fazia a ſaber, que ſe dava por taõ bem ſervido de a receberem, que deſde logo confirmava aos taes todos os officios, terras, eſtados, e rendas, que poſſuiaõ: E de novo lhes fazia merce, e honra. Veyo a ſucceder eſta grande, e naõ eſperada mudança entrado já o anno de 1589. Della aviſou logo Frey Silveſtre a Malaca, e ao Vigario geral da Congregaçaõ, com os treslados das Proviſoens: E pedindo, que acudiſſem áquella Vinha do Senhor, que ſe apercebia pera grandes frutos, ſe lhes acudiſſem trabalhadores, quantos convinhaõ: E de preſente pedia, que foſſem logo polo menos doze Padres, pera ſe repartirem polas Cidades, que eraõ muitas, e a terra muito povoada; e com elles alguns Meſtres de Latim, e canto d'Orgaõ; inda que foſſem ſeculares: porque lhes faria dar ſalarios, com que viveſſem contentes.

1589.

Neſte bom animo continuava elRey, quando lhe bateo á porta a hora da morte, com aſſaz deſgraça ſua. Porque nos naõ conſta, que recebeſſe o Santo Bautiſmo, com que convidava os ſeus. E bem he de crer, que lhe naõ faltariaõ em tal tempo boas diligencias da parte de Frey Silveſtre. Porem como era ſó, e a terra cheya de ſeus Maſſancraches, e Naczondeches, que naõ ſó ſe fazem reverenciar, mas adorar por Santos, devialhes morrer nas mãos. Pera exemplo, de que naõ haja ninguem, que guarde pera aquelle terrivel paſſo, o que podia fazer em vida.

Succedeolhe na Coroa, e na boa inclinaçaõ pera as couſas do Evangelho hum filho moço, criado entre os Frades, e por Frey Silveſtre: E como tal naõ lhe moſtrava menos amor, que ſeu Pay. O que fazia de palavra, e obras: Como ſe póde ver de huma carta ſua pera o Prior de Malaca, que por iſſo a ajuntamos aqui. Foy repoſta dos parabens, e viſita, que o Prior lhe mandou, tanto que ſoube de ſua ſucceſſaõ. Segueſe a Carta.

PRauncar, Rey de Camboya á Ordem de S. Domingos de Malaca amizade, e lembrança perpetua. Polos meus Embayxadores tive huma carta dessa Religiaõ, e outra por Francisco Luis, com o presente, que me mandava. E bem vi o muito, que folgava com minhas prosperidades: Postoque ao presente inda sejaõ involtas com guerras, e desobediencias de meus vassallos. O que me causa naõ acudir a essa Religiaõ, como minha vontade, e dezejo pede. Mas tendo tudo quieto, e as guerras acabadas, naõ serey descuidado a lhe fazer lembrança se sirva destes Reynos, como o fez em vida d'elRey meu Pay. Porque agora estaõ as guerras taes, que nem tempo me daõ pera cumprir com o que tenho prometido aos Padres de S. Francisco. Mas de tudo lhe tenho passado chapa Real, pera na primeira bonança a pór por obra.

Assi cerrava a carta, que damos na mesma forma, em que chegou a nossas mãos: Porque nos naõ constou, se a escrevera elRey em sua lingoagem, ou se a mandara fazer por maõ de algum Portuguez, como era possivel. Abaixo avia mais duas regras, que diziaõ assi.

AS cousas ditas me fazem continuar com a arrecadaçaõ do Junco, e fazenda, que nessa Fortaleza tomaraõ a hum cativo meu. VV. RR. sejaõ parte, pera que se me mande.

Apoz estas cartas mandou outras pera o Capitaõ da Fortaleza; pedindo com efficacia, e encarecimento, lhe fossem os Frades de S. Domingos, e com elles alguns artilheiros, e espingardeiros, e bons soldados; e tambem Mestres de levantar navios, a que prometia fazer gasalhado, e dar bons partidos: E em sinal de verdadeira amizade, e bom Espirito, alem de hum bom presente pera o Capitaõ, mandou ao Prior duas grandes Cruzes de Páo Ferro, que eraõ como mastros. O feitio era oitavado, e dourado sobre Charaõ vermelho pera preservaçaõ do Sol, e ouro contra a força do Sol, e agoa. Era Prior de Malaca Frey Gonsalo de Cerqueira, que fez arvorar logo huma na praça da nossa Igreja: A outra mandou aos Padres de Cochim, onde se poz no adro do Convento.

Chegando novas á India da boa correspondencia, que o Rey moço tinha com Malaca, encomendou o Governador do Estado ao Vigario geral da Congregaçaõ, que era já o Padre Frey

Jeronymo de S. Domingos, que em todo caso despachasse alguns Padres pera Camboya. Porque alem de lhos pedir o mesmo Rey por carta sua; era muito conveniente ao Estado a conservaçaõ de tal amigo. Mandou o Vigario geral logo dous Padres, que foraõ Frey Luis da Fonseca, e Frey Jorge da Mota. Os quaes sendo partidos, chegou ao Prior, que era já o Padre Frey Thomás do Espirito Santo, recado d'elRey, com nova instancia sobre a mesma materia de lhe mandar Religiosos; dandolhe juntamente aviso de ser falecido o Padre Frey Silvestre, desconsolaçaõ em que vivia com a falta de taõ bom amigo. Dizia mais, que por saber, que elle Prior era vindo de pouco áquelle cargo, e casa, dezejava inviarlhe huma esmolla, que folgaria mandasse buscalla por pessoa de confiança. E naõ foy descuidado em a mandar, nem foy piquena, pera nos fazer mais magoa o pouco, que depois logrou o Reyno, e a vida, e o naõ receber a Fé quem fazia tantos bens aos Prégadores della. Foy a esmolla hum poderoso Junco carregado de Arroz, e de outros mantimentos, que fez entregar a hum Irmaõ Converso, que o Prior lhe despachara, a que juntou algumas peças boas pera a Igreja. E isto he quanto chegou á nossa noticia do que Frades nossos passaraõ, e trabalharaõ por este Reyno, em quanto se governou por Rey particular. O fim do Reyno, e do Rey, e o muito, que custou a estes dou Padres acompanhallo, contaremos adiante, onde nos ficará em proposito: Depois que dissermos alguma cousa de outra missaõ, que tambem occupou os Religiosos desta Ordem, naõ só com trabalhos, mas tambem com effusaõ de sangue.

CAPITULO V.

Entraõ os Frades de S. Domingos em Siaõ: Dasse conta, como foy por treiçaõ de Mouros morto o Padre Frey Jeronymo da Cruz: E do que fez no caso seu companheiro, ficando muito ferido.

HE o Reyno de Siaõ hum dos mais estendidos Senhorios, assi por costa, como por largura de terras polo sertaõ dentro. Chamaraõlhe os antigos Servau: O nome presente tomou da Cidade Siaõ, situada sobre as ribeiras do grande Rio Menau. Os naturaes devendose dizer Sioneses, chamaõse Mantuays: E a Cidade Metropoli Odiah. Foy terceira empresa dos Padres de Malaca tentar, se seria Deos servido, que fosse seu Santo Evangelho nesta grande Provincia recebido, corria com bom successo em Solor. Esperavase bem naquelles primeiros tempos de Camboya. Naõ faziaõ medo os riscos, e trabalhos dos Irmãos em huma parte, nem o sangue derramado em outra. Antes era tudo invejado dos que viviaõ descançados na quietaçaõ dos Conventos. E como Siaõ prometia tanto mais fertilidade, quanto maior era a seara, e avia novas certas da gente da terra naõ ser desafeiçoada ao trato, e conversaçaõ dos Portuguezes, andava o Prior de Malaca com dezejos de lhe mandar bater nas portas, e offerecerlhe as novas, e meyos da salvaçaõ.

vaçaõ. Governava aquelle Convento, e era Prelado de todos os nossos Religiosos do Sul, o Padre Mestre Frey Fernando de Santa Maria. Pertendia com grande vontade, naõ só ver effeytuada a jornada; mas ser hum dos que nella entrassem. Chegoulhe de Goa no meyo destes cuidados por Conventual o Padre Frey Jeronymo da Cruz, vindo de fresco da Provincia. Trazia nome de muito espiritual, publicava dezejos de ser mandado, e alvoroços de servir. Naõ quiz o Prior diffirir occupallo, e dar juntamente execuçaõ ao que trazia imaginado: E dandolhe por companheiro o Padre Frey Sebastiaõ do Canto, pessoa de boas letras, e partes, quaes convinhaõ pera a empresa, embarcou ambos na primeira passagem, que se offereceo pera Siaõ. O successo, que estes Padres tiveraõ em sua chegada, e estada, deixamos escrito na Primeira Parte desta Cronica: Onde nos pareceo, que pertencia, por rezaõ de ser o Padre Frey Jeronymo filho do Convento de Lisboa. Aqui bastará dizermos, que sendo recebidos com amor dos Mantuays Gentios, e procedendo com grandes esperanças de fazerem muito serviço a nosso Senhor, atalhou tudo o odio dos Mouros, que eraõ muitos, e poderosos na terra; usando de huma traça, e treiçaõ diabolica, com a qual mataraõ ás lançadas o Padre Frey Jeronymo, e deixaraõ passado de muitas feridas o companheiro. Deste caso fez relaçaõ o Prior Frey Fernando ao nosso Padre Geral a Roma por huma carta, que anda impressa no fim das Actas do nosso Capitulo geral, celebrado na mesma Cidade no anno de 1571.

L.3.c.31.

1571.

Agora diremos o que mais succedeo ao companheiro, e o que o Rey fez em vingança da maldade, e final do que estimava os Padres. Chegoulhe a nova da morte de hum, e ferimento do outro, andando longe da Cidade; e na mesma hora mandou, a quem deixara com o governo da justiça, que fizesse estreitas informaçoens, e castigasse os culpados, taõ exemplarmente, que vissem os Estrangeiros, que tinha por afronta propria, e feita á sua Pessoa Real, a que se fizera aos Religiosos. Descubrio a Cidade o amor, que já lhes tinha, na hora, que se publicou a ordem d'elRey. Porque num momento foraõ denunciados, e presos todos os delinquentes, e complices: E festejada a justiça, que delles se fez: Que foy, lançaremse aos Elefantes os que eraõ Mouros. Basta hum leve movimento daquelles vastos animaes, pera fazer pedaços hum corpo humano. Mas pera que lhe naõ escape com vida o que querem matar, tem tal distinto natural, que depois que o vem estendido em terra, porque naõ acerte de se lhe fingir morto, assentaõlhe huma maõ em sima: E logo suspendem todo o corpo sobre ella, levantando hora os pés, hora, outra maõ. De sorte, que basta pera ficar feito huma pasta. E tal foy a pena dos Mouros, como mais culpados. Dos Gentios, que os acompanharaõ peitados, foraõ huns degolados, outros desterrados: Mas naõ parou aqui a justiça. Estavaõ os carceres cheyos de outros de menos, ou nenhuma

culpa. Apercebiase o Juiz pera fazer mais sangue. Acudio a elle Frey Sebastiaõ, cheyo de piedade Christãa; pedindolhe, que suspendesse a execuçaõ, até ter saude, e poder interceder com elRey por aquelles pobres, que sabidamente innocentes estavaõ em ferros. Pôsse a caminho inda mal convalecido: E foy ouvido com admiraçaõ do Rey, e de toda a Corte, orando por inimigos, e pedindo, que cessassem as mortes. Naõ venho (dizia) poderoso Senhor, á tua presença pedir vingança destas feridas, que inda ves abertas: Misericordia peço pera teus vassallos, que estimarey como feita a mim. Porque a ley, que seguimos os Christãos, naõ costuma dar mal por mal. He ley, que dá vida Celestial a todos, e a ninguem tira a mortal. A edificar viemos a Siaõ, naõ a destruir, mas a morrer pola Fé, que prégamos com tanto gosto, que a maior queixa, que tenho dos que mataraõ a meu companheiro, he, deixaremme a mim com vida. Por tanto se alguma cousa elle, e eu te merecemos, cesse tua ira, abraõse os carceres, naõ haja mais sangue. Reconheceraõ o Rey, e vassallos o Espirito Christaõ: e adiantaraõ na affeiçaõ do vivo, e saudades do morto. De sorte, que foy a reposta do mesmo Princepe, que a troco da graça, que a seu rogo fazia de mandar levantar maõ do castigo, lhe prometesse elle, naõ se sahir de sua Corte: E logo lhe mandou dar casa, e bom gasalhado.

Sempre foy meyo da dilataçaõ do Evangelho, o derramamento de sangue dos que a prégavaõ. Mais Almas juntava ao rebanho de Christo nos tempos primeiros da Igreja a cabeça cortada de hum só Martyr, que as lingoas vivas de muitos Prégadores. Nesta confiança pedio Frey Sebastiaõ licença a elRey, e aos muitos amigos, que já tinha, huns convertidos, outros inclinados á Fé, pera hir a Malaca buscar novos companheiros, affirmando que, pois a sementeira, que os trouxera a Siaõ, ficava regada de sangue innocente, e santo, tinha por certo, que naõ podia faltar polo tempo adiante em responder com grandes abundancias: E por isso naõ tardaria em tornar, e vir colhellas, e lograllas.

CAPITULO VI.

Entra o Padre Frey Sebastiaõ do Canto em Malaca, a buscar companheiros Prégadores, pera tornar a Siaõ. Torna com dous: morrem todos tres á maõ de Mouros.

FOy recebido o Padre Frey Sebastiaõ do Canto em Malaca com geral alegria, e santas invejas de Religiosos, e seculares, polos fermosos sinaes, que lhe cruzavaõ rosto, e cabeça, das feridas, que recebera por Christo; de que já tinhaõ ouvido. Estavaõ no Convento dous Padres esperando conjunçaõ de navio, pera sahirem ao santo ministerio da Prégaçaõ, ao lugar, que o Prior lhes sinalasse: pera o que traziaõ licença do Vigario geral da Congregaçaõ. Quando viraõ huns penhores taõ claros de confissaõ da Fé, e ouviraõ contar, a quem os trazia, os meyos artificios, com que os inimigos della lhos procuraraõ

a elle, e deraõ cruel morte a ſeu companheiro; em lugar de temer, abrazavaõſe em dezejos de huma ſemelhante ſorte. Lançavaõſe a ſeus pés pera lhos bejar: E pediraõlhe licença pera fazer o meſmo ás ſantas feridas: Como ſe eſcreve do Grande Conſtantino, que achandoſe no famoſo Concilio Niſſeno, quando encontrava alguns daquelles Biſpos antigos, que alli apareceraõ ſinalados dos tormentos dos Tyranos ſeus anteceſſores; huns com mãos cortadas, outros ſem orelhas, e ſem narizes; naõ ſe contentava com menos, que bejar com veneraçaõ os ſantos ſinaes, quaſi ſentindo naõ lhes ſer conſorte nelles. E porque Frey Sebaſtiaõ dizia, que vinha pera ſe tornar logo ao meſmo ſitio, pediraõlhe com efficacia, lhes deſſe palavra de os aceitar, naõ ſó por companheiros, nem coadjutores, ſenaõ ſó por ſervos. Porque iſſo lhes baſtava em jornada de tanta honra. Parece, que a ſemelhança, que o nome de Siaõ repreſentava da ſanta Cidade de Paleſtina, lhes fazia força nas Almas, e quaſi pronoſticava, que avia de ſer meyo pera conquiſtarem a Celeſtial com darem as vidas polo Senhor della, que era a cauſa, que ſeus Eſpiritos ſobre todas as do mundo dezejavaõ. Eſtavaõ embarcados com Frey Sebaſtiaõ, e em paſſagem pera Siaõ, e ainda o naõ acabavaõ de crer: E era tamanho o goſto de hir, que nenhum tratou do como aviaõ de hir. Foy o provimento hum pouco de Arroz com algum Biſcouto, e nenhuma couſa outra. Valeolhes a boa companhia, pera ſenaõ anticiparem trabalhos. Eraõ Portuguezes, que paſſavaõ a ſuas veniagas. Naõ conſentiraõ, que paſſaſſem faltas no mar: E naõ foraõ menos piadoſos em terra. Acompanharaõnos até a Cidade principal de Odeah, ou Jodeah, como outros pronunciaõ: E nella lhes tomaraõ caſa. Pagaraõ os Religioſos o mantimento corporal, e da terra com lhes communicar o eſpiritual, e do Ceo, aſſi a elles, como a todos os Portuguezes, que avia na Cidade, que eraõ muitos. Devedores ſomos, diziaõ, primeiro aos noſſos, que aos eſtranhos: E os noſſos, pois ſaõ criados no leite da Fé, devem ſer exemplo, aos que de novo a recebem, na pureza dos coſtumes, e em todo o trato. Aſſi começaraõ a deſenredar huns de vicios, encaminhar outros pera a virtude, fazer continuar a todos com os Sacramentos. Logo foraõ entendendo com os naturaes. Moſtravaõlhes ao claro as cegueiras de ſuas idolatrias. Traziaõ elles ſeus Sacerdotes, gente cega, e guias de cegos: Ouviaõ, deſenganavaõſe: Vinhaõ outros mais agudos, que, depois de convencidos de ſeus erros, moviaõ queſtoens artificioſas na noſſa doutrina: E como os Padres eraõ Letrados, e reſolutos, davaõlhes tal ſatisfaçaõ, que ſe deixavaõ entender, que naõ faltava mais que agoa, e Bautiſmo. Mas eſte prohibia por huma parte o animo cativo daquelles povos, enſinados a temerem mais os mandados de ſeus Tyranos, que os perigos das Almas: e naõ diſporem ſem ſua licença da parte do entendimento, e livre alvedrio, que Deos poz na maõ de cada hum: Por outra fazia contradiçaõ igual o medo

medo da guerra, com que o Rey andava aſſombrado, pera naõ poder aſſiſtir aos Prégadores com a facilidade, e bom termo, com que noutro tempo ouvira a Frey Sebaſtiaõ. Era a guerra temeroſa polo aparato, e numero de combatentes, mais do que ſe póde crer. Porque naõ chegou nenhum exercito daquelles, quaſi innumeraveis, com que as eſcrituras muito antigas nos eſpantaõ, dos Xerxes, e Darios, a igualiar o que por mar, e terra movia contra Siaõ o Tyrano Taumigron, ou Chaumigron, que geralmente era chamado Rey do Bramá. Fazme eſcrupulo apontar neſta Hiſtoria, que he em tudo Eccleſiaſtica, e livre de obrigaçaõ de apurar particularidades, que tocaõ a Reys Infieis, o poder, que acho eſcrito, que a eſte acompanhava. Dizem, que ſobia a ſoldadeſca de pé a hum milhaõ, e ſetecentos mil homens: Os Elefantes de guerra a quinze mil: A cavallaria a ſincoenta mil. Aſſi vinha aſſolando grandes Reynos, como hum diluvio da terra, ou rayo do Ceo, ſem aver couſa, que lhe fizeſſe roſto. Tinhaſe feito ſenhor de Bengala, e Pegu, que ſendo vaſtiſſimas Provincias, ficaraõ deſpovoadas, e perdidas pera muitos annos. Com a meſma furia, e fazendo iguaes eſtragos entrou por Siaõ, e aſſentou cerco ſobre a famoſa Cidade de Odeah. Encerrouſe elRey nella, naõ ſe atrevendo a eſperar em campanha tamanho poder. Juntouſe ao cerco da terra, outro naõ menos apertado, por mar com infinitos navios, que tiravaõ aos cercados toda eſperança de remedio, ſenaõ o de ſeus braços. Mas que braços, ou que forças podem baſtar contra tanto poder? Eraõ os aſſaltos continuos. Pelejavaſe de huma, e outra parte com igual porfia, e valor. Porem na Cidade faziaſe ſentir o trabalho demaſiadamente: Porque hia faltando a melhor gente. E inda que dos inimigos morria muita, naõ ſe conhecia nelles falta, pola multidaõ com que cubriaõ a terra.

Naõ pudemos averiguar, que rezaõ ouve, pera ſe acharem os noſſos Religioſos em tal perigo. Se foy a cauſa tomarſelhes o mar, antes de chegar o exercito da terra: Se parecerlhes obrigaçaõ de valor Chriſtaõ naõ deſemparar aos que já em todas as moſtras ſe davaõ por diſcipulos de Chriſto, e ſubditos da Fé. Qualquer que foſſe a occaſiaõ, foylhes o cerco paõ de lagrimas, occupaçaõ de Oraçoens, de jejuns, e diſciplinas de noite, e de dia: Pedindo a Deos remedio da pobre Cidade, que eſperavaõ allumiar de ſua luz, avendo paz. Seis mezes avia, que durava o trabalho; mas já com tam pouca eſperança de remedio, que os mercadores Portuguezes, por verem tudo perdido, negocearaõ por ſeus meyos hum ſeguro Real das vidas com o Bramá, que folgou de lho paſſar, inda que pelejavaõ contra elle. Porque tinha os olhos no poder do ViſoRey da India. Mas declaravaſe, que o ſalvo conduto ſe entendia em caſo, que eſcapaſſem da primeira furia, e entrada do exercito, de que os naõ podia ſegurar. Vendo eſtes homens, que o inimigo entrava, e que naõ avia que fazer conta das armas, foraõſe juntar com os Padres, que eſtavaõ no ſeu

seu Oratorio postos de joelhos diante do Altar, rezando, e encomendando a Deos suas Almas, que das vidas já tinhaõ novas que avia pouco que esperar, porque os Mouros do exercito vinhaõ lançando feros contra elles; por saberem, que prégavaõ o Evangelho, e faziaõ Christandade. Succedeo pois, que entrando logo aquella multidaõ sem conto a saquear, destruir, e assolar, como em terra tomada á força, foraõ Mouros os que deraõ na casa dos Padres, arrombando as portas. O primeiro, que acometeraõ, foy o Padre Frey Sebastiaõ do Canto, á conta de sua veneravel presença, e de hum envoltorio, que lhe viraõ debaixo do braço. E porque fez resistencia a hum, que lançava maõ delle, e chegando outros reconheceraõ Frade, levaraõ dos alfanges, fenderaõlhe a cabeça com muitas cutiladas, e o mesmo fizeraõ aos dous companheiros. Acudiraõ logo ao envoltorio, que faziaõ conta seria de peças de ouro, ou pedraria: E acharaõ hum fermoso Crucifixo, que era toda a delicia do devoto Padre: que polo livrar das irreverencias, que estavaõ certas em tal tempo, e tal gente, o tirara do Altar, determinando, se ouvesse occasiaõ, salvallo: E quando mais naõ pudesse, morrer abraçado com elle: E assi lhe aconteceo. Quando foy visto o primeiro, que o descubrio, fez delle arremesso contra os outros dous Padres, que estavaõ espirando, envoltos em seu sangue. E dandose por satisfeitos com a morte dos tres, perdoaraõ a todos os mais Portuguezes, levandoos por entaõ cativos. Correo a fama por entre os Mouros do campo, que eraõ muitos; acudiraõ os mais a fartar o odio, ensopando as lanças nos corpos defuntos, e sangue frio, e por ultimo oprobrio os queimaraõ. Daqui nasceo a variedade, que ha nos que escrevem este successo: que huns dizem, que foraõ alanceados, e outros queimados; sendo assi que huma, e outra cousa aconteceo.

Por este modo acabaraõ estes tres Padres, só a respeito da Fé, que professavaõ, e prégavaõ: Do que foy argumento ficarem com vida os mais Portuguezes. Por este tempo se conta tambem, que passaraõ outros Padres de Malaca pera Siaõ, antes de saberem da guerra, mandados de Goa polo Vigario geral da Congregaçaõ, que era Frey Francisco d'Abreu. E achando, que tudo ardia em armas, alguns fizeraõ volta, outros dando em portos differentes, foraõ consumidos com doenças do clima pestilencial. Hum pobre Irmaõ Converso, que os acompanhava, e escapou dellas, veyo a cahir em mãos de Mouros: E tantos açoutes lhe deraõ (contaõ, que com raizes de figueira) e taõ terrivelmente dados, que no meyo delles espirou. Chamavase Frey Pedro dos Santos. Merece ficar seu nome em memoria, pola causa, e crueza da morte.

CA-

CAPITULO VII.

Desce elRey de Siaõ sobre Camboya, toma a Cidade de Angor: Leva cativos os Padres Frey Jorge da Mota, e Frey Luis da Fonseca: Dalhes liberdade, e licença pera pregarem: Mata hum Gentio ao Padre Frey Luis no Altar: Embarcase Frey Jorge pera Malaca.

PAssaraõ annos depois da morte dos Religiosos, que acabamos de contar: Recresceraõ grandes novidades no Reyno de Siaõ, que cerraraõ de todo as portas ao Evangelho, e seus Ministros, levantandose novos Tyranos, e matandose huns aos outros, cousa ordinaria entre estes Barbaros: Que como vivem sem ley, nem fé, que os enfree, e polo mesmo casa naõ mora honra, nem verdade, nem nos Senhores, nem nos vassallos; cada dia ha mudanças de Reynos, e reynados, de titulos, e senhorios: com que muito se embaraça a pena de quem escreve, pera concertar com elles os successos da gente, que nos toca. Polos annos que Prauncar succedeo no Reyno de Camboya por morte do pay, como atraz fica escrito, reynava em Siaõ hum cruel, inquieto, e cobiçoso Tyrano. Este sabendo, como vizinho que era, que alguns vassallos poderosos de Prauncar viviaõ descontentes de seu governo, e lhe faziaõ guerra, offereceolhes seu favor, e logo entrou por Camboya taõ poderoso, que determinou fazerse Senhor dos que hia ajudar, e dos que elles queriaõ defender. E assi cahiraõ os nescios, e treidores na rede, que armavaõ a seu Rey, e Senhor natural; e vieraõ a ficar cativos do que buscavaõ pera valedor, e amigo, e naõ pera superior. Porque marchando caminho da Cidade de Angor, cabeça do Reyno, naõ bastaraõ suas torres, e muros de fortissima cantaria, nem suas largas, e profundas cavas cheyas de agoa, pera defender que naõ fosse entrada, e saqueada. Foy ajuda grande pera se perder, acharse Prauncar mal apercebido pera esperar tamanho inimigo, e desemparalla apressadamente.

Acharaõse no meyo desta tribulaçaõ os Padres Frey Jorge da Mota, e Frey Luis da Fonseca, que poucos mezes avia enviara áquelle Reyno a nossa Congregaçaõ, e foraõ recebidos por Prauncar com todo o gosto, e bom gasalhado, que suas cartas prometiaõ, segundo temos contado. Salvoulhe Deos as vidas, de que naõ faziaõ conta. Mas foraõ levados cativos pera Siaõ com todos os mais Portuguezes. E tal foy o caminho de miserias, e fomes, e todo outro máo tratamento, que foraõ experimentando bem, quanto menos doe huma morte abreviada de alfange cortador, que a vagarosa de duro cativeiro. Mas como o mesmo trabalho he inventor de traças, foy imaginando o Padre Frey Jorge, que poderia succeder achar em hum Tyrano vitorioso, e farto de Imperios alguma piedade, se chegasse a fallarlhe. Communicouse com os companheiros. Trataraõ de o armar com hum presente a uso da terra, que naõ sofre aparecer ninguem diante dos grandes com as mãos vazias:

Vale-

Valeraõse a bom pagar de alguns Portuguezes, que já conheciaõ na terra. Frey Jorge tinha boa lingoagem, e ajudavao huma presença autorisada com gravidade, e modestia. Abriolhe as portas a offerta, e deolhe Deos graça com o Tyrano, pera que tivessem fim os trabalhos presentes. Fallou palavras livres, e de quem temia pouco a morte: Mas a mesma liberbade agradou ao Tyrano. Soberano Senhor, disse, se es prudente, quanto venturoso, deves estimar, que hum escravo teu te falle as verdades, que os teus Principes, e grandes se naõ atrevem a dizerte: Porque saõ cativos de animo, se o naõ saõ de ferro, como eu. Fezte Deos Senhor de grandes terras, poz em tuas mãos os thezouros dos que as possuiaõ: E elles mortos, destruidos, e acabados; tú só vivo, rico, saõ, e poderoso: E vivirás mil annos prosperamente. Venho avizitarte, que cayas na conta, e sejas agradecido a quem tudo governa lá desse alto Ceo. Sou teu escravo na sorte, mas filho no amor: Escravo no estado, mas livre no entendimento. E como tal, te digo, que naõ só es pouco agradecido aos infinitos beneficios, que com larga maõ te tem esse Senhor communicado, mas chãamente ingrato. Perdoame a palavra. E a prova he só huma, e bem achada: Que he trazeres presos seus Sacerdotes de dentro de Angor, e andarem muito tempo ha nesta terra, e á tua vista humilhados, famintos, e maltratados. Se o sabes, he tua culpa; se o ignoras, de teus Ministros. Mas seja de quem quer que for, sabete, que em remedialla consiste crescerem tuas boas venturas: Ou desandar a roda dellas: Que Deos naõ dorme. Mostrou elRey tanta satisfaçaõ do bom termo, com que o Frade se deu a entender, que ficou fallando com elle desassombradamente. E sabendo, que era Sacerdote, e hum dos que lhe apontara, mandou logo melhorar em tudo a ambos: E por seu meyo se alargou logo a prisaõ aos mais Portuguezes. Dalli em diante era chamado muitas vezes d'elRey, e ouvido delle com particular gosto. E cresceo tanto o favor, que tratou despachallo pera Malaca a procurar o resgate dos Portuguezes, que cativara em Camboya. Neste meyo se aproveitou Frey Jorge da facilidade, que nelle achava, pedindolhe licença pera levantar Altar, e prégarem a Christo, elle, e seu companheiro. E como acontece valer muitas vezes mais pera com os Principes hum serviço por fazer, que muitos feitos, rendeolhe a occupaçaõ, pera que o tinha despachado da ida de Malaca, deixar Igreja feita a Frey Luis, e faculdade larga pera prégar, e bautisar, antes de sua embarcaçaõ.

Fez Frey Jorge sua viagem a Malaca, e de maneira negociou o que levava a seu cargo, que elRey se ouve por bem servido delle, e o passou tanto adiante em sua graça, que fazia merces, e honras a muitos naturaes, e Estrangeiros por sua intercessaõ: E em fim lhe deu a dignidade de trazer sombreiro alto, que só pertence a Pessoas Reaes. Mas naõ ha vento mais mudavel, nem mar mais inconstante, do que he a valia das Cor- Proverb.

Cortes, e a graça dos Principes. Bem ſe diz, que he maldito quem nelles fia. Começou a ruina por inveja dos grandes. Queixavaőſe de lhes ſer avantajado em honras, e valia hum Eſtrangeiro, ſerem tratados com eſquivança os naturaes, e Nobres, quando choviaő mimos ſobre hum Chriſtaő mal conhecido, e cativo ſeu. Foraő eſtas queixas fazendo impreſſaő no animo pouco firme do Rey. De ſorte, que ſe lhe começou a moſtrar menos benevolo, e pouco a pouco o foy retirando de ſy. Ajuntaraő os emulos força pera acabar de derribar a quem viaő aballado: accuſaraő de ſoberbos, e deſcomedidos os Portuguezes tratantes, que avia na terra. Porque em certa briga accidental, que com elles ouve na Cidade, ſuccedeo ſahir mal ferido hum ſoldado da guarda Real: E referiraő o atrevimento da briga, e das feridas, á confiança, que tinhaő em Frey Jorge, fazendolhe calumnia da culpa naő ſua. Mas logo trouxe a deſgraça muito peor caſo, que pareceo fulminado do Inferno, pera impedir a Prégaçaő, em que ſe procedia com taő bom pé, que corriaő já muitas converſoens, e muitos Bautiſmos. Vivia na Cidade de Odeah huma molher rica, e honrada, de Naçaő Japoa, que ſendo ſeu marido, que tambem era Japaő, auſente, recebeo a Fé, e ſe bautiſou. Chegando o marido de fora com ſua veniaga, foy tanto o que ſentio o feito, que inſtigado polo Demonio, entrou pola Igreja huma Sexta feira d'Endoenças, acompanhado de outros naturaes ſeus, e ferio de morte o Padre Frey Luis da Fonſeca, que eſtava no Altar, e fora o que bautiſara a molher: Eraő preſentes, como em tal dia, os mais dos Portuguezes, que avia na Cidade. Tomaraő a afronta por ſua, deraő todos ſobre o matador, ficou paſſado de eſtocadas junto do que tinha morto. Inda que Frey Jorge naő tinha no deſaſtre mais parte, que muito ſentimento da morte do companheiro, e do deſacato feito á Igreja, e ao dia: e juntamente grande deſgoſto da arrebatada vingança, que á Religiaő naő eſtava bem, e aos aggreſſores podia cauſar muita inquietaçaő com os Gentios: com tudo juntando eſte ſucceſſo á mudança, que no Rey era já muito deſcuberta; temeo com bom fundamento, que ſeus emulos lhe armaſſem por aqui alguma ſilada, pera acabarem de o tirar diante dos olhos. E foy cuidando, como poderia ſahir da terra a furto, e ſem ſer ſentido; porque com a vontade do Rey, por certo tinha, que nunqua poderia ſer. Deparoulhe Deos, quando menos o cuidava, huma fragata, que vinha de Manilla, e nella hum Religioſo da Ordem, Caſtelhano, por nome Frey Pedro de los Martyres: Concertou com elle, que o eſperaſſe na foz do Rio: E pedindo licença a el-Rey, pera fazer viſita ao Irmaő do Habito, enganou o, como dizem, com a verdade: E ainda que foy mandado vigiar por muita gente, com tanta diſſimulaçaő, e ſutileza procedeo, que diante dos olhos de todos ſe embarcou, e ſe fez á vella com elle, e chegou em paz a Malaca.

CA-

CAPITULO VIII.

Entra o Padre Frey Belchior da Luz em Martavaõ: Vay a elRey de Siaõ enganado: Fica com elle honrado, e favorecido; e alcança licença pera fazer Christandade: E leva por seu mandado provimento a Malaca: Donde acodem outros Religiosos a continuar a Prégaçaõ.

ASsi acabou a vida Frey Luis da Fonseca: Assi escapou Frey Jorge da Mota a sua. Mas foy o risco de Frey Jorge grande. Porque na fragata foy acometido de quarenta embarcaçoens da terra, com tanta ira do Tyrano, que se avia por afrontado, e enganado, que jurava, se o colhia, o avia de frigir em azeite: Infame crueza, que usava com gosto, por castigo dos que o offendiaõ: e tinha pera o effeito grandes caldeiras, e ministros particulares. Foy necessario aos da fragata, menearem bem as mãos, e fazerem o mesmo até os Frades, pera se acabarem de çafar do perigo. Porque a gente d'armada, como sabia, que se os naõ levava a elRey, aviaõ de ter por paga as caldeiras, azeite, e fogo, queriaõ mais morrer pelejando, que tornar com vida. Assi se diz, que ficaraõ mortos tamanho numero, que passa do que se póde crer. E se soube depois, que chegados a terra os que naõ tiveraõ lugar de morrer, foraõ todos presos, e gozou o Barbaro muitos dias do passatempo de os ver frigir. Este mesmo medo foy o que espertou aos nossos, pera se defenderem: E se bem escaparaõ, foy á custa de muitos mortos, e todos feridos. E com tudo naõ faltaraõ logo do mesmo Habito outros aventureiros, que o bom Espirito desprefador de mortes, e perigos levou ao mesmo porto, e posto. Dos quaes diremos alguma cousa pera conclusaõ, do que nos resta desta missaõ.

Poucos dias depois da venturosa fugida de Frey Jorge aportou na Cidade de Martavaõ o Padre Frey Belchior da Luz, despachado do novo Convento de S. Domingos de Bengala, de que ao diante diremos, pera as terras do Arracaõ, á petiçaõ do Rey dellas. Tanto que o Governador de Martavaõ teve noticia de ser entrado no porto Frade do Habito, e cores de Frey Jorge; como estava informado do modo, com que se auzentara, e do desgosto, que elRey com isso recebera, determinou colhello com manha, e mandallo á Corte, pera que, se quizesse, desafogasse nelle sua payxaõ. Mandoulhe dizer, que tinha recado d'elRey, que folgaria de fallar com elle, que devia darlhe aquelle gosto, pois o podia fazer sem perder viagem, se lhe naõ desse pena a detença de hum caminho bem assombrado, e breve. Naõ se fez de rogar o Frade; porque estava ignorante do que era passado com Frey Jorge: Antes fazendo discurso, que porventura se lhe abriria alli porta pera maior sementeira, que a que vinha buscando, pôsse desassombradamente ao caminho da terra, com os olhos em Deos, por cujo serviço começara o do mar. Ficouse finando de riso o Gentio da innocencia do Religioso: E porventura fazendo conta,

que lhe valeria merces a falsa fé, com que o inviava. Mas bem se diz, que os coraçoens dos Reys estaõ na maõ de Deos. No ponto, que elRey vio a Frey Belchior, perdeo toda a raiva, que tinha contra Frey Jorge; porque ainda que o sembrante retinha algum rasto della, foy só neste primeiro ponto, e encontro. Considerava a singeleza, com que o pobre Frade acudira a menos, que hum aceno seu: Que ainda foy menos que aceno, o que só foy falsidade, e engano do Governador de Martavaõ. E conjeturando daqui sua boa Alma, deuse por obrigado, naõ só a tratallo bem, mas a fazerlhe merce. Juntouse dizeremlhe, que naõ ousava a sahir de casa, temeroso dos successos, que já sabia de Frey Jorge, como sisudo, e modesto. Quando segunda vez tornou a aparecer diante delle por seu mandado, o recebeo com muita affabilidade; e fallando com os seus tratava delle, como de homem, que tinha por virtuoso, e discreto. De tudo tomou Frey Belchior occasiaõ, pera tentar, se podia aver licença pera prégar, e abrir Igreja. Porque se a naõ alcançava, queria escusar perder mais tempo na terra, e passar, se lho naõ impedissem, onde fosse de algum proveito. Encomendou muito o negocio a Deos, e a Nossa Senhora do Rosario: E buscando sua offertazinha ao uso da terra, onde sem levar diante naõ he costume pedirse nada, entrou a elRey, e tratou confiadamente o que levava em seu animo. E foy o Senhor servido, que nem despresou a dadiva por piquena, nem se mostrou difficultoso no requerimento. Reconheceo no presentinho pobre hum animo cheyo de respeito do que se devia a sua Pessoa Real; e juntamente dezejo de poder offerecer muito, em quem naõ era chatim, nem de seu possuia mais que o Breviario. Mostrou com Real benignidade, que estimava tudo, mas muito mais a vontade, que naquella pobreza enxergava. Fallou com elle devagar. E sobre o favor da boa sombra, que nos Reys cativa mais que todas as riquezas, que podem dar, mandou vir peças de sua reçamara, que de sua maõ lhe foy dando. Nunqua subira á imaginaçaõ do Frade poder alcançar mais daquella visita, que a licença pertendida, com que se avia por bem pago. Quando sobre o bom despacho vio elRey metido em o querer enriquecer, e com cousas naõ ordinarias, senaõ de muito preço: Naõ se atrevia a dar credito aos olhos no que viaõ; nem aos ouvidos no que ouviaõ. E dizialhe: Magnificentissimo Princepe, que naõ só do grande Imperio de Siaõ, mas do mundo todo mereces o Senhorio: Depois de tamanha merce, como me tens feito, que eu estimo mais, que se me deras hum Reyno inteiro: Peçote, que escuzes mandarme receber ouro, nem pedraria, que estou avendo medo, que os que me virem tuas joyas, ou me julguem por grande cobiçoso, por querer de ty mais riquezas, que as de tua graça: Ou por muy indigno do Habito de Religiaõ, que trago: Pois sendo (como he) obrigaçaõ minha seguir voluntaria, e perpetua pobreza, e naõ possuir cousa nenhuma de valia sobre a terra, nem os olhos devo pôr

nellas, quanto mais as mãos. Basta pera hum pobre Frade, que deixou tudo por Deos, huma curta pitança, com que passar o dia. Riqueza, e copia de peças, he carga, he cuidado, he culpa; com teu perdaõ naõ haõ de hir comigo. Aqui haõ de ficar. Naõ ha cousa, que mais mal tomem os grandes do mundo, que hum encontro do que tem por rezaõ, ou por gosto. Ficou elRey desabrido com Frey Belchior. E tanto que de sua presença sahio, lhe mandou significar por hum Ministro, que, naõ avendo de aceitar o que lhe fazia merce, podia escusar hir mais diante delle. Porque hum Rey de Siaõ, por muito que desse, nunqua ficava pobre. E elle em naõ abraçar com ambas as mãos, e pôr na cabeça, o que lhe dava quem lho podia dar, e dava com gosto, se mostrava mais hipocrita, que virtuoso; mais presuntuoso, que cortez. Foy necessario ao Frade dalli em diante trocar estilo, e condiçaõ, e agasalhar quanto elRey lhe dava; e fingir gosto com o que naõ estimava. Acho escrito, que importaraõ as dadivas, que recebeo em pouco espaço de tempo, de seis pera sete mil Cruzados: a fora muitas graças, que por seu meyo fez a outra gente, principalmente Portuguezes. E até a fabrica da Igreja, que se avia de levantar, quiz que fosse á custa da Fazenda Real.

Desta maneira foy o Senhor servido restaurar segunda vez Igreja, e Prégaçaõ em Siaõ, quando parecia estar de todo acabada; que estes saõ seus poderes. Naõ duvido, que clamava por misericordia pera aquella terra o sangue, que primeiro a banhou do bom Padre Frey Jeronymo da Cruz, e dos que depois o seguiraõ; como noutro tempo requeria vingança contra o de seu Irmaõ o do Santo Abel. Foy elRey continuando nas mostras de amor com Frey Belchior; e veyo a estender sua liberalidade, que na verdade era grande, ao despachar pera Malaca com hum fermoso Junco, carregado de Arroz, pera provimento da Cidade, e esmolla do Convento. O que nos constou por copia de huma carta, que veyo á nossa maõ, do mesmo Padre, escrita aos Religiosos de S. Domingos de Malaca, andando pera se embarcar: Na qual lhes dá conta, e novas de sy, e da terra, e lhes faz a saber, como o Rey o tinha despachado com o provimento, que temos dito. Escusamos lançar aqui a carta por encurtar leitura: basta colhermos della, que era feita em desaseis de Outubro de 1602. E que corria por tres annos, que partira de Goa, e andava naquellas peregrinaçoens.

1602.

Naõ he pera esquecer pera louvor deste Rey, que succedendo cahir em huma perigosa doença: E temendose Frey Belchior, que averia por sua morte grandes alteraçoens, como de quem alcançara o Reyno á força de braço, e armas: na hora, que vio, que o mal dava mostras de mortal, despejou caladamente a terra, e passouse ao porto de Tanassarim: Donde, quando tornou, que foy, depois que teve novas, que elRey melhorava, achou nelle queixas, e desconfianças amorosas, mais como de pessoa igual, que sentia

tia faltarselhe com a correspondencia de affeiçaõ devida, que de Superior, e Senhor, que a podera castigar: E foy continuando nos beneficios. De sorte, que a conversaõ procedia com fruto, e deu occasiaõ de acudirem a ella depois coadjutores em numero: Entre os quaes achamos contados os Padres, Frey Pedro Lobato, Frey Jeronymo Mascarenhas, Frey Jeronymo de S. Domingos, pessoas de conta em letras, e virtude: E com elles Frey Joaõ do Espirito Santo, que lá morreo; e Frey Diogo Duarte, Castelhano, Conventual de S. Domingos de Manilla. Do Padre Frey Belchior nos conta Frey Joaõ dos Santos na sua Ethiopia, que tornando depois a Bengala, e andando em aquelles Rios em serviço da Christandade, se perdeo, e afogou em hum delles.

Fr. Joaõ dos Santos l. c. 10.

CAPITULO IX.

Das viagens, que o Padre Frey Francisco d'Annunciaçaõ fez a Siaõ, e a outros Reynos por serviço do Estado da India, e bem da Christandade: E de sua assistencia no Reyno, e Fortaleza de Siriaõ, e Pegú.

Ainda nos torna a levar de novo a Siaõ outro Religioso desta Ordem, espirito incansavel, e constante em trabalhar, tanto na obrigaçaõ de seu instituto, como no beneficio temporal da Republica. Por onde lhe podemos bem dar nome de Ambidexter; quero dizer, de homem que jugava, e sabia jugar de ambas as maõs. Mas pera virmos a contar os empregos de sua vida, creyo, que dará algum preço á Historia, e a fará melhor entendida, infiarmos com ella hum desestrado, e lastimoso caso de homem nosso conhecido, e honrado; que servirá pera exemplo das inconstancias, e miserias da vida, e do triste fim, em que ordinariamente paraõ suas mais levantadas felicidades. Depois da destruiçaõ, e perda universal do Imperio dos Bramás, e Pegús, causado polo desconcertado governo do mesmo Emperador Bramá, avó d'elRey de Ová, que hoje he delle absoluto Senhor, excepto os Estados do Lanjaõ, Siaõ, e Arracaõ, que ficaraõ com seus Principes particulares, nenhum destes, nem outro vizinho se atreveo a chegar mais á Cidade Metropoli de Pegú, nem povoar os Reynos de Pegú, e Siriaõ. Per maneira que a cem legoas da Cidade, ficou tudo taõ deserto, e devoluto, que por maravilha se achavaõ quatro naturaes juntos, senaõ era embrenhados no coraçaõ das serras. Estando as cousas neste estado, pareceo a elRey de Arracaõ, que lhe seria de proveito assentar huma feitoria de fazendas, e mercancia no porto de Siriaõ, pera ter trato com os Reys vizinhos. He Siriaõ huma grande Ilha, que jaz ao longo da costa de Pegú, de sessenta legoas em roda, e trinta de largo: E faz hum bom Reyno. Buscando a quem entregasse o cabedal, e meneo de feitoria, naõ achou pessoa, de quem com mais rezaõ se pudesse fiar, que Filippe de Britto de Nicote, Portuguez, geralmente avido por homem verdadeiro, e de bom proceder: E que ao mesmo Rey naõ devia menos, que a vida.

Porque

Porque estando cativo no Chandecaõ, e suas cousas no estado, que se tratava, de o porem na forca: Elle lhe valeo, pera ter vida, e liberdade. Devia, a meu parecer, juntarse a esta obrigaçaõ, aver o Rey, que por Portuguez, e á conta de nossas armas, seria mais respeitado do grande poder de Ová; poder, que de todos se fazia temer entaõ. Posto o Britto no cargo, descubrio saber, e industria, e de maneira foy meneando as mãos, que juntou com o cabedal alheo muita riqueza, e bastante poder pera entrar em pensamentos de fundar huma Fortaleza, naõ só pera guarda do que tinha acquirido; mas pera fins, e intentos mais altos. O que logo foy pondo em effeito, dando a entender a quem o armara, e puzera em pés, que o fazia á conta de segurar sua pessoa, e feitoria de alguns ladroens do monte. Começou a fabrica ao descuido por muros de taipa, pera menos sospeita: Logo foy metendo cunhaes de ladrilhos, com seus baluartes, e revezes. Em fim apareceo feita praça defensavel, com provisaõ de gente, e muniçoens. De sorte, que começou a dar cuidado a quem fora seu amo, e aos mais Reys comarcaons. Mas naõ parou aqui o brio, e ambiçaõ, que nasce da riqueza. Tendo Filippe de Britto subido de condenado pera a forca a Ministro Real, inda que de Rey Gentio; e de pobre mercador a rico, e poderoso Capitaõ de guerra: Pera passar adiante, e se izentar de seu amo, tratou de se arrimar ao poder do Estado da India. Era entrado por Viso-Rey no anno de 1601. Ayres de Saldanha. Vaise a elle, deixando em seu lugar Rodrigo Alvares de Siqueira, com cento, e sincoenta soldados de presidio, offerecendolhe a Fortaleza em nome d'elRey de Portugal, e fazlhe menagem della; e torna acrescentado em titulo, e honras de Capitaõ d'elRey D. Filippe, e quasi genro do Viso-Rey, que lhe deu por molher huma sobrinha sua, filha natural de Manoel de Saldanha seu Irmaõ. Juntouselhe nova honra. Porque alcançou de Portugal por merce d'elRey brasaõ de Armas, e Fidalguia: E começou a nomearse em seus papeis por primeiro Fundador da Fortaleza de Santiago de Siriaõ, e Capitaõ geral da Conquista dos Reynos de Pegú.

1601.

Antes que fosse aceitada a Fortaleza pera o Estado, pôsse em consulta de Letrados, se podia elRey de Portugal com boa consciencia fazerse Senhor della? E naõ faltavaõ bem fundadas contradiçoens. Em fim buscouse hum direito, que tirou os escrupulos; concordando os votos, que se elRey de Jangomá, a quem pertencia o Imperio de Pegú, como a Irmaõ, e legitimo herdeiro que era do Emperador, que o possuira, e perdera, desse seu beneplacito, pera que o Estado a possuisse; como estava certo daria, porque o Viso-Rey se obrigaria ao ajudar a cobrar seu Imperio; em tal caso se tomasse posse della; offerecendose juntamente ao Jangomá que ficaria com a ametade de todos os rendimentos da Alfandega, que em Siriaõ se assentasse. Pera levar esta Embayxada, escolheo o Viso-Rey a pessoa do Padre Frey Francisco d'Annun-

d'Annunciaçaõ, Conventual de S. Domingos de Goa. Saõ as terras do Jangomá muy afastadas da India: E dizem os naturaes, que confinaõ com a Tartaria. Fez Frey Francisco animosamente a jornada, e com bom successo. Achou bom gasalhado no Rey, que soube estimar ver em suas terras hum Sacerdote Christaõ; e era o primeiro, que nellas tinhaõ visto aquellas gentes. E quanto ao negocio, alcançou delle pera o Estado da India a Ilha, e Reyno, e Fortaleza de Siriaõ, com doaçaõ livre, e taõ liberal, que até a parte da Alfandega largou: Dizendo prudentemente, que era arvore nova, e de fruto incerto; que se algum dia viesse a dar muito, entaõ consentiria, que Filippe de Brito partisse com elle.

Tornando Frey Francisco desta jornada, ficou na Fortaleza de Siriaõ com cargo de Visitador dos Frades de S. Domingos do Sul, e Commissario do Santo Officio do anno de 1604. em diante. Aqui tratou logo de levantar sua Igreja, e prégar, e bautisar. E sem embargo destes officios, temendose a Fortaleza de inimigos, se embarcou a rogo de Filippe de Britto pera Goa, a pedir soccorro ao Governador. E navegando por mar até Meliapor, passou dalli a Goa por terra, atravessando com muito risco todo o Reyno de Bisnagá, e terras do Idalcaõ: E alcançou do Governador, que era o Arcebispo Primás Dom Aleixo de Menezes, gente, e muniçoens, com que fez volta na força do Inverno: E chegou a tempo, que tinhaõ levantado cerco de sobre a Fortaleza os tres Reys de Arracaõ, e Ramú, e Tangú. Levou tambem huma Provisaõ do Arcebispo Governador, na quál declarando, que os Frades de S. Domingos foraõ os primeiros Prégadores do Evangelho nas terras de Pegú, pola mesma rezaõ dizia, que em quanto nellas residissem, tivesse o Presidente da Casa o cargo, e titulo de Pay dos Christaõs, e ouvesse com elle certo ordenado, que Sua Magestade costuma a mandar dar na India, pera sustentaçaõ dos Cathecumenos.

1604.

Tratandose depois de pazes entre Filippe de Britto, e elRey de Arracaõ, foy Frey Francisco no anno de 1607. assentallas dentro á Cidade de Arracaõ: E levou a elRey seu filho herdeiro, que em hum recontro das guerras passadas ficara cativo dos nossos: E na jornada procedeo taõ desenteressadamente, que fazendolhe elRey merce de humas Aldeas em Dianga, que valiaõ grossa renda, que fossem pera elle, ou pera quem elle quizesse; o bom Padre as naõ quiz aceitar, senaõ fossem aplicadas pera o Convento da Ordem, que em Siriaõ se hia fazendo: Causando maravilha no Rey, e nos seus, ver hum animo taõ izento de cobiça.

1607.

Passados dous annos, foy tambem ao Reyno de Tangú fazer pazes com elle, no anno de 1609. E aqui resgatou muitos filhos, e filhas de Christãos antigos, que estavaõ já tornados Gentios. E fez jurar a paz a elRey com suas solemnidades, e depois lhe prégou a Fé a elle, e aos seus, e os deixou taõ affeiçoados a ella, que lhe pediraõ Imagens de Christo, e de Nossa Senhora, que Filippe de Brit-

1609.

Britto lhes mandou. E o Rey deu licença larga pera Igreja, e Prégaçaõ.

Estava com estas jornadas o Padre Frey Francisco taõ reputado entre os Reys Gentios do Sul, que elRey de Siaõ, andando neste tempo em grandes quebras com os Portuguezes, e dezejando todavia por seus particulares interesses, pacificarse com o Estado, mandou por duas vezes a Siriaõ pedirlhe, quizesse hirse ver com elle á sua Cidade de Odeah. O que em fim veyo a fazer. E valeo sua hida, pera libertar a Gaspar de Siqueira, Capitaõ da viagem de Choromandel, que lhe fora com certa Embayxada do Estado. E a Diogo Rodrigues Navarro, que tinha em aspera prisaõ, por hum leve desgosto, que lhe dera: E muitos outros Portuguezes mercadores, que tinha retidos, que logo despedio: E se foraõ cada hum por sua via em proseguimento de seus tratos. E sobre tudo com gosto d'elRey levantou Altar, e prégou, e converteo, e bautisou alguns Sionenses, e Japoens. E pera mais merecimento da jornada, foy Deos servido, que da volta, que fez em cabo de muitos dias, se veyo a perder, com tudo o que trazia pera seu Convento, defronte da mesma Fortaleza de Siriaõ, no Macareo. Chamase Macareo aquelle impeto, com que por esta costa enchem, e vazaõ as agoas do mar. Tal he a força, tamanho o arrebatamento, e violencia, com que descem, e sobem, que de qualquer postura, que colhem os navios, senaõ he com a proa direita, e muito cuidado contra a corrente, de nenhum modo escapaõ de Trabucados. Tinha o pobre Religioso pelejado nesta jornada com muita doença em terra, faltavalhe andar a braços com as ondas do mar: Salvouse quasi por milagre. De todos estes trabalhos vieraõ á minha maõ certidoens, passadas polo mesmo Filippe de Britto, que foy causa da maior parte dellas.

CAPITULO X.

De hum prodigioso caso, que lhe passou polas mãos ao Padre Frey Francisco d'Annunciaçaõ, residindo em Siriaõ: Dasse conta do desestrado fim do Capitaõ Filippe de Britto: Torna Frey Francisco a Siaõ, e Arracaõ em serviço do Estado.

RESidia o Padre Fr. Francisco d'Annunciaçaõ na Fortaleza de Siriaõ, procurando naõ só levantar, mas ornar o Convento, e Igreja della. E acudindo a todo seu poder a grande numero de Gentios, que concorriaõ pera a Ilha depois do assolamento de Pegú, pera os hir dispondo, e ganhandolhes as vontades pera a conversaõ, em que entendia com alguns Religiosos, que de ordinario o acompanhavaõ, tres, e quatro. Succedeo em meyo destas occupaçoens, que estando hum Domingo de Ramos, pera fazer o Officio, e dizer Missa ao povo, se chegou a elle hum homem, e lhe disse, que em huma Aldea perto estava espirando huma minina Gentia: foy á pressa, com dezejo de salvar aquella Alma com o Santo Baptismo. Quando chegou, vioa toda desfigurada, e com huma Apoplexia, que lhe tinha torcido feamente

a boca, e olhos: A mãy chorandoa por morta, e as parentas dandolhe culpas, por em tal caso naõ acudir ao remedio do Talanho, que todas usavaõ. Chama esta Gentilidade Talanho hum genero de sacrificio, com que suas necessidades se soccorrem ao Diabo. Perguntou o Vigario, se lhe davaõ licença pera a bautisar. Consentindo o pay, inda que a mãy contradizia, tomou o Vigario a Estolla, e ao tempo, que se abaixava pera lhe lançar a agoa do Santo Bautismo, levantou a rapariga a maõ (seria de sinco annos, e jazia como morta nos braços da mãy) e assentoulha no rosto com tanta força, que pareceo bofetada prodigiosa, e diabolica. Todavia foy maior prodigio, que na hora, que esteve bautisada, se levantou, livre totalmente do accidente, e com a boca, e olhos em seu lugar, e pedio de comer. Foy grande o pasmar dos Gentios. Mas naõ parou aqui o caso. Tinha dito a mãy, quando vio bautisada a filha, que se tivesse saude, prometia bautisarse tambem com toda sua casa. Pediolhe entaõ o Vigario comprimento á palavra; dizendo, que polo menos lhe deixasse bautisar outra, que alli avia de peito. A estas palavras levantou a minina o rosto com geito de quem naõ queria consentir. E o Vigario disselhe na lingoa da terra; se queria ser Christãa: Parece, que infundio Deos virtude naquellas palavras. Porque respondeo muito depressa, e clara, e distintamente, sim Padre. Vendo cousa taõ nova Portuguezes, que eraõ presentes, e Gentios, em huma criança, que naõ tinha mais que seis mezes de idade, louvaraõ a Deos com espanto: E o Vigario com alegria de todos, bautisoua logo, pondolhe nome de Magdalena; porque á maior o tinha posto de Domingas. Fez obra o successo nos animos dos pays demaneira, que aos oito dias vieraõ á Igreja, pedindo o Bautismo, que o Vigario lhes deu, chamando a elle Gonsalo, e a ella Maria. Apoz elles veyo tambem huma cunhada com filhos, e filhas; e foy bautisada com todos. E seguiraõse outros muitos obrigados do caso das mininas. Das quaes se affirma, que a menor ficou daquella hora começando a fallar.

Mas era já tempo, em que a fortuna queria fazer ultima representaçaõ da miseravel tragicomedia da vida de Filippe de Britto. Governava sua Fortaleza com a mór gloria, que homem particular nunqua alcançara, cheyo de riqueza, e respeitado dos Reys vizinhos, e taõ Senhor do Reyno de Siriaõ, que só lhe faltava a Coroa, e titulo de Rey, quando acabou em hum dia com tudo, quanto tinha. Veyo sobre elle com hum poderoso campo elRey de Ová: E por muito, que trabalhou em se defender com esforço, e desesperaçaõ, em fim foy entrado, vencido, e preso, e logo enforcado, e a Fortaleza posta por terra, sua molher cativa, e levada ás terras de Ová, com os poucos, que escaparaõ dos assaltos. E ficaraõ ás cousas deste homem, como se foraõ hum sonho, ou sombra de sonho: Que outra cousa naõ he tudo o da vida. Succedeo esta perda no anno de 1613. E naõ colheo ao Vigario

1613.

gario geral Frey Francisco, por ser ido a Goa na conjunçaõ, que veyo o cerco. Mas acharaõse nella os Padres Frey Manoel Ferreyra, e Frey Gonsalo, por alcunha o Granço: Dos quaes os Infieis alancearaõ logo com raiva infernal o Padre Frey Manoel: E o outro levaraõ cativo.

Entrando o anno de 1616. foy tornado a mandar a Siaõ o Padre Frey Francisco d'Annunciaçaõ polo Viso-Rey Dom Jeronymo d'Azevedo: A rezaõ, que teve pera o mandar, e a importancia, do que foy negocear, nos especifica huma certidaõ do mesmo Viso-Rey, que inda que passada depois de deixado o cargo, tem bastante credito, e por isso hirá aqui copiada, e he a seguinte.

DOm Jeronymo d'Azevedo, do Conselho de Sua Magestade, &c. Certifico, que sendo Viso-Rey deste Estado, mandey ao Padre Frey Francisco d'Annunciaçaõ, Religioso Prégador da Ordem de S. Domingos, ao Siaõ, em tres de Mayo de 616. a effeito de tratar amizades fixas com o Rey, e a persuadillo, e fazer com elle, mandasse a seus vassallos, que fossem a Malaca com Juncos de fazendas, e mantimentos, como antigamente hiaõ; polo muito que importa pera bem, e segurança daquella Fortaleza o tal comercio; e tratar juntamente o modo, como se avia de sustentar, e defender a Fortaleza de Martavaõ, que o dito Rey offereceo a este Estado, por carta sua, e seus Inviados: E que vindo o Rey em todas as cousas, que mandava tratar com elle, mandasse a esta Cidade algum Fidalgo de sua Corte grave, e pratico, pera se assentarem, e concluirem de todo este negocios, e amisade. O que tudo aceitou o dito Padre fazer, por lho eu pedir, e a sua obediencia lho mandar, e por ser muito zeloso do serviço de Deos, e de Sua Magestade. Fez muito inteiramente tudo, o que lhe mandey, como Varaõ de muita prudencia, e virtude; fazendo com o Rey, que mandasse Juncos á Fortaleza de Malaca, com fazendas, e mantimentos, e chumbo, assi seus, como de Portuguezes, como em effeito mandou. E finalmente trouxe comsigo os Embayxadores do dito Rey de Siaõ, pera effeituarem, e concluirem de todo esta amizade; e depois passarem com o dito Padre a Portugal, com carta, e presente pera sua Magestade. E por me constar de tudo, o que nesta digo, lhe passey esta certidaõ,

pera bem de ſua Religiaõ: E juro aos Santos Evangelhos ſer verdade. Em Goa, 2 de Fevereiro de 618.

Dom Jeronymo d'Azevedo.

Paſſados alguns annos, no de 1620. ſe apreſentaraõ em Goa tres Embayxadores d'elRey de Arracaõ, que vinhaõ mandados a pedir paz ao Viſo-Rey Dom Joaõ Coutinho, Conde do Redondo: E por ſer falecido, fizeraõ ſua Embayxada ao Governador, Fernaõ d'Albuquerque, que lhe ſuccedeo, e com elle fizeraõ ſolemne aſſento de pazes: E por ſer conveniente acompanhallos na volta huma paſſoa de authoridade, pera aſſentar com elRey alguns pontos, que os Embayxadores pera elle reſervaraõ, chamou o Governador ao Padre Frey Franciſco d'Annunciaçaõ, e lhe encomendou o cargo, dandolhe juntamente comiſſaõ, e poder pera eleger Capitaõ dos Portuguezes, que reſidem no porto grande da Bengala, huma peſſoa de ſatisfaçaõ ſua, e que o foſſe tambem da do Rey da terra. Compoz o Padre tudo de ſorte, que com ficarem as couſas muito em prol do Eſtado, libertou de cativeiro ſeſſenta Portuguezes, moradores do porto piqueno de Bengala: Os quaes o Arracaõ tinha em ferros, por averem ſeguido contra elle as partes do Graõ Mogor; que por outro nome chamaõ Aquebar, nos movimentos, e guerras paſſadas.

CAPITULO XI.

Da hida que o Padre Frey Gaſpar d'Aſſumpçaõ fez a Bengala, Igreja, e Caſa, que edificou: E ſucceſſos, que nella ouve, até ſer deſtruida por Infieis, tornada de novo a levantar.

COmo noſſa tençaõ he fazer memoria naõ ſó das Caſas, em que de preſente a Ordem de S. Domingos ſerve a noſſo Senhor de aſſento neſte Oriente; mas tambem de todas aquellas, em que algum tempo trabalhou: Por eſſa rezaõ vamos proſeguindo as jornadas, que achamos fizeraõ a eſta conta os Religioſos della: E as Caſas, que fundaraõ, inda que naõ permaneceraõ: Nas quaes naõ podemos guardar mais ordem, que tratar primeiro dellas, como vamos fazendo: E em ſegundo lugar diremos, das que hoje duraõ. He Bengala huma das mais abundantes, e ricas Provincias de tudo, o que a terra de ſy produz, que ha em todo o Oriente; e por ſer tal, acodem a ella todos os homens, que por caſos feos, ou coſtumes danados naõ cabem entre os ſeus. Porque em chegando a Bengala, logo tem vida, e remedio, quer ſigaõ a mercancia, quer as armas. E como a terra he de Gentios, quem era devaço na dos

Chri-

Christaõs, fica com larga estrada pera o Inferno: E assi reynava entre hum grosso numero de Portuguezes, que nelle de assento moravaõ, hum miseravel, e geral desenfreamento em todo o vicio: E era Bengala hum couto de facinorosos, e desalmados, quando o Senhor piadoso poz os olhos de sua misericordia em tanta miseria, e moveo os coraçoens daquelles, que entre elles tinhaõ melhor lugar, a que buscassem remedio. Foy o meyo despacharem cartas ao Vigario geral da nossa Congregaçaõ, escritas com grandes instancias, e mostras de verdadeira Christandade, pedindolhe Ministros de Sacramentos, e Prégaçaõ, e doutrina. Cometeo o Prelado a empresa, que pareceo muito digna da Ordem, aos Padres Frey Gaspar d'Assumpçaõ, e Frey Belchior da Luz. Tomou á sua conta o Padre Frey Gaspar, considerando com animo cheyo de piedade, que serviria muito a Deos, se pudesse desviar estas Almas do caminho da perdiçaõ, em que viviaõ: E fazia conta, que quando depois de grandes feitios, naõ ganhasse mais, que huma só pera o Ceo: assaz ficava interessando diante daquelle Senhor, que por sua infinita bondade, manda fazer festa a todos os Anjos por huma só, que se converte. Tomada licença do Prelado, caminhou pera Bengala: Entra em Dianga. Foy isto, segundo conta mais acertada polos annos de 1601. inda que naõ falta quem a passa dous annos adiante ao de 1603. Juntaõse os moradores alegres com sua vinda, e dezejosos de verem no mesmo dia começado o que tinhaõ requerido, fazem carretar madeira, palha, e esteiras, que saõ os materiaes tumultuarios, que a terra, e monte offerece; porque naõ dá pedra, nem cal: levantaõ brevemente huma Ermida, naõ piquena, que avia de servir a muitos freguezes: Juntaõlhe pobres aposentinhos com sinco cellas. Poemse no Altar cheyo de bom Espirito o Padre Frey Gaspar, celebra aquelle Mysteriosissimo, e Divinissimo Mysterio, memorial, e principio de todo nosso bem, remedio, e fim de todos os males, á vista de idolatras, e daquelles, que sendo nascidos no gremio da Igreja Catholica, andavaõ mais culpados, e mais infernados, que muitos delles. Acudiaõ todos huns sobre outros, ao que já quasi naõ conheciaõ, senaõ por reminiscencia: Hiaõ tornando em sy, e vendo, que os buscava o mesmo Deos, de quem andavaõ voluntariamente fogidos, cahiaõ muitos na conta de suas miserias. Faziaõse Confissoens, e penitencias. Melhoravaõse vidas. Já Frey Gaspar dava por mais que bem empregado seu trabalho.

O P. Fr. Joaõ dos Santos l. 2.c. 10. da Christandade Oriental.

Veyose juntar com o Padre Frey Gaspar hum Prégador de nome, vindo de Meliapor, onde residia, chamado Frey Joaõ das Chagas. Naõ nos consta se era o mesmo, de quem fallamos em Solor, se outro do mesmo nome. Hia no cabo o mez de Setembro do anno de 1602. determinou prégar na Festa de S. Miguel. Acudiraõ todos ao Prégador novo. E elle, como quem sabia com quem o avia, e vio a occasiaõ, que lhe dava o Evangelho da Festa nas palavras do Senhor: *Nisi efficiamini sicut parvuli,*

2602.

vuli, *non intrabitis in Regnum Cœlorum*, querem dizer: Se por obra naõ tornardes ao estado de mininos piquininos, naõ entrareis no Reyno dos Ceos: Levantou os conceitos, esforçou o estilo, e lingoagem, encarecendo esta Divina sentença com tanto Espirito, que fez effeitos de fogo em todo o auditorio, abrazando os coraçoens em amor de Deos, e em dôr, e compunçaõ de peccados, que os peitos testemunhavaõ com gemidos, e soluços, e os olhos com lagrimas. Cousa taõ nova pera aquella terra, que os mesmos Portuguezes se espantavaõ de sy: E os naturaes costumados a naõ ver, nem ouvir entre elles, senaõ, brigas, roncas, e ferocidades, estavaõ encantados com aquelles penhores de humanidade, e brandura. Mas tudo se ouve por pouco, quando, acabado o Sermaõ, viraõ lançado aos pés do Prégador hum dos ouvintes, que o fora só por companhia, ou curiosidade. Porque era tal no estrago da vida, e consciencia, que, perdida a vergonha a Deos, e ao mundo, se sabia publicamente, que avia doze annos, que se naõ confessava. Ficou o Prégador sobresaltado; porque tinha noticia de seu máo estado: E o penitente conhecendo, que naõ era crido, nem o merecia ser, valiase com nova sumissaõ das Chagas do Bom Jesu, pedindolhe por ellas, o quizesse ouvir de Confissaõ, e remediar, e curar hum peccador, que em nenhuma parte de sua Alma sentia cousa sãa. Levantouo nos braços o Prégador, imitando o bom Pay do Prodigo, animouo, consolouo. Assentaraõ hora pera a Confissaõ. E foy ella tal, e taes os effeitos, que a seguiraõ, que se deixou bem entender a olhos de toda a terra, que fora obra do Espirito Santo. Porque trocou o trato, emendou a vida, continuou os Sacramentos. E como todo homem costuma amar o lugar, onde alcançou alguma boa ventura, ficou com affeiçaõ, e devaçaõ perpetua ao Habito de S. Domingos.

Declarou o mesmo Prégador por fim do Sermaõ, que no Domingo seguinte, que era o primeiro de Outubro, determinavaõ os Padres fazer a festa, e Procissaõ de N. S. do Rosario, que naquelle lugar de Dianga se naõ fizera nunqua: Apontou algumas das merces, e graças, com que a Senhora enriquecia seus devotos: E as grandes indulgencias, que se ganhavaõ, concedidas polos Summos Pontifices. Pedio, que se aparelhassem todos pera as receberem dignamente. Como a gente ficou obrigada do movimento, que em todos tinha feito a Prégaçaõ, acudio tanta a se confessar na pobre cazinha, que tres dias antes da festa naõ sairaõ dos Confessionarios quatro Padres, desque amanhecia até anoitecer. E acontecia entrarse pola noite. E quando foy o dia da festa, se affirmou, que commungaraõ nella mais de quinhentas pessoas. O que foy notado, e advertido por hum Padre da Companhia de Jesu, que a rogo dos nossos aceitou a Prégaçaõ do dia: affirmando que nunqua tal vira em Bengala.

Quiz a Senhora do Rosario honrar sua festa com desviar hum desastre, que esteve armado pera grande desconsolaçaõ dos

dos Padres, e perda dos seculares. Estava a Casa por dentro, e por fora, nos lugares, que a Procissaõ avia de correr, paramentada de todo o bom, que avia em Dianga, de sedas, e alcatifas, e joyas dos moradores mais ricos. Tinhaõ os Religiosos ordenado huma charola pera N. P. S. Domingos, em que amontoaraõ, porque naõ hia outra, hum thesouro de peças de ouro, e pedraria, humas pendentes, outras, que guarneciaõ os balaustes: Das mais ricas se via cercada a capa, e Habito do Santo. Estava inda a Igreja cerrada: Eisque, sem se saber como, de huma vella, que perto ardia, salta fogo na charola, e prende por onde era guarnecida dalgodaõ. O tempo seco, a materia disposta, fez lavrar o fogo, como polvora, e lançar a lavareda ao alto da casa, que sendo, como era, tecida de canas, e palha, naõ se duvidava de lastimoso incendio. Acudiraõ os Padres cheyos de pavor, a abafar a chama da charola, com alcatifas, pera atalharem communicarse a armaçaõ das paredes. Subiraõ escravos, e criados ao telhado, todos chamando por N. Senhora. Acudio ella com seu bendito soccorro. Porque remediada a charola com diligencia; a lavareda, que andava ateada no tecto, que força humana já naõ podia vencer, subitamente se apagou por sy, e antes que chegassem a ella os criados: E naõ ouve perda, nem dano de consideraçaõ.

Mas que diremos aos juizos Divinos? Naõ passaraõ trinta dias, que senaõ visse abrazada a Igreja, e casa, sem ficar cousa em pé. Parece, que o primeiro fogo de paz, e descuido, foy agouro do segundo de guerra, e cuidado. Entrou elRey de Arracaõ no porto com huma poderosa Armada: acometeo de subito a terra desapercebida, alem de por sy ter pouca força, assolou tudo. Valeo aos Religiosos, recolheremse a huma náo de força, que estava no porto. Onde tiveraõ bebida a morte por muitas vezes em medo, e sobresaltos: até que se moveo pratica de pazes, e com ellas o mesmo Rey inimigo foy o que poz condiçaõ dellas, que ficassem os Frades na terra. E chegou a fallarlhes elle em pessoa, e rogarlhes, que a naõ desemparassem: Julgando, que nunqua teria paz segura com aquelles Portuguezes, se ficassem desacompanhados de Sacerdotes, e em particular dos de S. Domingos, que mostrava estimar, e ter em grande conta. E tratava deste particular tanto de verdade, e vontade, que á sua custa nos mandou fazer Igreja, e casa nova. E viose na pressa da fabrica o poder, e gosto, com que se fazia. Porque quando veyo o dia de N. Senhora da Purificaçaõ por Fevereiro do anno seguinte de 1603 disseraõ os Frades nella a primeira Missa. Era novo Vigario o Padre Frey Manoel da Gama, filho do Convento de Cochim, que deixando em seu lugar o Padre Frey Gaspar d'Andrade, se partio pera Seripur a sacramentar os Portuguezes, que alli residem: E pera o mesmo effeito mandou a Bacalá o Padre Frey Francisco do Avelar. Porem no meyo destes bons officios despedio o Padre Frey Joaõ das Chagas a informar o Vigario geral dos

dos perigos de guerras, e treiçoens daquella residencia, e da pouca defensa, que tinha. Donde nasceo mandarse largar: E naõ assistirem já hoje em aquellas partes Frades de S. Domingos.

CAPITULO XII.

Dos Conventos, Vigairarias, e mais Igrejas, que a Congregaçaõ de S. Domingos tem nas partes do Sul.

AGora he tempo de lançarmos a fio todos os mais Conventos, Casas, e Vigairarias, que a Congregaçaõ tem neste Oriente: E pois com as referidas nos achamos da banda do Sul, diremos primeiro das que nella nos restaõ; e depois passaremos ao Norte. A rezaõ, que ha pera a tal divisaõ, nasce de que toda a Costa da India corre direitamente de Norte a Sul, naõ fazendo conta das pontas, que lançaõ ao mar, nem das enseadas, com que se retira. Demaneira, que por toda ella se lhe levanta o Sol sobre a terra, e desse a esconderse no no mar. E como a Ilha, e Cidade de Goa, cabeça, e Metropoli de todo o Estado, que os Portuguezes possuem, nella jaz na mesma Costa; a respeito da mesma Cidade, e Ilha contamos o sitio de todas as mais terras, e Fortalezas do Estado. Assi chamamos terras do Norte as que lhe ficaõ na maõ direita; porque estaõ ao Norte della: E as que correm pera a esquerda, chamamos do Sul; porque tem seu assento della.

De todas as Casas, que temos no Sul, he a mais antiga, e maior a de Cochim, e tambem a mais vizinha de Goa por esta parte. Porque dista della cem legoas. Está situada no meyo da Cidade, e he Convento perfeito, e acabado em todas suas partes. A Igreja de tres naves, bem capaz, com suas Capellas em respondencia de huma parte, e outra bem ornadas. A Capella mór de formosa, e alta abobada: O Coro, e cadeiras de boa obra; e o retabolo em feitio de Massenaria, e pintura semelhante ao de S. Domingos de Lisboa. Tem tambem seu Coro alto, e junto á elle dous antecoros com suas janellas, que cahem sobre o frontispicio da Igreja, e ornaõ a prospectiva. Tem dous Dormitorios, e dentro largueza de hortas, e jardins. Sustenta de ordinario trinta Religiosos, com Provisaõ de trigo, e arroz da Fazenda Real, que commumente importa por avaliaçaõ trezentos e oitenta Xafarins (val cada Xafarim de moeda de Portugal trezentos reis) ajudase a sustentaçaõ com o rendimento de huma Ilheta, que o Convento possue junto á Cidade (chamaõlhe a Ilha das Ostras) porque alem de servir de recreaçaõ aos Padres, he de consideraçaõ o que nella se colhe; depois que se compraraõ a elRey Cochim, e aos Caymais de Vaypim, e a outros possuidores as partes, que nella tinhaõ. O que foy obra de hum filho do mesmo Convento, feita com sua herança: E por bemfeitor merece ficar aqui seu nome, que era Frey Manoel da Gama. Ha nesta Ilha huma Igreja, que a Invocaçaõ de Nossa Senhora, e o titulo alegre das Boas Novas, de que na India todos

todos dependem, a faz de muito Romagem.

A cem legoas de Cochim contra o Sul, e duzentas de Goa temos a Cidade, e Fortaleza de Columbo, na famosa Ilha de Ceilaõ, famosa por sua grandeza, e polo fruto da Canella, que he proptio seu, e quasi infinito. No meyo da Cidade tomaraõ sitio os nossos Frades. He a Casa piquena; porque ha poucos annos, que foraõ chamados. Moraõ nella de presente quatro com seu Vigario. Mas em outros lugares da Ilha residem outros sinco. Porque junto á Cidade tem á sua conta huma Freguesia, que chamaõ de S. Sebastiaõ, em que assiste hum deçontino por Cura. E em Gale desoito legoas adiante, residem dous: Outros dous em Jafenapataõ, casas muito mais modernas, e curtas. E com serem de assaz trabalho pera os Padres, que nellas moraõ; só a de Columbo come ordinaria da Fazenda d'elRey, que he cento, e vinte Xerafins, e algum Arroz. Bem merecida, e suada ordinaria. Porque tem escolla aberta pera todos os moços da terra, de ler, e escrever, e cantar, e principios de Latinidade.

Seguese na costa da terra firme a oitenta legoas de Columbo a Cidade de Negapataõ: E nella huma das boas Vigairarias da Congregaçaõ, Casa de quatro até seis Frades, muy perfeita de tudo o que he obra material, e com boa Igreja. Naõ goza de ordinaria, com ter o Prelado della titulo de Pay dos Christaõs, e ser o que julga da escravaria, que por alli sahe, quaes saõ bem, quaes mal cativos.

Sincoenta legoas adiante he a Cidade de Meliapor, sepultura gloriosa do Apostolo S. Thome. Aqui ha huma Casa piquena, que se mantem de esmollas. Estaõ nella tres, e quatro Frades com trabalho. Porque carecem da ordinaria d'elRey, e as esmollas vaõ faltando, polas muitas embarcaçoens, que os cossarios Olandezes tomaõ aos moradores, com a occasiaõ, e vizinhança de huma Fortaleza, que fundaraõ, e sustentaõ em Paleacate.

Seguemse correndo a costa os portos de Bengala, e Pegú. Das casas, que nelles tivemos, e largamos, fica dito atraz.

Malaca he a quinhentas legoas de Goa. A Igreja, e Convento desta Cidade diz bem com a riqueza, e grandeza della. He obra fermosa, porem naõ acabada. O assento delle he de tal forma, que por huma parte fica o Claustro, e Dormitorio servindo de muro á Fortaleza, e pola outra está sobre hum Rio de grande frescura. Como casa de terra taõ principal goza de ordinaria da Fazenda de Sua Magestade, quatrocentos Cruzados de seis Tangas o Cruzado, inda que naõ assistem nella mais de seis até oito Religiosos. O Prelado daqui he Vigario geral dos que andaõ esparzidos polas Ilhas de Solor, Reynos de Siaõ, e Camboya, e outras partes deste Sul, e em dignidade está diante de todas as Casas, e Residencias delle.

Seguemse as Ilhas, e Arcipelago de Solor, em quasi mil legoas de distancia de Goa. Dellas temos dito atraz de seu principio, e estado presente, quanto baste. He Vinha, e Christanda-

ſtandade propria dos Frades de S. Domingos, prantada com ſeu trabalho, cultivada com ſeu braço, e regada com ſeu ſangue: E como tal devera convidar a todos, os que nos prezamos de filhos de taõ grande, e Santo Patriarcha, a hirmos ajudar os bons obreiros, e naõ ſer ſó ouvintes de ſuas proezas. E creſce noſſa obrigaçaõ polo titulo, que elles por humildade ſuſtentaõ de filhos, e ſubditos deſta Provincia; quando aquella Congregaçaõ Oriental, por numero de gente, e caſas, podera bem conſtituir Provincia por ſy. Fazemlhe honra os Summos Pontifices. Sua Mageſtade a manda favorecer com ſuas Reaes Proviſoens, e ordinarias. Os Viſo-Reys, e Governadores lhe acodem com boa vontade. Naõ era rezaõ dizerſe de nós, que ſendo Irmaõs, e Irmaõs mais velhos, lhe faltamos.

A mil legoas de Goa na coſta da China, na Provincia que chamaõ de Cantaõ, eſtá ſituada a Cidade de Macao, em huma piquena Ilha do meſmo nome. Aqui temos Convento de ſeis até oito Religioſos, que vivem de eſmollas, e ſem nenhuma ordinaria Real. Foy fundado, naõ ha muitos annos, por hum Religioſo do Habito, que alli veyo das Ilhas Filippinas. Como neſtas Ilhas florece a Ordem de S. Domingos com numero de Conventos, e notavel obſervancia, ſuccedeo ſahir dellas com animo de fazer algum bom ſerviço a noſſo Senhor, e á ſua Religiaõ o Padre Preſentado Frey Antonio Arcediano com dous companheiros, Frey Alonſo, e Frey Bartholameu. Tomando terra neſta Ilha, pareceolhe poſto acomodado pera acometer, e combater a muy cerrada Gentilidade da China. E levantou logo huma piquena Ermida em nome de S. Domingos, acompanhada de pobres apoſentinhos. Paſſados alguns annos, vendo, que como o Convento ſe frequentava, e eſtimava dos moradores, aviſou ao Vigario geral da India, mandaſſe tomar poſſe della pola Congregaçaõ: E elle com dezejos de ſervir denovo á Ordem na ſua profiſſaõ, que era de muito boas letras, ſe foy pera Goa, onde leo alguns annos Theologia, e depois ſe embarcou pera Eſpanha ſua patria nas noſſas náos: E veyo a acabar em paz no Collegio de S. Domingos de Valladolid, fazendo officio de Leytor de Theologia, e deixando grande fama de virtudes, e doutrina.

Obriganos o amor, e bom gaſalhado, que a Religiaõ de S. Domingos tem achado neſte povo de Macao, naõ paſſar daqui, ſem fazermos memoria de hum famoſo feito de ſeus moradores, que pera em todas as idades a elles dará fama, e honra, e ao nome Portuguez grande gloria. Amanheceraõ em vinte quatro de Junho do anno de 1622. ſobre a Cidade dezaſete vellas de coſſarios Olandezes. E naõ tendo duvida de a ganharem por aſſalto, viſto ſer praça aberta, e deſemparada de todo genero de fortificaçaõ de natureza, e arte, poſeraõ em terra oitocentos moſqueteiros em hum temeroſo eſquadraõ. Era dia do Grande Bautiſta, dia feſtival em toda a Chriſtandade, e ſó deſconhecido de Hereges, que negaõ o poder, e valia, que os Santos tem diante de Deos.

1622.

Animouſe a gente a defender ſuas caſas, ou morrer ſobre ellas. Sahem da terra, ſem eſperar ſer acometidos, duzentos luzidos mancebos, arremetem ao inimigo como Leoens, e com tal furia, que ſem lhes darem lugar pera ſegunda carga, os puzeraõ em desbarato, e foraõ cortando, e matando nelles até o mar. De ſorte, que ficou todo o campo cuberto de corpos ſem vida, e armas ſem dono. E foy couſa averiguada, que morreraõ mais de quatrocentos Olandezes. Naõ he pera eſquecer, que reſultou deſte ſucceſſo tanto credito aos noſſos entre os bons entendimentos dos Chins, que onde dantes nem hum vallo lhes deixavaõ levantar, como por ley: Deſde eſte dia lhes mandou elRey paſſar licenças francas pera ſe murarem, e fortificarem.

CAPITULO XIII.

Das Caſas, e Reſidencias, que a Ordem tem na Ilha de Moſſambique, e terras da Ethiopia Oriental.

POr differente caminho, mas com mais rezaõ, que todas as Caſas referidas, pertence ao Sul a que temos na Ilha de Moſſambique com outras, que della dependem, ſituadas na Ethiopia, que commummente chamamos Cafraria. Digo por differente caminho. Porque eſta Ilha fica arrimada á coſta, que corre do Cabo de Boa Eſperança contra a India; por grande numero de legoas, que por iſſo mereceo o nome de Ethiopia Oriental, á differença da Occidental, que deſdo Cabo Verde té o de Boa Eſperança, cria gente ſemelhante a eſta em cores de roſto, em infidelidade, e barbaria de trato, e coſtumes. Eſta Ilha he todo o refugio, e alivio, que achaõ as naõs de Portugal, depois de longa, e cançada viagem. Aqui tomaõ alento dos trabalhos, e tormentas de quatro, e ſinco, e ás vezes mais mezes de mar. E daqui tornaõ a navegar ordinariamente na entrada d'Agoſto com a monçaõ, que entaõ entra. E ſem mudar vellas correm novecentas legoas, que ha de golfo até Goa. Diſſe com mais rezaõ. Porque eſta Ilha jaz da banda do Sul, tanto contra o Tropico de Capricornio, que fica em 15. pera 16. graos alem da Equinocial. Foy Autor da Caſa o famoſo Capitaõ Dom Luis d'Ataide, da ſegunda vez que governou a India. Sahio de Lisboa no anno de 1577. deſpachado por elRey Dom Sebaſtiaõ; chegando a Moſſambique, achou nella dous Religioſos Dominicos, que tratavaõ de paſſar á Ilha de S. Lourenço, por outro nome Madagaſcar, a fim de ſe empregarem na converſaõ daquelle Gentio, que he innumeravel; mandoulhes ſuſpender a jornada, e aconſelhouos, que fundaſſem Caſa alli, que ſeria de muita importancia pera gaſalhado, cura, e remedio de tantos Religioſos, como cada anno paſſaõ do Reyno pera a India, e ſempre chegaõ perſeguidos de infirmidades, que a longa viagem cauſa: E tambem lhes naõ faltaria occaſiaõ na terra firme, que tinhaõ á viſta, pera ſe occuparem a tempos em allumiar aquelles pobres Cafres, taõ eſcuros nas Almas, como nas

nas carnes. Era conselho de quem podia mandar como Senhor, e de quem podia ser seguido por prudente. Foy aceitado polos Padres, que eraõ Frey Jeronymo do Couto, e Frey Pedro Usufmariz. Escolheo o Viso-Rey o sitio pera o Convento, fez demarcar a praça, que avia de occupar, e podemos dizer, que foy delle o Fundador. Começou a obra com felice pronostico polo titulo, que escolheo de Nossa Senhora do Rosario, que he o mesmo, com que a acho aceitada pola Provincia nas Actas do Capitulo provincial do anno de 1579. em que foy eleyto Provincial o Padre Frey Antonio de Sousa, que depois foy Bispo de Viseu. Naõ se teve por menos bem assombrado pronostico da fabrica outro, que agora diremos. Era Mestre della hum Gentio assaz emperrado em sua seyta, e envelhecido nos annos, como no erro. Tinhaõlhe lastima os Religiosos: procuravaõ ganharlhe a Alma com santas batarias, que cada hora lhe davaõ. Respondia Santunayque, que assi se chamava, que seria Christaõ, quando sua hora chegasse. Foy o Senhor servido darlhe huma forte doença, e com ella hum ár de Celestial graça, com a qual, sem ninguem lhe fazer lembrança, mandou chamar os Religiosos, e usando do mesmo termo, com que dantes rebatia as santas admoestaçoens, dissellhes, que era a sua hora chegada, e queria receber o Santo Bautismo: E teve tal ventura, que apoz a hora do Bautismo, lhe chegou a da morte, com que voou pera o Ceo.

1579.

Ajudou o edificio huma molher rica de Naçaõ Jaoa, chamada Violante; que sendo casada com hum Portuguez, Condestable da Fortaleza, deu por sua devaçaõ ao Convento hum grande palmar a elle vizinho: E como se fora mãy de cada hum dos Religiosos, os sustentou muitos annos de todo o necessario. Estas caridades podemos crer, que lhe acrescentou fazenda, e honra. Que assi sabe Deos pagar as que se fazem a seus servos. Porque morto o primeiro marido achou hum homem muito nobre, que folgou de casar com ella. Chamavase Pedro de Sousa Camello: E ficaraõ continuando ambos no beneficio da Casa. De sorte, que a boa Violante naõ era conhecida por outro nome, senaõ de mãy dos Frades. E por officio de gratidaõ, fazemos aqui della esta memoria.

Sustenta a Casa commummente quatro até seis Religiosos, que recebem por ordinaria da Fazenda Real hum tostaõ por dia cada hum. Foy a obra muito acertada. Porque tanto que chegaõ as náos do Reyno, agasalha, e cura com caridade todos os Religiosos de qualquer Ordem, que sejaõ. O que sendo notado polo Viso-Rey Mathias d'Albuquerque muitos annos depois, lhe assentou outra particular ordinaria de cem mil reis de renda em cada hum anno, pera effeito de continuarem com largueza, e poder, o que dantes obrava só a boa condiçaõ, e piedade Religiosa.

Fica esta Casa imitando o mesmo officio, e representaçaõ de fronteira com a Cafraria: que, segundo atraz dissemos, faz a de Malaca com os Reynos vizinhos,

e

e Ilhas daquelle mar. Porque della passaraõ logo os Padres á terra firme, e subiraõ aos Rios de Cuama: e atravessaraõ a outras Ilhas, e a grande de S. Lourenço, naõ lhes sofrendo o bom Espirito, ficar nada por tentar, pera dilatarem a Prégaçaõ do Santo Evangelho, á custa de muitas vidas, e perda de saude, por ser todo aquelle clima de ares pestilenciaes, e totalmente contrarios a naturezas criadas debaixo do Ceo temperado, e benigno.

Foy primeira occupaçaõ, passarem todos os Domingos, e dias Santos a hum destrito da terra firme, porque a travessa he estreita, a dizer Missa, e ministrar os Sacramentos a muita gente Christãa, que nelle mora, com grande beneficio das Almas, e como seus Parochos. Chamaõ o destrito a Cabeceira.

Deraõ segundo salto na Ilha de Quirimba, junto ao Cabo Delgado, sessenta legoas de Mossambique. Era Senhor della Diogo Rodrigues Correa. Persuadiraõlhe, que fundasse Igreja. Edificoua o Portuguez grande, e lustrosa: E naõ se contentou com menos, que entregalla aos Religiosos, com doaçaõ perpetua, juntandolhe terras, e palmares de bom rendimento, sem mais obrigaçaõ, que duas Missas rezadas cada semana. Esta Igreja he suffraganea á de Mossambique: E de ordinario residem nella dous Religiosos: polo muito que tem crescido a Christandade, depois que a tomaraõ á sua conta.

Terceira viagem foy a dos Rios de Cuama, e terras de Sofalla, e Menopotapa, atravessaraõ a estas partes, porque em todas andavaõ espalhados muitos Portuguezes, a quem a cobiça do ouro trazia esquecidos da saude corporal, e muito mais da Espiritual. Assi fizeraõ grande serviço a Deos, encaminhando estes pera a salvaçaõ. Bem se diz, que he raiz de todos os vicios, e hum genero de servir Idolos a cobiça. Quasi que tinhaõ perdido o conhecimento de que eraõ Christaõs, devassos nos costumes, cegos nas obrigaçoens da Fé, e Mandamentos de Deos, e de sua Igreja. Naõ avia guardar Domingo, nem festa. Naõ conheciaõ Quaresmas, nem distinçaõ de dias da semana, pera o santo costume de guardar abstinencia nas Sextas feiras, e Sabbados, com outros muitos erros, e descuidos. Tudo remediaraõ estes Padres, prégando, rogando, reprehendendo, admoestando; e de caminho ganharaõ outras muitas Almas pera Christo com sua Prégaçaõ.

CAPITULO XIV.

De outras Igrejas, que os Religiosos de S. Domingos, moradores em Mossambique, governaõ na terra firme de Monopotapa; e do valor, com que se portaraõ em dous cercos, que aquella Fortaleza padeceo.

Residindo já na povoaçaõ, que acompanha a Fortaleza de Sofalla, o Padre Fr. Joaõ Madeira, Religioso antigo na idade, e provado na virtude: foylhe mandado por Julho de 1586. por companheiro o Padre Frey Joaõ dos Santos, porque tinha á sua conta seiscentas Almas de Confissaõ entre Portuguezes,

guezes, e Mistiços, e gente da terra, que era grande carga pera hum homem só. Partio este Padre de Mossambique, e foyse juntar com Frey Joaõ Madeira. Como estiveraõ juntos, ajudaraõse muito. Levantaraõ duas Ermidas, huma de Nossa Senhora do Rosario dentro do lugar: Outra com titulo da Madre de Deos, em hum palmar dos Frades, sitio fresco, e bem assombrado, e Casa de muita romagem: ambas ornadas com toda a decencia, e concerto, que a terra entaõ dava de sy. E foraõ convertendo de Gentios, e Mouros tanta gente, que só o Padre Frey Joaõ Madeira bautisou mais de mil Almas, e o companheiro por listra, que se fez, seiscentas, e noventa, e quatro.

Ao mesmo fim passaraõ outros Padres de Mossambique ás estendidas terras, que lava o grande Rio de Cuama, que os naturaes chamaõ o Zambeze. He Rio taõ poderoso, e grande, que ao desembocar no mar naõ sahe menos, que por sinco portas, cada huma taõ espantosa por largura, e impeto de agoas, que daqui nasceo darem nomes de muitos rios ao que na verdade ha hum só rio, e huma só madre: Como acontece ao Nilo no Egypto, que naõ cabendo suas agoas em hum só leyto, entra com ellas partidas em sete no mar Mediterraneo. Por este Rio Zambeze assima a sessenta legoas da boca tem os Portuguezes hum Forte sobre as ribeiras delle, que chamaõ Sena, provido dartelharia, e muniçoens, que serve, como de huma feira, e feitoria, pera guarda das fazendas, que o Capitaõ de Sofalla manda ao resgate do ouro, que alli acode muito das terras do Monopotapa. Pera o mesmo effeito fundaraõ outra casa forte, outras sessenta legoas mais adiante, sobre o mesmo Rio, e da mesma parte, que chamaraõ Tete. Ambas estas Praças ficaõ nas terras, e senhorio do Monopotapa, e ambas saõ governadas por ministros, que a ellas manda, e poem de sua maõ o Capitaõ de Sofalla. A huma, e outra subiraõ os nossos Religiosos de Mossambique. Em Sena levantaraõ huma Igreja da Invocaçaõ de Santa Catharina de Sena, aproveitandose do nome da patria da Santa, que o da terra lhes offerecia. Em Tete edificaraõ outra em honra do Glorioso Patraõ de Espanha Santiago. Em ambas acompanharaõ os Altares de devotas Imagens, lavradas com curiosidade, e mandadas trazer da India, e ajuntaraõ concerto de ornamentos, e muita limpeza do culto Divino. E pera espertar devaçaõ instituiraõ suas Confrarias. Em Sena huma de Nossa Senhora do Rosario, e outra do nome Jesu, pera evitar os juramentos. Em Tete huma de Nossa Senhora da Conceiçaõ, e outra de Santo Antonio. Emendados os abusos, e desterradas as cegueiras, que atraz apontamos, que por tudo corriaõ, foraõ reduzindo as terras, e gente a toda a policia, e boa ordem da observancia Christãa: De tal maneira, que por sua diligencia florece hoje em aquelles lugares, que saõ no coraçaõ da Cafraria, a perfeiçaõ da Fé de Nosso Senhor Jesu Christo, como em qualquer dos bons lugares de Portugal.

Alem das Igrejas ditas administraõ

niſtraõ os noſſos Religioſos outras tres, que ſaõ Luanze, Moſſapa, e Manica, que por todas trazem continuos em ſeu ſerviço doze, e quatorze Religioſos. E porque em todas ſem differença ſaõ os ares venenoſos, e inimigos da complexaõ, e goſto daquelles, que tiveraõ ſeu naſcimento em terras temperadas: E com tudo os Frades de S. Domingos as correm, e aturaõ conſtantemente por ſerviço de Deos, e obrigaçaõ do Habito: Parece juſto darmoslhe por paga a que noſſa pena póde, que he ficar memoria neſtes eſcritos de ſeus nomes. Aſſi os puderamos alcançar todos. Os que chegaraõ a noſſa noticia, ſaõ os Padres Frey Jeronymo Lopes, e Frey Joaõ Fraúſto: E apoz elles Frey Joaõ Madeira, e Frey Joaõ dos Santos. Dos quaes o Padre Frey Joaõ dos Santos, vindo depois a eſte Reyno, compoz, e imprimio hum curioſo tratado das particularidades daquellas Provincias, e dos trabalhos, que nellas experimentaraõ elle, e outros muitos Padres noſſos. E affirma, que achou por conta de livros, ſerem por elles bautiſados deſte deſtrito dos Rios de Cuama até o anno de 1591. paſſante de vinte mil Almas: Entre os quaes ouve muitos Senhores de vaſſallos, que lá chamaõ Encoſſes. A eſtes Padres juntaremos outros quatro, de cujas letras, e induſtria ſe aproveitaraõ os Metropolitanos de Goa, pera por elles mandarem viſitar eſtas Ilhas, e Coſta Ethiopica, que ſaõ de ſua juriſdiçaõ. Foraõ Frey Jeronymo de Santo Aguſtinho, Frey Diogo Correa, naſcido na India em Chaul, o Preſentado Frey Eſtevaõ d'Aſſumpçaõ, e Frey Manoel Pinto. De todos quatro ſe ſabe, que correraõ todos eſtes povos, e cumpriraõ ſua obrigaçaõ com muita inteireza, emendando vicios, e caſtigando culpas. Sigua a eſtes Religioſos o Padre Frey Joaõ de Santo Thomás, que foy deſpachado de Moſſambique pera a Ilha de S. Lourenço, polo Alferes mór D. Jorge de Menezes, no tempo que ſervio de Capitaõ de Sofalla. Era o intento fundar povoaçaõ, e Igreja, e convidar aquelles povos com a Ley de Chriſto. Paſſou o mar, começou a correr com ſeu miniſterio. Mas naõ pode reſiſtir á inclemencia do Ceo. Acabou de doença.

L. 3. c. 12. da Chriſtandade da Ethiopia.

Mas naõ ſe contentaraõ ſó Religioſos de S. Domingos do Convento de Moſſambique, de pelejarem com as febres peſtilenciaes, e mortiferas da Cafraria. Tambem provaraõ a maõ em medos de fogo, e ſangue: Quero dizer, ſendo companheiros dos bons ſoldados, que defenderaõ aquella Fortaleza de Moſſambique aos coſſarios Olandezes em dous acometimentos taõ apertados, que a tiveraõ em grande perigo: E porque o feito da defeſa foy de valor memoravel, e naõ toca menos á honra da Religiaõ, que da Patria; por ambas as couſas faremos aqui breve relaçaõ do ſucceſſo dambos. Em Conſelho pleno aſſentou a Republica rebelde d'Olanda, que lhes eſtaria bem pera ſegurar os roubos, que na India Oriental faziaõ ſuas Armadas, e enfraquecerem o poder dos Portuguezes nella, fazerſe Senhora da Ilha de Moſſambique, unico refugio, e reparo das náos, que deſte Reyno

no navegaõ pera a India. Aprestaraõ huma Armada de treze vellas, nomearaõ por General della Paulo Van-Carden, Capitaõ experimentado naquellas viagens, e taõ pratico do pouco poder, e força, que avia na Ilha, que cotejando com ella o que levava nas treze náos, offereceo aos Ministros, que o mandavaõ, naõ só tiralla da maõ dos Portuguezes, mas que desde logo, como de Praça já subdita aos Estados d'Olanda, faria della sua homenagem, se lha quizessem dar em guarda, e aceitarlhe a obrigaçaõ. Porque tinha por certo, que naõ podia aver resistencia em Mossambique. Corria o anno de 1607. quando com igual soberba, e golodisse de huma, e outra parte se concertaraõ Van-Carden, e seus mayores, lançando em seus livros mais huma Praça de novo na India, e Governador della Paulo Van-Carden. Assi foy sua, em quanto naõ chegaraõ a tentalla. Passou Van-Carden com boa viagem sua navegaçaõ: Entrou no porto, desembarcou, prometendose vitoria a terceiro dia. Era a Fortaleza mais sombra de Fortaleza, que Praça defensavel, poucos soldados, e esses meyo consumidos dos ares pestiferos, e Sol sempre ardente da Torrida Zona. O sitio hum campo raso. Mas bem disse Antigono a hum, que o advertia, que eraõ muitas mais as náos dos inimigos, que as suas: Se fazeis boa conta, dizeime, por quantas náos contais minha pessoa. Assistia na Fortaleza por Capitaõ della, e de Sofalla Dom Estevaõ d'Ataide, Fidalgo honrado, e valeroso. Valeo sua pessoa, e dos bons companheiros, inda que poucos, pera fazer retirar a Van-Carden com mais pressa, do que tinha obrigaçaõ pola menagem dada, e com muita gente morta, e reputaçaõ perdida. Porque os nossos, como gente, que sabia que seus braços aviaõ de ser os verdadeiros muros de sua defeza, sahiaõ como Leoens dedia, e denoite a offender o inimigo. De sorte, que temendo Van-Carden ficar cercado de cercador, ouve por seu conselho largar a terra, e embarcarse. Mas muito mais graça teve o successo do anno seguinte. Como os rebeldes se davaõ por Senhores da Ilha; despacharaõ traz Van-Carden a Pedro Blens na entrada de 1608. com outra boa Armada, e ordem, que de caminho visitasse a nova conquista, e seus conquistadores. Chegou este a Mossambique, e com a certeza de achar a terra por sua, entrou de festa, lançando Bandeiras, e Estandartes, e com salva de artelharia, como se aportara em Frangelingas. Porem acharaõ tudo tanto ao revez, que no primeiro acometimento viraõ, que lhes convinha despejar a terra, e porto: E assi o fizeraõ.

1607.

Plutarch. in Vita Palopico.

CAPITULO XV.

Das Casas, Conventos, e Residencias, que a Congregaçaõ tem nas Cidades, e terras do Norte.

Resta, pois temos dito dos Conventos, e Casas do Sul, darmos noticia dos que nos ficaõ ao Norte da Cidade de Goa, que por isso na India se chamaõ geralmente Casas do Norte. He a primeira, e mais vizinha, em Chaul, que dista de

de Goa sessenta legoas. E como atraz fica dito, he o segundo Convento em antiguidade na India. Está situada junto á barra: E corre o Dormitorio contra a praya, com huma fermosa varanda no cabo, que fica defronte da serra, que chamaõ o Morro de Chaul, que noutro tempo deu grande cuidado a todo o Estado da India; polo poder da gente, e muniçoens com que o tinhaõ fortificado os inimigos. E sendo ganhado polos Portuguezes á força de braço, e boa ventura, foy pera Portugal occasiaõ de nova gloria. E ficou em lembrança, que a primeira Bandeira, que em seus muros se arvorou, foy o Guiaõ de N. Senhora do Rosario, da Confraria, que tem neste Mosteiro, que os Irmãos acertada, e devotamente quizeraõ levar comsigo no assalto. Este primeiro Convento foy assolado com cerco, que o Isamaluco poz á Cidade em tempo, que nella naõ avia muros, nem mais fortificaçaõ, que os peitos dos Fidalgos, e Soldados Portuguezes, acompanhados do Capitaõ Dom Francisco Mascarenhas, depois de Conde de Santa Cruz, que em tal estado a defenderaõ a muitos dos inimigos. E elRey D. Filippe, Primeiro de Portugal, mandou reedificar á custa de sua Fazenda a Igreja, que temos de presente, que excede em bom edificio a todas, as que ha na Cidade. He de huma só nave, com a Capella mór d'abobada alterosa, e bem feita: O Convento todo de bom edificio, acompanhado de hortas, e tanques, e taõ boa cerca, que a mór parte della he a mesma, que faz muro á Cidade. Sustenta commummente de vinte sinco até trinta Religiosos, em que contamos dez, e doze Irmãos de Casa de Noviços. E goza por ordinaria da Fazenda Real de vinte Candiz de trigo, e oito d'Arroz (responde hum Candil a quasi trinta alqueires da medida de Portugal) porque o alqueire da India, que lá chamaõ Pará, tem quasi alqueire, e meyo dos nossos: tem mais duas pipas de vinho do Reyno pera as Missas, e seis cantaros de azeite pera Refeitorios (porque o da terra serve só nas alampadas) e Botica paga nas doenças de todo o anno. Achamos aceitada pola Provincia esta Casa com titulo de Santa Maria de Guadalupe nas Actas do Capitulo do anno de 1556. em que foy eleyto Provincial o Mestre Frey Joaõ de Salinas. Por sua antiguidade goza o Presidente della o titulo de Pay dos Christãos, que se convertem, e tem da Fazenda d'elRey, por rezaõ deste cargo, cem Patacoens de quatro Larins, cada Larim de valia de hum Tostaõ. Este dinheiro serve pera acudir a algumas necessidades dos Cathecumenos. Fóra da povoaçaõ assiste hum Frade em huma Igreja da Invocaçaõ de N. Senhora das Merces. Outro reside em huma Ermida da Ilha de Caraniá, que he quatro legoas adiante, ao longo da Costa pera o Norte. He Orago de N. Senhora do Rosario. Foy herança de terras, que deixou hum devoto ao Convento, com obrigaçaõ de suffragios: Rendem algum Arroz.

A oito legoas ao longo da Costa está a Ilha de Salsete, e nella huma grande, e lustrosa

Villa, que chamaõ Taná, povoada de todas as Religioens, que na India tem assento. O Convento da nossa he piqueno, e pobre, e com ordinaria nenhuma d'elRey: serve de hum Hospicio comodo pera os Religiosos, que descem de Baçaim: E pera isso sustenta sómente dous, que bastaõ pera o gasalhado, naõ deixando de ser de proveito, e estima na terra.

Quatro legoas adiante de Taná está situada na terra firme sobre o mar a Cidade da Baçaim, lugar fermoso, e muito fresco: E por isso escolhido por morada de muita gente nobre. Como tem muito povo, tem tambem Conventos de todas as Ordens, que ha na India. O Dominico he da Invocaçaõ de S. Gonsalo. Foy edificado hum anno depois da Beatificaçaõ do Santo, que se alcançou no anno de 1563. Tem melhor Igreja que todos os da terra; sem embargo que ficou assolada com a força da prodigiosa tormenta do anno de 1618. que atraz escrevemos, com todo o mais edificio. Era Vigairaria, por ser pobre, e naõ tinha mais que seis até oito Frades. Agora tem de renda dous mil Patacoens de quatro Larins. Sustentará muitos mais, tanto que estiver de todo reedificado. Porque he terra barata, e abundante de todo genero de mantimentos; e a essa conta o fez Priorado o Padre Frey Miguel Rangel, sendo Vigario geral da Congregaçaõ: E foy primeiro Prior o Padre Frey Francisco de Seca, que no tempo, que isto escreviamos, era actualmente despachado, e partido para Visitador das Casas do Sul, a saber, Malaca, Solor, e Macao. Na contia de renda, que lhe nomeamos, entrou a ordinaria d'elRey, que val cada quartel oitenta, e sinco Pardáos de ouro. Aqui lem os nossos Padres hum curso de Artes aos seculares, por ser terra grande, e muito nobre.

No meyo da Cassabé, que assi chamaõ o grande, e espesso bosque, que serve á Cidade, parte com hortas, e parte com palmares, e canaviaes de Assucar, tem a nossa Ordem a muy nomeada, e celebre Igreja de Nossa Senhora dos Remedios, que levantou neste sitio o Padre Presentado Frey Marcos Coelho. E foy a occasiaõ sonhar este Frade, que lhe dizia a Sagrada Virgem, que alli queria se lhe desse, e edificasse Casa, e que fosse o titulo dos Remedios. Era o lugar naquelle tempo guarida de ladroens, que, por ser cego, e escuro por espessura de arvoredo, e distante meya legoa do povoado, se recolhiaõ nelle, e dalli sahiaõ a fazer seus assaltos. O dezejo de evitar este dano, junto com a qualidade do sonho, que polo fim merecia estima, obrigou ao Frade a visitar logo o sitio, desmontallo, e arvorar nelle huma Cruz. Pouco depois levantou hum piqueno Oratorio, fabricado do mesmo arvoredo, que cortara, com seu Altar, e Imagem da Senhora, a que logo deu nome dos Remedios. Ajudou á obra huma Senhora principal da Cidade: doando á Ordem a maior parte do sitio, que era fazenda sua: seu nome Dona Anna Ortiz. Mas a Sagrada Virgem naõ tardou em acreditar o seu nome dos Remedios, acudin-

acudindo com muitos,e muito milagrosos, em casos desesperados, assi a Christãos, como a Gentios, e Mouros. Com que o Padre ficou honrado pola obra: E a Casa cresceo em nome, e romagem. De sorte, que de muitas legoas concorrem, e se soccorrem a ella de todo o genero de gente; assi Fiel, como Infiel, os que se achaõ em trabalho. E desdentáõ dura sem cessar a devaçaõ desta Costa, acudindo a servir á Senhora com ricas, e varias offertas, que tem rendido, levantarselhe huma sumptuosa Igreja com gasalhado pera quatro Frades, que nella residem. Os milagres saõ tantos, que no anno de 1605. estavaõ authenticados cento, e vinte. Diremos alguns pera edificaçaõ dos devotos.

1605.

1597.

Por Setembro de 1597. entrou na Igreja huma Cabilda de Gentios, que traziaõ hum moço de idade de dez annos, alejado de nascimento do pé direito; demaneira, que andando assentava no chaõ o peito do pé, como se fora a sola. Offerecendoo á Senhora com varias promessas, se lhe dava saude, untaraõlhe o pé com o azeite da sua alampada, e perseveraraõ com fé por espaço de tres mezes. No cabo dos quaes o levaraõ saõ, e livre de toda a deformidade, e aleijaõ. Ficou em memoria, que os Gentios eraõ de casta Bundarim, e o moço se chamava Walca.

Em Baçaim desima, que he povoaçaõ differente, e distante da nossa Cidade, se lavava, e recreava em hum tanque, que he o remedio, que se acha contra o fogo do tempo, e clima ardente, hum Domingos Carvalho. Estando no meyo delle assentado em huma Almadia com alguns amigos, e com hum filho moço de oito annos, succedeo virarse o madeiro, e ficarem todos mergulhados. Remediaraõse os mais facilmente; mas naõ aparecia o minino. E quando deraõ com elle, que foy a cabo de duas horas, foy tirado morto, e todo inchado da agoa. Bradaraõ todos em altas vozes por nossa Senhora dos Remedios: Naõ faltou ella com sua misericordia. Porque juntandose aos brados muitos Christãos, e Gentios, começou o minino a salluçar, e vomitando hum rio d'agoa, ficou á vista de todos, de morto, resuscitado. Foy este caso em Abril de 1598.

Logo por Outubro seguinte do mesmo anno, tendo Gaspar Pereyra Christaõ da terra hum filhinho enfermo; e vendo, que por momentos se lhe acabava a vida, porque tinha feito já tres termos; obrigado do amor paternal, e da fé de bom Christaõ, começou a chamar devotamente por Nossa Senhora dos Remedios, pedindolhe, que desse algum áquelle innocentinho, que naõ passava de hum anno, e meyo de idade, e era todo o bem, e alegria da casa: E ajuntava promessas de lho pesar a cera dentro na sua Casa, se lhe dava saude: No mesmo ponto tornou a criança em sy, com novo alento, e demaneira, que foy mais resurreiçaõ, que continuaçaõ de vida. E o pay cumprio seu voto.

Jaschore se chamava hum Gentio, que vivia aleijado do pé direito, sinco annos avia, sem tratar de remedio: e avendose por incuravel em huma

Aldea, por onde corria muita gente das terras de Damaõ, perguntou hum dia, que fim levava a tantos homens, como via passar, pera Baçaim? E sabendo, que era devaçaõ, e necessidade, disse com grande animo, inda que falto de Fé: Pois eu prometo de visitar sua Casa, e naõ hir com as mãos vazias, se ella neste pé me dá saude. Seguio ás palavras com querer dar hum passo: seguio ao passo hum grande estrallo do pé aleijado: E subitamente se vio taõ saõ, que já naõ conhecia qual fora o pé doente.

Hum anno, e quatro mezes avia por Março de 1604. que hum pobre homem, por nome Antonio da Cunha, tinha perdido a falla com força de accidentes de Apoplexia, que ameude o tomavaõ. Veyose a esta Casa buscar remedio pera a vida nas esmollas, que os Romeiros lhe faziaõ nella; e pera os males, que padecia, na misericordia da Senhora. E fez ella, que achasse tudo. Porque residindo na Igreja, que varria todos os dias, e pondo na lingoa daquelle pó, que juntava, prometeo em sua Alma, segundo depois dizia, offerecer á Senhora huma vella do comprimento de sua estatura; e fazer partilha com os pobres, que avia na Casa, das esmollas, que tinha juntado. Naõ foy despresado o voto, cobrou a falla; e perdeo os accidentes.

1604.

Christovaõ Affonso morador em Baçaim padecia huma doença de gravissimas dores de cabeça, que trasiaõ comsigo huns vagados, como de mal caduco, que o derribavaõ em terra, e o tinhaõ hum espaço fora de seu juizo. Tendo provado muitos remedios da Fisica da terra, acudio á do Ceo. Prometeose a esta Senhora com novenas, e huma Missa. Foy cousa averiguada, e certa, que desda hora da promessa, nem dôr, nem vagado teve mais: E cumprioa inteiramente, levando de mais á Igreja hum paynel, que nella pendurou com relaçaõ do successo, pera memoria, e edificaçaõ. Nelle se declara, que alcançou saude por Setembro de 1604.

Deixando mais milagres por encurtar leitura, passemos a louvar a devaçaõ da India, que sabemos ser taõ affectuosa, e humilde, que muitas Senhoras, quando visitaõ a Igreja, naõ se contentaõ com menos, que varrer com os cabellos o Altar da Senhora.

CAPITULO XVI.

De outras Casas, Conventos, e Vigairarias do Norte.

Seguemse pola Costa adiante duas Vigairarias: A de Maym de dous Religiosos, e a de Terapor de quatro. A primeira a quatro legoas de Baçaim: A segunda a oito. Ambas se sustentaõ da Fazenda Real com quatrocentos Cruzados cada huma; por serem de muito serviço, e utilidade Espiritual destes lugares.

A Cidade de Damaõ fica noventa legoas de Goa. Aqui temos grande Casa; muy boa Igreja; mas naõ he atégora mais que Vigairaria. Residem nella seis até oito Religiosos, sem possuirem maior ordinaria, que a que tem as duas Igrejas atraz. Nesta

Cidade fizeraõ os nossos Frades hum serviço ao Estado da India, que por muitas rezoens merece ficar em lembrança neste lugar; inda que já em outros o temos contado. He esta Praça fronteira, e muitas vezes acometida de hum dos mais poderosos inimigos, que neste Oriente tem os Portuguezes, que he o Aquebar, Rey dos Mogores. Mantinhase em tempos atraz com muito trabalho, por naõ ter mais cerca, que huns piquenos vallos, arrimados a huma fraca estacada. Trataraõ os Viso-Reys de a fortificar: E por rezoens, que pera isso consideraraõ, cometeraõ a obra, por ser de grande confiança, e grossa despeza, aos nossos Religiosos, e aos Padres da Companhia de Jesu. Dando ordem, que ambas as Religioens de conformidade com o governo da Camara corressem com ella, porque se fazia á custa das rendas, e proprios da Cidade. Mas entrando por Viso-Rey Mathias d'Albuquerque no anno de 1592. largaraõ os Padres da Companhia a occupaçaõ, e ficaraõ sós com todo o trabalho os Religiosos de S. Domingos, acompanhados da Camara. E procederaõ com tanta diligencia, que sendo muito mais o que estava por fazer, que o que era feito até entaõ, deraõ inteiro remate a toda a fortificaçaõ antes do anno de 1603. O que nos constou por hum instrumento de vinte testemunhas, que em nosso poder temos, que foy juridicamente tirado na mesma Cidade por Luis de Mello Ouvidor, e Escrivaõ Antonio de Seixas. E he muito de estimar o que por elle se vê estes Padres fizeraõ; pera dar animo, e exemplo aos successores. Porque se prova, que levantaraõ desdos fundamentos a grande machina do Baluarte S. Sebastiaõ, em hum dos mais importantes sitios da Cidade, acabaraõ, e puzeraõ na altura que tem de presente o Baluarte, que chamaõ de S. Domingos o velho, que estava muy longe de sua perfeiçaõ, e fizeraõ todo, o que cerra a rua de S. Domingos o novo: E o de Santiago, que naõ estava mais que principiado: E acabaraõ de levantar o de S. Jorge, e toda a cortina do muro, que fica entre estes dous Baluartes. E puzeraõ em sua altura o de S. Filippe, que olha contra a barra. De sorte, que ficou logo delle jugando a artelharia; e lançaraõ todo o pano de muro, que corre entre o de S. Filippe, e o da Madre de Deos; e toda a mais muralha, que deste vay entestar no de S. Francisco. Fabricaraõ mais os grandes Baluartes, S. Miguel, e S. Martinho, com hum Rebellim, que deste nasce, e vay correndo sobre hum braço do Rio, obra forte, e de grandes terraplenos. Permaneira, que só no breve tempo de sua particular administraçaõ fizeraõ os nossos Frades as duas partes de toda a fortificaçaõ: Sendo assi, que em vinte sinco annos atraz naõ era feita mais, que huma só. Assi se deve á sua industria, e cuidado, deixarem toda a Cidade perfeitamente cercada; e fechada com suas portas muy fortes, chapeadas todas de ferro, guarnecidas de sua cravaçaõ de Diamaens do mesmo. A que juntaraõ outras fabricas assaz importantes, tanto dentro na Cidade, como fora della. As de dentro, foraõ a Capella da

P. 1. l. 3. c. 18.

1592.

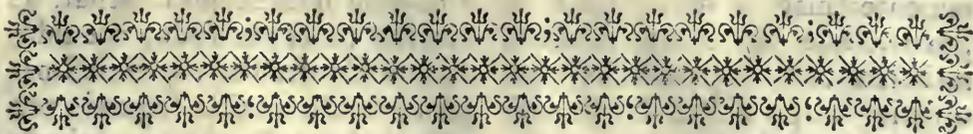
1603.

Casa da Misericordia; e a casa do Concelho com sua cadea por baixo. As de fora, reforçar com obra muy fundada, e firme o Forte de Terapor, e a insigne Fortaleza de S. Gens: E lançar huma importante tranqueira em hum sitio tres legoas polo sertaõ dentro, pera guarda das terras, que saõ toda a riqueza dos moradores. E em tudo se procurou o aproveitamento, e moderaçaõ na despeza, com pureza, e fidelidade Religiosa: E por isso se pode fazer tanto. Nesta Cidade, e nas duas Praças de Venuca, e Terapor saõ os nossos Padres Pays dos Christãos por declaraçaõ, que disso fez por sua Provisaõ o Viso-Rey Dom Duarte de Menezes.

Com sincoenta legoas, que abre em boca a grande enceada, que chamaõ de Dio, fica dividida de Damaõ a famosa Ilha, e Cidade de Dio; sendo huma mesma toda a Costa, e em distancia de cem legoas de Goa. Nesta Cidade tem todas as Religioens sumptuosos, e perfeitos Templos; só a de S. Domingos, que veyo a ella primeiro que todas, e em tempo de maior opulencia da terra, naõ tem Convento acabado. Foy a rezaõ, que em principio fundamos dentro na Fortaleza junto á Sé: Depois quizemos fabricar fora, como os mais. Mas com medo de fazer padrasto á Fortaleza, pera em occasiaõ de algum cerco, naõ se tratou de edificio magnifico. Todavia já agora temos huma grande Igreja. E ainda que o Convento a respeito das obras, que se faziaõ, deixou alguns annos de ser Priorado; hoje está já restituido a esta honra. Sustenta seis Frades, e tem ordinaria d'elRey de vinte Pardáos de ouro cada mez. E goza por mais antigo do titulo de Pay dos Christãos, que se convertem, e corre juntamente com todo o governo do Hospital, que elRey aqui tem, assistindo nelle continuos dous Religiosos. Fora da Cidade temos outras duas Igrejas: Huma de Nossa Senhora da Saude, que fica junto da outra barra a duas legoas da Fortaleza. E fora de muito rendimento, se nos nossos Frades ouvera zelo de grangearia: A outra he mais perto, e a Invocaçaõ de Nossa Senhora de Penha de França: Casa grande, e ayrosa, e toda d'abobada. He privilegio antigo, de serem os Religiosos Pays dos Christãos, receberem de toda a embarcaçaõ, que entra com mantimentos, a saber, trigo, arroz, e milho, huma certa medida, que leva pouco mais de hum alqueire de cada genero. Como a terra he de muita gente, que só a povoaçaõ de Mouros passa de sincoenta mil Almas; e tudo lhe vem de carreto; fica consideravel a pensaõ. Pola mesma rezaõ, e titulo de Pays dos Christãos, costumaõ o Prior, e Vigario visitar as náos de Meca, que aqui aportaõ, que saõ muitas. E procurase descubrir nellas, se trazem Abexins do Preste Joaõ, que costumaõ os Mouros cativar mininos, e os estimaõ, e fazem renegar, pera se servirem delles, polos acharem fieis, e diligentes. E sendo achados alguns, se lhes dá liberdade.

Em Ormus mandou a Congregaçaõ fundar logo em seus principios, quando entrou na India. Depois largou a Casa, que

que os Padres de Santo Agustinho aceitaraõ, e ficaraõ conservando nella em memoria de sua origem huma Capella, e Confraria do nosso Glorioso Santo d'Amarante, S. Gonsalo. Naõ pude alcançar, que rezaõ ouve pera a deixarmos. E porque tratamos de Casa deixada, bem he, que fique aqui dito de outra, que tivemos na Fortaleza de Chale, na Costa do Malabar; pouco mais de vinte legoas de Cochim. Era Praça forte: Vieraõ inimigos sobre ella, naõ foy soccorrida, rendeose por fome depois de porfiado cerco: E os inimigos a desmantellaraõ, e puzeraõ por terra.

Fim do Livro Quinto.

TER-

TERCEIRA PARTE DA HISTORIA DE S. DOMINGOS PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO SEXTO.

CAPITULO I.

Principio, e fundaçaõ do Convento dos Frades de S. Domingos de Montemor o Novo, com titulo, e vocaçaõ de Santo Antonio de Padua.

1559.

ENTRA o anno de 1559. e com elle cresce huma Casa á Ordem em huma das melhores Villas do Alentejo, qual he Montemor, que chamamos Novo, a differença de outra do mesmo nome, e muito mais antiga junto a Coimbra. Dezejavaõ os moradores ouvir a Prégaçaõ, e doutrina Dominica: fazendo conta, que assi como se achavaõ edificados da grande Religiaõ, que avia no Mosteiro de Freiras, que de muitos annos atraz tinhaõ no alto, e dentro dos muros delia; a mesma achariaõ nos Religiosos; e com tanto mais proveito das Almas, quanto avia de ser o trato, e conversaçaõ mais particular, respeito do Pulpito, e administraçaõ dos Sacramentos. Era nosso Provincial o devotissimo Padre Mestre Frey Luis de Granada; que naõ obrigava menos os animos de quem o tratava com sua Religiosa pratica, e boa sombra, do que o faz o retrato verdadeiro, que della nos deixou em seus escritos. Acertou de chegar aqui este anno a visitar as Freiras. Estava bullida entre os naturaes a materia de nos darem sitio pera o Convento. Com sua chegada, vista, e ouvida accendeose a devaçaõ, acordouse o concerto, e tomado assento com a Camara, e gente da governança, ficava só a duvida no posto, que seria melhor pera os Religiosos, e jun-

tamente mais comodo pera o povo, que pertendia ficassem no baixo da Villa, onde hoje he o maior corpo della. Neste passo ouve hum devoto, que lembrou estaria bem a tudo, e a todos, darse aos Frades a Ermida de Santo Antonio, assi em rezaõ do sitio, como pera terem logo Igreja em que exercitar os ministerios da Religiaõ. Era a Ermida taõ antiga, que de sua fundaçaõ naõ avia memoria. E pera ser mais estimada dos Frades, viose, quando nella entraraõ, que na parede junto ao Altar estava pintada huma Imagem de nosso Padre S. Domingos, a insignia do seu cachorro aos pés, a tocha ardendo atravessada na boca: pintura taõ antiga como a mesma do Altar. Parece, que já entaõ começava nosso Padre a tomar posse do lugar com tanto beneplacito do Santo Portuguez, que se conta por cousa certa, e com instrumento de testemunhas juridico averiguado hum caso, que muito o confirma, e que por tal naõ he rezaõ ficar fora destas memorias. Saõ os vizinhos desta Villa geralmente devotos de Santo Antonio. Como davaõ a Casa pera Dominicos, quizeraõ passar a outra Igreja huma Confraria antiga, que tinha na Ermida, e com ella a Imagem do Santo. Feita a tresladaçaõ, eisque no dia seguinte naõ aparece a Imagem no Altar, em que fora collocada, nem noutro algum da Igreja. Sobresaltou o caso; porque naõ se podia julgar furto. Em cabo de muitas diligencias foraõ dar com elle na sua Casa, e Altar antigo: Mas procurando saber, se intervieraõ nisso mãos, ou meyos humanos, nenhum rasto, nem sinal se pode achar. E em fim tirou de todo o cuidado aos Confrades a mesma Imagem, sendo trazida segunda vez pera o segundo Altar, achada tambem segunda vez no Altar primeiro. Daqui devia nascer, que depois de edificado o Convento, e Igreja nova, naõ quizeraõ os Religiosos, que perdesse o titulo, e vocaçaõ do Santo Portuguez. E he conhecido, e nomeado na Ordem por Convento, Igreja de Santo Antonio de Padua. E sustentaraõ este ponto com tanta firmeza, que se deixaraõ levar por Auditorios polo manter: Porque naõ faltou quem lhes armou demanda, pertendendo, que a Casa Dominica naõ usasse de vocaçaõ de Santo Franciscano. Mas sentenceouse a causa polos Dominicos, mostrandose polas Cronicas do Serafico Francisco, estarem algumas Casas suas fundadas em Igrejas da Ordem de S. Domingos, sem aver por isso encontro, nem desgosto da parte nossa. Como aconteceo, naõ ha longos annos, em huma, que edificou no seu lugar de Xarandilha o Conde de Oropesa, Dom Fernando Alvares de Toledo, que dandoa a Frades de S. Francisco, foy assento, e concerto, que conservaria o Mosteiro, e Igreja o nome, que primeiro tinha, de S. Domingos. E o mesmo vemos em hum Mosteiro de S. Clara da Ilha Terceira, que he huma das que chamaõ dos Açores no mar Oceano. O qual sendo fabricado desda primeira pedra no nome, e devaçaõ do milagroso Santo Dominico, S. Gonsalo d'Amarante, serve a Freiras Franciscanas. Estes dous exemplos traz a Cronica nova

da

da Serafica Ordem, mandada escrever por seu Geral Gonzaga. Mas outro temos mais vizinho, que he a pouco menos de meya legoa da Cidade de Viseu, onde chamaõ Orgens. He Mosteiro de S. Francisco, e Padroeiro delle o successor na Casa de Ruy Gomes da Sylva, sem perder a Igreja na voz do povo a memoria, e vocaçaõ do Padre S. Domingos, cuja fora em sua origem.

F. 933. & f. 1157.

Este Mosteiro acho aceitado pola Provincia no Capitulo intermedio do mesmo Provincial Frey Luis de Granada, que foy no anno de 1560. e polo Capitulo geral de Bolonha no de 1564. E com tudo o mesmo Provincial na hora, que lhe foy concedida a Ermida de Santo Antonio, disse Missa, e fez auto de posse nella, e no mesmo lançou primeira pedra nos aliceсes, que logo quiz, que tivessem principio. Como tinha pouco cabedal de renda, e se avia de despender muito na fabrica, ficou com titulo de Vigairaria: Do qual naõ passou, senaõ sessenta annos depois, sendo Provincial o Padre Mestre Frey Diogo Ferreyra, que considerando como por perfeiçaõ do edificio, e contia da renda, estava já em termos de poder acudir ás obrigaçoens de Convento formado; nomeou nelle primeiro Prior, e sustenta doze, ou treze Religiosos. Mas sempre com queixa dos Prelados. Porque a renda, de que vive, com tudo o que se grangea de esmollas pola Sacristia, e por outras vias, he curta pera tantas bocas. E isto he o mesmo, que segundo em outra Parte contamos, acontece a quasi todos os Conventos de S. Domingos deste Reyno, que escassamente lhes basta o que possuem pera se sustentarem.

Era Alcayde Mór da Villa Dom Fernando Martins Mascarenhas, Capitaõ dos Ginetes da Guarda d'elRey Dom Sebastiaõ. O cargo de Alcayde Mór he ter primeiro lugar pera em tempo de guerra. He o nome Mourisco, respondelhe de presente o de Capitaõ Mór. Como pessoa de tanta qualidade, e grande entendimento, soube estimar a nova companhia de Religiosos, que entrava na terra, que tanto lhe tocava: E succedendo acharse pouco depois por Embayxador de Portugal no Concilio de Trento, impetrou do Papa Pio IV. hum Breve de grandes graças pera o Convento, das quaes he huma plenaria indulgencia pera todos, os que visitaõ a Igreja de primeiras Vesperas té ás segundas, todas quantas vezes a visitarem no dia de Santo Antonio.

CAPITULO II.

Fazse memoria das Vigairarias de Ansede, e Mancellos; e da fundaçaõ do Convento de Santa Cruz de Viana.

1559.

Aeste mesmo anno de 1559. pertencia fazermos relaçaõ da Vigairaria, que a Ordem tem no antigo Mosteiro de Ansede. Porque em tal anno o pedio por sua carta a Rainha Dona Catharina em nome d'elRey Dom Sebastiaõ seu neto á Sé Apostolica, pera effeito de o annexar com suas rendas ao Convento de S. Domingos de Lisboa. Mas por quanto ao respeito de tal annexaçaõ dissemos del-

le na Primeira Parte desta obra, quando escrevemos do mesmo Convento de Lisboa em conformidade da ordem, que levamos, de apontar por junto tudo, o que achamos tocante a cada Casa; escusaremos fallar nesta Vigairaria de presente. Lá remeto, quem tiver curiosidade. Visto ser o mesmo que fizemos com a Vigairaria de Mancellos, dando conta della na relaçaõ do Convento d'Amarante, onde pertencia; porque lhe foy annexada pera sua sustentaçaõ por elRey Dom Joaõ o III. alguns annos depois de principiada a obra de S. Gonsalo. E por tanto basta fazermos aqui esta breve memoria.

P. 1. l. 3. c. 40.

Tambem será curta, e breve a relaçaõ, que succede apoz o anno de 559. do Convento de Santa Cruz de Viana, respeito a largueza, com que temos escrito a vida, e feitos do Santo Arcebispo de Braga Dom Frey Bartholameu dos Martyres, Fundador delle. Em sua Historia verá o Leytor todo o discurso desta fundaçaõ, com as rezoens, que obrigaraõ o Santo, e animoso Prelado a emprender huma fabrica magnifica, e de grandissimo custo nesta Villa, em tempo que tinha começado outra de naõ menos importancia na sua Cidade de Braga, do Collegio da Companhia de Jesu. Tendo o Arcebispo communicada a determinaçaõ desta obra pessoalmente com o Padre Frey Luis de Granada, nosso Provincial, que entaõ era, no tempo que foy seu hospede em Braga por Julho do anno de 1560. mandou dar conta della a Camara de Viana, por Novembro do mesmo anno: E foy Embayxador de fabrica intentada por hum Arcebispo Primás, pera felice pronostico, outro Arcebispo, e tambem Primás; quero dizer o Padre Frey Henrique de Tavora, que sendo entaõ Religioso particular, subio depois á cadeira de Goa Metropoli, e Primás do Oriente. Aceitou a Villa o Convento com aplauso geral em 12. de Novembro do mesmo anno; sendo Vereadores Affonso de Barros Rego, e o Doutor Antonio da Rocha, e Francisco da Rocha Barbosa. E no de 1562. foy aceitado pola Provincia no Capitulo de Santarem, em que sahio eleyto Provincial o Padre Mestre Frey Jeronymo d'Azambuja. A primeira pessoa, que primeiro entendeo por parte da Ordem na eleyçaõ, e compra de sitio, ainda antes da aceitaçaõ da Provincia, foy o Padre Frey Estevaõ Leytaõ, que pouco depois foy nosso Provincial. Começou a fabrica na Rua da Rosa; e depois de algum cadebal metido, parecendo, que seria melhor sitio o de Altamira, largouse aquelle, e proseguiose nestoutro de primeiros de Abril do anno seguinte de 1563. em diante. Na Igreja poz diante a primeira pedra o Arcebispo com grande solemnidade por Janeiro de 1566. E por Agosto de 1571. fez celebrar nella primeira Missa.

Na vida do Arcebispo l. 1. c. 25.

Tençaõ tive de suprir, o que resta deste Capitulo com successos, que vieraõ a minha noticia pertencentes ao Santo Arcebispo, depois da impressaõ, que fizemos de sua vida; huns que arguem seu grande Espirito, e muita valia com Deos; outros grande prudencia, e aviso natural, todos merecedores

de

de fama. Mas fiz conta, que se aviaõ de servir pera maior significaçaõ de suas virtudes, quando naõ bastaraõ os que naquelle Volume vaõ contados; bastante força deve fazer a todo o bom entendimento, pera formar hum alto conceito de suas partes, só a fabrica deste Convento. Porque considerada a pouca fazenda, que possuia, respeito da pençaõ, que pagava ao Cardeal Infante, e da baixa das rendas, que nunqua quiz levantar, e vista a qualidade, e magnificencia das obras de pedra, e cal, em que repartio, tanto que entrou na Provincia, e Prelacia, sobre continuas, e larguissimas esmollas de paõ, dinheiro, e vestido, que abrangiaõ a toda a Diocesi, e sempre precediaõ a toda outra despesa, por maior milagre se póde contar, que todos os maiores, que delle sabemos: pois constando, como consta por conta de livro, que se despenderaõ nelle vinte sinco mil Cruzados; parece impossivel, que sahisse tanto dinheiro de renda taõ curta, e que a tantas obrigaçoens acudia. Mas muito mais espantará o que agora diremos. Acabado o Convento, e acabada muitos annos depois a grande obra, com que elRey Dom Filippe Primeiro de Portugal mandou accrescentar o Forte da barra, naõ faltaraõ engenheiros, que propuzeraõ a Sua Magestade, convinha desfazer o Convento, porque pola vizinhança, e grandeza podia em algum tempo ser padrasto temeroso pera o Forte. Aprovado o conselho, mandouse avaliar a Casa por Ministros Reaes, que a orçaraõ em oitenta mil Cruzados. E já póde ser, que o medo de tanto dinheiro lhe foy padrinho, e a salvou.

Naõ he menos de espantar a liberalidade, com que o Arcebispo tirou de sy mil, e quinhentos Cruzados de renda, estavel, e perpetua, aplicando pera sustentaçaõ do Convento, e desanexando da Camara Archiepiscopal a Igreja de Saõ Salvador da Torre, que fora Mosteiro da Ordem de S. Bento, e de annos atraz andava já unido a ella. E pera ter effeito negoceou em Portugal as licenças d'elRey, e em Roma impetrou as do Summo Pontifice. Foy o encargo, com que o deu aos Religiosos, ficarem obrigados a prégarem na Matriz todos os Domingos do anno, e Festas de Nosso Senhor, e Nossa Senhora, e lerem nella huma liçaõ quotidiana de Theologia Moral.

Desta Igreja de S. Salvador, e de quem a fundou, e reedificou, fizemos larga mençaõ na vida do Arcebispo; segundo o que entaõ pudemos alcançar. Mas porque hindo depois á Villa de Viana, descubrimos huma notavel antiguidade da mesma Igreja, provada com hum pergaminho, que no Cartorio delle se guarda: Pareceome referilla neste lugar em serviço dos curiosos. Contém o pergaminho huma merce, que o grande Rey Dom Affonso Henriques fez ao Mosteiro, dandolhe privilegio, e liberdade de Couto em tempo, que ainda naõ tinha tomado o nome de Rey, e se chamava só Infante. He muito de estimar a Escritura, por rezaõ do tempo em que foy feita; porque delle deve aver muy poucas em Portugal. E diz assi.

In

IN nomine Sanctæ, & individuæ Trinitatis, Patris, & Filii, & Spiritus Sancti. Unitas indivisa, quæ nunquam erit finienda, sed permanens per infinita sæculorum sæcula. Amen. Ego Infans Dominus Alfonsus bonæ memoriæ magni Ildefonsi Imperatoris Hispaniæ nepos, & filius Comitis Henrici, Reginæ Tareisiæ, cautum facio ad ipsum Monasterium de Sancto Salvatore de Turre, pro remedio animæ meæ: Et pro pretio, quod accepi de Pelagio Pelaez, ut serviret mihi per spatium trium annorum cum suis militibus sine soldada: Et pro duobus equis, quos dedit mihi Suerius Goterres, pretiatos in septingentos, & triginta modios: & pro alio equo, quem dedit mihi Petrus Guterres, pretiatum in ducentos, & decem modios: E pro una mula, & uno vase argenteo, pretiato in quadringentos, & nonaginta modios. Et hoc facio, ut ante Deum mercedem accipiam. Et ut etiam in Missis, & in Orationibus, & in omnibus beneficiis vestris Ecclesiasticis me semper in memoriam habeatis, facio cartulam donationis, & firmitatis de rivulo Putri, usque in rivulo de Nogana, & Desconcieyro in Limia: do & offero pro pretio, quod sursum resonat, & pro peccatis meis, & pro remedio animæ meæ ad illud cœmiterium Sancti Salvatoris de Turre: ita ut semper sit illud cautum, semper habeat firmitatem, & roborem, sicut sursum resonat. Et si aliquis homo tam de propinquis, quam de extraneis, hoc factum meum irrumpere voluerit, quod fieri non credo, illi Monasterio, vel qui vocem suam pulsaverit, quingentos solidos pariat, & regiæ potestati, quod liber judicum præcipit. Et insuper sit excommunicatus, & à liminibus Sanctæ Matris Ecclesiæ segregatus, & cum Juda in palacio Gehennæ habeat habitaculum. Facta carta, vel cautum terminationem locorum, & firmitatis, octavo Kal. Julii. Era M. C. 2x6:ii. Ego Infans Dominus Alfonsus prædicto Cœnobio manum meam roboro. Affonso.

Qui præsentes fuerunt.

Pelagius Bracalensis Archiepiscopus.	*Confirmat.*	
Ermigius Moniz Curiæ Dapifer.	*Conf.*	
Fernandus Captivus Alferus.	*C.*	*Suerius test.*
Gonsalvo Rodrigues.	*C.*	*Pelagius test.*
Garcia Menendiz.	*C.*	*Gunsalus test.*
Laurentius Veneras.	*C.*	

Por ✠ *tu*
ga- *l.*

Petrus Cancellarius Infantis Notarius.

Com

Com a formalidade, que aqui presentamos, sem tirar, nem acrescentar nada, jaz esta Escritura no pergaminho, excepto na firma do nome Affonso; porque este fica ao pé da ultima regra em meyo della, escrito com letras muito apartadas humas das outras, e entre cada huma risquinha direita, e huma piquena Cruz antes das duas letras ultimas. Ficamos daqui colhendo a certeza das Armas antigas deste Reyno: E do feitio da Cruz podemos conjeturar, que teve respeito a elle elRey D. Dinis, quando instituio a Ordem de Christo, pola semelhança, que tem com as que deu aos Comendadores. Seguese a traducaõ.

EM nome da Santa, e individua Trindade, Padre, Filho, Espirito Santo, Unidade indivisa, que nunqua ha de ter fim; mas permanecerá por infinitos centenares de centenares de annos. Amen. Eu o Infante Dom Affonso, neto do grande Emperador de Espanha, Ildefonso de boa memoria, e filho do Conde Henrique, e da Rainha Tareja: Faço, e constituo couto no Mosteiro de S. Salvador da Torre, por fazer bem por minha Alma; e polo preço que recebi, a saber, de Payo Paes; que se obrigou a me servir com suas gentes tres annos, sem me levar soldo, e de Sueiro Goterres, que me deu dous cavallos, de valia de quinhentos, e setenta modios; e por outro cavallo, que me deu Pero Guterres de preço de duzentos, e dez modios: com mais huma mulla, e hum vaso de prata, avaliados huma cousa, e outra em quatrocentos, e noventa modios. E isto faço, pera ter de Deos o galardaõ: E pera que tambem os Sacerdotes vos lembreis sempre de mim em vossas Missas, e Oraçoens, e em todas as mais obras Religiosas. Faço esta Carta de doaçaõ, e firmeza, desde onde chamaõ o Ribeiro Podre, até o Ribeiro de Nogana, e Desconcieyro sobre o Lima. O que tudo dou, e offereço polo preço assima declarado; e juntamente por remissaõ de meus peccados, e salvaçaõ de minha Alma, pera o Cemiterio de S. Salvador da Torre. Permaneira, que sempre seja couto, e sempre tenha firmeza, e força, como fica dito. E avendo alguma pessoa de vizinhos, ou estranhos, que isto, que aqui assi fazemos, queira encontrar, o que naõ creyo, pagará quinhentos soldos ao Mosteiro, ou a quem seu poder tiver, e pera a

Fazen-

Fazenda Real o que o livro dos Juizes dispoem: E sobretudo seja excommungado, e evitado das Igrejas, e condenado com Judas a perpetua morada do Paço Infernal. Foy feita esta Carta, e couto, demarcaçaõ de lugares, e firmeza aos oito dias antes das Kalendas de Julho (que he aos 23. de Julho) da era de Cesar mil cento, e sessenta, e oito (responde ao anno de Christo 1130. Affonso.

Pessoas que foraõ presentes.

Pelayo Arcebispo de Braga.	*Confirma.*	*Sueiro test.*
Ermigio Moniz Mordomo mór.	*Conf.*	*Payo test.*
Fernando Captivo Alferes.	*C.*	*Gonsalo test.*
Gonsalo Rodrigues.	*C.*	
Garcia Mendes.	*C.*	
Lourenço Vieiras.	*C.*	

Pedro Chançarel do Infante a escreveo.

Em cousa taõ antiga naõ será de espantar faltarnos noticia do que eraõ os modios, com que o Infante avalia as peças, que recebeo, podendo ser algum genero de moeda. O que tenho por mais certo he, que como nos bons tempos por falta de dinheiro se usavaõ comutaçoens, devia ser medidas. Nos Soldos naõ ha duvida, que era moeda, de cuja valia a mesma antiguidade tolhe a certeza, quando nas moedas presentes vemos cadadia alteraçaõ, e mudanças.

CAPITULO III.

Fundaçaõ do Mosteiro de Freiras de Nossa Senhora d'Assumpçaõ de Moura.

OUtras vezes nos temos queixado da injusta partilha, que o mundo costuma fazer com Deos, daquellas mesmas cousas, que a elle só deve, e delle por merce recebe. Porque he ordinario offerecerlhe pera o servir na Religiaõ o filho manco, ou pouco habil; a filha tonta, ou menos favorecida de partes naturaes: Offertas verdadeiramente de Caim, sobre o desatino, que nellas concorre, de tomarem os pays o officio ao Espirito Santo, e se fazerem Senhores daquella liberdade de arbitrio, com que toda a creatura humana foy creada. Hoje louvaremos nesta parte hum Fidalgo honrado da familia, e appelido dos Mouras, e morador na Villa de Moura, que de quatro filhas, que recolheo no Mosteiro do Paraiso da Ordem de S. Domingos em Evora, só aquella quiz que ficasse no mundo, que menos era pera elle, por varios achaques de infirmidades, a que era sogeita. Chamavase Dona Angela de Moura. Esta casou seu pay, fazendo profissaõ ás tres. Mas ou fosse, porque diante do Tribunal Divino naõ agradou o juizo, e affeiçaõ pater-

ternal; ou porque Deos guardava pera sy a nova cazada, dentro de poucos mezes João Alvares de Moura, que assi se chamava o pay, se vio sem genro, e a filha sem marido, levando a morte quem era robusto, e rijo, e ficando na vida a enferma, que cada hora morria. Criarase Dona Angela de muito minina com as Freiras: E como tinha tomado o sabor á paz, e gosto, com que vive na Religiaõ quem sabe conhecer os bens della, tornouse a os santos Claustros na hora, que se vio livre das obrigaçoens da terra. Mas eraõ muy differentes os designios do pay, e da filha, elle determinado em lhe dar segundas bodas, e buscando novo genro: Ella taõ longe de taes cuidados, que na hora, que se tornou a ver com suas Irmãas, assi se entregou a todos os exercicios, e trabalhos da vida Religiosa, que o naõ pudera fazer mais, se gozara de taõ firme disposiçaõ, como cada huma dellas; e taõ resoluta em naõ tomar outro estado, que, porque soube que seu pay naõ desistia de lhe buscar cazamentos; e hum, em que se fallava, andava perto de conclusaõ, fez voto a Nossa Senhora de lhe edificar hum Mosteiro, e servilla nelle toda a vida, se a livrasse de tornar ao mundo. E a este fim fazia algumas esmollas, como rica que era, e Senhora de grande dote. Era filha obediente: procurava servir a Deos, que só amava, e naõ desgostar o pay, de quem se via muito amada. Bafejou a Virgem piadosa os dezejos santos. Depois de celebrados os contratos, ouve occasiaõ, que tolheo o desposorio. Vendose Dona Angela obrigada ao voto, com muita consolaçaõ de sua Alma foy logo procurando licença da Sé Apostolica pera a sua fundaçaõ, que declarou avia de ser na Villa, em que nascera, e da Ordem do Carmo, e titulo d'Assumpçaõ de Nossa Senhora. E com esta petiçaõ juntou outra, que foy se dispensasse com suas Irmãas, pera poderem passar pera Moura, deixando Evora, e deixar o Habito Dominico polo Carmelitano. Pedia cousas pias, e era muito Nobre: Nada se lhe negou em Roma. Porem avendo, que tinha tudo feito, achou pesadas contradiçoens, onde menos as temia. Vindo os Breves, e vista a forma delles, declararaõse com ella as Irmãas, que por nenhuma cousa da terra trocariaõ o Habito de S. Domingos. Pareceolhe entaõ, porque naõ queria estar sem ellas, que as obrigaria, se alcançasse do Pontifice, que pudessem viver no novo Mosteiro com trajo Dominico, como em tudo o mais se conformassem com os estilos de Freyras do Carmo. Affirmase, que fez segunda petiçaõ, e segundo gasto. E tambem foy tempo, e feitio perdido. Porque nem a isto se quizeraõ dobrar, desenganandoa, que pera Mosteiro, que naõ fosse de sua mesma Ordem, seria impossivel sahirem nunqua do que tinha nome do Paraiso. Puderamos engrandecer esta fineza, e firmeza naõ aballada com força de amor, e afagos do proprio sangue, nem com esperanças de comodidades certas, se nos naõ tivera mostrado a Fé de Christo em muitas molheres, exemplos de heroica constancia maiores em qualidade, aventejados

jados em numero. Em fim Dona Angela fez o voto; suas Irmãas deraõ a Casa. Porque vendoas invenciveis, e naõ se atrevendo a viver sem sua companhia, impetrou terceiro Breve, e dispensaçaõ do voto na parte, que tocava á qualidade do Habito, e em que fosse da Ordem de S. Domingos.

Começou a fabrica do Mosteiro com as licenças do Reyno em sete de Outubro de 1562. dentro no Castello da Villa de Moura: Veyo Dona Angela d'Evora a lançer a primeira pedra, e assistir na obra, trazendo comsigo por entaõ Dona Antonia sua Irmãa sómente. O sitio, que escolheo, foy a propria Casa, em que nascera, que por estar arrimada á Igreja Matriz, deu occasiaõ a huma traça de grande commodidade pera abreviar o Mosteiro, que foy lançar sobre a Igreja o Coro como tribuna, rasgando com licença d'el-Rey as paredes, e abrindo grandes portaes, pera grades, e Confissionarios. No que a Igreja naõ ficou perdendo nada, e as Freiras ganharaõ escusar o custo, e sitio de outra nova. Correndo assi o edificio chegou de Roma o Breve da licença pera a fundaçaõ, que foy mandado despachar polo Papa Pio IV. em dezoito de Julho de 1564. no anno quinto de seu Pontificado. Mas inda foy necessario trabalharse mais dous annos, pera se por a Casa em perfeita clausura. E veyo Dona Angela a povoalla em principios de Outubro de 1566. com sinco Religiosas, que trouxe do nosso Mosteiro do Paraiso d'Evora, que foraõ suas tres Irmãas, Soror Antonia de Nazareth, Soror Jeronyma de S. Joaõ, Soror Branca de S. Francisco: E pera primeira Prioreza a Madre Soror Maria de Jesu sua thia, a quem acompanhou huma velha de grande valor por nome Soror Maria d'Assumpçaõ. Neste tempo tinha Dona Angela já offerecido o Mosteiro, e dado obediencia ao Ordinario d'Evora, em cuja Diocese está Moura. E foy a rezaõ, porque sendo proposto no Diffinitorio, naõ sómente o naõ quizeraõ os Diffinidores admittir ao governo, e obediencia da Ordem: Mas antes o declararaõ por desmembrado della. E succedendo assi na verdade, por bons respeitos naõ ficou declarado nas Actas. O que entaõ se praticava entre algumas pessoas zelosas, que dera motivo a este rigor, foy, que chegara á noticia dos Padres, que a Fundadora tinha alcançado da Sé Apostolica, que a Prelacia do Mosteiro andasse sempre nas Madres, que fossem de seu sangue, e geraçaõ. E sendolhe pedido, que exhibisse as letras, ou renunciasse o privilegio, porque naõ quiz fazer huma cousa, nem outra; acordaraõ o que assima fica dito. Porem Nós respeitando, que foy Casa fundada por filhas de S. Domingos, e que persevera em seu Habito, leys, reza, e mais ceremonias: E attento, que as virtudes dos bons filhos saõ gloria, e honra do pay; damonos por obrigados a dizer alguma cousa della, inda que seja brevemente, apontando alguns exemplos mais qualificados da Religiaõ, e Observancia, que nelle florece, em virtude da boa doutrina, e santos principios, em que foy fundada.

1562.

1564.

1566.

CA-

CAPITULO IV.

De algumas Madres, que neste Mosteiro se sinallaraõ em grandes gráos de virtude.

MErecem primeiro lugar por Fundadoras, e por titulo de Religiosa perfeiçaõ, em que resplandeceraõ, as tres Irmãas de Dona Angela. Soror Jeronyma, que das tres era a segunda na idade, foy a primeira, que deixou a vida. Della sabemos, que dezasete annos, que a logrou nesta Casa, naõ teve nunqua huma hora de descanço, servindo como em Casa nova, e de pouca gente, muitos officios juntos. Era Sacristãa, Cantor mór, Mestra de Noviças, e dous annos antes de acabar levou só o pezo de toda a Casa, servindo de Prioreza. Em meyo de tantas occupaçoens sempre tomava muitas horas pera se dar á Oraçaõ: Mas isto era cortando polas do repouso nececessario pera a vida: Naõ polas que devia aos officios; que quando se fazem bem, naõ ha Oraçaõ mais meritoria diante de Deos, por quem se fazem. Todos os Domingos, e dias Santos, rezava á honra de Nossa Senhora, com quem tinha particular devaçaõ, mil Ave Marias alem do seu Rosario, que era pençaõ de cadadia, com o Officio piqueno de N. P. S. Domingos. A Oraçaõ acompanhava com estreitos jejuns, e asperas penitencias, e huma Alma em tudo purissima. Como era tal, quando o Senhor a quiz levar pera sy, foy servido revelar sua morte a huma Religiosa de Casa por estranha maneira, que brevemente diremos. Era polo mez de Julho do anno de 1583. quando huma noite dormindo em seu leyto a Madre Soror Joanna de S. Domingos, se lhe representou huma comprida Procissaõ de Freiras, e outra gente, que naõ conhecia, que acompanhavaõ tres defuntas, e parecialhe, que chegando a ver quem seriaõ, conhecia ser huma a Madre Soror Jeronyma Supriorezza, e outra a Madre Soror Maria de Santiago, prima, e amiga da que sonhava. Fezlhe medo a visaõ: Espertou toda despavorida, e todo o dia seguinte andou triste: Porque, ou fosse malencolia natural, que muitas vezes traz comsigo profecias de males, ou querer Deos revelarlhos, era costumada antever alguns, principalmente em gente de seu sangue, segundo dizia, contando este sonho ás amigas, que lhe perguntavaõ pola causa da desconsolaçaõ interior, que no sembrante representava. Mas passados poucos dias vio toda a Casa inteiro cumprimento do sonho. Fazia Capitulo no Coro na manhãa do dia seguinte depois de Prima a Madre Soror Jeronyma como Suprioreza que era. Ao levantarse delle sentio huma dór aguda na ilharga, sobre a regiaõ do figado, que foy em crescimento, e parou em mortal Prioriz, que a enterrou aos vinte do mesmo mez, em idada de sincoenta e sinco annos. Testemunhou a quietaçaõ, e serenidade, com que se entregou áquella terrivel hora, a muita, que tinha em sua consciencia, e com que sempre vivera. Porque sendo desenganada, que a chamava Deos, respondeo ao Medico com agradecimento, e recebeo os Sacramentos, naõ só com

A Madre Soror Jeronyma de S. Joaõ

1583.

com devaçaõ, mas tambem com alegria. E depois de ajudar os Psalmos na santa Unçaõ, respondendo por sy, onde era necessario, advirtio a huma sobrinha sua do lugar, em que tinha junto o que cumpria pera sua mortalha, e enterro. Na ultima agonia, quando pareceo, que faltava pouco pera acabar, encheoselhe o rosto de huma nova viveza, e côr de vida, e os olhos de alegria. Espantou muito as Madres tal novidade, e obrigouas, imaginando o que poderia ser, a lhe perguntarem a causa della. Respondeo com confiança de quem morria, que tinha diante a Virgem Nossa Senhora, vestida de Sol, e tanta fermosura, que naõ sabia cousa, com que a poder comparar, e em sua companhia o Padre S. Domingos. Cresceo a curiosidade; multiplicavaõ perguntas; atalhou todas com huma só reposta, que naõ era o estado de perguntar tanto, nem a hora de dizer mais.

Mas antes de dizermos das mais Irmãas da Fundadora, como propuzemos, pareceme acertado fazer huma parentesis, pera vermos primeiro quem eraõ as outras duas defuntas do sonho. He pois de saber, que as duas, que Soror Joanna de S. Domingos vio, que acompanhavaõ mortas á Suprioreza morta, eraõ a que conheceo Soror Maria de Santiago: e a que naõ pode conhecer, era ella mesma, que sonhara. O que se verificou, com falecerem ambas no mesmo mez de Julho dous dias depois da Prioreza, polo modo que agora diremos, que naõ teve menos estranheza que o do sonho. Eraõ estas duas Religiosas

A Madre Soror Joanna de S. Domingos. A Madre Soror Maria de Santiago.

Primas ambas entre si, e naturaes da Villa de Moura. E como a rezaõ do parentesco era estreita, corria tambem nellas huma certa semelhança de inclinaçoens, que as fazia, naõ só muito particularmente amigas, mas conformes com espanto em todos os exercicios da Religiaõ, e da vida. Ambas taõ penitentes, que se martyrisavaõ, a qual mais podia, com disciplinas de sangue; e taõ abstinentes, que tinhaõ por delicia os jejuns de paõ, e agoa. De que nascia serem continuas na Oraçaõ, e Meditaçaõ, e andarem sempre companheiras, sem se apartar nunqua huma da outra. Amizade santa, e companhia digna de ser invejada; que as chegou a concertarem entre sy, e se prometerem, que a que primeiro sahisse das prizoens da carne, appareceria á outra, se Deos fosse servido concederlhes esta consolaçaõ. E mereceo sua grande virtude alcançaremna. Aconteceo pois, que adoeceraõ ambas no mesmo dia, e da mesma doença, que foy Prioriz, logo apoz a Suprioreza. Eraõ as Primas desiguaes nas idades. Maria de Santiago naõ passava de vinte sinco annos; e a outra era quasi de quarenta. Foy a doença mortal em ambas: E vieraõ a falecer com seis horas só de differença. E acabou primeiro a que era mais velha. No mesmo ponto estando Maria de Santiago cercada de Freiras, levantou a voz, e disse: Venhais embora, Senhora: *Ipse junget nos in gloria.* Como quem dizia: Quem nos fez tamanha merce de nos deixar ver aqui, esse mesmo nos juntará na Gloria. E virandose pera as Religiosas: Porque

que naõ fazem, dizia, Madres minhas, sinal por minha Prima? Tinhaõ ellas determinado encubrirlhe a morte da parenta, porque lhe naõ abreviasse a sua. Responderaõ, que estava viva. E ella tornou: Mal póde isso ser, que agora a vi Espirito ja, e livre da terra. E foy proseguindo com as palavras do Psalmo: *Exultabunt Sancti in gloria.* Alegrarsehaõ os Santos na gloria, repetindoas muitas vezes. E acrescentava louvando alegremente o Senhor: *Confitemini Domino, quoniam bonus, quoniam in sæculum misericordia ejus. Deus meus es tu & confitebor tibi. Deus meus es tu, & exultabo te.* Como se dissera: Louvay gentes ao Senhor, cuja bondade, e misericordia saõ eternamente sem fim. Vós sois meu Deos, sempre vos louvarey: Vós sois meu Deos, sempre engrandecerey vossas maravilhas. Teve Satanás inveja a quem entre louvores Divinos hia despedindo huma Alma bendita: Descubriolhe no meyo delles toda sua fealdade, pera lhe fazer medo, e ella gritou com palavras formaes: Jesu, que Diabo taõ feyo! *Noli me tangere.* E logo pondo a boca com humildade nos pés de hum Crucifixo, rendeo nelles o Espirito. E ficoulhe no rosto impressa huma certa graça, e alegria, que dava sinaes, do que sua Alma hia gozar. Assi vieraõ a falecer as amigas, e Primas, e ser enterradas no mesmo dia em hum Sabbado, vinte dois de Julho de 1583. e se veyo juntamente a cumprir o sonho de Soror Joanna. Desta semelhança de inclinaçoens, e successos de vida em pessoas muito differentes em terras, e nascimentos temos exemplo nas Historias antigas: E na Vida do Angelico Doutor Santo Thomás temos outro concerto semelhante, que fez com seu Irmaõ Reynaldo, que morrendo na guerra cumprio a palavra, e lhe appareceo defunto.

Psal. 117.

1583.

Agora tornemos ás Irmãas de Dona Angela. Faleceo Soror Branca em vinte de Agosto de 1598. Desta Madre se conta por caso raro, que nascendo de hum ventre juntamente com outras duas Irmãas, morreraõ as duas, e ella só teve vida. Sendo assi, que quando nascem tres, nunqua se vio lograrse nenhuma. No dia, que faleceo, fazendolhe a Communidade o Officio da Commendaçaõ costumado no Dormitorio, soou dentro na Enfermaria hum grande, e extraordinario estrondo, que sobremaneira atemorisou a todas as Madres. Porque notaraõ, que se armara no Ar, e do tecto da casa pera baixo. Estava presente ao Officio sãa, e bem sua Irmãa Soror Antonia de Nazareth, e sem nenhum pavor disse alto, que todas a ouviraõ: Este sinal he por mim. E como se fora revelaçaõ, assi aconteceo, e assi se dispoz pera seguir a Irmãa. E tardou menos de hum mez em se hir apoz della. Deulhe hum mal de aguda Esquinencia com febre ardente, e acometimentos ao coraçaõ: E teve logo por certo, que morria. E naõ esperou lembranças de ninguem, pera o que lhe cumpria fazer em tal tempo. Fora Prioreza vinte quatro annos. Despediose das Madres em geral com grande inteireza; e depois em particular pedindo perdoens a cada huma com muita humildade, e até

A Madre Soror Branca de S. Francisco. 1598.

A Madre Soror Antonia de Nazareth.

até ás Servidoras. E desta hora até pouco antes de espirar, naõ fallou mais com ninguem, tratando só com Deos, por meyo de huma Imagem de Nossa Senhora, que tinha diante, de que nunqua tirava os olhos, e com ella chorava. Mas algumas vezes se via, que trocava sembrante, ficando de chorosa bem assombrada, e risonha: E particularmente duas horas antes de acabar; que entaõ levantou a voz, e com notaveis mostras de gozo, e confiança disse as palavras seguintes: Hey me de salvar. O quantas cousas dissera, se minha rudeza me soubera declarar; e o mal, que tenho, me deixara fallar. Passado hum espaço, estando já pera espirar, tornou a levantar a voz, e pronunciou claramente, e com sinaes de alegria as palavras da Antiphona da Vigilia na Natividade: *Hodie scietis quia venit Dominus.* Hoje sabereis, que ha de chegar o Senhor. Desta Madre se conta por excellencia, que podia dizer por sy o dito do Filosopho: *Omnia mea mecum porto.* Porque era taõ pobre, com vinte quatro annos de Prelada, que naõ tinha mais de seu, nem avia mais na sua cellá, que quanto levou á cova. Exemplo raro de santa pobreza. Acabou em oito de Setembro do mesmo anno de 1598.

CAPITULO V.

Das Madres Soror Guiomar de Nazareth, Soror Magdalena do Sepulchro, Soror Maria d'Assumpçaõ, Soror Brittes de Jesu, e Soror Paula da Resurreiçaõ.

Semelhante aparecimento, ao que assima fica contado, temos na Madre Soror Guiomar de Nazareth. Foy esta Religiosa a primeira, que professou neste Mosteiro, e entrando nelle de nove annos admirou grandemente a pressa, com que procurou retratar em sy todas as virtudes, penitencias, e mortificaçoens, em que ás Fundadoras a começaraõ. Mas a natureza fraca naõ pode com o trabalho, e veyo á sossobrar com o peso. Ajuntou-se, andando já muito quebrada, ser eleyta em Prioreza, que foy pera ella nova, e muy pesada carga. Porque como era muy verdadeira Religiosa, fez conta, que naõ lha dava Deos pera descanço, e boa vida, como a gente enganada cuida, senaõ pera mais fadiga: E pera com seu exemplo fazer crescer a Observancia, e o rigor da Casa. Assi quando pudera descançar com as commodidades, que muitas achaõ nos officios, os seus jejuns, que primeiro costumava, de paõ, e agoa, eraõ mais apertados, as disciplinas mais rigurosas, o cilicio mais continuo, e as vigias, e Oraçaõ com aventagem dilatadas. A poucos mezes de Prelada cahio em febre continua, e em fim se fez thisica. Mas naõ se vio doença mais bem assombrada. Estava vizinha á morte, e naõ ignorava seu

A Madre Soror Guiomar de Nazareth.

seu estado: E com tudo naõ se affligia, nem dava pena a ninguem. Antes todas as vezes, que entrava o Medico, as praticas, que com elle tinha, naõ eraõ de novos generos de remedios, nem de esperanças de saude, senaõ exclamar, e dizer suspirando: Ah Senhor Doutor, quando ha de ser aquelle dia alegre, e fermoso, em que ha de pedir alvissaras de ter chegado o termo, e fim de meu desterro. Este lhe chegou a cabo de quatro mezes, e meyo de cama, e de grandes martyrios. Entrando nos ultimos parocismos disse á Religiosas, que a acompanhavaõ, que fizessem lugar a quem vinha. Perguntada, quem era, foy nomeando huma por huma todas as Freiras, que eraõ mortas no Mosteiro, e dizia, que a vinhaõ buscar. Passado hum espaço começou a fazer força, que já naõ tinha, pera se pôr de joelhos, com hum gesto taõ cheyo de alegria, que parecia resuscitada. E perguntandolhe as Madres, que sentia, respondia, que tinhaõ alli comsigo a Rainha dos Anjos, acompanhada do Padre S. Domingos, e do Serafico Francisco, e seu filho Santo Antonio. Quietando hum pouco, tirou com novo alento debaxo da roupa os braços, em que avia dias naõ tinha já movimento: E cruzandoos tres vezes dizia com alvoroço: Santo Evangelista, meu Santo, assi o confiava eu de vós, que me naõ avieis de faltar nesta hora. O mais que lhe ouviraõ dizer, foy pedir á Virgem Gloriosa, e depois ao Evangelista, que a levassem comsigo. Sentiaõ as as Freiras perder tal companhia; e assi enferma se consolavaõ com a terem viva. E ouve huma, que lhe disse, que naõ avia Deos de querer, que as deixasse taõ depressa: porque o Medico affimava, que estava inda de vagar. E ella respondia: Pois a mim me dizem aqui á orelha, que hoje neste dia hey de entrar em posse de grandes bens. Era Vespera d'Assumpçaõ da Senhora, e Orago da Casa: E assi succedeo, que na mesma noite acabou. Naõ lhe faltou no meyo destes mimos sua affliçaõ pera merecimento de Fé. Accenou, que lhe lançassem Agoa Benta, dizendo: *Bestiæ, & universa pecora.* E logo tornou com hum brando riso, como quem via fugir os inimigos, e dizendo: Bendito seja meu Criador, e Redemptor Jesu Christo. Com este Santissimo nome na boca se foy pera elle. Pareceose esta Madre em lhe ficar no rosto huma boa sombra, e resplandor naõ cuidado depois de morta, com o que temos escrito da Madre Soror Maria de Santiago. E espantou mais, porque o tinha ardido, e consumido da força das febres: E a essa conta naõ quizeraõ as Madres, que fosse cuberto, como he costume, quando a levaraõ á cova, fosse ociosidade, ou força de affeiçaõ. Huma Religiosa, que a curava, teve cuidado de lhe lembrar, que fiasse della, que se diante de Deos tivesse necessidade de algum suffragio, pera mais depressa gozar de sua santa vista, sem duvida lha procuraria: Porem que isto avia de ser, sendo por ella avisada. Respondeo a enferma, que se á necessidade se juntasse licença daquelle Senhor, que tudo podia, de sua parte naõ averia falta. Contaõ que, passados quator-

quatorze dias, estava a boa enfermeira em seu leyto assentada, e esperta: Eisque sente duas mãos, que por detras se lhe punhaõ sobre os hombros, e huma voz, que lhe dizia: Madre naõ hey mister nada: Vejo a Deos: Ficaivos embora.

A Madre Soror Magdalena do Sepulchro.

Naõ tinha mais de dous annos de idade a Madre Soror Magdalena do Sepulchro, quando seu pay Lopo Alvares de Moura a entregou na sepultura deste Mosteiro em hum dos sinco lugares, que a Fundadora tinha deixado pera gente de sua geraçaõ. Affirmase, que perseverou todo o resto da vida, que foraõ vinte nove annos, na innocencia de tal idade; porque de trinta, e hum acabou. E pera a conservar usava de todos os meyos, que a Religiaõ ensina, de cilicios, disciplinas, abstinencias, e muita Oraçaõ, acompanhada de tantas lagrimas, que ficou em memoria, imitava bem as que a Santa de seu nome chorou no Sepulchro de seu Mestre. E assi se affirma, que na ultima hora mereceo ver á sua cabeceira a mesma Santa.

A Madre Soror Maria da Assumpçaõ.

A Madre Soror Maria d'Assumpçaõ foy aquella velha de grande valor, que veyo acompanhando a Madre Soror Maria de Jesu thia da Fundadora, quando foy trazida d'Evora pera primeira Prelada de Moura, como atraz fica dito. Foy esta velha hum espelho de santidade, que por tal honrou a Casa d'Evora, em que teve a criaçaõ: E grandemente edificou a de Moura, em que veyo a acabar. Sendo esta na vida, viraõse em sua morte novos, e maravilhosos testemunhos do thezouro, que o Senhor dos Ceos tinha nella escondido. Estava já no ultimo, e viase cercada da affliçaõ, que a Alma, e carne naturalmente padecem ao desfazer da companhia de muitos annos. Mandou, que lhe lessem das Lamentaçoens de Jeremias, no primeiro Capitulo, onde começa o verbo: *Vide, Domine, quoniam tribulor, &c.* Neste passo se começou a ouvir huma Musica de vozes muito acordada, que parecia estar longe. E pera que se entendesse, que naõ era cousa da terra, aconteceo, que estando toda a Communidade junta, ouve muitas, que nada ouviaõ; estando outras enlevadas na suavidade da melodia. Parece, que as tribulaçoens dos justos espertaõ as vozes dos Anjos do Ceo, pera louvarem o Senhor delle. Mas a cabo de piqueno espaço cessou tudo; e a enferma abraçandose com hum Crucifixo, chea de nova, e desacostumada alegria, e pondo a boca nos pés encravados, despedio nelles a Santa Alma. Notouse aqui huma novidade na boa velha. Tinhalhe a longa idade enverrugado o rosto, e crespo, como huma cortiça, segundo acontece onde sobejaõ annos, e falta o vigor, e verdura natural. Na hora, que espirou, ficou taõ differente, que todas a desconheciaõ por moça: De maneira, que podia dizer: *Refloruit caro mea.* Remoçou, e vestiose de huma frescura nova minha humanidade.

Ierem. c. 1.

A Madre Soror Brittes de Jesu.

Temos na Madre Soror Brittes de Jesu hum misterioso successo, que acredita outros semelhantes, que atraz deixamos contados. Sendo das primeiras Religiosas, que neste Mosteiro tomaraõ o Habito, foy taõ perfeita

feita Discipula das que nelle fundaraõ a Observancia, que naõ só igualou, mas deixou atraz as Mestras. Particularmente foy louvada de hum estranho amor á santa pobreza, em tanto gráo, que sobejandolhe com que se poder tratar bem, porque tinha pays ricos, e nobres, que lhe acudiaõ com largueza, naõ avia Freira mais pobre, nem nos atavios de sua pessoa, nem nas alfayas da cella. Tudo o que a suas mãos vinha, e vinha muito, passava por ellas sem detença pera as dos pobres. A este bom Espirito juntava singular devaçaõ com a Virgem Sagrada, e com seu Santo Rosario, em que adiantou tanto, que ouvindo dizer, que o numero das Ave Marias, que nelle se rezaõ, fora tomado do Psalterio de David, continuou muitos annos em o rezar cadadia. Vindo a falecer, pedio com humildade á Prioreza, que lhe desse licença pera levar comsigo as contas, por que rezava. Deulha a Prioreza. Eraõ brancas, e enfiadas em hum cordaõ de seda carmesi. Passados onze annos, succedeo abrirse a cova pera outro enterro; acharaõse tornados em pó, e cinza corpo, Habito, e toucados, só estava inteiro, e limpo, e livre de corrupçaõ o Rosario, e a infiadura, como se estivera guardado em huma boceta, e naõ debaixo da terra, e lugar humido, e cercado de podridaõ.

A Madre Soror Paula da Resurreiçaõ.

Foy celebrada na Madre Soror Paula da Resurreiçaõ huma doença, que padeceo; porque nas circunstancias della, e no tempo, que durou, pareceo mais hum tormento do Purgatorio, que infirmidade natural. Nasceralhe junto do olho direito huma verruga. Era moça, davalhe pejo, temeo disformidade, se fosse crescendo, determinou cortalla. Em tal hora a cortou, que lhe apostemou, e se tornou em hum feyo, e asqueroso *noli me tangere*. De que lhe procedia, alem do martyrio de continuas dores, outro de carne esponjosa, que crescia; e assombrandolhe o olho, se acompanhava de humas materias podres, que brotava com cheiro taõ pestilencial, que naõ fora peor de sofrer, se já estivera meya comida da terra. Acode o Senhor sempre com suas misericordias onde sobejaõ miserias. Era a paciencia igual ao tormento. E taõ conhecida vivia que este lhe vinha do Ceo; que ainda que algumas vezes á força de tantos males juntos, lhe fazia dezejar a morte: Logo tornava sobre sy, e dizia com Santo Agustinho: *Hic ure, hic seca, ut in æternum parcas.* Quasi dizendo: Vingaivos, Senhor, nesta vida mortal, queimay, abrázay, cortay, e espedaçay, por onde, e como quizerdes: Como seja, pera averdes piedade, na que ha de ser immortal, e eterna. Nestas penas se lhe alargou a vida trinta annos; e para que fosse maior o merecimento, chegou a estado, que naõ podia ver a luz, nem de huma candeya, sem gravissima pena: E a mesma lhe dava qualquer ar de vento, por leve que fosse. E o remedio era mais intoleravel. Porque outro naõ tinha, senaõ viver ás escuras, e como em carcere perpetuo. Alegremse todos os atribulados, e saibaõ, que: *Prope est Dominus.* Quero dizer: Que quanto

August.

mais cresce o fogo da tribulaçaõ, mais perto, e mais á porta tem o mesmo Deos, que lha manda, e que nos affirma, que está por companheiro do affligido: *Cum ipso sum in tribulatione.* Tinha recebidos todos os Sacramentos, e entrava na ultima agonia: Eisque começa a soar huma voz de estremada melodia, e graça, que cantando só alegrava, e enlevava os sentidos das Madres, que a ouviaõ. Acudiraõ algumas a huma janella, por ver se seria de algum secular; quando chegaraõ, conheceraõ, que lhe ficava dentro na Enfermaria. E da suavidade, e lugar se assentou por todas, naõ ser Musica humana, mas antes Celestial, e a mesma, ou semelhante áquella, com que o Esposo Divino chama nos Cantares á Alma Santa, do meyo da asperesa das serras, e da companhia das feras pera ser coroada, dizendo: *Veni de Libano Sponsa mea, veni de Libano, veni, coronaberis: de capite Amanà, de vertice Sanir, & Hermon, de cubilibus leonum, de montibus pardorum.*

Mais cousas puderamos dizer desta Casa, pola muita Religiaõ, com que nosso Senhor he servido nella. Mas parecem bastantes as referidas, pera satisfazermos á obrigaçaõ dos principios, que teve na Ordem.

CAPITULO VI.

Como teve principio o Convento de S. Sebastiaõ da Villa de Setuval.

TEndo dado fim a seu quadriennio de Provincial o Padre Mestre Frey Luis de Granada, veyo ajuntar Capitulo de eleyçaõ, por fim de Outubro do anno de 1562. no Convento de Santarem: E nelle foy eleyto pera seu successor o Padre Mestre Frey Jeronymo d'Azambuja, que em seus doutissimos escritos se chama com nome Latino Oleastro. Viveo este Padre no cargo pouco tempo. Porque os cuidados delle, juntos ao trabalho continuo da Inquisiçaõ, em que servia, e ao do Estudo, que nunqua deixava, lhe abreviaraõ os dias da vida. Adoeceo: e sentindo, que era chamamento do Ceo, juntou os Padres do Conselho da Provincia: E por causas, que entaõ pareceraõ justas, acordou com elles, que o futuro Capitulo, que nas Actas do de Santarem ficara lançado pera o Convento de Bemfica, se transferisse pera Lisboa. A tençaõ, que nesta mudança tiveraõ, Provincial, e Conselheiros, descubrio o tempo, e o successo: Demaneira, que nos livraõ de lançar sobre ella juizos. Era Prior de Lisboa o Padre Frey Estevaõ Leytaõ, pessoa de rara prudencia, e de grande virtude, e exemplo. Foy hum genero de significar á Provincia, metendolhe o Capitulo em Casa, que tinhaõ nelle pay, e Provincial futuro, qual convinha pera o bom governo della. E tudo veyo a succeder conforme a traça. Porque primeiro ficou Frey Estevaõ por Vigario geral, sendo falecido o Padre Frey Jeronymo Provincial. Segundo os estilos da Ordem, por rezaõ de estar lançado o Capitulo na Casa, em que presidia: E conseguintemente foy eleyto em Provincial: Eleyçaõ taõ acertada, que tanto que ou-

tra vez lhe coube poder entrar no mesmo cargo, mostrou a Provincia a satisfaçaõ, que tinha de seu governo, tornandolhe a dar o mesmo lugar, como adiante veremos. Collegimos, que foy sua primeira eleyçaõ por Janeiro de 1564. Porque veyo a celebrar Capitulo intermedio em outro Janeiro de 1566. que foy no Convento da Batalha. Governando este Padre a Provincia, foylhe cometido, polos que entaõ tinhaõ maõ, e poder no Conselho d'elRey Dom Sebastiaõ, que era minino, que aceitasse pera a Ordem hum Convento na Villa de Setuval. He Setuval huma das melhores, e mais ricas Villas do Reyno; que por isso goza o titulo de Notavel: E das que reconhecem ao Mestrado de Santiago a melhor, e mais importante. Polos annos, em que vamos, tinha crescido em gente, e edificios tanto, que duas Igrejas Parochiaes antigas, e grandes, que nella avia, davaõ estreito gasalhado ao povo. Esta rezaõ, e parecer tambem, que seria proveito das Almas, e lustre da terra a hum Mosteiro, que já avia de Religiosos de S. Francisco, juntar outro de S. Domingos, com que se suppriria a estreiteza das Igrejas, e averia abundancia de doutrina, e Prégadores, obrigou aos Senhores do Conselho a propor a materia. E porque se visse, que este era o fim principal, que os movia, declararaõ, que das rendas do Mestrado de Santiago, que elRey como perpetuo Administrador delle possuia, se proveria bastante sustentaçaõ pera os Religiosos, que ouvessem de assistir. Aceitou o Provincial Frey Estevaõ Leytaõ o Convento: E por sua Procuraçaõ foy assistir no contrato, que se fez com os Deputados da Mesa da Consciencia, e Ordens, que he o Tribunal, a cujo cargo está a administraçaõ das Ordens Militares, o Padre Mestre Frey Luis de Granada: E conseguintemente na eleyçaõ, e posse do sitio. Sinallaraõse por parte d'elRey ao Convento pera em cada hum anno doze moyos, e quarenta e sinco alqueires de trigo, e hum moyo, e meyo de cevada, com mais quarenta mil e setecentos reis em dinheiro. Como esta consignaçaõ foy feyta em Tribunal, que tem nome de Consciencia, e em que assistem pessoas qualificadas em letras, e prudencia, desculpados ficaõ os quebrados, e miudeza, com que compassaraõ a quantia da renda. ElRey como andava inda entaõ em annos pueris, naõ dava voto em materias de governo. Foraõ as condiçoens, que puzeraõ aos Frades, darem Prégadores pera as duas Igrejas de S. Giaõ, e Santa Maria alternadamente, hora em huma, hora em outra, desde principio de Setembro, até Pentecostes, todos os Domingos, e Festas principaes do anno: E terem huma liçaõ de Casos de Consciencia no Convento pera todas as pessoas, que a quizessem ouvir, desde dia da Exaltaçaõ da Cruz até a entrada da Quaresma: E depois das Oitavas da Paschoa da Resurreiçaõ até passadas as de Pentecostes. O sitio foy o melhor, e o mais sadio de toda a Villa, ao Levante della, em lugar alto, e desabafado, e sobre o Rio. Deuselhe o nome de S. Sebastiaõ, por honra do nome d'elRey. A obra começou com mo-

deraçaõ, e proporcionada com a terra, em que se fazia, quanto a Dormitorios, e mais officinas: Só a Igreja sahio dos termos de boa architectura, com tanto excesso, que fez desigual todo o edificio: E naõ ha duvida, que só com a despeza, que nella se empregou, pudera sahir huma bastante Igreja, e bom Convento acabado: Sendo assi que inda hoje está longe de sua perfeiçaõ. Desculpaõse os que assistiraõ na obra com os espiritos grandiosos d'elRey Dom Sebastiaõ, que chegando a ver a fabrica, que em seu nome começava a sahir dos alicesses, quando já hia crescendo na idade, animava os Religiosos de palavra, e obra a gastar largo: Assi ficou descompassada em corpo, e numero de Capellas. E por ella se póde dizer, que faz mais representaçaõ de huma Praça forte militar, que de Casa de Religiosos.

Nas Actas do Capitulo intermedio desta Provincia, que passou no Convento da Batalha polo mez de Janeiro de 1566. achamos aceitado hum Convento por estas palavras: *Acceptamus Domum de Rosa*: sem mais outra declaraçaõ. E polas confrontaçoens do tempo nos deu azo a cuidarmos, que poderia ser esta de Setuval, e que o titulo de Rosa seria boa tençaõ de algum devoto. Tirou de duvida hum Religioso antigo, que estava lembrado nos fora dada entaõ outra Casa junto da Villa do Crato, onde chamavaõ Val de Rosa, polo Prior de S. Joaõ de Malta. De cuja jurisdiçaõ he a Villa. Tanto que nelle foy nomeado o Senhor Dom Antonio, filho do Infante Dom Luis, em primeiro sinal da boa inclinaçaõ, que tinha á nossa Religiaõ, e lembrança do Mestre, que nella teve, que foy aquelle grande sogeito, o M. Frey Bartholameu dos Martyres, que depois vimos subido a Arcebispo, e Senhor de Braga, sem mais escadas que as de sua virtude, e letras: Sinaloulhes o Prior renda; e taõ copiosa, que a achamos em algumas Actas, contribuindo já pera os gastos da Provincia, com sua porçaõ entre os Conventos de posse. Porem sahionos o sitio mal saõ, e tal, que dentro de poucos annos se vio a Provincia necessitada a largallo, com muito sentimento dos vizinhos, que sabiaõ estimar a companhia, e a doutrina.

Por este mesmo tempo governava a Ordem outro Mosteiro, que tambem largou. Era de Freiras Terceiras de nossa Regra, e Habito, no limite d'Azeitaõ, em menos distancia de huma legoa de Setuval, o titulo, de Jesu Bom Pastor. E assi como pera largar Val de Rosa deu causa o sitio, por enfermo: Assi a deu este, pera o mandar extinguir a Provincia, estar longe de povoado. Ao que se juntava ser pobre de renda, e edificio, e pouco authorisado em sogeitos. Impetrouse pera o effeito hum Breve do Papa Pio V. que em sete de Janeiro do anno de 1566. foy posto na Cadeira de S. Pedro, sendo Religioso Dominico da Provincia de Lombardia. E foy mandado executar polo Cardeal Infante Dom Henrique, que depois foy Rey, e entaõ era Legado á Latere neste Reyno pola Sé Apostolica. Os bens, e fazenda, que eraõ poucos, e de pouca substancia, foraõ aplicados

cados ao novo Convento de S. Sebastiaõ de Setuval, naõ por mais vizinho, senaõ por mais pobre, em conformidade da Bulla do Pontifice Xisto IV. que chamaõ, *Mare magnum*, e começa: *Regimini Universalis Ecclesiæ, &c.*

CAPITULO VII.

Que contem huma Carta, que o Papa Pio V. escreveo ao Cardeal Infante em favor desta Provincia: Vem a visitalla o Geral Frey Vicente Justiniano: Fazse huma breve Relaçaõ da Vida do Padre Provincial Frey Estevaõ Leytaõ.

1566. OCcasiaõ nos dá o anno de 1566. em que vamos, e a eleyçaõ, que nelle succedeo do Santo Pontifice Pio V. Pontifice famoso polos meyos, que subio áquella Santa Sede, que foraõ de virtude, e valor, sem outro estribo, e polos admiraveis succeffos, que vio a Christandade nos breves annos, que a governou, de insignes victorias alcançadas de Infieis, e Hereges, attribuidas tanto á sua grande industria, como a suas Santas Oraçoens, pera tomarmos licença de lançar aqui em memoria sua huma Carta, que pouco depois de eleyto mandou escrever ao Cardeal Infante D. Henrique, em recomendaçaõ dos Mosteiros Dominicanos deste Reyno. He Carta de ver pola humildade, naõ só modestia com que falla de sy; e polas vivas saudades, que nella mostra dos claustros, e vida Fradesca, em cuja lembrança, e affeiçaõ affirma, que nem a dignidade de Cardeal pode acabar com elle deixar o Habito da Ordem. Seguese a Carta.

DIlecto filio Henrico tituli Sanctorum quatuor Coronatorum Presbytero Cardinali, Portugalliæ Infanti, nostro, & Sedis Apostolicæ de Laaere Legato. Pius Papa V., Dilecte fili noster, salutem, & Apostolicam benedictionem. Gratissimum nobis fuit officium, quod charissimum in Christo filius noster Sebastianus Rex, nepos tuus, Nobis, & Sedis Apostolicæ ex omnium Christianorum Regum more præstitit. In quo præstando dilectus filius nobilis vir Ferdinandus Menesius, tanti Regis, cujus nomine eo officio functus est, dignitatem, & amplitudinem conservavit. Nihil in eo desideravimus, neque in Oratione, quæ habita fuit, præterquamquod, laudes nobis tributas, sicut agnoscere non potuimus, ita ne commemorari quidem voluissemus. Cætera non omnia in ea oratione delectarunt. Etenim digna illo loco, & tanto conventu fuit. Imprimis vero jucunda nobis fuit commemoratio pietatis, & virtutis ipsius Regis, & ingentis spei,

ac

ac expectationis, quam de se omnibus illa jam ætate affert. Id, quod nos cum vi naturæ, generisque tribuimus, tum vero paternæ curæ, & institutioni tuæ: nec solum monitis sapientissimis, sed etiam exemplis, quæ in te sibi proposita ad imitandum habet; gratulamur tibi, dilecte fili, gratulamur populis ejus Regno subjectis: Quod speramus, & quadam divinatione permoti auguramur, eum, cum adoleverit, nemini maiorum suorum vel virtute, vel gloria inferiorem futurum. Ex ipsius Ferdinandi, & Pinti tui literis cætera, quæ scribere prætermittimus, cognosces. Tantum illud addimus, vehementer nos cupere, Conventus omnes Ordinis Sancti Dominici, qui in isto Regno sunt, tibi commendatissimos esse. In eo Ordine nos (ut scis) maximam vitæ nostræ partem egimus, non sine summa quidem animi nostri tranquillitate, ac lætitia, cujus nobis sæpissime in mentem venit: sicut in Cardinalatu nunquam, nec studium nostrum erga illum, nec Habitum ejus deposuimus: Ita in hoc loco constituti, in pristina erga eum voluntate manemus; & tantum ad eam addidimus, quantum pro suscepto officio addere debuimus. Sed tibi, qui tanti Ordinis insignia merita nosti, quemque scimus favere studiosissime solitum omnibus Religiosorum Ordinibus, non esse cum pluribus verbis commendandum putamus. Dat. Romæ apud Sanctum Petrum, sub Annulo Piscatoris, die 26. Aprilis. 1566. Pontificatus nostri anno primo. Antonius Floribellus Lavellinus.

Naõ damos traducçaõ, porque nos escusa disso a noticia, que no principio do Capitulo deixamos dada, dos pontos mais essenciaes, que contem.

No mesmo anno desta eleyçaõ entrou em Portugal o Reverendissimo Geral da Ordem Frey Vicente Justiniano, pessoa insigne por virtude, letras, e prudencia. Depois de ter visitadas as mais Provincias de Espanha, naõ quiz fazer volta, sem dar vista a esta nossa. Entrou por Alentejo, onde o foy receber o Provincial, acompanhado do Padre Frey Francisco de Bovadilha a Badajos, e Elvas. E visitadas todas as Casas da Provincia, sahio por Entre Douro, e Minho: Onde foy muito festejado do nosso Primás Dom Frey Bartholameu dos Martyres. Chegou o Geral a Braga em conjunçaõ, que o Arcebispo celebrava Synodo Provincial. Quando soube, que o vinha buscar por conhecido amigo do tempo do Concilio Tridentino, em que se acharaõ juntos;

tos, sahio o Arcebispo a buscallo fora da Cidade em companhia dos Bispos que assistiaõ no Synodo, e dos Conegos, e dignidades da Sé, e muitos Abbades, e toda a Nobreza da Cidade, que fizeraõ a entrada muy solemne. Agasalhouo comsigo de suas portas a dentro, com mais amor, que pompa, com mais reverencia, que despesa. Porque no aparato da mesa, quasi naõ excedeo de sua moderaçaõ costumada. Mas no tratamento, e cortesia assi o venerava, como se se considerara pobre Frade, e ainda seu subdito: Porque nesta conta se teve sempre com qualquer Prelado de sua Religiaõ, quanto mais com o supremo. Deste Padre Geral nos consta, que foy taõ satisfeito da Observancia, que achou na Provincia, depois de a vizitar com muito cuidado, e attençaõ, que quando depois fazia por outras, semelhantes visitas, costumava pera exemplo allegar com a reformaçaõ, e pureza, que vira nesta: E particularmente affirmava, que comparado Portugal com todo o resto da Ordem, ficava com o mesmo lugar nella, que tem em qualquer Mosteiro huma bem concertada Casa de Noviços. Em fim chamava a esta Provincia o Noviciado da Ordem.

Restanos pera cerrar este Capitulo, dizer alguma cousa do Padre Frey Estevaõ Leytaõ. Devemoslho por sua pessoa; e porque sendo, como era, filho do Convento de Lisboa, pareceo, que viria mais a proposito fallar nelle juntamente com seu governo, que temos entre mãos, que naõ entre os Padres seus conventuaes. Escusando assi repetiçoens de materias, e seguindo a brevidade, que sempre dezejamos. Era Frey Estevaõ muito nobre por geraçaõ, e parentes, sem embargo, que de presente naõ ha Casa importante no Reyno deste appellido. Criouse na Casa, e serviço do Infante Dom Luis; bom fundamento pera acreditar tudo, o que delle dissermos; polo grande preço daquella escolla: Buscou a Religiaõ com grande edificaçaõ da Corte, passados os annos da mocidade, e procedeo no resto da vida, como quem reconhecia da maõ de Deos a merce de o tirar do mundo. Acabou seu estudo. E sem pertender adiantar por elle nas honras da Ordem, tratou só de se aventejar no Espirito, e merecer com Deos. Pera este effeito procurou passar á India, a empregarse na conversaõ da Gentilidade. E fazendo força no requerimento, se embarcou duas vezes. Mas de ambas foy Deos servido, que arribasse. Da ultima arribada fezse assinar no Convento de Bemfica. Nelle foy Mestre de Noviços, e pouco depois Prior. Aqui se fez por extremo bem quisto, e cobrou nome, que lhe rendeu ser buscado pera a Prelacia de Lisboa. Era muito compassivo dos doentes, muito amigo dos pobres, e taõ liberal com elles, que todas as vezes que tomava contas das officinas, como he ordinario por fim de cada mez, mandava ficar em deposito separado algum dinheiro pera esmollas particulares: E deste, quando estava em Lisboa, era depositario o Porteiro mór Frey Jordaõ, bem conhecido por sua caridade. E dizia com grande fé aos Padres depositarios: Padres meus, este he o fermen-

formento, que ha de fazer crescer o nosso deposito. E pera o mesmo costumava aplicar todas as esmollas, que vinhaõ de Sermoens extraordinarios, que se pediaõ de fora. Foy muito cuidadoso do culto Divino, grandemente zeloso da guarda da Religiaõ, grave na pessoa, brando, e macio no trato: E taõ estimado da Ordem, que quatro vezes o fez Prior de Lisboa. O que por ventura naõ aconteceo nunqua a outro sugeito: E duas Provincial. Da primeira vez, que foy eleyto neste cargo, tentou visitar a Provincia a pé, e caminhou muitas legoas. Mas aggravoulhe o exercicio huma indisposiçaõ, que tinha de peitos, que lhe causava lançar algumas vezes sangue pola boca; com que foy forçado desistir dos bons propositos, e principios: E achamos escirto, que o obrigou tambem particular advertencia do Cardeal Infante, por lhe constar da doença, e impossibilidade.

CAPITULO VIII.

Fundaçaõ do Convento de S. Paulo d'Almada: Com huma breve Relaçaõ da Vida do Padre Mestre Frey Francisco Foreiro, Autor delle.

ERa Prior de Lisboa o Padre Mestre Frey Francisco Foreiro, e assistia no Santo Officio, servindo de Qualificador dos livros, por commissaõ do Cardeal Infante, que fazia o Officio de Inquisidor Geral: E era juntamente Prégador d'el-Rey Dom Sebastiaõ, taõ antigo, que o começara a ser del-Rey Dom Joaõ III. no anno de 1555. no qual achamos, que lhe foy passada sua Carta em 23 de Dezembro desta honra, e do ordinario della, que eraõ sincoenta mil reis em cada hum anno. Estava lançado o Capitulo de eleyçaõ no mesmo Convento de Lisboa, pera o primeiro Domingo depois da Festa de Nossa Senhora de Setembro do anno de 1567. Em que o Padre Frey Estevaõ Leitaõ dava por acabado seu tempo: Juntos os Capitulares, puzeraõ com rezaõ os olhos na muita idade, e grandes merecimentos do Prior, que os agasalhava: E sahio eleyto Provincial, e foraõ com elle Diffinidores os Mestres, Frey Lopo d'Aveiro, e Frey Luis de Sotomaior, os Padres, Frey Thomás da Costa, e Frey Nicolao Dias, que entaõ naõ eraõ mais que Prégadores geraes. Foy a eleyçaõ bem recebida na terra, e com grande gosto confirmada polo Reverendissimo Justiniano, que com o mesmo o confirmara em Prior de Lisboa, quando no anno de 1566. se achara nesta Provincia. Mas teve este Padre calamitoso tempo. Porque entrando o anno de 569. mandou Deos hum açoute de peste sobre a Cidade de Lisboa, que deixandoa quasi assolada, correo o Reyno todo com infinito danno, como logo contaremos mais distintamente, depois que dissermos alguma cousa, do que toca a este Padre, e á fundaçaõ do Convento d'Almada, que foy obra sua.

1555.

1567.

O Castello, e Villa d'Almada, que os naturaes em suas escrituras, e papeis antigos, e modernos chamaõ Almadaõ, referem sua origem, quanto ao tempo, ao reynado d'elRey D. Affon-

Affonso Henriques, Primeiro Rey de Portugal; e quanto aos Fundadores, a huma companhia de Ingreses, que sendo parte daquella grande Armada de gentes do Norte, com que Guilherme de Longa Espada, seu General, ajudou a elRey Dom Affonso a ganhar Lisboa aos Mouros, que de muitos annos atraz eraõ Senhores della, folgaraõ edificar no Reyno: servindo ao mesmo, e assentando neste sitio, lhe quizeraõ só dar o nome da ventura, e bom successo, que tiveraõ em Lisboa. Porque Al, ys, made, saõ tres palavras da lingoa Ingresa, que soaõ o mesmo, que dizer: Tudo está feito, e acabado. O curso dos annos as cortou, e encurtou de sorte, que fazem huma só, que ficou por nome á Villa, e a huma Nobre Familia, que nella, e nos Fundadores teve sua origem do appelido d'Almada. Acreditase a antiguidade desta povoaçaõ com hum privilegio, de que a Villa, e moradores gozaõ, quasi dos mesmos dias, em que seus antecessores a fundaraõ. Concedeolhe elRey Dom Sancho Primeiro, Rey Segundo de Portugal, que elles a guardassem, e defendessem por entaõ, nem depois lhes nomear particular Capitaõ, ou Alcayde mór, como vemos, que tem todas as mais Villas, e Fortalezas do Reyno: Que foy o mesmo que dar testemunho do valor, que tinhaõ mostrado todos no serviço feito em Lisboa. Com que mereceraõ esta confiança. O privilegio andava regiſtado nos livros da Camara: E inda que hoje naõ parece nelles, polo descuido ordinario, que reyna em quasi todas as Communidades, e por sua muita antiguidade, tambem senaõ acha nos regiſtos, e memorias geraes do Reyno: Com tudo a posse immemorial he regiſto equivalente, e taõ bastante, como se o tiveraõ vivo, e authorisado com sellos pendentes, e certidoens da Torre do Tombo. E por tal lhes valeo em annos atraz contra alguns pertensores, que ouve do cargo. O Castello, que hoje tem, naõ he mais antigo, que o reynado d'elRey Dom Fernando, unico deste nome, segundo parece de huma letra, que está sobre a porta, que, ainda que gastada do tempo, declara bastantemente, que foy elle o Autor, como sabemos, que cercou de muros muitas terras de Portugal; e fortificou a Cidade de Lisboa com segunda cerca. A rezaõ do nome recebemos de hum Ingres muito antigo na idade, Catholico, e de bom entendimento natural, que nos affirmou a ouvira, sendo moço, praticar em Inglaterra entre homens velhos, curiosos de antigualhas, e doutos nellas.

A este lugar tomou por assento o Provincial pera se desviar da furia da peste, que ardia em Lisboa, e pera senaõ alongar dos filhos, que nella ficavaõ, offerecidos voluntariamente a todo o perigo, por acudirem aos proximos, como ao diante mais largamente contaremos. Pareceolhe o sitio acomodado pera hum bom Convento de gente, que se quizesse retirar pera a quietaçaõ do Espirito; ou do estudo das letras; ou pera tudo junto. E como avia annos, que trazia na imaginaçaõ fundar hum edificio tal, e pera isso hia juntando cabedal de entre parentes,

tes, e amigos; tanto que se contentou do posto, naõ quiz dilatar a obra. Avidas as licenças necessarias, começou a entender com a pedra, e cal, e juntamente em comprar renda: A Villa deu liberalmente toda a terra, que a Casa occupa, que he grande, com huma cerca, que se estende do alto até a praya, acompanhada de pumar, e vinhas. O edificio ficou muito recolhido, e moderado; e conforme a tençaõ, com que se tratou. Ao que obrigou tambem a qualidade do sitio, que como he no mais alto do monte, e pendurado sobre o mar, fica como grimpa sogeito a todos os ventos, que grandemente o combatem. Porem pagase este danno com ser Senhor de hum taõ fermoso, e taõ bem assombrado orizonte, que confiadamente, e sem parecer encarecimento, podemos affirmar, que naõ ha outro tal em toda a redondeza da terra: O que fica bem de crer, pois se sabe, que tem diante dos olhos por paynel a Cidade de Lisbòa, estendida sobre a Ribeira direita do Tejo, e que de nenhum outro posto se póde ver, e julgar sua grandeza toda junta, como deste. Assi o entendeo elRey Dom Filippe Segundo de Espanha, e Primeiro de Portugal, que escolheo esta Villa pera gozar da vista da Cidade, em quanto naõ entrava nella. E pera ver tambem de noite o que as trevas lhe tolhiaõ, mandou, em huma, que lha coroassem de luminarias: E estando assi ardendo sem dano toda, ficou devendo mais ás sombras nocturnas, que ao resplandor do dia: Porque se mostrou maior nellas, e naõ menos bem assombrada, que de dia. O orizonte pera a parte do mar se estende sobre o Rio, e Barra, Torres, e Fortalezas della, e contra o Occeano até se perder a vista nelle; e pera a banda da terra descobre grande numero de legoas, de Villas, e Lugares.

Naõ foy menos provido o Padre Frey Francisco na escolha da renda, que do sitio, se contra as mudanças, e revezes do tempo ouvera no mundo bastante providencia. Tinha juntos dez mil Cruzados, que deviaõ huma grande parte aos salarios, que vencia de antigo Prégador d'elRey, outra ao que lhe rendia a impressaõ de seus doutissimos escritos: Mas a maior se tem por certo, que lhe foy inviada da India por seu grande amigo Dom Frey Joseph de Santa Luzia, Frade nosso, e Bispo meritissimo que fora de Malaca; e naõ pera outro emprego, senaõ de huma nova Casa da Ordem. Vendia elRey Dom Sebastiaõ juros na Casa da India, e baratos; pareceolhe, que se segurava comprando caro, quando todos hiaõ ao barato. Comprou com os seus dez mil Cruzados duzentos mil reis de juro, a rezaõ de vinte por milhar; comprando outras pessoas a dezaseis, e a menos. Foy a compra no anno de 1571. Porem passado pouco tempo, mostroulhe o successo, que naõ acertara no emprego. Porque o mesmo Rey, que fora o vendedor, mandou suspender o pagamento de todos os juros da Casa da India. E supposto, que se teve sempre respeito, e se tem de presente ao Mosteiro, e necessidades delle, ficou a arrecadaçaõ trabalhosa, e descomposta.

Queixouse Frey Francisco, e fez sua queixa tanta impressaõ no animo brando, e grandioso d'elRey, que por modo de satisfaçaõ lhe acudio com huma notavel merce, que foy converter em juro pera o Convento os sincoenta mil reis, que Frey Francisco tinha de ordenado de seu Prégador. E estes possue hoje assentados no Almoxarifado de Setuval, desdo anno de 1576. alem dos duzentos da Casa da India.

Dura nesta Casa huma memoria, que dá bom indicio da parte, que assima dissemos, teve nella o Bispo de Malaca, D. Frey Jorge de Santa Luzia, que he huma Missa quotidiana, assentada nos livros da Sacristia, por sua Alma.

Tanto que o Mestre Frey Francisco se vio livre do cargo da Provincia, determinou lograrse da obra de suas mãos, e industria, fazendo ninho pera sy da Casa, que fizera pera a Ordem. Recolheose nella com determinaçaõ de naõ tratar mais que de sua Alma, e de seus livros (vida bemaventurada, e de verdadeiro Religioso). Era este Padre nobre, e conhecido por geraçaõ: Mas val tanto o estudo das letras, que por ellas chegou a ser naõ só nobre, e conhecido; mas famoso no mundo. Sendo moço deuse a aprender lingoas, e sahio consumado nas tres, Latina, Grega, e Hebraica. Do que lhe resultou, que como naõ tinha menos engenho, e juizo, que applicaçaõ, pera toda sciencia; tanto que se aplicou á Theologia, fezse nella doutissimo, e naõ menos na parte Especulativa, e Moral, que na Sagrada Escritura. A primeira pessoa, que conheceo, e honrou nelle este talento, foy o grande Infante, nunqua bastantemente louvado Princepe Dom Luis, Irmaõ d'elRey Dom Joaõ III. Conheceo o thesouro, que tinha em Frey Francisco, e honrouo com o dar por Mestre ao Senhor Dom Antonio seu filho, que depois foy Prior do Crato. Com esta liçaõ de cadeira das portas a dentro, começou Frey Francisco a juntar outra do Pulpito: E de portas a fora, em que era taõ bem ouvido, que naõ tardou elRey Dom Joaõ em lhe dar o titulo de seu Prégador, com muita aceitaçaõ de toda a Corte, como atraz dissemos. E o mesmo officio teve com elRey Dom Sebastiaõ, que lhe succedeo na Coroa. E quando no anno de 1561. ouve de mandar Theologos ao Santo Concilio de Trento, foy Frey Francisco hum dos Inviados por este Reyno. Nesta jornada, e assistencia do Concilio, ganhou Frey Francisco credito, e grande nome pera sua Patria, e pera sy, começou a lustrar com a Prégaçaõ. De sorte, que á petiçaõ de muita gente de qualidade, prégou as Quartas feiras da Quaresma do anno de 1563. em particular Freguesia, onde foy ouvido, e louvado de muitos, e grandes Prelados. E foy fama constante em Portugal, que fazendo hum Sermaõ aos Cardeaes, Legado, e mais Padres do Concilio ao tempo, que quiz subir ao Pulpito mandou avisar ao Mestre das Ceremonias, que soubesse de Suas Illustrissimas, em que lingoa eraõ servidos, que prégasse. Rara confiança, mas muito mais rara facilidade nas lin-

Bibliote-ca Santa l.4. lit. F.

Fr. Ge-mes de Rebutesa sobre o Magnifi-cat Liçaõ 14.

Sena na Bibliote-ca da Or-dem de S. Domin-gos lit. F. fol. 85.

1561.

1563.

lingoas. Daqui devia nascer, que ordenando os Legados huma Junta de Padres gravissimos, pera Censores dos livros, que se aviaõ de prohibir por toda a Christandade, deraõ, e nomearaõ por Secretario della a este Padre. E offerecendose pouco depois ser necessario inviarse a Roma huma pessoa de inteira confiança, a consultar com o Summo Pontifice verbalmente em algumas materias de grande importancia, escolheraõ ao mesmo. E feita a jornada naõ ficou menos grato ao Papa, do que foy a satisfaçaõ dos que o mandaraõ. Seguiose a este serviço encomendarselhe por todo o Concilio a reformaçaõ do Breviario, e Missal Romano, em companhia de Dom Frey Leonardo Marino Arcebispo Lancianense, e de Dom Frey Egidio Fuscarario, Bispo de Modena: ambos Frades Dominicos. E acabado o Concilio, cometeo o Papa aos mesmos tres, que compuzessem hum Catecismo, que he o Romano, que anda impresso. E juntamente fossem procedendo na reforma encomendada do Breviario, e Missal. Fizeraõ estes Padres huma, e outra cousa com tanto acerto, que o Catecismo he o mesmo, que anda impresso com nome de Catecismo Romano. E a reformaçaõ, que tardou mais do Breviario, e Missal, foy taõ aceita ao Papa Pio V. que succedeo na Sede Pontifical a Pio IV. que sendo por elle aprovada, e confirmada, se imprimiraõ logo, conforme a ella os Breviarios, e Missaes, que chamaõ do uso Romano.

Bibliotec. Apostolica Vaticana f. 226. Sena ubi supra Bibliotec. Santa l. 4. lit. F. Seraphin. Razzi na Histor. dos Varoens Illustres Dominicanos. Centuria. 1. Fr. Iuan de la Cruz l. 5. c. 24. da Cron. da Ordem de S. Domingos.

Mariet. 2. P. l. 14. lit. F. Cron. abreviada, que anda no fim das nossas Constituçoens f. 97. Liçaõ. 14.

No meyo destas occupaçoens naõ podia Frey Francisco largar a que tinha por de maior gosto seu, que era o estudo das Sagradas Letras: E estando no Concilio, tirou a luz huns Commentarios doutissimos sobre o Profeta Isayas; que por serem taes, depois da impressaõ em Veneza a primeira vez, foraõ impressos outras duas em Reynos differentes. Escreveo mais sobre os Psalmos, e Livros de Salamaõ, e sobre todos os Profetas menores: E fez de todos nova versaõ, conforme a verdade Hebraica (como era taõ Senhor da Lingoa) pera confirmar a Versaõ vulgata. E sendo todos estes Tratados muito dignos dos louvores, que encarecidamente lhe daõ os Autores, que allegamos á margem, temos por certo, que a todos excedeo no que deixou escrito sobre o Livro de Job. Temos disso testemunho seu; porque he certo, que dandolhe fogo por desastre na cella, e apagandose; depois de muitos papeis abrasados, perguntou, a quem tinha noticia de seus escritos; se escapara o seu Job: E respondendolhe, que com pouco danno estava em salvo; ficou taõ contente, que de toda a mais perda naõ fez caso. Este Tratado está hoje vivo, e em taõ boa maõ, que naõ deixará de chegar á impressaõ, inda que já tem tardado muito.

Tornado Frey Francisco ao venturoso ocio da sua cella, que só estimava: Inda que elRey Dom Sebastiaõ o occupava de ordinario em materias de seu serviço; e o tinha feito Deputado da Mesa da Consciencia, quiz Deos darlhe merecimento de Santo; permittindo, que gente invejosa o calumniasse diante d'elRey de homem delicioso, e

amigo de suas commodidades. Tanto póde a inveja, que levou a elRey a ver a cella de passagem em certa occasiaõ, que Fr. Francisco era auzente. Grande dita fora, se quizeraõ os Reys, ou poderaõ fazer outro tanto em todas as materias. O que nesta succedeo, foy, ficarem corridos; e com isso bastantemente reprehendidos os accusadores; porque naõ appareceo nella cousa contra o commum da Ordem; salvo hum pavelhaõ de serguilha ordinaria, velho, e pobre, que abrigava do vento hum corpo velho, e indisposto; que aos que o viraõ, pareceo mais reparo necessario, e forçado pera posto taõ desabrigado, como he o d'Almada, que delicia ociosa. Faleceo Fr. Francisco nesta sua Casa d'Almada, de sua doença, em dez de Janeiro de 1581. Está sepultado no Capitulo.

1581.

CAPITULO IX.

Dos grandes serviços, que a Ordem de S. Domingos fez a esta Republica de Portugal nas calamidades da peste, que em differentes tempos ouve por todo o Reyno.

Escrevese nas Historias de Cister, que Conrado Cardeal, e Bispo Portuense, Varaõ de conhecida virtude, e santidade, vendo perseguidos de muita gente os Religiosos de S. Domingos no tempo, que sua Ordem começava a florecer, e dilatarse polo mundo; tomou, como Santo, á sua conta empparallos com tanto zelo, que mereceo darlhe disso as graças a Gloriosa Virgem May de Deos, com huma revelaçaõ cheya de de mimos, e favores. Pedia este Santo a Deos, entre as calumnias, que ouvia dos Frades, e as obras virtuosas, que nelles via, lhe revelasse a que fim mandara esta Ordem ao mundo, pera senaõ enganar com ella: E hum dia, em que mais efficazmente orava, ouvio huma voz, que lhe disse: *Ad laudandum, benedicendum, & prædicandum.* Isto he, que Deos a instituira pera louvar, glorificar, e prégar seu Santo Nome. E conforma com isto o que achamos na Cronica da Ordem, que nos deixou escrita o Mestre Frey Theodorico de Appoldia. Conta elle do mesmo Cardeal, que entrando em Bolonha por Legado Apostolico; e naõ lhe soando bem nas orelhas o titulo, que usavaõ de Prégadores, como mais faustoso, do que a Religiosos humildes convinha, pedira hum livro, que acertou a ser Missal, e abrindoo, feito primeiro sobre elle o Sinal da Cruz, tomara como por oraculo as primeiras palavras, em que deu com os olhos, que foraõ do Prefacio de Nossa Senhora, e dizem: *Laudare, benedicere, & prædicare.* Devia ser pola conformidade da revelaçaõ, que contamos.

Fr. Bernardo de Britto na Cronica de Cister l. 6. c. 39.

Appoldia l. 6. c. 7.

Obriganos a renovar esta antiguidade huma nova occupaçaõ, em que acho metidos os nossos Frades polos annos, em que levamos esta Historia: Occupaçaõ, que se bem he nova, e muy differente daquellas primeiras; com tudo ninguem me póde negar ser cheya de grandes merecimentos pera com Deos, e pera com os homens. Muito resplandece a caridade

dos

dos Religiosos no trabalho continuo do Estudo pera allumiar o mundo, cansando no Pulpito, aturando no Confissionario; naõ largando dia, e noite a Oraçaõ, e Coro. Mas aver homens, que se esqueçaõ da saude, e vida propria, por grangearem a vida corporal alhea, e a saude d'Alma do proximo, he ponto taõ subido, que a Igreja Sagrada, allumiada polo Espirito Santo, trata com honra de Martyres a todos aquelles, que em tal empresa acabaraõ a carreira mortal da vida. Como he de ver na lembrança, que manda fazer, dos que em tempo do Emperador Valeriano faleceraõ em semelhante occupaçaõ.

Cal. Rom. ultimo dia de Fevereiro Pr. die Cal. Martij.

Assi se determinaraõ muitos Frades desta Ordem em servir os povos deste Reyno nas tres occasioens de crueliſſima peste, que Deos mandou sobre elle, como se só nasceraõ pera outrem, e naõ pera sy. Assi despresaraõ o que tudo se aventaja em estimaçaõ no mundo, que he a vida, e seus gostos, como quem com olhos da Fé estavaõ vendo, que de a perderem aqui, lhes avia de resultar ganho certo de outra immortal, e gloriosa, e sem fim sobre as Estrellas. E porque o perigo foy maior em Lisboa, e o serviço mais aballisado nella; porque abrangeo a maior numero de gente, diremos primeiro o que lhes succedeo nesta grande Cidade, e depois hiremos tocando o que mais mereceraõ nos outros lugares do Reyno.

Avendo largos annos, que a Cidade de Lisboa gozava tempos benignos, e salutiferos, sem quasi aver quem se lembrasse das contagioens, e males antigos, foy o Senhor servido de a visitar com hum rigurosiſſimo castigo de peste, que tendo seu principio por fim do anno de 1568. durou todo o de 1569. com estrago maior, do que se póde crer. Ouve dous termos na cura. Foy o primeiro curarse cada enfermo em sua casa, como se fazia nas outras doenças. E este foy causa de se passar ao segundo. Porque, como naõ avia resguardo, e estavaõ de mistura sãos, e enfermos, ateouse o fogo demaneira, que parou em hum incendio universal, que admoestou, e ensinou, que convinha aver separaçaõ, despejarse a Cidade dos doentes, e da roupa impedida.

No primeiro termo acudiraõ os Religiosos com caridade, e Espirito a ajudar os Parochos, pera poderem acudir com os remedios das Almas. Repartiraõ entre sy a Cidade por Freguesias. Couberaõ ao Convento de S. Domingos as tres, que a cercaõ, Santa Justa, Saõ Sebastiaõ da Mouraria, e S. Nicolao. Offereceraõse pera o ministerio tres Padres Prégadores dos mais antigos da Casa; que foraõ Frey Pedro Altamirano, Frey Belchior de Monsanto, e Frey Gaspar da Cruz. Offerecendose muitos outros pera os acompanharem, naõ admitiraõ os Prelados, que eraõ do Convento, Frey Antonio de S. Domingos, e da Provincia o Mestre Frey Francisco Foreiro, mais que a tres Irmãos Leygos; cujos nomes eraõ, Frey Antonio Magueya, Frey Jorge dos Reys, e Frey Diogo da Piedade. Estes Padres, cada hum com seu Leygo, visitavaõ todas as casas, em que avia doentes, correndo todas

todas as ruas, e aturando hum trabalho immenso. Porque naõ acudiaõ só com os remedios d'Alma; mas tambem com os corporaes, de tudo o que podia servir pera alivio do mal, de mantimento, de mezinhas, e doces, com que os Officiaes da Camara mandavaõ prover em grande abundancia. Porem, sendo o gasto infinito, e o trabalho dos Enfermeiros intoleravel, viase resultar delle taõ pouco proveito na infirmidade, que a Cidade se hia corrompendo cadadia mais. Foraõ feridos do mal os Padres Altamirano, e Monsanto, e com elles dous Leygos. Cobraraõ saude os Sacerdotes, acabaraõ os Leygos. Do Padre Altamirano se conta nesta conjunçaõ hum auto mais que heroico: E foy, que achando em huma casa dous pobres homens, feridos ambos, e em hum leyto, e em estado, que pediraõ Confissaõ: E porque fazerlhes qualquer aballo, era, abreviarlhes a morte, que já os cercava, lançouse em meyo delles; e pondo a orelha na boca, do que lhe pareceo mais fraco, que tinha o lugar da parede, e sustentandolhe a cabeça com a maõ, o ouvio, e absolveo. E logo virandose pera o outro, fez com elle o mesmo; e dentro de meya hora acabaraõ ambos, mas commungados, e ungidos: porque em quanto elle confessava, tinha o companheiro preparado os outros Sacramentos.

De animos, que taõ desapegados andavaõ do amor da vida, naõ parecerá estranho nenhum auto, que contarmos de perfeita caridade. Averiguouse, que em todo o tempo, que os tres Padres fizeraõ este officio, confessando, e fazendo testamentos a muita gente poderosa de fazenda, e dinheiro, nunqua grangearaõ pera sy, nem cousa sua, nem pera o Mosteiro, em que residiaõ, nem pera outro nenhum da Ordem, dinheiro, nem herdade, nem outra peça alguma. A lingoagem, que usavaõ, sendo consultados em materia de esmollas, e repartir fazenda, era, que valessem aos parentes necessitados, se os tinhaõ, e acudissem á Casa da Santa Misericordia.

Com este genero de proceder sem mais resguardo, nem prevençaõ, entrando o tempo de calmas, tinha crescido tanto a contagiaõ, que no mez d'Agosto de 1569. ouve dia de seiscentos mortos. Entaõ amoestou a força do mal novo genero de cura. Sinalouse junto aos arrabaldes huma quinta de bom sitio, e grande aposento, proveose de Medicos, Surgioens, e Barbeiros, e de todo o genero de mezinhas, e grande numero de camas com hum Cidadaõ caridoso, e sabio por Superintendente. Na Cidade andavaõ Ministros diligentes, que corriaõ todos os Bayrros com esquifes, e levavaõ os enfermos pera a quinta, que do fim, pera que foy buscada, começou a chamarse Casa da Saude, como na verdade o foy pera muitos. Avia outros Ministros, que proviaõ em apartar a outra parte os saõs, que pola communicaçaõ dos feridos chamavaõ impedidos. A outra parte mandavaõ o fato, do qual se queimava hum, e se purificava outro. Começou a sentirse alivio na Cidade com a boa ordem. Mas desbaratouse tudo com a morte do Cidadaõ, que gover-

governava a Casa da Saude. Deulhe o mal como hum rayo, levouo com muitos coadjutores. Encheuse a Cidade de turbaçaõ com o caso. E foy maior a que poz o medo nos que podiaõ succeder no bom serviço. Neste passo tornou a Ordem de Saõ Domingos a mostrar seu valor, e caridade: offereceraõse muitos Religiosos ao serviço, e sacrificio da Casa da Saude, resolutos a se hirem meter no meyo do fogo da corrupçaõ. Aceitou a Cidade a offerta, e cometeolhe o governo inteiro della, assi no temporal, como no espiritual.

Foraõ os aventureiros o Padre Frey Antonio d'Azevedo, filho do Convento de Bemfica, que entrou pera Provedor da Casa; e cabeça dos mais, Frey Isidoro Altamirano, que quis fazer nona prova de caridade, Frey Christovaõ Moreira, e outro Moreira Frey Gonsalo, que chamavaõ o Queimado, e Frey Diogo da Piedade. A fama da piedade, e bom procedimento destes Padres espalhada pola Cidade foy grande parte de melhora mais em breve. Porque donde dantes fazia pavor igual com a morte, deixaraõ os doentes as moradas proprias, e muitos se curavaõ escondidamente, e com mais perigo, agora corriaõ os novos Enfermeiros com taõ bom animo, que em poucos dias passou o numero, dos que curavaõ na Casa da Saude, de sinco mil. Acabou em seu officio o Provedor Frey Antonio d'Azevedo, arrebatado do mal. Succedeolhe Frey Christovaõ Moreira, que sendo ferido, e julgado por morto, convaleceo, e tornou ao cargo com taõ boa sombra, como se se naõ vira ás portas da morte; e nelle continuou com os companheiros assima referidos, e com outros, que de novo o vieraõ acompanhar, que como avia muito que fazer, sempre foraõ sinco, e seis. Mas naõ estavaõ entretanto ociosos os Padres do nosso Convento. Porque em todo o tempo, que durou o trabalho, e affliçaõ da Cidade, nunqua lhe faltaraõ com Prégaçaõ, e Officio Divino cantado, com tanto cuidado, e perfeiçaõ, como na bella paz; effeito de animar o povo: E sempre tiveraõ Padres deputados pera hirem a confessar pola Cidade. Affirmase, que chegou o numero dos mortos nesta occasiaõ a setenta mil.

CAPITULO X.

Da segunda, e terceira peste, que deu em Lisboa: Do danno que fez nesta Cidade, e na d'Evora; e como se ouveraõ os nossos Religiosos de S. Domingos em ambas as occasioens, e em ambas as Cidades.

FOy segunda occasiaõ de nova honra, e novo trabalho pera a Ordem de S. Domingos a nova praga de peste do anno de 1579. Estava o Reyno cheyo de magoas com a perda do anno atraz, em que acabara nos campos de Africa elRey Dom Sebastiaõ com tudo o melhor delle: perda, que nunqua verá enxutas as lágrimas, que causou. O desgosto presente, e o receyo dos que se esperavaõ acabando os breves dias, que já tinha de vida seu successor Dom Henrique, tinhaõ dado geralmente tal disposiçaõ nos animos, e com-

plexoens,

plexoens, que inficionandose o ar de novo sobre os males, que particularmente affligiaõ todas as casas, e soltandose em peste descuberta, foy gravissimo o danno, que fez por todo o Reyno. Em Lisboa ouve muitas mortes, e por muitos lugares grandes: Especialmente ardeo a Cidade d'Evora com tanta violencia, que só no Convento de S. Domingos contamos nove Religiosos mortos. Entre os quaes foy o gravissimo Padre Frey Francisco de Bovadilha depois de duas vezes Provincial, como em seu lugar deixamos contado. Deste estrago foy causa principal a valerosa resoluçaõ, com que os Padres deste Convento se entregaraõ ao serviço da Cidade. Entre os quaes o que mais se esmerou em servir, e trabalhar, e em fim pagou com a vida, foy o Padre Frey Joaõ da Mota. Affirmase, que fora contagiaõ taõ cruel, juntandose o pouco resguardo, que entaõ avia na cura, que em grandes ruas inteiras naõ ficou cousa viva, nem avia cemiterios, pera receber os que morriaõ: Em fim se diz, que passaraõ os mortos de vinte sinco mil.

Mas naõ era Deos servido, que cessassem as pragas, e castigos deste Reyno (final evidente, que tambem lhe naõ ha de faltar com misericordias, e bonanças, como verdadeiro Pay que he) chegou outro anno oitavo sobre o de 1590. E como tres vezes os deste numero foraõ infelicissimos pera Portugal, e naõ menos pera toda Espanha: o de 568. com a peste grande, que nelle teve principio, e a correo, e assolou toda: o de 578. com a perda de Africa: o de 588. com o naufragio d'Armada, que foy contra Inglaterra, calamidade em reputaçaõ, e sustancia, quasi igual á Africana: Assi entrou este de 1598. com nova, e impetuosa contagiaõ. Mas foy pola misericordia de Deos muito menos o danno em Lisboa, que o da primeira, inda que maior que o da segunda. E valeo muito a experiencia, que se tinha do mal antigo, pera aver ordem, e preservaçaõ. Porque tanto que se declarou, foy primeiro conselho deputar quinta grande, e capaz sobre a Ribeyra d'Alcantara, sitio alto, e lavado dos ventos, pera Enfermaria dos feridos, com aposentos separados pera a convalecencia de homens, e molheres. Acudiraõ Religiosos das Ordens dos Eremitas de Santo Agustinho, e dos Menores, que com grande Espirito, e devaçaõ começaraõ a trabalhar logo. Deuselhes hum Cidadaõ, que assistia de fora, pera prover o que fosse necessario. E ainda que pareceo medo, mais que bom conselho, naõ foy o successo desacertado. Naõ faltaraõ os Padres de S. Domingos, por continuaçaõ de posse dos tempos passados, em se offerecerem ao trabalho; e foraõ os primeiros o Padre Frey Antonio de Santo Estevaõ, celebre Prégador, e já com titulo na Ordem de Prégador geral. Juntouselhe o Padre Fr. Jorge de S. Domingos, velho de muitos annos, que tinha servido de Porteiro mór, e Sacristaõ mór de Lisboa. Seguiraõno o Padre Frey Joaõ Mendes, e Frey Francisco da Costa, moço, e Irmaõ da Casa dos Noviços, que hoje vive, e dous Frades Ley-

Leygos, Frey Francisco da Madre de Deos, e Frey Luis Cardoso. Entregouse ao Padre Fr. Antonio por ordem do Presidente da Camara, que era Dom Gilanes da Costa, que depois o foy do Dezembargo do Paço, a Casa da convalescencia das molheres, como parte importantissima, e de grande confiança. Mas falecendo dentro de poucos dias o Padre Frey Lucas, e seu companheiro, que tinhaõ o governo todo, e procediaõ nelle com zelo, e caridade de verdadeiros filhos, que eraõ do Padre Santo Agustinho, e da Ordem dos Eremitas, ficou todo o peso da Casa á conta dos nossos Religiosos, a que acompanhavaõ alguns de S. Francisco, grandes, e zelosos trabalhadores. E foy nosso Senhor servido, que dentro de dez mezes, depois de entrados, foy aliviando o mal na Cidade, e na Casa da Saude avia tam poucos doentes, que geralmente se julgou o trabalho por acabado. Desempediraõse entaõ os Frades; e a Cidade ordenou huma devota Procissaõ de graças, pera em dia de Nossa Senhora de Setembro do anno de 1599. com que foy ao nosso Convento de S. Domingos: E querendo tambem mostrar agradecimento á Religiaõ na pessoa do Padre Fr. Antonio Enfermeiro mór, ordenou, que fosse nella como em triumfo á maõ direita do Presidente, e que depois desse as graças do Pulpito prégando. No fim do Sermaõ se lhe deu hum papel, que leo ao povo. O qual continha, que naquelles dez mezes, e poucos dias mais, que eraõ corridos de 25 de Outubro de 98 até 8 de Setembro presente de 99 tinhaõ entrado na Casa da Saude vinte mil duzentos, e vinte sete feridos da peste, dos quaes sahiraõ della sãos treze mil, oitocentos sessenta, e hum; e os mais faleceraõ. E por remate declarava o papel, que fora a despeza deste beneficio, sessenta, e oito mil, e cem Cruzados. Naõ he pera esquecer, que dos sinco companheiros da Ordem, com que o Padre Frey Antonio entrou, só hum lhe morreo, que foy o Leygo Frey Francisco da Madre de Deos; e por ser o caso muito notavel, conformou com elle o thema do Sermaõ, que tomou do verso do Psalmista, que diz: *Qui exaltas me de portis mortis, ut annuntiem omnes laudationes tuas in portis filiæ Sion.* (Psalm. 9.) Porem da doença, que naõ achou nos ares grossos, e inficionados da Casa da Saude, foy salteado o bom Padre, tanto que começou a gozar dos delgados, e salutiferos do Bayro d'Alfama, onde se foy recrear com seus pays. Fizeraõ com sua pureza (quem tal cuidara) effeitos pestilenciaes. Parece, que reconheceraõ, e apertaraõ os venenosos, que tanto tempo bebera, pera arrebentarem com a mesma furia, que faz a polvora em mina bem cerrada; e em fim arrebentaraõ em hum temeroso accidente de febres malinas, acompanhadas de todos os sinaes de fina peste, excepto postemas, que o teve atribulado, e perigoso hum mez inteiro.

Teve elRey Dom Filippe em Madrid noticia deste serviço, mandou escrever a Carta seguinte ao Padre Mestre Frey Alvaro Leytaõ, que entaõ era nosso Provincial.

PAdre Provincial. Eu elRey vos invio muito saudar. Por Carta de Dom Gilanes da Costa do meu Conselho, Presidente da Camara da Cidade de Lisboa, tenho sabido o muito serviço, que tem feito os Religiosos do Mosteiro da vossa Ordem da dita Cidade na occasiaõ do mal, que nella ouve, curando, e sacramentando os enfermos, e posto que isto he o que delles se devia esperar por sua muita Religiaõ, e virtude, quiz eu darvos por isso, como dou, os agradecimentos devidos. E tende por certo, que em tudo, o que ouver lugar, folgarey sempre de fazer toda a merce, e favor a essa Provincia, e em particular ao dito Mosteiro, e Religiosos delle. E porque de Frey Antonio de Santo Estevaõ sou informado, que tem servido muito bem, e com ventagem de todos os outros, darlhebeis de minha parte em particular as graças devidas; dizendolhe, que eu o terey em lembrança, pera no que se offerecer, folgar de lhe fazer merce. Escrita em Madrid a 30 de Setembro de 1599.

REY.

Mas naõ durou muito na Cidade o gosto desta saude. Logo no mez de Outubro seguinte começaraõ a picar rebates: segundaraõ polo Termo, com mortes arrebatadas; sinaes de verdadeira peste. Pareceo necessario abrirse de novo a Casa da Saude, que ainda estava com as paredes quentes do mal passado. Deraõselhe ministros seculares. E como todos os principios das cousas, primeiro que se acertem, trazem suas desordens, soou no povo, e nas orelhas dos zelosos, que avia falta de caridade em ambas as curas de corpo, e Alma. Acudio a Camara ao nosso Convento a buscar nelle o remedio primeiro. Naõ se atreveo com o veturoso Frey Antonio de Santo Estevaõ, que descançava, e merecia descançar do trabalho passado, e das febres, que contamos, de que naõ estava inda bem convalecente. Mas elle naõ esperou ser rogado, nem quiz, que outrem lhe ganhasse por maõ. Assi se offereceo pera o segundo trabalho, e taõ levemente caminhou pera a Casa da Saude, como se fora hir residir em hum jardim deleitoso, ou aposento de saude certa; sendoo tanto ao revez, que alguns Padres Menores, que o foraõ ajudar, e nunqua lhe faltaraõ huns traz outros, os mais acabou o mal repentinamente. Foy grandemente estimada na terra esta segunda determinaçaõ do Padre Frey Antonio.

tonio. E diante d'elRey pareceo de tanto preço, que logo no Março seguinte do anno de 1600. o honrou com titulo de Prégador de sua Capella.

Succedeolhe neste tempo hum caso, que muito acreditou o cuidado, com que procedia em todos. Entrou na Casa com outros feridos hum mancebo Alemaõ; tratando com elle em materias d'Alma, que era o primeiro medicamento, de que se tratava por estilo ordinario, e inviolavel; achouse com hum fino Herege Luterano. Aqui foy necessario novo genero de cura, cura de letras, doutrina, e Espirito. Tanto soube dizer, e fazer, que o bom moço Gerardo, que assi avia nome, recebeo por seu ministerio duas saudes, e duas vidas, e ficou redusido á Igreja com mostras de verdadeiro Catholico. Nesta cura de Espirito tinha este Padre experiencia antiga. Porque residindo no Convento, que temos na Cidade de Tangere em Africa, lhe aconteceo converter hum moço Turco, e duas melheres: E sendo huma dellas de resgate, tanto que a teve catechizada, buscou esmollas com que a pagou a seu Senhor; e bautisoua com tres filhos mininos. Durou a peste desta terceira vez, procedendo lentamente, e naõ acabando de levantar de todo até Fevereiro de 1602. que cumpriraõ dous annos, e quatro mezes. E todos aturou a residencia o Padre Frey Antonio. E achouse por conta, que curara neste tempo dous mil trezentos, e vinte seis feridos, dos quaes morreraõ mil trezentos sessenta e hum. Pouco depois em pago destes trabalhos foy nomeado por Sua Magestade por Bispo d'Angola, e Congo. Honra, e merce grande, quanto á dignidade; mas em tudo o mais pena, e desconsolaçaõ: E em fim genero de castigo dos mais graves, que se daõ a grandes malfeitores pola Justiça secular. Assi perdeo a vida em breve no desterro, que conservara annos inteiros no meyo da corrupçaõ, e fogo da Casa da Saude. E Lisboa perdeo hum Prégador, *de cujus ore* (como Tullio gaba no seu) *dulcior melle fluebat oratio.*

Quæst. Tusculan.

CAPITULO XI.

Do cuidado, com que os Religiosos de S. Domingos acudiraõ a outros lugares do Reyno na terceira occasiaõ da peste.

DA mesma maneira, que o mal desta ultima peste, que durou em Lisboa desdo anno de 1598. até o de 1602. foy menos violento na Cidade, que o primeiro que deixamos contado: Assi se embraveceo em furia por outros lugares do Reyno, como se pertendera pagarse nelles do que perdoara a Lisboa. E em todos, os que tinhaõ Conventos de S. Domingos, se oppuzeraõ contra ella os nossos Religiosos, como se só á sua conta estivera o remedio. Estava Evora cheya de lembranças do muito, que lhe custára este mal de dez annos atraz, como temos contado; bastaraõ elles pera lhe fazer grande medo, e aggravarem o trabalho. Mas naõ foraõ parte pera intibiarem os animos dos Frades de S. Domingos, que tambem tinhaõ diante dos olhos os muitos Irmãos, que entaõ perderaõ; an-

tes na hora, que a contagiaõ se descubrio, deraõ alegremente seus nomes pera Enfermeiros da Cidade, os Padres Frey Jeronymo da Cruz, natural de Portel, e Frey Manoel de S. Domingos, e o Irmaõ Leygo Frey Paulo do Horto.

Andando na Cidade do Porto muy acesa, tomou o Padre Frey Domingos d'Annunciaçaõ a cura, e serviço dos doentes com gosto, e graças da Camara da Cidade, que lhe entregou todo o governo Espiritual, e temporal da Casa da Saude, ao modo de Lisboa. Era o trabalho, que sostinha, intoleravel; porque juntava ao cuidado maior ser Enfermeiro, e sangrar tambem os doentes; que o sabia bem fazer. Assi o salteou a contagiaõ com grande furia. Mas o Padre S. Domingos guardou seu Frade; e dandolhe Deos saude por sua intercessaõ, tornou ao serviço, e nelle assistio, atè que o mal teve fim.

Na Cidade d'Elvas tanto que o mal foy descuberto, logo se apresentaraõ diante do Bispo sinco Religiosos do Convento, que alli temos, pera confessarem, e sacramentarem os feridos: E ordenando a Camara Hospital geral fora dos muros, como se uzava em Lisboa, entregou o cuidado do Hospital, e juntamente do temporal ao Padre Frey Salvador d'Ascençaõ; que assistio nelle atè o fim, com lhe custar adoecer perigosamente. Foy seu companheiro Frey Domingos da Magdalena, Irmaõ Leygo, natural de Lisboa; mas filho de Habito da nossa Congregaçaõ da India. Este Irmaõ tinha tanto Espirito, que fazia tres officios distintos, e escusava outros tantos ministros á Cidade. Porque era grande Surgiaõ; e curando, e sangrando como tal, quando os enfermos chegavaõ a passar da vida, achavaõ nelle santas admoestaçoens, com que partiaõ consolados. Mas o trabalho intoleravel pera hum só corpo, lhe abreviou os dias, e em fim acabou nelle.

A grande vizinhança, que a Cidade de Leyria tem com o Real Convento de S. Domingos da Batalha, foy causa, que tanto que o povo se inficionou da peste, lhe foy pedir o Padre Frey Jeronymo do Rosario, filho da mesma Casa: E estimando mais o bem dos proximos, que a vida propria, continuou na terra, confessando, e sacramentando todos os doentes, em quanto o trabalho durou.

Mas tudo venceo a força do mal, e da caridade, que vimos na grande, e nobre Villa de Guimaraens. Entrou a peste rigorosissima, e ao mesmo passo foy o Espirito, e valor, com que os Frades do nosso Convento se lhe oppuzeraõ. Ardia a terra, ordenouse com bom conselho casa separada pera cura, e recolhimento dos necessitados. Mas convinha, pera naõ perecerem ao desemparo, arriscaremse a acabar com elles alguns saõs. Tomaraõ este cargo, sem serem rogados, mas offerecendose a elle voluntariamente, os Padres Frey Gaspar das Chagas, natural da mesma Villa, mas filho do Convento de Bemfica, e Frey Jorge dos Anjos. Faziaõ ambos os officios ambos de Martha, e Maria. Acudiaõ a curar os feridos, e darlhes o mantimento corporal, e juntamente o mais principal dos Sacramen-

cramentos, e consolaçaõ da ultima hora. He grande o sacrificio, temeroso o martyrio; e por grande que seja o animo dos que a elle se atrevem, raramente ha quem escape. Assi durou poucos dias Frey Jorge. Mas naõ faltou no Convento, quem se oppuzesse ao lugar, e ao perigo. Foy o Padre Frey Joseph da Fonseca, nascido em Aveiro, e filho da profissaõ do Convento d'Evora: entrando animosamente, e acompanhando a Frey Gaspar, era de ver, como vencia com fervor de caridade a complexaõ natural, que era muy debil. E como trabalhava sobre as forças, duroulhe a vida muito á comparaçaõ do que aturava, e sofria. Deulhe a contagiaõ, consumioo em hum momento: E a Alma purificada no fogo della, foy gozar dos premios eternos. A Frey Gaspar guardou Deos pera remedio dos pobres na doença, e dos desemparados na saude. Viveo até o cabo da peste neste Collegio de amor do proximo, e pedra de fino toque das Almas, em que mora. Chegaraõ os feridos, que curou (que com este nome se declara esta infirmidade, como dada com setas do Ceo) a numero de seis mil: E destes escaparaõ com vida quasi os tres mil. Os mortos, e os vivos confessavaõ dever a Frey Gaspar, e a seus companheiros, huns o remedio das Almas, outros o corporal. Pera mais merecimento de Frey Gaspar, e da santa empresa, deixoulhe Deos á sua conta hum grande bando de mininos, que naõ conheciaõ outro pay, nem mãy. Porque os naturaes lhes tinha levado a peste, e eraõ taõ piquenos, que quasi todos estavaõ mais necessitados de quem lhes fizesse officio de mãy, que naõ de pay. Mas elle fazia ambos, como bom filho de S. Domingos. Eraõ cento, e sincoenta. Teveos a seu cargo, buscou esmollas, e sustentouos até os encaminhar onde tivessem criaçaõ no presente, e remedio no futuro.

Pouco depois dos annos, em que vamos, porque naõ ficasse nenhuma parte destes Reynos livre da grande affliçaõ da peste, com que Deos foy servido castigarnos, chegaraõ a inficionar as terras do Algarve: Mostrou o Senhor, que eraõ tiros de sua ira, e verdadeira pena de peccados. Correo todos os lugares daquelle Reyno com gravissimo dano. Apontaremos só o que passou a Cidade de Faro, que servirá pera exemplo, e pera escusarmos tratar das outras, tambem pera estimarmos, como soube acudir aos verdadeiros remedios de todo o mal, que saõ os do Ceo. Andava a contagiaõ sem freyo, naõ avia casa livre. Poz o Senhor misericordioso no coraçaõ de hum bom vizinho, que procurassem valerse dos Santos, e lançando sortes, aquelle tomassem por Patraõ, e Valedor, que nellas lhe desse o mesmo Deos, sem cuja licença nem as folhas das arvores fazem movimento. Agradou em geral a proposta, repartese em piquenos escritos huma grande Ladainha dos Santos, cresce o fervor, e a devaçaõ apertada da necessidade. Sahe por Remediador, e Advogado o Grande Thomás de Aquino, Doutor da Igreja, e filho de S. Domingos. Parece, que foy Espirito do Ceo o que a todos tocou. Taõ contente ficou

cou todo o povo com a sorte, que naõ ouve homem, que daquelle ponto em diante fizesse mais conta da peste: E ordenando logo huma devota Procissaõ, que se cerrava com a Imagem do Santo, fez o governo da Cidade hum auto de grande fé, e da confiança, que tinhaõ no Padroeiro. Tomaõ as chaves da Cidade, e metemlhas na maõ, como que nellas lhe entragavaõ a saude, e a salvaçaõ de todos: E apoz isto, como se a peste fora de todo acabada, mandaõ levantar Bandeira de Saude, grande: e maravilhoso poder da Fé! Foy cousa averiguada, e certa, que onde dantes ardia como fogo a corrupçaõ, naõ se sentio mais nem hum minino final della. Agradecida a Cidade fez dous autos de agradecimento ao Santo: Primeiro determinarse em celebrar aquelle dia, que foy aos sinco d'Agosto, com huma Procissaõ perpetua de cada anno: Segundo levantarlhes huma Capella, e Confraria na Igreja Matriz, em que he celebrado seu dia, e nome por todos os Nobres da terra.

CAPITULO XII.

Dos Religiosos da Ordem de S. Domingos, que acompanharaõ a elRey Dom Sebastiaõ, e seu exercito na infelice jornada d' Africa.

SUccede aos annos, em que vamos, outro serviço naõ menos importante, que os que deixamos contados, que a nossa Ordem fez ao Reyno, e ao Rey delle. Entra o anno de setenta e oito, de triste, e magoada memoria, que sempre o será pera Portugal: Memoria, que naõ só receya o animo renovar; mas dezeja fugir, e furtarse a cuidar nella. Com os infortunios da peste do anno de 569. foy força juntar todos, os que o seguiraõ da mesma qualidade nos tempos adiante, que he a ordem, que seguimos em todos os successos, quando saõ de huma mesma qualidade, por naõ interrompermos o fio da Historia, sobresaltando, e dando acada hum seu anno particular, como em outra Parte deixamos advertido. Tomou elRey Dom Sebastiaõ sobre sy, e contra o conselho de todos, os que lho podiaõ dar, a infausta determinaçaõ de passar aos campos de Africa em favor de Muley Mahamet Xarife, despojado do Reyno por Maluco seu tio. Passou a Arzilla com huma poderosa Armada tudo, o que avia de forças em Portugal: Exercito taõ luzido, que bastava pera maior empresa, se fora bem governado. Acudiraõ todas as Religioens a acompanhar seu Rey: Naõ faltou a de S. Domingos. E dos melhores sogeitos, que tinha, empregou dezanove em o servir, entrando nelles o Provincial, que entaõ era Frey Joaõ da Sylva. Diremos os nomes de todos, que naõ he rezaõ, fique nenhum em esquecimento, e esquecido. Apoz o Provincial logo o primeiro em qualidade de letras, e annos foy o Padre Frey Ayres Correa, Mestre em Theologia, e seguiraõse o Presentado Frey Christiano Simoens, Framengo de Naçaõ, e Presentado na Ordem, Frey Lopo de Sousa, que fora Vigario da Ordem nesta Provincia, e Prior de Lisboa, e de outras

outras Casas, Frey Manoel da Costa, que fora Prior de S. Gonsalo d'Amarante, e da Serra d'Almeirim, Frey Antonio de la Cerda, que depois foy Provincial, e Vigario geral da Provincia, Frey Gaspar d'Aveiro, Frey Joaõ da Costa, Frey Vicente da Fonseca, Presentado, que depois foy Arcebispo de Goa, e Primás do Oriente, Frey Agustinho da Costa, Frey Thomás de Sequeira, Frey Antonio Mendes, Frey Manoel do Rosario, e Frey Lourenço de Santo Thomás. Estes eraõ todos Prégadores. Juntaraõselhe Frey Manoel de Sousa, Religioso muito nobre, e por sua grande virtude muito aceito a elRey, e Frey Francisco Coelho, e Fr. Sebastiaõ de Goes, eminente Surgiaõ, de quem temos feito memoria em outra Parte; e dous Irmãos Conversos, hum pera ter cargo da Enfermaria, que era Frey Diogo da Piedade, e Frey Antonio de Santo Agustinho pera ser Sachristaõ.

Chegada a Armada a Arzilla, como era já por fim de Julho, tempo, em que o Sol por toda a parte faz effeitos de fogo, e maiores na terra de Africa; foraõ os primeiros, que começaraõ a sentir a differença do clima, e destemperança dos ares, a gente dos Tudescos, que hia no exercito. Fazia grande lastima a furia, com que os derribava a doença. Como era o primeiro trabalho, que se offerecia, adiantouse o Provincial a lançar maõ delle. Deu cargo de os curar ao Padre Frey Sebastiaõ de Goes, que inda que sua profissaõ era Surgia, tinha de medicina bastante conhecimento, e experiencia. Era lingoa sua, pera o que tocava ao Espirito, o Padre Frey Crispipiniano; pera o remedio, e cura corporal acudiaõ outros Padres. Eraõ as febres ardentes, e o mal taõ pernicioso, que se pegou logo aos Enfermeiros: E morreraõ brevemente os Padres Frey Lourenço de Santo Thomás, e Frey Manoel do Rosario. E como o Padre Provincial era Superintendente desta Enfermaria, acudindo pessoalmente, e com caridade a ver o que se fazia, foy salteato de huma febre taõ venenosa, que a deraõ os Medicos por mortal, e desconfiado de sua saude, tomouse por meyo, que sahisse da terra, pera ares menos inficionados, do que já estavaõ os de Arzilla com a multidaõ da soldadesca: Passouse pera Tangere, Cidade da mesma Costa, mas sadia de Ceo, e desabafada da gente.

Entrou o exercito com seu Rey pola terra dentro, demandando a Cidade d'Alcacere Quibir. Deuse a infausta batalha, que foy remate da vida pera tres Reys, ao de Portugal, e seu companheiro Mahamet com as espadas na naõ, vendendo a vida a preço de muito sangue inimigo: ao Maluco vitorioso, com doença de que já vinha apertado, e nesta conjunçaõ o acabou. Acabaraõ neste dia todos os Frades Dominicos, excepto alguns, que obrigados da doença se passaraõ a Tangere em companhia do Provincial: E outros sinco, que ficaraõ cativos, que foraõ Frey Antonio de la Cerda, Frey Joaõ da Costa, Frey Francisco Coelho, Frey Vicente da Fonseca, e Fr. Thomás de Sequeira. Do que a

a este Padres succedeo depois de cativos, e ao Padre Provincial em sua doença, diremos brevemente. O Provincial foy passando sua doença, e naõ sem esperanças de saude; até que foy certificado do desbarate, e morte d'elRey Dom Sebastiaõ: No qual ponto contaõ, os que que foraõ presentes, que sem dizer palavra, nem fazer outro movimento, se virou pera a parede, e deu remate a seus dias. Tanto póde huma dôr, e bem empregado sentimento. Era Religioso por todas suas partes digno de longa vida, e melhor fortuna: Muito caritativo com os doentes, muito pobre, e amigo dos pobres. Contase delle, que nunqua vistia Habito novo. E quando lhe davaõ algum, logo o trocava por outro já trazido, e usado: Nem tinha de seu outro Habito, nem Escapulario, senaõ o que trazia vestido: E depois de Prior de Santarem, Bemfica, e Lisboa, naõ se via na sua cella cousa, em que a cobiça pudesse fazer presa, mais que alguns livros: E esses poucos, e necessarios pera o ministerio da Prégaçaõ, que com muito gosto, e beneficio dos ouvintes exercitou sempre. Foy muito zeloso do bem commum, assi no que tocava á observancia da Ordem, como ás necessidades da Republica secular, em que se empregava de boa vontade, e facil entrada, e benevolencia, que sempre teve com elRey. Ao que juntava grande curiosidade no culto Divino, e particular devaçaõ ao Santo Rosario. Devemoslhe esta memoria aqui; porque a naõ fizemos entre os filhos de Lisboa, onde era propria, polo ser della, se nos naõ parecera, que tinha aqui mais conveniente lugar; e sem repetiçoens, de que sempre fugimos.

Os Padres cativos mandou elRey Mouro recolher na Sejana em companhia dos Fidalgos, e mais pessoas de resgate, parecendolhe, que lhes naõ faltaria tambem a elles por Religiosos, como naõ faltou. Aproveitaraõse elles do lugar, e occasiaõ, pera tornarem ao ministerio Religioso: Levantaraõ Altar, rezavaõ, e diziaõ sua Missa todos os dias. Cantos eraõ do Senhor em terra alhea: Mas de grande consolaçaõ, e alento pera os animos atribulados. Acudiaõ os mais dos cativos aos Domingos, e dias Santos: E como se foy entendendo, que naõ avia contradiçaõ de parte dos Mouros, que antes de ordinario eraõ pacificos ouvintes, celebravaõse os Officios Divinos com muita ordem, e concerto. Deu os ornamentos, e algumas Imagens, e retabolos Dom Francisco de Portugal, filho mais velho do Conde do Vimioso, que com sua grande liberalidade, e zelo, resgatou por muito dinheiro. Juntavaõse ao Coro, pera naõ faltar Musica, Capelloens d'elRey, e do Duque de Barcellos. Prégavaõ os nossos Frades. Com esta ordem chegando a Quaresma, ouve Completas solemnes todas as semanas, nas Terças feiras, Quintas, e Sabbados, acompanhadas muitas vezes de Prégaçaõ. E quando chegou a Semana Santa, se fizeraõ os Officios Divinos com toda a solemnidade, que pudera ser, se toda aquella companhia se achara livre, e em terra de Christãos. Porque alem

de huma devota Prociſſaõ, que ouve á Quinta feira á noite de muitas lagrimas, e ſangue de diſciplinantes; tendo commungado os mais dos Fidalgos, pola manhãa tiveraõ deſencerrado o Santiſſimo Sacramento vinte quatro horas, com muy decente apparato, e ſem nenhum temor, nem ſobreſalto. Porque alem de terem as portas da Sejana firmemente trancadas, e aver diligente vigia nellas, eſtavaõ providos de páos ferrados (que outras armas naõ eraõ conſentidas dos Mouros) pera em caſo, que ſe intentaſſe alguma irreverencia, porem todos as vidas por honra do Senhor, e da Fé. Cerrouſe a Semana com paz, e grande conſolaçaõ, e com huma ſolemne Prociſſaõ no Domingo de Paſchoa. Era o Prégador mais continuo ó Preſentado Frey Vicente da Fonſeca, que juntando grande eloquencia natural com o muito eſtudo, que tinha de boas letras, faziaſe ouvir com attençaõ, e goſto de todos os noſſos, e até dos Judeos Rabinos, que, como em ſua cegueira ſe prezaõ de Sabios, acudiaõ em grande numero ás Prégaçoens; e ainda que o fim era mais curioſidade, que aproveitamento, foy Deos ſervido, que abriraõ os olhos alguns, pera conhecerem a luz, e ſe virem depois a converter. Entre os Mouros Renegados, que tambem chegavaõ a ouvir a Doutrina Santa, fez ella tornar ſobre ſy o Alcayde Ali, que, por memoria de ſer Portuguez, era conhecido polo nome de Ali Rapoſo, e com elle ſua molher Cayda: E depois lhes bautiſou hum filho com grande contentamento de pay, e mãy, como deixamos contado em outra Parte.

P. 1. l. 3. c. 6. da Cronic. de S. Domingos.

CAPITULO XIII.

Do fim, que teve a cauſa antiga de precedencias, que corria em Roma, e como foy ſentenceada em favor da Ordem de S. Domingos, contra as de Santo Aguſtinho dos Eremitas, de N. Senhora do Monte do Carmo, e da Santiſſima Trindade.

HE de ſaber que, ſendo eleyto em Provincial deſta noſſa Provincia de S. Domingos polos annos de 1547. o Padre Meſtre Frey Franciſco de Bovadilha, como atraz fica tocado; e ficando vago o Priorado de S. Domingos de Lisboa, que elle governava, foy poſto em ſeu lugar o Padre Meſtre Frey Thomás Manrique, chegado de poucos dias da Provincia de Eſpanha, com perfilhaçaõ pera eſta de Portugal. Começando eſte Padre a ſervir ſeu cargo, eſtranhou muito aos noſſos Frades naõ fazerem diligencia por ſerem reſtituidos á poſſe antiga, que tinhamos neſte Reyno, e em todos os de Eſpanha, de precedermos em todos os autos publicos, e Prociſſoens ás tres Ordens de Santo Aguſtinho dos Eremitas, de Noſſa Senhora do Monte do Carmo, e da Santiſſima Trindade. Se o faziamos, por eſcuſar litigios, era frouxidaõ: Se por conſervar humildade, era culpa, naõ virtude, pois della reſultava detrimento pera toda a Religiaõ, que naõ ſó em todo o reſto da Chriſtandade tinha primeiro, e mais eminente lugar; mas tambem dentro na Cidade de Roma, na Capel-

Capella do Summo Pontifice, e em sua presença. Por estas rezoens determinou o bom Padre a pôr em juizo a causa; e na primeira occasiaõ, que se offereceo, mandou fazer juridicos protestos ás tres Ordens, pedindo nos largassem o lugar, que usurpado nos tinhaõ, e nos pertencia entre as Ordens Mendicantes: Passou o negocio a Roma: Correo largos annos. Até que finalmente se veyo a sentencear em tempo do Papa Clemente VIII. de felice memoria, no anno de 1602. pouco menos de sessenta depois de começada a demanda. O theor da sentença lançaremos em vulgar, pera maior noticia do caso: Sem embargo, que a posse, em que estamos, o faz mais pudlico, que todo outro instromento judicial. Seguese a sentença.

CHristi nomine invocato. *Por esta nossa sentença, que sentados em nosso Tribunal, e tendo só a Deos diante dos olhos, de conselho de Letrados damos por escrito na causa, e causas, que ante Nós correm entre os Reverendos Senhores, o Prior, Frades, e Convento de S. Domingos da Cidade de Lisboa, e outros Frades da Provincia, e Reyno de Portugal, da Ordem dos Prégadores Authores de huma parte; e os Reverendos Frades Ermitaens de Santo Agustinho, e da Santissima Trindade, e Nossa Senhora do Monte do Carmo, todas das Cidades, e Dioceses de Lisboa, Evora, Santarem, Coimbra, e Porto, Reos convindos da outra parte, sobre a execuçaõ das Letras Apostolicas, cuja data he em Roma* ad Sanctum Petrum sub Annulo Piscatoris, *aos dezaseis dias de Março do anno de 1600. acerca do modo de hirem nas Procissoens, que polo tempo em diante naquellas partes se fizerem; e de virem a ellas, e obedecerem a nossas Letras monitoriaes, pera sua execuçaõ por nós decernidas, e a elles legitimamente intimadas, e nos autos judicialmente repreduzidas, e sobre outras cousas nos autos da dita causa, e causas mais largamente deduzidas por esta occasiaõ: Dizemos, pronunciamos, determinamos, e declaramos os ditos Reverendos Prior, e Frades de S. Domingos da Ordem dos Prégadores da dita Provincia nas ditas Procissoens, e Congregaçoens de quaesquer Concilios Geraes, Provinciaes, e Sinodaes, e em todos os mais autos, e funçoens quaesquer, publicas, ou particulares, que polo tempo adiante se fizerem, segundo a for-*

ma das ditas Letras precederem aos ditos Frades de Santo Agostinho, Santissima Trindade, e Nossa Senhora do Monte do Carmo, e terem, e deverem de ter mais digno, e honrado lugar; segundo Nós queremos, que os ditos Frades da Ordem dos Prégadores precedaõ, e tenhaõ mais digno lugar. E mandamos aos ditos Ermitaens, e Frades da Santissima Trindade, e de Santa Maria de Monte Carmelo, que venhaõ ás Procissoens, e Congregaçoens, que polo tempo se fizerem, e sejaõ a isso obrigados, segundo forma das ditas Letras Apostolicas, e de nossas Letras monitorias, e que os ditos Frades de Santo Agostinho, Santissima Trindade, e Nossa Senhora de Monte Carmelo, devem de ser nisso condenados, como Nós os condenamos. E pera isso decernimos, e relaxamos qualquer mandado nosso pera tal effeito necessario, e opportuno: E lho concedemos, e mandamos, lhe seja concedido outro sim pola dita nossa sentença, dizemos, pronunciamos, determinamos os ditos Frades partes adversas; se em termo de quinze dias, depois que o instrumento das presentes particularmente lhes for intimado, ou por affixaçaõ das portas das suas Igrejas, naõ obedecerem ás ditas Letras Apostolicas, e ás nossas monitoriaes; e com effeito naõ vierem á primeira Procissaõ, e ás outras successivamente, e aos sobreditos autos; e naõ derem a dita precedencia aos Frades Prégadores assima ditos, e nos ditos autos reproduzidos, conteudos dagora pera entaõ in juris subsidium, encorreraõ em pena de suspensaõ á Divinis, e em outras Ecclesiasticas sentenças, censuras, e penas conteudas nas ditas Letras monitoriaes a elles intimadas, e nos autos reproduzidas, por naõ obedecerem a ellas, e por taes devem ser publicamente denunciados. E pera isto mandamos, lhe sejaõ concedidas Letras de suspensaõ necessarias, e opportunas, e aos ditos partes adversas condenamos em todas, e cada huma das custas, por parte dos ditos Frades da Ordem dos Prégadores legitimamente feitas: cuja taxa reservamos para Nós, ou pera aquelle, a quem de Direito ao diante pertencer: Naõ só no modo, e forma assima dita, mas em todo outro melhor modo. Assi o pronunciey eu Thomás Lapio Loco Tenen-

te.

te. Dada em Roma em nossas pousadas. Anno do nascimento do Senhor 1602. Indição 15 aos trinta dias do mez de Março, e do Pontificado do Santissimo em Christo Padre, e Senhor nosso, Clemente pola Divina Providencia Papa VIII. anno decimo.

CAPITULO XIV.

Em que se contem a Vida, e morte do Padre Frey Constancio Magni da Ordem de S. Domingos, que faleceo na Cidade de Marrocos em Africa.

AS mesmas rezoens, que nos obrigaraõ a fazer mençaõ em outra Parte desta Cronica da Prégaçaõ, e horrendo caso, que a seguio, do Padre Frey Alonso de Toledo, na Ilha de S. Miguel, sendo filho da Provincia estranha, e em nada pertencente a esta de Portugal, nos fazem agora força, pera darmos huma breve noticia neste lugar do grande Espirito de Fr. Constancio Magni, nascido em Italia, e morto em Berberia. Ajuntase, que como a Ordem de S. Domingos tem Convento em Africa, que he na Cidade de Tangere, com antiguidade de mais de duzentos annos, ficaõ justamente pertencentes a esta Historia todos os successos, que nella acharmos de Frades de S. Domingos, e de honra, e credito de nossa Religiaõ. Nasceo Frey Constancio em Pistoya, Cidade da Toscana, de pays Nobres. Sendo moço estudou Humanidades, e passou á Theologia. Neste tempo foy prevenido das bençoens do Senhor. Porque vivendo ainda sem sugeiçaõ, nem vinculo de Religiaõ, fez voto de Castidade, e Pobreza. E pera se valer de armas contra o Inimigo commum da virtude, ajuntou outro voto muito importante a tal fim, que foy de naõ comer carne, nem beber vinho. Neste estado lhe pareceo todávia, que seguraria mais a mercadoria, e thesouro do Ceo, se o escondesse nos claustros da Religiaõ; e escolheo a de nosso Padre S. Domingos, e nella professou. E como já era Theologo, foy logo mandado exercitar o ministerio da Prégaçaõ. Succedeo acharse em Roma por fim do anno de 1593., e ouvir contar grandes, e exquisitos tormentos, com que os Turcos tinhaõ martyrizado em Argel dous Padres de S. Francisco, e outros dous da mesma Ordem em Tunes, estando por ordem do Papa resgatando cativos. Enchiaõse de pavor os ouvintes, e elle abrasavase em fogo de inveja de acabar a vida em semelhante carreira: E cuidando muitos dias na gloria, que he pera hum Christaõ ser Martyr por Christo, em fim resolveo comsigo hirse por qualquer via, que pudesse a terra de Mouros, nella viver, servindo aos Christãos, e prégando a Christãos, e Mouros, e esperar, se seria Deos servido darlhe a boa sorte, a que sua Alma aspirava, de morrer por elle. Com tal determinaçaõ procurou, e alcançou licença

P. 2. l. 2. c. 7. desta Cron.

cença do Papa Clemente VIII. e achandose em Palermo de Sicilia, embarcou em huma náo, que passava pera Lisboa, e avia de tomar terra em Valença. Era seu dezenho ficarse em Valença, pera dalli passar a Argel, ou a Tunes com a primeira occasiaõ, que ouvesse de navio. Mas a Divina Providencia, que o tinha guardado pera maior serviço seu, e remedio de mais numero de gente, e mais necessitada, ordenou, que na mesma paragem da terra, em que cuidava ficar, se levantou hum temporal taõ forte, que sem poder alfazer, foy a náo correndo até Gibraltar, e alli tomou porto. Naõ desesperou Frey Constancio, vendose lançado taõ longe do que buscava. Foyse entretendo com officios de caridade, polos quaes, e pola singular abstinencia, que guardava, era estimado, e amado de toda a terra: Até que aportou nella huma Setia, que fazia sua viagem pera Barcelona. Alegre com tal passagem, assentou com os marinheiros embarcar com elles; e naõ tardou em juntar seus livrinhos, e algum pouco de mantimento, e tornarse ao mar. Neste caminho o veyo buscar hum homem desatentado, e affligido, pedindolhe quizesse mostrar sua caridade em hir confessar hum desemparado mancebo, que estava passado de estocadas a meya legoa do lugar: E naõ achava quem lhe quizesse acudir com a brevidade, que o caso pedia. Aqui entrou em contenda, e receyo de perder a embarcaçaõ, com o officio da caridade. Venceo a caridade, foy correndo ao ferido, que achou assaz necessitado. Porque as feridas eraõ mortaes: E naõ corria menos perigo o estado de sua Alma, polo estrago de costumes, em que tinha passado a vida; mas valeolhe o Medico com seu fervor, e Espirito, e santas admoestaçoens. Demaneira, que morrendo logo, naõ ouve quem duvidasse, que fora effeito da Predestinaçaõ, acharse com elle Frey Constancio a tal tempo: tantas foraõ as lagrimas, tantos os effeitos da verdadeira Contriçaõ. Naõ se contentou Frey Constancio com o que tinha feito: gastou algumas horas no Officio da sepultura. Porem, quando tornou, achou partida a sua embarcaçaõ. E entendendo daqui, que naõ era Deos servido da jornada, que trazia no pensamento, começou a tratar doutra com o mesmo fim nos effeitos, mas naõ nos lugares.

A grande vizinhança, que Gibraltar em Espanha tem com a Cidade de Ceyta em Africa (que naõ ha mais distancia de hum lugar a outro, que a do mar, que os divide, e este he aqui taõ estreito, que se contaõ só tres legoas de travessa em meyo) he causa, que seja a communicaçaõ, e trato de ambos continuo. Aqui soube Frey Constancio de moradores de Ceyta, praticos nas cousas de Berberia, que naõ padeciaõ menos trabalhos em Marrocos os cativos Christãos, que os de Argel, e Tunes: Nem tinhaõ menos necessidade no Espiritual. Deuse por obrigado logo com tal informaçaõ a procurar por todas as vias, que pudesse hirse pera elles. E pera tentar se acharia meyo pera entrar por Ceyta, communicou o pensamento ao Marquez de Villa Real, que

agora

agora he Duque de Caminha, e entaõ era Governador de Ceyta, de que tambem he Senhor. Reſpondeolhe o Marquez com toda brandura, e humanidade de grande Princepe, e muito Chriſtaõ, mas declarando, que pertendia huma impoſſibilidade; porque nem o Rey Mouro daria licença pera ſua entrada, nem elle acharia quem em ella ſe atreveſſe a levallo publico, nem eſcondido; porque naõ arriſcava menos, que vida, e fazenda quem tal fizeſſe. Mal ſofre contradiçaõ, no que pertende, hum animo reſoluto. Quiz tocar com as mãos o que ouvia por palavra. Paſſaſe a Ceyta, onde reſidio quaſi hum anno, e ſe fez taõ aceito na terra com ſua Prégaçaõ, e coſtumes, que levava traz ſy os coraçoens de todos. E o Marquez, polo agradar, eſcreveo com efficacia a hum honrado Valenciano, que a titulo de mercador reſidia entre os Mouros, e era Agente d'el-Rey de Eſpanha, quando ſe offereciaõ negocios com o Xarife, lhe procuraſſe a licença. Mas naõ ſervio mais eſta diligencia, que de deſengano final pera Frey Conſtancio, que naõ tinha que eſperar de Ceyta. Tornouſe entaõ a Gibraltar com novo dizenho de procurar a entrada por Mazagaõ: E offerecendoſe a cabo de tres mezes embarcaçaõ pera aquella Praça, foyſe a ella. Aqui naõ eſteve mais tempo, que em quanto paſſou a Quareſma, que era entrada quando chegou: E nella ſe ouve com tanto Eſpirito, como quem fazia conta, que ſeria a ultima, que avia de ter em terra de Chriſtãos. Acabada a Quareſma, na primeira ſahida, que o Capitaõ fez, ſe deixou ficar no campo, offerecendo a Deos os juizos, e má opiniaõ, a que ſe condenava entre os Portuguezes; porque a nenhum quiz dar parte do que fez. A duas legoas de Mazagaõ tem os Mouros outra Praça, que em tempos antigos foy ſenhoreada de Portuguezes, chamamaſe Azamor: Como entrou a noite, caminhou pera ella; e quando amanheceo, ſuccedeolhe a pedir por boca o que imaginava. Deraõ com elle Mouros, que ſahiaõ do lugar: Levaõno ao Alcayde, que a boa conta o mandou carregar de ferros, e pouco depois o levou a Marrocos, onde tambem tinha caſa, porque era a ſegunda peſſoa do Reyno, e Alcayde dos Alcaydes, e muy conhecido polo nome de Soffiane. Aſſi entrou Fr. Conſtancio a pezar de toda a Mouriſma em Marrocos.

Tinha já Frey Conſtancio fama, e nome entre os cativos honrados, que ganhara no tempo, que reſidira em Ceyta, e Mazagaõ. Eſcreveolhes logo huma carta chea de ſeu Eſpirito, e fazendolhes ſaber, que o naõ levava outra couſa a Marrocos, ſenaõ hum vivo dezejo de ſer participante de ſeus martyrios, e coroas, e de ſervir, e conſolar a todos: E por tanto ſe avizaſſem, que de ſeu reſgate ninguem trataſſe. Mas elles entendendo, que naõ tinhaõ outro remedio, pera ſe valerem de ſua doutrina, ſenaõ tendoo comſigo reſgatado, e livre, offereceraõ juntar entre ſy tudo, o que o Alcayde por elle pediſſe. E dando o cargo a Antonio de Saldanha d'Albuquerque, e a Diogo Marim, que o fizeſſem logo contar, repartiraõ entre ſy

a soma do resgate, com tanta vontade, que amanhecendo o dia seguinte, estavaõ juntos, e passados quasi mil Cruzados em ouro; que foy tudo, o que o Mouro quiz. Deste dia em diante começou Frey Constancio hum genero de vida de grande edificaçaõ, e consolaçaõ pera todos. Dizia sua Missa duas horas ante manhãa, acompanhada nos Domingos, e dias Santos de Prégaçaõ, que fazia com tanto Espirito, que muitos Renegados, compungidos do que lhe ouviaõ, se ficavaõ na Sejana, pera com elle tratarem do remedio de suas consciencias. Depois de amanhecer caminhava pera o Hospital dos pobres Christãos, curando, esforçando, e consolando a todos, sacramentando primeiro os que tinhaõ necessidade. Apoz isto buscava os cativos antigos, e sãos, conversava com elles: E a voltas de boa conversaçaõ tratavalhes dos bens do Ceo, e das penas do Inferno. Davalhe Deos graça, com que tirou a muitos de peccados graves, e fez confessar a outros, que de dez, e doze annos naõ sabiaõ, que cousa era Confissaõ: Mas naõ se descuidava de sy com o muito, que fazia polos proximos; lembrado do que diz S. Paulo, que convem ao Prégador Evangelico, pera naõ cahir no que reprehende aos ouvintes. Era sua vida huma penitencia continua; jejuava o anno inteiro, e alem dos jejuns de sua Ordem, ás Quartas, e Sextas feiras, e Sabbados, passava sem mais, que paõ, e agoa: Sendo assi, que em nenhum tempo bebia vinho, como atraz dissemos.

Com esta ordem de vida continuou dous annos, e meyo, até entrar o de 1598. em que deu peste em Marrocos com tanta furia, que, sendo costume entre os Mouros naõ usarem de nenhum resguardo contra o mal, pode mais com o Xarife o medo della, que o preceito de sua ley, que he naõ fugir, nem desviar do açoute do Ceo, em quanto dura. Sahiose da Cidade buscando ares livres, e salutiferos. E foy o conselho taõ acertado, que, depois de hido, ouve dia, que levou á sepultura mais de quatro mil homens. E naõ falta quem affirme, que das sinco partes daquelle grande povo, naõ ficou mais, que huma, quando cessou a contagiaõ. Que fariaõ em meyo de tamanho incendio os pobres cativos sogeitos a barbaros, que nenhum remedio, nem desvio faziaõ delle, e se deixavaõ morrer como brutos? Entaõ mostrou Deos, que pera seu remedio lhes trouxera alli Frey Constancio: Averiguouse, que de mais de quinhentos cativos, que nesta occasiaõ pereceraõ, nenhum foy sem Confissam, e a todos assistio na ultima hora, e aos mais sacramentou com o Santo Viatico, que comsigo levava escondido, e dissimulado em huma boceta piquena. E aos mais desemparados acudia com remedios corporaes de Botica, galinhas, e doces. Sobre tam bom serviço quiz o Senhor acrescentarlhe os merecimentos, permitindo, que sentisse tambem o tormento de peste: Mas deulhe tanto animo o zelo de acudir aos proximos, que tomou as febres ardentissimas em pé, e curou as postemas, que foraõ tres, sem fazer cama, só por naõ faltar

tar aos affligidos, e pobres: Cujo remedio, e saude lhe dava mais cuidado que a propria. Durou a força do trabalho quatro mezes: E Frey Constancio sempre constante, e com taes forças, que pareciaõ do Ceo. O que era, e foy causa de muitos, e naõ cuidados bens dos cativos pera entaõ, e pera o diante. Porque os mercadores Christãos, e cativos nobres, e ricos, admirados de tanta caridade, acudiaõlhe com largas esmollas pera o emprego presente, e os que falleciaõ, todos lhe deixavaõ o que possuiaõ, pera que o gastasse, como lhe parecesse, sem nenhuma limitaçaõ. E como foraõ tantos os mortos, e elle só o herdeiro, ou depositario, resultou em huma soma mais grossa, do que se póde crer. Mas o Padre deu della taõ boa conta, que brevemente a passou toda ao Ceo em favor dos defuntos. Porque no tempo do aperto, e tribulaçaõ da peste repartia esmollas com hum extremo de liberalidade a todo genero de necessitados, sem respeito de ser Christaõ, Mouro, ou Judeo, o que lha pedia. Depois de passado o mal, deu noutro emprego de grande serviço de Nosso Senhor: Resgatava moços, e moças, que estavaõ em perigo de renegarem da Fé. E tal ouve, que lhe custou de resgate seiscentos Cruzados. A outros cativos ajudava com parte do em que estavaõ cortados, quando lhe constava, que naõ tinhaõ outro remedio de liberdade. E averiguouse, que foraõ destes mais de trinta resgatados. E no mesmo tempo, como entre os Mouros póde a cubiça mais, que os preceitos de sua Seyta, contratava com os que eraõ praticos nos caminhos, passaremlhe a terra de Christãos alguns Renegados Andaluzes, que obrigados de suas Prégaçoens tornavaõ sobre sy, e dezejavaõ reconciliarse com a Santa Igreja: e eraõ já taõ publicos estes officios na terra, e o gosto, com que os fazia, que chegou a fama a levallos diante do Caddi, que em Berberia he como entre nós Justiça do Espiritual, ou Ecclesiastico: E este naõ tardou em dar conta a elRey, que mandou logo fosse buscado Frey Constancio, e levado á prisaõ dos Mouros, com ordem, que nenhum Christaõ o visse, nem lhe consentissem ter papel, nem tinta; e sobre tudo, o carregassem de ferros de peso de hum quintal. Foy dia de triumfo pera Frey Constancio, verse assi tratado; sendo de grande dór, e lastima pera todos os Christãos, que julgaraõ, naõ sahiria dalli com vida. Passados vinte dias succedeo, que visitou a cadeya o Aquéme, acompanhado do Caddi. He Aquéme em Marrocos officio de justiça secular supremo, que responde entre nós ao Regedor de Lisboa; mas com muito aventejada authoridade, e jurisdiçaõ. Porque sentencea verbalmente, até cortar pés, e mãos, e arrastar, e matar: E tem por costume despejar a prisaõ de cada visita, que faz. Tendo despachado a mór parte dos presos, e parecendolhe, que naõ avia mais que fazer; foylhe dito, que ficava inda na prisaõ hum Christaõ, que elRey mandou a ella com rigor. Mandado apparecer, e perguntado por suas culpas, respon-

deo com liberdade Christãa, que naõ sabia outras, senaõ eraõ aconselhar a todo genero de homens o que pera sua salvaçaõ lhes cumpria; o que fazia de boa vontade, visto como tudo o da vida era momento, e passava como sombra, e só se devia fazer conta dos bens d'Alma, que grangeaõ o Reyno do Ceo, pera que Deos creára toto homem racional. Era o Aquémne velho na idade, e de bom entendimento, e segundo se dizia, e alli o mostrou, naõ mal inclinado pera os Christãos. Fallou com elle hum espaço desassombradamente (que até dos inimigos se faz estimar a virtude) e por fim lhe mandou aliviar o peso das cadeas pola ametade, e que fosse passado ao carcere dos Judeos, onde o pudessem visitar, e consolar os mais cativos. E naõ faltando quem o advertio, que estava alli preso por elRey, respondeo, que a ira do Senhor pera com seu cativo, naõ era rezaõ, que passasse de huma hora.

Eraõ presentes alguns cativos. Levaraõno em hombros, e com tanta alegria, como se de morto resuscitara a vida. O aposento, que lhe deraõ, foy dadiva verdadeira de Judeos. Melhor lhe podemos chamar cova, que aposento: Sete palmos de altura, e alguma cousa menos de comprido, sinco de largo. Em tal estreiteza viveo o bom Padre quatro annos, e dez mezes, e alguns dias mais, até os vinte quatro d'Agosto de 1604. No qual dia faleceo o Xarife, e lhe succedeo na Coroa Muley Bufferes seu filho: Que como he lá costume soltaremse todos os presos no levantamento do novo Rey, mandou, que fosse solto Frey Constancio, e entregue aos Christãos. Tornado á Sejana, começou a entender em suas occupaçoens primeiras, de Missa quotidiana, e sua Prégaçaõ de tanto Espirito, que bem se mostrava, lhe rendera o aperto da prisaõ novos, e altos interesses do Ceo. Mas estava taõ extenuado de suas gravissimas penitencias, que nunqua deixou no carcere sobre o tormento dos ferros, e do sitio, que tudo era intoleravel, que naõ durou mais, que mez e meyo. Depois deste genero de liberdade, deulhe hum Prioris, que logo conheceo por remate da vida; e acabou dentro de dous dias. Porque o sogeito naõ estava em estado de poder resistir; e o Senhor queria coroar suas virtudes. Foy morte de Cisne, que acaba cantando, tanto na paz, e alegria, com que a recebeo, como na efficacia das santas amoestaçoens, com que se despedio de todos os cativos em geral, e particular: Antonio de Saldanha, e Diogo Marim tomaraõ á sua conta o Officio da sepultura, que se fez o melhor, que o tempo, e a terra sofria, com mais lagrimas, que pompa, com mais saudades, e silencio, que vozes, nem cantos funeraes.

CAPITULO XV.

Fundaçaõ do Mosteiro de Freiras do Sacramento em Lisboa sobre o Rio, junto á Ponte d'Alcantara.

PAssava de trinta annos, que esta Provincia naõ dava ouvidos a nenhum genero de fun-

daçaõ de Conventos, quando se offereceo huma, que por muitas rezoens pareceo digna de ser aceitada, e estimada. Eraõ, os que a propunhaõ, o Conde do Vimioso Dom Luis de Portugal, e a Condeça Dona Joanna de Castro Mendoça, sua molher, Irmãa do Conde de Basto Dom Diogo de Castro. E obrigava muito huma circunstancia, que offereciaõ, que era, de mais do dote do Mosteiro, entregarem á Religiaõ de S. Domingos suas pessoas com raro exemplo em gente de tanta qualidade, executando entre sy hum santo divorcio. De sorte, que ella tomasse o Habito, e professasse na mesma Casa, que instituiaõ: Elle no Convento de S. Paulo d'Almada. Muitas cousas faz parecer novas o serem muito antigas, ou estarem já esquecidas no mundo. Semelhante caso deu principio ao nosso Convento de Nossa Senhora da Piedade d'Azeitaõ, como atraz deixamos escrito, só com differença na authoridade, e partes das pessoas, que eraõ muito inferiores, naõ no feito. Ouve duvidas sobre a quantia do dote, que os Condes prometiaõ, que era de duzentos mil reis de juro, pagos nas rendas da Casa do Vimioso. Julgavaõ os Padres por muy curta porçaõ esta, pera aver de sahir della sustentaçaõ das Religiosas, e a fabrica dos Claustros, que as aviaõ de agasalhar. Quanto mais, que pera averem de guardar sem mudança o ponto mais alto, e mais riguroso da Regra de S. Domingos, como os Condes pertendiaõ, nenhuma cousa era mais conveniente, que possuirem tanta abundancia de renda, que escusassem mendigar polo povo, e parentes (cuidado, e occupaçaõ de que ordinariamente nascem relaxaçoens). Sobre tudo pareceo naõ encontrar a vontade dos Instituidores, entendendose, que a novidade, e titulo da Casa, que avia de ser do Santissimo Sacramento, chamaria tantos sogeitos Nobres, e Familias ricas (como logo se foy vendo) que os dotes supririaõ pera o edificio, que se avia de levantar, e juntamente pera acrescentar a renda. Ao que se juntou, declararem os Condes, que sem embargo de ser costume no Reyno, ficarem por donos da Capella Mór, e com titulo de Padroeiros as pessoas, que dotaõ, e fundaõ qualquer Mosteiro; elles eraõ contentes de largar todo este direito: De que estava certo, averem de resultar grandes interesses á Casa: Porque naõ podia faltar polo tempo em diante pessoa muito eminente em poder, e Nobreza, que pagasse com liberalidade a honra de tal jazigo, e tal Padroado.

Aceitado o Mosteiro pola Ordem, foy segundo cuidado tratar do sitio, em que se lhe avia de dar principio. E como de presente faltava cabedal pera a fabrica nova, e os Fundadores sentiaõ mais, do que se póde dizer, qualquer hora, que se lhes dilatava o entregarse a Deos na Religiaõ: Porque as grandes resoluçoens perdem muitos quilates nos olhos do mundo, e até dos mesmos, que as tomaõ; se depois de publicas, e assentadas, correm com froxidaõ: trataraõ de tomar de aluguel hum aposento nobre, e capaz de se poder encerrar nelle

a Condeça Fundadora com algumas Religiosas, que avia de tirar de Mosteiros da Ordem pera Mestras da Observancia; e começarem juntas na forma de Religiaõ, que estava assentada. Escolheraõse as casas, que foraõ do Morgado, dos campos abaixo de S. Vicente de Fora, e sobre o Bayro d'Alfama. E como se tomavaõ por interim, compuzeraõse com pouco apparato, e brevemente de sua Igreja, e Coro, e mais officinas: Permaneira, que aos nove do mez de Julho do anno de 1607. se acharaõ dentro em perfeita clausura as Madres, que vieraõ pera fundar a Religiaõ, repartidos entre sy os cargos ordinarios della. E a Condeça entrou em seu Noviciado. De fora ficou por Vigario o Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, que hoje he meritissimo Bispo de Viseu, acompanhado de Confessor, e Capelloens, segundo costume, e Ordem das nossas Religiosas.

Composto, e assentado assi o material do Mosteiro, começou a correr no formal do Espirito, e Religiaõ, com tanto concerto, e verdadeira guarda do primeiro rigor, e austeridade, que nosso Santo Patriarcha introduzio na Casa de S. Xisto de Roma, que foy em grande extremo a edificaçaõ, que deu nesta Cidade, e o gosto, e benções, com que o recebeo o Illustrissimo Dom Miguel de Castro, nunqua bastantemente louvado Arcebispo della, e tio da Fundadora, Irmaõ de seu Pay. Seguiose logo o que se tinha pronosticado. Começaraõ a pedir o Habito muitas pessoas de qualidade, naõ só nada espantadas das asperesas, que se contavaõ, mas antes convidadas dellas, e pera ellas alvoroçadas. O que foy causa, que o Vigario, passados poucos annos, se encheo de animo, e começou a tratar de lhes levantar morada propria, e perpetua. E reconhecidos muitos sitios, veyo a escolher hum, que, tirado ser fora dos muros, naõ podia achar melhor. Avia na estrada, que corre do Bayro, que chamaõ da Pampulha, pera a Ribeira, e Ponte d'Alcantara, hum estendido, pedaço de terra lavradia chaõ, e desabafado, cuja largura capaz de hum grande edificio era da estrada pera o mar, e o comprimento corria dos fornos da cal, até pegar nos muros da quinta do Aposentador Mór Lourenço de Sousa: quinta nobre, que fica sobre a Ribeira d'Alcantara. E com ser terra, que se lavrava cada anno, tinha o fundamento sobre huma pedra viva. Esta pedra descendo talhada, e pendente sobre as agoas do Rio, onde com estreiteza correm, como em garganta apertadas com os montes altos d'Almada, faz o sitio forte, pera bom fundamento do edificio; e taõ alto, e sobranceiro, que fica Senhor de todo o Rio, e livre dos danos, e vizinhança da praya, que lhe lava os pés: Offerece defronte, como paynel, as rochas d'Almada, vestidas em parte de verdura, parte ao natural descompostas: E contra a boca da Barra, larga, e fermosa prospectiva, até se perder a vista no mar. Em tal sitio, e no mais eminente delle foy o Vigario dezenhando o seu Mosteiro. E como começou a ter algum cabedal, naõ quiz dilatar

latar a fabrica, fiando, e dixando á conta de Deos os fins.

Era entrado o anno de 1612. assistia nesta Cidade de Lisboa Dom Frey Aleixo de Menezes, da Ordem dos Padres Eremitas de Santo Agustinho, Arcebispo de Braga, Primás das Espanhas, depois de ter governado muitos annos a Igreja de Goa na India Oriental, tambem Primacial della. Pediraõlhe as Religiosas, quizesse dar principio á Casa de Deos, assentando por suas mãos a primeira pedra do edificio. Determinouse o dia, que foy a a sete de Janeiro do mesmo anno. Veyo o Arcebispo, e fez a Santa Ceremonia com grande solemnidade. A pedra levava entalhada a letra seguinte.

IEsu Domini, veri Filii Dei arcanæ Deitati, in bonæ gratiæ Sacramento, Vivo Pani immortalitatis alimoniæ, vitalis mortis Symbolo, divinique Amoris monumento, pauperes Sorores Dominicanæ, primitivæ Observantiæ voto, Domum in solo puro sacrant, & nuncupant devotorum Comitum de Vimioso fundatam reditibus. Adsit quæ Deum cepit, Virgoque edidit, altrix Rosarii, & mundi utriusque Domina, ter Beata Maria, una cum Sponso Joseph, & loci Patronis Servo Dominico, Virgineque Senensi, & cum tota Cœlitum Aula, numine propitio. Sacrat Illustrissimus Dominus D. Alexius Menesius, Orientis olim Ecclesiæ, & nunc Hispaniarum Primas. Anno Domini 1612. Januarii die septima.

Em vulgar responde-o o seguinte.

A Divindade do Senhor Jesu, verdadeiro Filho de Deos: Divindade encuberta, e encerrada no Sacramento da boa graça: Ao Paõ Vivo, que he Mantimento de immortalidade, Symbolo de morte vital, penhor, e lembrança do Amor Divino, as pobres Freiras de S. Domingos dedicaõ, e consagraõ esta Casa, com voto da primeira Observancia, em terra pura, e nova, de que saõ Fundadores com sua fazenda, e rendas os devotos Condes do Vimioso. Acudalhe com seu favor, e ajuda aquella Senhora, que em sy recebeo a Deos, e o pario, ficando Virgem, Mãy do Rosario, Senhora de hum, e outro Mundo, mil vezes Bemaventurada

turada Maria, e acompanhemna seu Esposo Joseph, e os Padroeiros naturaes da Ordem, seu Servo S. Domingos, e a Virgem Catharina de Sena, com toda a Corte Celestial. Fez o auto da Sagraçaõ o Illustrissimo Senhor Dom Aleixo de Menezes, Primás que foy da India Oriental, e agora o he das Espanhas, em sete dias de Janeiro, anno de 1612,

Foyse proseguindo na obra deste dia em diante, sem levantar maõ, e com taõ boa diligencia, que quando entrou o mez de Setembro do anno de 1616. avia bastante gasalhado pera as Religiosas, sem embargo de faltar muito pera a perfeiçaõ de Mosteiro, e ellas terem crescido muito em numero. Estava acabado o Dormitorio, que ficou lançado no comprimento do sitio ao longo do Rio, com a Igreja no topo do Nascente, e no contrario casa de lavor com janellas altas, e de recreaçaõ pera seus tempos contra a terra; Igreja piquena, porem maior, que a tençaõ, e animo das Religiosas, que em tudo queriaõ conformarse com aquella antiga pobreza de nossa Regra. Da estrada pera a Igreja se procurou boa distancia, tanto pera fugir da perturbaçaõ dos passageiros, como pera ficar diante praça commoda, e authorizada. Esta mesma tem com aposento o Vigario, e Capelloens, que se fabricou pera quietaçaõ por detraz da Capella Mór, com suas janellas, e varandas de Sol sobre o Rio. Aprazouse logo dia pera a transmigraçaõ da Casa alhea pera a propria, que foy solemnissima. Porque acudio toda a Nobreza da terra, parte por auto de devaçaõ, e Christandade; parte pera acompanharem suas parentas; e outros por curiosidade de ver, e notar cousa poucas vezes vista. Seguio o povo a Nobreza: E como o de Lisboa he geralmente pio, e muito devoto, tanto que soou a nova da passagem, naõ ficou homem em casa, nem em tenda; foy o concurso, como da mais celebre Prociſſaõ de todo o anno. Foraõ em coches até o Mosteiro de Santo Alberto. Alli se formou a Prociſſaõ. Estava na rua posta em ordem a Communidade dos Frades de S. Domingos de Lisboa, com sua Cruz diante, acompanhados de alguns dos Conventos vizinhos. Foraõ sahindo as Madres, e tomando o meyo da rua, segundo suas antiguidades, e precedencias no Habito: Chegaraõse os parentes ás que os tinhaõ, e foraõse com ellas ao seu passo com toda cortezia, e bom termo. Cerrava a Prociſſaõ o Arcebispo, naõ tanto por tio da Condeça Fundadora, como por Prelado zelosissimo de todo bem, levando debaixo do rico Pallio o Santissimo Sacramento, preço de nossa salvaçaõ, e titulo, e honra do novo Mosteiro. Deu o caminho occasiaõ aos bons entendimentos de se edificarem, e compungirem, vendo molheres

1616.

res fracas caminhar com gosto pera encerramento, e sepultura perpetua, gente illustre cuberta de saco do mais vil, mais seco, e aspero, que usaõ os moradores dos montes: Rosto, e olhos tapados de toucas negras, final naõ só de mortificaçaõ, mas de verdadeira morte. Mas naõ fez menos aballo o que muitos viraõ no Mosteiro novo. Estava aberto, e a entrada franca aos seculares, em quanto tardavaõ as Madres. Espantados da estreiteza das cellas, pasmavaõ do enxoval de cada huma, pera cama, enxergaõ de palha sobre huma vil taboa, fazendo officio de cobertor, lençois, e travisseiros o mesmo saco dos Habitos, ou outro mais crespo: Na parede sobre a cabeceira huma Cruz de pao, sem outro paynel, nem retabolo; pera assento huma cortiça. E tal era o concerto de todas sem differença em nenhuma.

Recolhidas as Religiosas na Casa nova, como se com a mudança da morada entraraõ em nova obrigaçaõ, ou ouvera que melhorar na vida, que na outra faziaõ: Assi começaraõ com estranho fervor de Espirito, acrescentar Oraçaõ, estender as vigias, carregar a maõ nas penitencias. Parece, que o ver crescer a obra de pedra, e cal, que todavia continuava, lhes dava motivo, e animo, e pera fazerem mingoar, e decrescer as paredes vivas á força de trabalho proprio; que todavia foy a algumas occasiaõ de abreviar os dias da vida. Porem com tanta opiniaõ de santidade, e tantos mimos, e favores sabidos do Divino Esposo, que se tiveramos licença pera fazer especificada relaçaõ, crescera este ultimo livro em Volume, e juntamente em preço, e grande estima. Como este Mosteiro he o Benjamin, e ultimo em idade da Provincia, tomaõ as Madres delle por timbre de humildade, ou brio santo, naõ consentirem, que sayaõ a luz suas proezas em companhia das que deixamos contadas dos Irmãos mais velhos: O que me faz ter por certo, que assi como o ouro no mais profundo da terra entranhado, lá está recebendo as influencias do Sol, que o cria, e crescendo em quantidade, e quilates: O que lhe naõ acontece depois que anda polas mãos dos homens: Da mesma maneira, quando daqui a longos annos derem licença estas Religiosas, que se publiquem no mundo as maravilhas, que a maõ do Poderoso Autor da Natureza, Sol Divino tem obrado, e vay obrando cadadia nellas: Enchaõ de espanto, e inveja a quantos as ouvirem: E naõ falte mais alentado Escritor, que dellas componha particular, e famosa Historia.

CAPITULO XVI.

Em que se dá conta da merce, que elRey fez a esta Provincia de S. Domingos de Portugal, dandolhe hum lugar perpetuo no Tribunal Supremo da Santa Inquisiçaõ.

DO anno, em que foy a Fundaçaõ do Mosteiro do Sacramento, até o de 1614. naõ achamos cousa digna de entrar nesta Cronica, excepto huma, que o mesmo anno de 1614. nos offerece de grande honra desta Pro-

1614.

Provincia, e que muito nos vem a proposito; para darmos com ella final conclusaõ a este Livro, e remate a toda a obra de tres grandes Volumes, que com o Favor Divino vamos chegando ao porto. Mas he primeiro de saber, que governando a Igreja de Deos o Summo Pontifice Bonifacio IX. legitimo successor de S. Pedro, eleito em Italia por falecimento do Papa Urbano VI. durando a grande Scisma, e divisaõ, que entaõ affligia a Christandade, tinha tanta satisfaçaõ da constancia, e valor, com que os Religiosos de S. Domingos das Provincias de Hespanha defendiaõ a Fé Catholica, contra todo o genero de Heresia, & Hereges, que obrigado della lhes mandou despachar hum privilegio, cuja sustancia era, que tanto que o Provincial da Ordem de S. Domingos da Provincia de Hespanha (que entaõ comprehendia o que agora está dividido em tres Provincias; a saber Castella com titulo de Hespanha, Andaluzia, e Portugal) fosse legitimamente eleito, ficasse logo com tal authoridade nas materias da Inquisiçaõ, que pudesse nomear huma pessoa, e a mesma revogar, quando lhe parecesse, para Inquisidor de Hespanha: E naõ obstante a tal nomeaçaõ, exercitasse elle Provincial tambem o mesmo officio, se quizesse, assim em auzencia, como em presença do seu nomeado. Este breve original achámos no Cartorio do Convento de S. Domingos da Batalha: E obriganos a fazer mençaõ delle neste lugar, ver que passando já de duzentos annos, que nos foi dado, e naõ se praticando muitos ha; foi Deos servido, que a grande piedade, e devaçaõ d'ElRei D. Filippe III. em Castella, e II. em Portugal, como por revelaçaõ o resuscitasse. E naõ com menos favor: Porque ordenou, e mandou que no Tribunal Supremo do Santo Officio da Coroa de Castella, e no da Coroa de Portugal, tivesse hum lugar perpetuo a Ordem de S. Domingos: E assim o fez saber por suas Reaes Letras ao Inquisidor Geral de Portugal, nomeando logo no deste Reino a pessoa do Mestre Fr. Manoel Coelho: Grande, e soberana mercê. Em que ha de consideraçaõ duas circumstancias, que muito a engrandecem: Primeira, naõ ser pertendida, nem buscada: Segunda, o fundamento, que ElRei toma, e declara, que teve para a fazer, do zelo, e cuidado, com que sabia, que a Religiaõ de S. Domingos, e todos seus filhos acudiaõ á defensaõ da verdade da Fé Catholica. Daremos primeiro o treslado da Carta d'ElRei: E cerraremos o Capitulo com o Breve Apostolico.

Treslado da Carta.

POr ElRey. Ao Reverendo Bispo D. Pedro de Castilho, do seu Conselho d'Estado, seu Capellaõ Mór, e Inquisidor Geral de Portugal. Reverendo Bispo Inquisidor Geral, amigo. Eu ElRei vos invio muito saudar. Aven-

vendo respeito, a que a principal obrigaçaõ do Instituto da Ordem de S. Domingos dos Prégadores he a defensaõ da verdade de nossa Santa Fé Catholica, e extirpaçaõ das Heresias, em que os Religiosos da dita Ordem se empregaõ sempre com o cuidado, e zelo, que he notorio: E por a particular devaçaõ, que eu tenho: Hei por bem de lhe fazer merce de hum lugar perpetuo no Conselho do Santo Officio da Inquisiçaõ, dessa Coroa: assim como nesta lho concedi agora: E por a boa informaçaõ, que me foi dada das letras, e virtude do Mestre Fr. Manoel Coelho, tendo tambem consideraçaõ ao tempo, que ha, que serve de Qualificador do Santo Officio, o nomeio para o dito lugar do Concelho delle; e vos encomendo, e encarrego muito, que em conformidade desta resoluçaõ, ordeneis, que se passem logo os despachos necessarios, para elle aver effeito, e me venhaõ a assinar. Escrita em S. Lourenço, a 23 de Setembro de 1614.

REY.

Trazia esta Carta posta a vista pelo Conde de Villa Nova, D. Manoel de Castello-Branco, que entaõ assistia no Conselho d'Estado de Portugal em Castella, e era nelle Conselheiro mais antigo. E depois de vinda a Portugal, foi feita registar na Torre do Tombo por Diogo de Castilho Coutinho, Guarda Mór della, no livro nono das Doaçoens d'ElRei Dom Joaõ o III. a folhas 186.

Treslado do Breve do Santo Padre.

BOnifacius in perpetuam rei memoriam. Sedis Apostolicæ providentia circumspectans hæreticæ pravitatis labe respersos, quorum nequitia serpit, ut cancer, ne in aliorum perniciem sua venena diffundant, remedium libenter adhibet opportunum: ut exinde negotia Catholicæ Fidei, ellisis omnino, & eradicatis erroribus prosperentur, ac Fides ipsa fortius invalescat. Cum itaque, sicut accepimus, quondam Vincentius de Lisbona, Ordinis Fratrum Prædicatorum Professor, olim in Provincia Hispaniæ, Inquisitor hæreticæ pravitatis, per dictam Sedem Deputatus, extra Romanam Curiam fuerit vita functus: Nos affectan-

tes ad hujusmodi negotium Fidei ibidem efficaciter promovendum continue: talem deputare personam, cujus honesta conversatio exempla tribuat puritatis, ejusque labia erudita doctrinam fundant sapientiæ salutaris: ut ejus ministerio omne fomentum exinde labis hujusmodi expurgetur: Authoritate Apostolica tenore præsentium, ex certa scientia statuimus, & etiam ordinamus, quod ex nunc, & de cætero, perpetuis futuris temporibus, Provincialis Provinciæ Hispaniæ, secundum morem prædicti Ordinis, qui nunc est, & pro tempore fuerit, ibidem Inquisitorem hæreticæ pravitatis hujusmodi, prout ei, secundum Deum, fuerit visum expedire, Authoritate Apostolica, quoties expedierit, deputare: Ac hujusmodi Deputatum, sicut quoties sibi videbitur, ab hujusmodi officio removere, & alium loco suo subrogare. Ac etiam Inquisitionis officium hujusmodi, quoties sibi placuerit, tam in absentia, quam in præsentia, Deputati hujusmodi pro tempore exercere possit, & debeat; qui quidem Deputatus pro tempore in hujusmodi negotio Inquisitionis procedere valeat, tam secundum indulgentias, & privilegia Inquisitoribus pravitatis ejusdem dicta Authoritate Apostolica deputatis, seu officia Inquisitionis hujusmodi exercentibus, ab eadem Sede concessa, quam etiam secundum Canonicas sanctiones: Districtius inhibentes quibuscunque personis Ecclesiasticis, & mundanis, quorum interest, vel intererit quomodolibet in futurum, ne Provincialem, & Deputatum hujusmodi pro tempore, super his contra præsentium tenorem, impedire, seu molestare quoquo modo præsumant: Ac decernentes ex nunc irritum, & inane, si secus super his á quoquam, quavis authoritate, scienter, vel ignoranter contigerit attentari. Per hujusmodi autem deputationem, ut præmittitur, faciendam, locorum Ordinariis quominus Christi Inquisitionis Officium, super labe prædicta, prout volunt dictæ Canonicæ Sanctiones, exercere valeant, & quibuscumque privilegiis, Ordini, vel Inquisitoribus, seu officio memoratis, si qua sunt eis à dicta Sede concessa, nullum volumus præjudicium generari. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostri Statuti, Ordinationis, & voluntatis infringere, vel ei ausu temerario contraire. Siquis autem hoc at-

attentare præſumpſerit, indignationem Omnipotentis Dei, & Beatorum Petri, & Pauli Apoſtolorum ejus, ſe noverit incurſurum. Datum Romæ apud Sanctum Petrum: Kal. Februarii, Pontificatus noſtri anno decimotertio.

Eſcuſamos traduzir eſte Breve, viſto como já deixámos declarado o que contém.

LAUS DEO.

INDICE

DOS CAPITULOS DESTA TERCEIRA Parte da Historia de S. Domingos, particular do Reyno, e Conquistas de Portugal.

LIVRO PRIMEIRO.

CAP. I. *Da entrada do Visitador, e Reformador da Ordem em Portugal o Padre Mestre Fr. João Furtado: Como se celebrou Capitulo de eleição, e se ajuntarão em hum corpo os Conventos da Provincia, e Observancia, e elegerão Provincial*, pag. 1.

CAP. II. *Da despedida do Visitador, e noticia breve dos Provinciaes, que succederão deste anno em diante, té o de 1613 em que fenece a Historia*, 5.

CAP. III. *Da fundação do Mosteiro da Annunciada de Lisboa*, 9.

CAP. IV. *De algumas Religiosas, que florecerão neste Mosteiro em virtudes*, 13.

CAP. V. *Da Vida, e morte da Madre Soror Maria de Jesus*, 17.

CAP. VI. *Das vidas das Madres Soror Brites de Jesus, Soror Guiomar do Espirito Santo, Soror Maria da Cruz, e Soror Antonia das Chagas*, 22.

CAP. VII. *Das vidas das Madres Soror Brites da Madre de Deos, Soror Briolanja da Annunciação, e Soror Brites do Rosario*, 28.

CAP. VIII. *Das vidas das Ma-*

Madres Soror Maria de Jesus segunda, e Soror Isabel da Encarnaçaõ, 32.
CAP. IX. *Das vidas das Madres Soror Guiomar de S. Paulo, & Soror Maria Bautista, Irmãas Conversas*, 36.
CAP. X. *De algumas particularidades deste Mosteiro, e da sua Igreja*, 39.
CAP. XI. *De hum estranho, e calamitoso successo, que em este Mosteiro se vio em huma Religiosa*, 43.
CAP. XII. *Da fundaçaõ do Mosteiro de nossa Senhora do Paraiso da Cidade de Evora*, 48.
CAP. XIII. *Da occasiaõ, que ouve para o nome, que este Mosteiro tomou do Paraiso, e como passou á Observancia*, 51.
CAP. XIV. *De outras particularidades deste Mosteiro, e de algumas Religiosas, que nelle ouve de grande espirito*, 55.
CAP. XV. *Das Madres Soror Maria da Resurreiçaõ, Soror Elena da Cruz, Soror Antonia de Santo Thomaz, e Soror Margarida de S. Pedro*, 58.
CAP. XVI. *Das Madres Soror Joanna de S. Domingos, Soror Joanna do Presepio, e Soror Magdalena do Sepulchro, e de algumas particularidades mais desta Casa*, 61.
CAP. XVII. *Fundaçaõ do Collegio de Santo Thomaz de Coimbra*, 64.
CAP. XVIII. *Em que se dá conta da fabrica, e fórma do material do Collegio, e do tempo, que esteve suspenso, e como tornou a correr o Estudo nelle*, 66.
CAP. XIX. *Dasse conta, como ElRey Dom Joaõ antes de acabada a obra do Collegio, mandou reformar os Estatutos de ElRey Dom Manoel: e da grande Religiaõ, que nelle se guardou sempre*, 68.

LIVRO SEGUNDO.

CAP. I. *Fundaçaõ do Mosteiro de nossa Senhora da Rosa da Cidade de Lisboa*, 71.
CAP. II. *De algumas grandes, e particulares virtudes das Madres Soror Izabel da Cruz, Soror Lianor da Trindade, Soror Guiomar dos Fieis de Deos*,

Deos, e Soror Brites dos Reys, 75.

CAP. III. *Das Madres D. Branca, D. Francisca da Sylva, e Soror Antonia de Jesus, Priorezas*, 78.

CAP. IV. *Das Madres Soror Isabel da Cruz segunda, e Soror Brites da Cruz*, 82.

CAP. V. *Das Madres Soror Guiomar da Trindade, Soror Catharina do Espirito Santo, Soror Brittes da Resurreiçaõ, Soror Maria dos Santos, Soror Custodia de Jesus, e Soror Magdalena da Sylva*, 86.

CAP. VI. *Em que se referem alguns milagrosos effeitos do Santo Rosario, e outras particularidades deste Mosteiro*, 89.

CAP. VII. *De huma prodigiosa calamidade, succedida na Ilha de S. Miguel, manifestada antes de succedida por hum Religioso de S. Domingos*, 92.

CAP. VIII. *Descreve-se o sitio, que a Villa tinha, e o modo porque ficou sovertida*, 95.

CAP. IX. *Fundaçaõ do Mosteiro de S. Joaõ de Setuval*, 99.

CAP. X. *Da estreiteza, e bom governo, com que se procedia neste Mosteiro, e da Religiosa vida, e santo fim de algumas Religiosas delle*, 103.

CAP. XI. *Das Madres Soror Elena da Vera-Cruz, Soror Maria do Espirito Santo, Soror Brittes da Trindade, e outras*, 107.

CAP. XII. *Das Madres Soror Isabel do Evangelista, Soror Ambrosia de Santo Agostinho, Soror Paula da Conceiçaõ, e outras particularidades da Casa*, 110.

CAP. XIII. *Fundaçaõ do Mosteiro de nossa Senhora da Consolaçaõ da Cidade de Elvas*, 114.

CAP. XIV. *De algumas Religiosas, que neste Mosteiro viveraõ, e morreraõ com fama de grande virtude*, 117.

CAP. XV. *Das Madres Soror Isabel de Saõ Francisco, Soror Anna da Conceiçaõ, Soror Maria de Christo, Soror Anna Rodrigues, e outras*, 121.

CAP. XVI. *Da causa do titulo, que este Mosteiro tem de nossa Senhora da Consolaçaõ, e das mercês, que por seu meyo tem recebido a Cidade*, 125.

CAP. XVII. *Da grande devaçaõ, que nesta Casa se tem*

tem ao Santo Rosario, e das maravilhas, que nella tem obrado, 127.

CAP. XVIII. *De algumas mulheres de boa, e santa vida, que por este tempo tiveraõ nome no Habito, e profissaõ da Terceira Regra de Saõ Domingos*, 131.

CAP. XIX. *Parte Soror Margarida para Roma, passa á Terra Santa: Torna a Bolonha em Italia, e fica de morada nella*, 134.

CAP. XX. *Sepultura de Soror Margarida, com outras particularidades, que depois de sepultada se viraõ*, 137.

CAP. XXI. *De outras mulheres de muita qualidade, e virtude, que em Lisboa professaraõ a mesma Regra de Terceiras*, 140.

CAP. XXII. *Que contém hum Breve Apostolico, sobre certo litigio, que correo entre os Religiosos de Saõ Francisco, e Saõ Domingos na materia das chagas de Santa Catharina de Sena*, 144.

LIVRO TERCEIRO.

CAP. I. *Fundaçaõ da devotissima Casa de S. Domingos da Villa de Amarante: com a Vida do Glorioso S. Gonsalo, por cujo respeito, e devaçaõ foy fundada*, 147.

CAP. II. *Parte o Santo Abbade para Jerusalem: Dasse conta da jornada, e do que mais lhe succedeo tornando á sua Igreja, e Casa*, 151.

CAP. III. *Entende o Santo em prégar, e ensinar o povo de Entre Douro, e Minho: levanta huma Ermida sobre o Rio Tamega: Toma o Habito de S. Domingos por hum mysterioso meyo*, 155.

CAP. IV. *Começa o Santo a prégar depois de Professo na Ordem de Saõ Domingos: Dasse conta da fabrica, que emprendeo da Ponte de Amarante*, 159.

CAP. V. *De outras maravilhas, que o Senhor obrou em honra do Santo, antes, e depois de dar fim á Ponte*, 162.

CAP. VI. *Do bemaventurado transito do Santo: De suas exequias, e grandes mi-*

milagres, que logo fez, 167.
CAP. VII. *Em que se escrevem alguns milagres dos muitos, que o Santo tem feito: e grandezas notaveis, que se vem na sua Casa,* 170.
CAP. VIII. *Como foy dado principio ao Real Convento de S. Gonsalo de Amarante,* 175.
CAP. IX. *De outras mercês, e favores, que ElRey Dom Joaõ fez á Ordem neste Convento; e como foy levantado em Priorado; e o Santo Beatificado,* 178.
CAP. X. *Do grande numero de Imagens, Altares, Igrejas, Freguesias, e Confrarias, em que neste Reyno, e fóra delle he venerado S. Gonsalo de Amarante: E em muitas de muito tempo antes de sua Beatificaçaõ,* 183.
CAP. XI. *Em que se dá conta dos meyos, com que os Religiosos da Ordem de S. Bento pertenderaõ tirar este Santo á de S. Domingos: Do litigio, que sobre isso correo, e sentença, que nelle se deu,* 185.
CAP. XII. *Que contém a sentença, que em Roma se deu contra os Religiosos de S. Bento na pertençaõ, que tinhaõ, de S. Gonsalo ser Frade de sua Ordem,* 187.
CAP. XIII. *Fundaçaõ do Mosteiro de nossa Senhora da Graça da Villa de Abrantes,* 192.
CAP. XIV. *Dos meyos com que este Mosteiro se passou á Ordem de S. Domingos,* 195.
CAP. XV. *Das mercês, e favores, que os Reys faziaõ a este Mosteiro, depois que foy incorporado na Provincia de S. Domingos, e como mudou de sitio,* 197.
CAP. XVI. *De algumas Religiosas, que neste Mosteiro se adiantaraõ em obras, e fama de grande espirito, depois que se entregou á Ordem de S. Domingos,* 200.
CAP. XVII. *Das Madres Soror Magdalena de Saõ Paulo, e Soror Isabel da Conceiçaõ,* 203.
CAP. XVIII. *Das Madres Soror Magdalena da Cruz, Soror Brittes de Christo, Soror Maria de S. Joaõ e de tres Irmãas Conversas,* 207.
CAP. XIX. *Das Madres Soror Filippa de S. Joaõ, Soror Francisca dos Anjos,*

jos, Soror Filippa do Espirito Santo, e Soror Aldonça de Jesus, com algumas particularidades da Casa, 210.

CAP. XX. *Fundaçaõ da Vigairaria de nossa Senhora da Esperança da Villa das Alcacevas*, 213.

CAP. XXI. *Origem, e antiguidade do Mosteiro de Freiras de Santa Catharina de Sena de Evora, antes de ser recebido na Ordem de S. Domingos, e no titulo de Santa Catharina*, 215.

CAP. XXII. *Mudaõ estas Religiosas Casa, e nome de Santa Martha, em Casa, e nome de Santa Catharina de Sena*, 217.

CAP. XXIII. *De algumas Religiosas, que neste Mosteiro se adiantaraõ em fama, e obras de grande espirito*, 220.

CAP. XXIV. *Das Madres Soror Brittes do Horto, Soror Maria da Resurreiçaõ, Soror Brittes da Cruz*, 223.

CAP. XXV. *Das Madres Soror Maria do Presepio, Soror Isabel Bautista, Soror Brittes de S. Francisco, Soror Isabel do Paraiso, e Soror Elena do Espirito Santo sua irmãa*, 226.

CAP. XXVI. *Das Madres Soror Isabel da Assumpçaõ, Soror Isabel de Nazareth, Soror Maria de Santo Antonio, Soror Filippa da Madre de Deos, Soror Guiomar de Pina, e Soror Joanna do Anjo*, 230.

CAP. XXVII. *Das Madres Soror Brites de Mariz, Soror Catharina de Mariz, e Soror Maria de S. Francisco*, 233.

CAP. XXVIII. *Em que se dá conta de algumas particularidades importantes deste Mosteiro, e das Reliquias, que nelle ha*, 236.

LIVRO QUARTO.

CAP. I. *Em que se dá conta, como nos principios da Ordem de S. Domingos entraraõ muitos Religiosos della por terras de Infieis a prégar o Santo Evangelho, e chegaraõ á India, e morreraõ pela Santa Fé*, 241.

CAP. II. *Em que se prose-*

gue a mesma materia, e se prova com evidencia, 243.

CAP. III. *Dos primeiros Religiosos desta Ordem Portuguezes, que navegaraõ de Portugal para a India, depois que foy descuberta por ElRey D. Manoel,* 246.

CAP. IV. *Passaõ os Religiosos de Saõ Domingos em Communidade á India, e começaõ a fundar,* 251.

CAP. V. *Edifica-se o primeiro Convento de S. Domingos em Goa: Contaõ-se os pronosticos, que precederaõ á fabrica, e o que ElRey mandou dar para a despesa della, e sustentaçaõ dos Religiosos,* 253.

CAP. VI. *Fundaõ-se os Conventos de Chaul, Cochim, e Malaca: Tomaõ os nossos Religiosos a seu cargo a conversaõ da Gentilidade da Ilha de Goa,* 257.

CAP. VII. *Em que se apontaõ os Vigarios geraes, que governaraõ esta Congregaçaõ, com seus nomes, e tempo, que no cargo assistiraõ,* 258.

CAP. VIII. *De alguns filhos deste Convento de S. Domingos de Goa, dignos de memoria,* 262.

CAP. IX. *Do Padre Fr. Antonio Pestana, filho do Convento de Goa,* 265.

CAP. X. *De outros Religiosos de grandes partes em virtude, e letras, que neste Convento de Goa residiraõ,* 269.

CAP. XI. *Da Vida, e santa morte do Padre Fr. Antonio da Visitaçaõ, Deputado do Santo Officio de Goa,* 272.

CAP. XII. *Fundaçaõ do Convento de Santo Thomaz em Pangim: Sua tresladaçaõ para a Cidade; e principio da Casa Recoleta de Santa Barbara,* 275.

CAP. XIII. *Sitio, e assento das Ilhas de Solor, qualidade da terra, e da gente dellas, principio de sua conversaõ, e Christandade por meyo da Religiaõ de Saõ Domingos,* 279.

CAP. XIV. *Parte para Solor o Padre Fr. Antonio da Cruz com tres companheiros a prégar o Santo Evangelho: Dasse conta das Igrejas, que fundaraõ, e das muitas almas, que trouxeraõ ao gremio da Fé: e da Fortaleza,*

que para as defender edificaraõ, 283.

CAP. XV. *Fundaõ os Padres tres Igrejas na Ilha do Ende, e levantaõ nella para segurança da terra huma Fortaleza: Dasse conta dos modos, que tinhaõ no ensino do povo: dos grandes trabalhos, que passavaõ, e como muitos foraõ mortos pelos Infieis*, 287.

CAP. XVI. *Das alteraçoens, que succederaõ no Espiritual, e temporal destas Ilhas, e como passou o primeiro levantamento, que ouve em Solor*, 291.

CAP. XVII. *Do que mais fizeraõ os levantados depois da perda de Solor: Da crueldade, com que martyrisaraõ dous mininos do Seminario, porque naõ quizeraõ renegar: e mataraõ outros muitos Christãos, e como em fim foraõ destruidos, e assolados*, 296.

CAP. XVIII. *De hum principio de levantamento, que ouve na Ilha do Ende; e da guerra, que ElRey do Macassá moveo a todas as terras da Christandade de Solor, e do fim que teve com a morte do Padre Fr. Jeronymo Mascaranhas*, 300.

CAP. XIX. *Dasse conta da virtude, e obras memoraveis de alguns Padres, que viveraõ, e morreraõ de sua morte natural, servindo esta Christandade*, 303.

CAP. XX. *De novos trabalhos, que vieraõ sobre a Christandade de Solor: E de alguns Religiosos, e outros naturaes, que nelles deraõ animosamente a vida pela confiçaõ da Fé*, 308.

CAP. XXI. *Despacha o Vigario geral da Congregaçaõ hum Visitador a restaurar a Christandade de Solor*, 311.

CAP. XXII. *Passa o Visitador á Ilha do Ende: Provê de Vigarios algumas Igrejas: Torna para Solor, e Malaca*, 315.

CAP. XXIII. *Da gloriosa morte, que padeceraõ em Solor os Padres Fr. Joaõ Bautista, Fr. Simaõ da Madre de Deos, e antes delles o Padre Fr. Agostinho da Magdalena*, 317.

LIVRO QUINTO.

CAP. I. *Entraõ os Religiosos de S. Domingos no Reyno de Camboya, a petiçaõ do Rey: dasse conta dos gravissimos trabalhos, e variedade de successos, com que nelle perseveraraõ*, 323.

CAP. II. *Pede Fr. Silvestre licença a ElRey, para se hir para Malaca, que lha naõ concede: converte hum Sacerdote dos Idolos, pessoa insigne, que morre pela Fé*, 327.

CAP. III. *Obriga ElRey a Fr. Silvestre, que faça Oraçaõ em caso de falta de agoa: Acode a Misericordia de Deos a honrar seu servo, dando-a: chegaõ de Malaca Embayxador, e novos Prégadores: Assentaõ com ElRey fazer livro dos mysterios da Fé*, 331.

CAP. IV. *Manda ElRey cessar a composiçaõ do livro: Vaõ-se os Frades: Torna ElRey sobre sy, dá licença para se prégar o Evangelho: Morreo elle, e Fr. Silvestre: Acodem novos Prégadores*, 334.

CAP. V. *Entraõ os Frades de S. Domingos em Siam: dasse conta, como foy por treiçaõ de Mouros morto o Padre Fr. Jeronymo da Cruz, e do que fez no caso seu companheiro, ficando muito ferido*, 338.

CAP. VI. *Entra o Padre Fr. Sebastiaõ do Canto em Malaca, a buscar companheiros Prégadores para tornar a Siaõ: Torna com dous; morrem todos tres a maõ de Mouros*, 340.

CAP. VII. *Desce ElRey de Siaõ sobre Camboya: Toma a Cidade de Angor, leva cativos os Padres Fr. Jorge da Matta, e Fr. Luiz da Fonseca: Da-lhes liberdade, e licença para prégarem: Mata hum Gentio ao Padre Fr. Luiz no Altar: Embarca-se Fr. Jorge para Malaca*, 344.

CAP. VIII. *Entra o Padre Fr. Belchior da Luz em Martavaõ: Vay a ElRey de Siaõ enganado: Fica com elle honrado, e favorecido; e alcança licença para fazer Christandade: E leva por seu mandado provimento a Malaca: Donde acodem outros Religio-*

ligiosos a continuar a Prégaçaõ, 347.

CAP. IX. *Das viagens, que o Padre Fr. Francisco da Anunciaçaõ fez a Siaõ, e a outros Reynos por serviço do Estado da India, e bem da Christandade: E de sua assistencia no Reyno, e Fortaleza de Siriaõ, e Pegú*, 350.

CAP. X. *De hum prodigioso caso, que lhe passou pelas mãos ao Padre Fr. Francisco da Annunciaçaõ, residindo em Siriaõ: Dasse conta do desestrado fim do Capitaõ Filippe de Britto: Torna Fr. Francisco a Siaõ, e Arraçaõ em serviço do Estado*, 353.

CAP. XI. *Da hida que o Padre Fr. Gaspar da Assumpçaõ fez a Bengala, Igreja, e Casa, que edificou: E successos, que nella ouve, até ser destruida por Infieis, e tornada de novo a levantar*, 356.

CAP. XII. *Dos Conventos, e Vigairarias, e mais Igrejas, que a Congregaçaõ de S. Domingos tem nas partes do Sul*, 360.

CAP. XIII. *Das Casas, e Residencias, que a Ordem tem na Ilha de Mossambique, e terras da Ethiopia Oriental*, 363.

CAP. XIV. *De outras Igrejas, que os Religiosos de S. Domingos moradores em Mossambique governaõ na terra firme do Monopotapa; e do valor com que se portaraõ em dous cercos, que aquella Fortaleza padeceo*, 365.

CAP. XV. *Das Casas, Cõventos, e Residencias, que a Congregaçaõ tem nas Cidades, e terras do Norte*, 368.

CAP. XVI. *De outras Casas, Conventos, e Vigairarias do Norte*, 372.

LIVRO SEXTO.

CAP. I. *Principio, e Fundaçaõ do Convento dos Frades de Saõ Domingos de Montemór o Novo: com titulo, e vocaçaõ de Santo Antonio de Padua*, 377.

CAP. II. *Faz-se memoria das Vigairarias de Ansede, e Mancellos; e da fundaçaõ do Convento de Santa Cruz de Viana*, 379.

CAP. III. *Fundaçaõ do Mosteiro de Freiras de nossa Se-*

Senhora da Assumpçaõ de Moura, 384.

CAP. IV. *De algumas Madres, que neste Mosteiro se sinallaraõ em grandes gráos de virtude*, 387.

CAP. V. *Das Madres Soror Guiomar de Nazareth, Soror Magdalena do Sepulchro, Soror Maria da Assumpçaõ, Soror Brittes de Jesus, e Soror Paula da Resurreiçaõ*, 390.

CAP. VI. *Como teve principio o Convento de S. Sebastiaõ da Villa de Setuval*, 394.

CAP. VII. *Que contém huma Carta, que o Papa Pio V. escreveo ao Cardeal Infante em favor desta Provincia: Vem a visitalla o Geral Fr.Vicente Justiniano: Faz-se huma breve Relaçaõ da Vida do Padre Provincial Fr. Estevaõ Leytaõ*, 397.

CAP. VIII. *Fundaçaõ do Convento de S. Paulo de Almada: Com huma breve Relaçaõ da Vida do Padre Mestre Fr. Francisco Foreiro Autor delle*, 400.

CAP. IX. *Dos grandes serviços, que a Ordem de S. Domingos fez a esta Republica de Portugal nas calamidades da peste, que em differentes tempos, ouve por todo o Reyno*, 405.

CAP. X. *Da segunda, e terceira peste, que deu em Lisboa: Do damno que fez nesta Cidade, e na de Evora; e como se ouveraõ os nossos Religiosos de Saõ Domingos em ambas as occasioens, e em ambas as Cidades*, 408.

CAP. XI. *Do cuidado, com que os Religiosos de Saõ Domingos acudiraõ a outros lugares do Reyno na terceira occasiaõ da peste*, 412.

CAP. XII. *Dos Religiosos da Ordem de S. Domingos, que acompanharaõ a ElRey Dom Sebastiaõ, e seu exercito na infelice jornada de Africa*, 415.

CAP. XIII. *Do fim, que teve a causa antiga de precedencias, que corria em em Roma, e como foy senteceada em favor da Ordem de S. Domingos, contra as de Santo Agostinho dos Eremitas de nossa Senhora do Monte do Carmo, e da Santissima Trindade*, 418.

CAP. XIV. *Em que se contém a Vida, e morte do Padre Fr.Constancio Magni da Ordem de S. Domingos, que faleceo na Cidade*

de de Marrocos em Africa, 421.

CAP. XV. *Fundaçaõ do Mosteiro de Freiras do Sacramento em Lisboa sobre o Rio, junto á Ponte de Alcantara*, 426.

CAP. XVI. *Em que se dá conta da mercê, que El-Rey fez a esta Provincia de S. Domingos de Portugal, dando-lhe hum lugar perpetuo no Tribunal Supremo da Santa Inquisiçaõ*, 431.